
"Ele me corrompeu,
mas eu vou destruí-lo..."
RUÍNA
AO ANOITECER
DA MESMA AUTORA DE BEAUTIFUL MONSTERS
SAM BENNET

*"**Ele** me corrompeu,*
*mas **eu** vou destruí-lo..."*

RUÍNA AO ANOITECER

DA MESMA AUTORA DE **BEAUTIFUL MONSTERS**

SAM BENNET

Copyright © 2022 Sam Bennet
RUÍNA AO ANOITECER

Esta é uma obra literária de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos retratados aqui são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos são reservados à autora. São expressamente proibidas a distribuição ou reprodução de toda e qualquer parte desta obra por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a prévia permissão da autora.

Esta obra segure as regras do Novo Acordo Ortográfico.

SUMÁRIO

ALERTA DE GATILHOS
NOTAS DA AUTORA
PLAYLIST
CAPÍTULO 01
CAPÍTULO 02
CAPÍTULO 03
CAPÍTULO 04
CAPÍTULO 05
CAPÍTULO 06
CAPÍTULO 07
CAPÍTULO 08
CAPÍTULO 09
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28
CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
CAPÍTULO 46
CAPÍTULO 47
CAPÍTULO 48
CAPÍTULO 49
CAPÍTULO 50
CAPÍTULO 51
CAPÍTULO 52
CAPÍTULO 53
CAPÍTULO 54
CAPÍTULO 55
CAPÍTULO 56
CAPÍTULO 57
EPÍLOGO



Este livro é recomendado para **maiores de 18 anos**, contendo linguagem de baixo calão, violência extrema, abuso de drogas ilícitas e material sexual explícito.



ALERTA DE GATILHO

Este livro possui cenas gráficas e descritivas de: violência física, violência psicológica, tortura e assassinato. Aborda ainda: luto, importunação sexual, violência doméstica, bullying, abuso de drogas lícitas e ilícitas, crises de ansiedade e menção à suicídio.

Caso sinta-se desconfortável com algum desses temas, considere não progredir com a leitura. Priorize sua saúde mental.



NOTAS DA AUTORA

SEJAM BEM-VINDOS AO SUBMUNDO.

Ou, se você já esteve aqui antes e conheceu o lado sombrio do *Samverso* em *Beautiful Monsters*, então é um prazer recebê-lo de volta.

Quando comecei esse livro, anos atrás, sabia que se tornaria, para mim, algo muito além de uma mera história. A construção desse universo seria um dos projetos da minha vida. O maior da minha carreira como escritora até então. Não tinha dúvidas de que precisaria me entregar de corpo e alma a ele, sentir esses personagens, deixá-los me possuir.

Paguei esse preço de bom grado.

Meus dias e noites foram dominados por essa história. Meses e meses passei enfurnada no quarto, lutando contra mim mesma para conseguir compreender o que eu estava criando. Lutei contra esses personagens e, com minha teimosia, levei tempo demais a me render e permitir que eles escrevessem sua própria história. Eles fizeram isso.

Sou apenas uma mera interlocutora, que teve a honra de dar voz aos Corvos. Desde que surgiram, eles nunca mais sumiram da minha mente, e duvido que um dia saiam. Sou grata a eles por me permitirem conhecer o que é a verdadeira entrega de um autor. As lágrimas, os sacrifícios, a dúvida. E também o orgulho, o fascínio e a total devoção à profissão que me escolheu e me reivindicou.

Há duas versões de Sam Bennet: uma que vocês conheceram antes de RAA, e quem sou agora. Acredito, de verdade, que esse livro aflorou a melhor versão dessa autora que vos fala. E embora tenha sido um percurso longo e árduo, o processo de escrita mais complexo, tortuoso e difícil que já enfrentei; posso afirmar agora, com muita alegria, que esse é o meu melhor trabalho. Que lhes entrego, com esse livro, o máximo de mim.

Um pedaço da minha alma.

Cuidem bem dele.

Com muito amor,

Sam



PLAYLIST

Para maior imersão na história, sinta-se convidado a acessar à playlist do livro através deste link ou escaneando o código abaixo através do *app* do Spotify


SOCIEDADE DOS CORVOS


ORDEM
DOS
GRIFOS

Dedico esse livro — e todos os outros também — à minha mãe.
Porque este mundo é sombrio e cheio de trevas, mas quando eu penso em Luz,
penso em você

PRÓLOGO

C A L L A N

Aos dez anos de idade

A MELODIA DO PIANO ECOA por toda a casa e se intensifica conforme meus dedos passeiam pelas teclas. Tento me lembrar de cada ensinamento do papai e da sra. Roberts, minha tutora de música. Presto atenção em todas as notas, nas teclas e nos movimentos. Não quero cometer nenhum erro.

Como Bach é o compositor preferido do meu pai e ele está tendo semanas ruins no trabalho, quero tocar com perfeição para agradá-lo. Ele não me explica o que está acontecendo, só que é perigoso. Eu lhe perguntei se os bandidos que prendeu no passado, quando era policial, andam atrás dele.

Papai disse que entenderei tudo quando for mais velho, o que não faz nenhum sentido. Tenho idade suficiente para saber tudo o que preciso.

Meus pais me contam apenas que sou especial e que farei grandes coisas no futuro. Talvez eu seja astronauta ou um aventureiro como Indiana Jones. Ou, quem sabe, um rei.

Engulo a saliva quando meu dedo escorrega, atingindo uma nota que não deveria. Perco o compasso e o ritmo, e a música desafina e segue por um caminho muito errado.

Droga! Nunca serei um bom nisso como ele.

Desisto, bufando, e bato nos teclados, emitindo um ruído horrível.

Largo as mãos em meu colo. Eu as encaro, tentando entender qual o problema com elas. Meus dedos parecem normais, então por que simplesmente não consigo tocar direito?

— Ei, garoto, o que houve?

Abaixo a cabeça sob a voz grave do meu pai. Minhas bochechas queimam de vergonha e me encolho quando sinto ele se aproximar e sentar no banco comigo.

O cheiro que paira no ar indica que a sra. Nancy, a melhor cozinheira do mundo inteiro, está preparando o jantar. Minha barriga ronca ao imaginar qual será o prato de hoje.

É a melhor parte do dia para mim. Minha família sempre se junta para comer e conversar sobre todos os assuntos.

Neste momento mamãe ainda deve estar em seu ateliê. Ela gosta de trabalhar em suas fotos enquanto toco piano. Papai estava no sofá, cercado por papéis e arquivos, mas agora está aqui.

Ele sempre sabe quando há algo de errado comigo e aparece magicamente ao meu lado para tentar descobrir o que é.

— Nunca serei bom nisso.

— Não diga uma coisa dessas, Cal — papai coloca a mão em meu ombro, chamando minha atenção. Ergo a cabeça para encarar ele. Mamãe diz que, por educação, devemos olhar nos olhos das pessoas quando conversamos. — Não pode deixar-se ser derrotado.

— É impossível — argumento, irritado.

— Nada é impossível para os Harkness. — Um sorriso caloroso surge por trás de sua barba cinza. Ele só tá tentando fazer com que eu me sinta melhor. — Você só está frustrado.

— O que é isso?

— É exatamente esse sentimento que você tá sentindo agora. Mas não deixe isso te parar, ok? Você vai conquistar todas as coisas que desejar, amigão.

Essa possibilidade faz meus olhos se encherem de alegria.

Quero ser um conquistador. Como um rei de verdade.

— Posso conquistar o mundo inteiro?

Papai faz que sim com a cabeça. Sua expressão gentil me deixa confiante. Este é um superpoder dele: sempre tirar de mim qualquer sentimento ruim. Queria fazer o mesmo por ele, porque papai parece constantemente triste e cansado.

Semana passada, fomos no teatro ver a apresentação musical de uma mulher. A pianista era muito talentosa e linda também. Parecia uma princesa, ou uma fada talvez. Tinha longos cabelos vermelhos esvoaçantes e usava um vestido branco brilhoso. Suas músicas fizeram quase toda a plateia chorar.

Mamãe disse que estavam chorando de alegria, porque era muito bonita a forma com que ela tocava piano. Mas nem mesmo isso animou o papai. Ele ainda ficou desanimado e preocupado com o trabalho do qual não sei nada.

— Com certeza — meu pai afirma.

Fico esperando ele continuar a falar, mas de repente um estrondo faz as paredes da sala chacoalharem. Para uma casa tão grande e forte como a nossa, é estranho que balance desse jeito.

Será que é um terremoto?

Os olhos do papai se arregalam e ele se levanta, olhando na direção da porta.

Mais um barulho. Parece igual aos sons do jogo de tiros do meu videogame. Mamãe não me deixa brincar por muito tempo, vive dizendo que é violento. Mais e mais barulhos. Um vidro se quebra em algum lugar.

Busco o olhar do papai, esperando que ele diga que está tudo bem. Que

explique ou me tranquilize. Mas ele parece tão assustado quanto eu. Isso faz o medo crescer dentro de mim.

Odeio sentir medo.

Papai diz que homens como os Harkness não sentem medo, então fiquei tentando reprimi-lo. Pensei que tinha conseguido, mas agora ele está de volta.

Sinto minha barriga se revirar.

— Callan, me escute. — Ao se aproximar, papai pega meu rosto em suas mãos grandes e me olha com seriedade. Tenho vontade de chorar, porque vejo o medo refletido na postura dele. — Esconda-se no armário e não saia de lá por nada. Não importa o que ouvir ou ver. Entendeu?

Balanço a cabeça, concordando, e ele continua com os olhos presos em mim.

— Prometa, Cal — me cobra, com uma voz alta e grossa que me assusta.

Sinto meu corpo se arrepiar de frio e pavor.

— Prometo, papai.

— Vá — ordena. — Agora!

Começo a correr em direção ao armário de casacos do papai, perto da lareira. Abro as portas e me enfio lá. Não está mais quente aqui. Acho que neste segundo não está quente em lugar algum. O frio faz meu queixo tremer e meus dentes baterem.

Minhas mãos ficam molhadas, e abraço meu corpo para tentar me aquecer.

Não chore, Cal, não chore. Papai não ia querer que você chorasse.

Está escuro aqui, e eu ainda tenho medo do escuro. Meu coração bate forte, e mal consigo respirar.

Me inclino para frente e abro uma fresta do armário com cuidado. Coloco meu olho na abertura e tento ver algo lá fora.

O que papai poderia temer tanto? Pensei que ele não tivesse medo de nada.

Preciso tapar a boca para não gritar quando vejo homens mascarados usando roupas pretas passando pela sala. Um deles arrasta mamãe pelo chão, segurando-a pelos cabelos. Ela grita e chora, com o rosto tomado de lágrimas.

O que tá acontecendo? Mamãe?

Ela parece sentir dor. E medo também.

— Não precisamos chegar a esse ponto. — É a voz do papai, mas não consigo vê-lo daqui.

Logo outro homem aparece com meu pai, que se ajoelha ao lado da mamãe, mas sem esboçar qualquer lágrima no rosto. Esse cara é o único que não usa máscara. Vejo-o com clareza, mas não o reconheço. Não parece ninguém que

eu já tenha visto.

Aparenta uns bons anos mais novo que meu pai. Talvez trabalhem juntos.

Mas por que ele está segurando uma arma igual no videogame? Por que está apontando ela para o papai?

— Nós dois sabemos que preciso, sim, Edward — o estranho diz. — Prometo que será rápido. Implore e talvez eu poupe sua criança.

— Cal não, por favor! — minha mãe intervém, juntando as mãos, enquanto olha apavorada para o homem. Seguro na madeira do armário, tentando ver mais de perto. — Ele não sabe de nada, tem apenas dez anos. É inocente.

— Nenhum Harkness é inocente! E nenhum de vocês merece viver.

— Por favor, não!

A voz da minha mãe é interrompida por outro som. Meus olhos se arregalam quando vejo que o homem atira. Depois do clarão do disparo, minha mãe cai no chão.

Ela parou de chorar e não tá mais se mexendo.

"Mamãe, acorde", peço, baixinho, para que ninguém ouça.

Que coisa maluca está acontecendo aqui?

Minhas mãos tremem, os dedos chacoalham sem parar. Meu pânico parece maior a cada instante.

Aquele homem está fazendo mal à minha família. Será ele um monstro? Está me punindo porque não fui um bom garoto?

Em um dos livros que ganhei no Natal passado, havia a gravura de um bicho-papão. Ele não tinha formato definido, mas dava muito medo mesmo assim.

Talvez seja ele aqui nesta noite.

Mas, no final, os heróis vencem e derrotam o mal. Meu pai é um herói também. Já foi policial, ajudou as pessoas. Ele vai com certeza derrotar o bicho-papão.

Só que os heróis dos livros não sentem medo. Eu estranho, porque papai parece pálido. Nem não diz mais nada, apenas encara a mamãe. Ela permanece deitada no chão, parada.

— Adeus, Harkness — diz o estranho e, mais um vez, atira.

"Não!", grito dentro da minha própria cabeça. Não consigo verbalizar nada, só observo a cena, sem me mover porque o medo me impede. Me congela.

O corpo do meu pai também tomba.

Quero sair correndo até eles. Mas me lembro da promessa. Meu pai me ensinou a nunca quebrar promessas, porque elas são muito sérias e importantes.

Não posso sair deste armário. Me limito a observar, mesmo quando meus

olhos começam a arder e as lágrimas aparecem. Choro, mesmo sem querer, não consigo parar.

Através da fresta, mesmo de longe, o homem me encontra. Inclina a cabeça para o lado e me analisa. E, mesmo assim, fico parado.

O medo cresce e me engole. Choro baixinho para não fazer muito barulho.

Mas o bicho-papão já me encontrou, então de que adianta?

Ele me olha, sem sair do lugar, por muito, muito tempo, e eu continuo chorando e chamando meu pai em pensamento. Até que o homem fica entediado e vai embora. Seu rosto, no entanto, permanece na minha cabeça e dá forma ao meu medo. O monstro ilustrado no livro agora está se desenhando dentro de mim.

Quando o silêncio retorna e todos os homens desaparecem, decido que posso sair do meu esconderijo e corro até meus pais.

De olhos fechados, minha mãe parece estar dormindo, a mão próxima do rosto, deitada de bruços no chão. Mas sei que não é verdade, porque há sangue. Muito sangue, por toda parte.

— Cal... — A voz vacilante e rouca do meu pai me chama

Me viro e me ajoelho ao seu lado.

— Papai.

Minha voz torna-se chorosa e boba, mas não consigo parecer valente neste momento. Não consigo mandar o medo para longe.

Papai parece doente, branco feito as paredes da sala, e suas mãos tremem tanto quanto as minhas. Diferentemente da mamãe, está de barriga para cima. E por isso posso ver que há um buraco em seu peito. Um buraco escuro e cheio de sangue.

— O que tá acontecendo, papai? O que eu faço?

Os olhos dele se prendem aos meus, parece sentir dor quando levanta a mão e agarra a minha. Sua pele está gelada e grudenta de suor. Ele faz uma careta toda vez que se mexe e acho que sente mesmo muita dor.

— Como posso fazer isso parar?! — pergunto.

Sinto mais do que medo agora. Não sei definir em palavras, mas é ruim. Como se eu ainda estivesse em perigo. Um medo mais intenso, que parece não ter fim. Parece que vai me derrubar e destruir tudo ao meu redor. Como se estivesse preso no escuro pela eternidade.

— Os herdeiros, Cal... — meu pai tenta falar a muito custo. — Acabe com o herdeiros e não sobrará nada.

Herdeiros? O quê?

Abro a boca para perguntar o que ele está dizendo, mas ele para de se

mexer, mantendo os olhos abertos, assim como a mamãe. Eu o chacoalho, mas ele não acorda.

Continua olhando para o nada, estático.

Fito minhas mãos. Também há sangue nelas.

O escuro está voltando, vai me puxar e me arrastar. Vai me levar.

— Papai? — chamo, mas ele não responde.

Sei que não vai me responder nunca mais.

Há tanto sangue espalhado pelo tapete que minha cabeça começa a doer.

Isso é...?

Eles estão mortos?

Caio no chão ao lado do meu pai. Deito bem perto dele para sentir seu cheiro natural. Talvez ele ainda possa me proteger do medo. Impedir que a escuridão me leve.

É o super-herói, não pode ser derrotado.

Abraço meus joelhos com força contra o peito e fecho os olhos. O silêncio também dá medo, então começo a cantarolar.

Canto as notas da música que há pouco tocava no piano.

Bach é o preferido dele. Ele vai ficar melhor se eu cantar.

Fico assim por muito, muito tempo. Quando os policiais chegam, já está quase amanhecendo. A luz dourada entra pelas janelas, mas não consegue iluminar aqui dentro. Meus pais ainda não voltaram, e acho que nunca vão.

E a escuridão venceu.



PARTE I

Aqui abri bem a porta;
Somente escuridão lá, e nada mais
O Corvo — Edgar Allan Poe

01

S L O A N

Debruçando-me e sobre você
Frio e catatônico
Eu tive um breve vislumbre
Do que você poderia e deveria ter sido
É seu direito, e sua habilidade
Tornar-se meu inimigo perfeito
Passive – A Perfect Circle

ESSA PODE TER SIDO UMA PÉSSIMA IDEIA, mas, no momento, tento não me importar com nada disso. Afasto o bom senso e a autorrecriminação.

Assim que passei pela porta do Éclipse, o clube noturno mais extravagante de Millsdale, onde Astor e eu nos encontramos, desliguei o cérebro. Pelo menos esta noite, vou ignorar o sermão superprotetor do meu pai e o relacionamento frio e distante com meu namorado.

Passei oito longos anos distante de Millsdale e, agora que estou de volta, não posso mais ignorar minhas responsabilidades e meu futuro milimetricamente planejado. Mas vou deixar para enfrentar tudo isso amanhã, quando o sol nascer.

Hoje só quero me divertir um pouco.

— Vamos, Sloan, tá esperando o quê? — minha amiga pergunta entre risos, sentada ao meu lado.

Escolhemos dois lugares diante bar no primeiro andar do clube. O ambiente é luxuoso, decorado com muito bom gosto em cinza-chumbo, com iluminação indireta e suave. Janelas cobrem todo o lado leste do bar, do chão ao teto, oferecendo uma visão privilegiada da bela cidade. Através delas, qualquer um pode se perder na paisagem urbana de arranha-céus que atenuam a densa escuridão da noite. Sem dúvida, quem teve a ideia de construir este clube no alto de uma torre é um gênio.

Meus olhos, entretanto, se fixam nos dois shots cobertos de chantilly diante de mim. Atrás do balcão de mármore, há um barman que fica ainda mais bonito quando enquadrado junto das intermináveis prateleiras de vidro repletas das mais caras e refinadas bebidas que existem no mundo.

O Éclipse não é um dos clubes mais sofisticados da Costa Oeste à toa. Só não é o mais famoso da cidade porque existe o Nemesis, mas eu nunca pisaria lá.

O barman está me encarando desde que entrei. Ao contrário de Astor e dos outros homens aqui, ele não está apenas esperando que eu vire a bebida.

Reconheço quando um cara quer muito algo, e espero que ele seja esperto para ver que, comigo, não terá o que deseja.

De todo modo, se o pessoal aqui, incluindo minha amiga, quer um show, então é isso que vou dar a eles.

Me endireito no assento e tiro o blazer que cobre meus ombros, jogando-o no banco vazio ao meu lado. Ninguém ousou se sentar ali, e o motivo é muito claro.

Eles conhecem meu sobrenome. *Eles me conhecem.* Por isso, parecem tão ansiosos.

Eu os deixo curiosos, para dizer o mínimo.

Mas minha origem e reputação, por mais intimidantes que sejam, não impedem que todos nesse bar, por mais elegantes e discretos que se considerem, tenham migrado para mais perto do balcão só para assistir a uma disputa de BJ com a filha do juiz mais importante da cidade.

Coloco as mãos para trás, segurando os antebraços nas costas, e umedeço os lábios antes de olhar para minha amiga com um sorriso.

Acho que Astor pensou que eu daria pra trás, sobretudo quando alguns caras na plateia ao nosso redor já sacaram os celulares para gravar tudo.

Bem, não sou de desistir.

— Pode começar a contar — digo, determinada.

Astor sorri com empolgação e coloca os braços para trás também. Ela acena para o barman, que começa uma contagem regressiva com satisfação no rosto.

Assim que termina, me abaixo e abro a boca, encaixando a borda do copo nos lábios antes de virar a cabeça para trás. Na mesma hora, entorno a bebida de uma só vez enquanto a plateia ovaciona.

Não é algo elegante para esse clube, muito menos para uma Kestrel, mas é divertido. Descobri recentemente que as festas mais legais quase nunca são as mais refinadas.

É por isso que chamam esse drink de *Blow Job shot* — ou apenas BJ. Um nome obviamente apelativo, mas também hilário. Sobretudo se considerar que sou sempre a primeira a conseguir virar tudo, sem precisar usar as mãos.

Depois de engolir a mistura levemente amarga de amaretto e licor de café, posso usar a mão para tirar o copo da boca, batendo-o no balcão, e limpo o resto de chantilly do canto dos lábios.

— Isso foi a coisa mais sexy que já vi — alguém diz atrás de mim, me fazendo revirar os olhos.

Homens...

Me viro para Astor no instante que ela termina a bebida e me fita com olhos arregalados e queixo caído.

— Como você ficou tão boa nisso? — se surpreende, empurrando o copo na direção do barman.

— Paris tem ótimas festas — me limito a dizer antes de pedir mais um drinque. Dessa vez, um Manhattan.

Aos poucos, o fervo à nossa volta se dispersa e me sinto mais à vontade para conversar com Astor sem tantos olhares curiosos nos vigiando.

— Quem é você e o que fez com a minha amiga?

Dou risada.

Eu não frequentava baladas quando morava em Millsdale. Era mais do tipo reservada. Isso mudou há uns dois anos, quando o quadro clínico da minha mãe começou a piorar. Eu só queria desesperadamente esquecer. Festas e bebidas ajudaram por um tempo. Acho que me enganei pensando que isso apagaria meus problemas. Estava fugindo do meu passado e, no fundo, de mim mesma.

Demorei para perceber que não dá pra fugir pra sempre. Uma hora o passado volta para cobrar a conta.

Apoiando-me no balcão, me viro para esquadrinhar o rosto de Astor Langley.

Ela tem a pele negra retinta e reluzente, cabelos escuros e lisos, e grandes olhos castanhos arredondados. Tão linda que arranca suspiros por onde passa. Mesmo de longe, eu acompanhei cada passo seu através dos tabloides. Astor sempre deu o que falar. É a maior *it girl* da cidade e uma das mais relevantes do país também. Está cursando moda na Wilrose e beira a um milhão de seguidores no Instagram.

Tudo o que ela usa vira tendência, e seu comportamento irreverente gera burburinhos. Todos querem saber o que Astor Langley faz, e sua opinião sobre todos os assuntos, quem é seu namorado da vez e qual roupa usará no próximo baile de gala do MET. Todos os anos os estilistas brigam para vesti-la.

Ela é, sem dúvidas, uma estrela em ascensão.

Éramos vizinhas em Rotherdam, o bairro dos ricos e privilegiados aqui da cidade, mas só nos aproximamos mesmo depois da tragédia que me fez ser enviada para Paris. Ela era a única pessoa com quem eu podia conversar sem achar que estava pensando no incêndio enquanto me olhava.

Astor tampouco me perguntava sobre o ocorrido. Só ficava lá, conversando comigo sobre as coisas banais da vida. Me ajudou a tirar da cabeça a noite em que o internato em que estudei pegou fogo. Deus sabe o quanto

precisava parar de pensar nisso. Acho que estava à beira da loucura na época. Na certa, fiz coisas dignas de alguém que não se encontra em perfeito juízo.

— Não sou mais a mesma de garota de antes — respondo com um suspiro.

Cresci e amadureci muito durante os anos em que vivi em Paris, já que estava sozinha em um lugar totalmente novo. Precisei mudar, senão toda a raiva e a tristeza iam me consumir até não restar nada. Agora consigo me controlar mais e pensar com calma. Demorou algum tempo até que eu aprendesse a domar as emoções e deixar a razão guiar minhas ações.

— Que bom, porque essa cidade também não é mais a mesma.

Astor dá um sorriso fraco e se vira para apanhar e bebericar o drinque que foi posto na sua frente. Algo em seu semblante, no entanto, não me passa despercebido.

— Como assim?

Ela dá de ombros para disfarçar, mas sua voz estremece ao responder:

— Sei lá, Millsdale não me parece mais segura.

— Está falando da morte de William Deacon?

Um dos grandes magnatas do país foi encontrado morto em seu escritório nesta manhã. A morte chocou a população, sobretudo os figurões de Millsdale — inclusive meu pai e meu namorado, que é o melhor amigo do desprezível filho de Deacon.

O homem, sem dúvidas, era a pessoa mais importante da cidade. Vivia cercado de seguranças, e, ainda assim, não foi o suficiente. A cidade parece mesmo arruinada.

Não vejo James desde ontem. Mal nos falamos hoje também, ele apenas me disse que estava dando apoio ao seu amigo. A atitude dele me deixa tão admirada quanto incomodada. Ele sempre faz a coisa certa e tenta ajudar, mesmo quando a pessoa em questão não mereça.

Mas, embora eu deteste seu melhor amigo, a lealdade de James não é um problema em nosso relacionamento. Pra falar a verdade, ainda não sei qual é exatamente o problema. Talvez os muitos quilômetros entre nós, comigo na Europa e ele aqui, tenham nos afastado emocionalmente, e essa sensação perdura ainda hoje, morando na mesma cidade.

Faz pouco tempo que regressei à América do Norte — míseras duas semanas. Talvez, dando tempo ao tempo, nós voltaremos a nos conectar. Ainda assim, não me sinto muito otimista e isso anda me tirando o sono.

— Não só a dele — Astor explica, franzindo o cenho, e volta a me olhar. Seus olhos perderam o ar brincalhão de minutos atrás. Agora parecem um pouco assustados. — Deve ter ficado sabendo da onda de crimes. Os jornais vivem

falando disso.

Abro a boca e concordo com a cabeça.

— Quer dizer os Corvos.

Astor encolhe os ombros e assente.

— Millsdale se tornou palco de disputas entre gangues. Cada uma se mantém no próprio território se não quiser arrumar problema.

Pelo que me lembro, Millsdale nunca foi uma cidade tranquila de se morar. Por esse motivo, meu pai achou brilhante a ideia de me trancar numa fortaleza disfarçada de internato em vez de me deixar em casa para frequentar uma escola comum. Mas, aparentemente, as coisas pioraram desde que voltei, tudo por causa de um misterioso grupo que surgiu nos últimos tempos.

São chamados de “Corvos”. A teoria da polícia indica que não há apenas um, mas vários deles dispostos a implantar o caos por aqui.

Além de invadir o banco de dados sigilosos do departamento de polícia e o sistema de diversas empresas locais, eles estão expondo e caçando pessoas nos últimos tempos. Todas elas eram membros respeitados da alta sociedade, mas também estavam envolvidas com o crime organizado. E é por isso que a polícia anda atrás deles. Mas eu duvido que ela esteja sequer próxima de pegá-los.

Ninguém sabe o que esse grupo pretende, mas é óbvio que os caras não vão parar. Atuam há mais de um ano, e tudo o que se sabe é que gostam de deixar uma assinatura marcando suas vítimas: o desenho de um corvo que estampa diariamente os jornais da região.

Não há mais vestígios de seus rastros além dessa imagem.

— Vamos deixar esse assunto pra lá, sério! — Astor se apressa para mudar de tema, para algo menos... mórbido. — Como foi em Paris, hein? Me conte cada detalhe sórdido.

Acho que falar sobre o lado obscuro de Millsdale sempre leva ao mesmo assunto no final. *Sempre leva a ele,* mesmo que não tenha nada a ver. *Ele* é a droga de um fantasma: invisível e constante na minha mente, me assombrando. Então Astor evita ao máximo mencioná-lo nas nossas conversas.

Sorrio, aceitando de bom grado a mudança de assunto, e começo a relembrar das minhas aventuras. Não foram tantas, já que também era mantida em rédea curta por lá. Não faz muito tempo que me forcei a sair de casa e tentar fazer qualquer outra coisa em vez de pensar no passado e no estado de saúde da minha mãe. Foi aí que passei a aproveitar a França, a viajar e conhecer lugares, a fazer amigos.

Beijei um cara pela primeira vez só aos dezoito anos, o que revela o quanto a minha criação numa redoma de vidro impactou minha vida e minhas experiências. Quis viver de uma vez só tudo aquilo que não tinha experimentado

durante a adolescência.

Há seis meses, contudo, James e eu começamos a namorar e tive que dar adeus à minha recém-descoberta vida festeira.

E, ainda que não seja tão empolgante quanto Astor imagina, conto um resumo do que foram os últimos anos morando do outro lado do oceano.

Mas, mesmo com a mudança de assunto, noto que, enquanto falo, os olhos de Astor permanecem assombrados.



— Quero ficar um tempo em Paris com você da próxima vez — Astor diz, admirada quando termino de contar tudo.

— Prometo que vamos pra lá em breve. — Sorrio e aperto sua mão sobre o balcão.

Astor passou dois verões comigo em Paris, nos primeiros anos em que morei lá. Na época, eu ainda estava tão arrebatada pelo luto e pela raiva que quase não saía do apartamento da minha avó, com quem convivi durante a minha temporada na França. Ela, assim como meu pai, fazia o possível para me manter sob suas vistas, dentro de casa como uma prisioneira, então não consegui aproveitar de fato a cidade com minha amiga.

— Fico feliz que esteja de volta. — Astor perscruta meu rosto com o olhar gentil. — Senti sua falta e sei que pedi muito que voltasse, mas saiba que eu teria compreendido se não quisesse. Se tivesse passado por tudo o que passou, acho que nunca voltaria pra cá.

— Eu precisava voltar, Astor — revelo e abaixo os olhos para minhas mãos na bancada. As unhas estão compridas e levemente pontudas, pintadas de vermelho. James brinca que elas parecem as garras de Perseu, o gato que adotei em Paris e que, claro, trouxe para os Estados Unidos. — Senti que nunca estaria em paz comigo mesma e meu passado se não voltasse e enfrentasse tudo.

Não está sendo fácil, mas ter por perto minha família e meus amigos, principalmente Bash e Astor, ajuda muito. Me sinto mais em casa aqui do que em Paris, sem dúvidas.

Enquanto permanecesse lá, continuaria fugindo. Não quero mais viver assim. Minha vida ficou estagnada por oito anos, agora preciso retomá-la. E Millsdale, apesar das péssimas lembranças, sempre foi e sempre será a minha cidade, o meu lar.

— Desculpe, eu não deveria ter entrado nesse assunto... — ela lamenta ao se endireitar na banqueta.

— Tudo bem. — Coloco a mão em seu ombro e o aperto de leve para tranquilizá-la. — Não sou um globo de neve frágil como meu pai pensa. Posso falar dos meus traumas sem quebrar. Mesmo que não seja uma tarefa fácil, vou ter que encarar o episódio do incêndio mais cedo ou mais tarde se quiser realmente combater meus demônios. — Suspiro. — Só não esta noite, ok? Faz anos que não nos vemos pessoalmente. Temos que aproveitar!

— É claro. — Astor volta a sorrir por um breve momento antes de seus olhos se desviarem para algo atrás de mim, do outro lado do clube. Seu semblante se transforma em pura tensão, e vejo seu corpo enrijecer. Quando os olhos escuros voltam a pousar em mim, estão arregalados exalando terror. — Vamos sair daqui.

Franzo o cenho.

— Por quê?

Astor não se explica, mas a urgência em suas ações me põe em alerta. Ela apanha a bolsa e paga nossas comandas numa velocidade recorde, para depois pegar minha mão e se levantar. Mesmo sem entender, faço a mesma coisa e puxo meu casaco da banqueta. Antes de segui-la para o elevador, no entanto, me detenho um segundo.

Mesmo que minha intuição peça o contrário, eu teimo em olhar para trás.

A mudança sutil no ar faz meu corpo enrijecer tanto quanto o de Astor, e não demoro a descobrir a origem. Meus olhos são atraídos na direção dele por magnetismo. Ele está próximo a uma das imensas janelas, vestido da cabeça aos pés de preto. Os olhos fixos em mim, fazendo meu corpo inteiro gelar.

Aqueles olhos...

Eles me transportam oito anos no passado. Sinto o bar começar a girar, e um nó surge em minha garganta, quase me fazendo engasgar. Não consigo desviar o olhar, capturada por sua presença. Ele faz isso toda maldita vez, mas agora é diferente.

Parece pior de alguma forma.

Callan Harkness continua tão intimidador quanto me lembro, mas nunca imaginei que poderia me despertar essa sensação desesperadora de perigo. Um instinto quase irresistível de fugir para longe, o mais rápido possível.

Me vejo paralisada diante de seu escrutínio poderoso. Os olhos flamejantes me observam de longe com tanta intensidade que me sinto em brasa. Ele não me encara com a frieza que eu estava acostumada quando éramos adolescentes.

Agora é ódio.

E posso senti-lo irradiando dele, mesmo com seu rosto totalmente impenetrável. É arrebatador.

— Sloan — Astor chama, puxando minha mão, mas permaneço parada.

Com um esforço hercúleo, desvio o olhar de Harkness e o levo para minha amiga, ainda atordoada.

— O quê... — gaguejo, baixinho.

Meu coração bate tão forte que faz meu peito doer. Ainda sinto seus olhos em mim, perfurando minhas costas como algum tipo de punição.

Como ele pode estar com raiva? Eu é quem deveria estar estremecendo em cólera. Esse é um direito meu, não dele. Não depois de tudo.

Sinto que vou, a qualquer momento, me engasgar com o ar que entra com dificuldade em meus pulmões. Minhas mãos ficam dormentes, e me sinto tremer dos pés à cabeça. Estou paralisada, como se tivesse acabado de cair numa armadilha. Os acontecimentos do passado retornam e, com eles, todo o furacão de sentimentos que aprendi a manter controlado quando fui embora.

Talvez o ódio me atinja quando o choque passar. Eu quero que passe, porque nada me faz sentir mais patética do que ficar acuada. Essa não sou eu. Não mais.

Não paraliso. *Nunca*. Eu ajo.

Mas Callan sempre foi a exceção para todas as regras, inclusive as minhas.

Engulo em seco pela segunda vez, mas agora endireito a coluna e levanto o queixo. Não lhe darei o gostinho de saber que me atingiu. Não posso. Não é justo.

— O que ele tá fazendo aqui? — pergunto à Astor, depois de me recompor.

Ela hesita por um tempo.

— Harkness voltou um ano depois do que aconteceu no Valiant — ela conta, meio desconfortável. — Dizem que foi mandado para um acampamento militar na Inglaterra após o incêndio. De qualquer forma, não ficou lá por muito tempo. Se formou em gestão de negócios, na Wilrose, recuperou a empresa do pai dele e agora está cursando um MBA também na Wilrose. Vive em todo e qualquer lugar da alta sociedade como se fosse um de nós. Acho que está tentando fazer contatos importantes. Mas nada muda os boatos que o cercam. São bem ruins, Sloan.

Isso não me surpreende. No fundo, todos ao seu redor sempre souberam que Callan é perigoso e sombrio. Existe uma atmosfera maldosa que o cerca.

Trinco a mandíbula, finalmente sentindo o ódio esquentando meu sangue.

— Isso não é justo — digo cada palavra pausadamente, processando aquela chuva de informações.

Callan retornou a Millsdale. Recuperou a fortuna do pai e vive

normalmente, como se não tivesse destruído a vida de uma família inteira. Como se não fosse um criminoso. E, o pior de tudo, ele está na Wilrose. Vou ter que vê-lo naquele maldito campus também.

Me viro de novo, sem conseguir me segurar.

Como já esperava, ele ainda me observa como uma ave de rapina, prestes a dar o bote.

Callan é tão bonito e intocável quanto um anjo. Alto e esguio, tem ombros largos, e postura ereta e confiante. Está acostumado a ter o controle sobre tudo e todos. Os cabelos profundamente pretos contrastam com sua pele alva. A linha do seu maxilar é forte e esculpida com perfeição, assim como os traços de seu nariz e maçãs do rosto.

Quem o vê pela primeira vez pode se deixar enganar facilmente. Callan Harkness parece ser um anjo, mas um que há muito caiu. Um que possui, em suas íris cor de âmbar, o reflexo de seus pecados imperdoáveis.

Há um rastro de brasa e cinzas por onde passa, e a forma como o maldito me olha não deixa dúvidas de que sou a próxima coisa que ele quer fazer queimar.

02

S L O A N

Segure, eu estou caindo
Não posso mais respirar
O oceano se abriu
Estas cicatrizes precisam se cura
The Burning Red – Machine Head

Poucas coisas são tão bonitas quanto o campus da Universidade Wilrose. Os bosques com as cores do outono e as construções góticas são tão imersivos que fico hipnotizada ao caminhar entre eles, me demorando para observar tudo ao redor. Está cheio de alunos a esta hora da manhã, sobretudo novatos como eu, que carregam olhares perdidos e, ao mesmo tempo, impressionados.

Semana passada fiz o tour direcionado aos calouros e me inteirei de toda a história da instituição — também aproveitei para conhecer o campus e evitar de acabar perdida no primeiro dia de aula. Muita gente importante já passou por aqui, incluindo um ex-presidente, alguns senadores, juízes da Suprema Corte e vencedores do prêmio Pulitzer. É por isso que Millsdale recebe centenas de jovens universitários do mundo todo, ano após ano.

Estudar na Wilrose sempre foi meu sonho. Só pensava nisso quando estava no ensino médio. Mesmo tendo iniciado os estudos na Escola de Direito de Sorbonne, em Paris, não foi a mesma coisa. Aquele definitivamente era o meu lugar. Depois de um ano, entrei com o pedido de transferência.

Fui incentivada pelo meu pai. Ele vivia me pressionando para voltar para a cidade. Tentei postergar o máximo que pude, até ver que não poderia fugir para sempre.

As histórias desta universidade sempre me fascinaram, embora algumas delas sejam macabras.

Minha melhor amiga, Ava, por outro lado, tinha náuseas só de pensar em continuar em Millsdale depois da formatura. Ela queria ir para o lugar mais distante possível desta cidade.

Um longo suspiro me escapa dos lábios ao pensar nela, e, instintivamente, seguro a alça da bolsa com mais força entre os dedos.

Desde ontem, quando reencontrei o dono dos meus pesadelos naquele maldito clube, só consigo pensar em Ava Gallagher. Está sendo difícil pôr em

prática as coisas que me ensinaram sobre autocontrole e superação, porque os sentimentos que me obriguei a enterrar para conseguir sobreviver estão retornando pouco a pouco.

Hoje cedo, tive que cobrir com maquiagem os vestígios da última noite insone no meu rosto. Fiquei me revirando na cama durante a madrugada, assombrada pelo passado. *Assombrada por ele.*

É como se eu tivesse voltado à estaca zero. Todo o progresso que fiz, todo o esforço para esculpir a garota durona e inabalável, foram jogados no lixo com um olhar simples que Harkness direcionou a mim.

Desgraçado.

Garanti à Astor que ficaria bem depois que ela me arrastou para fora do Éclipse. Mas na verdade dirigi catatônica por duas horas pela cidade, sem rumo, antes de voltar para casa e me enfiar na cama como uma criança amedrontada.

Chacoalho a cabeça numa tentativa patética de me livrar destes pensamentos e desvio meu caminho para a primeira cafeteria que avisto. Talvez um *espresso* sem açúcar possa ajudar a me concentrar. É meu primeiro dia de aula, o que significa que preciso estar cem por cento focada no presente.

Nada de distrações, Sloan.

O cheiro de café e waffles me envolve assim que passo pela porta de vidro. Quase fecho os olhos com o conforto que ele me transmite. É uma cafeteria pequena mas aconchegante, e a melhor parte é que não tem fila no balcão. Estou na metade do caminho quando o som do telejornal na tevê atrás da barista chama minha atenção.

Não me surpreendo ao ver a foto de William Deacon ali. Seu rosto tem estampado todos os jornais nos últimos dias. Foi justamente para fugir deste assunto fúnebre que saí de casa antes de todos acordarem, sem nem tomar meu sagrado café da manhã.

Assisto à reportagem, concentrada. A âncora bem-arrumada do noticiário local informa que, segundo a polícia de Millsdale, a causa da morte do magnata foi envenenamento e agora o caso está sendo oficialmente investigado como assassinato.

— Bom dia — a barista diz, atraindo meus olhos para si. — Gostaria de fazer seu pedido?

Assinto e, com um sorriso, dou um passo à frente para pedir o café. Logo depois ela prontamente se vira para prepará-lo.

Envenenamento?

— Sloan? — alguém me chama, interrompendo meu raciocínio.

A voz me parece familiar, mas não a reconheço até me deparar com o rosto de Alicia Gallagher, mãe de Ava, bem atrás de mim.

Estanco no lugar, a boca entreaberta e os olhos correndo pela face dela.

Alicia é jovem, mas parece envelhecida e abatida, com rugas e olheiras ao redor do olhar caído. É compreensível. Primeiro perdeu o marido, depois a filha ainda adolescente. Ela nem consegue sorrir ao me ver, embora eu note o brilho saudoso em suas íris castanhas, exatamente iguais as da filha.

— Senhora Gallagher — consigo responder. — Nossa, já faz tanto tempo.

Não a vejo desde que a grande tragédia aconteceu. Passei a chamar assim porque foi como noticiaram, junto ao termo "terrível incidente". Mas não foi realmente um incidente. Foi a porra de um crime, só que as únicas pessoas que acreditam nisso sou eu e Alicia.

Ela vem até mim com passos incertos, e fico na dúvida se devo ou não abraçá-la. Choramos agarradas uma à outra no funeral de Ava, mas nunca soube se em partes ela me culpava. Sou a garota que sobreviveu enquanto sua filha é aquela que se foi. Eu me senti muito culpada por ter escapado com vida, ainda é uma ferida aberta para mim.

— Ouvi dizer que estava na França — conta Alicia com a voz serena. Ao menos está me olhando nos olhos. No lugar dela, não sei se conseguiria.

— É, eu estava.

Não sei o que dizer. A culpa e a vergonha pinicam sob minha pele, e me obrigo a senti-las, apesar de tudo o que o dr. Traud, meu terapeuta, disse tantas vezes para me ajudar a me livrar dos pensamentos de autoculpabilização.

Ele disse que eu sofro com a "síndrome do sobrevivente", por isso acredito que não mereci ter continuado viva quando minha melhor amiga não teve a mesma sorte.

— Eu estou saindo da cidade — conta ela, ignorando minha resposta lacônica. — Acho que já passou da hora de deixar este lugar para trás.

Balanço a cabeça, assimilando a informação. Nunca entendi por que Alicia permaneceu por tanto tempo aqui. Ela perdeu tudo nesta cidade.

— Isso é bom — digo com sinceridade. — A senhora merece seguir em frente.

— Vim buscar as coisas que ainda estavam no meu antigo armário e, mais tarde, ia passar na sua casa. — Franzo o cenho, sem entender, mas ela logo explica: — Sei que Ava ia querer que algumas das coisas dela ficassem com você.

Alicia foi professora na Wilrose por muitos anos, mas parou de lecionar após o incêndio. Acho que ela também parou de viver desde aquela época. Se tornou um fantasma, vagando sem nenhum destino ou propósito. Afinal, como se supera algo assim?

Engulo em seco e me viro, quebrando contato visual com ela para apanhar meu pedido no balcão. Alicia continua esperando, contudo.

— Está no porta-malas do meu carro — A sra. Gallagher insiste. — Não vai demorar.

Sem conseguir lhe dar uma resposta verbal, apenas aceno com a cabeça e a sigo para fora da cafeteria. Seu SUV prateado se encontra estacionado do outro lado da rua, e Alicia caminha à minha frente para abrir o bagageiro.

Ela tira de lá uma pilha de livros, e, ainda hesitante, me aproximo para apanhá-los. Quando passo os olhos pelas lombadas, não consigo segurar o sorriso nostálgico vendo os exemplares surrados de *A História Secreta*, *O Retrato de Dorian Gray* e... *O Fantasma da Ópera*.

Suspiro e encaro a mãe de Ava.

— Tem certeza de que eu deveria ficar com eles?

Ela anui com a cabeça.

— Eles pertencem a você agora — explica, dando de ombros. — Eram uma das conexões entre vocês duas. As páginas ainda têm as anotações que ela fazia pra você.

A dor que emana dessa lembrança é palpável na voz dela e me atinge com força.

Mordo o interior da bochecha, em vão, para evitar que as lágrimas surjam.

Aquele era um hábito nosso: comprávamos um livro diferente da outra e, ao ler, escrevíamos nossas observações nas bordas das páginas. Depois, trocávamos os livros entre nós, assim conseguíamos saber o que a outra estava pensando enquanto lia.

Adoro clássicos como *Macbeth*, *O Drácula de Bram Stoker* e *Anna Karenina*. Mas esses três livros em minhas mãos agora eram os favoritos de Ava. A curiosidade para revisitar essas memórias faz minha boca secar, por outro lado, ainda há o receio de que eu não esteja pronta para folheá-los e encontrar a caligrafia torta da minha amiga no canto das páginas.

— Obrigada. — Tomo coragem para voltar a encará-la. — De verdade.

— Tudo bem, querida — ela me garante com um sorriso e, em seguida, dá a volta no veículo. — Tenho que ir agora.

— Alicia — chamo, sem conseguir me conter. — Um dia vão pegá-lo.

Um dia a agonia da injustiça vai acabar. Ao menos, é do que venho me convencendo desde que tudo aconteceu. Essa é a única coisa capaz de me confortar em algumas noites.

— Talvez. — Ela dá de ombros, resignada, e abre a porta do carro. — Você também merece seguir em frente, Sloan. Os fantasmas do passado vão

acabar te assombrando pra sempre se você permitir.

Ela entra no veículo e dá a partida, mas continuo parada na calçada, encarando o asfalto ainda úmido da chuva de ontem, mesmo após o SUV de Alicia desaparecer.

Seguir em frente.

É isso o que as pessoas me mandam fazer. Como se fosse simples esquecer e deixar tudo para trás. Talvez, por um tempo, eu tenha enganado a mim mesma, achando que estava nesse caminho. Porém, agora tudo está de volta. A dor e a inquietação ao pensar no passado. Acho que nunca vou me livrar disso. Ainda dói como se fosse ontem que tudo aconteceu.

Minha melhor amiga, uma garota inocente, foi arrancada de mim, e o culpado segue solto, caminhando livremente pelas ruas de Millsdale, esbanjando arrogância e impunidade.

Não, eu não mereço seguir em frente. Não enquanto for isso o que Callan Harkness estiver fazendo.



É quando o período chega ao fim que percebo que o plano de me concentrar nas aulas introdutórias foi por água abaixo. Nem mesmo um lugar privilegiado na primeira fileira do auditório, bem perto do professor e das informações anotadas no quadro, conseguiu me manter focada hoje.

Odeio ficar assim tão distraída, fora do controle.

Antes de pegar o carro no estacionamento e voltar para casa, decido visitar a biblioteca. Se tornou meu lugar favorito na Wilrose desde que pisei lá pela primeira vez, durante o tour dos calouros. E, assim que passo pelas grandes portas, fico mais uma vez impressionada com a magnitude do lugar.

O interior é todo esculpido em madeira escura, e o teto abobadado é tão alto que amplia toda a estrutura da biblioteca. Me faz sentir minúscula. Os vitrais das janelas parecem verdadeiras obras de arte, qualquer um poderia facilmente passar horas e horas observando-os e decifrando-os.

Mas nada se compara às estantes de livros.

Há centenas delas, enfileiradas nos vários andares do prédio. Passo pelos corredores, sentindo o cheiro de madeira e livro antigo, e vou até uma mesa no fundo da área de estudos do primeiro andar. A essa hora, no meio da tarde, tem uma quantidade razoável de estudantes aqui.

Assim que me sento, tiro da bolsa os livros que a mãe de Ava me deu. Há, entre eles, um caderno de mão. É de brochura e com a capa de couro,

idêntico àquele que minha amiga carregava para todos os lados na época do ensino médio.

Franzo o cenho e me apresso em abri-lo.

Meus olhos passam pelas páginas, ávidos, devorando cada palavra escrita pelas mãos de Ava. A maior parte são anotações dos mais diversos tipos. Alguns lembretes de estudos, lista de compras, observações sobre os livros que ela estava lendo e os que desejava ler... Acima de tudo, há os pensamentos da minha amiga, anotados como em um diário.

Leio tudo, sem deixar passar nem uma vírgula, e, a cada folha que passo, sinto meu coração se apertar um pouco mais.

Com o passar dos anos, Ava se tornou uma presença constante em minha mente e talvez isso tenha me feito esquecer de como ela era de verdade quando estava viva. Percebendo isso agora, quero encolher de vergonha. A essência da minha melhor amiga está em cada linha deste caderno.

Fecho os olhos por um instante e consigo ver com clareza uma garota pequena e franzina, com os cabelos castanhos e encaracolados, deitada de cabeça para baixo em sua cama no nosso dormitório, anotando neste caderno tudo o que cruzava sua mente.

Ela tinha medo de acabar se esquecendo algo importante, então escrevia absolutamente tudo, por mais estúpido ou sem sentido que parecesse.

— Você está bem?

Abro os olhos de repente com o susto e encontro uma garota de pé do outro lado da mesa, me encarando com curiosidade.

Pigarreio, me recompondo.

— Ah, oi, Riley. — Forço um sorriso. — Estou bem.

— Você parece meio aérea desde a aula — ela diz, puxando uma cadeira do outro lado da mesa para se sentar.

Conheci Riley no tour. Ela era a segunda pessoa mais interessada nas dicas e informações que os monitores passavam. Começamos a conversar porque ambas ficamos curiosas sobre os salões de jantar. Como tudo é grandioso na Wilrose, os refeitórios não são apenas simples refeitórios. São enormes e magníficos, daí o nome de “salão de jantar”.

Assim que adentramos no salão do curso de direito, Riley disse que estava se sentindo em Hogwarts. Eu ri, e, depois disso, não paramos mais de falar.

— Estou meio distraída hoje. Acho que não tomei café o suficiente — brinco, fechando o caderno de Ava.

Riley dá uma risadinha e tira um notebook da mochila, abrindo-o diante dela.

— Bolsa legal — elogia, seu olhar recaindo para a *Hermès Birkin*[1] em tom nude do meu lado na mesa. — Deve custar mais dinheiro do que consigo pensar.

O tom de sua frase é divertido, mas apenas dou de ombros.

Houve um tempo da minha vida, durante a adolescência, em que pensei que estava segura sob o sobrenome Kestrel e o que isso significa para todos aqui em Millsdale: dinheiro e influência. E, embora isso tenha me trazido privilégios imensuráveis, não demorou para perceber que também traria consequências.

— Então — Riley continua e muda de assunto —, quando pretende se mudar para o alojamento?

— Não sei.

Estive postergando isso. Em partes, por ter que me separar de Perseu, o meu gato, mas também por ter que dar a notícia ao meu pai de que estou deixando a segurança dos muros altos da mansão Kestrel para ir morar sozinha. Bem, não completamente sozinha, já que terei uma colega de quarto.

Ainda assim, Mason vai surtar.

— Certo. Cuidado para não perder a vaga. Não quero dividir o quarto com uma desconhecida.

Faço uma careta só de pensar. Fiquei aliviada quando descobri que tinham me colocado no mesmo quarto que Riley. Uma coincidência bem-vinda, para ser sincera.

Minha atenção desvia para a tela do meu celular quando ele acende em cima da mesa. Na mesma hora, começo a responder à mensagem de James.

James Corrighan [15h37]: *Como foi o primeiro dia de aula?*

Sloan Kestrel [15h38]: *Normal. Como tá o Soren?*

James Corrighan [15h40]: *Péssimo. Se afundando em absinto.*

Sloan Kestrel [15h40]: *Nada de novo sob o sol. Quando der, me liga.*

James Corrighan [15h44]: *Nos vemos no funeral mais tarde.*

Ele nem pergunta, apenas assume que eu vou. Deve saber tanto quanto eu que não tenho escolha.

Um longo e audível suspiro me escapa, e deixo minhas costas relaxarem contra o estofado da poltrona. É no mínimo curioso saber que Soren Deacon está tão destruído pela morte do seu pai. Ele o odiava mais do que tudo. Ao menos, foi o que meu namorado me contou. Não gasto muito mais tempo pensando em Soren e seus problemas.

Sem conseguir evitar, abro o caderninho de Ava, passando as páginas como se estivesse em busca de algo. De qualquer coisa que me tranquilize. Que me ajude a alcançar a paz de espírito que todos me cobram.

Ninguém teve culpa, Sloan. Foi um acidente. Tem que esquecer isso, tem

que seguir em frente.

Ouvi essas palavras milhares de vezes do meu pai, da minha madrasta, do meu meio-irmão, do meu namorado...

Mas então, quando meus olhos captam uma forma conhecida de relance numa das últimas páginas, eu paro.

É o desenho de um corvo, bem no meio do papel pontilhado. Foi rabiscado de qualquer jeito, mas é inconfundível. O mesmo símbolo que agora vive espalhado pelos cantos de Millsdale.

Um corvo visto de frente, as asas longas e imponentes abertas e olhos escuros. Acima de sua figura há apenas uma anotação:

"Onde eles estão?"

Mordo o canto do lábio e releio várias vezes a indagação de Ava, esperando que faça algum sentido.

Passo para a próxima página, e há diversos nomes de locais em Millsdale. A capela de St. Marcus, o cemitério, a biblioteca da Wilrose e muitos outros. Alguns nomes estão riscados, como se já tivessem sido descartados.

Ela não estava atrás deles, estava?

Nunca ouvi falar dos Corvos até o ano passado, quando passaram a deixar sua marca no local dos crimes. Como Ava podia saber deles? E o mais curioso: por que ela estava procurando por eles?

— Ah, não. — A voz de Riley me puxa para o presente, e levanto os olhos para ela. A garota encara o desenho com uma expressão esquisita no rosto. — Não me diga que também quer encontrá-los.

Levanto as sobrancelhas, meio perdida.

— O quê?

— Os Corvos. — Ela aponta para o caderno. — Não quero parecer enxerida, mas é que é difícil ignorar.

— Ele era de uma amiga minha. — Me apresso para fechá-lo.

— Oh... — Riley anui com a cabeça e volta a focar no computador, mas não consigo ignorar.

— O que sabe sobre eles?

A garota se endireita, cruzando as mãos, e se debruça na mesa como se estivesse prestes a contar um segredo.

— Já ouviu falar das duas sociedades secretas de Millsdale?

— É claro, acho que a cidade inteira sabe.

Não passa de uma lenda. Callan, anos atrás, foi o primeiro a comentar comigo sobre o assunto, embora não tenha entrado em muitos detalhes.

Especula-se que duas sociedades secretas muitíssimo antigas governam esta cidade sem que a grande maioria saiba. Não é novidade que boatos dessa

estirpe corram dentro de universidades antigas como a Wilrose. Outras instituições também possuem fama semelhante, como a Crânio e Ossos, em Yale.

— Bem, uma delas se chama Ordem dos Grifos e a outra...

Semicerro os olhos com sua hesitação.

— E a outra?

— ... é a Sociedade dos Corvos. — Um arrepio percorre minha coluna ao ouvir esse nome. — Ao menos, foi o que minha mãe me contou. Ninguém nunca soube quem eles eram ou o que faziam exatamente. Só havia boatos. Reza a lenda que ambas as sociedades recrutavam estudantes da Wilrose. A coisa ficou tensa depois que dois alunos de direito desapareceram na década passada. Dizem que os jogos de iniciação e as disputas eram sangrentos e brutais. Quando alguém cruzava com os Corvos, só existiam dois caminhos possíveis: poder ou ruína. Muita gente tentou a sorte de encontrá-los, tentando ser recrutado, mas nunca houve nenhuma prova de que eles existiam realmente.

— São eles quem estão matando essas pessoas agora — deduzo.

A história é loucura pura, mas não consigo duvidar. Sei muito bem do que as pessoas são capazes, sobretudo quando possuem dinheiro e influência necessários para sair impunes.

Ava queria se tornar um deles?

Massageio as têmporas, atordoada com tanta novidade. Tudo isso é tão confuso — e meio inacreditável também —, que minha mente fervilha.

Nos meses anteriores à sua morte, Ava andava estranha. Estava obcecada com algumas coisas, não dormia direito. Perdeu seu brilho. Começou a falar pouco e se distanciar.

Ela nunca me contou o motivo.

— Minha mãe disse que ninguém ouviu falar dos Corvos por muito tempo. Na época dela, havia boatos de quem seriam alguns dos integrantes, mas depois de alguns anos os caras desapareceram também — conta Riley, baixinho. — Acho que estão de volta, de alguma forma. É difícil não notar. As pessoas comentam, principalmente nesse lado da cidade. Todos têm medo.

— Por que Ava estava atrás deles? — pergunto em voz alta, sem conseguir compreender.

Riley suspira.

— Talvez fosse pelo mesmo motivo da maioria: poder. Se o boato se confirmar, então os Corvos estavam metidos com política, elegeram reitores em Wilrose e até prefeitos em Millsdale. Tinham privilégios e recursos para fazer o que bem quisessem.

Balanço a cabeça negativamente.

— Ava não era assim.

— Talvez você não a conhecesse tão bem quanto pensa — Riley diz, tranquila, mas, assim que nossos olhares se encontram, ela faz uma careta como se tivesse dito além da conta. — Desculpa, me intrometi de novo, não é? Às vezes, eu extrapolo.

— Tá tudo bem — garanto, mas o que ela disse permanece ecoando na minha cabeça. — Só não entendo como a polícia não os pegou ainda, se estão aqui há tanto tempo.

— Bem, parece óbvio. Os Corvos são ricos e influentes, vêm de famílias antigas e muito respeitadas, que construíram um domínio para além de East End. E não para por aí... dizem que têm ligação com nomes poderosos do submundo do crime. Minha mãe acha que eles estão por aqui ainda.

Riley pode estar certa no fim das contas. Ava era minha melhor amiga, quase uma irmã, e, mesmo assim, eu posso não tê-la conhecido de verdade.

Em contrapartida, não consigo aceitar que estava tão enganada sobre ela. Alguns podem procurar os Corvos para se tornarem poderosos, mas talvez este não tenha sido o motivo de Ava. Ela pode ter investigado eles por outra razão. Quem sabe estivesse em busca de respostas.

O mesmo tipo de resposta que eu quero conseguir agora.

— Sua mãe sabia como encontrá-los? — sondo Riley.

Essa história pode nem ser real. E, neste momento, só consigo pensar no risco que Ava correu ao tentar encontrá-los, caso esse lance de sociedade secreta seja mesmo verdade.

E se o incêndio no Instituto Valiant realmente não foi um acidente? Riley disse que um dos destinos de quem procura os Corvos é a ruína. E este foi o exato destino da minha melhor amiga.

— Sloan...

— Por favor — apelo ao encarar seus olhos cor de avelã —, preciso saber por que Ava queria tanto encontrá-los.

Riley suspira e alivia a expressão em seu rosto.

— Não faço ideia de como chegar até os Corvos — diz, acabando com todas as minhas esperanças. — Mas conheço alguém que pode te dar uma luz. O nome dela é Nyx Tempest. Ela trabalha no Nemesis e dizem que faz favores.

— Favores?

— Pelo preço certo, é claro — acrescenta. — Pelo que sei, muitos em East End podem trabalhar pra eles. Este é seu território, sabe?

Anuo com a cabeça, ainda absorvendo o que isso significa. Não é nada bom.

“Isso é loucura”, digo a mim mesma. “Não faz o menor sentido.”

Ainda assim, se trata de Ava Gallagher. Sempre desconfiei que aquele

maldito incêndio não tinha sido acidental, agora tenho quase certeza. Só não sei por que ela estava atrás de uma sociedade secreta tão antiga e perigosa, mas não vou sossegar enquanto não descobrir tudo.

Guardo o caderno de Ava na bolsa e me levanto.

— Sloan? — Riley me chama antes que eu me afaste. — Eu não iria atrás deles se fosse você. Já ouviu falar que, às vezes, quanto mais fundo você cava, mais escuro fica? Neste caso, acho que não vai encontrar nada além de escuridão nessa história.

Engulo em seco, apreensiva.

— É, eu sei.

— Há um motivo pelo qual minha mãe ainda tem calafrios quando fala nos Corvos — salienta, e uma ruga de preocupação se forma em sua testa —, eles comandavam esta cidade com suas regras. Ou seja, prezavam pelo poder acima de tudo e tiveram isso por anos a fio. Então, se voltaram agora, querem tomar o lugar de volta e não vão deixar ninguém ficar no caminho, principalmente alguém que vem de Rotherdam, o território dos Grifos.

Dessa vez, todo o meu corpo se arrepia e permanece assim, mesmo depois de me despedir de Riley e ir embora para a segurança da minha casa impenetrável. Com certeza, não é um bom sinal.

03

S L O A N

E, querida, eu vou te tornar a minha próxima vítima
I Want To – Rosenfeld

Eu detesto funerais, principalmente as reuniões fúnebres na casa do falecido depois do enterro. Elas sempre são regadas a canapés e nostalgia, e me deixam nauseada.

Me fazem lembrar da última vez em que estive nesta situação. Ainda me recordo, como se fosse ontem, do caixão fechado que encarei catatônica por horas. Estava lacrado para que ninguém pudesse ver o que as chamas tinham feito àquela garota tão jovem.

Tão rápido quanto a memória surge, me forço a dissipá-la. O nó que se formou em minha garganta permanece, porém.

Ando no automático pela sala de estar da mansão dos Deacon até localizar meu pai em seu terno de alfaiataria. Encontra-se numa roda de conversa com os outros dois figurões da cidade.

Penso duas vezes antes de me aproximar. Com certeza, é uma péssima hora para lhe contar que pretendo contrariá-lo e me mudar para o alojamento estudantil bem simplório e nada seguro. Por outro lado, não posso mais postergar a conversa só porque quis evitar conflitos desde que voltei.

Além disso, acho que, se eu pegar Mason Kestrel desprevenido, no meio de uma reunião social, as chances dele ceder sem tanto drama são consideravelmente maiores.

— Pai...

A conversa não cessa. Ele apenas me olha e dá um sorriso contido. Ou seja, quer que eu espere pelo fim do diálogo entre os três. Então, me obrigo a ficar quieta.

— Não entendo como chegamos a esse ponto — diz Dominic, um dos grandes amigos do meu pai. — Onde foi que erramos para que um garoto jovem e promissor tenha que lidar com a morte violenta de seu próprio pai?

Nós quatro, ao mesmo tempo, olhamos para o outro lado da sala, onde Soren Deacon conversa com James. O agora dono do império multimilionário de seu falecido pai está visivelmente acabado. Meio bêbado, aparentemente. Seus cabelos loiros estão desgrenhados, e os olhos fundos. Além disso, tenho quase

certeza de que o líquido transparente em seu copo não é água.

Me contenho para não revirar os olhos com a fala dramática do policial.

A morte de William Deacon não foi exatamente violenta. Ele teve uma parada cardíaca após ingerir altas doses de fentanil acreditando ser seu remédio para enxaqueca. O laudo oficial anda repercutindo na mídia. No início, disseram que se tratava apenas de uma overdose acidental. Agora, se tornou um assassinato atribuído aos Corvos.

— A polícia vai pegá-los — o prefeito de Millsdale, do meu lado esquerdo, garante.

— Crie uma força tarefa, se for necessário. Tenho certeza que estes miseráveis se escondem em East End — sugeriu meu pai ao prefeito. — Descubra quem são.

Antes de Deacon, a marca havia sido deixada em três assassinatos. Todos eram homens jovens, muito ricos e influentes na cidade. Herdeiros de famílias importantes e de negócios valiosos por aqui. Quando seus crimes foram expostos, todos ficaram chocados, afinal as vítimas tinham envolvimento com organizações criminosas. Estelionato, tráfico internacional de armas e drogas, aliciamento de pessoas, desvio de dinheiro e cafetinagem são apenas alguns da extensa lista.

Os três foram assassinados com um tiro direto no coração, mas também possuíam sinais de agressão física e tortura. E, é claro, a marca do corvo feita com alguma lâmina afiada.

O responsável pelos ataques é mais que um executor, é um sádico, que sente prazer na crueldade.

Depois do que Riley me disse hoje mais cedo, passei o resto da tarde em meu quarto me aprofundando em tudo o que existe na internet sobre os Corvos. Infelizmente, só encontrei reportagens recentes sobre os crimes que vêm ocorrendo desde o ano passado. Nada sobre o que Riley me disse. Nada sobre uma antiga e misteriosa sociedade secreta poderosa.

A marca na mão esquerda das vítimas deixa é um indício claro. Acham que é uma assinatura, algo comum quando se trata de assassinos em série. Mas, se o que Riley disse for real, talvez haja mais por trás dela.

Quem sabe um aviso.

Considerando o padrão entre as demais vítimas, a morte de William Deacon não se encaixa entre elas. Para começar, ele não é jovem. Também não foi morto com um tiro, nem teve seus segredos expostos publicamente.

Ava também não foi. Ela morreu sufocada com os gases tóxicos do incêndio, mas não consigo deixar de pensar na possibilidade de ter sido mais do que intencional. Talvez o incêndio tenha sido para ela, no fim das contas. Para

calá-la.

— Querida? — A voz do meu pai me desperta dos devaneios, e pisco, voltando à realidade.

— Sim? — respondo após limpar a garganta.

— Estava comentando como tenho sorte de você ter voltado para cá, apesar do caos que assola Millsdale.

Eu quis voltar para casa, mas estaria mentindo se dissesse que meu pai não fez uma grande pressão para me influenciar na decisão. Ele parecia até mesmo disposto a barganhar para me convencer. Não que houvesse qualquer coisa que eu gostaria de pedir a ele além de um pouco de folga de toda a sua superproteção.

— Ficamos felizes com seu retorno — o prefeito emenda, agora me olhando diretamente. — Principalmente, meu filho.

Os três riem, mas eu me limito a um sorriso. É estranho ser lembrada que namoro o filho do prefeito.

Em Paris, James não era nada além de um rapaz muito bonito, bem-educado, charmoso e gentil. Não me importava com seu dinheiro ou sua origem. Ele me fazia sentir bem, e naquela época isso era tudo o que importava. Agora não sei mais se isso é o suficiente. Embora sejamos do mesmo círculo social em Rotherdam, não sei se pertencemos ao mesmo mundo.

James ama esse universo e se encaixa perfeitamente bem nele. Já eu, não sei se um dia vou realmente gostar da ideia de ser como essas pessoas aqui. Afinal, são as mesmas pessoas que trataram minha mãe feito lixo assim que ela adoeceu. Praticamente se tornou uma pária em Rotherdam por algo que nem mesmo estava sob o controle dela.

Acredito que a alta sociedade de Millsdale odeia qualquer um que não cumpra o papel esperado dela.

— Millsdale sempre será minha casa — solto uma resposta pronta, esperando que seja o suficiente.

Acho difícil que o meu ressentimento se dissolva em algum momento. Não consigo ignorar todos os desaforos que minha mãe teve de aguentar dessas pessoas.

Ela tem Alzheimer precoce e está internada numa clínica especializada em Paris pelo meu pai desde que comecei a estudar no Instituto Valiant. Ele a mandou para bem longe de propósito. Depois que minha mãe começou a ter lapsos de memória com frequência, as crises pioraram progressivamente até a tornarem perigosa para si e para os outros. Mason a levou para longe para a própria segurança dela.

Só descobri o que tinha acontecido na íntegra quando fui para Paris e

minha avó me contou como todos aqui em Millsdale tratavam minha mãe mal apenas por ela não ser da dinastia certa, como o resto da alta sociedade de Rotherdam. Diziam que era inapropriada.

Me pergunto se pensam o mesmo de mim. Afinal, por fora, falam que sou idêntica à Theresa. Mesmos cabelos vermelhos flamejantes, estatura alta e esguia, e olhos azul-ciano. Mas, por dentro, tenho a personalidade de um Kestrel.

Acho que tenho o cérebro lógico e pragmático do meu pai, mas ainda não cheguei à conclusão se isso é algo bom ou ruim. Devo ter herdado dele meus ideais de certo e errado. *De justiça.* E é por isso que quero seguir com a tradição e me tornar uma juíza no futuro. Quero fazer algo por esta cidade além de ser apenas uma parasita endinheirada, como muitos aqui.

Dou um sorriso educado para os homens antes de me virar de volta ao meu pai.

— Você tem um minuto? — peço, e, após um segundo de hesitação, ele anui com a cabeça e me segue para o outro lado da sala.

— Sim, querida?

Respiro fundo, reunindo coragem para jogar mais uma bomba em seu colo. Nós dois estamos nos desentendendo tanto nos últimos dias que até cogito desistir da conversa, apenas para agradá-lo. Mas não posso ser covarde agora. Já sou bem grandinha, posso tomar minhas próprias decisões.

— Vou me mudar para o campus da Wilrose esta semana. O prazo está acabando e...

— O quê? — a voz descontente de Mason me interrompe.

E lá vamos nós...

— Pai, eu já tinha dito que pretendia me mudar para mais perto do campus. Não posso ficar cruzando a ponte todos os dias só para ir às aulas.

Uso o argumento prático, porque sei que será o caminho mais seguro para convencê-lo. O trajeto da casa do meu pai até o campus da Wilrose leva quase quarenta minutos, considerando um tráfego favorável. E como meu pai não gosta da ideia de eu ir até East End de metrô, a melhor saída é me mudar para o campus. Além de que, finalmente, vou conseguir um pouco de independência. Em Paris, minha avó Martha vivia de olho em mim. Sem falar nos seguranças, dos quais não me livrei quando voltei pra cá.

— Pensei que ao menos ia esperar um pouco e procurar com calma algum apartamento decente e seguro antes de morar naquele... *lugar*.

Me contenho para não revirar os olhos.

Tudo isso porque Wilrose se localiza no distrito de East End, o mais antigo e também o mais perigoso. É o lado da cidade do qual pessoas como meu

pai e seus amigos nem chegam perto. Dizem que lá é o recanto dos criminosos perversos de Millsdale, que é repleto de violência e tráfico de drogas. Isso sem falar na presença da máfia russa.

Ainda assim, a superproteção do meu pai me irrita. Tem sido o maior problema entre nós há anos. Já ouvi centenas de vezes seu discurso sobre como sua profissão é perigosa, como acumulou diversos inimigos apenas por desafiar os criminosos da região. Eu realmente entendo. Tentaram matá-lo duas vezes nos últimos oito anos, e, se não fosse por sua preocupação com nossa segurança, eu poderia não ter mais um pai à essa altura.

Entendo a necessidade dos carros blindados, das câmeras de segurança e dos brutamontes armados que cercam o perímetro da nossa casa, mas não posso viver assim. Tenho vinte e dois anos e preciso começar a viver de verdade, sem sentir que estou sendo sufocada, observada e reprimida a todo momento.

— Vou morar no campus. O alojamento estudantil é decente — insisto, mas ele sacode a mão, dispensando meu argumento.

— Mas não é seguro.

— Pai, eu *preciso* fazer isso — friso, olhando direto em seus olhos cinzentos emoldurados por rugas sutis da meia-idade. — Sei que não concorda, mas tem que respeitar minha decisão.

Mason suspira e massageia as têmporas.

— Por favor, querida, não vou ficar em paz com você perto de East End enquanto esses assassinatos estiverem acontecendo.

— Um deles aconteceu bem aqui em Rotherdam, num lugar tão seguro quanto a sua casa — argumento. — Não acho que exista qualquer segurança nesta cidade agora.

Se foram capaz de matar o homem mais poderoso da cidade em sua fortaleza, qualquer coisa é possível.

— Ao menos prometa que, se encontrarmos um bom apartamento em East End você se mudará do campus. — Crispo o nariz, prestes a recusar, mas ele se adianta: — Só quero garantir sua proteção, Sloan.

Suspiro em derrota e deixo meus ombros caírem.

— Tudo bem.

O alívio suaviza a consternação evidente nos traços dele, e ele meneia a cabeça, assentindo com um leve sorriso.

— Ótimo. — Ele se inclina para depositar um beijo carinhoso em minha testa. — Tenho que voltar. Conversamos depois.

Antes que eu possa anuir, ele já se mandou na direção de seus amigos importantes.

Passo as mãos pelos braços expostos pelo vestido preto e polido que

estou usando. Minha pele pálida está mais gelada do que o normal. Talvez tenha a ver com o ar pesado que sempre pairou sobre esta casa.

Olho ao redor da sala, procurando James. Não me surpreendo ao encontrá-lo ao lado de Soren, concentrado em dar atenção ao amigo.

— Hey! — A voz de Bash soa ao mesmo tempo que ele surge ao meu lado. — Você parece péssima. Anda lamentando pelo Deacon?

Me seguro para não rir de seu tom irônico. Meu meio-irmão é feito de puro sarcasmo e não se contém nem mesmo em situações em que isso é inapropriado, como agora.

— Hoje não — respondo, e ele revira os olhos teatralmente. Sebastian nunca foi fã dos Deacon, especialmente do falecido, para quem sua mãe, minha madrasta, trabalhou por um tempo. — Só acabei de discutir com meu pai, pra variar.

— Deixa eu adivinhar, ele ainda tá tentando te fazer mudar de ideia sobre East End?

— Sempre.

— Precisa parar de ceder um pouco toda vez, Sloan, senão ele nunca vai te deixar em paz.

Dou mais um suspiro, passando as mãos pelos cabelos.

Bash não costuma agir de acordo com a expectativa dos outros. Seu pai foi embora há muito tempo, e sua mãe é um dos peixes grandes no mundo da advocacia criminal, mas essa nunca foi a praia dele. Na mesma época que Jocelyn casou com meu pai, um pouco depois de ter me mudado para Paris, Sebastian foi mochilar na América do Sul e só voltou há uns meses, mas já avisou que vai partir em breve.

Ele sempre sonhou em viajar o mundo em vez de tentar suprir às expectativas de sua mãe, trabalhando todo engravatado em um escritório. Isso deixa Jocelyn louca da vida, mas também não pode fazer nada para impedi-lo.

Quem sabe por isso ele não entenda por que tento evitar, a todo custo, qualquer conflito com meu pai. Fazer o que esperam de mim nunca foi um grande sacrifício. É mais fácil assim. *Ou costumava ser.* As coisas saíram um pouco de perspectiva depois do que aconteceu há oito anos.

— Não vou mudar de ideia sobre East End, só estou tentando tornar isso mais fácil pra ele.

— Sloan Kestrel continua sendo a boa garota... — cantarola Bash, observando as pessoas espalhadas na mansão. Reviro os olhos. — Ele tem expectativa demais sobre você.

É, ele tem.

Observo Bash por um instante.

Meu meio-irmão tem cabelos encaracolados e castanhos, pele branca, com um leve subtom de oliva, e olhos amendoados. Embora nunca tenhamos convivido por muito tempo, nos aproximamos quando as coisas ficaram sérias entre Mason e Jocelyn— logo um pouco depois que minha mãe foi internada. Ele me ajudou a passar pelo luto e, assim como Astor, tornou minha vida mais suportável.

Serei eternamente grata a eles por isso, mesmo que Bash nem sempre me entenda.

Quando um homem loiro passa por nós, direcionando um olhar nada indiscreto de asco e desgosto, semicerro os olhos para observá-lo. Eu os arregalo quando vejo a longa e curvada cicatriz em sua bochecha, o rasgo começa na têmpora e vai até o canto da boca.

É assim que reconheço Troye Nichols, um dos integrantes da antiga tríade comandada por Soren Deacon e filho da ex-diretora do Instituto Valiant. Nichols, junto dos gêmeos Donovan, eram os praticamente os servos fiéis de Deacon. O grupo era o mais famoso do internato. Tocavam o terror por onde passavam, ameaçando bolsistas e dando trotes nos calouros. Tenho memórias ruins envolvendo todos eles, especialmente no último Halloween antes do incêndio.

Meu corpo chega a congelar com a lembrança, e engulo em seco com alívio quando ele desvia sua atenção para longe de mim.

— Os babacas do círculo íntimo de Deacon, pelo jeito, ainda vivem em Millsdale — observo em voz alta.

— Nichols é o que tem o pior histórico — Bash analisa. — Não faz nem questão de esconder que é podre. Existe uma lista longa de crimes e imoralidades atreladas ao nome dele. Se fosse qualquer outro, já estaria preso. Você sabe como as coisas funcionam por aqui.

Suspiro.

E dessa impunidade nos distritos altos de Millsdale, não senti nenhuma falta.

— Vou dar uma volta — aviso. — Essa casa tá me sufocando.

Ele apenas anui com a cabeça antes que eu me distancie.



A mansão dos Deacon faz jus a essa denominação. É enorme. Alguém desatento é capaz de se perder por aqui.

Depois de percorrer o jardim, volto para o interior da casa e ando pelos

corredores. A decoração é simples mas elegante, sem nada muito pessoal. É como se a família não vivesse realmente aqui. Não há retratos nem nada fora do lugar. Tudo é milimetricamente perfeito e arrumado.

Como se fosse uma cena montada.

Os convidados se encontram reunidos na sala principal, o que me dá privacidade para explorar e, admito, *bisbilhotar*. Essa família sempre me despertou certa curiosidade, quase tanto quanto a que eu costumava nutrir por Harkness. Mas Soren, ao contrário de Callan, é um livro aberto desde muito novo. Ele não faz questão de esconder sua crueldade. Na verdade, sempre gostou de colocá-la em prática na época da escola.

Tive o desprazer de estudar no mesmo internato que as duas pessoas que mais detesto: Callan e Soren. Naquela época, o que detestava em Deacon era seu complexo de superioridade ao tratar as outras pessoas, principalmente bolsistas como Ava. Ele chamava de trote, mas todos sabiam que era bullying.

Algumas vezes ia bem além disso. Sofri isso na pele. Ele é mau, mas ninguém parece ver isso.

Especialmente meu namorado.

Há uma porta aberta no final do longo corredor que atravessa o piso térreo da mansão. Leva ao que parece ser uma biblioteca particular, onde há algumas estantes de livros, uma mesa de xadrez e um piano de cauda.

Não consigo me segurar e me aproximo do grande e imponente instrumento. Ele é branco e não parece empoeirado. Não me atrevo a pressionar as teclas, mas sei que, se o fizesse, ouviria o som desafinado de um piano que provavelmente não é tocado há um bom tempo.

Que desperdício.

Dou um pequeno sorriso enquanto o observo e me lembro de quando costumava tocar assiduamente, durante a adolescência. Aqueles eram os momentos em que mais me sentia conectada com a minha mãe. Ela foi uma grande pianista um dia.

Sua música ainda tem o poder de me acalmar e quase consigo ouvi-la neste momento, tão suave e, ao mesmo tempo, impactante.

Me esforço para puxar na memória a última vez que vi Theresa Kestrel tocar. Está se tornando cada vez mais difícil recordar quem ela era antes da doença. Tenho medo que um dia as lembranças se esvaiam completamente e tudo o que reste da minha mãe seja um fantasma. Uma mulher que não reconhece a própria filha e não faz ideia de como tocar um piano.

Movo os dedos no ar, concentrada, como se estivesse tocando minha música preferida dela, mas a distração não dura muito.

— Velhos hábitos nunca mudam, huh?

— Porra! — grito.

Me viro num pulo, colocando a mão no peito assim que meu coração dispara com o susto.

Não sei como não o ouvi entrar na sala, mas Callan Harkness está parado a apenas alguns passos de distância. Seus olhos sobem da minha mão até meus olhos, e preciso engolir em seco a reação que ele causa em mim. Me seguro para não correr dele feito uma criancinha.

Ele sorri, inclinando a cabeça para me analisar.

Callan está bonito em seu terno preto e seu cabelo alinhado. Se parece exatamente com o menino rico, desprezível e com complexo de Deus que sempre achei que fosse.

— Praguejando em um funeral, Kestrel? Que vergonha. Não te ensinaram a respeitar os mortos? — Ele se aproxima com passos ameaçadores até estar a apenas um toque de distância. Há uma hostilidade perigosa e refinada na maneira como ele se porta. — Uma garota tão perfeitamente educada como você...

Minha pele se arrepia ao mesmo tempo que gela com um calafrio quando Callan levanta uma das mãos e aproxima a ponta dos dedos da minha bochecha. Antes que encoste na minha pele, me movo para trás.

— Não toque em mim — rosno, entredentes.

— Engraçado. — Callan franze o cenho. — Houve um tempo em que você teria me implorado o contrário. — Balanço a cabeça, incrédula. Não posso continuar aqui. Tento passar por ele, desesperada para ir embora, mas Harkness desliza para o lado e se coloca no meu caminho. — Você está bem? Da última vez que te vi, estava pálida como se tivesse visto um fantasma.

O tom de ironia em sua voz me faz cruzar os braços.

— Fantasmas estão mortos. Já você, infelizmente, me parece bem vivo.

— Para o seu infortúnio — ele se inclina na minha direção para soprar as palavras, fazendo com que o aroma de seu perfume me envolva.

Merda.

De repente, lembro como ele era na adolescência. Antes de tudo, eu o achava um pouco cativante. Callan costumava ser quieto e soturno, levemente sombrio. Sua história era um mistério, e sua beleza despertava o fascínio de todos ao seu redor.

Sim, houve momentos em que eu quis que ele me tocasse. Mas eu costumava ser uma adolescente tola, não enxergava o demônio por trás de seus olhos.

Descobri da pior forma por que todos diziam para ficar longe dele.

Tento passar por ele novamente, mas Callan continua a me bloquear.

— Saia do meu caminho.

— Ou o quê? — ele me desafia. — Vai tentar colocar fogo na minha casa de novo?

Cerro a mandíbula com a menção deste episódio. Foi no dia seguinte ao funeral de Ava, quando passei de um estágio do luto para o outro. Da negação para a raiva, quando percebi que não foi apenas um acidente que matou a minha amiga.

Então eu o puni. Ou, ao menos, tentei.

Meu pai e Bash me encontraram, e Callan conseguiu apagar o fogo antes que se tornasse um incêndio. Acho que esse foi o estopim para Mason de me mandar morar com a minha avó. Callan e seu tio não prestaram queixa à polícia pelo meu descontrole, e tudo pareceu apenas um acidente.

— Não sou mais a garotinha assustada de oito anos atrás, Callan — rebato, sem deixá-lo me atingir. — Eu não falharia desta vez.

Seu escrutínio permanece fixo em meus olhos, tão intensamente que quase me faz retirar o que eu disse. Mas então ele desce o olhar pelo meu rosto, estudando cada microexpressão em minha face antes de focar na minha boca.

— Talvez — admite. — Mas ainda tem medo de mim. Consigo te ler facilmente, lembra?

Dessa vez, sou eu quem dá risada.

Callan pensa que me lê. Sua arrogância nunca o permitiu cogitar que talvez ele não saiba tudo. Ainda está acostumado com a antiga Sloan, que caía facilmente em seus joguinhos. Harkness conseguia, sem muito esforço, tirar qualquer reação que ele queria de mim. Medo, fúria, fascínio...

Mas não mais. Se deixar suas palavras me afetar, vou dar exatamente o que ele deseja, assim ele ganha. A única maneira de derrotá-lo é agir como ele: racionalmente. Com a mesma frieza que o torna tão vil.

Ele nem se importou com a morte de Ava. E por que se importaria? Ele é um monstro sem sentimentos. Dentro dele há apenas um abismo escuro e gelado.

No dia do funeral dela, ele foi visto num bar, bebendo e curtindo como se fosse uma sexta-feira qualquer. Ninguém normal, com um coração quente e pulsante no peito, é capaz de tamanho desprendimento.

Mas, em primeiro lugar, ninguém normal tem a coragem de iniciar um incêndio intencionalmente.

— Acho que está confundindo repulsa com medo. — Harkness dá risada, inclinando a cabeça para trás de forma teatral como se eu fosse uma piada. — Não vai rir por muito tempo. Pessoas como você sempre caem, mais cedo ou mais tarde.

— Eu não contaria com isso, anjo.

Tento não me retorcer ao ouvir o velho apelido. Callan é especialista em fazer os outros odiá-lo. Ele sabe como despertar o pior nas pessoas. Especialmente em mim.

O pior é que ele está certo. Para todos em Millsdale, o incêndio no Instituto Valiant foi uma tragédia decorrente de um problema na fiação antiga do prédio. Por isso a polícia não levou adiante a investigação.

— Não sabemos o que o futuro reserva. Talvez eu mesma acabe com você.

Estou jogando palavras ao vento. Por mais que eu deseje muito derrubar Callan Harkness do pedestal em que ele cresceu, não tenho ideia de como fazer isso. Ele não é mais apenas um herdeiro rebelde. É o dono de uma grande fortuna, o que lhe confere muito mais poder do que aquele que eu seria tola de achar que tenho.

Além disso, há um perigo muito maior do que ele aqui. Descobrir tudo o que eu puder sobre os Corvos é minha prioridade. E, enquanto eu não souber por que Ava andava atrás deles, Callan será apenas um terrível incômodo que preciso ignorar.

Preciso engolir em seco o ódio e revolta, e agir com o cérebro em vez do coração.

— Eu adoraria te ver tentar — responde ele, tranquilo. — Você sempre soube dar um belo show. Me impressione.

Ah, eu vou!

No momento certo, eu vou. Eu o farei engolir esse tom arrogante. Farei justiça por Ava e Alicia Gallagher. Farei justiça pela minha parte que também queimou naquele internato.

Como se eu simplesmente não valesse nem mais um segundo do seu tempo, Harkness me dá as costas e vai embora. Com a mesma expressão fria e impessoal que tenho certeza que ele tinha quando colocou fogo na biblioteca de uma escola. Fogo este que matou uma garota.

Uma pena para Callan que não foi a garota que ele queria que morresse.

04

SLOAN

Passado

E eu nunca amei uma tristeza tão intensa
Como essa que habita em você
Própria de você
Better Love — Hozier

— ELAS SÃO TÃO PATÉTICAS. — A voz indignada de Ava me faz levantar os olhos do roteiro em minhas mãos. — Seguem ele feito cachorrinhos.

Minha amiga está com o ombro encostado contra o armário ao lado do meu, de braços cruzados e rosto virado. Acompanho seu olhar em direção ao outro lado do corredor.

Não é difícil encontrar seu alvo. Principalmente porque Ava não é a única encarando Callan Harkness sem nenhuma discrição. Em sua defesa, é difícil *não encarar*. Callan circula pelo corredor de armários sem olhar de volta para ninguém. Mantém os olhos à frente, embora haja um grupo de garotas na cola dele, tentando chamar sua atenção.

— Ele não parece se importar.

Tento voltar a fazer o que realmente importa: ler o roteiro da minha peça de teatro. Os ensaios começam nesta semana, e ainda não decorei nem uma fala. Na verdade, ainda não entendi muito bem minha personagem, o que torna a outra tarefa mais complicada. Ainda assim, é como se uma força poderosa e invisível atraísse meus olhos para Callan. Não consigo tirar meus olhos dele.

— É porque ele não dá a mínima pra nada — Ava argumenta, torcendo o nariz em desgosto. — Notou o rosto dele?

Acho impossível qualquer um não ter notado o olho roxo que Callan está ostentando. E não é apenas isso. O canto de seu lábio inferior parece cortado e inchado, e há um curativo em seu supercílio. Alguém lhe deu uma bela surra.

Estou prestes a dizer isso a Ava quando Callan passa por nós, fazendo minha boca se fechar novamente. Não que ele já não saiba que todos aqui andam cochichando sobre ele, mas não quero chamar sua atenção.

E, no entanto, chamo mesmo assim.

Sua cabeça, que se manteve reta desde que ele entrou no prédio do Instituto Valiant, se vira um centímetro para o lado. É pouco, mas o suficiente

para que seu olhar recaia sobre mim, fazendo cada parte do meu corpo se arrepiar.

Não me lembro de Callan Harkness já ter olhado para mim alguma vez desde que começamos a estudar no mesmo internato, no início do ano, mas agora agradeço por isso. Não sei se aguentaria ter esses olhos em mim com frequência. O poder deles é simplesmente devastador. São frios e selvagens como os de um lobo.

Acho que entendo por que aquelas garotas o seguem como se estivessem hipnotizadas. Leva apenas um segundo para que Callan desvie o olhar para longe de mim, mas parece passar em câmera lenta. E, durante este segundo interminável em que nossos olhares estavam conectados, fiquei sem ar.

Seu rosto é lindo, embora esteja uma bagunça de cortes e hematomas. Anda com a mochila pendurada por apenas uma alça no ombro. Ele não está usando o blazer que compõe o uniforme da escola. Está apenas com a camisa branca por fora da calça. Os primeiros botões encontram-se abertos, e a gravata com listras das cores da escola — preto e vermelho — frouxa no colarinho.

A forma como se veste é apenas mais um indicativo de que ele não dá a mínima para as regras. Por que daria? Ele é Callan Harkness. Herdeiro de um império que criou literalmente um mercado de segredos nesta cidade. A empresa de sua família, a Atlas, é referência em inteligência e segurança de dados. Ou seja: ele provavelmente sabe tudo o que os outros não querem que seja conhecido ou público.

Isso lhe dá um poder sedutor. Assim como a crueldade que seus olhos carregam e a forma que anda pelos corredores da escola, dando a impressão de que tudo ao seu redor não passa de um mero aborrecimento. É o que mantém essas garotas reféns. Agradeço por não ser uma delas, porque Callan é o tipo de cara que destrói tudo por onde passa.

Ele é uma tragédia anunciada.

Só consigo voltar a respirar quando ele passa por mim, sumindo no fim do corredor.

— Fecha a boca, Sloan, ou vai acabar babando — Ava provoca e volto a fitá-la.

Seus cabelos escuros estão presos num coque no topo da cabeça, mas algumas mechas nas laterais se soltaram, emoldurando seu rosto delicado em formato de coração.

— Engraçadinha — retruco, revirando os olhos. — Acha que aquilo foi por causa da suspensão?

— Com certeza. Dizem que o tio dele é violento.

Faço uma careta só de imaginar.

Os pais de Callan foram assassinados há anos, o deixando órfão. Ele vive com o tio desde então. Não é a primeira vez que aparece na escola parecendo que foi espancado, mas agora tudo faz sentido. Ele deve apanhar do tio.

— Que coisa horrível!

— Ao menos é só com isso que ele tem que se preocupar — Ava observa, sem querer dar o braço a torcer em favor de Callan. Ela odeia a maioria das pessoas aqui. Diz que todos são riquinhos mimados e arrogantes, acostumados a ter tudo o que querem. Bem, ela não está errada. — Ele se safa de todo o resto.

E ela também não está errada quanto a isso.

Este é o motivo principal pelo qual todos estão encarando Callan hoje: porque ele retornou de uma semana de suspensão, após ter colocado fogo no laboratório de química para pregar uma peça no professor. O sr. Harris se demitiu porque esta foi a punição de Harkness em vez da expulsão. Mesmo assim, o diretor não podia expulsá-lo, assim como não pode expulsar nenhum aluno daqui — com exceção, talvez, dos bolsistas.

Não é como as coisas deveriam ser, mas é como são. Dinheiro compra qualquer coisa, mesmo que Callan tenha colocado a vida de todos aqui em risco. O fogo podia ter se espalhado, já que o laboratório é repleto de reagentes inflamáveis. Podia ter se tornado um incêndio de grandes proporções e matado alguém.

A diretora tentou nos convencer que foi um acidente, mas no fundo sabemos que não foi. Simples acidentes não acontecem em torno de Callan.

— Vamos fugir para ir ao cinema esta noite? — Ava sugere, me fazendo rir de sua habilidade em mudar de assunto de uma hora para outra.

— Não posso, preciso decorar as falas da peça.

— Você vai ter o fim de semana inteiro para isso — argumenta, me lembrando que ficarei sozinha na escola mais uma vez a partir de amanhã. — Droga... por que tenho uma nerd como melhor amiga?

— Porque você precisa de alguém pra fazer seus trabalhos de inglês.

— É verdade.

Nós duas rimos.

Acho que já teria enlouquecido neste internato se não fosse por Ava. Ela é meu exato oposto, mas nós duas funcionamos de alguma forma. Nos conectamos assim que nos vimos pela primeira vez.

— Tenho algo aqui que pode te ajudar — diz ela, se virando para abrir seu armário. Ela tira de lá um exemplar surrado de *O Fantasma da Ópera* e o estende para mim. — Fiz um milhão de anotações pra você.

Dou um sorriso empolgado e apanho o livro, folheando as páginas apenas

para confirmar que ela está falando a verdade. As folhas estão cheias dos rabiscos de Ava. Ela deve ter relido esse livro umas mil vezes e não hesitou em fazê-lo mais uma vez, só para me ajudar a me aprofundar no papel de Christine.

Já participei de peças menores e de festivais de teatro, mas nada tão grande quando a protagonista de *O Fantasma da Ópera*. Encenar a peça no primeiro dia de inverno é uma tradição no Instituto Valiant. Todos os holofotes ficam na Christine da temporada.

É uma grande honra e também uma responsabilidade.

— Obrigada, Ava. — Eu a puxo para um abraço. — Isso é muito importante pra mim.

— Eu sei, você vai arrasar.

É o que eu espero.

O semblante de Ava muda quando nos distanciamos e reconheço a expressão pensativa que toma seu rosto. É a expressão que ela faz quando está tendo ideias. Na maioria das vezes, *péssimas ideias*.

— Você já notou que há uma seção restrita na biblioteca? — diz, como quem não quer nada. — Fica no fundo do segundo andar.

Franzo as sobrancelhas.

— Não tinha notado, por quê?

— Nada, só fico imaginando os livros que devem guardar lá.

— Bem, com certeza não são livros que deveríamos ter acesso, ou não seriam restritos.

— E por que essa escola tem que decidir o que devemos ou não ler? — rebate, ficando irritada.

Suspiro.

— Porque é uma escola, Ava.

— *Duh*. — Ela rola os olhos. — Você não fica nem um pouquinho curiosa pra saber o que tem lá?

— Se tenho curiosidade em saber como é ficar de detenção até à formatura? Não.

Minha amiga bufa. Ela costuma me zoar por ser a garota boazinha, mas não tenho o mesmo interesse que ela em quebrar regras. Ao menos, não em coisas tão arriscadas.

Ava acaba deixando o assunto de lado, e caminhamos para a próxima aula enquanto conversamos sobre outras coisas. Fico feliz por ela ter desistido daquela ideia antes que arranjasse problema. Ava não tem o privilégio de poder levar suspensões ou detenções. É bolsista, portanto, assim que for pega desobedecendo o livro de normas da escola, será expulsa na mesma hora.



Me encolho no assento sob a janela da imensa biblioteca do Instituto Valiant enquanto me forço a me concentrar nas palavras do livro de Ava. O silêncio absoluto que recai sobre essa escola está me desconcentrando a tarde toda. E, para piorar, não consegui dormir no horário do toque de recolher.

Então, escapei do quarto. E aqui estou, na biblioteca no meio da madrugada, violando umas dez regras do internato, para fugir para uma ala vazia e ainda mais silenciosa que a dos dormitórios. Pensei que ler um pouco ia me distrair, mas até agora nada.

Os fins de semana são sempre assim. *Sombrios e solitários.*

Isso porque todos os outros alunos vão para suas próprias casas, passar o tempo com as famílias. Não são muitos aqueles que são obrigados a permanecer na escola nesses dias também. Eu faço parte dessa pequena parcela, infelizmente. Sei que não é pelo egoísmo dos meus pais. Minha mãe está na França, numa clínica especializada em pacientes com Alzheimer, e meu pai vive sempre trabalhando.

Os dois não são mais um casal há algum tempo. Acho que desde o início do ano passado. Notei como se afastaram antes mesmo de ela adoecer.

Percebi que minha mãe não estava bem quando ela simplesmente se esqueceu de como tocar piano. Ela costumava fazer isso de olhos fechados, então foi um alerta quando passou a não conseguir mais. Prefiro ser otimista e acreditar que ela pode melhorar, mas às vezes é muito difícil. Especialmente nas noites em que fico sozinha neste lugar. O prédio é grande e antigo, cheio de corredores escuros e quadros de pinturas góticas nada reconfortantes.

A verdade é que tenho um pouco de medo daqui.

Às vezes, no meio da madrugada, escuto passos nos corredores da ala de dormitórios femininos. Sei que não são os guardas, porque eles não costumam fazer ronda nos fins de semana e a inspetora Trudy não acha que precisa nos vigiar. As únicas meninas que ficam aqui sou eu e Julia, uma garota mirrada e silenciosa que só sai de seu quarto para ir às aulas, então a inspetora não fica no nosso pé. Ela confia em nós, *em mim*, para não quebrar as regras, então vai para a ala dos funcionários logo depois do toque de recolher.

Eu realmente costumo seguir as regras, mas tem ficado cada vez mais difícil passar essas noites sozinha no Instituto.

Suspiro e desisto de ler pela décima vez a mesma página. Estou considerando voltar ao meu quarto e me obrigar a dormir quando o silêncio sepulcral é quebrado por uma melodia distante e suave. Franzo o cenho,

apontando a lanterna para o outro lado da biblioteca, em busca da origem do som. Só que é tão baixinho que poderia ser fruto da minha imaginação.

No entanto, sei que é real e tenho quase certeza que vem do piano na sala de música ao fim do corredor.

Quem diabos estaria tocando no meio da madrugada?

A curiosidade vence meu bom senso, me fazendo fechar o livro e ir até a porta. A abro com cuidado e ilumino o corredor lá fora apenas para ter certeza de que não tem ninguém, então saio.

O chão está gelado sob meus pés descalços e algumas tábuas de madeira rangem conforme ando lentamente pelo corredor, evitando fazer qualquer barulho. Me guio pela melodia, que fica cada vez mais alta ao me aproximar da porta da sala de música, e aponto o feixe de luz da lanterna para frente.

Não sei o que vou encontrar e nem se *deveria* encontrar. Se a inspetora Trudy tiver, de alguma forma, ouvido o som, então já deve estar a caminho para checar. Minha curiosidade vai acabar me custando uma suspensão e deixando meu pai louco.

Vou apenas espiar para ver quem está tocando tão lindamente e depois vou correr de volta para a ala feminina. Me convenço disso quando abro a porta que leva até o mezanino da sala de música. Seguro o livro de Ava com força contra o peito, como se fosse algum tipo de escudo.

Aqui dentro também está escuro, mas não tanto, já que as luzes alaranjadas e bruxuleantes refletidas na parede são um indicativo de que, seja lá quem está aqui, acendeu a lareira no andar de baixo.

A música é alta e mais bonita do que eu imaginava. Não há muita coisa no mezanino além de estantes com partituras e outros instrumentos como cello e violino. O piano se encontra lá embaixo, só vou conseguir vê-lo se me aproximar do parapeito de madeira alguns metros à frente.

Dou mais alguns passos e desligo a lanterna para não ser notada. Quando enfim chego à beirada e olho lá para baixo, perco o fôlego.

Callan está sentado no piano, suas mãos se movendo com fluidez conforme os dedos afundam nas teclas. Não conheço a música que ele toca, mas é calma e suave, o tipo de música que costumo tocar neste piano também. Nunca vi ninguém além de mim o tocando. Tento praticar com frequência, como minha mãe ensinou, mas é difícil sem ela para me instruir.

Droga, como eu sinto falta dela.

Coloco o livro e a lanterna numa mesinha próxima, e seguro no batente, sem tirar os olhos da figura de Callan. Com os cabelos bagunçados, ele parece totalmente absorto na música. É lindo de se ver. Não sabia que era tão talentoso — ou que possuía a sensibilidade necessária para tocar dessa forma, com tanta

alma.

Movo os dedos no ar, dedilhando notas idênticas as dele, como se estivéssemos tocando juntos, em sintonia, e quase me deixo levar pelo momento.

Até que a música para de repente e outra começa. Uma que eu reconheço no mesmo instante.

The Phantom of The Opera, o tema principal e tão emblemático do musical, que é tocada no momento em que o Fantasma guia Christine para o submundo onde vive. Me arrepio inteira, meus olhos vidrados na maneira intensa e quase brutal com que Callan toca. Mas então finalmente percebo o motivo de ele ter escolhido essa música em específico.

Ele sabe que estou aqui.

Antes que eu possa me esconder, Callan levanta o rosto e seus olhos me encontram, me paralisando no lugar. Sinto meu corpo inteiro gelar, mas não me movo. Não até ele parar a música, me obrigando a engolir em seco.

— Apreciando a vista? — pergunta com sarcasmo, sua voz rouca e severa demais para um adolescente de dezessete anos. Não há sinal de humor em seu rosto. Seus olhos são frios e impenetráveis como rocha. — Desça, eu não mordo.

Não foi um pedido. Na verdade, não sei se Callan Harkness já pediu algo para alguém. Apenas dá ordens e espera que os outros obedeçam. Por causa disso, tenho vontade de teimar e lhe dar as costas, só para desafiá-lo. Avalio os prós e contras de fazer isso.

Dou um passo para trás, prestes a apanhar o livro e a lanterna, e dar o fora daqui o mais rápido possível. Mas então avalio melhor. E se minha fuga covarde for o pontapé inicial para Callan começar a me perseguir como Soren faz com Ava?

Os dois estão no último ano, enquanto minha amiga e eu somos calouras. Eles acham que têm algum tipo de poder por serem veteranos. É por isso que Deacon infernizа Ava de todas as formas possíveis. Ele a fez chorar na semana passada, após humilhá-la na aula de educação física.

Nunca vi Harkness agindo da mesma forma. Diferentemente de Deacon, ele fica na dele, observando tudo como um predador silencioso. Na verdade, os dois possuem uma rivalidade que não entendo.

Soren está sempre acompanhado de seus fiéis escudeiros: Troye Nichols e os gêmeos Donovan. Nós os chamamos de “A Tríade do Deacon”. Junto de seu líder, o grupo anda por aí fazendo trote com os calouros e perseguindo bolsistas. Um bando de vermes.

Depois de alguns minutos avaliando minha situação, chego à conclusão de que enfrentar é melhor do que fugir. *Sempre*. Não importa o que isso me

custe, meus pais me ensinaram a não ser uma fujona.

Engulo em seco e me distancio da balaustrada apenas para seguir na direção das escadas. Desço um degrau de cada vez sob o escrutínio de Callan. Ele continua parado perto do piano, as mãos nos bolsos da calça preta e larga. Seus olhos me acompanham ao passo que me aproximo, sem saber o que fazer.

Sua presença é sufocante e opressiva. Quase me encolho diante de sua figura. Seus olhos me analisam minuciosamente, como se estivesse procurando algo.

— O que faz acordada? — pergunta, ou melhor, exige.

Levanto uma sobrancelha.

— O que *você* faz aqui? — devolvo, fazendo o canto de sua boca se repuxar num sorriso.

— Tenho dificuldade para dormir.

— Eu também.

— É por isso que passa as noites na biblioteca?

Arregalo os olhos, pega desprevenida.

— Como sabe disso?

— Eu presto atenção. — Callan dá de ombros, mas o sorriso não desapareceu totalmente do seu rosto. — Também sei que você é uma excelente pianista.

Abro a boca, sem palavras.

— Como você...

— Às vezes, te escuto no meio da madrugada, tocando este piano velho e cantando como um pássaro solitário — diz, estreitando os olhos em minha direção com curiosidade. — Se serve de consolo, também não volto para casa aos fins de semana. Ou em qualquer outro dia.

Ele não parece incomodado em revelar isso. Nem mesmo demonstra tristeza com o fato. Mas, se o que Ava disse sobre seu tio ser violento for verdade, então faz sentido ele preferir ficar sozinho neste internato do que voltar para a casa dele.

E pode parecer tolo, mas esta confissão dissipa meu instinto de fuga. Pensei que ele ia zombar do quão patética e solitária eu sou. Mas, no fim das contas, ele se parece comigo.

Um pássaro solitário, preso em uma gaiola de ouro.

Pigarreio, desesperada para mudar de assunto.

A dor que sinto por nunca estar em casa, com minha família, é algo que guardo apenas para mim mesma. Não converso nem com Ava, porque me sinto ridícula quando falo a respeito.

— Não toco tão bem quanto a minha mãe.

— O Valiant apresenta *O Fantasma da Ópera* todos os invernos há mais de cento e cinquenta anos. Nunca uma caloura conseguiu o papel principal antes. Isso diz bastante sobre seu talento.

Pisco, sem acreditar. Eu ouvi direito?

O sombrio e intimidador Callan Harkness acabou de insinuar que sou talentosa?

Não sei como reagir a isso, a *ele*. Desde que o vi pela primeira vez, tenho uma opinião formada a seu respeito. Ou melhor, *tinha*. E tudo alimentado por boatos. Ele tem uma péssima reputação, e não faz nada para mudar isso. Muito pelo contrário. Parece que gosta de manter as pessoas longe.

— Preciso de alguém para me ajudar a ensaiar para a peça — digo, de repente, antes que eu desista da ideia.

É tolice, e, provavelmente, ele vai rir da minha cara só de pensar nisso. Mas nunca vi alguém tocar tão bem a música tema de *O Fantasma da Ópera* e conseguir transmitir toda a intensidade apenas com um piano, sem precisar de uma orquestra completa. É óbvio que Callan entende de música e desta peça em específico. Ele poderia me ajudar.

— E quanto ao seu Erik? — pergunta, franzindo o cenho.

Quase rio. Meu Erik é inútil. Ele será interpretado por Bryan Myers, um aluno do terceiro ano que não tem o menor interesse em trabalhar em conjunto com os membros do elenco. Já se acha uma estrela da Broadway.

— O meu Erik tem o ego maior do que essa escola. Ele não tem interesse em ensaiar com ninguém além de si mesmo.

— E o que eu ganho em troca se te ajudar?

Novamente, fico sem palavras. Eu deveria imaginar que alguém como ele não faria nada sem esperar algo em troca.

— Deixa pra lá, foi uma péssima ideia. — Faço menção de me virar e ir embora, mas sua voz soa novamente, me impedindo.

— Espere, eu tava brincando. — Ele suspira. — Me encontre aqui todos os domingos neste horário. Sem atrasos.

Ótimo, se ele quer que isso seja um segredo, não me oponho. É melhor que ninguém saiba mesmo.

Ele não diz mais nada, apenas se vira e começa a caminhar até as escadas.

— Callan — deixo a curiosidade escapar.

Ele volta a me olhar, mas não digo nada de imediato. Estou atordoada demais com a sensação estranha de dizer seu nome em voz alta.

— O quê?

Vou até ele, precisando inclinar a cabeça para trás para encará-lo por

conta da diferença de altura. Ele é alto demais para um aluno do ensino médio.

Meu olhar corre pelo seu rosto, captando cada hematoma deixado em sua pele. Sinto mais um impulso idiota se aproximando, mas também não consigo contê-lo.

Deus... o que há comigo? Normalmente, sou mais inteligente que isso.

— Por que você fez aquilo?

Ele franze o cenho, confuso.

— Seja mais específica.

— O lance com o laboratório de química.

— Ele merecia uma lição — diz, simplesmente, e presumo que esteja se referindo ao sr. Harris — por ser um maldito assediador.

Depois disso, Callan por fim vai embora, me deixando para trás, sozinha e com um turbilhão de pensamentos fazendo minha cabeça girar.

05

S L O A N

Presente

E não há remédio para as lembranças
Seu rosto é como uma melodia
Que não sai da minha cabeça
Sua alma está me assombrando e me dizendo
Que está tudo bem
Dark Paradise – Lana Del Rey

— Acho que está tudo certo — Bash constata, olhando ao redor do pequeno dormitório que vou chamar de lar por tempo indeterminado.

Ele se joga ao meu lado na cama de solteiro. O colchão é um pouco mais firme do que estou acostumada, e não há espaço suficiente para todas as minhas roupas e livros — que, a propósito, vão ter que continuar no meu antigo quarto na casa do meu pai. Passei todas as primeira semana de aula apenas separando as coisas essenciais que pretendia levar para o alojamento. A mudança em si demorou apenas dois dias por causa de Bash.

— O que achou? — ele pergunta quando prolongo o silêncio.

Dou mais uma checada no quarto antes de responder. É tudo bem simples. Duas camas, duas escrivaninhas, uma cômoda e um armário. A pior parte é que não vou ter um banheiro só para mim, precisarei cruzar quase que todo o segundo andar do Danver Hall para usar os sanitários compartilhados.

Não é definitivamente algo com o qual estou acostumada, mas é como as coisas vão ser daqui pra frente. Vou me adaptar. Ao menos, terei minha independência.

— É... legal — limito-me a dizer.

Bash dá uma risada alta, fazendo carinho no gato de pelos pretos e brilhantes que descansa entre nós. Pensando bem, pior do que precisar dividir o banheiro com um andar inteiro de garotas — não quero nem pensar na fila que deve se formar à noite para usar as duchas —, vai ser ter que ficar longe de Perseu. Este gato de olhos verde-esmeralda e temperamento hostil foi meu amigo mais fiel em Paris.

Vou sentir falta dele, apesar de saber que Bash fará um bom trabalho cuidando dele pra mim. Talvez isso me force a encontrar um apartamento logo,

apenas para voltar a morar com Perseu.

— Você odiou.

— Não odiei! — rebato, na defensiva.

— Odiou, sim, tá na sua cara. — Ele ri. — Vai ser hilário, a princesa Kestrel dividindo tudo com meros plebeus... Queria me mudar para cá também só para testemunhar suas desventuras no alojamento.

Reviro os olhos.

— Você me faz parecer uma mimada insuportável.

Já tive que me adaptar antes. Não é como se tivesse passado toda a minha vida na mansão do meu pai. Passei pela experiência de compartilhar o mesmo ambiente antes, quando morava no Instituto Valiant. E também o apartamento da minha avó em Paris não era nenhuma cobertura luxuosa.

— Sloan — Bash me chama, dessa vez sem humor. Vejo uma ruga de preocupação em sua testa. — Não vai ser como no Valiant. Sabe disso, não é?

— Eu sei. Não estou confinada aqui.

— Não está mesmo. — Ele apanha minha mão e a aperta num gesto de conforto. — Pode nos visitar quando quiser. Pode dormir aos fins de semana lá também. Te ajudo a encontrar outro apartamento, se mudar de ideia.

Dou um sorriso. Tenho sorte de ter um meio-irmão incrível como ele.

— Eu sei. Obrigada, de verdade. Vai dar tudo certo, não é o fim do mundo, só é estranho ver as coisas de outra pessoa no quarto. Com o tempo, vou me acostumar de novo.

Bash assente e aperta minha mão com mais força na sua.

Finalmente não vou ter mais olhos vigiando cada passo que dou. Uma parte minha está feliz. Demonstraria mais isso se não fosse por todas as coisas ocupando minha cabeça. A conversa com Callan no funeral anda me atormentando mais do que eu gostaria.

— Tem certeza que é apenas isso? — Bash questiona, sondando meu rosto com seus olhos cor de oliva. — Posso não ter seu sangue, mas sei quando algo está errado com minha irmãzinha.

Faço uma careta.

Não contei a ninguém o que descobri sobre os Corvos, nem mesmo à Astor, e tenho certeza de que ela ia querer saber disso. Tenho medo de parecer louca, da mesma forma quando tentava convencer a todos que o incêndio não havia sido acidental.

Estou esperando antes de agir e ir atrás de Nyx Tempest, como Riley aconselhou. Pensei que ia acabar desistindo da ideia com o passar do tempo, mas nada mudou.

Bash identifica a relutância em meu rosto, porque ele se endireita,

sentando-se de pernas cruzadas sobre a cama, e espera. Eu confio minha vida a ele, sei que ele não me julgaria. Mas, com certeza, se preocuparia. E não preciso ter mais um homem me rondando. Já basta Mason e James.

— Sloan...

— Ok — eu cedo, bufando. — Tem uma coisa.

Vou até a escrivaninha e, com a chave, destranco a gaveta da esquerda, reservada para mim. Tiro de lá o caderninho de capa preta que, por fora, parece tão inofensivo. Passo pelas páginas até chegar àquela que procuro, então o estendo para Bash.

A ruga entre suas sobrancelhas fica ainda mais profunda quando ele lê o que está escrito na página.

— O que é isso?

— O diário de Ava.

— E o corvo é...?

— O mesmo que você está pensando.

Agora ele levanta seu olhar para encontrar o meu. Sua expressão está neutra, mas o leve curvar de suas sobrancelhas e o brilho de consternação em suas íris dizem tudo.

— Você não acha que... — Suas palavras soam assombradas, e ele lê a resposta em meu semblante.

— Que eles podem ter algo a ver com incêndio? Sim, eu acho.

Bash dá um suspiro decepcionado e se levanta também, passando as mãos pelo rosto.

— Que droga, Sloan.

— Não use esse tom comigo, eu o conheço muito bem.

— Como não usar? — rebate, irritado. — Você está indo por este caminho de novo!

— Eu nunca saí dele, Bash. Posso ter dado um tempo, mas nunca deixei de acreditar que o que aconteceu com Ava foi um crime.

Disse à minha família o que eles queriam ouvir na época: que eu tinha superado. Que eu tinha esquecido e seguido em frente. E posso ter até acreditado nisso também por um tempo, mas tudo desmoronou como um castelo de cartas assim que revi Callan depois de todos estes anos.

E agora que os Corvos podem ter algo a ver com isso... nada me impedirá de descobrir, nem mesmo Bash.

— Foi um acidente — reitera. — Os policiais e os bombeiros comprovaram isso. Um acidente com a fiação, Sloan.

— Não.

Nada nunca me convenceu do contrário. Posso não ter provas, mas tenho

meu instinto e ele nunca falha. Devo isso a Ava. Não posso apenas desistir dela, aceitar sua morte como se não fosse nada. Não posso deixá-la para trás de novo. Ela nunca teria me abandonado em um prédio em chamas, mas foi exatamente o que fiz com ela.

E preciso consertar isso.

O nó sufocante e familiar volta a se alojar na minha garganta, e não consigo engoli-lo sem sentir as lágrimas pinicando meus olhos. Desvio o olhar para a única janela do quarto, acima da escrivaninha.

— Eles teriam descoberto se fosse algo mais — Bash justifica ao se aproximar.

— Não se tiverem acobertando o culpado.

— Isso é insano, Sloan. Não faz o menor sentido.

— Só não faz sentido porque ninguém pensou nisso de verdade. Ninguém investigou ou mesmo considerou a possibilidade.

É como se estivessem o protegendo desde o começo. Ava era apenas uma bolsista de East End, enquanto Harkness era o herdeiro da empresa que conhece os segredos de todos nesta cidade. É óbvio que iam acobertá-lo.

Ninguém se importou de verdade com o que aconteceu com ela. Nos noticiários, só falava de Callan e eu, como se Ava não estivesse lá. Como se ela não tivesse a menor importância. As pessoas a esqueceram, da mesma forma que fizeram com minha mãe.

Fecho os olhos e respiro fundo, tentando conter o choro. Tocar nesse assunto me causa uma dor agonizante e ainda alimenta mais as lembranças. Consigo lembrar de tudo com precisão, e isso me causou vários pesadelos nos últimos anos.

— E como você pode ter tanta certeza? — insiste ele mais uma vez.

— Porque o fogo era para mim! — explodo, sem conseguir mais segurar.

As lágrimas quentes escorrem pelas minhas bochechas. Nem me incomodo em secá-las. Só consigo chorar, porque tudo volta de uma só vez. Deus... fui tão idiota em acreditar que tinha realmente deixado isso no passado. É impossível. Isso nunca vai parar de me perseguir. Não até eu resolver as coisas de uma vez por todas.

Bash me encara em silêncio, os olhos arregalados e a boca aberta em choque.

— O quê? — sussurra ele atrás de mim.

Nunca contei toda a verdade para ninguém, nem mesmo meu terapeuta sabe. E não apenas por causa da culpa sufocante, mas também porque sei que ninguém entenderia. Ninguém acreditaria. Parece loucura, paranoia.

— Nem sempre eu odiei o Harkness. Houve um tempo em que ele era

gentil — admitir em voz alta só não é mais doloroso do que lembrar de como Callan costumava ser. Lembrar que houve um tempo em que eu teria lhe dado tudo se ele pedisse. — Parecia ser a única pessoa além de Ava que me enxergava de verdade naquele lugar. Era como se ele me entendesse, como se acreditasse em mim. É patético, porque nunca foi real, mas para mim era.

Sinto minhas bochechas esquentarem com raiva e vergonha.

— Ele me ajudava a ensaiar para a peça de teatro. Às vezes eu me atrasava para os ensaios porque estava na biblioteca, perdida em algum livro no meio da noite, então ele ia lá me buscar. Sabia que lá era meu refúgio. Eu *sempre* estava lá durante a madrugada, porque tinha dificuldade em dormir.

— Maninha, você não precisa...

— Houve um dia em que tudo mudou. Não sei o porquê, mas Callan mudou. De repente, ele passou a me odiar — digo, mas logo me corrijo. — Não. Ele passou a me *desprezar*.

— Acha que ele queria te matar?

— Não foi uma coincidência que o fogo tenha começado logo na biblioteca.

Callan era o único que sabia que eu passava as madrugadas dos fins de semana lá. Ele tentou acabar comigo, pensou que eu estava ali naquela noite também. Mas não estava.

Não era eu.

Bash me abraça por trás, me confortando, mas nem mesmo isso consegue afastar os sentimentos sombrios.

— Eu acredito em você, Sloan.

Fecho os olhos ao ouvir as palavras que esperei por tanto tempo. Nem parece de verdade.

As lágrimas continuam vindo, e fico parada, nos braços de Sebastian, me permitindo demonstrar toda a dor pela primeira vez. É um grande alívio.

— Agora não tenho mais certeza do que aconteceu — digo, após secar as lágrimas. — Por anos, eu tinha uma única verdade e era a culpa de Callan. Agora que descobri que há chances de Ava ter procurado pelos Corvos naquela época, estou questionando os fatos. *Eu preciso saber, Bash*.

Me viro para olhar em seus olhos. A preocupação ainda está lá, e fica mais evidente quando ele se senta de novo na minha cama, colocando as mãos na cabeça.

Não conto a ele o que Riley disse sobre os Corvos, porque não quero trazer meu irmão para uma bagunça que tem grandes chances de ser bem perigosa. Ele deve saber apenas o necessário, mas nada que possa colocá-lo em risco ou, pior, na mira dos Corvos.

— Sabe que vou ser seu cúmplice, independentemente do que aconteça. Estou com você, Sloan. Não precisa mais enfrentar tudo sozinha. Pode contar comigo para qualquer coisa — garante, sem nem hesitar, mas acho que ele não disse tudo.

— Estou sentindo que há um "porém" nessa frase.

Bash suspira.

— O que você vai fazer se descobrir que foi mesmo o Callan?

Não preciso nem pensar antes de responder. Acho que, no fundo, Sebastian sabe da resposta também, ele só teme escutá-la em voz alta.

— Vou destruí-lo.



No domingo, finalmente consigo ver James. Ele passou os últimos dias ocupado, ajudando Soren a resolver a própria vida. Trocamos apenas algumas mensagens de texto, nada muito demorado ou profundo. Consegui convencê-lo a jantar fora hoje, por algum milagre, mas, antes mesmo que a gente chegue ao restaurante, começo a me arrepender desta decisão.

Pensei que teria uma noite sozinha com *meu namorado*, mas, desde que entrei em sua BMW, ele não parou de falar sobre Soren e seus problemas intermináveis. Já estou cansada de ouvir sobre esse cara, mas não interrompo James, porque parece que ele precisa muito desabafar.

Não falo nada durante o trajeto de meia hora até o restaurante, apenas escuto e James não parece notar o meu silêncio até o momento que abro a boca para fazer meu pedido ao garçom.

— Está tudo bem, querida? Você anda tão calada... — observa ele, apanhando minha mão por cima da toalha de linho da mesa.

O Continental é o melhor restaurante da cidade. Para conseguir uma mesa, é necessário reservá-la com três meses de antecedência. A menos, é claro, que você tenha o sobrenome certo.

Estamos no mezanino, na área mais romântica do lugar. A música baixa e suave do piano, somada às luzes das velas, torna o ambiente tão aconchegante que faria qualquer um relaxar instantaneamente.

No meu caso, porém, só me deixou mais estressada.

— Estou ótima — garanto, sem conseguir evitar de soar um pouco passivo-agressiva.

Normalmente, sou boa em esconder os sentimentos para agradar os outros, mas esta semana já está turbulenta demais para que eu me importe com

isso. Hoje eu só queria beber um bom vinho com meu namorado, comer uma comida desnecessariamente cara e depois passar a noite inteira fazendo sexo numa cama king size. Então, na manhã seguinte, comer panquecas e fazer mais sexo, até me sentir desidratada e satisfeita.

Mas é óbvio que eu deveria ter incluído Soren Deacon nos meus planos, já que ele é a alma gêmea da minha alma gêmea.

Ou *suposta* alma gêmea.

Tanto faz.

— Converse comigo, Sloan. Pode se abrir.

James Corrighan é lindo tal qual um modelo da Vogue Paris. É todo refinado e tem a estética perfeita de menino nascido em berço de ouro que passa os verões em Mônaco. Pensando bem, ele parece um príncipe europeu.

Tem os cabelos castanho-claros num corte de cinco mil dólares, pele tão macia e rosada quanto a de um bebê que nunca viu a luz do sol e olhos muito azuis.

São num tom de cobalto ou azul-royal. Não decidi ainda qual dos dois.

— Pra que conversar sendo que você pode apenas ficar aí falando de Soren a noite toda? — ironizo.

James arregala os olhos e abre a boca para argumentar, mas se cala assim que o garçom volta com nosso vinho tinto suave de uma safra do século passado. Eu amo qualquer vinho, mas James ama o estilo de vida que envolve saber qual tipo de uva e de que lugar do mundo vem o vinho que ele bebe.

Depois que minha taça é enchida, a entorno com urgência. Apenas álcool pode amenizar a noite de hoje. Não esperava ter uma discussão com James agora. Sabia que nosso relacionamento precisava ser rediscutido, mas estava guardando esse momento para um dia em que eu estivesse completamente disposta a ser gentil e compreensiva, como todos esperam.

O que, com certeza, não é hoje.

— Ele está passando por um momento difícil. — É a única justificativa de James, após o garçom se afastar de novo. — William deixou um monte de coisas para ele resolver sozinho.

— Tem a ver com as empresas?

— A maior parte, sim.

Então, tem a ver com dinheiro. Mais do que isso, talvez William tenha feito coisas questionáveis como os boatos por aí sugerem. Agora tudo isso foi herdado pelo seu filho.

Talvez Soren realmente esteja encrencado, e James está se esforçando para ajudá-lo. James sempre foi assim, leal. Sobretudo, em relação a Deacon.

Eu sei isso desde que o conheci, num evento de gala em Paris. Apesar de

charmoso, James Corrighan não estava sozinho naquela noite. Seu detestável melhor amigo o acompanhava, o que eu vi como uma grande bandeira vermelha. James não desistiu até me convencer de que não era como Soren, demandou vários encontros, mas, depois de muita insistência, cedi aos seus encantos.

— Acho que preciso de mais vinho — murmuro segundos antes de esvaziar o resto do conteúdo no fundo da minha taça.

— Sloan...

— Eu sei que está apenas ajudando seu amigo, mas pensei que pudéssemos passar este tempo nos reconectando... sei lá.

— Acha que precisamos nos reconectar?

Quando ele diz assim, soa estranho, mas não posso continuar fingindo que nosso relacionamento anda a mil maravilhas. Quando estávamos separados, só conseguia pensar em James. E, quando estávamos juntos, mal podia tirar minhas mãos dele. Agora tudo parece frio e distante. Me deixa entediada.

— Costumávamos ter um namoro à distância, e agora que moramos na mesma cidade mal nos falamos. Acho que, no mínimo, precisamos nos readaptar.

— E como sugere que a gente faça isso?

— Bem, eu não sei. Esperava que a gente pudesse conversar sobre isso neste jantar.

— E não é o que estamos fazendo?

Bufo, já me cansando desta discussão que nem iniciamos ainda.

— Não desta forma, com você todo passivo-agressivo — o acuso.

James e eu não discutimos com frequência. Ele é bom em propor acordos, e eu em aceitá-los, especialmente porque tento evitar momentos como este. Me irrita. Ele argumenta, argumenta e argumenta até me vencer pelo cansaço, e eu apenas aceito, algumas vezes até sem concordar.

Acho que estou acostumada a ceder.

— Sloan, eu apenas...

James não tem chance de continuar, porque, em seguida, uma voz mais familiar do que eu gostaria nos interrompe, vinda do outro lado do mezanino.

— Ora, ora, vejam se não é o meu casal preferido!

Fecho os olhos e solto um suspiro alto antes de encarar o responsável por acabar com a calma do ambiente e atrair a atenção de todos nas outras mesas.

Soren Deacon está vindo na nossa direção, sendo seguido por dois seguranças grandes e, com certeza, armados.

Está com seu cabelo louro desbotado penteado para trás. Usa uma camisa azul-escura com os primeiros botões abertos, expondo as correntes e os pingentes dourados ao redor de seu pescoço pálido. Sua pele é muito branca, e

suas olheiras avermelhadas, o que às vezes lhe dá um aspecto doente.

Mas, no fundo, ele é um tipo diferente de doente.

— O que faz aqui? — pergunta James, verdadeiramente surpreso.

Soren dá de ombros e puxa uma cadeira de outra mesa, sem pedir permissão. Ele se senta entre James e eu, e puxa a taça do meu namorado, entornando o vinho. Olho para o lado, vendo o rosto escandalizado da maître, parada perto da escada do mezanino, diante da atitude grosseira de Deacon.

Infelizmente, para mim, não é nenhuma surpresa. Sua arrogância o precede desde que estava no ensino médio. Soren pensa que tem o direito de fazer o que bem entender e os outros lhe devem respeito e submissão.

— Estava por perto e soube que meus dois melhores amigos estavam jantando aqui. Não pude deixar de passar para dar um "olá".

O cinismo faz meu estômago se revirar.

— Você já deu o "olá", agora pode ir — digo, sem me preocupar em ser educada. Seus olhos redondos e cristalinos se viram para mim.

— Estou incomodando?

— O que você acha?

— Sloan — James repreende.

Mas nem Soren ou eu damos ouvidos, continuamos nos encarando mutuamente, numa espécie de demarcação de território ridícula.

— Corrighan já lhe contou as boas novas? — Meu olhar vacila e checo o rosto do meu namorado, que não me diz nada, antes de voltar a fitar Soren. — Ele aceitou trabalhar na *Deacon Enterprises* comigo.

Pisco, duvidando se ouvi direito aquelas palavras.

James trabalhando na empresa cheia de negócios suspeitos da família Deacon?

Não pode ser.

Busco o olhar do meu namorado de novo, esperando ansiosamente que ele negue, mas ele não o faz. Ele apenas abaixa a cabeça, seu silêncio sendo o consentimento de que preciso.

Bem, se ele pode tomar uma decisão dessas sem nem me avisar, então, com toda certeza, não precisa de mim neste jantar.

Tiro o guardanapo do meu colo e o deixo sobre a mesa antes de me levantar, sem nem ter recebido o pedido do jantar ainda. Minha vontade é fazer uma cena, mas sou uma Kestrel e nós temos classe. Vou deixar a falta de educação a cargo de Soren.

Apanho a bolsa e giro em meus saltos para caminhar até a escada que me levará à saída. Antes que eu ande dois metros, contudo, ouço o som do arrastar de cadeira atrás de mim e já sei que é James antes mesmo que ele me

interrompa.

— O que está fazendo?

— Pensei que fosse óbvio. Estou indo embora.

— Sloan, pelo amor de Deus!

— Não, James. Se quer participar dos joguinhos de Soren, por mim tudo bem, mas não vou entrar nessa.

Deacon é um manipulador e, se sua família está mesmo envolvida com coisas ruins, então Soren vai arrastar James para o fundo do poço antes que ele perceba. Mas não vou ser arrastada junto.

— Que joguinhos, Sloan?

Ouço um pigarreio vindo de alguma mesa próxima e praguejo mentalmente. Se James e eu discutirmos na frente de todos, os blogs de fofoca de Millsdale terão pauta pelas próximas duas semanas.

Vou para o canto vazio do mezanino, e James me segue. Quando estamos um pouco mais distantes, finalmente falo:

— Você conhece Soren melhor do que eu. Há um motivo pelo qual ele quer que você trabalhe para ele, e tenho certeza que não é coisa boa.

— É sério isso? Está mesmo acusando ele?

— Não estou acusando ninguém — digo, entredentes. — Só estou dizendo que você coloca sempre Soren e os interesses dele acima de tudo, até de mim.

James balança a cabeça negativamente.

— Querida, não pretendo trabalhar *para ele* e sim *com ele*. É por pouco tempo, só até as coisas se estabilizarem. Além disso, nossas rotinas vão ficar muito parecidas depois que você for trabalhar com seu pai. Vamos acabar nos adaptando...

— Espera — o corto. — Trabalhar com o meu pai?

— Mason disse que você ia estagiar no gabinete dele.

Ótimo... mais essa agora.

Meu pai já tocou no assunto, mas deixei claro que não tinha pretensão nenhuma de receber mais essa regalia. Ele sabe que o plano é traçar meu próprio caminho. Quero ir atrás das minhas oportunidades em vez de recebê-las numa bandeja de prata.

— Eu não vou trabalhar lá — contradigo. — Pretendo conseguir um estágio por mérito próprio, James.

— Sloan, isso é tolice. Pense no quanto você aprenderia com seu pai.

— Eu já pensei bastante e não vou discutir esse assunto. Aliás, não vou discutir mais nada. Vou embora. Você pode vir comigo ou pode ficar. A decisão é toda sua.

Espero, espero e espero, e James continua parado em silêncio, me olhando com cara de culpado. Solto um riso nasalado e lhe dou as costas mais uma vez, indo até a escada. Ele não me segue.

Não sei por que estava esperando uma atitude diferente dele. Pelo jeito, consigo ser tão ingênua quanto era aos catorze anos.

— Quer que eu chame um táxi para a senhorita? — a maître pergunta ao me entregar meu casaco, que eu logo visto antes de enfrentar a noite gelada de Millsdale lá fora.

— Quero, sim, obrigada.

Ela me dá um sorriso educado e apanha o telefone no balcão da recepção do restaurante. Me recuso a olhar para o alto, na direção do mezanino, porque sei que verei James e Soren jantando tranquilamente. Acho que, no fim das contas, eles serão sempre uma dupla, e eu a intrusa. James nunca me colocará acima de sua relação com ele. Eles dão valor ao código de irmandade e toda aquela coisa de *irmãos antes de vadias*.[2]

Suspiro.

James fez a escolha dele, e honestamente não tenho tempo nem disposição para me preocupar com ele neste momento. Não quando há assuntos muito mais sérios que merecem minha atenção imediata.

Isso me lembra que preciso de ajuda.

Puxo o celular da bolsa e procuro Astor na lista de contatos. Encaro a noite iluminada através das janelas do restaurante enquanto espero ela atender a ligação.

— Alô?

— Astor, sou eu — digo, com pressa. — Você está livre no próximo sábado?

— Acho que sim — gagueja, confusa. — Por quê?

Dou um sorriso travesso.

— Porque vamos ao Nemesis.

06

S L O A N

Você está com medo
Eu fico mais forte na dor
Eu amo o jeito que você me odeia
Atire em mim outra vez
Love The Way You Hate Me – Like A Storm

Engulo em seco ao observar a fachada intimidadora do clube noturno mais exclusivo do estado — possivelmente um dos mais exclusivos do país. Dizem que, quando celebridades e magnatas do mundo todo vêm ao estado de Washington, o Nemesis é uma parada quase obrigatória.

Ele ocupa uma esquina inteira da Avenida Principal, no centro de East End. Seu exterior é um devoto remanescente da arquitetura gótica do século XIX. A fachada se camufla quase que por completo na noite. As paredes externas são escuras como obsidiana e, acima das portas duplas com vitrais vermelhos, está o letreiro com o nome do clube. A palavra “Nemesis” aparece escrita com uma fonte fina e moderna na cor prateada. Acima dela há o logo: um dragão de asas abertas.

À frente da boate, uma fila extensa de pessoas dá a volta na esquina. Algo me diz que nem metade delas vai conseguir entrar. A regra do Nemesis é clara: sem nome na lista, sem entrada. Não faço nem ideia de como Astor e eu vamos conseguir passar.

— Isso é loucura — minha amiga diz, parada ao meu lado encarando a frente do clube. Seu rosto se volta para mim e seus olhos arregalados encontram os meus. — É loucura até pra mim, Sloan. Este é o território da máfia russa, todos sabem disso. Isso sem falar dos Corvos.

É, eu sei.

Se a Sociedade dos Corvos realmente existir, estou bem no território deles.

Astor está lindíssima, usando um vestidinho cor púrpura e uma maquiagem brilhante que reluz na noite. Ainda assim, o receio se evidencia em seu rosto. Tenho certeza de que em sua cabeça está passando tudo o que já viu ou ouviu falar a respeito do clube Nemesis e dos Corvos. Eu também fiz a minha lição de casa, tanto sobre a boate quanto a respeito de *Nyx Tempest*, e os boatos

não são nada bons.

Há um motivo pelo qual este lugar é frequentado de forma tão reservada e controlada. As coisas que acontecem sorrateiramente no Nemesis não são divulgadas, mas as pessoas comentam. Não é o ambiente mais seguro do mundo.

Afinal, os Corvos estão matando herdeiros de Rotherdam e, por coincidência ou não, Astor e eu nos enquadramos nessa categoria.

— Você deveria voltar pra casa, Astor — aconselho, já tão preocupada quanto ela agora. — Esta é a minha missão, não a sua.

Astor Langley estar aqui não é bom para sua reputação. E como uma influenciadora no ramo de moda e comportamento, boa reputação é primordial.

Quando contei a ela sobre o motivo de estar atrás de uma garota chamada Nyx Tempest, Astor quase desmaiou. Tentou me dissuadir a todo custo, mas Astor, assim como Bash, sabe que não pode me impedir.

Sou tão teimosa quanto a minha mãe.

— Se eu voltar para casa, você vem comigo — diz, convicta. — Não sou louca de te deixar neste lugar sozinha. Vou chamar um Uber.

— Espera. — Seguro seu braço. — Sabe que não posso voltar. Tenho que fazer isso.

— Então eu vou junto. — Dá de ombros, sem medo algum. Fico com vontade de abraçá-la por isso. — Só me prometa que vai parar quando isso ficar perigoso.

— Astor...

— Por favor, Sloan. *Por mim*.

Suspiro, mas acabo anuindo.

Sei que Astor se importa comigo tanto quanto me importo com ela. Não há nada pior do que testemunhar algo de ruim acontecendo com alguém que amamos.

— Tudo bem — cedo e ela dá um sorriso aliviado.

— Vamos entrar no submundo, então.

Astor e eu atravessamos a rua, mas não nos aproximamos da fila enorme. Há dois seguranças gigantes barrando a porta. Na mão deles há um tablet, provavelmente com a lista de convidados permitidos.

— Onde está ele? — Astor reclama em voz alta, olhando ao redor, mas não precisa esperar muito, porque logo um cara bem alto e usando um boné se aproxima.

— Minha gatinha! — ele diz, puxando-a para um abraço antes mesmo que ela se dê conta de sua presença.

— Scott! Finalmente.

Acho que ele deve ser nosso bilhete de entrada. Ao menos, é o que

espero.

— Quando foi que já te deixei na mão?

— Quer a lista em ordem alfabética? — Astor rebate e preciso segurar o riso.

Scott bufa e revira os olhos, mas não se deixa vencer pela minha amiga. Ele se vira para mim e me cumprimenta antes de apanhar a mão de Astor e a guiar para a entrada do Nemesis. Eu os sigo em silêncio.

Astor nunca esclareceu sua relação com Scott. Eu nem o conhecia pessoalmente até agora. Mas minha amiga costumava reclamar bastante dele quando eu morava em Paris. Eles vivem terminando e reatando seja lá o que há entre eles.

— Ei, cara, como vai? — Scott cumprimenta um dos seguranças com um toque de mão típico de homens.

— Eles são amigos de infância — Astor sussurra para mim. — Já deixou Scott entrar aqui umas duas vezes.

Os dois conversam baixo por alguns breves minutos antes que Scott peça:

— Consegue liberar pra mim e minhas garotas hoje?

— Entra aí, mas não causem problemas — pede o segurança.

Seguro um sorriso de alívio quando ele libera a passagem e abre as portas para nós. Antes de entrarmos, ele carimba nossas mãos com o símbolo do dragão do Nemesis. O pensamento me faz arrepiar inteira, mas me obrigo a me concentrar no presente.

Nem consigo acreditar no quanto foi fácil entrar, mas este pensamento logo é substituído pela preocupação, que volta à minha mente assim que me deparo com o longo corredor que leva ao interior do clube.

Seguimos por ele em direção à música alta. Parece vazio aqui, então me aproximo de Astor, apanhando sua mão para que a gente não se perca na escuridão. A única luz é vermelha e bem fraca, permitindo apenas a visão das paredes de pedra escura e o fim do corredor, que é mais iluminado.

Quando, enfim, descemos os degraus até o interior do clube, preciso parar para assimilar tudo à minha volta. Aqui também estão presentes os elementos góticos, como os pilares de pedra e os tetos abobadados com vitrais. O chão e as paredes são tão escuros que parecem absorver toda a luz do lugar.

As luzes são todas vermelhas e vão e vêm com os holofotes se movimentando acima de nossas cabeças, piscando no ritmo da música eletrônica sendo remixada pelo DJ. Ele, por sua vez, está usando uma máscara mórbida dentro de uma grande gaiola de metal, que faz parecer que estou em uma antiga masmorra.

Há muitas pessoas aqui dentro, embora a entrada seja restrita. Dançam na pista ou bebem e conversam nas mesas e sofás de veludo vermelho nas laterais do clube. Há um bar de vidro em formato circular bem no centro. Ele é iluminado por tochas com chamas altas.

Todo esse clube não parece real. É como se tivesse saído de dentro de uma obra do Neil Gaiman. Agora consigo entender porque é tão exclusivo. Tudo aqui vai além do comum. Mórbido mas fascinante.

— E agora? — Astor pergunta alto, próximo ao meu ouvido.

— Não faço a menor ideia de como encontrá-la.

— Encontrar quem? — Scott entra na conversa, gritando sem nenhuma discrição.

Astor lhe diz o nome baixinho.

— Ih, ela fica lá no camarote VIP — Scott volta a gritar, dessa vez apontando para cima. — É a bartender mais gata que já vi.

Astor lhe dá uma cotovelada e o ouço pedir desculpas sob a música estridente.

Sigo sua indicação com olhar e encontro o lugar a que ele se refere. É o mezanino. Ele fica em um andar acima de onde estamos, cercado por uma balaustrada de vidro. A escada que leva até lá também está barrada por um segurança.

— Como faço para subir lá?

Scott me olha com pena.

— Tente dormir com o Drago e talvez ele te deixe subir da próxima vez — ironiza.

— Drago?

— É o proprietário da Nemesis. Não é flor que se cheire — Astor explica. — É melhor a gente ir embora, Sloan.

— Não. Vou dar um jeito.

Esse mero detalhe não vai me frustrar. Consegui entrar no Nemesis e também vou conseguir subir no camarote. Não deve ser tão difícil.

Mordo o canto da boca, olhando ao redor, e analiso minhas opções. Posso tentar observar o fluxo de entrada e saída do mezanino, e encontrar alguém que possa convencer a me levar consigo. Isso demandaria tempo e precisaria contar com a sorte.

Posso procurar o tal Drago, mas este é exatamente o tipo de perigo que prometi a Astor que evitaria. Não conheço quase ninguém em East End, muito menos alguém que frequente o Nemesis, então essa também não é uma alternativa.

Posso esperar até o fim do expediente da bartender em questão, mas não

há nenhuma garantia de que vou conseguir encontrá-la ou chegar até ela após o fechamento do clube.

Não me restam mais muitas opções.

Pensa, Sloan, pensa.

É quando, por pura sorte, consigo captar um olhar diferente no rosto do segurança alto e careca. Um olhar que conheço muito bem e que ele direciona para uma garota loira de vestido curto que passa à sua frente. É um olhar sujo e malicioso que sobe pelas pernas longas da garota e se fixa em sua bunda por tempo demais.

Nojento.

Mas então esse é o ponto fraco dele. Um belo rabo de saia.

Suspiro, me dando algum tempo para desistir da ideia de me submeter a isso. Mas é a única coisa em que consigo pensar agora, então vou ter que tentar.

— O que está tramando? — Astor quer saber, preocupada.

— Relaxa, vou dar um jeito de subir. Tenta se divertir. Qualquer coisa, eu te mando mensagem, juro — falo, para tentar tranquilizá-la.

Astor hesita, mas acaba assentindo.

— Não vou tirar os olhos de você.

Sorrio.

Tenho sorte de ter essa garota como amiga.

Respiro fundo e começo a me preparar para o show.

Ajeito o decote do corpete preto para valorizar meus seios médios e, discretamente, subo a saia justa um pouco mais para cima. Confio que esta roupa, os saltos e o batom vermelho em meus lábios sejam suficientes para convencer aquele segurança a me dar o que quero.

Jogo os cabelos para o lado antes de desfilar, rebolando sem nenhum pudor para perto do segurança. Ele quase saliva quando seus olhos me encontram e ele nem tenta esconder a encarada em meus peitos.

Engulo a vontade de lhe dar um belo corte e, em vez disso, exibo meu sorriso mais bonito.

— Ei, pode me dizer se há outro toalete lá em cima, por favor? — Forço um tom de voz açucarado e levemente irritante.

Tomara que ele acredite que sou bem superficial e inofensiva, pois tenho certeza de que o motivo pelo qual existe uma área restrita dentro de um clube já muito restrito é porque neste mezanino acontecem coisas que não querem que mais ninguém fique sabendo. A única forma deste guarda me deixar passar é se acreditar que não vou ouvir nada comprometedor e que, mesmo que ouça, não vou sair contando por aí.

O segurança olha para o meu pulso, onde há apenas uma pulseira de

pingentes e nenhum indicador de área VIP.

— O camarote é apenas para convidados VIP, senhorita. O banheiro fica para lá — Ele aponta na direção correta, do outro lado do clube.

— Ah, sim, aquele está nojento. — Faço uma careta teatral. — Eu realmente preciso ir ao banheiro. É bem rapidinho. Não posso mesmo subir?

— Senhorita, não posso permitir. — Ele curva as sobrancelhas como se lamentasse.

Suspiro, deixando os ombros cair.

— Eu entendo, obrigada.

Me viro e dou dois passos para longe, mas ainda sinto seu olhar em mim.

— Espera — ele diz em sua voz grave, me fazendo voltar. Ele parece relutante, mas não consegue parar de encarar meu corpo, então acaba cedendo. — Tudo bem, mas que seja rápido, ok?

Sorrio de forma contida e doce.

— Muito obrigada, serei breve.

O segurança olha para os lados antes de liberar a passagem e, finalmente, consigo subir para o camarote.

Estou me sentindo poderosa enquanto percorro escada acima, captando os olhares interessados direcionados a mim. Cabeças giram e pessoas me encaram quando chego ao mezanino. Olho de volta, vendo muitos homens de terno sentados nas mesas e nos sofás, bebendo drinques. Minha teoria de que pessoas importantes se reúnem aqui para fazer negócios ilícitos parece se comprovar.

Não demoro a encontrar o bar e, consequentemente, a tal Nyx Tempest. Ao menos, acho que é ela.

Levanto o queixo e ando na direção do balcão, que é mais iluminado que o resto do clube por um grande lustre de cristal que reluz sobre todas as garrafas de bebidas nas prateleiras de vidro atrás da bartender. Me sento em um dos assentos vazios, cruzando as mãos sobre o balcão.

Acho que é essa a garota porque dou razão a Scott. É uma das mulheres mais bonitas que já vi.

Seus cabelos são pretos como nanquim e longos o suficiente para alcançar sua cintura. Ela é jovem e não é alta, provavelmente tem menos de 1,70m, mas mesmo assim parece uma modelo. Pelo jeito, seus olhos são escuros, não consigo identificar direito. A maquiagem em seus olhos é escura e pesada, mas fica bem nela. Tem longos cílios e lábios cheios que algumas pessoas pagam para ter.

Há outra característica marcante na garota: as tatuagens. Vejo várias espalhadas pelos seus braços e ombros. Combinam muito com o estilo dela.

— O que vai querer? — ela me aborda, sem nem verificar se estou com a pulseira VIP. A bartender semicerra os cílios me avaliando por completo. — Deixa eu adivinhar... *Cosmopolitan*?

Sorrio.

Ela é rápida no julgamentos.

— Uísque — respondo, a surpreendendo. — Puro.

Ela também sorri.

— Como quiser.

A garota começa a preparar a bebida e parece ter experiência nisso.

— Você é Nyx Tempest? — enfim pergunto.

— Depende de quem pergunta.

— Meu nome é...

— Sloan Kestrel — ela me interrompe. — Sei quem você é.

Nyx desliza um copo de uísque com gelo na minha direção.

— Então, Kestrel, o que faz na terra dos exilados?

Dou uma golada no uísque, que desce queimando pela minha garganta. Nyx apoia as mãos no balcão e me encara, ansiando pela resposta.

— Quero informações.

— E está disposta a pagar por elas?

Então Riley estava certa, Nyx cobra mesmo por favores. E, como imaginei, eles não são muito receptivos com quem é do distrito de Rotherdam.

— Estou disposta a não investigar por que Nyx Tempest, uma *stripper* de São Francisco que morreu em 1980, continua bem viva em um clube em Washington, quarenta anos depois.

Uso minha carta na manga com um belo sorriso no rosto. Sabia que essa conversa poderia ser difícil. As pessoas não gostam de responder perguntas por aqui. Então, fiz minha pesquisa sobre Nyx. Foi meio difícil de encontrar algo relevante, mas então me deparei com o único registro existente relacionado a esse nome na internet. Era de um antigo obituário digitalizado de um jornal.

— Ou Nyx está viva e tomou a poção da juventude, ou você está falsificando sua identidade — continuo. — Algo me diz que é a segunda opção.

Não sei se é uma boa ideia ameaçar uma desconhecida em troca de informações, mas não estou disposta a pagar o preço que ela exige, muito menos a voltar para casa sem nada. Vou arriscar o que for preciso.

A confiança estampada no rosto de Nyx, contudo, acaba com a minha. Ela não se abala com a ameaça velada, apenas continua sorrindo como se tivesse o controle da situação.

— Obviamente, você não vem muito ao East End, então deixe-me lhe dar duas dicas que todos por aqui já conhecem. Primeiro, nunca ameace quem

prepara sua bebida. — Arregalo os olhos de imediato, encarando o copo de uísque em minha mão. — Não se preocupe, não coloquei nada no seu copo. *Ainda*. Segundo: nunca *me* ameace. Se quer um favor, então terá que pagar como todos os outros.

Com tranquilidade, Nyx apanha os copos dos outros clientes do balcão e continua trabalhando.

— E qual o seu preço? — pergunto, a contragosto.

— Para você? Ainda não decidi. Mas pode ficar me devendo um favor.

— Nem pensar.

— Então some da minha frente, garota.

Praguejo mentalmente uma dúzia de vezes. Há grandes chances de Nyx ser uma criminosa. Só alguém com rabo preso esconderia a identidade tão bem assim. Ou está fugindo de algo, mesmo sim, pela sua tranquilidade diante da minha ameaça, não parece ser o caso.

Então a única escolha é ficar devendo um favor para uma criminosa cuja periculosidade pode ser alta. Ou ir embora sem nada.

Sem chance.

Suspiro, já me arrependendo da decisão que estou prestes a tomar.

— Tudo bem.

Ela sorri, como se já esperasse por isso.

— Então, o que quer saber?

— Quero saber como posso encontrar os Corvos — digo, sem rodeios.

Agora consigo uma reação dela.

Seu corpo se enrijece, e ela trava a mandíbula.

— Esqueça. E cai fora antes que alguém nos ouça.

Ter os próprios segredos expostos não amedronta Nyx, mas os Corvos sim.

Interessante.

— Não posso esquecer.

— Escuta...

— Não, me escuta você — a corto, meu tom de voz ficando tenso também. — Eu preciso e vou encontrar os Corvos. Concordei em pagar o seu preço. Não é isso o que queria? Aceitei sua condição. Agora, honre com a palavra.

— Eu não te dei minha palavra e mesmo que tivesse dado — ela para de falar e suspira. —, não estou disposta a ajudar você a se matar. Alguém como você ir à caça deles é suicídio.

— Então sabe onde posso encontrá-los.

— Sei, mas não posso contar.

— Está com medo? — zombo.

— Você também deveria ter.

— Não precisa pegar na minha mão e me levar até eles, só preciso saber *como* me aproximar. Estou te devendo um favor, não estou? Posso garantir sua segurança.

Dessa vez, Nyx ri alto.

— Você não pode garantir nem a sua própria segurança, garota. Não seja tão arrogante.

— *Por favor* — imploro, sentindo meu orgulho se quebrar em centenas de pedaços. — Perdi alguém que eu amava.

Minha confissão a afeta um pouco. Noto seu esforço em mascarar a reação. Ela engole em seco e pigarreia, forçando o semblante a permanecer impenetrável.

— Acha que é a única?

Aí está. A dor presente em seu olhar é a mesma presente no meu. A bartender se identifica e, por isso, finge que não. É durona demais para admitir.

— Se esse é o caso, então sabe como é ser capaz de fazer qualquer coisa apenas para ter um pouco de paz. Para ter justiça.

— Você não faz ideia do que é justiça — sibila, entredentes

— Sim, eu faço — disparo, tão impassível quanto ela.

Sei o que é justiça, porque fui criada neste princípio. Cresci ouvindo meu pai dalar sobre isso o tempo todo: garantir a justiça e honrar o legado. As duas lições mais importantes que Mason Kestrel me ensinou. Foi nisso que fui moldada até me tornar quem sou.

Tento me convencer o tempo todo que a melhor forma de se obter justiça é jogar sob as regras da lei, mas e quando isso não é o suficiente? Ava ainda está morta e ninguém pagou por isso. A lei continua protegendo seja lá quem é o culpado.

O silêncio de Nyx parece durar uma eternidade. Ela fica lá, me encarando do outro lado do balcão do bar, diante de um dilema.

— Tudo bem, você me convenceu. — Mal consigo acreditar que essas palavras saem da sua boca, mas vejo a convicção em seu rosto. — Pra isso, vai ficar me devendo *dois* favores.

Dou um sorriso enorme, com vontade de pular o balcão e abraçá-la.

— Fechado.

Ainda tenho um pé atrás com Nyx. Sem dúvidas, é perigosa, mas tudo em que ando me envolvendo agora é. Ao menos, essa mulher está do meu lado. *Por ora*.

— Todos os anos, os Corvos dão uma festa de Halloween em Beastland.

Prendo a respiração por um segundo. Beastland é um parque temático de horror que está abandonado desde minha época no ensino médio.

— Todos os anos? — repito, confusa. — Espera, há quanto tempo exatamente eles estão de volta? Ou nunca se foram de verdade?

— Você pediu uma informação, não uma recapitulação histórica.

Reviro os olhos.

— Ok, então só preciso aparecer em Beastland na noite de Halloween?

— Só se você quiser morrer e ser enterrada na floresta — Nyx ironiza. — Acha mesmo que qualquer um pode entrar na festa?

— Então o que devo fazer?

— Você vai entrar comigo. — Dá de ombros, como se fosse simples.

Interessante. Nyx está na lista de convidados especiais para os eventos dos Corvos. Com certeza, ela tem algo a ver com eles.

— Tudo bem .— Não há muito o que fazer, não estou em condição de fazer exigências agora. — Como faremos quando a noite chegar?

— Não se preocupe, na hora certa eu te encontro.

Não sei o que isso significa, mas vou ter que confiar nesta estranha potencialmente perigosa se quiser conseguir o que quero.

Termino o uísque e pago pela bebida antes de me levantar. Nyx não se despede ou diz mais nada. Se concentra na clientela da área VIP, fingindo que não estou ali. No momento em que me viro para escapar daqui, meu olhar cruza com o de uma pessoa familiar.

Callan.

Encontro-o sentado num sofás, com uma garota quase seminua ao seu lado. A perna dela está em seu colo enquanto Harkness acaricia a coxa dela com a mão. Seus olhos, entretanto, estão fixos em mim. Mesmo do outro lado do mezanino, isso me atinge como se ele estivesse a um centímetro de distância.

Lindo, como sempre. Não é mais o menino rico e perdido dos tempos da escola. Agora é um homem poderoso e dez vezes mais intimidador.

Callan continua me olhando como se tivesse feito isso a noite toda. Como se estivesse observando meus passos e movimentos, *me vigiando.*

E seus olhos não se afastam de mim mesmo quando a garota loira se inclina e o beija, colocando a língua em sua boca como se não houvesse ninguém por perto. Contudo, Callan mantém os olhos abertos, me encarando enquanto a beija, o que é doentio e um pouco sexy. Apenas um pouco.

Ele me acompanha a cada passo: quando me aproximo das escadas, quando desço os degraus até nosso contato visual se quebrar. Chego no andar debaixo sem fôlego quando isso acontece e permaneço assim pelo resto da noite.

07

S L O A N

O silêncio é tão alto, as luzes acendem e piscam, com monstros muito maiores do que posso controlar agora
Bem-vindo ao quarto do pânico, onde todos os seus medos mais sombrios vão vir até você
Panic Room – Au/Ra

Ao olhar para o meu reflexo, me lembro exatamente da última vez em que saí para o Halloween. Eu tinha dez anos e minha família inteira se fantasiou. Minha mãe e meu pai iriam me acompanhar enquanto eu saía pela vizinhança para pedir doces. Nos produzimos de *Família Addams*. Foi ideia da minha mãe, é claro. Nós duas até usamos perucas de cabelo. Mas, no fim das contas, meu pai não conseguiu ir. Ficou preso no trabalho, *de novo.*

Hoje minha fantasia é de um anjo cintilante, a mesma que usei em uma festa em Paris, no ano passado. Estou com um collant apertado que modela minha cintura, e meias-finas brancas, semitransparentes. Asas angelicais saem das minhas costas. Acho que elas podem ser um tanto chamativas, mas a roupa só faz sentido com elas, então decido mantê-las.

Opto por manter os cabelos vermelho-alaranjados soltos e, com ondas suaves diferentemente de como uso no dia a dia. A maquiagem é delicada e brilhante. Me faz parecer pura demais para o que pretendo fazer esta noite. Ao menos, não serei a única pessoa sem fantasia numa festa de Halloween. Isso, sem dúvidas, chamaria muito mais atenção.

Termino de passar o *gloss* com glitter nos meus lábios no mesmo segundo que meu telefone toca na cômoda ao lado do espelho vertical. Já sei quem é antes mesmo de atender.

— *Tem certeza de que não quer ir?* — pergunta Bash, pela milésima vez hoje.

Desde que eu disse que não pretendia sair do dormitório esta noite, ele tem me pressionado para mudar de ideia. Pensa que estou deprimida. Me sinto péssima por mentir para uma das pessoas em quem mais confio no mundo, mas ele não pode saber dos meus planos para hoje.

Preciso manter todos que eu amo o mais longe possível deste assunto. Já arrisquei demais levando Astor ao Nemesis. Não vou repetir o mesmo erro.

— Eu tenho — afirmo, equilibrando o celular na orelha enquanto guardo minha maquiagem. — Não estou com clima para festa hoje.

— *Urgh, odeio tanto o Corrighan por isso.*

Sorrio.

Bash é uma das pessoas mais leais que conheço. É o que mais amo nele. Desde que nos conhecemos, mesmo antes de nossos pais se casarem, ele me adotou como sua irmãzinha. Ele cuida de mim e me protege, até de James. Bash nunca foi com a cara dele. Acho que é o único que não gosta.

Só de pensar em James, solto um suspiro cansado. Meu namorado vem tentando falar comigo desde nosso jantar desastroso, mas não atendi a nenhuma de suas ligações.

James fez sua escolha naquela noite, e não estou sendo dramática ou exagerada por pensar assim. Não é a primeira vez que ele escolhe Soren a mim.

— Vou ficar bem — garanto, me encolhendo de culpa. — Só vou ler um pouco e ter uma boa noite de sono.

— Ok — Bash cede, mas é a contragosto. — Mas qualquer coisa me ligue.

— Prometo que ligo.

— Está bem.

Com relutância, ele se despede e, em seguida, encerra a chamada.

Merda.

O que diabos eu estou fazendo?

É loucura. Simplesmente loucura. Não faço ideia do que me espera em Beastland, mas não pode ser bom. Também confio em Tempest. Ela está deliberadamente me levando para a cova dos leões. Pode muito bem ser uma emboscada.

Além do mais, não é garantido que eu encontre os Corvos. E, mesmo se der sorte, o que farei? Pedir, encarecidamente, que eles me digam se incendiaram o Instituto Valiant, oito anos atrás?

Eu não tenho um plano.

Praguejo mentalmente mais algumas vezes até decidir que, mesmo que não encontre os Corvos nesta festa, posso investigá-los. Qualquer coisa que saiba a mais sobre esta sociedade secreta pode me ajudar a entender por que Ava andava no rastro deles.

Vou me concentrar em uma coisa de cada vez. Primeiro, preciso me infiltrar em sua festa. Uma vez que eu estiver lá dentro, posso me esgueirar e procurar algo, qualquer coisa, que seja útil.

— Está indo atrás deles, não está? — A pergunta de Riley, vinda do outro lado do quarto, me alerta para sua presença. Me viro, meu olhar encontrando sua

figura pequena, vestida com o característico traje amarelo de *Kill Bill*. — É por isso que mentiu para todo mundo hoje.

— Eles não entenderiam. Também não quero colocá-los em perigo também.

— Alguém precisa saber para onde você está indo — diz, se aproximando. — Para, você sabe, no caso de...

Dou uma risada sem humor.

— No caso de eu não voltar — completo, um arrepio gelando minha pele só de considerar essa possibilidade.

Mas Riley está certa. Meu destino é incerto hoje e *essa* foi minha escolha. Preciso ir até o fim, custe o que custar. É melhor mesmo que pelo menos alguém saiba onde me procurar, caso eu não volte.

— *Beastland* — confesso.

— O quê?! — Riley grita, arregalando os olhos castanhos. — *Isso* já é loucura demais. Sabia que chamam este lugar de abatedouro?

— Não — respondo, sem conseguir esconder meu choque e o leve tremor de medo em minha voz. — E preferia ter continuado sem saber.

Agora não vou parar de pensar no motivo que levou a esse nome.

Deus... as coisas que devem acontecer neste lugar.

— Sloan, este é um dos lugares em que os Corvos costumavam dar suas festas doentias no passado. Minha mãe disse que eles usavam a floresta daquele região para os trotes de iniciação, faziam todo tipo de coisa e...

— Ei — a interrompo, já zonza com as informações. — Eu não te contei isso para receber um sermão.

Agora é Riley quem suspira, sentando-se aos pés de sua cama e escondendo o rosto nas mãos.

— Ok, não está mais aqui quem falou! — ela assente. — Tome cuidado lá e não confie em ninguém. Falo sério, Sloan, essas pessoas não são boas. Não beba ou coma nada.

— Certo. — Aceno, tentando disfarçar o quanto estou amedrontada.

Mas sei que Ava faria o mesmo por mim. Ela só era mais corajosa. Corajosa demais para o próprio bem, provavelmente.

O som alto do escapamento de uma moto, vindo lá de fora, chama minha atenção. Ele continua estridente por alguns segundos até parar. Franzo o cenho e caminho até a janela, olhando para o estacionamento quase vazio lá fora.

Como já passa das dez da noite, a maioria dos estudantes da Wilrose está saindo para se divertir. Riley vai para alguma festa de fraternidade. Astor e Bash, por outro lado, vão para na que Soren está dando em sua mansão. É a maior festa da cidade. Presumo que seja lá que James está também.

Há uma motocicleta preta no meio do estacionamento, atraindo a atenção de quem passa por ali. Quando a pessoa tira o capacete, balançando no ar os longos cabelos negros, tudo faz sentido.

Nyx Tempest está aqui e isso significa que está na hora.

— Tenho que ir.

— Se cuida — Riley pede com seriedade, apenas aceno positivamente antes de respirar fundo e apanhar minha bolsa e sair, com o coração apertado no peito.

No estacionamento do Danver Hall, Nyx está encostada em sua moto, com a expressão mais entediada do mundo no rosto. Quem passa por ela, não consegue olhar para o outro lado. Ela parece gostar da atenção que atrai. Antes que eu possa andar até ela, porém, outra coisa me atrai.

Alguns metros do outro lado do estacionamento há um sedã todo preto. Não dá para enxergar nada através daqueles vidros escuros. Essa combinação infelizmente me é familiar. Engulo em seco e rumo para lá em vez de me aproximar da moto de Nyx.

Para a minha sorte, a janela do motorista está entreaberta e, assim que me aproximo, consigo ter um vislumbre da pessoa atrás do volante antes que suba o vidro da janela.

Às vezes, odeio estar certa.

Marcho com raiva até o carro e bato de punho fechado no vidro blindado. Sem ter outra opção, ele abaixa a janela e me deixa ver seu rosto. Ele não parece nem um pouco culpado, mas por que estaria? Ele apenas segue ordens.

— Leonard — cumprimento com desgosto.

— Senhorita Sloan — devolve o chefe de segurança da mansão Kestrel.

Ele é alguns anos mais velho que o meu pai e esteve trabalhando para nossa família desde a época do meu avô. De todos os homens de Mason, Leonard é o que ele mais confia. Por isso, foi o escolhido para vigiar a filha dele, presumo.

O pior de tudo é que não estou surpresa. Isso é a cara de Mason.

— Então agora você espiona à mando do meu pai? Golpe sujo, Leonard.

— Sinto muito, senhorita, mas ele só quer garantir sua segurança — explica, curvando as sobrancelhas como se realmente lamentasse. Sei que a culpa não é dele, mas isso não impede que eu me sinta traída.

Leonard é um bom homem. De todas as babás que eu tive na infância, ele era a minha favorita. Sempre me fazia companhia quando meus pais estavam fora. Costumávamos jogar xadrez. Ele nunca me deixava ganhar, e isso me deixava louca. Ele era um bom amigo.

— Me perseguindo assim?

— Não é uma garota comum, srta. Sloan. Não pode querer ser tratada como uma. Não quando sua segurança está em risco.

Sempre esse mesmo dilema. Pensei que Mason houvesse superado isso. Mas, pensando melhor, entendi por que ele cedeu tão rápido em relação à minha mudança para o alojamento estudantil. Ele não pretendia parar de me vigiar. Esteve me seguindo de perto desde que eu mudei.

— Isso é por causa dos Corvos? — a possibilidade passa pela minha cabeça no mesmo tempo em que digo em voz alta.

— A senhorita se encaixa nos padrões.

— Eles não estão atrás de mim.

— Como pode ter certeza?

Não posso.

Mas também não posso seguir meu plano com Leonard na minha cola. Se meu pai descobrir, vai querer me prender no porão da mansão para garantir que eu nunca mais faça nenhuma estupidez.

Vou ter que ser mais esperta que ele, então.

— Tudo bem — cedo, encolhendo os ombros. — Eu entendo. Ele só quer me proteger.

Leonard balança a cabeça, assentindo.

— A senhorita é inteligente e sensata. Sabia que entenderia.

Inteligente, sim, sensata... nem tanto.

Dou um sorriso comedido antes de me despedir, desejando-lhe uma boa noite e me virando para ir até a motocicleta de Nyx.

Talvez todas as mentiras que estou contando àqueles que se importam comigo acabem me custando caro no futuro, mas não posso pensar nisso. Da próxima vez que vir meu pai, vou persuadi-lo a parar com a vigilância, mas duvido que me leve a sério. E mesmo sabendo que é para a minha proteção, trinco a mandíbula com raiva.

Acreditei, mais uma vez, que poderia ter uma vida comum. Que poderia ser independente e escolher meu próprio caminho. Meu pai nunca vai permitir isso.

— Parece que você está prestes a vomitar. — A voz de Nyx me faz levantar o rosto para olhá-la.

Ela está fantasiada de vampira. Usa lentes de contato vermelhas combinando com a cor do batom e o sangue falso escorrendo pelo canto dos lábios. Parece uma versão feminina e sexy do Drácula, com um corselete preto e roxo apertado, e uma minissaia. Botas de couro de cano longo sobem por suas pernas até o meio das coxas pálidas

— Estou bem — aviso, me recompondo, e ergo o queixo.

Esta noite não posso pensar em mais nada além do meu objetivo.

— Não é o que parece — insiste. — E que droga de fantasia é essa?

— É uma fantasia de Halloween.

— Não, não é — discorda. Quando ela fala, as presas falsas e pontiagudas que ocupam o lugar de seus dentes caninos ficam à mostra. É assustadoramente real. — É, no máximo, uma fantasia para um desfile da Victoria's Secret.

Nyx torce o nariz e depois balança a cabeça, decepcionada.

— Deixe

eu explicar de uma forma que você entenda — continua ela. — É Halloween. A noite em que as crianças más usam máscaras assustadoras para fazerem travessuras sem serem identificadas depois. As crianças boas, que se vestem como anjos, ficam em casa para não sofrerem as consequências.

Reviro os olhos. É a coisa mais ridícula que já ouvi.

— Não vou mudar de fantasia.

— Tudo bem. — Nyx dá de ombros e então apanha algo preso em sua cintura. Parece um frasquinho de vidro com um líquido escuro dentro.

Sem que eu possa raciocinar direito, ela abre o vidro e joga o conteúdo na minha direção. O líquido espirra em mim e o sinto escorrer em meu pescoço e colo. Meu queixo cai quando olho para baixo e me vejo coberta de sangue falso. Está em minha pele e roupa, manchando o collant branco, com respingos por toda a fantasia — que agora está arruinada.

— Não ia se camuflar na multidão do jeito que estava antes. Acredite em mim, é melhor não se destacar em Beastland — justifica Nyx, se virando e montando na sua *Kawasaki Ninja.* — Agora suba na moto.

Suspiro, engolindo meu orgulho em silêncio, e obedeço.

— Espera — digo a Nyx assim que ela coloca o capacete. — O quanto essa moto é rápida?

— Muito rápida.

— O suficiente para que o senhor de sessenta anos naquele sedã preto perca a gente de vista?

Nyx olha pelo o retrovisor na direção do carro de Leonard e ri.

— Está brincando, né?

Sinto o sorriso em sua voz quando ela diz isso, mas não tenho tempo de responder, porque ela arranca com a moto e dispara com a moto para fora do estacionamento num piscar de olhos. Seguro firme na garota à minha frente e fecho os olhos, sentindo meu estômago saltar e se revirar, e o vento cortar minha pele. Os meus cabelos voam em meu rosto, me fazendo perceber que não estou usando capacete.

Nyx não estava mesmo brincando sobre a velocidade que essa moto alcança. Não tem a menor chance de Leonard nos seguir, o que eu não sei mais se é algo bom.



Nunca fui à Beastland e, assim que paramos em frente à entrada, me lembro do porquê. Os alunos rebeldes do internato que costumavam fugir no meio da noite vinham para cá para beber e fumar maconha. Agora, olhando para este lugar pessoalmente, faz sentido que o chamem de abatedouro.

Além de ser um parque temático de horror abandonado há mais de uma década, também é cercado por colinas e uma mata fechada. A estrada para a região é deserta, o que torna a experiência ainda mais assustadora. Não há nada por perto além de florestas.

Nyx estaciona em um terreno de cascalho em frente ao parque, com vários veículos ao redor. Diversas pessoas fantasiadas de personagens de terror e elementos assustadores caminham até a entrada sinalizada com um grande portal de madeira, flanqueado por tochas acesas.

Tudo neste lugar é aterrorizante, mas nada é pior do que saber que os Corvos estarão aqui esta noite.

Desço hesitante da moto com hesitação, logo depois de Nyx. Ela guarda o capacete no compartimento e se vira para mim com uma expressão séria no rosto.

— Eles me conhecem, então não vão me barrar — explica, indicando os dois brutamontes que controlam a entrada da festa. Eles estão mascarados e usam capuzes pretos. — Fique perto de mim e não encare ninguém. Estou falando sério.

Anuo com a cabeça e respiro fundo quando ela se vira e começa a caminhar sobre seus saltos de quinze centímetros na direção do portal. Eu a acompanho e me esforço para controlar a ansiedade. Não quero chamar a atenção dessas pessoas. Elas precisam achar que sou uma delas.

Os homens que guardam a entrada abrem espaço para Nyx passar assim que ela se aproxima, provando que realmente a conhecem. Mas ela não continua andando. Em vez disso, estende o celular para um deles, que o apanha e o coloca em um saco de plástico lacrado. Eu o observo anotar o nome dela na etiqueta antes de guardar numa grande caixa.

É claro que eles confiscam os celulares em uma festa ultrassecreta. Deveria ter imaginado.

Os dois homens logo se voltam para mim. Seus olhos me analisam com intriga, esperando, mas é só quando ouço Nyx pigarrear que finalmente me movo. Apanho meu celular e dou uma olhada na tela, vendo notificações de chamadas perdidas de Leonard, James e meu pai.

Perfeito. Leonard e sua língua comprida já devem ter contado a Mason que eu fugi e o despistei.

Com um suspiro alto e muita, muita relutância, entrego o aparelho.

— Nome? — o guarda da direita pergunta.

— *Ava.*

Ele não percebe minha mentira. Espero que não saiba quem eu sou, porque anota o nome na etiqueta, guarda meu celular e libera a passagem para nós.

— Eles vão ficar de olho em nós — me adverte Nyx, baixinho. — Então, seja lá o que planeja para conseguir informações por aqui, é melhor fazer discretamente.

Esse é outro problema.

— Como posso fazer isso?

Há um longo corredor marcado por tochas que iluminam o caminho até o interior do parque. Seguimos então próximas uma da outra através do chão de cascalho. Daqui dá pra ver o centro de Beastland. É um ponto luminoso e barulhento. A música eletrônica é alta, e os holofotes coloridos se movimentam para todos os lados, pairando pelo topo das árvores e das construções antigas dos brinquedos.

— Eu não sei — admite Nyx, acabando com meu otimismo. — Meu bom senso teria me mantido longe dos Corvos, se fosse você.

É uma pena que meu bom senso não seja minha maior qualidade.

As fachadas das atrações de Beastland encontram-se desgastadas pelo tempo, mas ainda permanecem assustadoras. Há um labirinto de terror, uma casa assombrada e um laboratório macabro. Eles estão lacrados sob risco de desmoronamento, mas duvido que as pessoas respeitem isso.

A maioria dos convidados se concentra no centro do parque, onde há bebida e música alta. Eles dançam em aglomeração próximo à mesa do DJ. Passo os olhos pelas pessoas ao redor e agora entendo o motivo de Nyx ter insistido que minha fantasia não se encaixaria neste ambiente. Todos usam fantasias bem aterrorizantes e máscaras capazes de causar pesadelos.

Do lado esquerdo, depois da pista de dança e das mesas de bebida, algo atrai meu olhar. Degraus levam ao topo de um pequeno monte repleto de árvores. Há um arco de madeira lá em cima, iluminado por tochas e esculpido exatamente como o da entrada do parque. Este, no entanto, parece dar apenas na

floresta. Enquanto muitas pessoas dançam e enchem a cara, outras caminham em fila indiana até o alto, parecendo ansiosas e determinadas.

— O que há ali? — pergunto a Nyx. Seus olhos de obsidiana se movem naquela direção e ela faz uma careta de repulsa.

— Apenas problemas — responde, lacônica, mas já estou andando até a escada.

Me esgueiro pelas pessoas dançando e atravesso a pista até os degraus e, sob a música eletrônica estridente. Escuto Nyx chamar meu nome atrás de mim, mas ela não me alcança até eu estar diante da escada e conseguir ver mais de perto o que há no alto.

Só que meu foco não consegue ficar lá por muito tempo. Não quando uma voz masculina abafada e carregada com um sotaque europeu soa atrás de mim.

— Veja

só o que temos aqui...

Engulo em seco antes de tomar coragem para me virar. Meus olhos logo encontram um homem alto, vestido com um polido terno preto que seria extremamente elegante se não estivesse manchado com respingos de sangue falso na camisa branca sob o blazer e a gravata.

Seu cabelo de um tom muito claro de loiro e está penteado para trás. Isso, de alguma forma, o deixa mais ameaçador. Por cima de um dos ombros, ele segura um taco de baseball, também está manchado com o que espero ser apenas sangue falso. Quando olho para o seu rosto, um calafrio arrepiante faz meu corpo estremecer. Ele usa uma máscara bizarra que tem as sobrancelhas curvadas numa feição maldosa e um sorriso assustador.

E ele não está sozinho. Do lado esquerdo do loiro há uma garota que usa a mesma máscara dele e um vestido branco também sujo de sangue. Do lado direito, o que eu acho ser um homem. Ele é poucos centímetros mais baixo do que o loiro; a única coisa que dá para deduzir sobre ele. Sua fantasia consiste em calças cargo, botas de combate, jaqueta preta com um capuz que cobre sua cabeça e uma máscara com detalhes em luz neon vermelha e letras X no lugar dos olhos. Seu sorriso maníaco me causa ojeriza.

— O que foi, ruiva? — a garota pergunta. Tem uma forma estranha de falar, como se estivesse gemendo as vogais. — O gato comeu sua língua?

De alguma forma, o mais assustador dos três é o cara do capuz. Talvez porque não consiga ver nenhuma parte de seu rosto e ele esteja me encarando, em silêncio, com a cabeça inclinada para o lado.

Dou um passo para trás. Acho que Nyx tinha razão sobre haver apenas problemas por aqui. Mas antes que eu vire e vá para longe, ela aparece.

Diferentemente de mim, não há nenhum traço de intimidação em seu rosto ou postura.

— Bela fantasia, Drago! — diz ela, olhando na direção do loiro. — Só não é mais assustadora do que sua cara sem essa máscara.

Ele ri com gosto e tira a máscara. Seu rosto é perfeito. Milimetricamente proporcional. Ele possui uma palidez que beira o fantasmagórico, e seus olhos são tão verdes que, mesmo com a pouca luz deste lugar, ainda é possível enxergar a cor com nitidez.

— Não finja que não ama olhar para o meu rosto — Drago diz, do alto de sua arrogância. — O que você trouxe para mim? Um brinquedinho novo?

Suas íris se voltam para mim, e ele dá um pequeno sorriso sujo quando começa a vir na minha direção.

— É melhor não chegar mais perto — advirto, já enojada pela maneira como ele fala e olha para nós.

— E é atrevida... Gostei. — Seu sorriso cresce. — Então, o que Sloan Kestrel está fazendo tão longe de seu território? Veio atrás de confusão?

Então ele também sabe quem eu sou. Talvez seja por isso que essas pessoas estão me olhando como se eu fosse um rato em uma armadilha.

— Ela quer uma informação — Nyx responde no meu lugar. — sobre os Corvos.

— Não me diga. — Ele olha para trás, na direção do cara máscara neon, e dá risada. O outro não retribui.

— Vai ou não vai me dar a informação? — pergunto, sem disfarçar a rispidez.

— Bem, como *você* deve saber... — ele começa, olhando brevemente para Nyx. — toda informação vem com um preço.

— E qual é o seu?

— Vou ser bonzinho e pegar leve com você. — O tal Drago aponta para o alto das escadas atrás dele, onde as pessoas estão se enfileirando uma ao lado da outra na entrada do bosque. — Vença o jogo e escolha um prêmio. Simples assim.

— Que jogo?

— Todos entram na floresta ao mesmo tempo, cada um segurando uma vela. Quem cruzar o rio primeiro, vence. Como eu disse, é bem simples.

Agora é a minha vez de rir, porque não sou tão ingênua para acreditar que seja mesmo simples. O brilho de malícia no verde-escuro de seus olhos delata suas intenções.

— Eu duvido que seja. O que não está me contando?

Para a minha surpresa, ele sorri com satisfação.

— Se a sua vela se apagar, então poderá ser eliminada do jogo.

— Quem vai me eliminar?

— Os outros jogadores, é claro.

Engulo em seco novamente, dessa vez junto com o nó que se formou em minha garganta.

— E como vão fazer isso?

— Como eles quiserem — responde a garota, entre risos.

É aí que está a armadilha, então.

— Faça sua escolha, pequena Kestrel — cantarola Drago. Ele se vira para subir as escadas. — O jogo começa à meia-noite.

Observo suas costas se distanciarem com um gosto amargo no fundo da minha garganta.

— Se quer um conselho, não jogue — Nyx diz com seriedade, olhando direto em meus olhos para garantir que estou entendendo. Desde o primeiro momento em que a vi, ela não parece ser do tipo que se importa muito com ninguém. Agora, contudo, a preocupação está evidente em seu rosto. — Drago é um sádico, amante de violência, que gosta de brincar com as pessoas. A maioria dos jogadores não chegam nem perto do rio porque estão aterrorizados demais para sequer tentar.

Um verdadeiro jogo do horror. Ele deve gostar de aterrorizar as pessoas.

Drago...

Já ouvi esse nome antes.

Mesmo nome do dono do Nemesis. O chefe de Nyx. Agora faz sentido a forma como eles conversaram. Já se conhecem.

Acho que isso significa que eu deveria realmente ouvi-la a respeito dele.

Por cima do ombro de Nyx, vejo os prováveis jogadores receberem suas velas. Eles não estão nem mesmo perto de estarem assustados. Muito pelo contrário. Parecem empolgados. Como se estivessem ansiosos para entrar na floresta escura e densa diante deles.

— Qual é a desse jogo? — questiono Nyx.

Deus... não acredito que estou mesmo considerando participar.

— Eu não sei — admite, tensa. — Acho que é a forma deles de mostrar que estão no controle. Dizem que quem vence pode ser recrutado para os Corvos, mas é baboseira.

E se eu vencesse? Parece improvável. Na verdade, acho que eles nunca me deixariam ganhar.

Eles conhecem aquela floresta, eu não. Não tenho a menor chance.

— Drago vai mesmo me dar a informação se eu vencer?

— Alguém sempre vence e alguém sempre consegue o que quer. São as

regras.

— Ele pode me ajudar com os Corvos?

— Se tem alguém que conhece os Corvos, esse alguém é Roman Drago.

Me encolho com um novo arrepio que sobe pela minha espinha e congela minha nuca. Drago pode ser um deles.

Não faça isso, Sloan. Não faça isso. Você só vai se meter em mais encrenca.

Definitivamente, não é disso que eu preciso. Eu só queria ter superado meus traumas, como todos sugeriram. Queria ter esquecido e seguido em frente. Queria ter ficado em paz. Mas isso nunca vai acontecer enquanto eu não souber a verdade.

— Eu vou jogar.

Nyx solta um palavrão, jogando as mãos para o alto como se estivesse desapontada.

— Porra, você é teimosa pra caralho — xinga ela. — Olha, seja lá por quem você está fazendo isso, essa pessoa não ia te culpar por desistir agora. Você já foi mais longe do que a maioria.

— Não. Não fui longe o bastante — discordo, me endireitando, e tomo coragem para enfrentar as consequências dessa decisão. — Não precisa ficar. É sério, posso cuidar de mim mesma. Esses caras não me intimidam.

Sou boa com jogos. Além disso, vou estar preparada para o que quer que tentem fazer para me eliminar. Eles não vão conseguir, porque duvido que tenham uma motivação melhor do que a minha.

— Ok — Nyx cede com um suspiro. — Mas eu vou jogar também. Vai ser difícil te encontrar na floresta, mas vou tentar garantir que você cruze o maldito rio.

Sorrio, novamente tentada a abraçá-la. Mas não dura muito, porque a desconfiança volta, me fazendo cerrar os cílios ao encará-la.

— Por que está fazendo isso? Por que ajudar uma estranha?

— Aprecio sua determinação. — Ela dá de ombros, como se fosse simples, mas sei que não é. Ela não continua no assunto, seus olhos saltam com insegurança para Drago e o cara do capuz, que estão voltando. — Olha, alguns jogadores apagam a própria vela de propósito para não serem vistos no escuro da floresta e poderem eliminar os jogadores um por um. Se preocupe mais com eles do que em chegar rápido ao rio.

— Certo.

— E não grite — aconselha Nyx. — É o que eles querem que você faça.

— Não vou gritar.

— Fez sua escolha? — Drago pergunta ao se aproximar novamente.

Ele está em deleite com toda essa situação, sorrindo e balançando o taco de *baseball*.

— Tô dentro.

— Perfeito! — exclama, tomando um segundo para me analisar descaradamente antes de se virar para o amigo da máscara assustadora. — Ares, dê uma vela à pequena Kestrel. E você, Tempest, vem comigo.

Com muita relutância, sigo o tal Ares na direção das mesas, mas, no meio do caminho, me viro para checar Nyx e ela parece estar discutindo com Drago. Não consigo ouvi-los, mas os ânimos parecem inflamados.

Engulo em seco com preocupação e volto a olhar para frente. Tenho que me concentrar totalmente agora.

Quando Ares, ainda em silêncio, me entrega um copo com uma vela acesa, a primeira coisa que noto é o tamanho do pavio. É curto. *Muito* curto. O que significa que a chama vai queimar e apagar rápido. De um jeito ou de outro, serei um alvo na floresta. Talvez seja por isso que Nyx me aconselhou a me preocupar com os outros jogadores em vez de em alcançar a outra margem do rio mais rápido.

A segunda coisa que noto são os sussurros que surgem feito uma onda à minha volta. De repente, as pessoas começam a me encarar e cochichar entre si. Não quero nem pensar no que isso pode significar ou nas consequências que me trará no jogo, mas mesmo que eles não me intimidem, ainda me causam arrepios que gelam os ossos.

Ares volta a marchar pelo deque, desta vez indo até a entrada de um dos corredores da floresta. Sou a última da fileira. Do meu lado esquerdo há alguém com a máscara de hóquei do Jason Vorhees. Felizmente, ele não parece interessado em mim. Ao contrário de Ares, que não para de me observar por trás de sua máscara bizarra.

— Você não fala? — pergunto, incomodada. Espero uma resposta, mas ela não vem. Segundos se passam. e ele continua quieto, apenas me fitando com os braços cruzados e a cabeça levemente inclinada.

Santo Deus... onde fui me meter?

Nenhuma instrução é dada e nada acontece por vários minutos. Não até meia-noite, quando Drago sobe em uma pilha de caixas com um megafone. É o mesmo momento em que Nyx volta segurando uma vela e se posiciona do meu lado direito, mas sem dizer nada.

— Vocês já conhecem o jogo — Drago comenta, olhando com orgulho para sua longa fileira de jogadores desafortunados. — Sobrevivam à floresta. Cheguem ao rio. Disparem o sinalizador para o alto. Quem fizer isso primeiro, vence. Alguma pergunta?

Eu tenho várias, mas tenho certeza de que é melhor ficar calada. Já percebi que este não é um jogo com regras justas. Tudo pode acontecer.

Ninguém faz nenhuma pergunta, então Drago começa a contagem regressiva mais demorada e perturbadora da minha vida. Respiro fundo um par de vezes, tentando me preparar para tudo o que posso estar prestes a enfrentar.

E quando a sirene toca, é o que todos fazem.

08

S L O A N

Quem está na sua sombra? Quem está pronto para jogar?
Somos nós os caçadores ou somos nós a presa?
Não há rendição e não há escapatória.
Este é um jogo selvagem de sobrevivência
Game of Survival — Ruelle

Os jogadores correm para a floresta. Num primeiro momento, é o que faço também, atordoada com todos os sons de galhos se partindo e folhas secas sendo pisoteadas. Entre os corredores intermináveis de árvores, vejo pequenos pontos luminosos das velas dos jogadores. Alguns se apagam com o vento e a velocidade que correm.

É quando paro. Me viro e não vejo ninguém atrás de mim. Não há nada além da entrada por onde passei, o último local iluminado. Todo o resto é um assustador mar de escuridão. Tento tento manter a calma, mas é difícil não pensar que alguém pode estar à espreita, prestes a iniciar a caçada.

Procuro Nyx pela mata escura, mas não há sinal dela em nenhum lugar. Embora não consiga ver direito, nada além de vultos e sombras, eu escuto muito bem. Ouço a movimentação dos participantes, por isso o medo de alguém trombar comigo me força a andar. Desta vez, eu caminho em vez de correr, para preservar a luz da vela, que é a única maneira de enxergar aonde estou pisando.

Um grito soa ao longe, ecoando por entre as árvores, e se prolonga por segundos torturantes. Fico arrepiada mais uma vez. Minha boca seca e meus batimentos cardíacos disparam. Meu instinto básico é correr o mais rápido que posso, mas de novo me lembro do conselho de Nyx. Não posso deixar meus impulsos me guiarem aqui. Tenho que agir com lógica.

Outro grito soa e, depois deste, mais outro. Percebo que todos eles vêm da esquerda, onde se concentram os jogadores, ou do norte. Exatamente na direção do rio.

Não posso andar em linha reta senão vão me pegar. Pelo o que sei, eles podem até mesmo estar esperando por mim.

Ok... tudo bem.

Não posso ir para o norte, nem para o oeste. Não posso voltar. Só me resta seguir no sentido leste por alguns metros e depois desviar para o norte,

assim não vou chegar ao rio pelo mesmo lugar que os demais.

Ponho então a ideia em prática. Continuo andando num ritmo moderado para preservar a vela acesa. Olho ao redor e mantenho os ouvidos bem atentos, distinguindo os sons distantes. Não parece que há alguém atrás de mim, então permaneço na rota e no ritmo que tracei.

Não sei quanto tempo já se passou exatamente. Mas, a cada instante, a mata se torna mais e mais gelada. Meus dentes rangem de frio, e meu corpo se contrai automaticamente para preservar o calor. Fica mais difícil andar, mas não paro. Os gritos cessaram. Não sei se é porque estou muito afastada dos outros jogadores ou porque há algum outro motivo bem pior. O silêncio consegue ser muito mais perturbador.

Paro e investigo se há qualquer movimentação por perto. Acho que ouvi um ruído à minha direita. Estendo a vela e olho em volta.

Alarme falso, continuo sozinha.

Quando volto a caminhar, o único som é o dos meus próprios movimentos. A floresta parece quieta.

Quieta até demais.

O rio deve estar muito distante, porque ainda não escuto barulho de água corrente e não vejo nenhum sinal da margem. Será que estou na direção errada?

Quase como uma miragem, após andar e andar pelo o que parece ser muito tempo, encontro algo. Não é o rio, é uma construção de pedra no meio de uma clareira. Parece um pequeno e antigo templo rochoso. Não há porta, apenas um arco aberto na entrada. Mesmo de longe, consigo ver luzes bruxuleantes no lado de dentro da construção.

Um nó surge em minha garganta. A vontade é de me virar e correr para a direção contrária, mas uma movimentação suspeita me atrai. Minha curiosidade leva a melhor, e caminho pé ante pé até o templo, evitando ao máximo emitir algum ruído. A cada passo, os sons se tornam mais audíveis.

Grunhidos de dor e uma voz maquiavélica sibilando baixinho.

Uma neblina gelada envolve o templo. Me encolho contra a parede externa de pedra e estico o pescoço para bisbilhotar o lado de dentro da construção.

A cena me deixa mortificada.

Há um homem de joelhos sobre o chão. Está amarrado e coberto pelo que parece ser o próprio sangue, proveniente de feridas em seu rosto. O cabelo loiro está molhado, e a camisa cinza-escura empapada com o líquido vermelho.

Quando ele levanta a cabeça, consigo reconhecê-lo.

Troye Nichols.

Diante dele, há duas pessoas. A primeira, mais perto da porta, não

consigo identificar, pois está de costas para mim e usa uma máscara que cobre toda a cabeça. A segunda, porém, não usa máscara. Apenas uma pintura facial de caveira, o que serviria como disfarce para alguém que não o conhecesse tão bem quanto eu.

Lembro de cada centímetro de seu rosto. Poderia desenhá-lo de olhos fechados.

E, então, sua voz ecoa pelo templo em ruínas. As chamas de castiçais dourados dançam agitadas sob o som grave de suas palavras.

— Bela cicatriz — diz Callan. Só então percebo que há uma lâmina em sua mão. Um punhal prateado e manchado de sangue. Um grito de horror se prende em minha garganta, e me seguro nas pedras com força. Ele vira o rosto de Troye para encará-lo nos olhos e avaliar a grande cicatriz que ele esculpiu no rosto do homem, anos atrás. — É um lembrete infernal, não é? Lembra de como sangrou? Acho que devo adicionar mais algumas marcas para quando encontrarem seu corpo.

Não consigo controlar o fluxo alto e desesperado da minha respiração. Não posso acreditar no que meus olhos estão vendo. Já vi Callan Harkness cometer atos moralmente reprováveis e criminosos antes, mas nada desse tipo.

Há crueldade vil e crua na forma que fala e se move. Parece um demônio saído direto do inferno para atormentar os meros mortais no Halloween. Um personagem aterrorizante, digno de um filme de horror.

O desenrolar daquela cena parece mais do que um acerto de contas ou tortura gratuita. Parece ritualístico. Como uma cerimônia macabra e solene.

É difícil reconhecer o Callan do passado aqui. O *meu* Callan. Esse monstro que vejo agora engoliu por completo a memória de quem ele costumava ser na adolescência.

— Não, por favor. — Nichols implora, de uma forma que nunca vi fazer antes. Meus olhos se arregalam, temendo pelo que pode acontecer em seguida. — Te dou o que você quiser.

Callan estala a língua, balançando a cabeça como se estivesse ofendido.

— Seu ego me enoja.

Em seguida, tudo acontece devagar diante dos meus olhos. Callan levanta o punhal e, logo depois, o abaixa num corte seco no ar, fincando-o no ombro de Troye. O grito profundo reverbera, fazendo as rochas sólidas tremerem.

Sem querer, um grunhido apavorado escapa da minha garganta.

Tampo a boca no mesmo instante, a vela escapando das minhas mãos e caindo no chão. Meus olhos quase saltam da órbita quando o rosto maquiado de Callan se vira e seu olhar se lança na minha direção, me pegando no flagra.

É quando desato a correr.

Meus pés esmagam com força o solo, e reúno todo o fôlego em mim para correr o mais rápido possível. Minha mente não consegue explicar direito o que eu vi, nem formular teorias. Só consigo pensar em escapar, antes que eu seja pega. Antes que eu seja a próxima vítima de Callan.

Os músculos das minhas coxas doem e pedem arrego. Meus pulmões queimam pelo esforço. Alguns galhos cortam meus braços conforme eu disparo pela floresta. Mas eu ignoro todo e qualquer desconforto. De tão aflita, não consigo nem olhar para trás. Sinto ainda o grito e o choro de desespero entalados na garganta desde que testemunhei aquela cena horrível.

De tão rápido que corro, tropeço em um tronco espesso no chão por cima das folhas. Caio de bruços, tombando antes mesmo que consiga me dar conta do que houve.

Giro

desesperada, apoiando-me com os cotovelos e me sentando no chão. Mas quando olho na direção da qual vim, não vejo nada. O templo ficou para trás. Não há ninguém me perseguindo. Há apenas o escuro da mata densa, que é aterrorizante por si só, e o mais profundo silêncio.

Tudo estaria perturbadoramente quieto se não fossem as batidas descontroladas do meu coração retumbando no peito e minha respiração descontrolada.

Fecho e abro os olhos algumas vezes, garantindo que eu não estou presa em um sonho lúcido. Ou, melhor, um *pesadelo*.

Respiro fundo e me preparo para levantar e voltar a colocar o máximo de distância entre mim e aquele palco de horrores lá atrás, O som de folhas e galhos sendo pisoteados me detêm, no entanto. Minha cabeça se vira, e não demoro a encontrar a origem. Meu coração quase para.

Não é Callan.

É uma figura alta, mais de dois metros de altura com certeza, e corpulenta, com uma máscara aterrorizante de palhaço a poucos passos de distância, imerso na escuridão da floresta. As sombras envolvem sua figura parada e fazem meu corpo inteiro gelar.

Engulo em seco e me arrasto para trás, prestes a me erguer e voltar a correr.

Mas ele é mais ágil e salta sobre mim. Suas mãos me atingem, me jogando de volta no chão. Minhas costas batem contra o solo, quebrando as asas de anjo que ainda estavam presas à fantasia. Seguro um gemido de dor e tento não olhar para a máscara, mas a visão do palhaço macabro me desespera. Sinto o peso do seu corpo sobre o meu, e suas mãos me seguram pelos ombros com força, os dedos fincando na minha pele feito garras.

A dor faz meu maxilar travar.

Mas não grito. Apenas luto. Me debato e tento chutá-lo, o impulso da raiva vencendo o medo. Ele se esquiva e me pressiona com mais força contra o chão. Trinco os dentes quando sinto os galhos e pedras arranharem minhas costas e a dor irradiar pelo meu corpo.

O sorriso perverso e sangrento de sua fantasia parece uma sentença para mim.

— Eu encontrei ela! — o cara esbraveja para o alto, satisfeito. Suas palavras ecoam por entre as árvores e sei o que significam. — A maldita vadia dos Grifos.

Grifos?

O medo se espalha pelas minhas veias, anulando a adrenalina.

— Não tenho nada a ver com os Grifos — garanto com palavras gaguejadas de puro terror. — Nem sei quem eles são.

O palhaço apenas dá risada, sem acreditar.

Engulo em seco novamente, encurralada.

Só sei que não posso ceder, não posso parar de reagir.

— O que quer que estejam planejando, não vai acabar bem para vocês — tento ameaçar, mesmo com a voz trêmula. Viro o rosto, me esforçando para que ele não veja as lágrimas que surgem em meus olhos. Seu corpo está sobre o meu, me imobilizando. — Sabem quem eu sou. Se algo acontecer comigo esta noite, vocês estão ferrados.

O homem ri abafado, sem se importar. Sua confiança faz o medo me abraçar, me puxando para baixo. Mordo o lábio inferior, imaginando as coisas que eles podem fazer comigo aqui.

Suor frio se acumula na minha testa e na palma das mãos. Meu coração bate dolorosamente firme e acelerado no peito, a respiração descompassada soa como uma súplica no silêncio ensurdecedor da mata.

Não posso morrer assim. Não posso deixar que eles consigam o que querem.

Estou prestes a me debater pra valer e empenhar todas as minhas forças para tentar fugir quando um barulho estranho surge bem atrás dele e ele se vira para olhar.

Se seus comparsas nos encontrarem, minhas chances de escapar são nulas, então aproveito sua desatenção para levantar meu joelho e atingir sua pélvis com força. Seu aperto sobre mim enfraquece, e ele grunhe.

— Desgraçada! — ele me xinga, um segundo antes de eu chutá-lo de novo, dessa vez para longe de mim, com ainda mais força.

Não fico para ver o estrago, me levanto num salto e começo a correr. A

sandálias baixas deixam meus pés expostos para os galhos e pedras no chão, que os cortam. Ouço uma movimentação atrás de mim e olho por cima do ombro para checar se estou sendo seguida, mas o que vejo me detém.

Só há sombras na noite escura, mas identifico duas silhuetas. Um deles está encurralado contra uma árvore, sendo segurado pelo pescoço e recebendo vários socos brutais no rosto.

Semicerro os olhos, me esforçando para enxergar melhor.

— Que porra você está fazendo?! — grita com dificuldade o homem que me atacou.

Seu corpo desliza debilmente até o chão. O homem depois engatinha devagar para se equilibrar, tossindo sangue e gemendo de dor. Os sons repugnantes me fazem fechar o rosto numa careta.

Uma voz familiar e desprezível o responde enquanto eu ofego alto:

—

Tente encostar nela de novo e eu arrancarei fora a sua mão, um dedo de cada vez.

Desta vez, meu corpo inteiro treme. Pisco com os olhos arregalados e sugo o ar entre os dentes, em puro choque.

Tenho que sair daqui.

Antes que ele me note, eu me esgueiro entre as árvores o mais silenciosamente que posso, tentando abrir distância e me manter escondida. Me abaixo e tomo cuidado para não pisar nos galhos secos que fazem barulho.

Quando enfim consigo ouvir o som de água corrente, penso que posso estar delirando.

O rio. *Finalmente.*

Acelero os passos, tentando desesperadamente alcançá-lo, mas assim que o vejo, metros à frente, também vejo os outros jogadores. Todos mascarados, na margem do rio, andando de um lado para o outro como se estivessem vigiando.

Ou *esperando*.

Não tem como chegar ao rio sem passar por eles, e eles sabem. Já poderiam ter vencido, era só disparar o sinalizador. Mas não é o prêmio que eles buscam. É a caça.

E agora, mais do que nunca, tenho certeza de que sou a presa.

O rosto de um deles se vira na minha direção assim que dou um passo para trás, mas acho que não me viu. Estou prestes a dar outro quando sou pega por trás. Uma mão cobre a minha boca, e sou virada para trás de uma árvore, minhas costas pressionadas contra o tórax firme de alguém.

O pânico me domina e esqueço de ser racional. Tento gritar sob sua mão e começo a me debater com mais ímpeto, mas ele me segura firme sem

dificuldade e inalo seu cheiro quando se aproxima para sussurrar na minha orelha.

— *Shhh*, sou eu.

A voz rouca da qual estive fugindo me faz fechar os olhos. De novo, ele me captura.

— Não grite! — ordena. — Falo sério.

Em seguida, ele retira devagar a mão da minha boca e me vira para olhar em meus olhos. Não grito nem saio correndo, não sei o porquê. Estamos atrás de uma árvore bem robusta, que me protege dos caras no rio, *mas não me protege dele.*

As lágrimas nublam minha visão, talvez seja melhor assim. Não quero ver o que ele fará comigo.

Não consigo enxergar quase anda, só senti-lo próximo, então Callan dá um jeito nisso e acende um isqueiro, posicionando-o entre nós. Agora o vejo com clareza, seu rosto está pintado com tinta preta, que forma uma caveira. Os cabelos bagunçados, bem diferente das últimas vezes em que o vi.

A chama laranja bruxuleante faz seus olhos cor de âmbar se acenderem, como se também estivessem pegando fogo. Sua beleza soturna e sombria combina perfeitamente com a maquiagem de halloween.

Há respingos de sangue em seu rosto e pescoço.

— Você é um monstro — soluço, baixinho.

Não tenho para onde correr. Há muitos deles por toda parte. Eles me querem, sabe-se lá por quê.

— Que porra está fazendo aqui? — Callan pergunta, entredentes, me olhando com mais ódio do que pensei ser possível. Praticamente rosna de irritação em meu rosto, os olhos mais inflamados do que a chama de seu isqueiro.

— Fique longe de mim — peço, tentando me esquivar dele. Mas Callan me prede contra a árvore, mantendo-me cativa. — Eu vi tudo.

— Você não viu nada — ordena, confiante. — E se quer sair viva daqui, é melhor me obedecer.

Tento empurrá-lo para conseguir passar, mas ele me segura pela cintura e me pressiona com mais força contra a árvore.

Por que me deixar sair viva? Sou tudo o que ele odeia e acabei de testemunhar seu crime. Estou em seu território, sem nenhuma arma ou proteção. Sou um alvo fácil preso em sua armadilha. Callan me tem exatamente onde sempre quis. Agora, é só acabar com isso de uma vez por todas.

Sinto sua respiração em meu rosto quando ele se inclina sobre mim.

— Diga o que está fazendo aqui — insiste, pressionando meu pescoço

com sua mão livre. Viro o rosto para o outro lado, me recusando a olhar em seus olhos. O arrepio do seu toque gela minha espinha. — Não vou perguntar de novo.

— Estava atrás da verdade — sussurro, a contragosto.

Callan ri baixinho, como se eu fosse uma criança tola e ingênua.

—

Você não suportaria a verdade. Sabe disso agora. — Ele se distancia. — Preserve sua inocência e dê o fora daqui enquanto pode.

— Não vai se safar dessa, Callan — prometo.

Ele pode até ter escapado antes, mas agora eu o vi mostrando o seu pior. Sou uma testemunha de seus atos perversos e, se ele me deixar mesmo sair viva daqui, vou até a polícia. Vou dizer tudo o que aconteceu.

Finalmente, ele pagará por tudo o que fez.

Callan não parece nem um pouco intimidado, porém. Ele solta uma risada nasalada, enfim se afastando.

— É o que vamos ver.

A confiança em seu tom de voz me enoja. Mas não tenho tempo de fazer ou dizer mais nada, porque o som distante de sirenes irrompe pelo ar, ficando cada vez mais alto.

Não pode ser...

Um sorriso de alívio surge em meu rosto.

Tenho minha confirmação quando luzes vermelhas e azuis permeiam a mata, sendo refletidas no rosto de Callan. Ele arregala os olhos e se vira, procurando a origem delas. Sob o estardalhaço das sirenes, ouço passos agitados correndo de um lado para o outro na floresta, vultos e sombras desaparecendo entre as árvores, fugindo.

Faço menção de correr para longe, na direção da polícia, mas uma mão agarra meu braço antes que eu possa me mover. É a minha vez de quase rosnar quando me viro para Callan:— Me solte.

— Negativo.

Você vem comigo.

— Vai me torturar também? Ou me matar?

— É exatamente isso o que vai acontecer se não vier comigo! — brada, apertando meu braço com mais força. — Preciso te arrastar?

É evidente que ele seria capaz disso e de coisa pior.

Praguejo uma dúzia de vezes, sem achar outra solução. Ele vai me matar, é totalmente capaz disso.

Acho que nunca vi Callan com tanta clareza quanto agora. A maldade estampada em seus traços, a determinação endurecendo seu rosto. Minha parte

amedrontada quer me desvencilhar e sair correndo para qualquer lugar longe dele. Mas a parte sábia tem discernimento para entender que o mais sensato é fazer o que ele manda.

Callan vê minha aceitação quando permaneço parada, de cabeça baixa. Em seguida, prendo a respiração quando sua mão desliza pelo meu braço até encontrar a minha. Ele a aperta, sem tirar os olhos dos meus, como se estivesse me desafiando a me afastar ou a contestá-lo.

Não

faço nenhum dos dois.

Callan fecha a tampa do isqueiro e mergulhamos na escuridão outra vez. Só que agora ele me guia por ela como se realmente já conhecesse o caminho. Com a mão na minha, ele me leva pelas árvores, e assim atravessamos a floresta.



O carro está silencioso desde que entramos nele, cinco minutos atrás. O Aston Martin preto e reluzente de Callan estava estacionado numa estrada de terra que eu nem sabia que existia. O plano dele deu certo, porque saímos de Beastland antes que os policiais adentrassem na floresta.

O interior do carro cheira a Callan e ao meu medo. Seu perfume está entranhado por toda a parte, o que é muito perturbador. Só não é pior do que a noção de que o diabo em pessoa está sentado bem ao meu lado, dirigindo o veículo que pode me levar para qualquer lugar.

Minha mão direita, a mesma que ele segurou firmemente durante os minutos que cruzamos a floresta, ainda formiga por conta do seu toque quente.

— De todas as decisões estúpidas que já tomou, esta foi a pior de todas. — Callan quebra o silêncio com sua voz ranzinza e seu tom hipócrita de repreensão.

— Dificilmente — respondo sem olhá-lo, mas consigo ver de soslaio que sua atenção está em mim enquanto dirige. — Vai me matar?

— Ainda não, mas posso mudar de ideia.

Bastardo.

Seco as lágrimas ainda frescas sobre minha pele e me encolho, abraçando meu próprio corpo. Morte pode não ser a pior coisa que ele me reserva. Tenho certeza de que Nichols implorou para morrer rápido em vez de ser torturado de forma tão sádica.

— Por que fez aquilo? — pergunto, tentando entender.

— Deveria estar mais preocupada com a situação na qual se meteu. Que

porra foi fazer em Beastland?

Callan está enfurecido comigo, mas muito tranquilo em relação ao que houve no templo. Parece uma situação absurdamente trivial para ele. E isso me dá calafrios; significa que ele é uma pessoa mais perigosa do que eu imaginava.

Fico esperando que ele me leve para algum lugar reservado onde pretende me torturar e abandonar meu corpo, se livrar da testemunha. Mas, para minha surpresa, Callan deixa a floresta para trás, seguindo pelo centro do distrito na direção do campus.

— Responda! — ele eleva o tom de voz, me assustando.

Novamente, engulo um bolo de saliva, escondendo minhas mãos trêmulas.

— Fui participar do desafio — respondo. — Como todos os outros, queria o prêmio.

— *Voc*ê se tornou o prêmio assim que pisou naquele lugar — rebate, me olhando com raiva.

Levanto as sobrancelhas, desconfiada.

— Por que acham que sou uma Grifo?

Callan não responde, mas não precisa. Já sei que tudo isso tem a ver com as duas malditas sociedades secretas de Millsdale.

— Por sua culpa, Beastland já era — continua Callan, soando cada vez mais irritado.

— O quê?

Não entendo como Callan está mais preocupado com isso do que com o fato de que agora tenho algo grande para chantageá-lo. Ele parece certo de que não vou delatá-lo. Ou de que, muito provavelmente, nada acontecerá caso eu o faça.

— Acha

que os policiais estavam atrás de quem?

Abro a boca e balanço a cabeça negativamente. Não tem a menor chance de isso ser verdade.

— Talvez alguém tenha finalmente denunciado as coisas horríveis que você e seus amigos fazem naquela floresta — murmuro, torcendo para que isso seja verdade.

Callan descarta a possibilidade com uma risada de escárnio.

— Seu celular está sendo rastreado. A polícia estava lá para capturar você, não eu.

— Está errado.

As únicas pessoas que poderiam colocar um rastreador no meu celular são aqueles em que mais confio. James, Bash e... *meu pai.*

Não. Me recuso a acreditar que algum deles fez isso comigo.

— Acredite no que quiser. Continue presa em seu globo de neve, é o melhor que pode fazer. Não sabe onde estava se metendo esta noite. Não faz nem ideia do perigo que correu.

De novo essa irritação dele. Ela mais parece um tipo doentio de preocupação do que qualquer outra coisa, me deixando confusa. Callan deveria me querer morta, sobretudo agora.

— Pelo que sei, ainda estou em perigo neste carro com você — acuso, estreitando os olhos.

— Talvez seja difícil para você acreditar, mas posso não ser o pior monstro desta cidade.

Eu teria rido dessa afirmação, se uma parte de mim não estivesse ainda paralisada de medo.

Não digo mais nada enquanto ele dirige. Para o meu alívio, ele me leva mesmo ao alojamento estudantil, em vez de para uma cova vazia onde poderia me enterrar. Seu carro para bem em frente ao Danver Hall, e continuo apenas encarando o prédio por alguns segundos. Depois, movo meu olhar para Callan.

— Como sabe que não vou sair daqui direto para a delegacia? — tomo coragem para perguntar, curiosa sobre suas motivações.

Não consigo entender...

— Porque você não é estúpida. — Dá de ombros. — Não quer que a próxima vítima da minha ira seja alguém que você ame. Ou quer?

Ele arqueia uma sobrancelha, me desafiando.

Cenários onde Bash ou Astor estãosob o domínio de Callan, cobertos de sangue e implorando pela vida, surgem em minha mente. Fecho os olhos, sentindo as lágrimas retornarem.

Sinto tanto frio que é impossível parar de tremer. Imagens daquela floresta, do palhaço, de Troye Nichols, invadem minha visão. Me dá náuseas.

Não posso correr o risco, sei que Callan é capaz de qualquer coisa.

— Tudo isso tem a ver com os Corvos, não é? — murmuro, receosa. — Você é um deles?

Analiso sua expressão, porque sei que ele não vai ceder. Mesmo assim, tenho certeza de que essa história é muito mais profunda e sombria. Tive apenas um vislumbre essa noite.

O semblante de Callan nem sequer vacila. Os olhos voltaram a ser gelados e vazios. Observo inerte quando ele se aproxima e se inclina sobre mim. Seu perfume me inebria, e consigo sentir o calor de seu corpo sobre meu. O perigo grita em meus ouvidos. É apenas por um segundo, porque logo depois ele abre a porta do passageiro ao meu lado e cai de volta em seu lugar.

— Fique longe, Sloan. Falo sério. — Ele indica a porta aberta com a cabeça, me expulsando. — Quem brinca com fogo costuma se queimar. E isso seria uma pena para um rostinho angelical como o seu.

Travo a mandíbula diante da forma como ele fala comigo. Em seguida, solto o cinto e saio do carro sem dizer mais nada.

Corro para longe, embora saiba que não há fuga nenhuma que me protegeria de Callan Harkness se ele quisesse me pegar e me torturar.

E, por algum motivo que desconheço, ele não quis.

Provavelmente, ainda não.

09

S L O A N

Você me enterrou vivo
E todos tem que respirar de alguma forma
Não me deixe morrer
Consumido pelo seu vazio e mentiras
Bury Me Alive – We Are The Fallen

Eu detesto o véu fino que nos envolve quando estamos quase adormecendo. Ele é rompido facilmente porque estamos semiconscientes. Costuma ser nestes momentos que sonhamos que estamos caindo e ficamos assustados. Desde que passei a sofrer de insônia, minhas noites de sono são resumidas a este véu irritante. É por isso que nunca me sinto descansada. É como se minha mente se recusasse a desligar.

E é por causa disso que, mesmo um pouco adormecida, consigo sentir a presença de Riley uns segundos antes de ouvir sua voz.

— Sloan? — chama ela. — Sloan, acorde.

— Hmm? — resmungo, cobrindo o rosto com as mãos.

Não quero acordar. Não ainda.

Não parei de sentir o frio da floresta de *Beastland* mesmo após tomar um banho quente e me enfiar debaixo de três cobertas para dormir. Continuo presa lá, envolvida pelo cheiro das folhas e pelo som de passos abafados.

A sensação desesperadora de inquietude nunca foi embora. Ainda está aqui. A adrenalina misturada com o medo mantém meu pulso acelerado.

Se me concentrar, acho que ainda consigo sentir o perfume de Callan e ouvir claramente o som ameaçador de sua voz.

Ainda consigo escutar os gemidos de dor e desespero de Troye Nichols.

— Sloan, acorde!

Dessa vez, abro os olhos e encontro uma Riley assustada, envolvida pela penumbra e me encarando aos pés da cama no pequeno dormitório que compartilhamos. Ela ainda está com sua fantasia e o quarto continua escuro.

Coço os olhos antes de me sentar sobre o colchão.

É quando sinto meu corpo dolorido que tenho a confirmação de que não

foi tudo um pesadelo. Realmente aconteceu. Realmente testemunhei um crime e fui perseguida e atacada na floresta.

Respiro fundo.

— Que horas são?

— Da última vez que vi, eram três e meia.

Três e meia da manhã?

Porra.

Com a visão mais nítida, volto a fitar Riley e a preocupação estampada em seu rosto começa a *me* preocupar. Ninguém acorda outra pessoa às três da manhã por uma boa notícia.

— O que houve?

— Seu namorado tá lá embaixo te procurando.

Que diabos James poderia querer a uma hora dessas? Não nos falamos há dias. Ainda estou decidindo o que fazer com nosso relacionamento.

Salto da cama, apanhando meu robe pendurado na porta do armário. Uma buzina alta soa do lado de fora, me assustando ainda mais. Ele certamente acordou o alojamento inteiro com isso.

Se não for uma questão de vida ou morte, eu vou matá-lo.

— Sloan, tome cuidado — Riley diz assim que abro a porta. — Ele não parece feliz.

Engulo em seco, meus olhos tão arregalados que poderiam saltar para fora do crânio. O arrepio que percorre minha espinha faz meu corpo gelar ainda mais.

Apenas aceno com a cabeça, grata pelo aviso. Saio do dormitório descalça e analisando todas as possibilidades na minha mente. Algumas garotas bêbadas com fantasias de Halloween sensuais estão pelos corredores do alojamento, rindo e conversando alto. Passo por elas com pressa e galgo os degraus da escada até a porta de saída.

Mas, quando chego lá embaixo, não encontro nada. Nenhum sinal de James ou de sua BMW azul-marinho.

Olho ao redor, procurando. Dou alguns passos adiante e para a entrada do estacionamento, mas não encontro nada.

Talvez Riley tenha se enganado.

Estou prestes a me virar e voltar para o Danver Hall quando alguém me pega por trás. Dá tenho tempo de gritar, porque uma mão grande cobre minha boca, pressionando um tecido em meu nariz. O odor forte, ardente e adocicado faz minha garganta doer, mas não dura muito. Não consigo reagir, porque minha visão rapidamente escurece e eu caio no vazio.



Minha cabeça dói.

É só o que consigo pensar no momento que desperto, sentindo-me zonza. Minha boca está seca, e minha cabeça dói pra caramba. Abro os olhos e a escuridão permanece. Pisco, tentando afastá-la, e ela continua lá.

Tudo está preto.

É quando as memórias voltam. O estacionamento vazio, a noite fria, a preocupação de Riley...

Alguém me pegou.

O desespero surge e me toma antes que eu possa impedi-lo. Minha mandíbula trava e a sensação gelada do medo me toma, se arrastando por cada um dos meus membros e me fazendo paralisar.

Fui sequestrada.

Este é o perigo do qual meu pai me advertiu tanto. Ele sempre me avisou que os inimigos que fez no trabalho podiam tentar me usar contra ele.

E sempre subestimei essa possibilidade, mas aqui estou eu.

Meu coração dispara, e meu cabelo está colado nas têmporas pelo suor. Meus dedos chacoalham de tanto tremer. Minha respiração se acelera, e o sentimento incontrolável de medo se aproxima.

O desespero se apodera dos meus sentidos.

Fecho os olhos, bem apertado, e respiro fundo, me forçando a lembrar do passo a passo que meu terapeuta e psiquiatra ensinaram. Me concentrar no aqui e no agora, apenas em mim mesma e na minha própria respiração. E parece a tarefa mais difícil do mundo. Mas tenho tanto medo de ficar ainda mais vulnerável, à mercê de um ataque de pânico, que me forço a conseguir. Começo a contar de um até dez, fazendo respirações profundas para me acalmar.

O tempo se arrasta, moroso, mesmo assim, não paro. Até que sinto o coração voltar a bater numa frequência normal e meus membros pararem de tremer.

Não posso perder o controle justo agora. Preciso pensar racionalmente. Eles devem querer um resgate. Não são idiotas o bastante para me matar.

Mas e se me pegaram por outro motivo? E se foram os Corvos ou qualquer um dos maníacos de Beastland? E se for Callan, mudando de ideia sobre me matar?

Chacoalho a cabeça, percebendo que há algo, um saco de pano talvez, na minha cabeça. Minha respiração quente não consegue ultrapassar o tecido preto e espesso que foi colocado para tapar minha visão e sinto minha cabeça latejar

com a sensação de abafamento. Tento me mexer e sinto a pressão unindo meus pulsos e tornozelos.

Ok, estou presa em uma cadeira, provavelmente. Mas não estou machucada, o que é um bom sinal.

Vou escapar dessa. *Eu preciso escapar.*

— Finalmente acordou, huh? — Uma voz masculina soa próxima e escuto sons de passos.

Não é a voz de Callan.

Não tenho tempo de pensar no que fazer ou mesmo de entrar em pânico de novo, pois o saco é arrancado da minha cabeça de uma só vez e meus olhos semicerram instintivamente para se ajustar à luz. Mas não há muita aqui, de qualquer forma. Apenas uma lâmpada pendurada no teto acima da minha cabeça.

Olho ao redor, piscando sem parar. Vejo paredes rochosas e chão de terra. É um lugar pequeno e bem escuro e não consigo identificar mais nada útil. Parece uma sala subterrânea, tipo um mausoléu.

Não quero pensar nessa possibilidade. Que posso, mais uma vez, estar frente a frente com uma morte brutal. Ou que talvez eu tenha que torcer para que a morte seja tudo o que está reservado para mim hoje.

Tomo coragem para abrir os olhos de novo e encarar o que está à minha frente. Minha respiração se mantém estrangulada na garganta pela tensão. Chego a engasgar quando me deparo com três homens diante de mim. Ao menos, acho que todos são homens. Não tenho como saber. Eles usam mantos negros que vão até o chão e máscaras prateadas representando uma figura monstruosa, com dentes longos e afiados e chifres pontudos.

Oh, Deus...

Lágrimas de puro terror surgem no canto dos meus olhos. Eles ficam em silêncio, apenas me observando pelo que parece ser uma eternidade.

— Quem são vocês? — minha voz débil e trêmula pergunta. — O que querem? Se for dinheiro, posso conseguir com apenas uma ligação.

Um deles ri alto e é seguido pelos outros.

As lágrimas começam a escorrer, me fazendo parecer ainda mais fraca e vulnerável. Não quero implorar, mas posso estar prestes a fazer isso pela primeira vez.

— Não está me reconhecendo, querida? — o mais baixo deles pergunta. — É a máscara? Pensei que gostasse disso. *O Fantasma da Ópera* não é sua obra favorita?

Pisco, sem acreditar.

Não, não pode ser.

— James? — sopro, atordoada. — O quê...? O que está fazendo?

Ele se aproxima e retira a máscara, revelando o rosto bonito pelo qual me apaixonei. Mas, de alguma forma, não parece a mesma pessoa. Talvez esta seja a versão que nunca conheci, mas que sempre esteve lá, à espreita...

Sua expressão é tranquila, e ele baixa os olhos azuis para o artefato em suas mãos.

Sinto bile em minha garganta, o gosto amargo na minha língua desperta o instinto de refluxo. Acho que vou vomitar.

— Se chama *Hannya*. Na cultura japonesa, essa máscara que representa a encarnação de sentimentos sombrios como ódio, ciúme e paixão. Sempre achei assustadoramente mundano.

Ele volta a olhar para mim e, dessa vez, tenho certeza de que não o conheço. Não sei quem é esse homem na minha frente e o que ele pode ou não fazer. Nunca o ouvi falar desse jeito, ou se vestir assim, ou até mesmo olhar para alguma coisa da forma como olha para mim agora.

É como se estivesse vendo Soren Deacon bem na minha frente, apenas com outro rosto.

— James — repito, cautelosa, rezando para que consiga trazê-lo de volta à realidade. — O que você está fazendo? Quem são essas pessoas?

Ele suspira e balança a cabeça.

— Às vezes, esqueço que você não sabe.

— Não sei o quê? — insisto. — Por que estou aqui?

— Você está aqui, meu amor, porque suas ações têm consequências e já estava na hora de você ver isso com os próprios olhos.

Franzo o cenho, sem conseguir entender nada.

— James, me solta. Vamos conversar, ok? Em particular.

— Poderíamos ter conversado antes de você cometer o erro de ir à Beastland. Por que você foi lá?

Comprimo os lábios.

— Nunca fui à Beastland. Do que está falando?

O homem à sua esquerda dá outra risada, mas James não o acompanha dessa vez.

— Não minta para mim, Sloan. Você é uma de nós, mas não vai se dar bem se continuar mentindo.

— Uma de vocês? — questiono, mas ele não explica. — Eu nem sei quem vocês são. Não sei quem *você* é.

— Sabe, sim — garante, se aproximando ainda mais. — Eu só preciso que me diga por que foi até aquele lugar. Por que está procurando os Corvos?

— Não estou — insisto na mentira, porque não sei o que eles podem fazer comigo se souberem a verdade.

— Seu celular disse que você estava.

— Meu celular?

Merda. É claro.

Tinha me esquecido que o entreguei na entrada do parque e o deixei lá quando saí correndo com Callan.

Mordo o canto da boca, sentindo minhas veias esquentarem quando lembro também do que Callan me disse no carro.

— Esteve me rastreando?

James não responde. Ele não precisa, de qualquer forma. A verdade está estampada em sua cara. Callan estava certo, eu estive vivendo na porra de uma fantasia. Estive dormindo com este homem, que agora me sequestra e usa máscara para me aterrorizar. Um homem que esteve rastreando meus passos com um maldito *stalker.*

Ah, meu Deus.

— Não deveria ter feito isso, querida. Mas não a culpo, sabe? É culpa do seu pai. Ele te alimentou com mentiras e agora isso é tudo o que você conhece. — James se inclina na minha direção e toca minha bochecha com a ponta dos dedos. A carícia que antes era tão desejada por mim agora só me desperta asco e repulsa. Me afasto do seu toque como se fosse venenoso. — Não se preocupe, Sloan. Vou consertar isso. Basta colaborar conosco e tudo vai ficar bem. Não tem ideia do quanto as coisas estão prestes a mudar para melhor, Sloan.

Consertar o quê? Quais mentiras meu pai me contou? Nada faz sentido.

Tento puxar a mãos, mas isso só faz a corda que as amarra moer ainda mais contra minha pele. Engulo a dor em seco, junto com a raiva, a decepção e o medo.

Olho ao redor novamente, avaliando a possibilidade de começar a gritar por ajuda. Este lugar parece isolado, contudo. Não duvido que seja no subsolo ou muito afastado. Infelizmente, isso significa que James sabe o que está fazendo. Não é sua primeira vez.

O que eles são?

— Me solta — peço, a voz firme dessa vez. — Não pode me manter aqui pra sempre.

Ele me dá um sorriso aparentemente inofensivo.

— Não é o que pretendo.

— O que diabos você quer?!

— Eu já te disse — James afasta uma mecha do meu cabelo desgrenhado, colocando-a atrás da orelha. — Quero te ensinar uma lição. É para o seu próprio bem, prometo. Agradeça por ser eu e não outra pessoa. Precisava ver para entender que isso é muito maior do que você. Não sabe de tudo ainda,

mas vai saber. Por enquanto, já deve ter aprendido que não pode mentir para nós. Estamos te observando, amor.

O arrepio retorna. Dessa vez, traz consigo a náusea que embrulha meu estômago. Quero chorar e gritar, porque parece ainda estou sonhando. Parece que estou presa em um terrível pesadelo que é real demais. Um do qual não consigo escapar e, o pior, acho que nunca vou.

Porque isso é real. É real há muito tempo e acho que só eu não sabia.

— Você é importante, Sloan — continua James, ainda me tocando. Não consigo me distanciar dele. A imobilização está acabando comigo. — E, acredite ou não, sempre estive te protegendo. Ainda estou. Fique longe dos Corvos ou vai acabar se machucando de verdade.

— Fique você longe de mim — grito, sem conseguir mais me controlar. — Eu sinto nojo de você. Você é um covarde.

Cuspo em sua cara com mais ódio do que já senti em muito, muito tempo. Minha visão está nublada pela revolta e tudo o que quero é que ele me solte para que eu voe sobre ele como um animal selvagem. Quero arranhar seu rosto até sair sangue.

James apenas limpa o rosto com calma, dando um passo para trás.

— Eu disse que ela precisava de uma lição mais severa — o mascarado à sua direita diz com a voz estrangulada. Ele dá um passo até mim, mas James o impede com um aceno. — O susto não é o suficiente. Tem que ensinar respeito à essa vagabunda de uma vez por todas, Corrighan.

— Ela ainda é uma de nós — o outro mascarado diz.

— Porra nenhuma! Ela parece com uma de nós, Julian? É melhor acabar com ela antes que cause mais problemas.

Julian? Seria Julian Donovan?

São os gêmeos e melhores amigos de Soren?

Isso não pode ser real. Nada disso.

Lembro-me de quando estive nas mãos dos gêmeos Donovan, no Halloween de oito anos atrás. Como eles sentiram prazer em me aterrorizar a mando de Deacon, da mesma forma que meu namorado está fazendo agora.

Tudo isso está ligado, de alguma forma. É muito maior do que jamais poderia imaginar.

James não dá ouvidos à discussão. Seus olhos se mantêm em mim. O mesmo rosto pacífico que costumava me acalmar não esboça nenhuma reação adversa. Não há emoção.

É como olhar para uma das estátuas de pedra no jardim do meu pai.

— Um dia você vai entender, Sloan. Quando estiver pronta — James promete, com uma ternura nojenta em sua voz. — Acredite ou não, este dia está

mais próximo do que imagina.

Em seguida, ele acena para um dos rapaz, que vem até mim com um tecido vermelho nas mãos. Sei o que é, porque ainda sinto o gosto na garganta.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando o mascarado dá a volta e o sinto atrás de mim. Tento me debater quando ele pressiona o que imagino ser clorofórmio em meu nariz novamente.

A todo momento, encaro James. Não há sinal de arrependimento em seus olhos. Ele está convicto e inabalável.

Como ele pôde fazer isso comigo?

O rosto do meu namorado ardiloso e traidor é a última coisa que vejo antes de apagar.



— Quer que eu chame alguém? — Riley pergunta.

Ela está sentada em sua própria cama, do outro lado do quarto. Só pelo seu tom de voz, sei que está preocupada comigo e meu estado catatônico. As lágrimas secaram há algum tempo. Não consigo calcular, mas estou encarando o teto desde então.

Chorei mais do que deveria. Minhas mãos demoraram a parar de tremer mesmo depois que acordei no estacionamento. Riley me encontrou e precisei dizer que desmaiei porque minha pressão abaixou demais.

Acho que ela percebeu a mentira, mas não disse nada.

No entanto, não posso dizer a ninguém o que aconteceu por dois motivos. Primeiro, acho que ninguém acreditaria. O filho imaculado do perfeito nunca faria algo como sequestrar e aterrorizar sua namorada. Segundo, porque não vou envolver mais ninguém nisso enquanto não souber exatamente com o que estou lidando.

Seja lá o que envolva James e sua maldita gangue mascarada, tem a ver com os Corvos e os Grifos também, de alguma forma.

Você é uma de nós. James disse isso e seu parceiro reiterou.

Que merda isso significa?

— Não — me apresso em responder. — Estou bem agora.

— Certo — minha colega de quarto assente. — Vou até a copa comer alguma coisa. Se precisar de algo, é só gritar que venho correndo.

Dou um sorriso.

— Obrigada, Riley. De verdade.

— Sem problemas.

Riley dá um meio sorriso e sai do quarto em silêncio. Assim que me encontro completamente sozinha, solto um longo suspiro.

Sinto os membros ainda doloridos de tanto que meus músculos se contraíram de medo em apenas uma noite. Levanto os braços na altura dos meus olhos para analisar o estrago sob a luz da luminária acesa, ao lado da minha cama. Meus pulsos estão muito machucados. Vermelhos e inchados, com a marca da corda em que foram amarrados. Precisarei esconder os hematomas pelas próximas semanas se quiser evitar um interrogatório.

Droga.

Como Callan sabia que eu estava sendo rastreada? A polícia poderia ter ido até Beastland por qualquer outro motivo, mas Harkness não tinha dúvida nenhuma. Era quase como se ele soubesse de algo que eu não sabia.

Sem dúvidas, ele tem algo a ver com os Corvos. É a única explicação para o que houve em *Beastland*. Então, se eu descobrir qual a ligação entre eles, talvez esta seja a prova de que preciso para relacionar Callan à morte de Ava.

Sinto as engrenagens em minha mente rangerem enquanto revivo os últimos dias, tentando encontrar uma conexão entre tudo.

Há algo de errado em Millsdale. Algo que acontece no submundo desta cidade, como as festas em *Beastland*, os encontros no Nemesis e os mascarados de James. Algo que custou a vida de Ava, do pai de Soren e de todas as pessoas que os Corvos assassinaram. E, se eles me viram em *Beastland*, devem saber que estou atrás deles.

Se não descobrir logo o que está acontecendo, posso ser seu próximo alvo.

Quando tento me levantar, percebo que é um esforço enorme me mexer. Sinto-me dolorida e drenada de qualquer pingo de energia. É como se tivesse sido atropelada por um trem. Mas não posso ceder e continuar na cama, derrotada e amedrontada, ainda sem saber toda a verdade, então me obrigo a me arrastar para fora do colchão e ir até a escrivaninha onde meu notebook está. Abro-o e acesso a página do Google apenas para digitar aquele nome na barra de pesquisa.

Callan Harkness.

Centenas de resultados aparecem. Clico no primeiro deles e começo a ler a matéria de uma revista de empreendedorismo que apresenta a biografia e o currículo da pessoa mais misteriosa que conheço.

Callan Harkness tem vinte e seis anos e nasceu em Millsdale, Washington. Seu pai, Edward Harkness, já foi comissário de polícia, mas, desiludido com o sistema público, fundou a Atlas, uma empresa de segurança privada de dados, que se tornou um negócio multimilionário em poucos anos.

Mesmo recebendo propostas exorbitantes para vender a Atlas, Edward recusou todas. Ele e sua esposa foram assassinados em sua própria casa durante um assalto, deixando seu único filho, Callan Harkness, órfão. O responsável era um criminoso conhecido, e foi encontrado e preso duas semanas depois. Ele confessou o crime e acabou morrendo na prisão.

Não se faz menção à relação de Callan com o incêndio no Instituto Valiant, nem à decisão de ele ter sido mandado para longe após isso.

A matéria continua informando que Callan está para concluir no programa de pós-graduação de administração o MBA em gestão de negócios, da Universidade de Millsdale. Ele foi a pessoa mais jovem a assumir o cargo de diretor de operações da Atlas, aos vinte e três anos.

Mesmo muito novo, Callan fez a empresa crescer o dobro do que era na época do seu pai, especialmente porque comandou uma equipe de engenheiros da computação que criaram um navegador oculto, impossível de ser rastreado e invadido, no qual os clientes da Atlas guardam informações sigilosas e dados querem manter protegidos. Com a direção de Callan, a Atlas entrou no *ranking* das quinze empresas mais lucrativas da América.

E não é só isso. A Atlas está praticamente por toda parte agora, sobretudo em Millsdale. A empresa criou sistemas de segurança exclusivos para órgãos públicos como o departamento de polícia e a prefeitura. Também desenvolveu todos os sistemas informáticos de proteção de dados para a universidade local, outras empresas da cidade e todos os magnatas do distrito de Rotherdam.

A revista chama Callan de “jovem gênio” e talvez ele seja mesmo, mas eles não viram o que estou vendo por trás de todas essas informações.

Se existe alguém capaz de descobrir qualquer informação de qualquer pessoa nesta cidade, incluindo seus crimes e negócios ocultos e sigilosos, esta pessoa é Callan Harkness. Sem dúvidas, ele também é o único que poderia tornar essas informações públicas, destruindo companhias e famílias inteiras, sem nunca ser pego. Além de tudo, participa de todos os círculos sociais da alta sociedade, tendo em mãos os contatos, a credibilidade e a confiança necessária para derrubá-los um a um.

E a pior parte é que ele também é capaz de machucar pessoas a sangue frio.

Mas, se Callan é o assassino por trás das mortes dos herdeiros de Rotherdam, por que está fazendo isso? Qual o interesse dos Corvos nessas pessoas?

Não há nada concreto, nenhuma prova de que minha teoria seja real. O que significa que ainda não posso fazer nada com essa informação. Ninguém acreditaria em mim.

Releio toda a matéria, mas dessa vez paro quando o texto cita a rede social exclusiva dos alunos da Wilrose que a Atlas criou: a *WilHot*. Parece uma espécie de Twitter, mas com fóruns e grupos de discussão sobre os assuntos mais populares da universidade.

Nunca me interessei por esse aplicativo, tampouco sabia que a Atlas — portanto, Callan — está por trás da criação dele.

Abro uma nova guia no navegador e acesso o site da WilHot. Sigo todo o passo a passo para criar uma conta e, depois de cinco minutos, finalmente estou dentro.

A interface da rede social lembra de fato o Twitter, mas parece mais completa. Há muitas pessoas logadas e online, postando todo tipo de coisa ao mesmo tempo. É um pouco difícil de acompanhar. Também encontro fóruns dos mais diversos assuntos: estudos, festas, caronas, encontros...

No campo de pesquisa, procuro por algo sobre os Corvos. Milhares de postagens aparecem. Em geral, falam sobre os assassinatos. Nada a respeito da antiga Sociedade dos Corvos. Continuo procurando, até que paro em um fórum sem tantos acessos intitulado “Iniciação”. Só 100 pessoas postaram nele, bem diferente dos outros fóruns que possuem mais de mil.

Ávida, clico no tópico “Iniciação” e começo a ler as postagens. Algumas são bastante antigas e não há nada que mencione os Corvos, mas muitos se referem a algo chamado “A Sociedade”. Ali, eles especulam sobre possíveis integrantes, locais onde ocorrem as reuniões...

Tudo isso parece apenas um amontoado de boatos sem fundamento, mas, mesmo assim, não paro de rolar a tela. Meus olhos se prendem em uma postagem específica e se estreitam ao lê-la.

@thegraduateblazz [02/10/22; 00h37]: *Eu consegui, idiotas! Recrutado. Iniciação em breve. Não fazem ideia do que isso é de verdade.*

@tomatojuice04 [02/10/22; 00h45]: *Quando e onde?*

@thegraduateblazz [02/10/22; 00h51]: *Em breve. Tic-tac!*

Abaixo do comentário, uma foto da torre do relógio da Wilrose foi anexada, sem nenhuma legenda.

@tomatojuice04 [05/10/22; 15h32]: *E aí, cara? Novidades? Zac disse que não te vê faz 3 dias.*

@tomatojuice04 [25/10/22; 10h03]: *Colocando sua foto na internet, cara. Se ler isso, dá notícias! Estamos preocupados*.

Outra foto anexada, dessa vez é de um rapaz jovem e comum. Presumo ser o @thegraduateblazz. Na legenda da imagem diz que ele está desaparecido desde a madrugada do dia 2 de outubro. Visto pela última vez na praça central do campus da universidade. Há um telefone para contato, caso alguém tenha

informações.

Universitário desaparecendo misteriosamente após procurar a tal Sociedade. Da mesma forma que Riley disse, sobre os boatos de que o sumiço repentino de alunos da Wilrose era culpa dos Corvos.

Pode não ter nada a ver com Callan ainda, mas pelo menos acho que agora tenho uma pista.

A torre do relógio.

10

S L O A N

Sinta a fúria chegando, as resistências estão se esgotando.
Nenhum lugar para correr de todo esse estrago, nenhum lugar para se esconder de toda essa loucura
Madness — Ruelle

Está silencioso por aqui. Talvez seja porque é segunda-feira e a maioria dos alunos ainda está se recuperando da ressaca do fim de semana. A a praça central do campus, onde se localiza a enorme e imponente torre do relógio, se encontra totalmente vazia, silenciosa e gelada. O frio faz meus dentes baterem e eu me encolher dentro do sobretudo grosso.

Quase não consegui ir à aula hoje. Meu corpo estava tão cansado que parecia disposto a dormir por doze horas seguidas. Riley precisou me acordar ou perderia o primeiro período.

Ao menos, consegui pregar os olhos sem ser atormentada por nenhum pesadelo. Mas isso foi ontem. Hoje, a insônia parece ter retornado. É quase meia-noite, e não tenho um pingo de sono. Tentei adormecer e deixar para lá, mas não deu. Eu não vou conseguir ficar em paz enquanto não for atrás das pistas que já tenho sobre os Corvos. A mais promissora envolve essa maldita torre, então aqui estou.

Não sei o que devo ao certo procurar. É a mesma torre pela qual passo todos os dias para ir às aulas. Parece antiga e inofensiva.

Dou a volta na grande estrutura cilíndrica, minhas botas afundando na mistura de grama e lama formada pela chuva forte que caiu o dia todo. Escondo as mãos nos bolsos do casaco, tentando fugir do ar gélido, mas não há muito o que fazer. A ponta do meu nariz está congelando.

Há uma porta velha na parte de trás da torre. Deve estar fechada, mas puxo a maçaneta e tento abri-la mesmo assim. Solto uma respiração frustrada quando não consigo.

O que faço agora? Ainda é cedo, tecnicamente, e algo pode acontecer durante a madrugada. Prefiro pensar nisso do que aceitar que foi uma tentativa inútil vir até aqui.

Bem... Não vou conseguir dormir hoje, de qualquer forma, então posso muito bem passar a noite em meu carro, esperando qualquer movimentação

suspeita. Aquele garoto foi visto aqui pela última vez. Além disso, se ele postou a foto da torre, é porque, de alguma forma, ela tem a ver com a Sociedade.

Estou no caminho certo.

Suspiro e volto para onde meu carro está estacionado, a apenas alguns metros de distância, de onde ainda tenho uma boa visão da praça e principalmente da torre do relógio.

Tento relaxar no assento de couro do veículo. Um café não seria nada mau agora.

Puxo o novo celular do bolso e dou uma olhada na tela.

Perdi todos os contatos e fotos do meu aparelho anterior, que deve estar perdido em Beastland ainda, mas acho que isso é o menos importante agora. Não me surpreendo ao encontrar mensagens não lidas de Astor e Bash. Tudo o que eles sabem é que meu relacionamento com James acabou por diferenças irreconciliáveis, embora não duvide que ouçam versões diferentes vindas dele.

Precisei dizer alguma coisa para eles para justificar meu comportamento no Halloween. Estão preocupados e desconfiados, portanto é melhor que acreditem se tratar de apenas um término banal de relacionamento.

Astor Langley [22h48]: *Amanhã vamos jantar no Espinoza, quer vc queira ou ñ.*

Astor Langley [22h48]: *Vamos fazer o pedido mais caro que aquele restaurante já viu.*

Não tenho muita opção quanto a isso, então apenas concordo, embora não esteja a fim de sair. Preciso arejar minha cabeça e, com certeza, um bom vinho ajudaria a lidar com tudo.

Sebastian White [23h10]: *Tem certeza que ñ quer que eu dê um soco na cara daquele mauricinho?*

Sebastian White [23h11]: *Sabe q nunca gostei dele.*

Dou um sorriso e peço para que ele deixe pra lá. James fez a escolha dele e eu fiz a minha.

Ainda assim, acho que Sebastian não se convence e, um minuto depois que a minha resposta é enviada, ele me liga.

— *Ei, como você está? Tá acordada ainda?*

— Estou bem, Bash, eu juro — respondo, baixinho, embora seja pouco provável que qualquer um me escute daqui de dentro.

— *Não, não está* — retruca. — *Você faz isso quando algo acontece. Apenas se convence de que está bem, mas no fundo está ruindo. E acaba se isolando e ficando obcecada pela primeira coisa que aparece e que te distrai do sofrimento.*

— Uau, Freud, obrigada pela análise gratuita, mas eu realmente estou

bem. E não estou obcecada com nada.

Ficar de tocaia, no meio da noite, no estacionamento da universidade, esperando por qualquer vestígio de uma sociedade secreta que pode nem existir, é, provavelmente, o que Bash classificaria como obsessão, mas ignoro essa parte.

Por mais que eu queira teimar com meu irmão, ele está certo sobre meu comportamento em situações de crise. Depois da morte da Ava, fiquei obcecada em me vingar de Callan. Com a piora do quadro de Alzheimer da minha mãe, fiquei obcecada em ir para as festas mais loucas da Europa e me embebedar até esquecer meu próprio nome.

E agora talvez eu esteja obcecada por esses malditos Corvos.

— *Você não esteve mesmo em Beastland, esteve?* — Bash muda de assunto e fecho os olhos, praguejando mentalmente. — *Por favor, maninha, me diz que não fez isso.*

É claro que James já me dedurou. E é claro que acreditaram nele sem nem questionar. Ao menos Bash quer saber a minha versão dos fatos...

Abro a boca para negar, mas a fecho quando a culpa faz meu rosto queimar. Odeio mentir para as pessoas que amo, mas prefiro morrer a colocá-las em risco.

— Estou bem — desconverso.

— *Puta merda, Sloan! Não pode continuar com isso. E não é só porque o maluco do seu pai vai colocar um batalhão inteiro do serviço secreto na sua cola se descobrir, mas porque isso não te faz bem. Acha que Ava ia querer que se colocasse em risco assim?*

— Está tudo bem, Bash — repito, com um nó entalado na garganta. — Sei o que estou fazendo e preciso que confie em mim. Tenho que ir, o.k.?

Desligo antes que ele tenha a chance de responder. Mesmo com o coração apertado, cheio de culpa e remorso, me obrigo a engolir em seco e me concentrar no que tenho que fazer. Quanto mais rápido resolver isso, mais rápido não precisarei mais mentir ou enganar ninguém.

Ergo os olhos para checar os arredores da torre, mas ainda não há sinal de movimentação, então volto a atenção para o celular. Quando abro o navegador de internet, a primeira página a ser exibida é do site de notícias de Millsdale, que passei a ler todos os dias para saber o que acontece nessa cidade.

Embora não exista nada na internet sobre a sociedade secreta, o que me ajudaria muito a entender o motivo que fez Ava procurar por eles, há muita coisa sobre os assassinatos. Talvez eu possa fazer o caminho reverso. Chegar neles através de suas vítimas.

E quando começo a ler, percebo que há uma nova notícia na página.

“Mais uma vítima dos Corvos confirmada: Toye Nichols.”

Cubro a boca com o choque e leio a matéria, que recapitula a vida e carreira de Nichols, e termina dizendo que ele foi encontrado morto na floresta em East End com a marca do corvo em sua mão.

Agora oficialmente são quatro as vítimas oficiais dos Corvos — cinco, se contar com William Deacon, mas agora duvido que os Corvos tenham o matado.

E tenho a assustadora confirmação de que Callan, o garoto que me arrancava suspiros apaixonados na adolescência, agora é um assassino. Ele matou Troye naquela noite. O monstro cruel e mais procurado dessa cidade vive bem debaixo do nariz de todos.

Tudo o que eu queria era gritar isso em alto e bom som para todos ouvirem, por outro lado, a possibilidade de ele concretizar suas ameaças e ir atrás de Astor e Bash me paralisa de medo. Não posso deixar ninguém que eu amo pagar pelos meus atos.

Preciso encontrar outra forma de levar Callan à justiça.

A primeira vítima dos Corvos a ser encontrada morta com sua assinatura na mão foi Jonah Webber. Ele tinha trinta anos e era herdeiro de uma conhecida indústria de armas de fogo. No dia seguinte à sua morte, arquivos sigilosos e provas contundentes foram enviadas aos principais veículos de imprensa do país.

Webber estava envolvido com tráfico de armas, lavagem de dinheiro, extorsão e corrupção. Encontraram evidências de sua relação próxima com organizações criminosas por todo o estado e, principalmente, aqui em Millsdale. Ele era amigo íntimo de William Deacon e do comissário de polícia, mas não foram encontradas provas que ligassem esses dois aos crimes de Webber.

A segunda vítima foi Isaac Moss, de vinte e seis anos, o herdeiro rebelde de uma das famílias mais conhecidas de Millsdale. Os negócios do seu pai eram relacionados à grandes clubes eróticos espalhados ao redor do mundo. Isaac estava sempre nos noticiários porque era um fanfarrão. Moss frequentemente publicava em suas redes sociais vídeos nos clubes de seu pai, cercado das strippers que trabalhavam lá. Ele ostentava carros de luxo e modelos, mas tratava mulheres como meros objetos feitos para servi-lo.

Após a sua morte, com o mesmo tiro no coração que Webber levou, os Corvos publicaram as evidências de que Moss era mesmo um cara desprezível. O desgraçado coordenava uma rede de exploração sexual e tráfico de pessoas. Seu pai foi preso, pois também tinha envolvimento no esquema. Todas as suas boates foram fechadas permanentemente pelo FBI.

A terceira vítima foi Justice Hugh, trinta e três anos. Morreu há apenas dois meses, no dia de seu aniversário. Também era amigo próximo de Jonah Webber e teve seu envolvimento com organizações criminosas responsáveis

pelos esquemas de tráfico de drogas e de armas em Millsdale exposto pelos Corvos no dia seguinte ao seu assassinato.

Em torno de cinco empresas de fachada que lavavam dinheiro para Webber, Hugh e Moss foram fechadas no período de um ano. Isso sem contar grandes traficantes que trabalhavam para eles e que foram encontrados mortos. Foi investigada a possibilidade dos três estarem ligados às gangues da máfia russa, que são caçadas pela polícia de Millsdale há mais de cinquenta anos, mas não encontraram nada.

Não é preciso se esforçar muito para entender que estavam envolvidos como em algum tipo de esquema. Talvez não seja a máfia russa, mas é alguma coisa. É algo grande.

E qual o interesse dos Corvos de acabar com esse esquema? Com certeza não é por nenhum senso de justiça.

Qual o interesse de Callan nisso tudo?

Um feixe de luz na minha visão periférica me deixa em alerta. Através da janela, vejo uma sombra a alguns metros. A pessoa usa uma lanterna para clarear o trajeto enquanto caminha na direção da torre do relógio. Não consigo ver se é um homem ou mulher, porque está com um casaco longo e capuz cobrindo sua cabeça.

Estreito os olhos, tentando enxergar com mais nitidez. A pessoa tira do bolso o que parece ser um molho de chaves e a utiliza para abrir a porta da torre.

Pode ser apenas o zelador ou algum funcionário da manutenção da universidade, mas, pela forma como ele olha ao redor, como se estivesse checando se não há mais ninguém por perto, duvido disso.

A porta se abre, e o vulto some no interior da construção. Assim que a porta é fechada novamente, saio do carro e corro até lá, rezando para que ele não a tenha trancado de volta.

Seguro a respiração e puxo a maçaneta, esperançosa. Mal posso acreditar na minha sorte quando ela abre. Um sorriso vitorioso surge em meu rosto.

O interior da torre é tão escuro e empoeirado quanto um esquecido calabouço. A poeira faz meu nariz coçar, e preciso me segurar para não espirrar. Fecho a porta novamente atrás de mim e ligo a lanterna do meu celular na intensidade mais baixa, apenas o suficiente para que eu não tropece e caia.

Há dois lances de escadas de pedra. Um deles desce — para um subsolo que me faz arrepia só de imaginá-lo — e outro sobe, presumo que para o topo, onde o antigo relógio do campus fica.

Ok, para cima. Definitivamente, para cima.

Não há corrimão, somente paredes de pedra, nas quais me seguro quando começo a subir os degraus tão devagar que mal me movo. Não posso fazer nem

um mísero som.

São centenas de degraus até o topo, vários metros acima do chão, e os subo um a um com toda cautela que consigo. Até que um ruído baixo me faz parar.

É uma voz. Ou várias vozes. Mas não dá para decifrar o que dizem.

Estou perto.

Volto a subir, sentindo o coração bater próximo da minha garganta. A cada novo degrau, mais perto fico das vozes, que se tornam mais audíveis gradativamente.

Alcanço o topo e preciso desligar o celular. Não posso, de jeito nenhum, ser descoberta aqui. Na melhor das hipóteses, é onde estudantes se encontram para fazer besteira. Na pior, é o Q.G. de uma sociedade secreta antiga e mortal.

De qualquer jeito, não vai ser bom para mim ser descoberta.

O fim da escadaria termina em um arco de pedra que leva a uma sala circular. Vejo várias silhuetas em meio a uma conversa enérgica, e meu sangue gela. Me escondo depressa na beirada, me encolhendo na quina de pedras. A luz da noite entra através do vitral do imenso relógio, tornando o lugar mais claro do que lá embaixo.

Fecho os olhos, como se isso pudesse me tornar invisível, e me concentro em ouvir a conversa.

— Acham que vão conseguir concluir a iniciação? — Uma risada assustadoramente conhecida faz com que eu precise cobrir a boca e o nariz a tempo de esconder um soluço amedrontado. — Vocês só estão aqui porque têm o sobrenome certo, mas isso não garante que vão entrar. Vocês são fracos — ele diz, pausadamente, com sua voz rouca e severa. Ele está muito, muito bravo. — Vou perguntar mais uma vez: que porra foi aquela em Beastland?

O som de uma batida forte, como se alguém tivesse socado com raiva em uma superfície de madeira, me faz estremecer.

Callan.

Ele está aqui.

E, mesmo tendo cogitado e até previsto essa possibilidade, ter a comprovação me faz desejar estar errada.

— Só estávamos nos divertindo — outra voz masculina responde, mas essa soa muito amedrontada.

Novamente, a risada de puro deboche e descontentamento de Callan. Se os outros soubessem o que essa risada significa, nunca desejariam ouvi-la.

— Diversão, huh? E quem diabos permitiu que se divertissem?

— Drago nos convidou para o jogo e...

— Drago? — Callan o interrompe colérico. — Ele é o líder de vocês

agora? É ele quem decide se vocês entram ou não para a Sociedade?

— Não.

— Vamos lá, me digam: quem decide para onde vocês vão e com quem vão?

— Você... — vozes em uníssono respondem.

— E quem decide em quem ou o que vocês podem tocar com esses dedos imundos?

— Você.

— Aquela vadia merecia uma lição — outro rapaz diz, e posso sentir o ódio exalando de seu tom de voz. Sei que estão falando de mim, e isso faz minha garganta secar e eu engasgar com minha própria respiração. — Ela é um deles, Harkness!

— É, cara, pensamos que...

Outro estrondo horrível soa. Dessa vez, não consigo me conter, espio pela borda da coluna de pedra. Vejo as costas largas de Callan se movendo. Ao seu redor, há quatro rapazes, pelo que consigo ver daqui. Todos molhados e sem camisa, ajoelhados no chão.

Callan apanha um deles pelo pescoço e o levanta no ar, até que seus pés descalços estejam balançando no nada.

O garoto não passa de um calouro. Tão jovem quanto um adolescente. Não deve ter mais do que dezoito anos. A mão grande e forte de Callan está esmagando sua garganta, fazendo-o produzir sons estrangulados e indecifráveis. Seu corpo franzino chacoalha, tentando desesperadamente escapar de Harkness.

Meus olhos se arregalam, e minha visão embaça com a presença das lágrimas.

Lágrimas de choque.

— Vocês pensam apenas o que eu ordeno que pensem. Nada além disso — diz Callan, nem um pouco afetado pelo sofrimento do jovem em suas mãos.

Segundos se prolongam feito horas e estou convencida de que vou testemunhar um assassinato quando Callan apenas abre a mão, soltando o garoto, que cai quase desfalecido no chão, segurando o próprio pescoço.

Harkness, por sua vez, apenas limpa as mãos, como se tivesse tocado em algo sujo, e ajeita o cabelo, colocando os fios escuros para trás. Para ele, tudo isso não passa de um mero aborrecimento. Mas os rapazes se mostram tão aterrorizados que seus corpos tremem.

— Estivemos à beira da extinção e demandou muito mais do que vocês são capazes de conceber para nos reerguer. Me livrarei de cada um de vocês antes mesmo que possam pensar em arruinar tudo de novo. Têm alguma noção do que será necessário para retomar Beastland? — Silêncio. Ninguém ousa dizer

nada, imagino que não desejem ser o próximo alvo da fúria imparável de Harkness. — O próximo que desobedecer às minhas ordens e sequer olhar para Sloan Kestrel, vai sentir como é não poder olhar para nada nunca mais. Entenderam?

O calafrio abraça meu corpo quando ouço meu nome em alto e bom som.

Então, é disso que se trata a reunião. De mim.

Ou melhor, do que fizeram comigo naquela floresta em Beastland na noite de Halloween.

— Sim, senhor — dizem eles em conjunto.

— Sabem para onde vão agora?

— Purgatório, senhor.

— Isso mesmo. Purgatório. — Não sei o que significa, mas a forma com que Callan diz faz com que me arrepie só de pensar. — E sabem o que acontece com enxeridos que bisbilhotam onde não devem?

Eles não respondem, e, por um segundo, fico imóvel sob o silêncio que recai no cômodo. E logo percebo do que se trata e tento dar um passo para trás, de volta à escada.

Não faço ideia de como, mas Callan já sabe que estou aqui.

E antes que eu possa desaparecer discretamente, seu rosto se vira e seus olhos frios e cortantes feito lâminas me encontram. Ele cerra a mandíbula. Descontentamento é o mínimo que deve estar passando por sua cabeça.

Eu o peguei em flagrante.

— Leiam o código de novo e de novo, e quantas vezes for necessário até que eu esteja de volta — ordena aos garotos, ainda com os olhos lupinos fixos em mim, antes de finalmente marchar em minha direção.

Sua mão agarra meu pulso e, na velocidade de um piscar de olhos, ele me puxa enquanto galgamos todos os degraus escada abaixo. Ele abre a porta com raiva e praticamente me joga para o lado de fora.

E, pela primeira vez na noite, encaro seu rosto.

Callan está quase rosnando para mim feito uma fera, ainda mais bravo do que quando me encontrou em Beastland.

— Se está tentando se matar, posso facilitar sua missão.

Harkness está vestido todo de preto, como de costume. O olhar de ódio que ele carrega nunca me despertou tanto medo quanto agora. Posso ser a próxima a ter o pescoço esganado por ele. E duvido que ele terá qualquer misericórdia comigo.

— São vocês — consigo dizer, massageando o pulso que ele agarrou e que está ainda mais dolorido agora. Ergo a cabeça e o enfrento como se fosse páreo para ele e para o que ele lidera. *A Sociedade dos Corvos*, como Riley

disse. — Não tinha certeza antes, mas agora eu sei.

Callan não parece nem um pouco incomodado em me ter como testemunha do seu maior segredo. Pensei que poderia usar isso contra ele, mas ele não se importa. Talvez porque já sabe que não posso fazer nada com essa informação.

Mas, porra, os Corvos são reais. A Sociedade é real. E Callan está por trás disso. É muito pior do que eu imaginava.

— Você não sabe de nada — me contradiz, com tranquilidade. — Não sabe nem da metade.

— Você é um deles — acuso. — Um Corvo.

O gosto amargo dessa palavra faz meu rosto se contorcer, mas Callan apenas sorri. Seu cinismo nunca foi tão irritante quanto neste momento.

Novamente, não consigo nenhuma reação dele. Seu rosto permanece como uma pedra lisa e fria de mármore. Impenetrável e inflexível.

Existe algo capaz de afetar este homem? No passado, eu conseguia ver por cima de seus muros. Apenas um vislumbre, mas, ainda assim, era o suficiente para que eu visse algo que me fizesse acreditar que Callan Harkness era diferente dos demais.

Ele me parecia vulnerável, honesto, *real*.

Agora sua frieza é quase desumana. Ele não é nada além de uma casca vazia. Não sei se algum dia já foi algo além disso ou se só me iludi, porque queria que ele fosse mais. Eu *ansiava* para que ele fosse mais.

— Presumo que não tenha nenhuma prova.

— *Ainda*.

— Boa sorte com isso — deseja.

Ele faz menção de se virar e voltar para dentro, da mesma forma que faz quando acha que alguém está desperdiçando seu precioso tempo, mas entro na sua frente, bloqueando a passagem.

— Você matou mesmo todas aquelas pessoas, não é?

Neste segundo, eu consigo sua atenção. Seus olhos estreitos se voltam aos meus e sua feição endurece. Meu corpo inteiro é tomado pelo mesmo terror que aqueles meninos lá em cima estavam sentindo. Talvez porque soubessem do que Callan Harkness é capaz. E hoje eu sei também.

Estou com medo da resposta. Acreditar que uma pessoa é um monstro é muito diferente de ter a plena certeza disso.

— Não faça perguntas das quais já sabe a resposta.

Comprimo os lábios sem conseguir desviar meu olhar dele.

Pisco debilmente uma porção de vezes, esperando de novo que nada disso seja real. Mas Callan permanece mais sério do que nunca. As linhas de seu

rosto são tão afiadas que tenho certeza que me cortariam se eu tentasse tocá-lo. Como as lâminas de um assassino.

— Ah, meu Deus! — deixo escapar meu choque em um sussurro.

Dou um passo inevitável para trás.

— E não lamente a morte daqueles que não merecem. — Sua voz firme volta a soar.

— Você matou a Ava — o acuso, embargada. — Ela não merecia, e você a matou mesmo assim.

— Não, não matei. Quantas vezes preciso repetir isso para que entre nessa sua cabeça oca?

Se eu não estivesse tão assustada, teria rido da sua sugestão ridícula. Mas estou sem reação. Não consigo nem me mover.

Callan Harkness é um Corvo, mas mais do que isso. Ele é o perigo que se esconde nas sombras e que todos temem. E ele simplesmente não se importa de admitir isso para mim, porque sabe que não vai ser pego. Ele tem a certeza que sairá impune e *isso* me assusta ainda mais.

Ele poderia ter acabado comigo naquela floresta. Ou no seu carro. Ou neste exato momento. E o desgraçado continua parado a dois passos de distância, me olhando do alto de seus um metro e noventa com uma tranquilidade enervante ao dizer que, dentre as pessoas que matou, Ava não foi uma delas.

— Espera mesmo que eu acredite em você? Na porra de um assassino?

— Fale baixo — ordena, entredentes, a ameaça implícita em seu tom de voz. — Acredite no que quiser, não é problema meu.

Quando ele insiste em passar por mim de novo, o impeço plantando minha mão em seu peito. Se ele vai me dar a verdade nua e crua, que seja por inteiro.

Acho que ando brincando com a sorte, mas essa não seria a primeira vez.

— Eu descobri sobre você e, mesmo assim, você não vai me matar — conjecturo, mais pra mim mesma do que pra ele. Acho que estou, mais do que qualquer coisa, tentando entender.

— É melhor não contar com isso, anjo.

— Se quisesse mesmo, já teria feito.

— Eu sempre posso mudar de ideia.

— Se não foi você a matar Ava, então quem iniciou aquele incêndio? Não havia mais ninguém na escola. Era véspera de Natal, Callan!

Ele suspira e cruza os braços, desistindo de passar por mim.

— O incêndio não matou sua amiga — revela. — A morte dela levou ao incêndio.

— O que diabos isso significa? — Jogo minhas mãos para o alto.

— Alguns segredos não devem ser descobertos, Sloan. Seja esperta e siga o meu conselho enquanto ainda pode.

— Ela estava procurando pelos Corvos e deve saber o porquê. Se não foi você quem a matou, então é melhor dizer quem foi. Ou eu juro por Deus que vou até o inferno para expor os Corvos.

Minhas palavras são sérias, mas ele sorri mesmo assim. Os olhos brilham, como se estivesse satisfeito com minha ameaça.

— Bom ver que o seu fogo não se apagou, anjo. — Callan inclina a cabeça ao me observar, a satisfação escancarada em seu sorriso malicioso. — Mesmo depois de eles se esforçarem tanto, não conseguiram te transformar em um fantoche, não é?

Não sei o que significa, mas isso não é novidade quando se trata dele.

Callan pode ter admitido uma parte da verdade, mas não pretende me contar o resto. Posso tentar convencê-lo como quiser, mas ele já se decidiu. Ele vai me manter presa em seus joguinhos para sempre se eu deixar. É desta forma que ele me quer: impotente e amedrontada.

— Você sempre fez o que quis naquela escola, agia como se fosse um deus. Como se seus privilégios o tornassem algo além de um garoto triste e solitário, com uma mente distorcida e nenhum amigo de verdade. Só que todos nós estávamos lá por um motivo e você sabe. Porque nossas famílias tinham coisas melhores a fazer do que se importar conosco. Mas Ava não era como nós. Tínhamos dinheiro e poder, mas ela tinha amor. Ela era amada e querida. Era inocente. Alguém se livrou dela como se sua vida não valesse nada, e sua família continua sem saber o que aconteceu e por que aconteceu, mesmo depois de todos estes anos. Nada vai me impedir de ir atrás dessas respostas.

Olho diretamente em seus olhos enquanto falo, quase implorando para que este apelo seja o suficiente. Para que, mesmo sem motivos para tal, ele me ajude. Porque estou desesperada pela verdade e posso até fazer um trato com o diabo para obtê-las, se for necessário.

Só que nada muda no rosto de Callan. Ao menos, não por alguns segundos. Até que seu olhar desce para a minha mão, que ainda está em seu peito. A manga do casaco subiu alguns centímetros a ponto de expor meu pulso lesionado pela brincadeira de James e os mascarados.

Tento puxá-lo de volta, mas é tarde demais, porque Callan o agarra primeiro. Ele inspeciona a pele arroxeada, com pequenos coágulos de sangue na superfície.

— Quem fez isso? E é bom não mentir para mim.

Eu o empurro, me desvencilhando de seu toque, quente demais para alguém sem um coração pulsante no peito como ele. Para minha surpresa, ele me

solta.

— Não é da sua conta — rosno de volta, escondendo minhas mãos em meus bolsos.

— Não preciso de você para descobrir, de qualquer forma.

— Não finja que você se importa — murmuro.

— Não me importo, mas você é minha para machucar. Se alguém vai deixar marcas em você, serei apenas eu.

Meus ombros despencam com a derrota quando Harkness se vira e abre a porta, batendo-a com força bem na minha frente. Dessa vez, ouço o som do trinco pesado lacrando a torre e me deixando para fora.



Minha cabeça está girando. Acho que ficou assim durante toda a madrugada. Não poderia saber, porque não estava prestando atenção em mais nada além do que descobri naquela noite. Fiquei repassando cada palavra que ouvi na torre. Há tanta coisa que não entendo. Tanta coisa que ninguém faz ideia que acontece aqui, bem debaixo do nariz de todos.

Iniciação. Purgatório. Código. Sociedade.

Callan é o líder deles, e, pelo pouco que compreendi, aqueles rapazes na torre estão passando pela Iniciação. Querem se tornar parte da Sociedade. E foi um deles que me aterrorizou naquela floresta em Beastland. Contra as ordens de Callan. E agora serão punidos. É por isso que estudantes desaparecem misteriosamente.

Callan os leva.

E, embora ele seja um criminoso sem escrúpulo algum, ele foi firme ao insistir que não matara Ava. Mas, então, como a morte dela pode ter culminado no incêndio? E como Callan não é o culpado? Ele era o único lá naquela noite além de nós duas.

Se ele realmente matou Ava, não há nada que eu possa fazer a respeito. Além da Atlas, ele tem também a Sociedade para mantê-lo impune. Nunca vão prendê-lo ou expor seus crimes.

Perdi esta batalha antes mesmo de começá-la.

É nessa conclusão que chego quando a manhã pinta o céu de azul claro e ainda estou sentada em meu carro. O campus começou a se encher de alunos indo para as aulas, mas não consigo me mover. Ainda uso as roupas de ontem e o cansaço apenas cresceu, mas não foi o suficiente para me levar de volta ao alojamento para tentar dormir novamente.

Nunca conseguiria fechar os olhos com tranquilidade depois de tudo o que testemunhei.

Ao menos, tenho certeza de que ninguém saiu da torre, porque fiquei vigiando-a durante todo esse tempo. A porta pela qual Callan me expulsou não foi mais aberta.

Eles ficaram lá a madrugada inteira?

Deus... acho que vou enlouquecer. Sinto que vou.

Tenho apenas duas certezas.

A primeira é que Callan Harkness é líder dos Corvos, o grupo assassino responsável por mortes e desaparecimentos há décadas. E a segunda é que agora não há mais nada que me mantenha a salvo dele. Ele já deixou claro que tem planos para me machucar.

Você é minha para machucar. Se alguém vai deixar marcas em você, serei apenas eu.

Meu queixo treme e seguro no volante com força, tentando entender se sinto mais medo ou raiva quando penso nessas palavras.

Minha concentração é interrompida quando alguém bate no vidro da minha janela, fazendo-me pular de susto. Meu coração martela forte ao virar o rosto e me deparar com meu pai, inclinado sobre a janela do carro, com nada além de preocupação em sua face.

Puxo uma respiração profunda, me recuperando do susto, antes de abaixar o vidro.

— Pai — digo, colocando a mão no peito enquanto meus batimentos cardíacos voltam ao normal. — Você me assustou.

— Te procurei pelo campus inteiro — Seus olhos se movem enquanto ele estuda meu rosto. — Você parece péssima. Está dormindo?

Não, pai, não estou, e obrigada pelo elogio.

— O que faz aqui a esta hora? — pergunto, em vez de respondê-lo.

Ele deveria estar trabalhando. Mas, pensando o bem, homens como meu pai têm o luxo de trabalharem apenas quando querem.

— Ora, você não atende às minhas ligações — me repreende com a dureza que tanto conheço. — Tive que vir pessoalmente.

— Eu precisava de um tempo.

— Pessoas como nós não têm este direito.

— Pessoas como nós? — Dou risada. — Já ouvi isso antes.

Parece que, aonde quer que eu vá, todos já me rotulam de alguma forma. Como se eu fosse parte de algo. Algo que não tenho a menor ideia do que seja.

— Você está tão estranha — continua ele. — O que diabos aconteceu? Pode me contar, querida.

Seu rosto mostra-se repleto de preocupação, e, por um segundo, cogito ser a garotinha do papai e lhe contar tudo. Tudo sobre Beastland, os Corvos e James. Todo o medo e raiva que sinto. Nem saberia por onde começar a falar, como ele reagiria. Ele venera James como a um filho.

Abro a boca para dizer a verdade, mas hesito no último segundo. Não posso. É horrível, mas não sei se confio completamente nele. Ele é meu pai e eu o amo. Ele faria qualquer coisa para me proteger, mas também já pensei isso de James.

Não sei mais em quem posso confiar. Não sei mais de nada.

— Eu estou bem, pai, prometo.

— Pode conversar comigo, querida. Sempre ficarei do seu lado, sabe disso.

— É, eu sei.

Meu pai assente, decepcionado. Ele sabe que ando me esquivando nos últimos tempos, mas, de qualquer forma, nunca tive o hábito de me abrir com ele.

— Ao menos você vai ao aniversário de Jocelyn no sábado, não é? Ela gosta muito de você e...

— Estarei lá — cedo, concordando com a cabeça — e vou agir como uma boa Kestrel.

Meu pai não continua seu discurso, apenas assente, com a ruga de preocupação ainda mais acentuada na testa.

— Preciso que ir. Tenho aula em dez minutos. Nos vemos no final de semana.

Me despeço com um aceno de cabeça antes de girar a chave na ignição e ligar o carro. Dou ré, me distanciando em direção à rua. Mason continua lá, no entanto, parado no mesmo lugar, me assistindo partir.

11

S L O A N

Estou faminto, querida
Deixe-me colocar meus lábios em algo
Deixe-me envolver meus dentes ao redor do mundo
Comece a esculpir, querida
Eat Your Young – Hozier

HÁ UMA TEMPESTADE LÁ FORA.

Esses temporais são característicos de Millsdale, especialmente nessa época do ano. Pelas portas de vidro do terraço, vejo os relâmpagos cruzando o céu noturno acompanhados de um estrondo que faz as estruturas dessa velha casa tremerem. Aqui dentro, ao menos, o ambiente está aquecido e os convidados da grande festa de Jocelyn White-Kestrel mal parecem notar que o mundo desaba do outro lado destas paredes.

Há, pelo menos, uma centena de pessoas aqui hoje. Eles bebem champanhe e comem canapés ao som da melodia suave do piano sendo tocado no canto do salão. Meu pai e madrasta cumprimentaram cada um deles, e, obviamente, tive que acompanhá-los. Sebastian deu a sorte de se livrar disso, ainda não descobri como.

Ele sempre dá um jeito de interagir o mínimo possível nos eventos sociais da nossa família. Bash odeia todo esse teatro bem mais do que eu e, diferentemente de mim, tem o privilégio de não precisar participar da maioria. Ele não é o herdeiro, afinal. Eu, por outro lado, tenho que me familiarizar com as responsabilidades da família.

Meu pai não é apenas um juiz. Também é responsável por diversas ações políticas em Millsdale. Cada mísera reunião ou evento beneficente é essencial para ampliar seus negócios, fechar acordos importantes e influenciar a maneira como todo o setor público da cidade funciona.

É exaustivo pensar que, em alguns anos, essa será minha vida.

— Entediada? — A voz de Bash soa atrás de mim, e me viro para encontrá-lo segurando uma taça de champanhe e usando um smoking vermelho-escuro.

Aí está ele.

— Como adivinhou?

Parece que, quanto mais tempo passa, mais entediada fico com tudo isso aqui.

Bash para ao meu lado e olha lá para fora também. O topo dos arranha-céus de Millsdale desapareceram com a intensidade da tempestade. O uivo alto do vento se faz presente através das frestas da porta.

— Porque somos iguais. — Ele sorri.

De fato somos.

Não há semelhança de DNA entre mim e Bash, mas ele é cem por cento meu irmão. Meu pai sempre diz que devemos honrar e respeitar o sangue do nosso sangue acima de tudo, mas está errado. O sangue não explica a ligação que tenho com Sebastian.

— Minha mãe deixava estes eventos sociais mais emocionantes — conto, lembrando de sua presença nas festas da minha infância.

Theresa tornava tudo especial. Era tão engraçada e espirituosa. Tão cheia de vida. Era como se a monotonia e a burocracia que a alta sociedade exigem não tivessem influência alguma sobre ela. Acho que isso deixava meu pai maluco.

— Sinto falta dela. — Minha voz sai mais baixa e melancólica quando as memórias antigas somem e dão lugar às mais recentes.

— E ela sente a sua — Bash garante, me empurrando levemente com o ombro em cumplicidade. — Em algum lugar dentro dela, ela sente.

— É, acho que sim.

Eu espero que sim. Espero que haja alguma parte dela que ainda se lembre de mim.

Minha mão vai instintivamente à minha clavícula, onde o antigo colar da minha mãe costumava ficar. Era um lindo colar de ouro branco com o qual minha mãe me presenteou no meu doze de catorze anos. Foi a última vez em que a vi saudável.

Os médicos o tiraram quando fui levada ao hospital depois do incêndio e nunca o coloquei de novo. Meu pai disse que era mais seguro manter o colar no cofre do que em meu pescoço. Na época, eu vivia tão chateada com tudo o que acontecia que nem contestei.

Alguns minutos se passam, e um silêncio confortável se prolonga entre nós. Ficamos apenas ali, observando o céu tempestuoso através do vidro. Mas sei que há algo incomodando Sebastian. Ele está quieto demais, e isso não é do seu feitio.

— O que foi? — pergunto, mesmo suspeitando do que se trata.

Bash volta a me olhar.

— Não quero invadir seu espaço e nem forçar a barra. Se você me pedir

para nunca mais tocar no assunto, vou respeitar. Mas preciso saber.

Dou um suspiro alto.

— É sobre o Halloween, não é?

— Estava lá atrás dos Corvos — comenta, sem esboçar dúvida. Pelo que parece, ele não chegou a acreditar na minha mentira de que nunca estive lá. — Descobriu algo útil?

Balanço a cabeça, negando.

— Nada que me leve ao assassino de Ava.

— Talvez seja a hora de deixar isso pra lá, Sloan — Bash diz com os olhos fixos nos meus. — Você já cavou o suficiente e não encontrou nada. Vai acabar encrencada se continuar metida nisso.

O pior de tudo é que ele pode estar certo. Cheguei a um beco sem saída. Posso nunca descobrir o que houve com Ava.

Ainda assim, acho que já fui longe demais para desistir. O perigo mora mais perto de mim do que eu pensava.

— Acho que você está certo. — É melhor para nós dois que ele pense que eu cedi.

— Eu estou sempre certo, já era hora de você perceber — Bash me provoca, presunçoso.

— Não exagera.

Reviro os olhos.

— Vou lá atrás buscar suprimentos para sobreviver à esta noite. — Ele maneia a cabeça na direção do corredor que leva ao pátio no fundo da mansão. — Quer vir?

Sebastian mora na casa da piscina, lugar que se tornou o lar do meu gato Perseu. É lá também que ele guarda os baseados que educadamente chama de “suprimentos”.

— Vai mesmo ficar chapado logo antes de fazer o discurso de aniversário da sua mãe?

— Acredite, maninha, ela vai gostar muito mais do meu discurso se eu estiver chapado.

Dou uma risada alta, sem conseguir me segurar. Esse tipo de coisa é a cara do meu irmão.

— Pode ir, eu te cubro.

— Valeu, fico te devendo essa.

Bash segue seu caminho enquanto vou para o lado oposto, de volta ao salão de festas. A decoração é exuberante, com cores neutras e arranjos florais em lugares estratégicos. Os músicos alternam o tipo de melodia, e, de vez em quando, as pessoas começam a dançar no espaço central.

Jocelyn sabe mesmo como dar festas. Ela se encaixa na alta sociedade muito mais do que minha mãe. Talvez seja por isso que meu pai tenha se casado com ela.

Fico de pé no canto e acabo tomando umas duas taças de champanhe após ver James dançando com Annabeth Gilliard, uma das jovens associadas que trabalham na empresa de advocacia de Jocelyn.

Travo a mandíbula ao observá-los. Eu e James não trocamos nem uma palavra desde que ele me sequestrou. Ainda assim, acho que se comunica com as longas encaradas direcionadas a mim. Ele pode apenas estar agindo como se nada tivesse acontecido, mas seus olhares deixam bem claro que segue me observando e que suas estão valendo.

— Finalmente te achei! — Astor entra no meu campo de visão com seu vestido azul-marinho esvoaçante. E não está sozinha. — Queria te apresentar alguém.

Ao seu lado está Roman Drago.

Meu queixo cai quando me deparo com o loiro que coordenou o jogo em Beastland. O mesmo que incentivou os jovens Corvos a participarem e, possivelmente, me caçarem. Sua beleza é impressionante no smoking preto de luxo que está usando, mas não o suficiente para disfarçar minha expressão de repulsa.

O que diabos ele está fazendo aqui?

— É sempre um prazer vê-la, Kestrel.

Drago dá um enorme sorriso, e seus olhos verdes maliciosos me lembram daquela maldita festa de Halloween. Agora ele parece muito menos ameaçador.

— Pena que não posso dizer o mesmo — finalmente respondo, sentindo o gosto de bile invadir minha boca. Alterno meu olhar para Astor, que está com seus orbes castanhos arregalados. — Posso falar com você um segundo?

Astor assente e me acompanha para um canto distante dos ouvidos de Drago.

— O que foi aquilo? — Astor questiona num sussurro alto. — Ele é um dos caras mais gostosos desta cidade.

Contra isso não posso argumentar. Roman realmente é muito bonito.

— Você disse que ele não é flor que se cheire. Lembra?

— Mas não é pra você casar e ter filhos com ele, só para dançar um pouco e ter uma noite louca de sexo selvagem, que, aliás, vai te ajudar a esquecer o James. — Astor cruza os braços e revira os olhos, como se sua ideia fosse genial. Mas sei reconhecer quando minha amiga está alta, porque é aí que ela tem esse tipo de ideia. Suas barreiras e limites simplesmente somem. — Já olhou para o Drago? Ele é o sexo encarnado.

A mera menção a sexo me faz suspirar com derrota. Já faz mais de um mês desde a última vez em que James e eu transamos. Foi uma transa rápida e nada memorável, já que James estava estressado e atrasado para uma aula.

Acho que ele nunca fez questão de se esforçar na verdade. Por que faria? Ele já me tinha exatamente onde queria.

— Não preciso transar com alguém para esquecer meu ex — sussurro de volta.

— Nem você acredita nisso — Astor murmura, contrariada, quando voltamos até Roman.

Estou prestes a mandá-lo cair fora quando, com o canto do olho, capto uma presença conhecida. Logo que me viro em sua direção, não me surpreendo ao encontrá-lo me encarando.

Callan está aqui.

Sinto minha garganta secar ao vê-lo parado do outro lado do salão, ignorando uma mulher de vestido dourado falando com ele. Ou melhor, tentando falar com ele.

É quase um pecado imperdoável pensar nisso, mas Harkness exala sexo. Ele está dentro de um terno preto de três peças que poderia fazer qualquer mulher enlouquecer. Não é o terno em si, mas a combinação do terno com o homem alto, de ombros largos e rosto digno de estar em uma pintura clássica.

Engulo com dificuldade e demoro a retornar meus olhos para Roman. Mesmo quando o faço, sinto que meu corpo inteiro ainda reage à presença de Callan.

— Está tensa, *printsessa* — Drago observa, seu sotaque finalmente captando minha atenção. — Parece que precisa de uma dança.

Abro a boca para recusar, mas os olhos de Callan voltam à minha memória e dou um suspiro.

— Apenas uma — condiciono, semicerrando os cílios para Roman.

Ele sorri e estende o braço. Aceito que ele me guie para a pista de dança e, mesmo sem direcionar um novo olhar para Callan, sinto seus olhos me seguirem. Meu corpo inteiro esquenta.

Poucos homens permanecem imunes a um vestido longo e justo com um decote profundo nas costas. O que estou usando é deslumbrante e foi alvo de encaradas nada discretas desde que cheguei à festa. Não faço ideia se isso é capaz de causar algum efeito em Callan, mas, se for, que seja doloroso.

— Vermelho é mesmo a sua cor — Drago ressalta, deslizando o olhar lascivo pelo meu corpo.

Ele coloca sua mão na base das minhas costas enquanto nos movimentamos no ritmo da música.

— Eu sei. — Meus cabelos estão presos, dando destaque total para o vestido em tom de vermelho-vivo. Foi proposital, é claro. — O que faz aqui?

Callan e Drago não deveriam estar nesta festa. Eles nem sequer são próximos da minha família.

— Sou um homem de muitos contatos.

— Não me diga.

— E devo dizer que está incrivelmente *deliciosa* esta noite.

— Pode parar aí. — Estalo os dedos diante do seu rosto, forçando seus olhos a voltarem para os meus em vez de ficarem presos no meu corpo. — Não vai me levar pra a cama. Não sou tão idiota.

Drago é perigoso. Talvez quase tanto quanto Callan. E tenho quase certeza de que os dois não estão aqui por acaso. Seria coincidência demais.

— Idiota não, mas com certeza está faminta para quebrar mais regras, não está? — Ele levanta uma sobrancelha loira e inclina o rosto para o lado. — O que essas pessoas diriam se soubessem que a princesa Kestrel foi para uma floresta, no lado ruim da cidade, para brincar de caça e caçador?

Meu semblante se fecha no mesmo instante.

— Eu era a caça, mas você já sabia disso. Pensou que seus garotos acabariam comigo naquela floresta?

Os olhos verde-esmeralda de Roman brilham com a minha resposta.

— Em minha defesa, apostei que você cruzaria o rio.

— Houve uma aposta?

— É claro que sim. — Ele dá de ombros. — Vocês aqui em Rotherdam não são os únicos que gostam de jogos.

E eu queria ter vencido naquela noite. Isso teria colocado cada um daqueles cretinos em seu maldito lugar. Nyx garantiu que eu teria meu prêmio se vencesse, e algo me diz que Roman não me negaria a verdade sobre os Corvos se eu tivesse ganhado o direito de obtê-la.

Talvez eu tivesse conseguido se Callan não tivesse entrado no meu caminho.

— Harkness nunca teria me deixado cruzar o rio — murmuro, irritada.

— E desde quando ele dita o que você faz ou não? — Touché. — Se serve de consolo, entendo por que anda atrás de adrenalina. As festas daqui são uma merda.

Ele olha ao redor com puro desprezo no semblante.

— Não estou atrás de adrenalina.

— *Lzhets*. — Ele sorri com desdém após pronunciar a palavra estrangeira.

Abro a boca para perguntar o que significa, mas acho que ele não me

contaria, então nem me dou ao trabalho.

— Você não me conhece.

— Talvez não, mas sei que adora brincar com fogo, do contrário, por qual outro motivo dançaria comigo na frente de Callan?

Mordo o canto da boca, pega pela verdade, e em seguida procuro Callan.

Não demoro a encontrá-lo parado no mesmo lugar de antes. Dessa vez, sozinho e não faz questão de mascarar o ódio evidente em seu rosto. Ele encara Roman e eu como se pudesse atear fogo em nós apenas com o poder do pensamento. Callan nunca direcionou um olhar tão febril para mim antes, e isso massageia meu ego de certa forma.

A força das suas íris repletas de desprezo me atinge direto no peito, e me obrigo a desviar o olhar para longe.

— Ele está te olhando como se estivesse prestes a arrancar sua cabeça, então você deve gostar do perigo também.

O sorriso predatório de Roman aumenta ainda mais.

— Pode apostar que gosto.

Quando procuro por Callan de novo, ele sumiu. Franzo o cenho, virando o rosto para olhar ao redor do salão, mas não há sinal dele entre os outros convidados.

— É a minha vez.

A voz de Harkness soando alto atrás de mim quase me faz desmaiar. A dança para, e me viro, encontrando-o perigosamente perto. Parece prestes a arrancar a minha cabeça também, porque seus olhos estão em chamas. Há uma veia saltada em seu pescoço que aparece quando ele fica possuído pela raiva, como neste exato momento.

Acho que Callan está se controlando por pouco. Muito pouco.

— Não, não é — discordo, sem tirar minhas mão de Drago. — Roman e eu ainda não terminamos de dançar.

Callan nem mesmo se move e não me olha ao afirmar em tom autoritário:

— Sim, terminaram.

Abro a boca para discutir, porque já estou cansada dele agindo dessa forma, como se, com uma ordem sua, todos devessem abaixar a cabeça e fazer suas vontades. Mas a troca de olhares entre Roman e Callan me deixa em silêncio. Eles se encaram como se estivessem prestes a partir para uma briga física.

Comprimo os lábios diante dessa possibilidade. Isso acabaria com a festa da minha madrasta e seria minha culpa.

Segundos intermináveis se passam com os dois se desafiando mutuamente antes de Roman ceder e sair do jogo primeiro. Ele move os olhos de

volta para mim, quebrando o contato assustador com Harkness.

— Foi um prazer, *printsessa* — Drago diz e se afasta ainda com um sorrisinho divertido na boca. Não esperava que ele fosse apenas obedecer Callan assim. — Se quiser saber como é uma festa de verdade, sabe onde me encontrar.

Roman dá uma piscadela antes de sair andando com as mãos nos bolsos. Fecho a boca, engolindo em seco o gosto amargo da minha frustração e do meu orgulho ferido.

Callan não hesita em tomar o lugar do meu parceiro de dança. Mas, quando sua mão toca a base da minha coluna, me puxando para perto e me reivindicando como se fosse sua posse, é totalmente diferente. É como se me ligassem na tomada, porque todos os meus sentidos acordam e tremem com a eletricidade do toque. Meus nervos vibram com a adrenalina que ele desperta no meu corpo.

A proximidade me faz arrepiar, e sou obrigada a desviar os olhos dos seus, mesmo quando ele puxa meus braços para seu pescoço, deslizando as mãos pela minha pele intencionalmente.

Sou incapaz de encará-lo, mas Callan não parece se importar. Me segura contra seu corpo e nos move no ritmo da melodia. Não preciso fazer nada, porque ele tem o controle. Ele sempre teve o controle. E ele me manobra como se fosse uma marionete em suas mãos.

Callan não tira os olhos de mim. Nem se preocupa com os olhares curiosos que estamos atraindo dos outros.

— Só vou dizer uma vez. — Sua voz soa assustadoramente perto, me fazendo virar o rosto para o outro lado e fechar os olhos. — Fique longe do Drago.

— Engraçado, não me lembro do dia em que te dei o direito de me dar ordens.

— Me chama de monstro, mas sorri para ele — reclama com acidez. — Espero que saiba que Drago é muito pior do que eu.

— Duvido muito disso.

Ele apenas dá risada, e, quando enfim volto a olhá-lo, paro de dançar e tento me afastar dele. Callan, contudo, me segura mais forte pela cintura.

Nossos corpos se movem pressionados de uma forma além da adequada, e uma parte muito doente dentro de mim quer apenas fechar os olhos e continuar aqui. Quero esquecer, apenas por alguns minutos, quem nós dois somos e o motivo pelo qual eu o desprezo tanto.

Uma parte estranha e odiosa de mim quer permanecer envolvida pelo calor de um homem dolorosamente lindo e seu cheiro, uma mistura de notas cítricas, tabaco e especiarias; sentindo seus músculos rígidos sob os tecidos caros

de seu traje de grife e o som rouco de sua voz. Acho que já faz algum tempo desde que fui tocada com algo além da frieza clínica de James.

Agora, não é nada frio. Sinto o sangue correndo quente em minhas veias e minha pulsação acelerada com o frenesi de estar tão perto de alguém capaz de coisas tão ruins.

Mas Callan é como um veneno que te corrói por dentro silenciosamente. Quando você menos espera, está dependente e implorando por mais. Até que isso te mate. Não vou cair nesta armadilha de novo. Sua casca é a de um homem sexy, mas o interior é a de um matador frio.

Um monstro degradante e desprezível disfarçado de anjo.

— Que bom que eu te divirto, agora me solte — reúno forças para dizer. — Sua presença obsessora já estragou minha noite. Espero que esteja feliz.

— Delirantemente feliz — concorda Callan e não me solta. — Se não quer fazer cena na frente de seus amiguinhos, é melhor continuar dançando comigo, anjo.

Mordo o interior da bochecha com aquele apelido, sentindo seu efeito surtir em cada parte do meu corpo.

— Eu odeio você.

— É recíproco.

— Nunca te dei motivo para me odiar — rebato, sentindo minhas bochechas arderem com raiva. — Sempre te tratei com mais gentileza do que você merecia e o que ganhei com isso? Nada além de uma facada nas costas.

Nunca fui tola o bastante para considerar Callan um amigo, mas cheguei a me importar com ele de verdade. Até que, em um belo dia, ele decidiu que eu era desprezível e que não merecia nada além de seu mais puro ódio.

— Está errada — discorda um segundo antes de me girar pelo salão e me puxar de volta para si. Ofego, plantando as mãos em seu peito. — Há muitos motivos pelos quais devo te odiar.

Callan leva minhas mãos para sua nuca, para que eu volte a enlaçar os braços ao redor de seu pescoço. Seus olhos continuam nos meus enquanto faz isso, me encarando com firmeza o suficiente para me fazer limpar a garganta, desconfortável.

Nunca fiz nada a Harkness naquela época. Me questionei por muito tempo os motivos que o levaram a começar a me detestar tão repentinamente, mas isso não levou a nada. Cheguei à conclusão que Callan sempre me odiou por motivos que estão além da compreensão. Os momentos em que nos abrimos um com o outro não passaram apenas de mais um de seus jogos. No fundo, estava caçoando de mim e do quão patética eu era.

— É por causa deles que não me diz quem matou a Ava?

— Não é disso que você precisa neste instante.

Agora é a minha vez de rir.

— Você é tão arrogante que chega a ser patético. Está bem, vou jogar seu jogo. O que eu quero agora? — Me arrependo de ter embarcado nele assim que a pergunta sai da minha boca.

Callan sorri, satisfeito, e se aproxima ainda mais, levando sua boca ao pé do meu ouvido. Sua respiração quente atinge minha pele e me faz arrepiar. Permaneço imóvel, incapaz de me afastar. Suas mãos ainda estão no fim da minha coluna, em contato com minha pele exposta pelo decote do vestido, me mantendo presa em sua órbita. Seus dedos se movem, me arranhando levemente antes de me pressionar ainda mais contra seu corpo.

— Alguém para te distrair desta festa ridícula e destes rostos hipócritas — diz, baixinho. — Alguém com quem você não precise usar sua máscara de garota refinada e obediente. Alguém que não faça você se sentir como se estivesse em um teatro de marionetes. — Engulo em seco conforme meu coração acelera, batendo tão forte que tenho certeza que Callan pode sentir. Sua voz rouca soando tão perto entorpece meus sentidos e enfraquece minhas pernas. É quase doloroso. — Está *desesperada* por alguém que te desvie do caminho certo. Que te faça sentir alguma coisa, pra variar.

Cerro a mandíbula com vergonha da forma como ele me lê e me interpreta e com raiva de sua arrogância de achar que conhece meus pensamentos e vontades.

— E presumo que esta pessoa seria você? — pergunto, na defensiva.

— Não é isso o que você deseja há oito anos? Que eu seja sua justificativa para quebrar as regras?

Dessa vez, realmente me afasto. Callan não impede, apenas continua me olhando sem nenhum vestígio de sentimento em seu rosto.

— O que eu queria no passado era ser sua amiga — admito. — Mas, como já disse, pessoas como você não têm amigos. Pessoas como você não têm nada de bom e não buscam nada de bom, porque só conhecem a escuridão. E é por isso que matou aquelas pessoas.

Acuso cada uma dessas coisas com um dedo em riste apontado em seu peito. E não tenho medo, só quero machucá-lo da mesma forma que fez comigo. Só quero poder tirá-lo da minha vida e dos meus pensamentos definitivamente. Quero nunca cruzar com ele outra vez. Callan é ruim e não mede esforços para garantir que todos ao seu redor estejam miseráveis.

Sou surpreendida pela mudança que ocorre em seu olhar diante das minhas palavras. Ele volta ao estado irritado de antes e não me toca mais. Só fecha a cara e me direciona seu olhar mais ferino.

— Você continua sendo bem rápida nos julgamentos para alguém que não sabe nem metade da história.

— Não preciso saber, o que vi já é suficiente.

Me livro de Callan, do seu toque e do campo de força que ele possui ao seu redor. Me afasto rápido, como se estivesse fugindo. Talvez eu esteja mesmo, mas não me sinto culpada. Toda a vez que fico perto de Harkness, algo me estrangula por dentro. Talvez seja meu ódio por ele ou o que restou do que eu sentia por ele há oito anos, mas decido que isso morre hoje.

Eu o deixo sozinho no meio do salão e espero nunca mais olhar para trás.

12

S L O A N

Você tem um coração frio, frio. Você sente tudo? Você constrói uma casa de cartas, mas vai cair. Você acha que não vejo quem você realmente é. [...]
Conheço todos os seus segredos, conheço todas as suas mentiras. Eu sei onde você os mantém
Enterrados profundamente
Secrets and Lies — Ruelle

Toco com a ponta dos dedos a coleção de obras de arte que meu pai possui no corredor principal. A festa de Jocelyn ainda não acabou, mas está próxima disso. Bash já fez seu discurso chapado de maconha, e Astor bebeu mais do que deveria e acabou beijando-o, o que teria me deixado chocada pelo resto da noite se eu já não estivesse atormentada por Callan.

Meu corpo permanece arrepiado da proximidade entre nós naquela dança. Seu perfume ainda paira sob meu nariz, e seus olhos não saem da minha memória. Acho que este era o plano dele quando decidiu entrar naquela batalha de egos com Drago e me tirar para dançar.

Sigo até o fim do corredor vazio, meus saltos clicando contra o piso de mármore. Estou mais sóbria do que gostaria, mas terei que dirigir de volta para o campus.

Entro no escritório do meu pai, onde há mais alguns quadros valiosíssimos e pintados à mão que ele exibe com tanto orgulho nas paredes. Quando era criança, gostava de brincar de explorar esta mansão. Eu fingia que havia mistérios e segredos escondidos em cada detalhe da decoração. Era uma boa forma de passar o tempo.

Foi assim que descobri que o quadro de Monet, posicionado em frente à imponente escrivaninha de mogno no gabinete de Mason, esconde um segredo de verdade.

Acendo a luz, fecho a porta do escritório e cruzo a sala vazia até ele. Comparado às outras obras que meu pai coleciona, esta pintura é alguns centímetros menor, o que facilita na hora de retirá-la da parede. Deixo o quadro posicionado de forma segura em uma poltrona e me viro, ficando de frente para o cofre de metal impenetrável.

Quando encontrei o cofre pela primeira vez, nem me arrisquei em tentar

abri-lo. Estava com medo demais do meu pai descobrir que eu tinha mexido em suas coisas, então logo em seguida coloquei o quadro no lugar e fingi que não tinha visto nada.

Mas agora é diferente, porque quero o colar da minha mãe que está aí dentro. Se pedir a Mason, ele vai encontrar um milhão de desculpas para não me entregá-lo, então vou ter que simplesmente roubar.

Roubar de volta algo que é seu pode ser considerado um crime?

Bem, espero que não.

Encaro os números do painel digital e penso em todas as possíveis senhas. Tenho certeza que possuo, no máximo, três tentativas antes que algum alarme dispare ou trave a porta do cofre para sempre.

Mordo o canto da boca quando aproximo o dedo da tela e digito minha data de nascimento. Seria muito óbvio, mas não custa tentar.

Senha incorreta.

Porra, desperdicei uma tentativa.

Não sei quantas me restam agora, mas não são muitas.

Meu pai é um cara metódico, então não há chance de ele ter colocado números aleatórios como a senha deste cofre. Ele gosta de padrões, especialmente datas. A senha de seu celular costumava ser a do meu aniversário.

Respiro fundo antes de tentar de novo, dessa vez com a data do seu aniversário de casamento com Jocelyn.

Senha incorreta.

Puta merda.

Quando um som distante soa, olho temerosa para a porta. Espero alguns segundos, mas nada acontece, então me viro de volta para o cofre.

Estou prestes a tentar a data de nascimento de Jocelyn quando uma ideia louca cruza minha mente. Não faz sentido nenhum, mas, mesmo sabendo que é minha última chance, decido arriscar. Digito a data de nascimento da minha mãe.

Uma luz verde se acende no painel e a porta do cofre abre, me fazendo arregalar os olhos.

Não acredito nisso.

Por que ele manteria essa senha mesmo depois de tanto tempo?

Não há muita coisa no interior, talvez por se tratar de um simples cofre doméstico. As coisas mais importantes e valiosas devem estar guardadas em um lugar muito mais protegido. Neste aqui há algumas notas de dinheiro estrangeiro, principalmente euros e libras. Também há documentos que não me interessam e algumas pastas. Assim que meus olhos encontram o colar solto, jogado no fundo do cofre, o apanho.

Está um pouco escurecido pelo tempo e uso, mas nada que uma limpeza

restauradora não dê jeito. Ele ainda brilha. Há uma inscrição na medalhinha dourada cercada de pedras de brilhantes. Só fui entender seu significado quando estava no ensino médio.

Memento mori, memento vivere.

Em latim, é uma expressão que mais parece um lembrete. “Lembre-se de viver, porque você também vai morrer.” Não sei por que minha mãe precisava desta frase em um colar, nem porque, sabendo o seu significado, o deu para mim. Ainda assim, ela amava esta joia e eu também amo, porque pertenceu a ela.

Prendo a corrente ao redor do meu pescoço exposto e, assim que o pingente cai abaixo da clavícula, já me sinto mais perto de Theresa.

Consegui o que queria, hora de dar o fora.

Estou quase lacrando o cofre novamente quando algo chama minha atenção. É um envelope pardo com uma etiqueta que diz “Departamento de Patologia Forense. Millsdale, Washington. Dezembro de 2015.”

É a data do incêndio no Instituto Valiant.

Foi quando Ava morreu.

Mas por que diabos meu pai teria isso em seu cofre pessoal?

Engulo em seco e, sem nem pensar, retiro o envelope do cofre, fechando-o em seguida. Preciso saber do que se trata. Coloco o quadro de volta no lugar e vou até a porta. Tenho que levar isso para o meu carro sem que ninguém, principalmente meu pai, perceba.

Mas, antes mesmo que eu leve a mão à maçaneta, a porta se abre bruscamente, e, em seguida, estou encarando o rosto maldito de Callan Harkness outra vez.

Sua testa se enruga com surpresa.

— O que faz aqui?

— Bem, considerando que este é o escritório do meu pai, eu é quem deveria estar te fazendo essa pergunta.

O âmbar quente de seus olhos me estuda por uma fração de segundos antes de cair no envelope em minha mão. Então, a surpresa some do seu rosto e dá lugar a outra coisa que não consigo identificar.

Callan dá um passo calculado para dentro do escritório e fecha a porta atrás de si.

— Como conseguiu isso? — pergunta.

— Por que quer saber?

— Sloan...

A maneira como ele usa meu nome para me advertir me faz querer estrangulá-lo.

Callan cruza os braços e fica parado na minha frente como um poste,

barrando minha passagem até a porta.

Bufo alto, irritada com esta noite, pois parece que está colocando Harkness em meu caminho repetidas vezes.

— Foi em um cofre, agora saia da minha frente.

É lógico que Callan nem se move.

— Ótimo, se o abriu uma vez, pode abrir de novo. — Ele dá de ombros. — Assim poupa meu tempo.

Uma risada sai de mim sem que eu nem perceba.

— Eu não vou abrir o cofre do meu pai para você. Ficou maluco?

Se Callan Harkness anda interessado em algo naquele cofre, não é por um bom motivo. E, com certeza, ele não tem boas intenções com isso.

— É mesmo? — pergunta, semicerrando os cílios ao me medir dos pés à cabeça. — E você já sabe o que tem neste envelope? Por que não o abre, huh?

Sua pergunta sai em tom de desafio, e temo que minhas suspeitas estejam certas. Se ele sabe do que se trata esse envelope, então tem mesmo a ver com o incêndio. Tem a ver com Ava.

E não quero realmente saber o que é. Estive procurando respostas por tantos anos, mas, assim que me vejo tão perto delas, tenho vontade de fugir. Porque sei que não vai ser bom, nem fácil.

— Vamos, anjo, não me diga que está com medo? — ele provoca, chegando mais perto.

E sem tirar meus olhos dos dele, abro o envelope de uma vez e puxo de dentro o que parece ser uma pasta. Callan continua me encarando, me desafiando em silêncio.

Abaixo os olhos e encontro o laudo de um homem chamado dr. Adam S. Pierce. Médico legista. Abro a pasta e, na primeira página, me deparo com a impressão de uma figura humana de frente e de costas. À caneta vermelha, está marcado um X na parte da cabeça. Embaixo, há a análise escrita com uma letra pouco legível em algumas linhas.

Começo a ler sentindo meu coração prestes a sair pela boca.

Mulher. Entre catorze e dezesseis anos. Múltiplas fraturas na cabeça indicam traumatismo cranioencefálico, possível causa da morte.

O envelope desliza da minha mão, caindo no chão, e preciso me segurar na mesa para não desmoronar.

Mesmo com o choque tornando meus dedos trêmulos, continuo lendo. O laudo diz que o corpo apresentava queimaduras de segundo e terceiro grau em sua maior parte, tornando impossível o reconhecimento visual da vítima. Não havia vestígios de gás e fuligem em seus pulmões, indicando que ela já estava sem vida quando o incêndio começou. O tal dr. Pierce reporta o traumatismo

craniano como a causa da morte, decorrente de um objeto contundente não identificado.

Já estou apreensiva e ofegante quando leio a última linha escrita pelo médico.

Identificação por DNA compatível com Ava Marie Gallagher.

Não pode ser.

Ava morreu sufocada com a fumaça do incêndio, nunca disseram nada sobre traumatismo. Sempre negaram que haveria qualquer prova de que foi homicídio.

Mas a prova está aqui, em minhas mãos. Múltiplos traumas no crânio indicam que ela foi agredida repetidamente na cabeça.

Alguém a matou e depois incendiou a biblioteca.

O incêndio não matou sua amiga. A morte dela levou ao incêndio.

Foi isso o que Callan me disse aquele dia na universidade. Ele sabia. Meu pai sabia.

E, mesmo assim, esta informação foi mantida em segredo. Arquivaram o caso sob argumento de que foi um acidente com a fiação. Que a porta emperrou e, por isso, Ava não conseguiu sair a tempo da biblioteca.

Eles mentiram.

— Agora você sabe — Callan diz, dessa vez com a voz mais suave.

Quase identifico compaixão em seus rosto quando volto a fitá-lo. Mas não posso ver direito, porque tudo está embaçado, nublado. Não sei se por lágrimas ou por terror.

Uma dor esmagadora em meu peito faz a pasta cair da minha mão também. Não consigo respirar ou pensar. Tudo começa a ficar borrado, e acho que vou desmaiar. Mas não desmaio. Meu peito sobe e desce sem ritmo, tomado pela respiração irregular e desesperada. Todo o ar que tento aspirar ainda não é o suficiente.

É como se eu estivesse sufocando.

Ouço meus batimentos acelerados em meu ouvido e cambaleio quando tento dar um passo em direção à poltrona. Por um segundo, me desequilibro. Mas, antes que eu caia, mãos firmes me agarram e me seguram no lugar. Elas estão em meu ombro, mas depois sobem para o meu rosto, me forçando a olhar nas íris cor de fogo que trazem à tona minhas piores memórias.

— Sloan, olhe para mim — Callan pede com mais gentileza do que estou acostumada quando se trata dele. Seus polegares quentes estão em minha bochecha. Sua voz me traz lentamente para a realidade, e eu pisco para não perder o controle. — Está tudo bem. Você está bem.

Me concentro no ritmo de sua respiração, no calor de suas mãos em

contato com meu rosto e nos seus olhos arregalados, assustados demais para alguém que me odeia tanto. Pisco mais devagar, inspirando e expirando depois. Repito o processo até retomar o controle. O aperto em meu peito se afrouxa, e meus batimentos cardíacos desaceleram gradativamente.

Quando abro os olhos de novo, estou mais do que ciente de como Callan está próximo. Ainda me encarando com os resquícios do que parece preocupação, mas que pode significar qualquer coisa, afinal este é Callan Harkness. Ele é imprevisível.

Me afasto, e suas mãos caem longe do meu rosto.

— Meu pai faz parte disso — murmuro, me abaixando para apanhar a pasta e o envelope.

— Ele faz — confirma Callan.

Como ele pode fazer isso? E por quê?

Retiro o celular da *clutch* preta e bato foto de todas as páginas do laudo. Sabendo agora do conteúdo, não posso arriscar que meu pai perceba que isso sumiu do seu cofre. Sob o escrutínio indecifrável de Callan, levo o envelope de volta para o cofre e deixo tudo no lugar, como estava antes.

Não sei o que vou fazer. Ainda não sei nem o que está acontecendo. Não posso mesmo confiar no meu pai e, com certeza, não posso confiar em Callan.

Meu estômago está tão embrulhado que considero correr para o banheiro. Desisto da ideia quando, de repente, vozes soam do lado de fora, parecendo próximas demais da porta do escritório.

Olho assustada para Callan, mas seu semblante não me diz nada.

— O armário — sussurra, maneando a cabeça na direção do armário de casacos no canto da sala. — Agora!

Corro com ele em meu encalço e tenho tempo apenas de abri-lo e nos colocar para dentro antes que a porta do escritório seja aberta num rompante.

Prendo a respiração para não fazer barulho.

Callan se mantém curvado atrás de mim, pressionado contra meu corpo. Suas mãos estão escoradas em cada lado do armário.

Os sons lá de fora retornam, chamando minha atenção. Desta vez, estão próximos demais para o nosso próprio bem.

— Então, o que queria tratar comigo? — A voz de um homem que não conheço soa, me fazendo franzir o cenho.

Espero ouvir meu pai em seguida, mas não é o que acontece.

— Como sempre, de negócios. — Esta é a voz de Soren Deacon.

Que porra ele faz no escritório do meu pai?

Na posição em que estamos, apertados como sardinha enlatada, não consigo olhar para Callan, mas sinto sua respiração na minha nuca. Ela muda e

fica mais tensa, assim como seu corpo atrás do meu.

— Não temos mais negócios — o outro homem contradiz, impaciente.

— Sempre teremos negócios, Harkness.

Meu queixo cai.

Harkness?

Só pode ser o tio de Callan. Eles são os únicos Harkness vivos, pelo que sei.

— Não desperdice meu tempo, Deacon. Ele vale muito dinheiro.

A risada sádica de Soren irrompe alta em seguida, reverberando pelo cômodo.

— Não se preocupe, serei breve. — Soren faz uma pausa, e ouço passos se moverem.

A próxima coisa que escuto é um gemido esganiçado. E, então, mais um monte deles, como se alguém estivesse se engasgando.

— Pensou que eu nunca descobriria que mentiu para mim? Pensou que podia me enganar como fez com meu pai? Não sou idiota como ele era. Acredita que ele fez essa mesma cara de pavor quando percebeu que eu o tinha envenenado?

Um ruído de choque quase escapa de mim, mas é contido pela mão grande de Callan, que tapa minha boca.

Mais sons torturantes. Algo entre um gorgolejo e um ronco nasal. Como um guincho aterrorizante que faz meu corpo inteiro ficar tenso e rígido feito pedra.

— Você é patético, Harkness. E espero que, à essa altura, já tenha entendido que nosso acordo acabou.

Soren ri de novo, como um maldito psicopata.

— Adoraria ver a cara do Kestrel quando descobrir que seu carpete foi arruinado pelo sangue de um rato como você.

Em seguida, há o som da porta se abrindo e logo fechando.

Engulo em seco com pesar, sem fazer ideia do que está acontecendo. Segundos longos se passam, e estou disposta a esperar mais, mas a mão de Callan empurra as portas do armário e preciso saltar para fora.

Meus olhos logo encontram o sangue. Tenho que tapar a boca para evitar um grito.

Há um homem estirado no chão em frente à escrivaninha. Ele tenta em vão segurar a própria garganta para conter o sangue que jorra do corte. O líquido carmesim inunda o carpete, montando a cena mais macabra e horrenda que já vi na vida.

De olhos arregalados, o tio de Callan encara o próprio sobrinho. Seu

corpo treme com espasmos.

— Temos que ligar para a emergência — gaguejo e tateio minha bolsa atrás do celular.

Com uma mão em meu pulso, Callan me para. Levanto os olhos para ele e o encontro com a mandíbula cerrada e a atenção fixa em seu tio. Não há nenhuma linha de expressão. Seu rosto segue frio e impenetrável como uma fortaleza.

Continuo encarando-o até os sons pararem. Os segundos de agonia se prolongam como horas, e sinto minhas mãos começarem a tremer.

O tio de Callan acaba de morrer bem na nossa frente, e não há nada além de dureza no semblante de seu sobrinho. Ou ele não sente nada com isso, ou é excelente em não demonstrar.

O terror de toda a situação que presenciamos faz as lágrimas voltarem aos meus olhos. Não sei por qual dos três nesta sala estou chorando agora, talvez por todos nós.

Os sons de um homem se afogando com o próprio sangue é algo do qual nunca vou me esquecer.

Sou tomada pela náusea e pelo refluxo, então a única coisa que consigo fazer é correr para fora do escritório. Entro feito um raio no banheiro do outro lado do corredor e me jogo diante do vaso sanitário, onde despejo todo o conteúdo do meu estômago.



Me sinto fraca e totalmente drenada quando saio do banheiro. Lavei a boca várias vezes, mas ainda sinto um gosto horrível de bile no fundo da garganta. Faço uma careta, sentindo repulsa.

Preciso voltar para casa.

A porta do escritório está fechada, e não há nenhum sinal de que alguém sabe o que aconteceu lá dentro. Provavelmente só vão descobrir amanhã. Soren sairá da festa como se nada tivesse ocorrido, com a mesma feição nojenta de arrogância e desdém que carrega o tempo todo.

Ele matou o tio de Callan no meio de uma festa inteira. O quão louco alguém precisa ser para fazer algo assim?

Mas talvez ele não precise se preocupar em ser pego. Talvez ele saiba que vai ser acobertado, inclusive pelo dono da casa.

Atravesso todo o piso térreo da mansão. Vejo rostos conhecidos e desconhecidos no caminho, mas eles parecem extremamente distantes. Ou eu

pareço deslocada deste lugar. O que diabos está acontecendo aqui?

E, pelo amor de Deus, há quanto tempo isso acontece bem debaixo dos meus olhos?

Os homens que os Corvos mataram faziam parte de uma organização desconhecida e, por isso, eram seus inimigos. É disso que se trata?

Me sinto doente. Enojada.

Isso não pode estar acontecendo. Não é possível. Meu pai luta por justiça desde que se formou na faculdade. É isso o que os Kestrel fazem. Ele é honesto, incorruptível. Eu o conheço. Ele me ensinou tudo o que sei. Me moldou em princípios nobres que são passados pela nossa família de geração em geração.

Toda essa história está tomando uma proporção muito maior do que eu esperava.

Soren, James, o tio de Callan, meu pai, Ava, os Corvos...

Como diabos todas essas pessoas se conectam?

Minha cabeça gira quando passo pelo saguão de entrada. Não sei para onde ir, mas de repente meus olhos encontram uma silhueta familiar. Ele apanha um casaco e sai pelas portas, direto para a chuva lá fora.

Eu o sigo, correndo em meus saltos.

— Callan! — chamo, antes que ele desça para o átrio.

Aqui fora está frio. O vento gelado bate contra meus cabelos e a saia longa do vestido. Paro sob o alpendre, cruzando os braços. Para minha surpresa, ele para também e olha para trás.

A chuva cai atrás dele sem piedade, sacudindo as árvores do jardim frontal, mesmo assim, ele não parece ser atingido pelo frio.

— Sinto muito — digo com sinceridade.

Callan apenas assente, sem esboçar nenhuma emoção. Deus... esse homem só poder ser forjado de aço. Ou de coisas tão ruins que a morte de um ente próximo não é capaz de chocá-lo.

— Isso é tudo?

Ele me olha de cima, através de seus cílios longos e escuros, e outras barreiras que não posso enxergar.

— Nós acabamos de presenciar uma cena horrível, digna de pesadelos. Um crime — sussurro, checando que não há ninguém por perto. — E você está aí agindo como se não fosse nada.

— Aquilo não foi nada. Nada perto do que eles são capazes de fazer.

— *Eles?* — Ergo as sobrancelhas. — Quem são eles?

Ele me ignora, se vira e faz menção de descer as escadas. Seguro seu braço, o impedindo.

— Callan, nós testemunhamos um homicídio — reitero, desesperada pelo

sentimento de impotência. — Temos que fazer alguma coisa.

— Eu vou fazer — garante, se desvencilhando do meu toque. — Você vai continuar nesta festa, bebendo champanhe caro e dançando com almofadinhas, como tudo deve ser.

Estou prestes a protestar quando outra voz soa atrás de mim.

— Ora, ora... O que temos aqui?

Quando me viro e encontro o rosto cínico de Soren, congelo.

Acho que vou vomitar de novo.

Não há um respingo de sangue em seu terno extravagante. Na verdade, nada em sua aparência diria que ele acabou de matar um homem. Parece apenas um rapaz rico e mimado. Insuportável mas inofensivo.

Para ser sincera, não me surpreende que ele seja capaz de tirar a vida de outro ser humano. E quero sentir medo. Acho que alguma parte minha sente. Mas a maior parte está queimando em raiva.

Raiva por tudo o que fez e por quem ele é.

— Seu filho da puta doente — xingo, sem me conter.

Vejo de soslaio os braços de Callan se estenderem para me segurar, mas é tarde mais. Fecho a mão em punho e desfiro um soco mais forte contra seu rosto odioso.

A dor explode em minha mão, irradiando por todo o meu braço, e me seguro para não gritar. Callan se move rápido, me empurrando para trás de seu corpo.

— *Vadia*. — Soren cospe sangue no chão antes de levar a cabeça de novo.

Seus lábios estão cortados, mas mal causei algum dano. Na verdade, o dano maior parece ter sido do meu punho, que dói como o inferno.

Ele faz menção de vir até mim, mas Callan o para com um olhar.

— Nem pense em chegar mais perto.

Soren dá risada.

— Recuperou seu guarda-costas, Kestrel? — provoca, estreitando seus olhos azul-gelo para mim. — Ou está fodendo com ele?

Eu o encaro por cima do ombro de Callan. Quero sair de trás dele. Não sou uma donzela indefesa que precisa de proteção. Dou um passo para o lado, mas Callan olha para mim.

— Sloan, controle-se.

— Que porra está acontecendo aqui, afinal? — Soren pergunta, alternando os olhos entre mim e Callan. Mas não demora muito para ele entender. A compreensão toma seu semblante, e ele ergue as sobrancelhas, surpresos.

— Oh... então você sabe — contempla, coçando o queixo. — Mas quanto você sabe? — Não respondo e meu silêncio parece bastar. — *Interessante*.

— Acabou de declarar uma guerra que não está preparado para lutar — Callan o interrompe, ainda controlado. — Haverá consequências. Sabe disso, não sabe?

— Você começou a guerra, Harkness, mas não se preocupe, ela não vai durar muito. — Soren volta a limpar os resquícios de sangue no canto da boca, depois se endireita e olha para mim. — James sempre diz o quanto você é inteligente, então é melhor começar a usar esse cérebro e tomar cuidado.

Ignoro sua ameaça escancarada, apesar de não saber se deveria.

Deacon ajeita o colarinho de seu terno no mesmo instante que os seguranças aparecem na porta. Ninguém diz mais nada, ele apenas se vira e volta para dentro da mansão.

Callan vai na direção oposta, saindo para a chuva sem se importar. Eu o observo andar sob as gotas impiedosas que caem do céu, sem ter ideia do que fazer.

No interior do lugar que chamei de casa durante toda minha infância, circulam pessoas que não sei mais se conheço. Mentirosos, criminosos, assassinos... Não sei em quem posso confiar e não tenho para onde fugir.

De alguma forma, faço parte disso. Só não sei ainda o que é.

Não posso voltar para lá.

Também não posso apenas ir para o alojamento e fingir que não vi nada, porque algo que envolve minha família e o episódio no Instituto está acontecendo. Não posso ignorar isso.

A outra opção é mais perigosa, porém, porque se trata de Callan Harkness e não posso confiar nele. Mas, de todos, ele parecer ser o único que não mentiu para mim até agora. Ele ocultou a verdade porque disse que era melhor não saber, porque tudo mudaria se eu soubesse.

Ele tinha razão, tudo mudou.

Diante das minhas opções, ele me parece a menos ruim. Então, vou atrás dele na chuva.

Seguro o punho machucado contra o peito e corro pelo átrio, tomando cuidado para que meus saltos não derrapem no chão liso e molhado.

— Callan, espera! — Eu o alcanço assim que ele abre a porta do seu carro e ele para.

Me sinto miserável e sozinha. Sem orgulho e nem nenhum plano. Quero voltar para Paris, para longe dessas pessoas, onde posso continuar vivendo no globo de neve que Callan mencionou, alheia a todas as coisas terríveis ligadas à Millsdale.

Mas não dá. É tarde demais.

— Volte para sua casa, Sloan — pede Callan, impaciente.

— Não posso, você sabe que não.

Ele me analisa por um segundo. Não pareço comigo mesma. Meus cabelos estão arruinados pela chuva e o vento. A maquiagem com certeza escorre pelas minhas bochechas de forma deplorável. Meu vestido deslumbrante agora não é nada além de um trapo arruinado, com a barra cheia de lama.

O que diabos estou fazendo?

Callan pondera, a relutância evidente em seus olhos.

— Entre no carro — ordena, por fim.

Suspiro com alívio e obedeço.

13

S L O A N

Brincar com fogo
É um jogo perigoso
Dangerous Game – Klergy

ESTOU NA CASA DE CALLAN HARKNESS.

É uma mansão vitoriana muito antiga. Ela tirou meu fôlego assim que vi pela primeira vez, quando o carro de Callan atravessou os portões da propriedade. As paredes externas são feitas de pedra escura, tomadas do chão ao teto de hera. Acho que, algum dia, esta casa já foi bem cuidada, iluminada e arejada. Já se pareceu com um lar antes, mas agora se tornou apenas assustadora. Há até mesmo uma torre neste lugar.

Por dentro, é pior. Tudo limpo e os móveis parecem novos. Não há cheiro de mofo ou sinal de pó. A mobília e a decoração se encontram em ordem e organizadas.

Todas as fotos nas paredes são antigas, de quando Callan era criança e seus pais moravam aqui. Este é o único sinal dele neste lugar. Não há pertences seus pela casa ou nenhum toque de sua personalidade e gostos pessoais. Parece que tudo foi deixado intocado desde que o senhor e a senhora Harkness morreram.

É como se Callan fosse um fantasma assombrando o local da tragédia que aconteceu à sua família.

Se eu vivesse numa casa que foi cenário de um crime brutal, a transformaria em algo totalmente novo, algo que mantivesse as memórias ruins afastadas. Também não ia querer morar aqui sozinha. Do jeito que tudo está agora, é como se fosse um purgatório.

Acima de tudo, é solitário.

— Da próxima vez que socar alguém, mantenha o polegar para fora do punho. — A voz rabugenta de Callan me traz de volta ao presente, e movo meus olhos para ele. — Tem sorte de não ter rompido um tendão.

Estou sentada em cima da bancada da ilha de sua cozinha de proporções magníficas. Deve ser o cômodo mais moderno da casa. A mobília grita dinheiro.

Callan está de pé na minha frente, pressionando uma bolsa de gelo nos nós doloridos e avermelhados da minha mão direita. A situação é estranhíssima,

mas este foi o resumo do meu dia, então não discuti quando Callan decidiu que precisava colocar gelo em minha mão depois de eu ter socado a cara de Soren.

Ele ficou em um silêncio, concentrado durante minutos, analisando minha mão inchada e o polegar que mal conseguia mexer. A dor está diminuindo ou o gelo está anestesiando meus nervos, não sei, ainda assim me sinto melhor.

Também não estou mais com as roupas molhadas. Callan me entregou algumas peças femininas que prefiro não saber a procedência e tirou o smoking encharcado. Agora, pela primeira vez, vejo Callan Harkness adulto usando roupas casuais.

E ficam bem demais nele. Decido deixar a autorrecriminação para amanhã e me permito admirar Callan deste lugar seguro, já que ele não está prestando atenção. Seus cabelos ainda estão molhados, e, quando ele desceu as escadas, descalço, secando os fios negros com uma toalha, perdi o fôlego. Senti meus ossos tremerem.

Os músculos de seus braços me hipnotizam, assim como suas grandes mãos. Me pego analisando o dorso de uma delas, a que está pressionando o gelo contra a minha. As veias saltadas sobem por seu antebraço até os bíceps. Há uma joia em seu dedo anelar que chama minha atenção. É feita de ouro, tenho certeza, com um brasão que não reconheço no centro, mas é bonito.

A pele de Callan é extremamente pálida, lembra até a de um vampiro. Seu rosto é masculino e elegante sem nem se esforçar, com traços aristocráticos que fazem jus à dinastia que carrega no sobrenome.

Acho que ele percebe que demoro a respondê-lo, porque levanta o rosto e encontra meus olhos.

Limpo a garganta, me endireitando sobre a bancada de mármore escuro.

— Vou me lembrar disso para quando te socar.

— Eu me divertiria vendo você tentar. — Um pequeno sorriso aparece no canto de sua boca, mas dura apenas um segundo, sumindo assim que ele desvia o olhar e se afasta, soltando minha mão. — Você está pálida como essas paredes. Há quanto tempo não come?

Só tomei café da manhã hoje. Minha cabeça estava cheia demais para me lembrar de algo tão banal quanto comer.

— Algumas horas.

— Você precisa comer. Vou fazer um prato.

A forma como Callan é tão prático e autoritário me dá nos nervos. Uma hora, ele debocha de mim e diz que sou desprezível, noutra, age com uma superproteção que nunca, nem em sonho, poderia atribuir a ele.

Contraditório pra caralho.

— Por que você se importa, afinal? — tomo coragem para perguntar.

Seus olhos se voltam aos meus rapidamente antes de ele me ignorar e ir até o forno a gás. Observo-o retirar de lá um refratário de vidro com o que parece ser lasanha.

— Não me importo — diz, de costas para mim, enquanto esquenta a comida. — Mas você não é útil desmaiada no chão da minha cozinha.

— Útil?

Callan não explica, apenas se movimenta pela cozinha com uma elegância quase sobrenatural, pegando pratos e talheres. Eu o observo em silêncio por minutos até que ele retorna com um pedaço generoso e, devo admitir, muito apetitoso de lasanha à bolonhesa em uma peça de porcelana.

O cheiro do queijo e do manjericão faz minha barriga roncar mais alto do que deveria, e Callan dá uma risada nasalada quando me estende o prato. Apesar de querer recusar por puro orgulho, decido dar o braço a torcer por ora. Só porque estou morrendo de fome.

Apanho a louça e os talheres, provavelmente de prata, e corto um pedaço da lasanha, levando-o à boca em seguida.

Preciso me segurar muito para não soltar um gemido de satisfação, mas não consigo me impedir de fechar os olhos. Isso está bom demais. Não sei se foi Callan quem cozinhou, mas é uma refeição digna de um restaurante italiano premiado.

E eu já comi em muitos para saber quando um prato está de fato à altura.

Quando volto a abrir os olhos, pego Callan me encarando. Dessa vez, ele não desvia, em vez disso sustenta meu olhar. Ele parece intrigado.

Não o culpo, é uma situação estranha.

Se alguém me dissesse, há vinte e quatro horas, que Callan Harkness estaria me alimentando, eu teria gargalhado.

Me apresso em comer, porque a forma como ele me observa está me deixando desconfortável.

— Então — pigarreio, quebrando o silêncio esquisito —, vai ou não me explicar o que está acontecendo?

Callan suspira e cruza os braços antes de se apoiar em uma das bancadas.

— Eu já te contei uma vez sobre as duas sociedades secretas de Millsdale.

Engulo a última porção de comida.

— Os Grifos e os Corvos — recordo. — Sim, eu sei.

— Bem, ambas estão nesta cidade há muito, muito tempo. A Ordem dos Grifos foi criada pelos filhos de mafiosos importantes que vieram para a América fugindo da Bratva. A sociedade foi fundada uma tentativa de expandir seu poder e influência. Eles conseguiram, principalmente na época da lei seca.

Se deram bem com contrabando de álcool, tabaco, armas e narcóticos. Além de redes de prostituição, é claro.

Aceno com a cabeça, assimilando as informações. Callan não está fazendo apenas um apanhado histórico, mas me apontando a verdade. A verdade que neguei aceitar repetidamente, mas que estava bem na minha cara.

— Soren faz parte da Ordem — deduzo.

E é claro que James também. Foi por isso que ele me sequestrou com seu grupo de mascarados. Todos eles estão envolvidos nisso. O pior é que acreditam que também estou. Não só eles acham isso, mas provavelmente os Corvos também. Foi o que disseram na noite de Halloween... que eu era “a vadia dos Grifos”.

— E quanto ao meu pai? — pergunto, levantando o rosto. — Por que ele ajudou a encobrir o assassinato de Ava? Não faz sentido, ele...

— Você sabe a resposta, Sloan.

Balanço a cabeça, mas não sei para qual de nós dois estou negando.

Não pode ser.

Meu pai nunca se envolveria em algo tão sujo quanto uma sociedade secreta de criminosos. É ridículo.

— Meu pai é um homem bom — digo, saltando da bancada. — Ele se orgulha de viver conforme a lei, nunca nem tomou uma multa de trânsito.

— As coisas são como são — ele me interrompe, impaciente. — Quanto mais rápido aceitar isso, mais fácil será pra você. Confie em mim.

Por alguma razão, a última parte me desperta uma raiva desconhecida.

— Aí é que está, eu não confio. Por que eu deveria? Você está tentando me convencer de que meu pai é um criminoso!

Callan suspira, parecendo arrependido de ter iniciado essa conversa. Mas ele não se altera. Continua calmo, os braços cruzados contra o peito enquanto esquadrinha meu rosto.

— Você saiu daquela festa porque não confia em ninguém lá — ele lembra. — De todas as pessoas, veio até mim. Por quê?

Meus ombros caem.

— Não sei.

Callan balança a cabeça, insatisfeito com a resposta, e vem até mim com passos firmes que cumprem o papel de me intimidar. Sua proximidade quase me sufoca, e preciso dar alguns passos para trás, abrindo distância entre nós até minhas costas baterem na bancada.

— Sabe, sim — me contradiz com a voz firme, semicerrando seus longos cílios escuros. — Diz o porquê, Sloan.

Ergo a cabeça, desafiando-o de volta com meus olhos.

O fogo dança em suas íris quentes, e ele continua me pressionando em silêncio, nem um pouco disposto a deixar para lá. Não sei nem por que estou discutindo, só preciso pegar minha bolsa e dar o fora daqui. É óbvio que não posso acreditar em nada do que Callan diz. Não deveria ter entrado em seu carro de novo.

Ainda assim, aqui estou eu. Preferi embarcar no perigo dele do que naquele que conheço muito bem. Aquele que estava na minha casa, com as pessoas que eu amo. Minha família.

Família essa que mentiu para mim minha vida toda.

— Porque você não esconde quem é — respondo, enfim.

A derrota faz eu me encolher e me virar só para fugir de seu olhar de vitória, não sem antes notar o sorriso de satisfação no canto de sua boca.

Não tenho mais a quem recorrer, e Callan, por mais odioso que seja, nunca fingiu ser outra pessoa. Nem mesmo para se encaixar na época do ensino médio. Ele nunca tentou agradar ninguém ou fazer o que era esperado dele.

Ele sempre fez o que queria, e, embora me doa admitir, tenho inveja disso.

— Pode não confiar em mim, mas também não confia no seu pai e, no fundo, sabe quem ele é — Callan continua, atrás de mim. — Os dias intermináveis de trabalho, a forma como ele quase nunca estava presente, toda a segurança e os carros blindados... Sabe o que isso significa, só está se negando a aceitar.

Fecho os olhos, tentando afastar as palavras de Callan, mas é tarde demais. Porque ele está certo. Por qual outro motivo meu pai acobertaria o homicídio de uma garota inocente?

O que restou do domo de vidro do globo de neve em que cresci termina de se estilhaçar.

Permaneço de costas para Callan. Meus olhos estão embaçados com as lágrimas, então tento me livrar delas ao fitar o teto. Pisco e respiro fundo, retomando o controle.

— Por quê? — pergunto, o choro ainda entalado na garganta. — Por que ele está fazendo isso?

— Conhece a história do sapo e do escorpião? — indaga de volta, mas não respondo. — Bem, o sapo queria atravessar o rio e...

— Eu conheço a fábula — o interrompo, cerrando a mandíbula com a última fagulha de raiva que não foi aniquilada pela dor da traição.

— Então sabe o que significa.

— Que não se pode mudar a natureza de alguém.

— Correto — Callan diz. — Seu pai é de uma longa linhagem de juízes

da Ordem. Ele não teve escolha. O título nasceu com ele, e ele cresceu nessa vida. Soren e James também.

— James... — murmuro. — Aquele desgraçado.

— O pai dele foi o conselheiro dos Grifos, assim como seu avô, bisavô, tataravô... Com Soren é a mesma coisa. Ele descende dos maiores líderes da Ordem e foi moldado para ser o próximo.

Então, é uma coisa de sangue.

— Soren matou o próprio pai para tomar o poder.

Callan assente.

— Provavelmente William sabia o que seu filho estava prestes a fazer.

— O quê? E por que ele não o impediu?

— Porque de nada adiantaria — Callan explica, como se fosse muito simples. — Soren é seu único filho, seu herdeiro legítimo. O legado das sociedades é passado de pai para filho e ninguém pode abdicar disso. Ninguém foge disso.

— Por que não colocam outra pessoa no lugar?

— Isso enfraqueceria a Ordem. Pôr na liderança alguém que não cresceu nos moldes desse legado, com todos os conhecimentos e responsabilidades.... Não há como confiar. Assim como os Corvos, eles dão valor à tradição, porque foi através dela que se mantiveram por tanto tempo no poder. O sangue é, e sempre será, mais denso que a água, Sloan.

Não tenho certeza até onde essa história vai, mas consigo imaginar. Os homens que os Corvos mataram eram Grifos. As coisas que eles fizeram quase justificam sua execução.

Quase.

E, em dúvidas, sei do que Soren é capaz. Mas meu pai? Como ele pode ser conivente com tantas coisas terríveis? Ele está ajudando a destruir esta cidade.

Pensei que o conhecia, mas me enganei. Não sei do que ele é capaz. Ele pode muito bem ter matado pessoas, como Soren.

Cubro a boca com as mãos, sentindo a náusea retornando. A vertigem faz meu estômago recém-alimentado se revirar, mas consigo me concentrar em fazê-la desaparecer.

Volto a olhar para Callan.

— E... como você sabe dessas coisas?

Callan se limita a rir e se distancia. Perdida, apenas o sigo para fora da cozinha. Agora ele está na sala de estar, servindo-se de uísque.

— Aceita uma dose?

— Se eu aceito de bom grado o risco de ser envenenada por você? Não,

obrigada.

Ele ri novamente com desdém e beberica o líquido âmbar, bem parecido com a cor de seus olhos.

— Deveria ter pensado nisso antes de comer da minha comida — retruca, achando graça. — Além disso, se eu te quisesse morta, não recorreria a algo tão anticlimático quanto veneno.

— Você é doente — cuspo as palavras com repulsa, e isso só parece diverti-lo mais. — E não respondeu à minha pergunta.

— Os Corvos e os Grifos estão em guerra há mais de um século. Durante todo esse tempo, tivemos nossos meios para conhecer o inimigo.

— E por que está me contando isso?

— Caso não tenha reparado, você é um deles — diz com tranquilidade. — Um legado da Ordem dos Grifos.

— Não, não sou.

— Não pode fugir disso, Sloan. Eles nunca permitiriam.

Eles.

Meu pai? Soren e James?

Todos eles, talvez?

James deixou bem claro que não tiraria os olhos de mim. Atestou que eu era parte disso, e agora sua fala faz sentido. Se tudo o que Callan disse sobre herança de sangue e se meu pai é mesmo um Grifo, então supostamente sou uma também.

Alguém que vai servir ao legado doentio de uma sociedade secreta com criminosos repulsivos.

Não. Não pode ser.

De repente, lembro da maior lição de Mason Kestrel. *Garanta a justiça e honre seu legado.*

Era sobre isso que ele estava falando, o dever que me passaria em algum momento da vida. Ainda assim, meu pai nunca mencionou nada disso.

— Eu não sou um legado — reitero. — Muito menos fui criada para servir à Ordem. Eu nem sabia que diabos era isso até cinco minutos atrás. Jamais farei parte disso.

Respiro fundo quando as peças, de repente, começam a se encaixar.

A obsessão de meu pai para que eu seguisse seus passos e me tornasse juíza, para que eu retornasse à Millsdale. Como ele nunca quer me perder de vista, sempre me controlando e vigiando. James e o rastreador...

Cada passo planejado, desde o começo.

— Eu sei.

A voz de Callan me traz para o presente e olho em sua direção.

— Sabe?

— É por isso que está aqui. — Ele coloca o copo meio vazio de volta no minibar. — Se você não tivesse sido criada fora dos dogmas dos Grifos, essa conversa seria bem diferente.

— Porque você teria colocado uma bala no meu coração, como fez com os outros.

— Exatamente.

O padrão dos Corvos envolve matar herdeiros que, agora sei, pertencem à sociedade secreta rival. Callan está dizimando o legado dos Grifos. E eu faço parte dele.

Por isso, meu pai temia que eu estivesse na mira dos Corvos.

— Por que resolveu me contar tudo isso agora? Qual é o seu interesse em mim?

Não sou tola de achar que Callan está me falando a verdade por pura generosidade de seu coração. Se o faz, é porque tem segundas intenções.

— Quero propor um acordo.

— Um acordo? Tá de brincadeira?

— Você queria descobrir quem matou sua amiga, agora já sabe.

— Não, não sei.

— Sabe, sim — discorda. — Só não está olhando para a direção certa.

Balanço a cabeça.

Ele não mencionou o incêndio até agora.

— Nós estávamos sozinhos naquela noite no Instituto.

— Não, não estávamos.

Quem então?

Fecho os olhos, tentando me lembrar daquela noite horrível. A memória só me traz coisas ruins. É difícil me atentar às horas que antecederam ao incêndio quando só consigo pensar no fogo, no desespero que senti, na sensação de sufocar com a fumaça.

Aquele fogo não era para mim, como pensei antes. Depois do que descobri recentemente, está claro que existe uma guerra muito além de tudo o que conheço. E alguém queria matar Ava de propósito.

— Foi o Soren — digo em voz alta quando todos os episódios em que ele a maltratou em público passam diante de meus olhos.

Ele sentia ódio da minha amiga, embora eu nunca tenha sabido o porquê. Se havia naquela escola outra pessoa além de Callan capaz de matar alguém, com certeza era Soren Deacon.

— *Bingo*.

— Mas por quê? — me surpreendo. — Ava nunca fez nada contra ele.

— Quem sabe tenha sido sua iniciação na Ordem. O pai dela devia dinheiro aos Deacon, então...

— Ela era apenas um meio para um fim — completo com desgosto. — E pagou pelos erros do pai.

Meu Deus! Ava merecia muito mais do que isso.

Cerro a mandíbula, a raiva retornando quando penso em Soren. Ele a matou à sangue-frio e ainda encobriu os rastros do crime com fogo.

E meu pai o acobertou.

Fecho a mão machucada em punho, apenas para me lembrar da dor. Ela vale a pena, ainda mais agora que sei a verdade. Mas, nem de longe, é o suficiente. Os Grifos estão por trás da morte de Ava.

As pessoas que me cercaram durante a minha vida inteira. Pessoas em quem confiei, que amei. Os assassinos estiveram ao meu lado por anos a fio, me assistindo ser drenada por dor, culpa e ódio.

Meu próprio pai.

Por oito anos, redirecionei meu ódio e dor para a pessoa errada. E, agora, tudo está retornando com mais intensidade do que nunca. Comprimo os lábios, contendo a miríade de sentimentos que quer eclodir de mim. Quero gritar e atirar coisas na parede. Quero chorar até cair no sono, só pela esperança de poder acordar desse maldito pesadelo.

Antes que consiga me conter, apanho um vaso ao meu alcance e o arremesso contra a parede do outro lado da sala. O som alto da porcelana colidindo e se estilhaçando me enche de satisfação, mas não é o suficiente.

Então, apanho um copo de cristal perto do minibar e o arremesso também. Quebro todas as peças que consigo ver, e Callan não mexe um dedo para me impedir. Acho que nem está disposto a tentar me conter agora.

Quando termino, nada mudou. A dor ainda queima em meu peito. Ainda sinto meus músculos enfraquecidos. Engasgo com a vontade de chorar e berrar até perder a voz.

Tudo o que sempre acreditei não passa de uma mentira bem contada.

Minha família é uma farsa. *Eu sou uma farsa.* Estive cercada de injustiça, traição e perversidade e nem mesmo desconfiei.

Como eu sou tola...

Apoio as mãos trêmulas no sofá, tentando controlar a respiração e me acalmar antes que eu desmorone.

Escuto os passos de Callan se aproximando. Ele me dá um minuto antes de continuar:

— Estou te oferecendo sua vingança numa bandeja de prata, Sloan. — Dessa vez algo mudou. Ele parece mais ameaçador, mais perigoso. — Seria

inteligente aceitá-la.

— Não me diga que quer minha ajuda.

— Pensei que era isso o que você queria.

Balanço a cabeça.

— Por que você sequer precisa de mim? Matou quatro herdeiros sozinho, por que não mata esse também? Não é algo fácil para alguém como você?

— Alguém como eu? — Ele arqueia as sobrancelhas.

— Um assassino.

É o que ele é, exatamente como Soren. Não há diferença entre eles. Ambos matam segundo seus próprios interesses. Os Corvos e os Grifos são farinha do mesmo saco. Ambos são doentios e desprezíveis.

Eu só queria poder acabar com os dois.

— É exatamente o que sou — concorda. — Mas este assassino aqui não tem interesse em cortar esse seu lindo pescoço. Não ainda. Sinta-se sortuda por isso. — A arrogância no seu tom de voz e na sua postura me faz querer socá-lo também. — Não podemos dizer o mesmo de Deacon, agora que você está na mira dele.

— Soren não pode me matar, também sou um legado.

— Ele pode e vai, se você não dançar conforme a música. Soren não é o herdeiro que os Grifos queriam. Ele não entende as regras e as tradições, não dá a mínima para o legado. Ele só quer o poder e vai tirar do caminho qualquer um que represente uma ameaça. E, respondendo à sua pergunta, ele não é um simples garoto mimado que posso tirar do meu caminho. É o líder da Ordem. Provavelmente está cercado de mais segurança do que o presidente dos Estados Unidos agora. Matá-lo tem que ser um ato planejado e calculado, vindo de dentro.

— Por isso precisa de mim — assimilo. Ainda assim, é loucura. — Não posso fazer isso. Não posso te ajudar, não posso me infiltrar. Eu não... — Balanço a cabeça, sem nem conseguir colocar em palavras o quanto isso é uma sandice. — Eu nem confio em você. Não sei quem você é e quem os Corvos são. Essa pode ser a sua vida, mas não é a minha.

Espero sua reação irritada, mas ela não vem. Callan apenas suspira, como se não estivesse surpreso. Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e assente com a cabeça, parecendo compreender.

— Bem, acho que precisa de um tempo para pensar e digerir tudo — deduz, dando de ombros. — Conversaremos de novo amanhã. Preparei o quarto de hóspedes para você.

Quarto de hóspedes?

— Não vou dormir aqui.

— Sim, você vai — insiste, como se fosse uma decisão dele.

Callan se vira em direção às escadas, esperando que eu o siga como uma boa submissa.

Novamente, sua arrogância faz minha pele esquentar com a raiva.

— Estou indo embora — digo, indo na direção contrária dele, até a porta da frente.

— Deixe de ser uma criança teimosa, Sloan. O mundo está desabando lá fora. Não conseguiria voltar para Rotherdam agora nem com um maldito helicóptero.

— Não quero ir para Rotherdam. Vou para Wilrose.

Toco na maçaneta ao mesmo tempo que Callan agarra meu braço. Ainda que o aperto não seja forte, me paralisa e me obriga a olhar de volta para ele. A fúria está estampada em seu rosto.

É tão fácil tirá-lo do sério. Sempre no limite do controle quando estamos perto um do outro. Não sei por que isso me dá uma sensação de vitória, mas é bom saber que ele não está tão no poder de tudo quanto pensa. Ao menos, não quando estou por perto. Seu ódio por mim o torna mais instável e impulsivo do que ele gostaria. Vejo isso em seu olhos.

— Quer mesmo enfrentar a tempestade ou só está teimando para me desafiar? Porque podemos encontrar maneiras mais divertidas de jogar esse jogo se deseja tanto me irritar.

Engulo em seco, me recompondo.

Callan está certo, por mais que eu prefira ser queimada viva do que admitir. Para ser sincera, não quero enfrentar a tempestade. A chuva ainda bate violentamente contra as janelas, e os trovões me fazem tremer cada vez que soam alto lá fora.

— Você é um enigma — murmuro, irritada.

Ele só se preocupa com minha segurança porque quer algo de mim. Vou ter que me lembrar disso mais vezes. Callan é traiçoeiro e sedutor demais para que alguém esteja seguro perto dele — sobretudo se esse alguém for eu.

— Poderia dizer o mesmo de você.

Ele me solta assim que percebe que cedi e se volta novamente para as escadas. Dessa vez, o sigo com relutância, brigando contra meu orgulho a cada degrau que subo.

Não estou segura aqui, por outro lado, não estou segura em qualquer outro lugar. Não se tudo o que Callan disse for verdade.

Novamente, me vejo sem nenhuma opção.

No segundo piso, Callan me guia pelos corredores até uma porta que presumo ser do quarto de hóspedes. Ele não entra, somente se vira para mim

com um comando implícito em seu olhar.

Callan faz menção de ir, não sei se para o seu quarto ou algum outro cômodo da casa, mas o impeço.

— É por isso que me odeia tanto? — pergunto, mesmo sabendo que não deveria. — Porque sou um deles?

Não sei ainda se o ódio de Callan sobre os Grifos existe porque os Corvos são os inimigos naturais deles ou se há algum outro motivo, algo mais pessoal. Há muito que ainda não sei sobre essa história, e, sendo bem sincera, não sei se quero — ou se devo — descobrir mais.

Callan move o olhar pelo meu rosto, como se captasse cada ínfimo detalhe, e parece durar horas, mas, no fim, ele não responde à pergunta.

— Boa noite, Sloan — é tudo o que ele diz antes de me deixar sozinha no corredor.



PARTE II

Em toda desordem [há] uma ordem secreta
Carl Jung

14

C A L L A N

Passado

Estranho, eu te conheço há tanto tempo. Te encontrei perdido com uma bússola
no nevoeiro. Estranho, você me conhece demais
Meu eu ilusório não tinha sido tocado, até você
Stranger — Katie Costello

Sinto meus músculos queimarem, e os nós dos meus dedos se rasgarem, mas não paro com movimentos no saco de pancada da sala de ginástica. A dor não passa de um estimulante, como meu tio diz. Posso comprovar isso agora, porque, quanto mais meu corpo inteiro parece prestes a entrar em combustão, mais intensamente eu soco a lona.

Essa foi a melhor forma que encontrei de descontar toda a raiva que parece borbulhar dentro de mim o tempo inteiro. Também é um jeito de gastar a energia que me impede de dormir há dias.

Tudo isso porque o dia pelo qual estive esperando toda minha vida está cada vez mais próximo. Meu aniversário de dezoito anos será daqui a três meses, o que significa que, em breve, vou fazer minha iniciação como um Corvo. Todos os meus ensinamentos e treinamentos serão colocados à prova, e, se conseguir chegar até o final, estarei um passo mais perto do meu propósito.

Vou cumprir com o legado deixado pelo meu pai. Honrarei sua vida e vingarei sua morte. É como se estivesse ansiando por esse momento desde que nasci. Mesmo sem saber, esse sempre foi meu destino. Todos os dias de dor, tormento e raiva me trouxeram até aqui e vão me levar ainda mais longe, até o homem cujo rosto me dá os piores pesadelos a cada vez que consigo pregar os olhos.

A única lembrança é o seu rosto, e está gravado com precisão na minha mente. Quando pequeno, o chamava de bicho-papão. Jurava que ele se camuflava nas sombras e me observava noite após noite. Se eu dormisse, ele podia atacar, igual da outra vez. Mas meus pesadelos não diminuíram quando descobri que o assassino dos meus pais não era um monstro, mas um homem. Na verdade, eles pioraram.

“Não tema os monstros, Callan, tema os humanos.” Essa foi a primeira lição que meu pai me ensinou, ainda muito novo para entender o que significava.

Foi apenas quando me tornei um calouro no Valiant que entendi, porque li uma citação de Joseph Conrad que esclareceu muita coisa na minha cabeça:

"A crença em uma fonte sobrenatural do mal não é necessária. O homem, por si só, é capaz de toda maldade."

Depois do que li nos diários do meu pai, não tenho mais dúvidas disso.

E agora vivo os dias esperando o momento em que matarei o monstro da minha infância. Depois da iniciação, terei acesso total aos recursos da Sociedade e finalmente descobrirei o nome do meu inimigo. Meu tio e o Conselho se recusam a me dar explicações a respeito dos negócios da sociedade secreta na qual nasci e fui criado. Só tenho acesso aos livros da nossa história e aos diários do meu pai, cuja existência o Conselho desconhece.

Edward deixou uma coleção de diários bem detalhados para me guiar na jornada dentro da Sociedade, mas a história de sua vida ainda permanece incompleta para mim, porque falta um deles. Há um buraco de dois anos entre os diários 4 e 5, o que me faz acreditar que falta um para completar a linha do tempo. É só uma teoria, não tenho nenhuma evidência de que há um outro diário perdido, mas, de qualquer forma, isso não me impede de procurá-lo sempre que posso.

Quando finalmente entendi quem eu era e a magnitude do que fazia parte, tinha catorze anos. Foi nessa época que meu treinamento e meus estudos começaram, quando também percebi que tenho um dever. Um dever com aqueles que passaram pelo que eu passei e perderam tanto quanto eu.

Há dez anos, éramos os imperadores deste país. Os Corvos viviam por toda parte, governando secretamente. Quem conhecia nossa reputação só poderia desejar duas coisas: ser um de nós ou ficar fora do nosso caminho. Se não fizessem parte de uma das nossas dinastias, podiam se associar a nós com um simples juramento de lealdade que só tem fim com a morte. A associação abria portas jamais imaginadas.

Poder e dinheiro não eram nada comparados à influência que representávamos. Éramos o mais próximo de realeza que a América possuía. Muitas dinastias de Corvos reinaram por mais de um século, até que *eles* arruinaram tudo.

Resta a mim recuperar o que foi perdido.

Quanto mais aprendo, mais me sinto pronto. Mais tenho controle da miríade de sentimentos que costumava me guiar como um tolo, por impulso. Ainda assim, não me tornei a rocha que meu tio está tentando esculpir desde que se tornou meu tutor legal.

A raiva ainda habita em mim, e, algumas vezes, parece que vou ser consumido por ela. Richard acha que falhei por isso.

Mas tenho raiva pelo que foi destruído e tirado de mim. Não apenas minha família, mas meu legado. E é meu dever reconstruí-lo. Muita gente conta comigo para isso.

Vou colocar de pé a torre que eles derrubaram.

Um último soco faz minha mão direita latejar, e enfim paro. Meu corpo está coberto por suor, e minha pele arde com a temperatura elevada. Meu coração retumba violentamente contra os tímpanos de uma forma quase insuportável, e tomo um segundo para respirar e acalmar a pulsação.

Não tem ninguém me ouvindo. Ninguém sabe que estou aqui, no meio da noite, do contrário já estaria suspenso. De novo.

O Instituto Valiant costumava ser uma das escolas da Sociedade, onde os legados e os filhos dos associados estudavam, mas a Ordem acabou com isso também. Agora, não passa de uma prisão para os filhos negligenciados de famílias podres de ricas. Nos mandam para cá quando não sabem o que fazer conosco.

Meu tio Richard com certeza se inclui nesse grupo. Ele nunca foi preparado para a responsabilidade de criar e educar o futuro líder de uma das sociedades secretas mais importantes e poderosas do mundo. Essa era a missão dos meus pais e eram ótimos nisso.

Afasto o cabelo suado para trás. O gosto amargo da frustração mancha meu paladar, mas já estou acostumado a isso. Toda a raiva que descontei no saco de areia não parece ter adiantado.

Preciso de água. Ou talvez de algo mais forte. Há uma garrafa quase vazia de *Red Label* sob o colchão da minha cama. Acho que pode ser o dia ideal para matar ela. Ao menos isso me fará dormir sem pesadelos.

Estou prestes a caminhar até o banco onde minhas coisas se encontram quando ouço um suspiro além do meu. Seria imperceptível em circunstâncias normais, mas as madrugadas do Valiant são perturbadoramente silenciosas.

Me viro e encontro a origem o som. Ela se mantém espremida entre os suportes de halteres, tentando se mesclar às sombras do ginásio pouco iluminado. Ainda assim, eu a vejo perfeitamente. Está em seu pijama de seda cor de pérola. Os cabelos vermelhos gritam em contraste com sua pele rosada e suave como porcelana. Os olhos parecem duas pedras de safira, me olhando arregalados.

— De novo me observando escondida? — pergunto, cruzando os braços. — É um hábito muito grosseiro, pequena Kestrel.

Suas bochechas ficam vermelhas, mas ela não recua. Em vez disso, empina o nariz arrebitado e orgulhoso, e cruza os braços, andando até mim.

— Quebrar as regras da escola também é um hábito grosseiro — rebate,

petulante. — E autodestrutivo também.

Dou risada e vou até o banco para vestir a regata branca que tirei antes do treino.

— Não há mais o que ser destruído aqui, anjo, pode acreditar.

— Anjo? — gagueja, me fazendo sorrir.

— Como o anjo da música em *O Fantasma da Ópera*.

Não há nada com que Sloan Kestrel se pareça mais do que um anjo. Um muito irritante e atrevido, devo acrescentar. Ninguém mais ousa falar comigo nesta escola. Ela parece ser a única que não tem medo dos boatos que me cercam e gosto disso. Gosto que ela me diga o que pensa na lata.

O mais irônico é que ela não tem nada a ver com o que li sobre sua família nos diários do meu pai. Seu pai é um Grifo, e, no futuro, ela também. Minha inimiga mortal.

Não sei se Sloan faz ideia do que seu futuro lhe reserva e da maldade que a cerca, mas espero que isso nunca a atinja. A inocência que brilha em seus olhos azuis nunca deveria ser quebrada. É rara demais.

Sloan Kestrel é rara.

— Não há nada de que eu esteja mais distante do que o anjo da música. — Ela faz uma careta.

Visto a regata e tomo um gole generoso de água da minha garrafa.

Quando me viro de volta para ela, a garota está fitando descaradamente meus braços ainda tensos do treino. Sloan não demora a se flagrar e pigarreia, desviando o olhar para longe.

— Nosso ensaio de amanhã ainda está de pé? — pergunta, mudando de assunto.

Sloan e eu estamos ensaiando para seu papel na peça de teatro pelos últimos três domingos. Ela me espera na biblioteca, pontualmente como o combinado. Todas as vezes ela insiste que seus solos vocais saem péssimos, mas sua voz também parece com a de um anjo.

As três horas que ficamos na sala da música parecem pouco, mesmo assim, são como uma lufada de ar fresco após muito tempo prendendo a respiração. Passo os dias esperando por esses ensaios, como se sempre fosse ser o último. E talvez sejam mesmo a última oportunidade que terei antes de mergulhar na escuridão da vida que me espera fora dos portões dessa escola.

Minha última oportunidade de ser eu mesmo.

— Claro — aviso. — Deixa eu adivinhar, passou a semana ansiosa pra me ver?

Ela revira os olhos, mas não consegue esconder a verdade.

— Até parece — zomba. — Estou ansiosa para acabar logo com isso.

— Se você diz... — Sorrio mesmo assim, porque os olhos dela a traem. — Escuta, quer quebrar mais algumas regras hoje?

— É claro que não! Inclusive, estou indo dormir. Boa noite, *Callan*.

Sloan gira nos tornozelos, mas não vai embora. Ela fica parada por uns segundos, de costas para mim. Não preciso olhar em seu rosto para saber que se sente diante de um dilema.

Kestrel é a garota exemplar do Instituto Valiant. Talvez seja a única que sobrou. Nunca vai a nenhuma das festas clandestinas que fazemos no porão, e duvido que, alguma vez, já tenha fugido. As únicas regras que quebra são para ler até mais tarde na biblioteca e, é claro, para ensaiar comigo na sala de música, muito depois do toque de recolher.

— Que tipo de regra? — pergunta com curiosidade.

O sorriso de vitória surge em meus lábios antes que eu possa impedi-lo.

— Quero te mostrar um lugar, mas preciso tomar um banho primeiro — digo, secando o suor da minha testa com as costas da mão. — Me encontra na sala 25-A, em meia-hora.

Não espero a resposta, porque sei que vai tentar discutir e apontar todos os motivos pelos quais é uma péssima ideia, então apenas passo por ela e vou ao vestiário. Sinto seus olhos queimando em minhas costas enquanto me afasto, o que mantém o sorriso vitorioso que rasga meu rosto.



Trinta minutos depois, encontro Sloan na porta da sala combinada. Parece nervosa e inquieta, mas não reclama, apenas me segue quando entro. Estamos no segundo andar da ala acadêmica, em uma sala desativada há um bom tempo. O pó paira em toda superfície visível por onde a lanterna do meu celular passa.

— Por que a inspetora Trudy não confiscou seu celular? — Sloan pergunta atrás de mim enquanto me dirijo para a janela aberta nos fundos.

— Ela confiscou — respondo, me virando para ela. — Sorte a minha que tenho um reserva.

Dou uma piscadela para Sloan, que bufa e revira os olhos.

— É claro que tem — resmunga.

Me surpreende que ela não tenha. Todos os alunos aqui trazem um celular extra para entregar a Trudy na segunda-feira antes da aula. Mas, obviamente, Sloan é a exceção e cumpre essa regra à risca.

— Um dos zeladores sempre deixa essa janela aberta para poder fumar

— explico ao enfiar as mãos nos bolsos do jeans.

— Deixa eu adivinhar... — Sloan cruza os braços ao olhar para fora, de onde a brisa gelada da noite adentra. — É por aqui que os encrenqueiros fogem para fumar erva na floresta?

Solto uma risada tão alta que preciso cobrir a boca para impedir que o som saia.

— Não, é por aqui que eu fujo. Por isso, nunca sou pego.

Os outros não se arriscam tanto. Costumam sair pela porta dos fundos do ginásio ou pela cozinha, mas precisam contar com a sorte de alguém ter esquecido de trancá-las. Agora que Trudy e a diretora Nichols já sabem que os alunos andam fugindo no meio da noite, estão muito mais espertas e cuidadosas.

Sloan se inclina para olhar lá para baixo e faz uma careta.

— Não vou pular dessa altura, Callan. Capaz que eu quebre as pernas tentando.

Seguro outra risada.

— Não vai se ferir, anjo, confie em mim.

Ela arqueia uma sobrancelha.

— Bem, eu não confio.

É claro que não. Não esperaria uma atitude diferente de alguém tão inteligente quanto ela.

— Eu vou primeiro, ok? Depois é só me imitar.

Sloan perscruta meu rosto na penumbra por um segundo. Logo, outra coisa chama sua atenção.

— Você está bem, Callan? — Sloan franze a testa, preocupada, e aponta para minha mão no batente da janela.

Sigo seu olhar, me deparando com a carne esfolada dos nós dos meus dedos. Está bem feio, tenho que admitir. O sangue seco se acumula nas articulações inchadas, apesar de eu ter lavado no banho.

Não é a primeira vez que arrebento a mão no treino. Deveria usar luvas como todo mundo, mas prefiro a dor.

— Não é nada — garanto, desconversando.

Guardo o celular no bolso e me apresso para passar o tronco pela abertura da janela. Se ela fosse um pouquinho menor, não conseguiria sair por ali. Com sorte, também consigo me espremer. Me seguro na treliça de madeira que vai até o chão e começo a descer.

Quando levanto a cabeça, vejo Sloan debruçada na janela, seus cabelos vermelhos caindo em cascata para fora. Me observa assustada, os olhos arregalados, como se eu estivesse prestes a despencar do alto.

Dou outra piscadela que a faz corar e, após descer mais alguns metros,

salto para o chão sem dificuldade.

— Viu? — pergunto, olhando para o alto. — É fácil e seguro, como você gosta.

Afasto os cabelos desalinhados para trás e vejo Sloan bufar antes de sair pela janela também. Ela se esgueira pelo vão com muito mais agilidade. Observo impressionado quando ela se segura na treliça e desce com graça e facilidade, como se isso lhe fosse habitual.

Assim que pousa no chão, parece satisfeita consigo mesma e dá um de seus sorrisos empolgados.

— É fácil mesmo — admite, vindo até mim. — Como os outros ainda não descobriram essa janela?

— Porque sou egoísta e guardo bem meus segredos.

Sloan atravessa o bosque ao meu lado, e todo o nervosismo parece ter sumido dela, dando lugar à sua curiosidade aguçada. Seus olhos não perdem nada, observando cada árvore pela qual passamos. Temos sorte de não estar frio esta noite, ou não conseguiríamos aguentar ficar aqui fora.

Ilumino a trilha com o celular. É um caminho bem conhecido pelos alunos encrenqueiros, como Sloan chama. Tenho certeza de que ela já ouviu falar das festas escondidas na clareira. É nessa floresta que grande parte dos alunos do Valiant perde a virgindade e toma o primeiro porre.

Mas não vou para lá. Em vez disso, guio Sloan para o caminho oposto, pelo atalho que leva ao lago Whitemirror. Uma trilha escondida, mas também fácil de percorrer. Sloan se mantém perto, tanto que consigo sentir sua respiração quente na minha nuca.

— Onde vamos? — sussurra.

— Não precisa cochichar. Não há ninguém aqui além de nós.

— Então é a oportunidade perfeita para você me matar e me enterrar na floresta — diz, mas não há nenhuma sombra de medo em sua voz.

Pobre, Sloan, já está confiando em mim...

— Se te matasse, eu não teria mais ninguém para corromper e ensinar a quebrar regras.

Sloan não retruca, porque no instante seguinte chegamos ao lago e capto o instante que a visão da paisagem rouba suas palavras.

A lua cheia e brilhante no horizonte é refletida pelas águas calmas do lago. Não há um píer nem nenhuma outra construção ao redor, apenas a natureza intocada, o que torna esse canto mais especial.

É o meu ponto favorito na cidade, porque é silencioso e tranquilo.

— Nem sabia que havia algo assim em Millsdale — Sloan se impressiona.

Seus olhos brilham como a lua, e seus lábios sorriem. Seguro sua mão enquanto passamos pelo solo rochoso e instável da margem. Eu a solto apenas quando chegamos até a grande pedra na qual costumo me sentar para beber, ler os diários do meu pai ou apenas contemplar a paisagem.

— É lindo, não é? — digo, contagiado pelo sorriso hipnotizado de Sloan.

— É maravilhoso. Agora entendo por que não contou a ninguém sobre a saída que traz até aqui.

Imagino que outros também conheçam esse atalho, mas nunca vi nenhuma outra pessoa aqui.

— Obrigada por me convencer a vir! — continua Sloan.

Ela está abraçando os joelhos dobrados enquanto encara o lago, mas, assim que olho para ela, ela vira o rosto e então... sorri para mim.

Sorri com gratidão e felicidade genuínas. Não sei se alguém se sentiu assim na minha presença em muito, muito tempo. Tal constatação me faz suspirar e desviar os olhos para longe dela.

Talvez não tenha sido uma boa ideia trazê-la aqui. Ou aceitar participar de seus ensaios. Sloan não é entediante ou previsível como os outros alunos no Valiant. Me faz querer mostrá-la o mundo fora dos muros, que parece ser desconhecido para ela.

Me faz querer ser outra pessoa, o que é muito perigoso.

— Este é o tipo de segredo que me faria matar alguém, então não agradeça ainda. — Sloan dá risada e estica as pernas. Está leve e relaxada de uma forma que nunca a vi. Franzo as sobrancelhas, intrigado. — Por que você está aqui, Sloan?

— Porque você me trouxe.

— Não, quero dizer no Valiant. Por que alguém como você veio parar num lugar como esse?

Sloan não tem nada a ver com este lugar. Ela tem uma inocência cativante. Ainda não foi corrompida pelos ideias da Ordem, que, embora corram em seu sangue, ainda não a reivindicaram. Eles vão devorá-la viva ou a transformarão em algo que vou odiar profundamente.

— Minha mãe está muito doente — conta ela, desviando sua atenção para o céu estrelado. — E meu pai trabalha muito. O tempo todo, na verdade.

— Sinto muito, anjo.

— Tudo bem, não é sua culpa. Afinal, vivemos em um mundo sombrio, certo?

A mágoa cintila em seus olhos umedecidos, e quero levá-la embora. Quero tirá-la dessa escola e dessa cidade. Apenas levá-la para longe, onde seu coração sensível não será um perigo para ela.

E, para mim também, receio.

15

C A L L A N

Presente

Se você está morta ou ainda viva
Eu não me importo, eu não me importo
Apenas vá e deixe tudo para trás
Porquê eu juro que eu não me importo
I Don’t Care – Apocalyptica (feat. Adam Gontier)

— ISSO É UM ERRO!

Drystan bate na mesa, possuído pela raiva. O baque ecoa pelo escritório de Drago, mas nenhum de nós diz nada. Drystan é o homem mais instável que já conheci, e isso se dá pelo seu passado turbulento. Ele não sabe controlar nenhuma de suas emoções, principalmente a raiva, o que o torna perigoso para qualquer um ao seu redor. Foi assim que ele ganhou o apelido de Ares, o deus da guerra, no submundo das lutas clandestinas do Sancto.

Nestes momentos de fúria, não há nada que alguém possa fazer além de ficar longe. A maioria das pessoas se encolhe de medo perto dele e com razão. Mas Roman e eu o conhecemos melhor do que qualquer um, e sou o único que ainda consegue mantê-lo em alguma rédea.

— Não temos escolha — digo, encostado no batente da porta.

— Claro que há — Drystan me contradiz. — Podemos cortar o pescoço daquela cadela e deixá-la pendurada em frente à casa do filho da puta do Deacon, para que ele saiba que estamos chegando. Matamos um de cada vez. Depois de Corrighan, vai ser fácil desestabilizar o Deacon. Matamos ele e acabamos com essa porra de Ordem de uma vez por todas.

— Uau, por que será que não pensamos nisso antes? — Drago cantarola, sarcástico, sentado de pernas cruzadas num sofá de couro no canto da sala, bebericando uma de suas vodcas russas como se fosse café expresso.

— Não podemos apenas matá-los. E, se você pensar por cinco segundos, vai lembrar o porquê — digo para Drystan. — Eles controlam metade da cidade. Nós ainda estamos recuperando a força e a influência necessárias para varrê-los do mapa definitivamente. Até lá, não podemos nos dar ao luxo de agir por impulso. Deacon não vai revidar na mesma moeda, ele vai destruir nossos

negócios.

Não importa quanto dinheiro e poder a Sociedade tenha, sem a lealdade dos associados não somos nada. Isso era algo que meu pai entendia muito bem, mas que Mikhail e o resto do Conselho parecem ter dificuldade em assimilar. Não somos mais os mesmos de quinze anos atrás e não podemos agir como se fôssemos só porque é onde queremos chegar.

Os Grifos tiveram quase duas décadas para tornar Millsdale em seu parque de diversões. William Deacon exterminou as gangues menores que um dia já foram associadas aos Corvos. Conseguiu até mesmo comprar alguns ratos iniciados, nascidos e criados segundo os ditames da Sociedade. Essa corja nos traiu e abandonou o barco assim que ele começou a naufragar.

Estamos fracos, essa é a verdade.

Começamos a recuperar os negócios há pouquíssimo tempo, e não graças ao Conselho. Graças a mim.

Soren pode ser novo na posição de chefe, mas sabe que ainda estamos vulneráveis. Ele não vai deixar barato a mentira do meu tio. Agora que sabe que os Harkness estão de volta, vai tentar nos destruir de todas as formas. Começando pelo principal: nossos negócios.

Ele vai fazer isso num piscar de olhos, muito antes de conseguirmos enfiar uma bala em seu maldito crânio.

Entendo Drystan. Ele anseia pela vingança na qual fomos forjados. E eu também quero dar um fim a tudo isso o mais rápido possível, mas não podemos nos apressar.

Drystan respira fundo, se acalmando.

Não sei o que vou fazer com ele. Todos nós odiamos os Grifos, mas Drystan os despreza em outro nível. Ele sente uma sede de sangue animalesca quando se trata de qualquer um ligado à Ordem. Praticamente uma fera enjaulada.

Por isso, o Conselho olha torto para ele. Não podem lhe dar as costas, porque ele é um de nós. Nasceu com o sangue azul dos Corvos e participou de todos os rituais: o treinamento, o juramento e a iniciação. Seu passado e sua criação dentro da Ordem, contudo, o tornaram em algo diferente que nem o Conselho pode controlar.

Mas não dou as costas a um irmão. Nunca.

— A garota vai arruinar nossos planos — insiste Drystan, as narinas dilatadas e as sobrancelhas escuras ainda arqueadas de seu ataque de fúria. — Vai colocar tudo a perder e você sabe disso, Callan.

Ele cospe meu nome com repulsa, e preciso respirar fundo, dando passos concisos em sua direção. Se fosse qualquer outro, já estaria no Purgatório.

— Ela fará o juramento de lealdade — recordo, apoiando as mãos na mesa de ébano entre nós. — Não vai sair da linha, porque eu vou garantir que não.

Nada nunca me exigiu tanta paciência como ser o líder. Li e reli os diários do meu pai, tentando absorver tudo o que pude para exercer a função com força e inteligência. Tenho ciência dos prós e dos contras, do custo de cada decisão que eu impuser. Sinto em minhas veias que estou pronto para tomar as decisões difíceis e fazer os sacrifícios necessários.

Por outro lado, estaria mentindo se dissesse que não tenho as mesmas dúvidas que Drystan em relação ao envolvimento de Sloan. Ela vai estar perto demais dos meus negócios, com sua lógica aguçada e curiosidade tola. Os sentimentos que ela simplesmente não é capaz de esconder a guiam desde menina. Agora, se tornou uma mulher implacável, difícil de compreender e impossível de dominar.

Tê-la tão próxima da Sociedade nunca esteve nos meus planos. Soa de fato como um erro terrível, porque ela não é como os outros Grifos.

Ainda consigo sentir o cheiro de rosas e baunilha que ficou impregnado em meu quarto de hóspedes. Pairava no ar quando entrei lá hoje de manhã, apenas para achá-lo vazio. Ela fugiu antes de eu ir até ela.

Garota infernal.

Ela não é o que eu esperava encontrar depois desses anos todos. Não é, com certeza, o que me preparei para encontrar.

Meu corpo inteiro se tensiona quando a ruiva invade meus pensamentos. A memória dela, parada na chuva, com os cabelos grudados no rosto e o vestido molhado agarrado ao seu corpo esguio, me faz cerrar a mandíbula.

Inclusive respirar o mesmo ar que ela parece uma tortura bíblica. Ninguém vai odiar mais cada segundo deste acordo do que eu, e diria isso em voz alta se não soubesse exatamente como soaria para eles.

— Nem você acredita nisso. — Drystan ri diante de mim. — Dá pra ver em seus olhos, Harkness.

— Isso não está mais em discussão, Ward — o corto, dessa vez deixo explícito que essa disputa acabou.

Se ele não aceitar, sofrerá as consequências. Por mais que isso me incomode.

Não posso permitir que ninguém, nem mesmo meus irmãos mais próximos, desafie minhas decisões.

— O Conselho já planejou tudo — Roman intervém. Ele bebe o resto do líquido em seu copo antes de colocá-lo de lado e esticar os braços atrás da cabeça. — Além do mais, vai ser divertido.

É claro que o bastardo está se deleitando com o caos, o que me lembra da porra da festa de Halloween onde ele permitiu que Sloan entrasse na disputa e instigou meus iniciados a caçá-la. O que levou a ela testemunhando meu infeliz encontro com Troye Nichols. Tenho vontade de lhe dar outro soco por isso, talvez quebrar alguns ossos dessa vez.

— Foda-se o Conselho! — Drystan xinga. — Desde quando segue as regras dele?

— Você sabe muito bem — Roman retruca, o humor sumindo de sua face.

Desde a morte de Marcus, há pouco mais de três anos, todos nós que percebemos que era melhor seguir as orientações daqueles que estão nessa vida há muito mais décadas que nós. Foi meses antes de eu assumir o cargo que pertenceu a meu pai.

Ele era um de nós, um irmão. Sabia mais sobre os Corvos do que o próprio Mikhail, um dos patronos do Conselho. Roman cometeu um erro desobedeceu às ordens. Ele e Marcus queriam acabar com um dos Grifos sozinhos. Sabotaram uma entrega enorme de metanfetamina para um dos clubes da família Moss em Miami e depois invadiram o lugar.

Marcus foi capturado nessa operação. Seu corpo foi encontrado na orla da praia duas semanas depois, mal aparentava ser de uma pessoa. Precisou ser identificado por DNA. Nem posso imaginar o que fizeram com ele durante este tempo antes de, enfim, matá-lo.

A Ordem nunca descobriu que foi um ato dos Corvos. Eles atribuíram aos cubanos, e o assunto morreu ali. Mas não para nós. Os atos de Roman foram julgados pelo crivo do Conselho, pelo seu próprio avô. Sabia que ele seria castigado com a pior das penitências: o Purgatório.

Então, assumi a responsabilidade. Era minha culpa não tê-los impedido, de qualquer forma. Além disso, Drago já tinha cicatrizes demais.

Drystan balança a cabeça, decepcionado, mas depois dá risada e passa por mim, se dirigindo à porta.

— Espero que o plano não mude novamente — murmura antes de sair.

Discuti com Mikhail tanto quanto pude sobre esse maldito plano. Sou o líder dessa porra, tinha que ser minha decisão. E não havia nenhuma possibilidade de compactuar com isso.

Sloan Kestrel já era o meu purgatório particular muito antes de eu ser enviado para lá. Antes mesmo de eu saber que isso era sinônimo de tormento e escuridão. Minha penitência pessoal, para cumprir mesmo sob o mais profundo desespero.

Tudo a seu respeito me deixa tão enfurecido que me sinto mais perto do

descontrole do que Drystan. Em um segundo ela faz meus anos de treinamento e estudos desaparecerem, se tornarem inúteis feito pó. Não há nada que eu deseje mais do que me livrar desse fardo. Trabalhar com ela vai exigir mais de mim do que qualquer um é capaz de imaginar.

Ainda assim, ela é a chave para a retomada do nosso império. *Meu império*. O maldito do Mikhail estava certo. Precisamos dela.

— Está otimista demais para alguém que precisa convencer a pessoa que mais te odeia no mundo a trabalhar contigo.

Olho na direção de Roman, e ele está me fitando de volta com seus cílios loiros semicerrados, me estudando com minúcia.

— Ela odeia mais o Deacon.

— Será mesmo? — duvida, arqueando a sobrancelha. — Posso falar com ela se quiser. Nós dois ficamos próximos. Na verdade, estou até ansioso para trabalhar com ela.

— Fique longe de Sloan. Não vou dizer de novo.

Não sou de reagir às provocações de Roman, porque ele é o rei dos joguinhos e eu não perco meu tempo com isso. Mas a mera menção à Sloan desperta a besta que me esforço muito para manter silenciosa e sob controle dentro de mim.

Roman apenas dá risada.

— Não seja tão territorialista. Estamos acostumados a dividir, lembra?

Às vezes, fodemos as mesmas mulheres. Mas isso está muito longe de ser comparável à situação que envolve Sloan.

— Está merecendo outro soco — digo, entredentes. — Dessa vez posso quebrar seu nariz, o que acha?

— Já aviso que vou revidar.

— Não é um bom dia pra me provocar, Roman.

— Nunca é um bom dia para você. — Ele revira os olhos. — Escuta, Callan, sou seu irmão e o conheço melhor do que acha. Pode bancar o gênio calculista o quanto quiser, mas não está confiante de que isso vá funcionar.

— Desde quando virou especialista na psiquê humana? Pelo que me lembro, só se formou na faculdade porque dormiu com todas as professoras.

Ele me ignora. Não está mais provocando. Seus olhos verdes estão sérios ao me esquadrinhar.

— Isso tá te atormentando e, acredite, vai ficar bem pior.

— Agora quer que eu desista do plano? Porque a ideia foi sua...

Roman foi quem sugeriu, de forma tão brilhante, que usássemos Sloan. Ela parecia a peça perfeita, então não me surpreendeu que ele tivesse essa ideia. Além de tudo, o bastardo achou que seria divertido brincar tão perto de nossa

inimiga patológica.

Para o meu desespero, seu avô e o resto do Conselho concordaram na mesma hora.

— Estou sendo generoso e tentando te advertir. — Me seguro para não rir, porque, se existe alguém cujos conselhos nunca deveriam ser ouvidos, esse alguém é Roman Drago. — Mantenha a garota longe da sua cabeça. Faça o que tem que ser feito e depois acabe com isso o mais rápido possível.

Cerro a mandíbula, tentado insistir que tenho tudo sob controle. Mas Roman me conhece bem, infelizmente. Ele e Drystan são a única família que me restou agora que Richard morreu, os últimos que ainda conseguem chegar até mim.

Roman tem razão, não posso perder o foco. Foi exatamente o que aconteceu noite passada. Quando Sloan teve o ataque de pânico naquele escritório, um instinto desconhecido me possuiu. Ninguém deveria ficar tão vulnerável assim, embora eu devesse considerar um vantagem para mim.

Das vezes que Sloan insinua que sou um assassino desprezível, um monstro, algo se remói no meu peito. Essa reação é mais uma coisa que não entendo, porque não é nada além da mais pura verdade. Eu passei os últimos anos trabalhando arduamente para construir quem sou hoje.

Sou um Corvo. Isso nasceu comigo e será assim até o dia em que morrer. Monstros dominam este mundo há séculos, ao menos não faço questão de fingir ser outra coisa. Prefiro ser um monstro no topo a um monstro acuado.

A Sloan do passado costumava olhar para mim como se houvesse alguma coisa que valesse a pena ser vista. E gostei disso por um tempo. Agora acabou. Também não sou o mesmo daquela época. Com a vida que levo, nunca poderia ser.

Aquele garoto era fácil de quebrar.

— Diga a Mikhail que está feito — ordeno a Roman enquanto sigo até a porta. — Em breve, ele receberá o juramento de Sloan Kestrel.



Bebo um gole generoso de uísque assim que Evan se senta diante de mim na mesa de dois lugares que ocupamos, no mezanino exclusivo do Nemesis. Usa uma roupa casual demais para o ambiente e não dá a mínima. Na verdade, existem pouquíssimas coisas com as quais Evan se importa, e, para sua sorte, os Corvos é uma delas.

— Como vai, cara? — cumprimenta, sem precisar de convite para se

servir de uma dose da bebida.

A garrafa está no centro da mesa e é uma das mais caras do clube. Tempest sempre reserva uma para mim.

— O que tem pra mim hoje? — pergunto ao me reclinar na cadeira.

Evan é o chefe de uma das gangues de East End. A maior delas, na verdade, que atua principalmente no extremo norte da cidade, ao redor de Beastland. Um dos mais antigos e leais associados da Sociedade. Foi Evan quem encontrou Drystan quando ele estava perdido e sem memória, inclusive. Ninguém conhece as ruas como ele.

É o que o torna tão importante para a retomada da influência dos Corvos sobre este território. Os vermes dos Grifos estão longe do nosso distrito há alguns anos já. Entre os russos e as outras gangues associadas a nós, eles estão cada vez mais estrangulados ao distrito de Rotherdam. Por outro lado, ainda dominam alguns bairros menores e as cidades do entorno, e, a cada dia que passa, parecem mais perto de tentar avançar sobre East End.

— Meus homens capturaram um dos seus ratos — Evan informa, sorrindo com a vitória.

Meu semblante se fecha ao escutar o apelido dado aos traidores que se associaram aos Grifos quando os Corvos caíram. Os legados da Sociedade que nos apunhalaram pelas costas foram mortos; restaram, porém, alguns associados menores, irrelevantes, que não demos importância caçando. Uma hora ou outra eles cruzarão meu caminho.

— Qual deles?

— Russel Campbell. — Faço uma careta. — Era um dos traficantezinhos patéticos de Deacon.

O verbo no pretérito me faz sorrir como Evan agora. Se houvesse como lhe promover ainda mais na hierarquia, eu o faria, porque ele é eficiente. Cuida como ninguém desses vermes para mim. Não há nada que eu odeie mais do que lidar com gente da laia de Campbell. Ele não conhece lealdade, orgulho ou dignidade. Mataria a própria mãe por uns dólares.

De qualquer forma, Evan já é um associado de confiança, não há como promovê-lo mais sem iniciá-lo como um Corvo, o que não posso fazer. Ele não é um herdeiro de sangue.

— Onde ele estava?

— Beastland — conta com desgosto. — Tenho que admitir que o filho da puta é corajoso.

As festas insanas de Beastland que a Sociedade promove ao lado de Evan são impenetráveis. Sloan nunca teria conseguido entrar se não fosse pela ajuda de Tempest. Lá é o ponto de partida quando os curiosos querem se aproximar

dos Corvos.

— Ele disse o que pretendia?

— Só quando arranquei dois dedos do miserável. — Dá de ombros. — Estava atrás de novas informações sobre os Corvos. Deacon parece desesperado a ponto de recorrer a um merdinha desses.

Desesperado não. Soren Deacon se faz de tolo, mas ele calcula muito bem seus passos. Seu pai era ambicioso, mas Soren só conhece a ganância. Ele fará qualquer coisa para recuperar East End e agirá com inteligência.

— Foi uma distração — digo, me segurando para não bufar alto. — O que significa que ele tramou alguma coisa além.

— Se foi, vamos descobrir.

— Sim, nós vamos.

Deacon ainda pode ter alguns dos meus ratos, mas eu tenho muitos dos seus. E, ao contrário dos meus, estes sabem muito sobre os planos da Ordem.

— Eles se sentem encurralados, Callan. Sem East End, seus negócios não podem avançar para o norte até a fronteira. A Zmey possui as maiores cidades do leste. Os Wrath e os Castle estão com todo o centro-sul agora, numa guerra contra os cartéis. Quando eles vencerem, terão o domínio completo do sul do país.

Satisfação preenche minhas veias, quase consigo sentir o doce sabor da vitória em minha língua. Fecho a mão em punho, como se estivesse ao redor do pescoço de Deacon.

Matar não é um passatempo para mim como é para Drystan ou Roman. Na maioria das vezes, é apenas um inconveniente necessário. Mas, se tratando dos Grifos, eu gosto. Aprecio acabar com cada um deles, garantindo que meu rosto seja a última coisa que vejam.

Foda-se o que dizem sobre a vingança ser o subterfúgio dos fracos, não há nada pelo que eu anseie mais.

— Se sabemos disso, Deacon também sabe — retomo a conversa. — E ele não vai ficar inerte.

— O que você vai fazer? — Ergo uma sobrancelha em resposta, e ele levanta as mãos, rindo. — Certo, certo, não é da minha alçada!

Evan cuida das ruas; eu, das burocracias. Os associados da Sociedade não atuam apenas em atividades ilícitas. Na verdade, gangues e organizações criminosas como a de Evan são apenas um meio para o fim. Não é o que nós representamos, mas não podemos ignorá-los.

Se os Corvos não tivessem garantido presença no submundo do crime desde o início, nunca teríamos o dinheiro e poder que um dia tivemos. Mas o outro lado desse esquema, o lado que envolve políticos, banqueiros e magnatas,

é aquele no qual sou especialista. Os Corvos garantem que estes associados permaneçam no topo. Poder, dinheiro, influência, luxo...

Por outro lado, há muitos parasitas da alta sociedade que se aliaram aos Grifos. Ao menos posso chantageá-los num estalar de dedos com o que tenho na Atlas. É assim que vou descobrir o que Deacon anda planejando: seguindo o seu dinheiro.

E espero que Sloan possa me ajudar em outras frentes.

O que me lembra que tenho que conseguir seu juramento de lealdade o mais rápido possível. Quanto mais tempo perco, mais vantagem Deacon ganha.

— Obrigado, Evan. — Me levanto e abotoo o paletó. — Fique ainda mais atento aos negócios daqui para frente. Campbell foi só o começo, eles não vão parar.

— Sim, capitão. — Ele bate continência de um jeito teatral. Em seguida, olha apreensivo para o lado oposto do mezanino, por cima de todas as mesas ocupadas, em direção ao bar. — Acha que aquela gata tá me dando mole?

Me seguro para não rir.

— Dificilmente.

Tempest é especialista em assustar os frequentadores do Nemesis que tentam dar em cima dela. Faz isso esbanjando hostilidade e olhares assassinos capazes de fazer um homem crescido chorar. Isso deixa Drago maluco. Ele já ouviu muitas reclamações sobre ela. Mas meu irmão é como um cão incapaz de largar o osso, então prefere perder clientes a despedir sua melhor funcionária.

Aceno para Evan, indo até o balcão do bar onde Nyx atende. A garota de longos cabelos negros nem me olha, mas nota minha presença.

É compreensível porque todos os caras aqui ficam loucos perto dela. A garota é linda, mas dá muito trabalho.

Quase tanto quanto Sloan. E de novo me pego pensando na ruiva de olhos de safira. Isso tá me dando nos nervos!

— Harkness — murmura sem emoção, servindo um mojito para um homem de óculos que não para de encará-la. — Estava mesmo me perguntando quando você viria me dar seu sermão.

— Pois então me diga: que merda tinha na cabeça quando resolveu levar Kestrel lá?

Tempest apoia as mãos no balcão e levanta o rosto, finalmente me olhando de volta.

— Se soubesse que a garota seria caçada, não teria feito isso.

— As regras são claras — digo, sentindo cada músculo do meu corpo se enrijecer e meu sangue ferver só de lembrar do que senti quando descobri que Sloan estava dentro daquela floresta. — Nenhum Grifo deve pisar em East End,

ainda mais em Beastland. Desobedeceu às minhas ordens.

Não há ninguém que odeie essa garota mais do que eu, mas o tipo de gente que frequenta as festas daquele parque não são nada controladas.

O submundo de Millsdale conhece muito bem a guerra entre os Corvos e os Grifos. O lado da cidade que está associado a nós odeia o lado rival. Eles fariam qualquer coisa para destruir os membros da Ordem, um por um, da forma mais cruel possível. E Sloan é conhecida e desprezada tanto quanto seu namoradinho e Deacon.

Os três principais herdeiros da Ordem dos Grifos.

Poderiam ter feito com ela coisas que deixariam um monstro como eu tendo pesadelos pra sempre.

— Não lembro de ter jurado lealdade a nenhum de vocês, Callan — Nyx retruca.

Que porra está acontecendo que todos resolveram me desafiar hoje?

— Ainda assim, te deixo caçar na minha cidade, não deixo? E aposto que não quer ter seu visto reavaliado pela imigração. Ou quer?

Descobri quem Nyx era logo após colocar os olhos nela pela primeira vez. A garota pensou que ia passar despercebida numa cidade grande como Millsdale, mas não para mim. Deveria tê-la expulsado daqui logo que descobri que era uma criminosa. Uma caçadora de recompensas, para ser mais exato. Não era leal a nenhuma gangue. Estava por conta própria, fugindo da encrenca que se meteu em sua cidade natal, Bucareste.

Mandei alguns associados conferirem sua história, e tudo batia com sua versão.

Nyx disse que poderia trabalhar para mim quando eu precisasse, em troca queria se refugiar na cidade, mas se recusou a jurar lealdade à Sociedade. Recusou a se tornar uma associada e mesmo assim permiti, porque suas habilidades estão além de qualquer um dos meus homens.

Talvez eu deva reavaliar sua situação agora porque tenho muito menos paciência para lidar com sua teimosia do que Roman.

— Você precisa de mim, Harkness — insiste ela.

— Ninguém é insubstituível. Você me disse isso.

— É, eu disse. — Nyx suspira. — Sinto muito, ok? Não vai se repetir. Mas, se quiser culpar alguém, culpe Drago. Ele a incentivou a entrar no jogo.

— E já pagou o preço por isso.

— Então os boatos são verdadeiros. — Nyx dá risada. — Você anda meio temperamental ultimamente, huh?

Tempest pega uma das minhas garrafas favoritas de uísque e me serve uma dose generosa e com muito gelo, do jeito que gosto.

Porra, é por isso que não me livro dela. Acho que Roman se vê na mesma situação.

Me sento no último assento disponível diante do balcão e viro um gole que desce rasgando pela minha garganta. É a melhor sensação que existe quando tenho uma semana como esta. Me ajuda a retomar o controle.

— E você anda me irritando — reclamo, mas Nyx me ignora.

— O que há com aquela garota, afinal? Sloan Kestrel... — reflete ela. — Se vocês têm tanto interesse na ruiva, ela deve estar ferrada.

— Cuide dos seus negócios que eu cuido dos meus.

— É o que estava fazendo com Evan Sharpe, presumo.

Franzo o cenho.

— Você o conhece?

— Eu conheço todo mundo, Callan. — Ela dá de ombros.

— Tem algo a dizer sobre ele?

Nyx sempre me traz informações relevantes, não sei como. Ela é a pessoa certa quando preciso achar alguém que não quer ser encontrado e descobrir os podres das pessoas.

Não sei ao certo com o que estava envolvida na Romênia além de que é procurada pela polícia e por alguns traficantes, mas a garota tem habilidades úteis.

— Ele vende drogas para adolescentes, mas você já deve saber disso.

Há um leve julgamento moral em suas palavras que não levo em consideração. Sua mãe morreu de overdose, então não é a maior fã de drogas do mundo. Eu também não sou, pra ser honesto.

Viro o resto do uísque e me levanto, me lembrando das exatas palavras que minha nêmesis de cabelos cor de fogo disse uma vez.

— É um mundo sombrio, Tempest.

Ela não responde, mas sei que sabe disso melhor do que qualquer um.

16

S L O A N

Diga adeus
Enquanto nós dançamos com o demônio esta noite
Não ouse olhá-lo nos olhos
Enquanto nós dançamos com o demônio esta noite
Dance With The Devil – Breaking Benjamin

QUANDO ENTRO NO SALÃO de jantar da universidade, sinto todos os olhares sobre mim. Nem a beleza do cômodo, com paredes e teto esculpidos em madeira escura e iluminado por lustres de cristal, é capaz de me distrair das encaradas que recebo assim que piso nele.

Parada na entrada, olho ao redor. Todas as mesas retangulares parecem ocupadas com os pratos majestosos do jantar da Wilrose, mas uma delas, em particular, chama minha atenção. A conversa e risadas altas vindas da mesa à minha direita atrai meu olhar, mas me arrependo assim que identifico a figura de James.

Há alguns dias, eu teria caminhado para lá sem nenhuma dúvida. Ele não está sozinhos na mesa, é claro. Seus amigos lhe fazem companhia. Reconheço três deles: Amelie Chase e os gêmeos Donovan. Nunca tive nenhum tipo de relação com eles. Somos tão diferentes quanto água e óleo, impossível de se misturar.

Há uma semana, teríamos fingido. Agora, no entanto, o teatro acabou e tudo o que recebo são olhares venenosos e indiscretos de raiva e desprezo. Inclusive de James.

Fico feliz em ignorá-los e volto a analisar o salão. Encontro Astor sozinha em uma mesa no fundo e me esgueiro pelos cantos para chegar lá, grata por ela também não querer mais a companhia dos demais.

Mas, antes que eu consiga alcançá-la, uma mão agarra meu braço. Cerro a mandíbula e me viro, me deparando com o rosto de James. Seus olhos parecem subitamente mais escuros ao me perscrutarem.

— Podemos conversar? — pergunta, quase em tom de súplica.

— Não.

Seus dedos se fecham com mais força quando tento me desvencilhar.

— Sloan, *por favor*.

Ele não merece nenhuma consideração minha. Na realidade, eu deveria fazer uma cena no meio do refeitório e o deixar falando sozinho. Deveria também socá-lo assim como fiz com seu melhor amigo.

Contudo, estou curiosa para ouvir o que ele tem a dizer. E, apenas por isso, concordo em segui-lo para um canto distante do salão.

— Diga logo o que quer — sibilo, finalmente me livrando de seu aperto.

— O que está fazendo? — devolve, baixinho.

— Tentando jantar. — Coloco o máximo de distância entre nós que consigo. — E nunca mais me segure assim.

— Estou me referindo ao que houve na festa de Jocelyn — sussurra, impaciente.

Fito ao redor e encontro todos os olhares em nós. Parece que somos a atração da noite, por culpa exclusiva de James.

— Quer dizer o assassinato ou o soco que dei na cara do seu amigo?

A morte de Richard Harkness foi atribuída aos Corvos, obviamente. Mais um indício claro de que a polícia trabalha para os Grifos. Ainda não sei por que Soren matou o tio de Callan. Eles mencionaram seus negócios naquela noite, o que não faz sentido.

Grifos e Corvos não fazem negócios.

James arregala os olhos, horrorizado, e seu pomo de adão se move quando ele engole em seco sua raiva. É a sua vez de olhar ao redor para checar nossa plateia. Para sua sorte, acho que ninguém ouviu. *Ainda*.

— Não vou poder te proteger se continuar próxima dele.

— Ele? — Levanto uma sobrancelha.

— Harkness — responde, entredentes. — Ele está te usando e te enganando.

— Então não é muito diferente de você.

— Está cometendo um grande erro, Sloan.

Balanço a cabeça, incrédula com a coragem dele de querer opinar na minha vida. Depois de tudo o que ele e seu amigo fizeram...

— Cometi um grande erro há seis meses, quando olhei duas vezes na sua direção naquela festa em Paris em vez de passar reto.

— Me odeie o quanto quiser, mas Soren tem planos pra você. E não é coisa boa, Sloan. A culpa é sua por se aproximar deles.

O que me deixa intrigada é como James parece assustado. Assustado só de mencionar os planos de seu amigo. Aposto que seja mesmo algo bem ruim, à altura do caráter podre de Soren Deacon.

Só que não posso me concentrar nisso. Não agora.

— Se me dá a licença, estou com fome. — Dou um passo para longe dele, dando a conversa por encerrada. Me recuso a continuar ouvindo-o.

— Não diga que eu não te avisei, querida — ele diz alto atrás de mim.

Engulo em seco, me forçando a ignorar o que aconteceu.

— O que foi aquilo? — Astor pergunta assim que me sento à sua frente. Ela parece chocada e preocupada.

— Nada — digo ao me reclinar contra o encosto da cadeira. — Ainda.

Nada do que os Grifos ainda reservam para mim.

Mas, antes de pensar nisso, tenho que primeiro chegar a uma decisão sobre o que fazer agora que descobri bastante coisa. Nas noites em claro, só consigo pensar na traição. Principalmente na do meu pai, que aliás se tornou um desconhecido para mim. Não sei o que esperar dele. Mentiu na minha cara, me tratou como uma insana. Me mandou para longe, como fez com a minha mãe.

E agora não sei o que fazer. Não sei como lutar contra isso. Ao menos, não sozinha. E trabalhar com os Corvos está fora de questão.

— Sloan! — Astor me traz de volta dos meus devaneios. — É verdade o que estão dizendo? Você e Callan...?

A insinuação em seu tom de voz quase me faz engasgar.

— O quê? Claro que não! — Só de pensar nisso, meus músculos se enrijecerem de tensão. — De onde tirou essa história?

— Bem, alguns convidados perceberam a forma como você dançaram aquela noite. — Astor encolhe os ombros. — E viram vocês indo embora juntos da festa.

Talvez seja por isso que todos me encararam desde que cheguei. Também explica a reação de James. Imagino que não era para alguém como eu, um legado da Ordem, virar as costas para os seus.

— Não há nada acontecendo, eu garanto — retomo a conversa. — O mesmo não pode ser dito de você e Bash, não é?

Astor solta um grunhido e cobre o rosto com as mãos, me fazendo rir.

— Nem me lembre disso, por favor.

— Por quê? Vocês formam um belo casal.

— Até parece — desdenha, mas dá pra ver que há algo além de vergonha flutuando ao seu redor.

Acho que minha amiga pode estar gostando do meu irmão. Bash nunca teve um relacionamento sério e Astor namorou pela última vez há uns três anos, o que pode ser uma combinação preocupante. Ainda assim, é digna de empolgação.

Me lembro quando percebi que gostava de James. O frio na barriga, as

borboletas no estômago... Era bom. Na época, ele era o único capaz de tirar da minha mente os pensamentos sombrios sobre o incêndio.

Que bela reviravolta!

— Sei quando há algo de errado com você, Sloan — Astor continua, apanhando minha mão por cima da mesa. — Você não parece bem. Dá pra ver nos seus olhos que está preocupada. Pode conversar comigo, sabia?

Suspiro, deixando os ombros caírem.

Bem que eu queria que fosse tão simples.

— Na verdade, não posso.

Astor ergue as sobrancelhas, alarmada.

Guardar tudo o que aconteceu apenas para mim está me consumindo e cobrando seu preço a cada noite insone. Se eu não estava enlouquecendo antes, agora com certeza estou. Minha vida tomou um rumo inesperado, algo que nunca imaginei.

Cercada de morte, mentiras, traição e segredos...

E não posso compartilhar esse fardo com ninguém, porque, dia após dia, mais tenho a certeza de que tudo é muito perigoso. Não posso arrastar Astor para este inferno, ela não merece isso. Quanto a Bash... duvido que ele saiba sobre os negócios dos Kestrel. Ele e sua mãe não devem fazer a menor ideia de onde se meteram.

Talvez ele seja o primeiro com quem eu deva conversar. Para isso, preciso esperar que volte de sua viagem à Nova York. Até lá, já terei decidido o que fazer.

— Agora você me deixou preocupada. — Um vinco profundo surge entre suas sobrancelhas, e ela inclina o corpo para frente. — Tem a ver com eles, não é? Os Corvos.

— Não só eles. E estou muito mais envolvida nessa história do que imaginava.

Astor anui com a cabeça, assimilando.

— Certo, podemos resolver isso.

— Aí é que está, Astor, não podemos. Essas pessoas são perigosas, e não posso trazer você para essa história.

— Eu aguento — tenta me convencer.

Dou uma risada fraca.

Não sei se qualquer um com a sanidade em dia aguenta.

Não tenho para onde fugir, no meu caso. Uma hora ou outra, os Grifos vão me reivindicar. E estarei de mãos atadas, porque eles podem machucar as pessoas que eu amo.

Por outro lado, não confio em Callan e em sua Sociedade. Eles não

parecem nem um pouco diferentes da Ordem. Não há garantias de que estarei segura com eles. Sou sua inimiga de sangue, no fim das contas. Também não acredito na palavra de Callan de que ele não pretende acabar comigo da mesma forma que fez com os outros.

Mordo o canto da boca, odiando cada segundo da minha vida. Não há sensação pior do que essa. Me sinto refém de ambos os lados, entre a cruz e a espada. Sei que haverá uma consequência terrível para cada escolha que fizer a partir de agora, mas também será pior se permanecer inerte.

Meu tempo tá acabando.

Lealdade ou morte.

Agora me resta escolher enquanto ainda tenho esse poder.



Quando desço as escadas do salão de jantar, ele já está quase vazio. Fiquei alguns minutos a mais estudando no notebook, e, assim que saio, já passa das oito da noite. Me arrependo na mesma hora de ter me demorado, porque dou de cara com um rosto terrivelmente conhecido próximo à escadaria.

Callan está de braços cruzados, encostado no poste em frente ao prédio. Há um cigarro pendurado entre seus lábios, e a fumaça translúcida dança no ar ao seu redor. Com os olhos semicerrados na minha direção, sua postura displicente me diz que ele está me esperando.

Engulo em seco, parada no último degrau de pedra. Minha mão agarrada ao corrimão de ferro, como se ele pudesse me salvar da figura grande e perigosa que se camufla na noite sombria.

Endireito a coluna e passo por Callan como se ele não existisse. Seguro minha bolsa firme no ombro e acelero os passos. Mas não importa o que faça, ainda consigo ouvir o som de sua bota pesada atrás de mim, pisando duro contra a calçada.

Ele me segue por dez minutos enquanto percorro o campus. Pelo jeito, não vai me deixar em paz.

Não sei se fico apavorada ou irritada.

Quando chegamos à praça central, finalmente explodo.

— O que diabos você quer?! — Me viro para ele.

Callan para a um metro de distância, o cheiro do cigarro queimando se mistura à sua fragrância natural de tabaco.

— Você sabe o que quero, anjo. — Sua voz profunda rompe o silêncio do campus. — E você vai ceder, é só uma questão de tempo.

— E qual é o plano? Vai me sequestrar e me ameaçar como os Grifos? Ou quem sabe me caçar numa floresta usando máscaras como seus amigos Corvos? — Ergo uma sobrancelha. É arriscado desafiar um assassino no meio da noite no campus vazio, quando não há ninguém ao redor para me salvar, mas continuo mesmo assim: — Parece que estou a leilão, não é? E vocês têm maneiras encorajadoras de tentar conquistar minha lealdade.

Callan dá mais uma tragada no cigarro antes de jogar a guimba no chão, esmagando-a com o sapato.

— Você não tem escolha, Sloan. Entre o destino na Ordem e o castigo de Deacon por sua desobediência, o que os Corvos têm a oferecer é misericórdia.

Dou uma risada alta.

— Misericórdia? Você não a reconheceria nem se ela te desse um soco na cara, Harkness.

— O que você quer, Kestrel? — propõe, enfim.

— Disposto a negociar? Precisa tanto de mim assim? — Cruzo os braços, me aproximando dele com passos cautelosos. Analiso seu rosto. As linhas duras de sua expressão, o maxilar cinzelado e o olhar impenetrável. — Na semana passada você estava empenhado em me fazer desistir. O que mudou?

— O Conselho mudou de ideia.

— Conselho?

— O Conselho de Patronos da Sociedade. Você sabe demais para que eles te ignorem — responde. — Não é uma negociação, Sloan. É uma intimação.

Significa que, se eu não obedecê-lo, encontrarei um fim parecido com o daqueles herdeiros que saíram nos jornais.

Como eu imaginava, não há mesmo nenhuma diferença entre ele e Soren.

— Está me ameaçando?

— Estou te dando uma chance, é uma pena que seu próprio pai e namorado não podem dizer o mesmo.

— Vai se foder, Callan.

Ele não precisa jogar na minha cara que estou sozinha e sem escolha. Não sobrou mais nada, eu sei. As coisas nas quais eu acreditava não passam de uma porção de mentiras. E estou me esforçando muito para que isso não destrua o que resta de mim.

— Você não quer servir aos Grifos e quer se vingar pela sua amiga. Estou te oferecendo todos os seus desejos.

— E, em troca, devo servir aos Corvos?

E quais as consequências? Preciso me tornar um deles? Cometer crimes? Matar pessoas?

— Basta declarar lealdade.

Tudo o que sei e já vi sobre sociedades secretas passam na minha cabeça como um filme hediondo. Principalmente, as cenas do filme *De Olhos Bem Fechados*. É repugnante só de imaginar.

— Nunca serei leal a vocês. Eu nem sei quem vocês são.

— Vou te contar tudo o que precisa saber.

— E, se não aceitar, você me mata. Simples assim.

— Se não for eu, será outro. — Callan faz uma pausa. — *Simples assim*.

Zugzwang.

No xadrez, esse é o nome dado ao exato momento em que um dos participantes é forçado a fazer uma jogada, mesmo sabendo que será prejudicado por isso. Mesmo sabendo que isso pode condená-lo à derrota.

Quando não há nenhuma escolha além da ruína.

Respiro fundo e olho para a vastidão do céu noturno.

Merda.

— Tenho duas condições. — Volto a escrutinar Callan. Ele inclina a cabeça para o lado, sem disfarçar a satisfação no olhar.

— Vá em frente.

— Pra começo de conversa, não serei uma de vocês. Posso declarar minha lealdade, mas não me tornarei parte de nenhuma sociedade. Quando a Ordem cair, estou liberada.

Callan dá uma risada de desdém.

— Você nunca poderia ser uma de nós. E quanto a outra condição?

— Seja lá que tipo de vingança você planeja contra os Grifos, quero a minha família fora dessa lista.

— Não posso prometer isso.

Só de imaginar os Corvos machucando minha família sinto meus ossos tremerem de raiva e apreensão. Ainda que eu me sinta enganada, não posso perder mais ninguém. Isso não está em negociação.

— Você pode e você vai, se quiser minha ajuda — imponho enquanto olho direto em seus olhos. — Aniquile os Deacon, os Corrighan e mais quem precisar. Não me importo. Deixe os Kestrel e os White fora disso.

— Mesmo depois do que o seu pai fez, quer protegê-lo... — reflete, com os cílios semicerrados.

— Ele é meu pai — é a única explicação que consigo dar.

Sim, mesmo depois do que Mason fez, não conseguiria suportar seu assassinato. Ainda mais sabendo que seria sua executora por tabela. Isso me destruiria de vez.

Callan inala o ar com calma, pensando. De início, acho que vai negar. Não sei o que vou fazer neste caso. Talvez apenas aceitar minha morte iminente,

seja pelas suas mãos ou pelas de Deacon. Só sei que vou cair lutando. Não tornarei esse trabalho fácil para nenhum deles.

—Tudo bem — aceita Callan por fim.

— Quero que prometa, Harkness. Com todas as palavras, em alto e bom som. Acho que ainda lembra como se faz.

Ele range os dentes e me direciona seu olhar mais colérico.

— É uma tola se acha que uma simples promessa me impediria de fazer qualquer coisa que eu bem entender.

— E você é um tolo se acha que pode ter tudo o que quer, inclusive minha ajuda e lealdade, sem fazer nenhum sacrifício.

Talvez promessas não me deixem a salvo das maldades de Callan Harkness, mas preciso dessa garantia, por mais tola que seja. Preciso de alguma coisa para não saltar às cegas nesse abismo.

Callan bufa, diminuindo a distância entre nós. Ele me olha de cima, me fulminando com suas íris severas.

— Primeira lição sobre os Corvos: não seja uma coisinha manipuladora e caprichosa se não quiser ser castigada por isso.

Espero que Harkness não queira jogar esse jogo comigo, porque sei revidar. Ele nunca vai conseguir nada de bom grado de mim. Vou continuar lutando até conseguir o que quero ou até que ele me mate.

O que vier primeiro.

— Estou esperando, Callan.

Ele respira fundo, se controlando.

— Eu prometo que ninguém dessa sua família repulsiva vai morrer pelas minhas mãos, e, acredite, é a melhor garantia que vai conseguir.

Balanço a cabeça, insatisfeita. Qualquer outro Corvo poderá matá-los, mas algo em seu rosto me diz que não vou conseguir nada melhor que isso. É o máximo de proteção que posso conseguir para minha família.

Assinto, embora contrariada.

Callan não se distancia. Está tão próximo que seu cheiro me inebria. Preciso inclinar a cabeça para trás para encará-lo nos olhos. Ele ergue uma das mãos e a leva até meu pescoço. Prendo a respiração, esperando que ele finalmente ceda aos seus desejos e me esgane até a morte bem aqui.

Ao contrário disso, ele passa os dedos pela minha garganta. O toque aquecendo cada centímetro de pele. Acho que sente a tensão em meu corpo e a forma como engulo a saliva com apreensão, porque dá um sorriso sacana.

— Não se acostume a ter o que quer de mim, anjo. — Ele traça meu maxilar com a ponta dos dedos. Não sei por que não consigo me afastar. É como se estivesse presa em sua maldita órbita fatal. — A Sociedade funciona sob os

meus termos e você também me obedecerá. Essa é a primeira e última vez que faço algo por você, Kestrel.

— *Idem* — sopro, e enfim ele se afasta.

Só consigo voltar a respirar quando abre distância entre nós.

— Temos um acordo então.

Há algo entalado na minha garganta. Medo, apreensão, dúvida, fúria... tudo misturado. Este é um daqueles momentos que você tem certeza que o rumo de sua vida vai mudar, de que entrou num caminho sem volta e que nada, nunca mais, será igual.

E, mesmo sabendo disso, aceito continuar.

— Temos um acordo — confirmo.

Então é isso.

Zugzwang.

17

S L O A N

Liberte-me no vale das borboletas
Eu ainda sou muito jovem para reconhecer o diabo
Fundo, me senti fundo dentro do Sol
Queima meus olhos
Eu preciso da revelação
Tenho uma premonição do fim
Holy Water – LAUREL

AINDA SENTADA NO CARRO, leio a última mensagem recebida no celular com angústia. Ele não precisou se identificar para que eu soubesse quem era. Não sei como conseguiu o número do meu novo celular, mas, considerando que é o herdeiro de uma grande multinacional no ramo da tecnologia e inteligência, não fico surpresa.

Anônimo [00h28]: *Esteja amanhã às 8h00 em frente à torre do relógio. Não se atrase.*

Estou tentada a simplesmente arrancar com o carro para longe, porque sei que o que me espera não é nada bom. Ainda assim, fiz um acordo com o maldito. Um que terei de honrar. Seja lá o que ele pretende para esta manhã, não vou baixar a guarda. Podemos trabalhar juntos, mas não vou esquecer que Callan continua sendo meu inimigo.

Ele sempre vai ser.

Tiro a chave da ignição e abro a porta, saindo do Porsche prateado. Estacionei na última vaga disponível na praça central do campus, que só consegui porque cheguei bem cedo. Coloco o celular no bolso traseiro da calça e percorro o jardim da universidade até a grande e imponente torre do relógio.

Callan está parado lá, como esperava. Sua beleza chama a atenção de quem passa, em especial das garotas. Elas param de andar só para se virar e observá-lo. Não as culpo. O bastardo sempre causou esse efeito na pessoas.

Está de óculos escuros, o que o deixa perigosamente charmoso. Seus braços estão cobertos por uma blusa preta de mangas compridas, e as mãos nos bolsos da calça enquanto espera por mim.

Atravesso a rua, sentindo meu coração se apertar quanto mais me aproximo.

— Está atrasada — diz, tão receptivo quanto um coice de cavalo.

— Não, não estou.

— Sim, você está — insiste, olhando no relógio em seu pulso. Mesmo de longe, o requinte da peça me tira o fôlego. Possui a pulseira em couro marrom bem tradicional. Aposto que é um *A. Lange & Söhne*. Meu pai é obcecado por eles. — São oito e quatro.

Uma risada me escapa.

— Só pode estar brincando.

Callan retira os óculos e os pendura na gola da camisa, expondo seus olhos únicos e vibrantes.

— Nem um pouco.

Continuo séria, olhando para seu rosto, mas ele parece convicto. Me recuso a acreditar que ele acha que quatro minutos configura atraso e abro a boca, prestes a iniciar uma discussão, mas logo desisto.

São oito da manhã, e eu ainda não tomei meu café. Não vou começar uma briga agora, isso demandaria muito esforço e energia. Não me importo com Callan o suficiente para tal, então, quando ele começa a andar, dando a volta no grande monumento de pedra, apenas o sigo calada.

— Uau, sem xingamentos e insultos esta manhã? — zomba, me olhando por cima do ombro. — Por acaso está amolecendo, Kestrel?

Até parece.

— Só nos seus sonhos repugnantes. — Reviro os olhos. — Ainda é cedo, mas posso te dar aquele soco se quiser.

Ele ri alto, parecendo satisfeito.

Há uma trilha cercada por árvores e arbustos que dá a volta na torre, e a percorremos com pressa — embora eu não saiba o motivo disso. De longe, vejo os alunos seguindo para as primeiras aulas do dia. Para onde eu deveria ir também.

— Isso era mesmo necessário? — reclamo. — Estou matando aula.

— Te traz boas memórias?

Quando capto o sorriso na sua voz, fecho a cara, lembrando da primeira vez que matei aula. Obviamente, Callan estava envolvido nesse episódio. Todas as vezes que quebrei as regras no internato foram por sua causa.

— Apenas memórias de quando eu era ingênua e acreditava cegamente nas pessoas — murmuro com desgosto, e, para meu alívio, ele não continua a conversa.

Callan só para de andar quando alcançamos os portões na parte de trás da torre. Ele os abre sem dificuldade, em seguida retira uma chave do bolso e abre a porta que leva para o interior.

Espero que não estejamos indo até o mesmo lugar em que ele me pegou da outra vez. Ainda tenho arrepios ao me lembrar daquela noite.

— Onde estamos indo? — questiono assim que a porta se abre e entramos na grande torre.

— Você vai ver.

Começo a ir até a escada em formato caracol que leva até o topo. Sem aviso, Callan apanha minha mão e me guia para a direção contrária.

Me lembro da última vez em que fez isso, enquanto percorríamos a floresta de Beastland. No mesmo segundo, sinto o calor e o formigamento subirem da minha palma até o pulso e puxo minha mão para longe.

Ele não parece ligar, porque continua o caminho até a escada que leva para baixo.

— Por aqui — instrui Callan, descendo os degraus de pedra. Vou atrás dele, embora receosa.

Perdi a conta de quantos degraus descemos, vários metros abaixo do chão. Aqui é mal iluminado, mas ainda consigo enxergar as paredes de pedra do que parece ser um túnel. Um bem longo, porque não dá pra ver onde termina.

Callan lidera o caminho, e eu sigo atrás dele, olhando para todos os lados. É um túnel bem estruturado, com arcos e vigas feitos por mãos humanas, mas não entendo o motivo de sua existência — e por que Callan e eu estamos aqui.

Nunca ouvi falar de túneis subterrâneos em Millsdale. E é provável que o resto da cidade também não saiba.

Andamos por vários minutos, e ainda não há sinal do fim do túnel. Sinto, no entanto, que estamos indo na direção de uma corrente de ar, o que me tranquiliza um pouco. Callan, sem dúvidas, conhece o caminho.

— Que lugar é esse? — enfim pergunto, depois de algum tempo de silêncio. Apenas o som de nossos passos e respirações ecoam aqui embaixo.

— Você é meio francesa — aponta, sem me olhar. — O que acha que é?

Não são túneis desativados de metrô, com certeza. Estes parecem antigos, seculares. E o fato de Callan mencionar minha origem me faz pensar em algo.

Franzo a testa, cismada.

— São catacumbas?

Ele anui com a cabeça. Em seguida, liga a lanterna do celular. Callan mira o feixe de luz nas paredes, e meus olhos se arregalam. Definitivamente, não são apenas pedras que compõem a estrutura do túnel, mas ossos também. Milhares deles. Sinto um calafrio com a morbidez.

— Mas, antes disso, eram outra coisa. Lembra-se da história do Instituto

Valiant?

Como poderia esquecer? A história macabra do internato em que estudamos dava pesadelos nos calouros. Gerou muitas lendas bizarras e aterrorizantes que os alunos contavam em rodas de fogueira na época do Halloween.

— Sim, o lugar costumava ser uma prisão.

— É, costumava — assente ele, pensativo. — E um grupo de homens em pena de prisão perpétua passou a vida cavando um túnel que levasse para fora da penitenciária. Morreram antes que conseguissem escapar, mas o túnel acabou sendo ampliado no século XIX. Foi muito utilizado por contrabandistas locais. Também traziam seus mortos para cá, porque não podiam enterrá-los no solo sagrado do cemitério de St. Lazarus. Então os enterravam abaixo da igreja, sem ninguém saber. São muitos quilômetros de túneis.

Meu queixo quase cai com a história.

— Isso é... — Balanço a cabeça, sem palavras.

— Impressionante?

— Algo assim.

Com certeza estou boquiaberta. Não só pela história que eu não conhecia e me despertou uma vontade de voltar à biblioteca e pesquisar mais a respeito, mas pela forma como ela foi contada por Callan. Me lembrou de quando ele me mostrou seu lago secreto, há oito anos.

Novamente, sinto como se estivesse sendo levada para dentro de um dos segredos de Callan Harkness. Ou melhor, para dentro de seu mundo oculto e desconhecido. Como Christine sendo levada por Erik para o subsolo sombrio em que ele vivia, na minha cena preferida de *O Fantasma da Ópera*.

— Quando foi que se tornou uma enciclopédia ambulante?

Callan me olha por cima do ombro e dá um sorriso.

— Você não era a única que gostava de ler, lembra?

— É verdade.

Nós dois tínhamos isso em comum no ensino médio, mas foi há muito tempo. Não conheço mais nada a respeito deste homem. Na verdade, parece que, quanto mais descubro quem ele se tornou, menos o reconheço.

Eventualmente, chegamos a uma nova escadaria e, embora o túnel ainda continue, Callan e eu subimos os degraus de volta à superfície. No topo, ele destranca uma porta.

Meus olhos se estreitam para se readequarem à luz, e, quando se familiarizam novamente, ergo as sobrancelhas com surpresa.

— Estamos na catedral de St. Lazarus?

Conheço essa igreja muito bem, porque minha mãe tocava aqui com

frequência durante minha infância. Um lugar belíssimo e ponto turístico da cidade. Os vitrais coloridos, os quadros góticos, a tapeçaria, as esculturas, e artefatos antigos e religiosos estão por toda a parte. Eu amava passear por aqui.

— Estamos — Callan confirma, colocando as mãos nos bolsos e olhando ao redor também.

Não era o que eu esperava quando estávamos lá embaixo nas catacumbas. Para falar a verdade, não sei bem o que esperava. Ainda não sei o que devo presumir quando se trata de Callan e a Sociedade.

Me viro na direção dele. Pela primeira vez desde que o vi de novo, ele parece tranquilo. Quase como se estivesse relaxado. Talvez porque esteja em seu ambiente natural.

— Por que me trouxe pelo caminho mais longo? Poderíamos apenas ter entrado pelas portas da frente da catedral.

— E qual seria a graça nisso? — Ele sorri, seus olhos passeando pelas feições em meu rosto. — Além disso, deve conhecer os túneis. Você é constantemente seguida e observada pelos Grifos. A partir de agora, precisará se mover pelos túneis para a segurança da Sociedade.

É claro.

Callan acena com a cabeça para que eu o siga. Atravessamos a nave e o altar até um corredor adjacente. A catedral tem proporções magníficas, e percebo que também não a conheço como pensei. Há uma estrutura por trás que nunca vi, mas que é igualmente fascinante.

Toda a arquitetura é gótica, com diversos arcos e vitrais. Há ainda grandes janelas que permitem que a luz fraca da manhã invada e toque as obras de arte espalhadas pelos diversos corredores. Há muitos quadros com pinturas e documentos antigos também.

— Tem um museu aqui?

— Costumava ser um monastério, mas faz muito tempo que foi desativado.

— E agora — pergunto — o que é?

— Acho que você pode chamar de covil.

O sorriso diabólico em seu rosto diz tudo, e imediatamente sei o que significa.

Me encontro no covil dos Corvos.

Sinto minha pele gelar e a tensão retornar.

— Não me olhe como se estivesse te levando para sua sentença de morte — reclama Callan.

— Bem, parece ser exatamente isso o que está fazendo.

— Se fosse, pequeno anjo, você definitivamente saberia. — Reviro os

olhos. — Vamos, faça suas perguntas. Hoje estou generoso, aproveite.! Não é algo recorrente.

Eu poderia passar horas fazendo-lhe perguntas sobre tudo o que aconteceu. Tudo o que fez minha vida virar de cabeça para baixo repentinamente e que agora me deixa perdida. Tudo aqui é novo e desconhecido.

— Comece do início — enfim digo, cruzando os braços enquanto caminhamos. — Explique o que é essa Sociedade pela qual você está matando.

Callan respira fundo, mas obedece.

— A Sociedade dos Corvos é tão antiga quanto esta cidade. Surgiu logo após a criação da Universidade de Wilrose, pelos filhos dos fundadores da cidade. Foi criada oficialmente pelo meu tataravô e era uma forma de manter o controle da cidade nas mãos das mesmas famílias, mas, com o tempo, se tornou algo mais. A aliança entre essas pessoas as levou a outro patamar. Conseguiram poder, conhecimento e influência, o que mostrou ser muito mais importante que o dinheiro. Nenhuma mosca voava sobre essa cidade sem que soubéssemos. Ganhamos a lealdade de quem importava e conquistamos mais do que apenas Millsdale. O que precisa saber é que ninguém nos desafia e permanece vivo para contar a história.

— Exceto pelos Grifos — retruco.

O semblante de Callan endurece no mesmo instante.

— O reinado deles está com os dias contados.

Parece convicto, então deve ter um plano muito bem elaborado, o que só não me assusta mais do que saber que estou no centro deste plano, seja lá qual for.

— E como os Corvos passaram de uma aliança de negócios entre meninos ricos e privilegiados para uma gangue assassina?

— Gangue assassina? — repete, entre risos.

Seu rosto inteiro muda quando ele dá risada. É meio hipnotizante, pra falar a verdade. Sempre foi. Callan é sério e solene a maior parte do tempo, então, quando sorri, é... de tirar o fôlego.

Bem, é injusto que um rosto tão perfeitamente esculpido como uma estátua renascentista seja desperdiçado assim. Um assassino capaz de torturar e matar friamente não deveria ter uma aparência dessas.

— Você entendeu. — Limpo a garganta, olhando para o outro lado.

— Há dezessete anos, tudo mudou. A Ordem dos Grifos sempre foi uma presença irritante. Roubavam nossos negócios, trapaceavam de forma suja e destruíam tudo por onde passavam. Esta era a *nossa cidade* até eles foderem com ela. Fizeram negócios com uma irmandade de assassinos e mataram os Corvos, um a um.

A dor surge em seus olhos, e a identifico logo de cara, porque era a mesma dor que estas íris douradas carregavam na adolescência. É intenso, e, por mais que eu lute contra, faz meu coração se apertar.

— Seus pais...?

A cidade inteira conhece a história da chacina da família Harkness. Os únicos que restaram foram Richard e Callan. Um trauma horrível de se suportar. Os culpados foram presos aparentemente. Mesmo assim, havia algo estranho e misterioso envolvendo nesse episódio. Não pareceu um crime qualquer.

Parecia encomendado, planejado.

Callan não responde, apenas continua andando e olhando ao redor. Depois de longos corredores cheios de portas fechadas e antessalas aleatórias, chegamos a uma grande sala. Me deparo com janelas ornamentais que vão do chão ao teto, enormes estantes de livros, sofás e poltronas e um *piano*.

Callan desce os dois degraus até a sala, que presumo ter feito parte do antigo mosteiro, e vai até as janelas, ficando de costas para mim.

— Com os Corvos enfraquecidos, eles tomaram nossos negócios. Ao contrário de nós, compraram sua influência nesta cidade e ampliaram seu poder com toda a sujeira que já te falei. Agora, só estamos retomando o que é nosso.

Então, como eu desconfiava, há mesmo uma motivação pessoal.

Mas não é isso que faz meus joelhos enfraquecerem a ponto de precisar me sentar na poltrona mais próxima. É saber que minha família faz parte do que houve com a família de Callan. Na morte de seus pais e de tantas outras pessoas.

Isso é horrível e, mesmo sem ter feito parte, faz com o que eu me sinta suja. Esse é o sangue que corre nas minhas veias, o sangue pelo qual barganhei para Callan poupar. Os Corvos podem estar longe de serem santos, mas nada justifica o que fizeram com um garotinho. Mataram toda a sua família. Ele tinha o quê? Dez anos na época?

Deus do céu...

— Por que não... — Não consigo dizer as palavras em voz alta.

E Callan as diz por mim:

— Por que não me mataram também? — Ele se vira, encontrando meu olhar. — Não conseguiram colocar as patas imundas na empresa da minha família e precisavam dela. Assim, William Deacon fez um acordo com meu tio. Não me matariam e, em troca, usariam a Atlas de acordo com os interesses da Ordem.

— Mas Soren o matou também.

— De fato. O acordo foi feito porque os Grifos pensaram ter destruído os Corvos totalmente. E destruíram. Restou muito pouco de quem éramos. Não havia chance de que retornássemos. Eles pensaram que eu cresceria sem nunca

saber o que era a Sociedade, sem lutar para reivindicar o legado que era meu por direito. Então, quando viram que estávamos de volta e que *eu* estava ocupando o lugar do meu pai, perceberam que Richard mentiu durante todos esses anos.

Fico zonza de tanta informação.

Há um submundo inteiro em guerra bem debaixo dos olhos de todos em Millsdale e ninguém sabe disso. Quantas pessoas sofreram as consequências das coisas doentias que os Grifos e os Corvos fazem por diversão e nunca ficaram sabendo?

Pessoas como Ava e sua família.

Engulo com dificuldade a saliva presa na garganta.

— Por que Ava estava procurando vocês?

— Não sei — admite, cruzando os braços. — Seu pai deve ter deixado algum registro de que andava atrás de nós e ela o seguiu. Queria que o ajudássemos com a dívida contraída com os Grifos, mas naquela época os Corvos ainda juntavam seus cacos.

— Negou ajuda a ele? — pergunto, com a voz embargada.

— Eu não. Os patronos.

Os patronos, seja lá quem forem. Pelo que Callan disse, formam o Conselho que comanda os Corvos e tomam decisões como a de me incluir em seus planos e a de sentenciar um família inocente como os Gallagher à destruição. Ava deve ter tentado procurar os Corvos também para ajudar seu pai, que desapareceu — possivelmente fugindo dos Grifos.

E os Corvos foram omissos.

A história inteira é um pesadelo.

Preciso sair daqui. Sinto essas paredes me comprimindo.

Me levanto e faço menção de voltar pelo mesmo caminho, mas a mão de Callan agarra meu pulso, me impedindo.

— Sei o que está pensando.

— Você não faz a menor ideia.

— Não pode mudar o passado, Kestrel. Acredite, eu já o teria feito se essa fosse uma opção. É um mundo sombrio, lembra? Você me disse isso.

Seu olhar severo não me atinge. Puxo o braço e dou um passo para longe dele.

— Quantos inocentes vocês mataram?

— Ninguém é inocente — afirma, categórico.

— Não? Então, se fosse ao contrário, se os Gallagher estivessem devendo para você em vez de Deacon, teria feito a mesma coisa que Soren? — Callan não responde, apenas continua me fitando, mas seu silêncio basta. — Você me dá nojo.

— Os Corvos não matam crianças, se é o que quer saber.

— Uau, quanta benevolência.

— Não há tal coisa no submundo. Também não há justiça. É melhor começar a compreender isso logo, para seu próprio bem.

Tenho vontade de apanhar o primeiro vaso de porcelana ao meu alcance e arremessar em sua direção. A ira que Callan me desperta com tanta facilidade corre quente em minhas veias.

— Vocês Corvos são tão podres quanto os Grifos.

Acho que agora atingi Callan, porque sua expressão impassível vacila e suas narinas inflam quando ele me fulmina com os olhos flamejantes.

— Meça bem suas palavras, anjo. Sou o mais próximo de benevolência que você vai encontrar por aqui.

— Vai pro inferno, Callan! Prefiro morrer a te ajudar a conseguir o que quer.

O que vai acontecer se os Corvos recuperarem o poder e a força do passado? Nada poderá ficar no caminho. Se já são uma ameaça agora, quando recuperarem seu império, serão implacáveis. Uma sentença irrecorrível.

Me viro, ansiando por um pouco de ar fresco fora deste lugar, que parece um palácio terrível saído de alguma obra de Bram Stoker. É sufocante e opressivo, como o próprio Callan. Não sei como vou encontrar a saída por aquele labirinto de salas e corredores pelos quais passamos, mas minha vontade de me distanciar de Harkness é grande o suficiente para tentar.

A passos apressados, cruzo a grande sala em direção às portas duplas que estão abertas. Antes que eu passe por elas, contudo, uma figura alta surge na minha frente. Aparece de repente, vindo da direção oposta, e me intercepta numa coincidência mais do que infeliz.

Ergo a cabeça, encontrando os olhos mais gelados com os quais já me deparei. Não conheço este rosto, mas ele se desenha em minha memória instantaneamente. Cabelos escuros e curtos, raspados nas laterais, e tatuagens.

Este homem na minha frente é jovem, o que não o torna menos intimidador. Ele é branco, mais pálido do que Callan, e se veste muito diferente dele. Usa roupas pretas mais casuais e não se preocupa em esconder os braços fortes que servem de tela para mosaicos de cicatrizes e tatuagens com símbolos e desenhos indecifráveis.

Tudo nele me aflige e entorpece. O choque me paralisa e me faz engolir em seco com receio deste desconhecido de olhar perverso. Ele dá um passo para frente, e, consequentemente, dou um para trás, encurralada. Curioso, ele inclina a cabeça para me olhar e semicerra os longos cílios pretos, me medindo dos pés à cabeça.

— Vai a algum lugar? — Sua voz retumba pela sala, atingindo até meus ossos. — Uma Kestrel no território inimigo. Que blasfêmia!

Ele pronuncia meu sobrenome como se fosse amaldiçoado, e o ódio preenche suas feições cortantes.

— Ares, já falei pra você não brincar com a comida.

Outra voz vem do alto, e, com desgosto, reconheço o timbre provocativo e o sotaque forte. Olho para cima e não demoro a encontrar Roman Drago no mezanino da sala. Está apoiado contra o balaústre de madeira e me olha com a mesma reverência que fez na festa de Jocelyn.

E isso só me confirma que estou mesmo cercada.

Já sabia que Drago fazia parte disso. E quanto a *Ares*, o rapaz assustador de olhos translúcidos e frios como pedras de gelo, presumo que se seja ao mesmo homem calado e mascarado do Halloween.

Três homens perigosos me cercam neste lugar secreto e desconhecido para o qual ninguém sabe que fui. Podem fazer o que quiserem comigo aqui, e eu cairia no completo esquecimento. Não seria poupada, e, depois que terminassem, nunca me encontrariam. Seria apenas mais uma vingança deles contra os Grifos.

O horror me invade e faz meus ossos estremecerem.

— É muito tarde pra voltar atrás, Sloan. — A voz de Callan surge, captando minha atenção. — Você sabe disso.

Em outros termos, significa que não vão me deixar escapar. Nunca me vão me deixar sair daqui viva.

Ou faço o que eles querem e tento ao menos garantir a proteção daqueles que amo, ou morro junto com eles. Não há escapatória, nem misericórdia.

Merda. Merda. Merda.

Isso é tudo culpa de Mason. Acho que uma parte minha o odeia por isso agora. Quer se vingar por tudo o que ele fez, por todas as suas mentiras. Mas a outra parte recorda a cada segundo que ele é meu pai e me ensinou a honrar a família e o legado acima de tudo.

Só queria nunca ter sabido o que isso significa de verdade.

Engulo o sabor indigesto do meu orgulho junto com o medo. Coloco os cabelos para trás e endireito a coluna. O terror ainda pode estar aqui, mas esses crápulas nunca sentirão seu sabor.

— O que querem que eu faça? — pergunto, desejando mais do que nunca acabar com isso tudo de uma vez.

Callan sai de perto da janela e caminha até mim. A expressão tranquila e a emoção presente em seus olhos deram lugar à apatia e indiferença.

— Uau, fácil assim? — Roman zomba, e escuto seus passos descendo as

escadas, mas não tiro os olhos de Callan. — Devo admitir, *printsessa*, que esperava um pouco de resistência vinda de você.

O loiro atravessa a sala e se joga displicentemente em uma das poltronas.

— Eu também — Ares diz, atrás de mim, sua voz profunda fazendo meu estômago se revirar. — Estou me coçando para ter um motivo para acabar com ela e com essa palhaçada toda.

— Ward — Callan repreende, olhando para seu parceiro por um segundo antes de voltar a mim. — Sloan, os Corvos fazem muitos negócios, principalmente com a Zmey. Sabe o que é?

— Pareço saber? — rebato, irritada.

— E quanto à Bratva, sabe o que é? — Comprimo os lábios. A máfia russa que volta e meia aparece nos jornais com seus negócios ilegais envolvendo tráfico de drogas e armas. Meu silêncio responde à pergunta dele, e Callan prossegue: — A Zmey é um braço da Bratva aqui na Costa Oeste, e seus negócios estão sofrendo interferências por causa das malditas gangues que trabalham para a Ordem.

— E o que tenho a ver com isso?

— Uma das gangues dos Grifos vão exportar uma grande quantidade de drogas para a América Central nos próximos dias. Farão isso através do porto de Millsdale e preciso saber quando.

Tenho vontade de rir.

— Como acham que eu vou conseguir essa informação?

— Esse é um problema seu.

Ignoro seu tom hostil.

— Você é o dono da empresa que pode hackear sistemas e descobrir a informação que quiser. Por que não faz isso você?

— Porque nem tudo está na internet, obviamente. Deacon era um bastardo asqueroso mas inteligente. Preferia manter certos negócios fora dos computadores. Descubra qual o dia em que a mercadoria vai ser exportada e quem é responsável por ela.

Não duvido que os Grifos, com tanto dinheiro e influência, consigam facilmente fazer coisas ilegais passar por um porto tão grande e vigiado. Afinal, o próprio prefeito é um deles. Mas não faço ideia de como vou descobrir o que os Corvos querem saber.

— O que pretende fazer com as informações?

— Não é da sua conta! — Ares uiva atrás de mim.

Ignoro e acho que Callan também, porque ele logo responde:

— Isso é assunto da Zmey, não seu.

Posso não estar a par do funcionamento e planejamento do submundo do

crime, mas consigo ter uma ideia de como as coisas acontecem. A Zmey provavelmente deve querer prejudicar seu rival e atacar quando menos esperam. Presumo que queiram roubar a mercadoria da gangue aliada aos Grifos e talvez matar aqueles que estiverem nas docas no dia em questão.

Nunca mais vou dormir em paz sabendo que sangue foi derramado por minha culpa, mas não tenho escolha. Estou num beco sem saída.

— Os Grifos não vão me dar uma informação de bandeja, mesmo que eu finja aceitar ser uma deles. Devem demorar meses até confiarem em mim e me incluírem em seus negócios.

Da última vez que trombei com os Grifos, deixei muito clara minha aversão a eles.

— Como disse, isso é problema seu, use seu QI de três dígitos para achar uma solução.

Trinco a mandíbula com raiva.

Está implícito em sua fala o que vai acontecer se eu não fizer o que ele manda. Essa ameaça velada me enfurece. Odeio estar nas mãos de Callan Harkness. Ele pode fazer o que quiser comigo, me usar como bem entender, porque não tenho como lutar contra ele.

Ao menos, ainda não.

Não sei por quanto tempo vou conseguir permanecer nessa posição de submissão. Preciso utilizar esse tempo e essa proximidade em seus negócios para encontrar alguma brecha que me livre do acordo e que destrua os Grifos.

Sinto minha cabeça começar a doer.

— Posso ir agora?

Não vejo a hora de dar o fora daqui. Parece que qualquer segundo extra nesse lugar vai me custar muito mais do que estou disposta a dar.

Para meu alívio, Callan anui com a cabeça.

— Esteja preparada para seu juramento no fim da semana.

Quase engasgo.

— Juramento? Disse que não me tornaria um de vocês.

— Você achar que pode é um insulto imperdoável — Ward reclama atrás de mim.

— Não pode ser um Corvo porque não faz parte de nenhuma de nossas linhagens — Callan explica. — O juramento é para meros associados.

Presumo que também não terei escolha quanto a isso, então me convenço de que, quanto mais rápido os Grifos caírem, mais rápido estarei livre de Callan.

— Tudo bem, farei seu juramento — concordo e me viro para seguir até a porta. No entanto, sou interceptada por Ward. Seu olhar parece ainda mais ameaçador agora.

— Espero que seu cérebro limitado consiga imaginar o que acontece quando um dos associados quebra o juramento. Eles ganham uma passagem só de ida pro inferno. Não é isso o que você quer, é, Kestrel?

Se os monstros das histórias infantis ganhassem vida, aposto que seriam como Ares. Ele é a encarnação do medo e consegue me intimidar mais do que qualquer um.

Nem me dou ao trabalho de responder, somente passo por ele depressa, trombando em seu ombro no caminho. Quase corro pelos corredores que se seguem, desesperada para fugir.

Até que então consigo.

18

CALLAN

Tudo sobre você é magnético
Você realmente me pegou, agora
Você faz isso comigo tão bem
Hipnótico, tomando conta de mim
Hypnotic – Zella Day

"PESSOAS SÃO ARMAS", é o que meu tio costumava dizer. Queria que eu entendesse que eu era uma arma e seria usado pelo Conselho até ocupar meu lugar como sucessor do meu pai. Richard também queria enfiar na minha cabeça que meu *coração mole* não me levaria a lugar algum, porque, no fim, pessoas são feitas para serem usadas e eu não era exceção à regra.

É claro que ele sempre me passava lições valiosas como essa enquanto me espancava até eu perder a consciência. E acabou sendo eficaz, porque nunca me esqueci de suas palavras. Por muito tempo, me questionei por que ele estava me criando assim, na base de sangue, dor e lágrimas, enquanto outros herdeiros da Sociedade não tinham o mesmo azar. Agora acho que finalmente entendi.

Ele queria que eu fosse uma arma mais forte que as demais. Que eu fosse capaz de passar por tudo o que o Conselho me reservaria em minha iniciação e ainda permanecer invicto no final do processo. Ele achava que assim eu me tornaria forte e resistente.

Richard nunca me disse nada disso, é óbvio. Na verdade, conversávamos o essencial. Ele me ensinava suas lições e chamava médicos para cuidar das minhas feridas, então me despachava de volta para o Instituto Valiant. Essa era sua forma de lidar comigo.

Ao menos, sou mais resistente a dor do que a maioria. Presumo que, onde quer que esteja agora, se sinta satisfeito com isso. Embora tenha ido parar no inferno, o lugar reservado para pessoas como nós, imagino.

— Revirando velhas memórias? — Uma voz firme e, ao mesmo tempo, suave como o ronronar de um felino, faz meu corpo tensionar.

Desvio os olhos da antiga fotografia pendurada em uma moldura de madeira e viro o rosto para encontrar Octavia Queen ao meu lado em toda sua elegância e poder.

Ela é negra, com pele retinta. De estatura alta e esguia, ela está usando

um vestido longo e preto que modela seu belo corpo. O rosto lânguido se encontra parcialmente coberto pela máscara preta com detalhes em dourado, o acessório que todos estão usando esta noite, mas não é o suficiente para esconder o quanto é bonita.

Sua beleza e poder já colocaram milhares de homens aos seu pés. Ela é uma rainha de verdade e não precisa de um título nobiliárquico para tanto. Quem quer que coloque os olhos nela sabe imediatamente.

— Algo assim — respondo, vago.

Octavia coloca para trás seus longos e lisos cabelos e direciona seu olhar astuto para a mesma fotografia que eu estava observando minutos atrás.

— Eles pareciam imortais — diz, se referindo à quarta geração de Corvos vestida com roupas elegantes enquanto posava para a foto, na memorável cerimônia de posse do meu pai. — Acho que pensavam que eram.

Conheço cada rosto da imagem, embora alguns nunca tenha visto pessoalmente. A mãe de Octavia estava presente, assim como meus pais, meus tios, a mãe de Ares e outros Corvos que foram mortos cruelmente nas mãos dos assassinos enviados pela Ordem.

Ver o rosto do meu pai ainda dói em um lugar profundo e instável dentro de mim. Faz muitos anos desde que o assisti morrer na sala da nossa casa, com um único tiro no coração, mas sinto como se fosse ontem. O sangue impregnou no assoalho, e a mansão cheirou a morte por muito, muito tempo. Às vezes, esse é o único cheiro que consigo sentir.

Nunca esqueci a dor e o choque em seus olhos abertos. Essa imagem amaldiçoada me assombra como um velho fantasma, que nunca vai embora.

— Nosso lema nunca fez sentido para eles. — Suspiro com desgosto. — *Memento mori.*

“Lembre-se que vai morrer.” Nada é imortal e invencível, não importa o poder que possua. Essa é uma lição que aprendi sozinho, assistindo impotente a cada membro da Sociedade morrer, um a um. Especialmente meus pais.

— Não podemos cometer os mesmos erros que eles. Temos que ser cautelosos, Callan.

Reconheço esse tom de voz.

— Acha que não sou cauteloso?

— Bem, aceitar uma inimiga em nosso território, trazê-la de bom grado para dentro de nossas tradições e negócios. Expor nossos irmãos a esse risco... Isso não é, nem de longe, prudente.

— Devo lembrá-la que essa ideia partiu do Conselho?

— Nem sempre o Conselho acerta nas deliberações — rebate, categórica. — Este plano ridículo deveria ter sido debatido em pelo menos mais três

assembleias antes de ser implementado.

Octavia representa o Conselho esta noite. Está aqui para testemunhar o juramento de Sloan. Após concluir seu treinamento, será uma Patrona, o que a torna mais do que severa. Octavia é firme em suas opiniões e decisões, o que por si só não é um problema. Ela não é leal a mim ou ao Conselho, mas às leis da Sociedade. Se existe algo que possa ameaçar nossa estrutura e tradições, ela dá um jeito de destruir.

E nem eu e o Conselho podemos impedi-la nestes momentos.

Posso até odiar certas decisões mais radicais dela, mas, sem Octavia, os Corvos nunca teriam se reerguido. Alguém, de fato, precisa respeitar as regras. E, se dependesse de Roman e Drystan, estaríamos fodidos.

— Você não me conhece se acha que eu tomaria alguma decisão imprudente quando se trata da Sociedade. Sei o que devo fazer, Queen, e não vou falhar.

Octavia acha que tudo a respeito da Ordem deve ser feito com sabedoria, lógica, planejamento e raciocínio. Agir por razão e não por emoção é a lei essencial dos Corvos. Contudo, não agimos tal qual robôs. Raiva, paixão, ciúme e inveja ainda norteiam todo e qualquer tipo de comportamento humano.

Quando se trata dos Grifos, é uma questão pessoal para mim. Não vejo a hora de acabar com eles, porque sei que é o melhor para a Sociedade, mas também porque os odeio mais do que qualquer coisa pelo que fizeram. E não há que me motive mais do que o desejo de vingança. Os Grifos serão destruídos pelas minhas mãos, e não deixarei nada ficar em meu caminho.

Se preciso trabalhar com Sloan Kestrel para isso, que assim seja. No fim, nada vai mudar.

— Faça como bem entender, não vou interferir no seu trabalho — ela diz, levantando as mãos em rendição. — Só fique atento, Harkness.

— Ficarei.

Passo reto por ela, atravessando o corredor até chegar à sala comum. Estamos na sede da Sociedade: o complexo sacro de St. Lazarus. O monastério tem sido nosso lar e refúgio por quase dois séculos. Agora, a sala está cheia de Corvos. Não era necessário que todos eles estivessem aqui, porque não é uma cerimônia oficial de iniciação ou posse. O juramento de um associado não requer tanta formalidade, precisando apenas de uma testemunha do Conselho para ser validado.

Ainda assim, muitos curiosos apareceram para ver o dia histórico em que um Grifo juraria lealdade a um Corvo. E não um Grifo qualquer, mas uma Kestrel. Nada parecido aconteceu em toda a existência da Sociedade.

Os membros, assim como Octavia, estão mascarados. É uma tradição

para as cerimônias. Muito arcaico, mas os Corvos são apegados aos costumes. Muito similar às tatuagens. Cada herdeiro ganha uma em sua iniciação. Como sou o líder, ganhei mais de uma.

Ao menos, é melhor do que os Grifos, que marcam seus herdeiros como se fossem gado.

Bestas selvagens.

Muitas famílias de Corvos desapareceram completamente há dezessete anos. Poucas sobraram, apenas aquelas cuja existência a Ordem desconhecia. Muitos de nossos costumavam manter o anonimato até mesmo nas cerimônias e reuniões. Outros, moravam no exterior onde cuidavam dos negócios da Sociedade. Foi apenas por causa desses sobreviventes que os Corvos continuam se reerguendo. Agora tenho que treinar dezenas de iniciandos vindos de todo o lugar do país e do mundo, muitos que não fazem nem ideia da importância de seu legado e do nosso Código de Leis.

Contudo, na sede hoje temos apenas os melhores e mais treinados Corvos. Cada um mais perigoso do que parece. Não cresci numa escola da Sociedade, diferentemente deles. A maioria aqui foi educada pelos melhores professores da Sociedade. Foi-lhes ensinado as qualidades que se esperam de herdeiros Corvos. Além disso, aprenderam a matar e torturar antes mesmo da tabuada.

Talvez essa tivesse sido minha vida também, caso meus pais não tivessem morrido e os Corvos não tivessem caído.

Suspiro quando vejo Roman vindo em minha direção, acompanhado dos irmãos St. Clair, Jasper e Josephine. Detesto Jasper a propósito. Seu olhar altivo e seu sorriso confiante me irritam. Acho que ele nunca se contentou por ser eu o sucessor. Seu pai ocupa um lugar importante no Conselho e sobreviveu à queda dos Corvos. Jasper foi iniciado muito antes de mim e já estava por dentro dos negócios da Sociedade antes de eu assumir.

O Conselho o adora, inclusive Mikhail, o avô de Roman e atual chefe dos Patronos. Mas regras são regras e o sangue não mente. A lei sobre a sucessão é clara. Então, não puderam tirar o lugar que é meu por direito.

Josephine, por outro lado, gosta muito de mim. Costuma deixar isso evidente quando estamos sozinhos — não importa onde seja.

Ela abre um sorriso com seus lábios rosados assim que se aproxima. Seus curtos cabelos platinados roçam na minha pele quando se inclina e me cumprimenta com um beijo perigosamente próximo do canto da minha boca.

— Então, onde ela está? — é Roman quem quer saber, curioso. — Todos estão ansiosos para conhecê-la.

— A caminho — garanto, apesar de não saber.

Sloan já deveria estar aqui. Frisei isso quando enviei a ela a máscara, o traje apropriado e o horário da cerimônia. Mas é óbvio que ela não facilitaria para mim. A garota parece empenhada em destruir a nós dois.

— Quanta falta de compromisso e responsabilidade — reclama Josephine, revirando seus olhos castanhos. — Mas o que esperar de alguém como ela, não é?

— Dê um desconto à garota — intervém Jasper. — Ela está prestes a entrar sozinha na cova dos leões. Não deve ser fácil.

— De que lado você está? — rebate sua irmã.

É a minha vez de revirar os olhos.

Preciso de uísque.

Mas, antes que eu possa agir, as portas do salão se abrem num solavanco e todas as cabeças se viram, inclusive a minha. Encontro uma sereia ruiva, vestindo um terninho verde-escuro nada parecido com o traje que lhe enviei. A máscara preta e dourada está em sua mão, presa por suas longas unhas vermelhas, e não no rosto. O blazer bem cortado e elegante possui um decote fundo, revelando sua pele alva e certamente macia por baixo.

O vislumbre do vale entre seus seios faz minha garganta secar. Cerro o maxilar. Meu corpo todo se enrijece e contrai como se tivesse acabado de se queimar. E, juro por Deus, é a mesma exata sensação de tocar em brasa.

Seus cabelos estão soltos, caindo em ondas até quase sua cintura. Os pés estão em um salto alto de grife que a deixa tão elegante quanto sexy.

Ela não olha para baixo com submissão. Muito pelo contrário. Seu queixo está erguido e seu olhar é venenoso enquanto passeia por cada um dos rostos que a encaram em puro choque, até chegar até mim.

E, porra, ódio é uma palavra gentil para descrever o que sinto por Sloan agora. Ódio do seu sobrenome, da sua arrogância, do sangue que corre em suas veias. Ódio da sua beleza sedutora e mortal e do seu perfume de rosas e baunilha que impregna cada canto pelo qual passa, como a porra de uma maldição.

Ódio dos seus olhos tão azuis quanto o céu na primavera, que se importam demais com todo mundo. Olhos que já se importaram comigo um dia.

Ódio pela forma como meu corpo reage à sua presença como se pudesse senti-la a quilômetros de distância. Ódio de mim mesmo por ficar mais satisfeito do que irritado toda vez que ela me desafia. Ódio porque quero mais disso.

Sinto ódio porque ela é a tentação encarnada, como o canto de uma sereia, capaz de fazer os homens mais convictos se atirarem em direção à morte só para ter mais disso. Mais dela.

— Então, estou aqui — Sloan diz com o tom de voz alto e imponente que espanta todos os meus irmãos Corvos.

É quando percebo que ter seu juramento de sangue em minhas mãos não vai ser o suficiente. A ideia de tê-la curvada a mim não é, nem de longe, satisfatório como pensei que seria. Eu quero a luta, o desafio. Quero suas palavras ácidas e seu espírito inquebrável.

Talvez esse plano seja muito mais interessante do que presumi.



S L O A N

Me sinto como um camundongo em um ninho de víboras. O ódio que eles sentem por mim crepita ao meu redor como chamas enfurecidas. Meu instinto de autoproteção grita, insistindo para que eu dê o fora o mais rápido possível dessa igreja. Foi difícil não escutá-lo nas horas que antecederam esta cerimônia. Quis muito apenas comprar uma passagem para o lugar mais distante que encontrasse. Entrar num avião e sumir, mesmo sabendo que Callan iria até o inferno para me arrastar de volta.

Ele deve estar feliz com o que tá acontecendo. Em puro deleite ao saber que está prestes a obter o juramento de lealdade de sua inimiga, mas a questão é que eu *nunca*, nem em morte, serei leal a ele e à essas pessoas. Podem ter minha palavra e meu sangue, mas nunca minha confiança e lealdade.

Podem pensar que venceram, só que este jogo doentio está apenas começando. Pode não ser em breve, mas um dia farei cada um deles pagar, em especial o seu líder.

Callan Harkness.

A única coisa capaz de me acalmar é saber que esse contrato selado hoje é uma via de mão dupla. Posso estar sendo usada e obrigada a participar desse plano sórdido, mas eles também estão, de livre e espontânea vontade, me deixando entrar em seus negócios, em seu covil. E, quando essa guerra acabar, vou fazer bom uso das informações que consegui nesse meio-tempo.

— Pronta? — Callan pergunta, aparecendo na antessala escura que fui deixada há alguns minutos para que todos se preparassem para a cerimônia.

— Tão pronta quanto estaria para me jogar de boa vontade em um tanque com ácido sulfúrico.

— Não seja tão dramática. — Mesmo com a baixa luz, vejo o canto de sua boca se repuxar em um sorriso. — Levante-se, Kestrel, está na hora — ordena, e vejo a máscara dourada em sua mão. Aquela que me recusei a usar.

Seria muito fácil apenas aparecer com o vestido delicado que Callan me enviou. Como se fosse uma presa pronta para o abate que me reserva. Uma virgem inofensiva em seu culto de sacrifício humano. Decerto é essa posição que ele quer que eu ocupe.

— Aproveite enquanto pode, Harkness — murmuro, me levantando, e vou até ele. Ele acaba com o espaço entre nós, erguendo a máscara em direção ao meu rosto. — Para que isso serve?

— Para honrar a tradição — diz. — Vire-se.

Encaro-o desconfiada, mas obedeço. A máscara cobre a parte superior do meu rosto, e é uma sensação estranha tê-la contra a minha pele.

— Suas tradições são estúpidas.

— Não diga coisas como essa na frente dos outros.

Callan termina de amarrar a máscara em mim, mas não me solta de imediato. Em vez disso, sinto seus dedos deslizarem por entre os fios dos meus cabelos. Os pelos da minha nuca se arrepiam com o toque suave, e fico enojada com a resposta que meu corpo emite. Me afasto e me viro, encontrando seu olhar.

A máscara cobre a metade esquerda de seu rosto como a de Erik, de *O Fantasma da Ópera*. Usa um terno preto de luxo, provavelmente um *Hugo Boss*, ou outra grife igualmente cara. Algo feito sob medida para seu corpo firme e cinzelado. A roupa compõe perfeitamente sua figura imponente de herdeiro com sangue azul. Há algumas semanas, eu acreditava que ele só havia herdado mais dinheiro do que algumas pessoas conseguem estimar.

Hoje, sei que ele está na linha sucessória de algo muito maior e mais antigo.

— Teme que eles me matem? — sondo, curiosa.

— Eles não ousariam. Sou eu que possuo este direito, e ninguém tirará isso de mim.

A forma tranquila como Callan diz tal crueldade ainda é capaz de me magoar. Detesto reagir assim, que tantos anos de puro ódio não foram o suficiente para arrancá-lo de mim.

Cretino.

— Toque em um fio do meu cabelo, e você verá que este juramento estúpido que estou prestes a fazer não significa nada para mim.

— Acho que você se enganou, anjo. — Ele sorri ao se aproximar. — Eu quero que quebre o juramento. Vou torcer muito por isso, para que eu possa enfim te dar o que merece.

Estou delirando ou Callan adicionou um tom de malícia e duplo sentido de propósito à última parte? Ainda assim, sei que, quando se trata de Callan, só

posso esperar dor e sofrimento.

— Acho que subestimei seu ódio por mim.

— Estou falando sério, Sloan. Por eles, você já estaria morta. Só estão esperando um motivo para fazê-lo e, se você der isso a eles, não terá chance. Sua garganta será rasgada mais rápido do que você imagina.

— Cuidado, Harkness, se alguém te ouvir agora, pode acabar achando que você se importa.

— Me importo com a Sociedade. E me importo em destruir a Ordem o mais brevemente possível. É apenas por isso que ainda está aqui. Não barganhei com você à toa.

Claro que não. O que mais poderia esperar de alguém como ele?.

Endireito a postura e vou até a porta.

— Fique tranquilo, vou seguir o roteiro e ser uma excelente associada para os Corvos. Sou uma Kestrel, somos bons em fingir. Fiz isso a vida toda.

Callan não responde, em vez disso me guia de volta para a catedral, onde o resto da Sociedade permanece sentada aguardando. Todos, assim como Harkness, usam as máscaras e a capa preta cujo manto vai até o chão. No altar, todas as velas e castiçais estão acesos e há uma tapeçaria que antes não estava ali. Avisto no centro dela um brasão grande e imponente. Nessa hora, a ficha cai. Meu estômago se revira ao perceber que estou mesmo fazendo isso.

Trata-se do mesmo brasão do anel de Callan. Um corvo de pelagem preta, as asas e o bico abertos com fúria.

Engulo em seco quando sou levada até o púlpito de madeira. Todos os olhos estão em mim, indecifráveis. Acho que nenhum deles acreditava realmente que eu chegaria até aqui, que toparia isso.

Bem, eu também não acreditava.

— Irmãos e irmãs da Sociedade — cumprimenta Callan, a voz alta e solene. — Estamos aqui esta noite para testemunhar o juramento de sangue e lealdade de uma nova associada: Sloan Baudelaire Kestrel.

O som do meu nome pronunciado por ele é nauseante, também não me passa despercebido as caretas de repulsa dos outros Corvos ao ouvi-lo.

Callan retorna com um papel nas mãos e o posiciona no púlpito.

— Leia o contrato em voz alta — ordena.

Respiro fundo antes de começar a ler as palavras em fonte cursiva impressas no papel.

— Eu, Sloan Baudelaire Kestrel, juro honrar com meu sangue e minha palavra todas as leis da Sociedade dos Corvos. Juro servir a este propósito com todo meu espírito e seguir todos os princípios de honestidade, sabedoria e coragem que norteiam os atos desta Sociedade. Juro me dispor ao crivo do

Conselho e nunca, jamais, desrespeitá-lo. Meu corpo e alma agora pertencem à Sociedade.

Fico cada vez mais enojada ao prosseguir com o discurso, tanto que, no final, sinto a bile presa na garganta. Essa é a coisa mais detestável que já fiz.

"É por uma boa razão", tento me convencer. Não será para sempre. É assim que garantirei a segurança das pessoas que amo.

Mal percebo quando Callan retira do bolso um punhal de prata reluzente e o aponta na minha direção.

— Estenda a mão direita com a palma para cima.

Presumo que agora preciso sangrar para que este seja, de fato, um juramento de sangue.

Busco tolamente por segurança nos olhos de Callan e não sei o que encontro. Não consigo lê-lo, mas sei o que deve significar. Ele deve estar desesperado para finalmente me infligir alguma dor.

Que assim seja então.

Estendo minha palma, e ele aproxima o gume afiado do punhal no meio dela, pressionando-o apenas o suficiente para um corte horizontal rasgar a pele superficialmente. Estrangulo um grunhido de dor quando o sangue aparece e contenho o instinto de fechar a mão.

Sinto a respiração quente de Callan em contato com minha pele quando ele se aproxima para sussurrar em meu ouvido:

— Isso é por você tentar incendiar minha casa há oito anos. — Ele sorri próximo do meu ouvido, e meu corpo se arrepia e treme como se acabasse de sofrer uma descarga elétrica. Logo depois, o bastardo se afasta. — Assine seu nome no contrato

Apanho a caneta-tinteiro *Montblanc* que Callan me estende e faço o que ele diz, engolindo a dor como se fosse apenas um remédio amargo. Enquanto assino meu nome na linha em branco, o líquido carmesim escorre pelo meu pulso, tingindo de vermelho o punho do meu blazer. O sangue pinga no papel, deixando marcas permanentes por toda a folha, principalmente onde meu nome está escrito, borrando um pouco a tinta.

E então, simples assim, me torno um deles.

Quando termina, outra pessoa sobe ao altar. Dessa vez, uma garota. Ela é alta e esguia, com cabelos longos e brilhantes. Ela parece uma cópia mais jovem de Naomi Campbell. Seu rosto está completamente sério quando ela se aproxima com uma caixa de madeira nas mãos, onde Callan deposita o rolo do contrato.

— O que farão com isso? — pergunto, sem conseguir me segurar.

A garota cujo nome desconheço levanta os olhos escuros para mim.

— Será enviado ao Conselho de Patronos para oficializar a sua

associação. Caso ocorra a quebra do juramento, sua punição será buscada. Não apenas pelos Corvos, mas por todos os aliados e associados da Sociedade. Serão incentivados a te caçar e, até mesmo, recompensados.

Então significa que vão colocar um preço pela minha cabeça caso não ande na linha.

Como diabos isso pode ser melhor do que o que os Grifos planejavam para mim?

Callan se aproxima de novo, dessa vez com um lenço de tecido. Mas não o deixo pressioná-lo no corte, sobretudo por causa de seu sorriso sacana de vitória e satisfação que faz cada nervo do meu corpo despertar em fúria.

Preciso da dor para me lembrar o que está em jogo. Me lembrar que, embora esteja fazendo um pacto com o diabo e lhe entregando minha alma, ele ainda é — é sempre será — meu inimigo.

Desço do altar e cruzo a nave, indo até as portas de saída da catedral. Sinto um filete de sangue escorrer pelo meu indicador e pingar no chão, bem na tapeçaria sagrada da catedral. Não me importo. Vai ser um lembrete para todos aqui, porque esta é a última vez que me verão sangrar.

Preciso de um plano contra os Grifos, mas também de um contra os Corvos.

19

S L O A N

Passado

Aqueles pensamentos de antigos amantes, eles sempre vão me assombrar
Eu gostaria de poder acreditar que você nunca agiu errado comigo
Aí, você vai lembrar de mim da mesma forma
Que eu lembro de você?
House of Memories — Panic! at the Disco

A PRESENÇA ENÉRGICA DE CALLAN nessa biblioteca está me tirando a concentração e interrompendo minha imersão no antigo exemplar britânico de *Alice no País das Maravilhas*. É uma versão raríssima, da década de 1920. Ele é grande e pesado, repleto de gravuras magníficas. O artista que desenhou tudo à mão tinha um talento impressionante.

A biblioteca do Instituto Valiant possui muitos livros antigos e raros, e sou fascinada por eles. As coleções em capas de couro e páginas amareladas pelo tempo me atraem da mesma forma que flores perfumadas atraem abelhas.

A poeira faz meu nariz e garganta coçarem, mas ignoro os efeitos colaterais de bom grado. Não sei quando terei de novo a oportunidade de tocar com minhas próprias mãos em obras históricas tão importantes, então aproveito cada segundo.

É sábado. Em tese, Callan e eu só deveríamos nos encontrar amanhã para mais um ensaio. À medida que o inverno vai dando as caras, a data da apresentação da peça também se torna mais próxima. Lido com o nervosismo da minha forma: me esforçando para pensar em tudo, exceto no dia do espetáculo.

Desde a noite que fugimos para ir ao lago, é como se houvesse uma força magnética me atraindo para o campo gravitacional de Callan Harkness. Nossa convivência está muito além da música e dos ensaios para a peça agora. Durante a semana, nos dias de aula, somos meros estranhos. Ele nem sequer direciona um olhar para mim, me ignorando completamente, como faz com os demais.

Mas, no fim de semana, compartilhamos um segredo: essa amizade estranha e pouco convencional. Me deixa animada e com frio na barriga. É uma sensação nova e perigosa escondê-lo do mundo, principalmente da minha melhor amiga. Ava me julgaria, então prefiro não falar nada.

Não deveria me apegar, porque sei que, muito provavelmente, assim que

a peça ficar para trás, meus momentos com Callan também chegarão ao fim. Somos como água e óleo: incapazes de se misturar. Vai durar pouco, mesmo assim, me agarro nisso com todas as forças.

Não tenho me sentido mais tão sozinha e perdida desde que meus fins de semana passaram a pertencer a Callan. Passo os longos dias de aula torcendo para que acabem logo, para que o tempo passe rápido e o sábado chegue. Vejo com empolgação os outros estudantes voltarem para suas casas e o internato ficar gradativamente vazio. Quando todos se vão, enfim chega o momento de Callan e eu explorarmos.

Callan conhece a estrutura desse internato como a palma das mãos. Acho que ele quase nunca dorme, porque, à noite, fica fora do dormitório, zanzando por esses corredores como um fantasma. Ele me disse que há muitos segredos no Instituto Valiant e nos arredores da floresta.

Disse que há passagens secretas escondidas, mas, quando pedi que me mostrasse uma delas, o babaca disse: “Se eu te mostrasse, teria que te matar.”.

O mistério e a pequena dose de perigo que seguem Callan onde quer que ele vá podem ser grande parte do motivo pelo qual ele me interessa tanto. Ele me deixa curiosa como se fosse um livro de suspense cheio de enigmas para eu decifrar.

Diferentemente dos outros dias, ele se mostra mais agitado hoje.

Enquanto fico sentada no sofá próximo à janela, com o livro no colo, Callan está na mesa de xadrez, mexendo as peças sem nenhum sentido. Parece um pouco entediado, pra falar a verdade.

— Por que você passa tanto tempo aqui? — pergunta enfim rompendo o silêncio.

Levanto o olhar da página do livro com as letras quase desvanecidas. Encontro Callan sentado na poltrona. Ele está usando a camisa do uniforme, perfeitamente branca, mas um tanto amarrotada. Os punhos estão arregaçados e a gravata pende folgada sob a gola.

Há um contraste evidente entre sua forma de vestir o uniforme do Valiant e a minha, porque estou usando o traje completo: o blazer vermelho, a gravata justa, a saia plissada xadrez. Mesmo aos fins de semana, é obrigatório utilizar o uniforme escolar nas dependências do internato fora dos dormitórios.

Callan, obviamente, não tem muito apreço em cumprir as regras, então essa é mais uma que ele ignora. Neste momento, seus olhos estão fixos nas peças de xadrez que ele manipula pelo tabuleiro.

Fecho o livro, colocando-o na mesinha de centro.

— Bem, não é óbvio? — respondo, arqueando uma sobrancelha. — Gosto de ler.

Estreito o olhar, intrigada, quando Callan puxa um peão das peças pretas e bate contra o rei branco, derrubando-o no tabuleiro de madeira.

— Sabe o que eu acho? — pergunta, ainda sem me olhar. — Que gosta é de fugir.

— O quê?

Callan suspira. Ele ergue a cabeça para me encarar, suas costas recaindo contra o estofado de couro da poltrona. Seus olhos astutos percorrem minha figura ainda sentada no sofá sem entender.

— Fugir desse mundo — explica, maneando a cabeça para indicar o nosso arredor. — Os livros são uma boa escapatória, não são?

Definitivamente.

Os livros me fizeram companhia quando minha mãe começou a adoecer e meu pai se tornou cada vez mais ausente. Quando Leonard estava ocupado e não podia jogar xadrez comigo, enfiava o nariz nos livros e me sentia menos solitária.

Por algumas horas, conseguia esquecer a realidade. Embarcava em mundos distantes e incríveis, que faziam com que eu não quisesse nunca retornar. Esta é a magia da leitura: te permite ser outra pessoa, viver amores extraordinários, embarcar em aventuras épicas e resolver mistérios implacáveis.

Nada é impossível nos livros. E tornam a vida mais suportável.

— Me sinto bem quando leio — resumo, sem saber expressar direito a importância dos livros na minha vida. — São universos mais fáceis de lidar do que este em que vivemos.

— Nem sempre.

— Você também gosta de ler, não gosta? — Me acomodo melhor no sofá. Dessa distância segura, posso observá-lo o quanto quiser. Posso brincar do meu novo passatempo preferido: tentar desvendá-lo. Callan Harkness é o livro de mistérios mais complexo com o qual já me deparei, isso que eu já li a coleção da Agatha Christie e Arthur Conan Doyle de cabo a rabo! — Já te vi saindo daqui algumas vezes.

Quando os alunos se encontram no refeitório para o horário do jantar, Callan nunca está presente. Semana passada, não jantei com todos devido a uma dor de cabeça irritante e, ao cruzar o prédio acadêmico para ir à ala feminina, o vi entrando na biblioteca.

A cada descoberta a respeito de Callan, uma nova peça do quebra-cabeças de mil peças é posta no lugar. E ainda pareço muito longe de chegar até o final. Callan não compartilha muito de si. Nunca mencionou o tio ou confirmou os boatos de que apanha dele. Tampouco tocou no assunto da morte de seus pais ou falou o que pretende fazer quando se formar, na próxima

primavera. Ele tem sorte, em breve se verá livre desses muros e do portão que nos tranca aqui dentro. Terá o mundo inteiro para explorar e poderá fazer o que quiser. Eu, em contrapartida, ainda tenho mais alguns anos pela frente.

Os olhos de Callan adquirem um brilho perverso. Um sorriso oblíquo surge em seu rosto bonito. Ele tem um quê de menino malvado e rebelde que mexe muito comigo. Faz meu coração bater de uma forma desconhecida. De uma forma que só vi em livros.

— Quem disse que eu estava lendo? Há muitas coisas que se pode fazer em uma biblioteca. Ficaria surpresa, anjo. — O tom provocativo de suas palavras deixa implícito algo proibido. Fico imaginando se Callan já trouxe uma garota à essa biblioteca. Se ele a tocou aqui, às escondidas. É um veterano, certamente já fez *coisas*. Acho que estou fazendo uma expressão esquisita, porque Callan ri. — Mas você está certa, eu gosto de livros.

Me remexo no sofá, desconfortável ao pensar em Callan com outra garota aqui. Há todo tipo de boatos percorrendo esses corredores, mas não tem como saber qual deles é real. Qual das garotas que diz que perdeu a virgindade com Callan Harkness fala a verdade?

Ou será que todas elas estão? E são muitas, diga-se de passagem.

Mas Callan não parece dar bola para nenhuma. Ao menos, não publicamente.

Eu não deveria me incomodar com isso. Nunca me importei antes. E, agora, só de imaginar fico irritada.

Ava riria de mim se soubesse disso. Diria que me tornei uma das garotas tolas e patéticas que se apaixonam deliberadamente por um caso perdido como Harkness.

Pigarreio, limpando esses pensamentos da minha cabeça. Não estou apaixonada por Callan. “Ele apenas me deixa curiosa e intrigada”, digo a mim mesma.

— Quais os seus preferidos? — retomo a conversa.

Callan nem precisa pensar antes de responder:

— *O Retrato de Dorian Gray*, *Frankenstein*, *Crime e Castigo*...

Ergo as sobrancelhas.

— São histórias sombrias.

Esses passam longe da minha preferência.

— Aprecio livros que exploram a natureza humana e sua impressionante capacidade de ser monstruosa. — Callan dá de ombros.

Combina perfeitamente com ele, é claro.

Como todo o resto ao seu respeito, também chama minha atenção.

Quero entender o que se passa em sua cabeça. Ter uma parte sua que

mais ninguém tem. Que as outras garotas nunca terão dele.

— Leia comigo — peço, subitamente empolgada com a ideia. —Algo mais otimista e menos pesado, pra variar um pouco.

Espero que ele negue de prontidão, mas Callan é uma caixinha de surpresas. Ele semicerra os cílios, parecendo tão curioso e interessado quanto eu.

— E o que sugere?

Contenho um sorriso.

— *Hmmm...* — Paro para pensar, o olhar vagando pelas estantes abarrotadas de livros à nossa volta. Há tantas opções... — Pegarei um livro para você aqui. Pode pegar um para mim também. E aí, leremos juntos.

Um sorriso verdadeiro ilumina seu rosto.

— Combinado.

Nos levantamos ao mesmo tempo e começamos a percorrer os corredores da biblioteca. É difícil escolher apenas um, há tanta coisa que eu gostaria que Callan lesse. Seria legal conversar sobre as histórias dos meus livros favoritos com ele, saber sua opinião sobre tudo. Ao mesmo tempo, fico ansiosa para saber qual título ele escolherá para mim. “Algo da sua lista sombria”, presumo.

Quando chego aos fundos do segundo andar, me deparo com o grande e antigo armário da seção proibida. Me aproximo, tensa. As portas de vidro permitem a visão dos livros lá dentro. Nenhum deles possui título na lombada, apenas números romanos os classificando em ordem crescente.

Há um enorme e pesado cadeado lacrando-o. Nenhum aluno do Instituto já conseguiu colocar as mãos em um dos livros aí dentro. É mais do que proibido, embora ninguém saiba o motivo. Ava também tem um apreço estranho por coisas que são contra as regras, por isso quer tanto descobrir o que há nesse armário.

Sons de passos na escada interrompem meus pensamentos, e me viro, temendo quem possa ser. Exalo o ar com alívio quando vejo Callan subindo a escada em formato caracol com um livro em mãos.

— Ei, já escolheu o meu livro?

— Ainda não — confesso e volto a admirar a seção restrita. — O que acha que tem ali?

Callan para ao meu lado e segue meu olhar até o imenso armário que vai até o teto.

— Se te contasse, você não acreditaria.

Arregalo os olhos, me virando em sua direção em puro choque.

— Espera, você sabe o que é?

Novamente, Callan dá de ombros como se não fosse nada importante.

— Já ouviu falar das antigas sociedades secretas de Millsdale?

Sociedades secretas? Como aquelas dos livros e filmes?

Nunca imaginei que pudesse haver coisa parecida aqui.

— Não.

— Dizem que existem duas sociedades secretas que comandam este território há mais de um século — cochicha no mesmo tom marcante de alguém que compartilha um segredo. — Os arquivos de uma delas ainda estão aí dentro, mas ninguém pode ter acesso.

Balanço a cabeça, confusa.

Poxa, isso não explica nada, só me deixa mais curiosa. Talvez seja mais uma das histórias e lendas que correm pelo Instituto Valiant e não merecem atenção. Ainda assim, fico em dúvida.

— Como sabe disso?

Callan abre um sorriso sacana e arrogante, e, pela postura, já sei que vai só me enrolar.

— Sei de muitas coisas, anjo. — Ele dá uma piscadela que quase me faz engasgar. Em seguida, se vira e segue para o andar debaixo. — Estou te esperando.

— Qual você escolheu? — murmuro às suas costas, sem conseguir conter a curiosidade.

— Capote.

Consigo detectar o riso travesso em sua voz e reviro os olhos.

É claro. Isso é a cara dele.

Deixo para lá as baboseiras especulativas das *sociedades secretas* e vou até um dos meus nichos preferidos da biblioteca: Jane Austen. Subo a escada de madeira até o topo da estante e apanho *Orgulho e Preconceito*.

É um romance clássico que ainda é capaz de fazer qualquer leitor suspirar apaixonado e deixá-lo ansiando para viver um romance intenso e ardente. O tipo de amor que parece errado, insano e enervante. Capaz de despertar o melhor e pior de você.

Sorrio, satisfeita, e volto lá para baixo.

Encontro Callan sentado no sofá, folheando seu exemplar de capa vermelha. Ele fecha o livro assim que nota minha presença.

— Então, o que tem pra mim? — se anima. Estendo o livro em sua direção. — Jane Austen? É uma garota romântica, Kestrel?

— Talvez. — Dou de ombros, sem jeito, e me sento ao seu lado.

Sem surpresa, Callan me entrega sua escolha para mim: *A Sangue Frio*, de Truman Capote.

Na mesma hora, começamos a ler.

Enquanto ele permanece sentado de frente, os braços apoiados nas pernas

e o rosto levemente inclinado para baixo, absorto na leitura, retiro os sapatos lustrosos e me sento de lado, com as costas apoiadas no braço do sofá.

É difícil preferir ler a admirar a visão de Callan Harkness concentrado e com um livro nas mãos. Com sua presença tão perto que posso sentir seu calor, ouvir o ritmo profundo de sua respiração e inalar o cheiro de seu perfume importado.

Ainda assim, me esforço.

Em algum momento, Callan decide puxar meus tornozelos para que eu repouse os pés em seu colo e não diz nada, faz isso como se fosse algo natural entre nós, e continua imerso na leitura.

Horas se passam e permaneço sem fôlego.



Avalio a composição formada pelo vestido rosa-claro cintilante de gola clássica, o colar dourado da minha mãe em meu colo por cima do tecido, a meia-calça cujo tom é mais claro que o da minha pele e as sapatilhas brancas lustrosas. O conjunto da obra, visto através do meu reflexo no espelho, me parece satisfatório. Por fim, escolho deixar meus cabelos avermelhados presos por um laço.

Pareço uma boneca de pano e me incomodo com tal associação. Meu pai, por outro lado, vai adorar. Tenho plena consciência de que é estranho — e evidentemente patético — que, à essa altura, eu ainda busque agradá-lo. Nosso vínculo afetivo é tão translúcido que chega a ser quase inexistente, e há uma mágoa profunda que mantenho escondida dentro de mim.

É uma situação odiosa, mas não posso evitar o ressentimento latente pelas escolhas de Mason Kestrel. Por ter mandado minha mãe de volta à França, por ter me enviado para este internato que mais parece uma prisão, um castigo para jovens ricos e rebeldes cuja existência incomoda seus progenitores.

E, apesar de tudo isso, cá estou: ansiosa para passar, depois de muito tempo, o domingo na minha própria casa. Desesperada para ser a boa filha que meu pai tanto deseja e encenar a boa educação que me foi transmitida enquanto sou apresentada à namorada do meu pai e ao filho dela, que ocupará o cargo de irmão postiço caso nossas famílias venham a se unir.

Nunca me imaginei tendo um irmão — ou uma madrasta, para ser sincera. Não sei o que pensar a respeito e presumo que não tenha escolha. Se meu pai decidir que a família Kestrel vai aumentar, assim será.

Treino a versão do meu sorriso mais brilhante e cativante e, assim que o

relógio na parede bate às onze da manhã, saio do quarto. Estou doida para encontrar Leonard me esperando lá embaixo, pronta para respirar o ar puro fora desses muros e me sentir normal e querida novamente.

Assim que coloco os pés no corredor, porém, me deparo com Callan. Ele tem um livro em mãos, e os cabelos bagunçados e olhos sonolentos de quem acabou de acordar. Sua aparência parece meio desleixada, de um jeito único e encantador.

É atraente e faz meu coração disparar loucamente.

— Vai a algum lugar? — pergunta ele assim que seu olhar recai sobre mim. Suas íris cor de âmbar quentes sobem e descem ao me perscrutarem.

— Para casa, na verdade — comento de uma forma mais otimista do que deveria. — Vou almoçar com minha família.

Suas sobrancelhas espessas e escuras se levantam, e noto a decepção inundar seu olhar.

— Oh. — Acena com a cabeça, assimilando. — Íamos ensaiar hoje.

— Eu sei, acabei esquecendo de te avisar.

O tom de lamento em minha voz é evidente e quase peço desculpas por mudar nossos planos. Por abandoná-lo aqui sozinho de novo, depois de já termos uma rotina estabelecida para os fins de semana.

— Certo. — Ele anui com a cabeça uma vez e dá um passo para trás. Parece mais do que decepcionado, magoado. E um pouco irritado, talvez. — Bom almoço com a sua... *família*.

Seu tom de voz é um tanto desdenhoso. Balança a cabeça, me olhando de cima a baixo similar a Soren Deacon e sua Tríade quando olham para mim e Ava. Com desgosto e asco.

Engulo em seco e permaneço parada, observando feito uma tola Callan girar sobre os tornozelos e sumir corredor afora. Olho ao redor, checando se alguém flagrou mais uma de suas infrações. Se Trudy o pegar vagando pela ala feminina, Callan será mandado para a detenção por um mês. Ou suspenso de novo.

E mais tempo em casa para ele significa estar propenso às violências propagadas por seu tio, o tutor que deveria cuidar dele.

— Ainda podemos ensaiar mais tarde — digo às suas costas para contornar a situação.

— Talvez, anjo — murmura, partindo para longe. — Talvez.

Suspiro, sentindo toda minha empolgação ser substituída por frustração e culpa. E irritação também, sem dúvidas.

Mas não posso deixar isso estragar meu dia. Preciso estar fisicamente presente no almoço dos Kestrel, mesmo que minha mente e coração ainda

estejam presos aqui, com Callan.

Não é uma viagem longa de volta à mansão Kestrel, no coração do distrito de Rotherdam. A paisagem outonal é deslumbrante, de tirar o fôlego. As cores terrosas dominam os arredores, em tons de laranja-queimado e verde-musgo nas árvores que lentamente perdem suas folhas. Muitas casas já surgem decoradas para o Halloween, mesmo que ainda falte uma semana para a data.

Já ouvi boatos o suficiente sobre as peças e brincadeiras de mau-gosto que os veteranos do Valiant pregam durante o Halloween para não estar nem um pouco ansiosa para este fatídico dia. Os meninos ricos e de boa família de Rotherdam se safam de praticamente tudo, então não possuem nenhum limite.

São cruéis, especialmente Deacon e os amigos.

A casa do meu pai, lugar onde eu deveria encarar como meu refúgio seguro e querido, não está decorado para as festividades do último trimestre do ano — o que não é, de forma alguma, novidade. Nossa casa se tornou vazia e gelada desde que minha mãe partiu. Não é mais um lar há muito tempo. Não parece vivo, muito menos aconchegante.

Leonard me leva para dentro, e, no caminho, cumprimento alguns dos empregados. O cheiro da comida preparada pela equipe de cozinheiros paira no ar conforme percorro os corredores, procurando minha suposta família.

Paro, contudo, quando passo pela sala de estar, percebendo que tem algo muito errado. No imenso espaço acima da lareira, não há mais o retrato dos Kestrel. Na fotografia em questão, meus pais e eu posávamos para a foto perto dessa mesma lareira. Eu tinha uns dez anos e estava tão feliz que meus olhos brilhavam. O sorriso da minha mãe iluminava tudo em volta.

E agora ele se foi. No lugar, há uma pintura de natureza-morta na mesma moldura escura. O último vestígio de vida e o único vínculo familiar que ainda possuía com esta casa desapareceu.

Um gosto amargo mancha meu paladar. Me arrependo de não ter permanecido no internato. Ao menos lá eu passaria o dia tocando piano e lendo na companhia de Callan Harkness, sem que a vida real aqui de fora me fizesse sentir como um peixe fora d’água.

Suspiro, encarando aquela pintura e me sentindo tão morta quanto ela.

— Por favor, me diga que odeia esses eventos tanto quanto eu. — Uma voz desconhecida soa atrás de mim.

Me sobressalto e me viro no mesmo segundo.

Há um rapaz parado a alguns metros, o ombro escorado no arco de mármore do portal que divide a sala. É alguns anos mais velho, provavelmente já está na faculdade. Seus cabelos são castanhos e encaracolados, e a pele é meio bronzeada. Há um brilho divertido em seu olhar.

Ele usa bermudas, tênis de corrida e casaco de moletom. É totalmente diferente do tipo de vestimenta que se esperaria encontrar nessa casa. Já me faz gostar dele logo de cara.

— Cá entre nós...? Sim, sem dúvidas — murmuro, como se estivesse revelando um segredo.

Ele sorri e vem até mim.

— Sou Sebastian, seu candidato a irmão postiço — se apresenta, ainda sorrindo de forma descontraída. — As pessoas legais me chamam de Bash.

Então é ele. Definitivamente, não é o que eu esperava. E gosto disso.

— Meu pai me falou de você. Disse que estava viajando pelo Leste Asiático.

— É verdade. — Bash coloca as mãos nos bolsos. — Visitei lugares tão incríveis que você não acreditaria que existem.

— Trabalha com ele? — investigo, franzindo o cenho. Meu pai gosta de seriedade, tradição e pragmatismo. Minha intuição diz que Sebastian não dá a mínima para esses valores. — Mason, quero dizer.

— De certa forma, sim. Acho que Rotherdam inteira trabalha junta, dependendo do ponto de vista. Todos aqui fazem parte do mesmo círculo — ele faz uma careta ao dizer isso.

— Não parece gostar muito disso.

— Bem, minha mãe fala que devemos fazer o necessário agora em busca de objetivos maiores e melhores no futuro.

— Você acredita nisso?

— Nem por um segundo — admite, abrindo um grande sorriso travesso.

Não consigo evitar sorrir também.

— Eu entendo bem disso.

Engolir nossas vontades para fazer o que precisamos e o que se espera de nós, essa foi uma das primeiras lições que recebi na vida. Meu sobrenome exige responsabilidade e desperta expectativas.

— E quanto a você? — pergunta. — Quais as expectativas para o futuro?

Penso a respeito. Há muita coisa que eu gostaria de fazer, mas que sei que nunca poderei. Já me conformei com isso há algum tempo. Faz parte de ser um Kestrel.

— Bem, acho que vou acabar seguindo os passos do meu pai: cursar direito e me tornar juíza. — Dou de ombros, resignada.

Seria divertido me dedicar às artes, como mamãe fez. Às vezes, penso nisso, embora saiba que seja impossível. Meu pai nunca permitiria.

O humor some do rosto de Bash, e ele se inclina na minha direção.

— Se quer um conselho: fuja. Às vezes parece que não temos escolha.

Que nascemos com o futuro definido por sermos quem somos. Mas não deixe que isso te engula. Você merece mais.

Franzo o cenho, tentando desvendar o significado por trás das suas palavras, com uma sensação de que há algo a mais que ele não está contando. Algo que o incomoda muito. Dá pra ver em seu rosto que não está satisfeito como quer transparecer.

— E por que não fugiu? — questiono, sem conter a curiosidade.

— Não tive tempo.

Ele dá um sorriso triste, me instigando a querer saber mais de sua vida. Se vamos ser uma família, precisarei conhecê-lo.

Pigarreio, me endireitando e voltando ao presente.

— Deveríamos nos juntar aos outros antes que percebam nosso sumiço.

Faço menção de seguir até a sala de jantar, onde presumo que nossos pais estejam, mas sua voz soa novamente.

— Ei, Sloan — chama e me viro para fitá-lo. — Não somos irmãos realmente, mas ainda podemos ser amigos. O que acha?

Não tenho amigos. Exceto Ava. Não sei se posso considerar Callan um, mas bem eu gostaria. Gostaria de ir além, para ser bem honesta, mas nunca terei nada dele além de seus finais de semana em segredo. Nem tenho certeza se que ele quer pelo menos ser meu amigo.

Por outro lado, Bash e eu nos daríamos bem. Pensei que encontraria um almofadinha engomado, desesperado para agradar meu pai e fazer parte do nosso mundo. Alguém que fosse ainda mais falso e mascarado do que eu.

Sebastian, porém, parece honesto, o que é bem raro de se encontrar em Rotherdam hoje em dia.

— Um amigo seria bom — confesso.

— Combinado então. — Ele me lança uma piscadela cúmplice. — Pode contar comigo.

20

S L O A N

Eu caí por sua causa
Eu deveria mesmo saber, meu amor, que você nunca me salvaria
Eu caí por sua causa
Como eu poderia saber que seu toque acabaria comigo? Estamos enlouquecendo
Se eu devo mesmo morrer por você
Vou me certificar de que eles te encontrem com sangue nas mãos
Blood on Your Hands – Veda, Adam Arcadia

ESTOU PRESTES A ENCONTRAR meu pai pela primeira vez desde que descobri seus segredos sujos, por isso minhas mãos estão suando. Não vou apenas confrontá-lo, também precisarei mentir que quero me envolver nos negócios da Ordem.

Essa é a única forma de conseguir acesso ao tipo de informação que os Corvos exigiram de mim.

Temo que Mason perceba a mentira assim que colocar os olhos em mim. Imagino que a última coisa que ele espera agora é que eu esteja disposta a ingressar na sociedade secreta que assassinou minha melhor amiga e colocou minha vida em risco naquele incêndio.

Assim sendo, preciso de um bom argumento para ter mudado de ideia depois do meu nada discreto gancho de direita na cara cínica de Soren Deacon.

É estranho passar pelos portões da mansão Kestrel depois de tantas revelações tenebrosas. Eles se abrem para mim assim que meu carro se aproxima, como sempre, e conforme percorro o caminho até minha vaga, perto do jardim da minha mãe, sinto minhas mãos escorregarem do volante com o suor do nervosismo.

Mentir e manipular parecem valores importantes no submundo dessas sociedades secretas, seria minha especialidade se tivesse sido criada nesses moldes. Só preciso colocá-los em prática e não seria difícil se não se tratasse de enganar minha própria família. Como vou conter toda a mágoa, raiva e decepção que está espiralando dentro do meu peito há dias quando olhar na cara de Mason?

Respiro fundo antes de saltar do carro para acabar com isso. Não há outra saída.

O salto das minhas botas faz barulho contra a trilha de pedra que leva até

a porta da frente. Antes que eu bata, ela se abre, revelando Leonard.

— Senhorita Sloan, seu pai vai ficar muito feliz em vê-la.

"Aposto que sim", penso comigo mesma.

— Onde o encontro, Leonard?

Ele é apenas mais um dos guarda-costas do meu pai. Não tem culpa de trabalhar para homens com negócios como os de Mason, mas, mesmo assim, me ressinto dele. Acho que, à essa altura, me ressinto de todo mundo que nunca teve a decência de me dizer a verdade.

— Na sala de estar, senhorita.

Anuo com a cabeça e dou o passo à frente que me leva para o interior da casa. Tudo aqui é tão familiar e desconhecido ao mesmo tempo. Passo pelas fotografias e as decorações a passos largos, como se estivesse fugindo. Esse ambiente se tornou pesado e agora parece me esmagar.

— Querida? — A voz grave do meu pai surge assim que chego no fim do corredor.

Mordo o interior da bochecha, me esforçando para ignorar a sensação ruim que me causa, e ergo a cabeça, encontrando-o sentado na nossa mesa de xadrez perto da janela. Em sua mão há um copo cheio do que suponho ser conhaque.

Ele parece exatamente igual e apático. Sem nenhum sinal de preocupação, medo, raiva ou qualquer outro sentimento humano em suas feições.

— Oi, pai.

Atravesso a sala e vou até ele, a contragosto.

Um sorriso surge no canto de sua boca fina, e ele se reclina contra a poltrona.

— Sabia que você viria em algum momento — afirma, satisfeito, mas logo acrescenta: — Quando estivesse pronta.

Acho que nunca estaria pronta para essa conversa, mas não retruco. Em vez disso, alterno meu olhar para o tabuleiro de xadrez.

Meu pai e eu estamos jogando essa partida há algum tempo, desde que voltei para Millsdale. Minhas peças brancas começaram em desvantagem e logo viraram o jogo.

— Xeque-mate em seis rodadas — digo, fazendo-o sorrir ainda mais.

— Por qual peça?

— Em duas rodadas você vai me tirar uma torre, mas a outra vai para o mate.

— Excelente — avalia. — Você sempre foi tão boa em tudo o que se propõe, Sloan. Igualzinha a mim. Tenho orgulho de você, querida.

Me afasto do tabuleiro e, consequentemente, dele. Me viro e vou até o minibar, enchendo um copo com uísque puro. Torço para que o álcool me ajude nessa conversa.

— Já deve saber que descobri tudo.

— Foi o que me disseram.

Soren e James, provavelmente.

— Não deveria ter mentido para mim.

Tomo um gole da bebida, sentindo-a descer rasgando pela garganta. Atrás de mim, meu pai suspira.

— Eu amava sua mãe, sabe? Ela não se encaixava no nosso mundo por muitos motivos. Assim como você, tinha o temperamento muito forte, era geniosa. Theresa nunca fugia de um desafio, não se acovardava. Eu a admirava por isso, mas ela me odiava. Nunca imaginei que fosse possível sentir amor e ódio, ao mesmo tempo, pela mesma pessoa. Mas sua mãe me provou que eu sabia muito pouco sobre a vida. — Sinto meus olhos marejarem com a mera menção da minha mãe, e um nó se aloja na minha garganta. Comprimo os lábios antes de abri-los e despejar um pouco mais de uísque para dentro. — Ela odiava o que eu fazia e quem eu era, mas ela amava você mais do que qualquer coisa. Queria um futuro diferente para você, Sloan.

A pior parte — talvez a mais dolorosa — é que consigo ver tristeza, arrependimento e *amor* no seus olhos. A apatia se foi, dando lugar à nostalgia e carinho, um resquício do homem que sempre acreditei que fosse, que deixou de existir no momento que descobri qual era seu trabalho de verdade.

— Bem, parece que o desejo dela não foi cumprido — lamento, baixando o copo vazio de volta para o minibar de vidro.

— Na verdade, foi — discorda ele, se levantando. — Antes de ser internada na clínica em Paris, Theresa teve um momento de lucidez. Ela sabia que você deveria seguir a tradição dos Kestrel e se juntar à Ordem. Este é o seu destino, uma honra para todos os legados. Infelizmente, ela não entendia isso. Me pediu para que, ao menos, eu esperasse até você completar dezesseis anos antes de despejar todas as responsabilidades em seu colo. Mas então houve o incêndio e tudo mudou.

Me viro para olhá-lo diretamente.

— Mas não foi apenas um incêndio, não é? Eu vi o que há no cofre. A prova de que Ava foi assassinada.

— Sinto muito por isso, foi preciso...

— Foi preciso matar uma garotinha em prol de uma ordem secreta — concluo. — Como pôde esconder isso de mim, mentir para mim, mesmo quando sabia o quão destruída e arrasada eu estava? Me fez acreditar que estava

neurótica e obcecada.

— Eu sei e peço desculpas, mas não podia te contar na época, Sloan. Você estava muito vulnerável, não era o momento certo.

— Acho que o momento certo nunca chegaria. Ia mentir para sempre.

Mason suspira, infeliz.

— Gostaria de preservar minha garotinha o máximo que podia.

— Mas acabou, não é?

— É, acabou — confirma.

Balanço a cabeça devagar, assimilando.

Este deveria ser o momento em que juro ao meu pai que, nem morta, seguirei seus passos. O momento em que lhe dou minhas costas pela última vez e passo pelas portas dessa casa para nunca mais voltar, porque não o perdoo. Só de cogitar a possibilidade, lembro automaticamente de todo o inferno que passei nos últimos anos por causa dele e de seu maldito egoísmo. Não posso perdoá-lo de jeito nenhum.

Aquela noite me mudou para sempre. Me transformou em alguém vazio por dentro. Eu a revivo a cada dia que passa, e, toda vez, uma parte de mim morre por causa disso.

Mas, em vez de vomitar tudo isso, de colocar para fora pela primeira vez, preciso engolir essas verdades. Preciso negar meus instintos e seguir com o plano.

— E agora?

Meu pai parece aliviado quando não vou embora num rompante. Ele se aproxima com cautela.

— Agora temos que fazer jus ao tempo perdido. A Ordem precisa de você, Sloan. E sei que você também precisa de nós.

— Preciso?

— Sei que já menti muito para você, querida, mas precisa acreditar nisso agora. — Mason faz uma pausa. Seus olhos me encaram fixamente com algo que vai além da convicção, ele se aproxima em mais alguns passos. — Callan Harkness planeja te matar. Acho que ele esteve planejando isso desde aquela noite há oito anos. Ele quer vingança e vai até o fundo do inferno para consegui-la. Acreditei que o rapaz seria diferente do crápula do pai, mas o fruto nunca cai muito longe da árvore, suponho. Você está no topo da lista de Harkness. Quando ele eliminar todos os outros herdeiros Grifos, ele vai te caçar. Está guardando você para o final, para saborear o momento.

Eu poderia acreditar nisso se já não tivesse feito um acordo com Callan para poupar a mim e minha família. Seu interesse é me usar. Não ganharia nada me matando.

— Por que acha isso?

— Porque ele faria qualquer coisa para nos atingir e você sempre esteve ligada a ele, de um jeito ou de outro. Você é o futuro dessa Ordem, e ele sabe disso. Vingança não é lógica ou racional, Sloan.

Acho que meu pai nunca imaginaria que os planos de Callan, na verdade, envolveriam me usar como agente dupla. Ao menos ainda tenho essa vantagem.

— Soren é quem deve se preocupar.

Mason dá uma risada prepotente.

— Ele nunca conseguirá chegar perto de Soren.

É o que veremos.

Mason dá uma olhada no relógio de pulso e arregala os olhos.

— Tenho que ir, querida, tenho uma reunião daqui a pouco. Eles já devem estar me esperando no escritório inclusive. Terminamos essa conversa mais tarde?

Me forço a anuir.

— Claro.

— Perfeito!

Mason deixa o copo na primeira superfície plana que encontra e passa reto por mim.

— Pai? — chamo, franzindo a testa. Ele se vira para me olhar.

— Sim, querida?

— Não minta mais para mim. Se vou fazer parte disso, preciso saber o que está acontecendo.

Ele nem mesmo hesita.

— Prometo não mentir mais.

Meu pai dá um sorriso antes de sumir no corredor, mas, mesmo depois que ele se vai, a sensação de que ele acabou de contar mais um mentira permanece, fazendo meu peito apertar.

Suspiro e olho ao redor, pelas paredes decoradas suntuosamente e móveis caros que ostentam luxo e bom gosto. É difícil não ver a presença da minha mãe em cada canto daqui. Ao menos não é apenas a mim que ela assombra, mas também Mason.

Um miado me desperta, e procuro Perseu por entre a mobília. Bash o levou para Nova York em sua viagem, então a presença do gato também significa que meu irmão está de volta.

Preciso falar com ele.

Ainda tenho medo de envolvê-lo, mas ele precisa saber o que está acontecendo. Duvido que sua mãe não saiba, mas Bash quase nunca para em casa. Sua vida é viajar pelo mundo, e, além disso, não acho que Mason o

deixaria a par dos negócios da Ordem. Preciso desesperadamente compartilhar isso com meu irmão, ao menos para desafogar meu peito desse aperto insuportável.

— Oi, meu amor. — Me abaixo assim que Perseu surge de trás de uma das pernas da cadeira no canto do cômodo.

Sua pelagem cor de ébano brilha, e ele vem até mim para se esfregar em meus tornozelos com manha.

— Também senti saudades, parceiro.

Acaricio sua cabeça, e ele fecha seus olhos de esmeralda para ronronar, inclinando-se na direção do afago.

Queria poder levá-lo comigo para o alojamento estudantil, embora animais não sejam permitidos. Essa é uma regra que eu quebraria com prazer. Perseu sempre conseguiu fazer com que eu me sentisse menos solitária.

Me levanto, inquieta.

Talvez Bash esteja na casa da piscina.

Estou prestes a fazer o caminho até lá quando paro. Vejo de soslaio a porta do escritório do meu pai, no fim do corredor. Ela parece me chamar.

Quais a chances de Mason estar em uma reunião dos Grifos agora?

Essa pode ser minha chance de descobrir mais — qualquer coisa — sobre eles.

Mudo de rota e vou até lá a passos lentos, como se pudessem ouvir minha aproximação. Perseu vem atrás de mim, parecendo tão curioso quanto eu. Checo se não há a presença de nenhum segurança ou empregado antes de colar minha orelha na superfície gelada da porta.

Num primeiro momento, não consigo ouvir nada, mas então capto uma voz masculina desconhecida e abafada do outro lado.

— Acreditem ou não, foi bem fácil — o homem diz. — O prefeito de Portland praticamente financiou duas pistas clandestinas para nós na fronteira do estado. Só no Oregon, já temos quase trinta.

— Os russos podem chupar meu pau se acham que possuem tanta influência e credibilidade dentro da política — outro, com uma voz rouca que me causa arrepios, complementa.

— E quanto a imprensa? — Dessa vez é a voz do meu pai que soa. — Já devem ter notado e estranhado o surgimento dessas pistas de pouso, especialmente nas áreas de reserva e proteção ambiental. Sem falar nas novas movimentações em praticamente todos os portos da costa leste.

— Foda-se a imprensa — o de voz rouca, que com certeza pertence a um fumante assíduo, retruca. — O que importa é que não consigam nos rastrear.

— Se nossos negócios levantarem suspeita, por quem quer que seja,

estamos ferrados, Wargrave. A Sociedade não é nossa única preocupação.

"Cyan Wargrave", presumo.

Ele consta na lista dos mais procurados do estado de Washington, acusado de uma lista de crimes mais comprida que o Empire State. Um bandido da pior estirpe, um traficante poderoso que comanda gangues em todas as capitais estaduais deste lado do país. Fugiu da cadeia há alguns anos, mas, mesmo quando estava preso, foi responsável pelo massacre de uma máfia rival e de uma dúzia de policiais da operação que estava investigando os outros criminosos ligados a ele.

Mas não é isso o que me choca realmente. O que me faz engasgar com minha própria respiração é o fato de ele estar na minha casa, em um escritório com Mason Kestrel, o juiz responsável por sua condenação em uma sentença de sessenta e cinco anos.

Se antes havia alguma dúvida de que meu pai seria um mentiroso, corrupto e manipulador, agora não há mais.

E, se eles estão falando sobre pistas e portos clandestinos ao longo da costa, tenho certeza de que é para facilitação da entrada e saída de mercadorias ilegais, como é da alçada de Cyan. Drogas pesadas devem ser apenas uma das coisas que estão sendo traficadas por ele com a ajuda de homens tão grandes e poderosos como meu pai.

— Bem, é a minha — Wargrave discorda.

— Os grandes conglomerados de mídia nunca se virariam contra nós — o terceiro homem afirma, provavelmente direcionado à preocupação do meu pai. — O resto não tem a mínima credibilidade, então não importa.

— Rayworth ainda vai se encontrar com Houton para as negociações da exportadora na semana que vem? — meu pai pergunta.

Meu corpo se enrijece, e fico atenta. É exatamente isso que Callan quer saber. Não reconheço esses dois nomes, mas não acho que será difícil encontrá-los. Especialmente para os Corvos.

— Não — o homem cujo nome ainda não sei responde. — Ele precisa ser meu correspondente em Taiwan. Não posso abrir mão disso.

— Vocês são patéticos. — Wargrave dá risada. — Parece que ainda não perceberam o que está em jogo aqui. Caso ainda não esteja claro, não dou a mínima para o que vocês fazem durante o dia, quando estão brincando de realeza americana. Estou pouco me fodendo para seus investimentos corporativos que valem fortunas. Eu quero minha mercadoria saindo daqui até a próxima sexta-feira, como prometeram. Já disse, não fodam comigo que eu não fodo com vocês, é bem simples.

Mas, quando a voz de um quarto homem soa, sinto as forças se esvaírem

das minhas pernas e preciso me segurar na parede para não desabar no chão.

— Posso me reunir com Houton hoje e acompanhar o embarque da mercadoria na próxima quarta-feira. — É a voz melodiosa e inconfundível de Sebastian que propõe, me embrulhando o estômago. — Ninguém me conhece lá, minha presença não levantará suspeitas. Tudo ainda correrá conforme o plano.

— Perfeito! — Wargrave diz, satisfeito.

Não consigo ficar nem mais um segundo aqui, ouvindo esses homens negociarem tráfico de material ilegal casualmente como se estivessem discutindo sobre ações na bolsa de valores. Não consigo suportar a ideia que *meu irmão* não apenas aceitou isso, mas está participando.

Ele não apenas mentiu para mim, mas me traiu. Traiu tudo o que acreditávamos, nossos valores e princípios.

E, assim, Sebastian me tira o chão.



Está nevando.

Os flocos brancos e macios caem preguiçosos do céu, pousando sobre as árvores e canteiros do imenso jardim da mansão. Ainda há muito pouca neve para cobrir as superfícies com seu manto gelado, mas o mero indício da aproximação do inverno me faz tremer.

Nunca gostei do frio, acho que porque me lembra dos dias solitários e intermináveis em que passei presa naquele internato, vendo a vida acontecer através das janelas das torres. Passava horas a fio apenas assistindo à neve cair e tornar o mundo externo tão monocromático quanto o mundo que eu conhecia do lado de dentro dos portões do Instituto Valiant.

Eu estabelecia metas, me agarrava à esperança de um futuro diferente, melhor. Um futuro em que eu conheceria a sensação de plenitude sobre a qual apenas ouvia os outros internos falarem. Quando tudo voltaria a ser como era antes. Antes do meu pai se tornar um viciado em trabalho e da minha mãe esquecer a própria identidade. Quando poderíamos ser uma família normal e feliz de novo.

Me sinto presa atrás daqueles muros antigos e salas vazias de novo agora. Completamente sozinha, perdida e aterrorizada. Sem ter como fugir, como enxergar qualquer vislumbre de normalidade ou esperança.

Acho que esse é algum tipo de ponto-final sobre o qual apenas li em livros. É o limite impossível de ser cruzado ou desafiado.

Não há nada além deste lugar. Nada mais que eu possa esperar ou buscar.

A partir daqui, só existe frio, vazio e escuridão.

Ouço passos no corredor, mas não me movo. Nem mesmo quando eles adentram na sala de estar em silêncio e a névoa da colônia barata de Sebastian, que ele usa só para me irritar, atinge meu olfato.

— Se lembra daquele dia há oito anos? Quando nos vimos pela primeira vez? — digo, ainda observando a neve com um saudosismo que me faz querer me enterrar na primeira vala funda que achar. — Foi antes de tudo mudar. Só conseguia pensar em como estava feliz, porque provavelmente meu pai casaria com sua mãe e eu ganharia um irmão gentil, generoso e engraçado. Mais do que isso, ganharia um amigo. Alguém com quem sempre poderia contar. Alguém que sempre seria honesto comigo.

A memória é tão viva que quase a sinto pulsar dentro de mim. Quando conheci Sebastian, pensei que, enfim, não seria mais tão sozinha. Que teria alguém para compartilhar todo o peso dessa família comigo.

Que criança ingênua eu fui.

— Maninha — Sebastian chama com preocupação, sem responder à minha pergunta. — Você está bem?

Me viro apenas para poder olhar em seus olhos cínicos e mentirosos.

É o mesmo Bash de sempre, o que torna tudo ainda mais nauseante. Não é um criminoso, um monstro, uma sombra... *É o meu irmão.* O rosto mais confiável do mundo, o que deve ter sido muito útil para esconder quem ele é de verdade, por dentro. E o que ele faz.

— Eu pareço bem, Sebastian? Pareço bem sabendo que não conheço ninguém que pensava conhecer? Estou bem em me encontrar totalmente sozinha, porque todos que amo mentem para mim?

Bash suspira, os ombros caindo e a mágoa reivindicando seu semblante.

— Quando descobriu?

— Se refere à Ordem? Porque acho que foi quando os Grifos me sequestraram e me ameaçaram. Foi também quando percebi que estavam acobertando a morte da Ava. — Dou de ombros. — Mas, sobre você, soube apenas há vinte minutos, ao te escutar negociando com a porra de um monstro bem debaixo do teto da nossa casa!

Vejo minhas palavras o atingirem como se fossem projéteis cheios de pólvora, mas, ainda assim, não acredito. Não acredito no remorso que passa a estampar seu rosto.

— Eu sinto muito, Sloan — lamenta, vindo até mim. — Juro por Deus que queria te contar. Sua mãe nos fez prometer que você não saberia de nada até estar pronta.

— E quando, exatamente, eu estaria pronta para saber que faço parte de

uma família de bandidos?

— Não é assim.

— E como é? Me diz, porque estou desesperada por qualquer maldita resposta.

Sebastian leva as mãos à cabeça e começa a andar aflito de um lado para o outro. Sua respiração descompassada é audível e me deixa agoniada. Não sei se fico para ouvir ou se vou embora e corro para o mais longe possível dessa cidade.

— Minha mãe passou anos nas mãos de William Deacon — diz, fugindo do meu olhar como se pudesse queimá-lo. — Ele ameaçava a família dela, *me ameaçava*, para que trabalhasse para ele. Acho que o filho da puta era obcecado por ela, porque minha mãe era a única que não dava a mínima para ele, seu poder ou sua fortuna. Ela achou que a única forma de se proteger dele era se casando com alguém que ele nunca poderia atacar.

— Meu pai — concluo, com o mesmo desgosto que escorre de suas palavras.

— Mason tem sangue legítimo dos Grifos, mas isso ainda não *me protegeria*. Então, ela convenceu William a me deixar participar dos negócios, mesmo nunca podendo ser um legado, eu ainda poderia ser um aliado valioso. Ele me treinou e me educou, me incluiu na Ordem. Era a forma da minha mãe me manter a salvo dele, para que William não se virasse contra mim um dia.

— Então aqui você está! — observo, sem mascarar o ressentimento.

Ainda que seja diferente da história de como os Kestrel estão na Ordem, no fim dá no mesmo. Há a linhagem daqueles que já nascem sentenciados a essa vida, a esse poder corrosivo e ganancioso que pinta de sangue tudo o que toca, e há aqueles que foram tragados para essa tragédia e agora não podem mais se desvencilhar.

Acho que é nessa segunda categoria que Jocelyn, Bash e a família de Ava se enquadram. É um caminho sem volta, uma escuridão sem nenhuma possibilidade de luz.

Sebastian se vira, e, enfim, seus olhos verdes encontram os meus.

— Acredite, Sloan, se não fosse por sua mãe, essa teria sido sua vida também.

Eu sei e isso me faz sentir uma impostora. Sou algo que nem fazia ideia do que era. Nem sequer sabia da existência. Meu sobrenome agora só consegue me causar repulsa. Tenho vergonha dele. Quero tirá-lo de mim, apagá-lo da história.

Mas como alguém concebida em meio à tanta maldade e deturpação poderia ser diferente? A vida na qual nasci é uma sentença irrecorrível, e todos já

deixaram isso claro. Não tem como fugir ou lutar contra.

Sou parte disso tanto quanto isso é parte de mim.

E não sei no que isso me torna.

— Podia ter me contado, *me preparado* — insisto.

— Não era o que Theresa queria. Você não merecia isso. Acho que, a cada dia que passava, torcia para que seu pai encontrasse uma forma de te poupar de todo esse inferno. Deveria ter permanecido em Paris, maninha.

— É o que parece — murmuro.

— Escuta, você já era minha irmã muito antes de nossos pais se casarem e você *sempre* vai ser. Eu tomaria para mim o fardo dessa vida mil vezes para te proteger disso aqui.

— Mas você não pode. Nunca pôde, na verdade.

Seu olhar cai para o chão.

— Me desculpe, Sloan, por favor.

A honestidade em sua voz parte meu coração em milhares de pedaços. Sinto sua dor e sei que ele não pode fingir isso. Eu o conheço como a palma da minha mão, e ele não costuma demonstrar seus sentimentos dessa forma.

Mas não posso perdoá-lo. Não agora.

Quando vejo através dele, só enxergo mentiras. Mentiras e uma parte do meu irmão que nunca conheci.

Sebastian volta a me encarar, mas dessa vez com súplica. Implorando em silêncio.

— Sinto muito, mas não posso.

Ele anui, sem insistir. Nem tem a chance, porque passo por sua figura inerte, mesmo com o coração sangrando despedaçado, e vou embora.

21

SLOAN

Eu não quero esperar por você, mas você me faz querer ficar
Eu nunca estive tão confusa
Mas eu gosto disso de uma maneira fodida
You — Sidi

QUANDO FINALMENTE ENTRO na catedral de St. Lazarus, bato as mãos contra o tecido da minha camisa de seda, me livrando da poeira e das teias de aranha que grudaram nela enquanto percorria os túneis intermináveis sob Millsdale para chegar à sede dos Corvos sem ser notada — especialmente pelos Grifos.

Odeio me locomover por aquelas malditas catacumbas, mas não tenho outra opção. Meu pai acha que estou a um passo de me aliar à Ordem, e, se ele ou Soren descobrir que estou secretamente envolvida com os Corvos, o plano todo vai por água abaixo. E não quero nem pensar no que Callan vai fazer caso isso aconteça.

Assim que penso nele, me recordo da sua última mensagem, que fiz questão de ignorar. “Quero a informação sobre as docas o quanto antes. Seu tempo está se esgotando. Lembre-se do juramento e blá-blá-blá.”

Bastardo autoritário.

Como se eu precisasse ser lembrada de que estou há uma semana com uma faca no pescoço e provavelmente vou continuar assim até o fim desse acordo nojento.

Mas ele está certo. Meu tempo tá acabando. Se não aparecer com a informação sobre o dia em que as drogas de Cyan Wargrave partirão do porto de Millsdale e quem será o Grifo responsável por elas, estou fodida.

E, considerando que amanhã é a quarta-feira e que o responsável será meu irmão, minha situação é bem ruim.

Os Corvos não precisaram me dizer com todas as letras o que vai acontecer, mas tenho uma única certeza: haverá derramamento de sangue. E não posso aceitar que Sebastian fique na mira dos Corvos e da máfia russa.

Talvez a lealdade à minha família, apesar de eles não merecerem minha preocupação, seja o defeito que me levará à ruína, mas não consigo simplesmente desligar tudo o que sinto por eles, sobretudo por Bash. Ele é mais que meu irmão, é meu melhor amigo, a pessoa mais importante da minha vida.

Sua traição dói fundo no peito — e acho que sempre vai doer —, mas sei que ele não é, nem de longe, podre como Soren e James. Talvez haja salvação para ele.

Acho que, assim como eu, Bash não teve escolha sobre entrar ou não nesse submundo. Não posso entregá-lo numa bandeja para pessoas que o matariam na primeira oportunidade, isso no melhor dos cenários. Com o ódio que os Corvos nutrem pelos Grifos, não duvido nada que também tenham tortura e cárcere em mente para amanhã.

Só de pensar em Bash sofrendo, sinto náuseas.

Respiro fundo e me esforço para me concentrar no presente.

Além do mais, não é apenas por Sebastian que não pretendo dizer a verdade à Callan. Suponho que os Corvos precisem prejudicar os negócios dos Grifos para benefício próprio. E, se eu ajudá-los com isso, vou ficar um passo mais longe do meu objetivo final: acabar com as duas sociedades secretas de uma vez por todas.

Essa vai ser minha vingança contra todos eles. Soren, Callan, James... todos que transformaram minha vida nesse caos infernal. Todos que, de alguma forma, são culpados pelo que houve com Ava. Os Corvos por lhe negarem ajuda, e os Grifos por executá-la.

Preciso começar, desde já, a planejar meus movimentos com inteligência. Não posso deixar os Corvos recuperarem o poder que tinham antigamente, mas eles não podem desconfiar que estou quebrando o juramento.

Assim sendo, terei que enganar Callan, algo que farei com um prazer indescritível. Ele ainda sente raiva por eu ter tentado incendiar sua casa, mas isso não é nada comparado ao que vou fazer. Sua valiosa Sociedade está condenada, e vou garantir isso nem que custe minha vida no final.

Farei qualquer coisa para proteger minha família.

Começo a procurar por Callan nos corredores do mosteiro para dar início ao meu plano. Sei que ele deve estar aqui, mas duvido que vá gostar de me ver perambulando por seu covil. Também preferiria estar bem longe deste lugar e destas pessoas, mas, como diz o ditado, mantenha seus inimigos por perto. Quanto mais tempo passar aqui, dentro dos Corvos, mais aprenderei sobre eles — especialmente suas fraquezas.

Depois de alguns minutos entrando e saindo de vestíbulos, corredores e salões, encontro lances de escadas que sobem e descem. Paro diante deles, olhando para cima e depois para baixo.

Para onde deveria seguir? Seria muito mais simples perguntar a um dos funcionários da Sede onde seu chefe — ou mestre — se encontra, mas todos com quem cruzei usavam máscaras que cobriam o rosto inteiro e não foram

receptivos. Se afastam de mim assim que me veem, fugindo como se eu fosse contagiosa.

Por fim, decido descer.

Seguro no largo corrimão de pedra e desço cada um dos degraus sem pressa. Tenho sorte do caminho estar iluminado, porque, assim que chego no subsolo, consigo ver o grande e imponente salão de esgrima. Era o esporte que Callan praticava na adolescência e, como em tudo o que se propõe a fazer, ele era excelente.

O piso xadrez se estende por metros no cômodo retangular. Meus olhos passam pelos trajes pendurados e floretes no suporte de madeira. Nenhum sinal de Harkness.

Me viro para voltar lá para cima, mas um barulho distante soa, me impedindo. Ele volta a se repetir, me atraindo para a porta fechada do outro lado do cômodo.

Conforme me aproximo, os sons aumentam. Parecem pancadas.

Pancadas brutais.

Minha suspeita se confirma quando abro a porta e encontro Callan. Mas, assim que o vejo, tudo em minha mente se apaga, dando lugar a um vácuo escuro. Meus pensamentos racionais são deletados e substituídos apenas pela imagem do homem grande e robusto no centro de um ringue. Sem camisa, ele desfere socos poderosos contra um saco de pancadas que balança com seus golpes impiedosos.

Callan não nota minha presença, e, em silêncio, dou alguns passos adiante, sem tirar os olhos de sua figura impetuosa. Aproveito a privacidade para observá-lo atentamente. Ele parece possuído por pura fúria ardente, totalmente alheio ao mundo. Os músculos rígidos de seus braços se movem em direção à lona do saco, e sua pele brilha com suor. Permito que meu olhar passeie pelas formas bem delineadas de suas costas. A visão me rouba as palavras.

Nada se compara ao corpo de um Callan crescido e maduro. Ele é um homem implacável, impossível de ser desafiado. Seus movimentos são rápidos e precisos. Sinto a força de seus punhos como se fosse a mim que golpeasse. Diferente de tudo o que eu já tenha visto antes. Parece uma força da natureza, arrebatador e aterrorizante. Também não se parece em nada com o garoto que conheci no passado. Não há inocência ou gentileza em sua figura, nem mesmo uma sombra de humanidade.

Callan parece uma entidade sobrenatural.

Há uma grande tatuagem que abraça suas costas como um todo. É um corvo enorme, com penugem cor de azeviche. As duas asas descem majestosamente por ambos seus braços enquanto a cabeça do bicho se localiza

em sua nuca, com o bico para o alto como se estivesse gritando. Parece bater as asas à medida que Callan move seus braços.

Minha garganta seca e raspa quando engulo com pesar, hipnotizada.

Anos de treino pesado moldaram o corpo cinzelado de Callan. Cada aresta de cada músculo torneado compõe uma obra impressionante, que poderia, com facilidade, colocar quem quisesse aos seus pés.

Ele me deixa assustada na mesma proporção que me fascina.

É assim, imagino, que ele esmaga seus inimigos.

— Velhos hábitos realmente nunca mudam. — Sua voz rouca e cansada faz cada centímetro da minha pele arrepiar, e, por um momento, prendo a respiração. — Pelo visto, ainda gosta de me observar às escondidas.

Callan para os golpes e segura o saco de pancadas até imobilizá-lo. Em seguida, se vira e seus olhos encontram os meus.

O cabelo escuro e molhado de suor gruda em sua testa, mas não é aí que meus olhos param. Eles continuam descendo por suas maçãs do rosto altivas e orgulhosas, sua boca corada, o maxilar quadrado... Pelo seu pescoço, clavículas, peitoral, gomos esculpidos de seu abdome até os sulcos nas laterais do seu quadril que me deixam inerte.

Callan é sexo e fúria incarnados, tenho certeza.

Minhas coxas se apertam. Preciso me obrigar a erguer a cabeça e voltar a encará-lo nos olhos. Seu rosto presunçoso esbanja arrogância e prazer pela minha indiscrição.

— Não me olhe assim se não estiver disposta a ir até o fim, anjo.

Quase dou risada.

— Como foder você? — tomo coragem para rebater à altura. — Seria um ultraje.

Vou até o ringue, meus saltos batendo contra o linóleo do assoalho quando subo o degrau da área demarcada. Levanto as cordas sob o escrutínio minucioso de Callan e passo por baixo delas, me aproximando dele.

Um sorriso de canto surge nos lábios de Harkness, e ele coloca os cabelos para trás de uma forma que teria me feito suspirar na adolescência.

— Um ultraje pelo qual você ainda vai me implorar — sopra, malicioso, e me faz revirar os olhos.

O dia em que eu implorar para Callan Harkness me foder será o momento da minha ruína total. Morrerei logo após, de humilhação ou de ódio. Callan tem um belo corpo para se admirar, apenas isso.

— Melhor não contar com isso.

— Sou um homem paciente — se gaba.

Observo-o de novo. Seu peito sobe e desce sem parar com o ritmo de sua

respiração. Mas não parece ser de cansaço. Seus olhos dizem outra coisa. Estão nublados, atormentados sob o sorriso provocativo que ele usa como máscara de vez em quando, e suas mãos tremem.

As bandagens envoltas nos punhos de Callan estão puídas e desgastadas, manchadas com o sangue das feridas nas articulações de seus dedos.

De fato, velhos hábitos nunca mudam. Mesmo na adolescência, ele sempre gostou de treinar assim. No passado, pensei que estava se punindo pelo que aconteceu com seus pais, por exemplo. Agora, no entanto, a selvageria a que assisti um minuto atrás me faz acreditar que ele gosta da dor e da adrenalina.

Passo por Callan em direção ao saco de pancadas. Toco a lona, impressionada com sua aspereza e dureza. Certamente quebraria a mão se tentasse socar.

— O que há aqui?

— Concreto — responde sem me olhar, ainda ofegante, respirando fundo com os olhos fechados para se recuperar. Parece ainda não ter voltado a si após o treino brutal. — Está envolto por um estofado de retalhos de tecido.

Meus olhos se arregalam e vagueiam por seu rosto, buscando indícios de que está tirando uma com a minha cara. Não pode ser possível.

— Está brincando.

— Parece que estou? — Callan abre os olhos e levanta as mãos arrebentadas e sujas de sangue. — Este é o treino usual para o Sancto.

Franzo o cenho.

— O que é Sancto?

— Algo do qual você e seu coração frágil devem ficar longe.

Antes que Callan se vire, volto a fitar seu tórax por um segundo e noto detalhes aterrorizantes que não consegui ver de longe. Minhas mãos gelam. Há dezenas de cicatrizes espalhadas por seu peito e abdome. Quase invisíveis. Cicatrizaram muito bem e se mesclaram à sua pele, algumas cobertas por um texto tatuado em sua costela, mas ainda consigo enxergar seu relevo sob a luz fluorescente da sala.

Não consigo pensar em nada que poderia ter causado isso. Não são cicatrizes comuns infligidas por objetos cortantes ou perfurantes. Parecem outra coisa.

Não tenho muito mais tempo para analisar, porque Callan se vira e vai até a borda do ringue, onde se segura nas cordas, mas não passa por elas. Ele fica de costas para mim, e o som de sua respiração profunda e pesada preenche o vazio do ambiente.

Na verdade, prefiro nem saber o que é o Sancto ao qual se refere. Um lugar capaz de causar isso, que exige como preparação um treino de socos e

pancadas em um saco de concreto...

Acho que esse é realmente o tipo de lugar que eu tenho que ficar longe.

— Suas cicatrizes são por causa disso? — pergunto, me aproximando com cautela. Não consigo conter a curiosidade.

Poucos minutos atrás, Harkness mal parecia humano. Mas aqui está a prova de que é feito de carne e osso como qualquer um. Capaz de ser ferido e machucado. E não sei ao certo por que, mas sua vulnerabilidade me fascina um pouco.

— Não. — Seus ombros se enrijecem e os músculos de seus braços se retesam quando ele segura nas cordas com mais força. — São de algo muito pior.

O arrepio me congela quando ele diz isso e seguro uma lufada de ar. Possibilidades passam pela minha mente, e cada uma me deixa mais assustada que a anterior. Que tipo de coisa é capaz de causar tamanha dor e sofrimento a outra pessoa assim? Com certeza não pode ser chamado de ser humano.

— Callan — chamo, sentindo um misto incompreensível de sentimentos dançar dentro de mim e fazer meu coração comprimir dentro da caixa torácica. Mas ele não me olha, ainda concentrado em respirar, arrebatado por algo que está em sua mente, mas que não consigo entender ou decifrar. Algo que não vejo, mas que sei que está lá. Talvez esteja desde muito tempo atrás. — Quem fez isso com você?

Por um segundo, acho que ele não vai me responder. Não há motivo para que responda, afinal somos inimigos. Não nos importamos um com o outro a não ser para nos provocar e destilar ódio e rancor mutuamente. E eu nem sequer deveria querer saber o que aconteceu com ele — muito menos ficar angustiada ao pensar nisso.

Longos segundos se passam até que sua voz soe de novo.

— Chamamos de Purgatório, mas é apenas o lugar para onde enviam quem não cumpre as regras da Sociedade.

Engulo o nó de apreensão recém-formado em minha garganta.

— O que acontece lá?

— Primeiro, eles quebram seu corpo — diz e enfim se vira para me olhar. — Depois, sua alma.

— É doentio — sopro, totalmente estarrecida.

Não quero nem imaginar as coisas terríveis que fazem em um lugar. A mera sugestão me perturba e faz meus ossos tremerem. Os traumas que isso deve causar...

E Callan enviou para lá aqueles garotos que me aterrorizaram no Halloween. Foi o que disse naquela noite na torre do relógio.

— É o que é — limita-se a dizer e dá de ombros, conformado.

— Quantas vezes você foi ao Purgatório?

Ele suspira, deixando os ombros caírem.

— O que faz aqui, Sloan? — me corta, ainda inquieto e ansioso.

Umedeço os lábios, sentindo um ímpeto desconhecido.

É a sensação mais estranha do mundo a vontade de consolar alguém que você odeia. Mas, no fim das contas, Callan não é o monstro sobrenatural que criei na minha cabeça nos últimos anos. É apenas um homem. Um homem perigoso, com mente distorcida, índole sombria e atitudes desprezíveis, mas, ainda assim, um homem. Um ser humano feito de ossos, sangue e cicatrizes.

E não consigo simplesmente não sentir nenhuma empatia por ele. Ao menos, não hoje.

Acho que tenho mesmo um coração frágil. Vou me lembrar de me repreender por isso mais tarde.

— Sinto muito, Callan.

— Não quero e nem preciso da sua pena, Kestrel. — Sua voz, mesmo cortante, não causa nenhum efeito em mim.

— Não sinto pena de ninguém — esclareço. — Mas existe algo chamado compaixão, conhece?

— Isso não existe para a Sociedade. Compaixão é sinônimo de fraqueza.

— Não no meu mundo. — Minha mãe me ensinou empatia e compaixão quando eu ainda nem sabia ler, quando nem entendia o significado dessas palavras. Eram seus princípios valiosos. Suspiro, dando outro passo na direção de Callan. — E eu sinto compaixão por você, Callan. Mesmo te desprezando e não compreendendo sua lealdade a algo que te machucou tanto, sinto compaixão por você.

Talvez isso me torne fraca. Talvez seja um erro e Callan não mereça nem um pouco dela — com certeza não merece, pensando bem. Mas é o valor que sempre carregarei comigo.

Callan suspira de novo, dessa vez esfrega os cabelos, meio perdido, e deixa o corpo cair sentado no chão. Os joelhos estão dobrados, e sua cabeça tomba para trás. Ele encara o teto em silêncio por um tempo.

Vê-lo nesse estado é íntimo demais. Desde que reencontrei Callan, ele não foi nada além de controlado, frio, racional e um pouco cruel. Uma rocha áspera e impenetrável. Agora, porém, está demonstrando uma vulnerabilidade com a qual não estou acostumada quando se trata dele.

Ao menos, não mais.

A pior parte é que meu instinto traidor não se contém. Está se retorcendo para saber o que passa na cabeça desse homem, se ele é mesmo capaz de sentir alguma coisa além de ira.

Acho que essa é a hora de me virar e sair, antes que cometa um erro imperdoável. Antes que meu coração me cause mais problemas do que consigo lidar. É o que estou prestes a fazer quando sua voz ecoa novamente.

— Me conte algo real.

Franzo o cenho, buscando seu olhar. E tudo o que encontro são dois portais para uma tormenta profunda e confusa. Por um segundo, acho que me enganei, mas Callan insiste em me encarar. Parece totalmente desarmado, e isso fisga minha atenção.

— O quê? — sopro, desacreditada. — Por quê?

Seu pomo de adão se move quando ele engole em seco.

— Às vezes, me perco nessa espiral de dor e ódio. Às vezes, é tudo o que consigo ver. Nada mais parece real.

Consigo perceber seu tormento, mas não sei por que está me contando tais coisas. Não sei se é uma isca que me levará direto a uma cilada na qual ficarei presa para sempre. Ou se, talvez, pela primeira vez, Callan esteja se abrindo realmente. Parece improvável, mas ele teria que ser um ator e tanto para conseguir fingir a agonia presente em sua voz e seu olhar.

Ainda assim, hesito.

— Não sei se ainda consigo distinguir o que é real.

— Tente — pede, em tom de súplica. — *Por favor*.

Não sei o que aconteceu com Callan para deixá-lo nessa posição, onde engole seu orgulho e praticamente implora, mas estaria mentindo se dissesse que não mexe comigo. Na verdade, abala cada uma de minhas convicções e a voz da compaixão grita em mim de novo.

Suspiro e engulo minha relutância. Em seguida, vou até ele. Me sento no chão ao seu lado, como se fôssemos velhos amigos. Ou talvez, velhos inimigos desfrutando de uma trégua rara.

Acho que não suportaria olhar para Harkness nesse instante. Por isso, encaro o outro lado do galpão, as vigas de pedra que sustentam a estrutura e os equipamentos de ginástica espalhados por todo canto.

A memória desliza para fora da minha boca com facilidade, deixando um doce gosto de nostalgia e saudade. Meu coração aperta antes mesmo que eu comece a lhe contar.

— Depois de ter sido internada, a primeira e única vez que minha mãe pôs os pés para fora da clínica foi no meu aniversário de dezoito anos. Meu irmão, Sebastian, me fez uma surpresa. Fechou o *Palais Garnier* especialmente para a data. Disse que teríamos uma sessão exclusiva da companhia de ópera mais famosa do mundo. Mas, em vez disso, era minha mãe no palco. — Abro um sorriso só de lembrar e sou inundada por uma felicidade que há muito parece

inalcançável. — Com o avanço da doença, ela mal sabia como se tocava um piano, mas naquele dia ela tocou. Ela foi brilhante, esplêndida. Foi a Theresa Baudelaire de sempre. Reviveu seus dias de ouro e transformou aquela data no momento mais feliz e especial que já vivi.

Me arrependo de não ter feito nenhum registro além da memória que compartilho com meu irmão. Minha mãe nem sequer se recorda do momento, mas ele estará gravado no meu coração para sempre. Foi a primeira e única vez que chorei de alegria.

E foi Bash quem proporcionou isso. Ele fez o impossível, só para devolver um pouco de alegria à minha vida cinzenta.

— Mas não durou muito — continuo com um suspiro. — Duas horas depois, ela se esqueceu de onde estava e quem era. Tivemos que levá-la de volta às pressas.

Sinto o olhar de Callan preso em meu rosto, atento a cada palavra. A intensidade de seu escrutínio é tão grande que me faz encolher, desconcertada.

Queria saber o que se passa em sua cabeça nesse exato segundo.

— Os bons momentos sempre são efêmeros — diz após um tempo, com melancolia. — E quase nunca são reais.

Eu pisco para acordar dos devaneios e viro o rosto para encará-lo. A angústia abandonou seu rosto. Todo e qualquer sinal de emoção se foi. A frieza calculada dá as caras.

Por alguns minutos, esqueci quem ele é. Quis confortá-lo e me abri de uma forma que não deveria. Expus minha maior fraqueza: as pessoas que amo. Agora, pode usar isso em benefício próprio, como bem entender.

Callan se levanta e se afasta tão rápido como o momento que compartilhamos e que se desvanece entre nós. Um momento que jamais poderá se repetir. Não posso baixar a guarda perto dele em hipótese alguma. Callan me destruiria num estalar de dedos se pudesse. Talvez faça isso no segundo que deixar de ser útil para ele. Sou descartável. Um mero fantoche em suas mãos.

Ele é como o escorpião da fábula, afinal. Essa é sua natureza, e nada poderia mudar isso.

Mesmo que, em segredo, na solidão das minhas noites insones, eu deseje o contrário. Que deseje mais do que está guardando em seus olhos dolorosos e coração de pedra. Um vislumbre da humanidade que ele enterrou.

Me levanto também, me recuperando rapidamente da fraqueza de minutos atrás.

— Kestrel — Callan chama, cruzando os braços fortes sobre o peito. — Por que está aqui?

— Descobri quando a mercadoria ilegal partirá do porto.

— E então?

— O responsável por ela é Cyan Wargrave — minto tão facilmente que nem consigo me sentir culpada. — E será na sexta-feira.

Durante um minuto inteiro, Callan apenas me estuda com seus olhos de rapina. Espero que ele me desminta, que consiga ler a desonestidade em meu rosto. Talvez esteja delirando, mas posso jurar que ele detectou algo. Um sorriso breve surge no canto da sua boca antes de ele se virar de costas e caminhar para fora do ringue.

— Bom trabalho — elogia e depois desaparece.

É minha vez de sorrir.

Quando o som dos passos de Callan desaparecem, puxo o celular e disco os números. Engulo a apreensão e me concentro no plano.

— 911, qual a sua emergência?

— Gostaria de denunciar uma ação da Bratva no porto de Millsdale. Eles exportarão drogas pesadas para o Canadá na sexta-feira.

Esse é o gosto da vingança, presumo. Doce e gelado.

Aposto que Callan não esperava por essa.

22

CALLAN

Eu tomei uma dose letal de você, fiz o que jurei que nunca faria
Você é uma coisa doentia, você é mortal, você está me levando ao meu túmulo
Eu estou ansiando por você, baby, sim, você está tão perto de mim
Uma mordida da sua maçã é tudo o que preciso
Você é como veneno
Poison — Felicity

Fecho os olhos e consigo sentir seu cheiro. Pétalas de rosa, champanhe e baunilha. Suave e adocicado. Refinado. Inalcançável. Vejo seus olhos estampados na minha mente como uma ameaça velada. Um lembrete. Um tom de azul que jamais vi em qualquer outro canto do mundo. Lembra o azul das águas de um mar calmo, mas profundo e desconhecido. Secretamente perigoso. Um caminho sem volta.

Mas, quando um gemido alto e feminino ecoa, implorando por mais, não é a voz melodiosa que desejo ouvir. Não há o menor sinal do ronronar sutil da uma garota que não consegue abandonar o sotaque francês.

Minhas pálpebras se levantam, contrariadas. Não encontro o rosto desenhado, com bochechas rosadas e lábios espessos e vermelhos. Não encontro uma sarda sequer em seu nariz arrebitado. Não encontro os cílios alaranjados.

Porque não é Sloan Kestrel nua debaixo de mim.

A ilusão se dissipa no ar, deixando para trás raiva e frustração.

Deixando os cabelos loiros, a pele pálida e os olhos cinza-ardósia de Josephine St. Clair, que empurra os quadris em direção aos meus enquanto a fodo pensando na garota que mais odeio no mundo.

Poderia ser qualquer outra pessoa no lugar. Não importaria, porque não seria minha nêmesis. Não seria Sloan.

— Isso, Cal, mais forte! — Josephine grita, afundando as unhas em minhas omoplatas.

Grudo a boca na sua, engolindo seus gemidos só para não escutar o apelido que odeio. Quero punir Sloan de todas as formas possíveis, mas, em vez disso, puno Josephine. Enfio meu pau mais fundo, mais rápido, mais forte, até que seu corpo seja tomado por espasmos incontroláveis e ela esteja gozando da forma mais sonora que consegue.

Não paro até explodir dentro de sua boceta apertada. Até que os músculos das minhas coxas estejam fracos e meus antebraços queimem com a força com que me seguro no colchão.

Rolo para longe do corpo de Josephine assim que o êxtase desaparece. Caio ao seu lado na cama. Suor desce pelas minhas têmporas e tórax enquanto respiro fundo, fitando o teto.

— Isso foi...

Ela não encontra palavras para descrever. Não fico esperando. Me levanto depressa para encerrar o momento o mais rápido possível. O pós-sexo é quase insuportável para mim, uma tortura. Pisando descalço no assoalho, cruzo a suíte até o banheiro. Acendo a luz, descarto o preservativo e ligo o chuveiro na temperatura mais fria.

Os jatos das múltiplas duchas terapêuticas atingem em cheio os pontos de tensão em minhas costas. Tombo a cabeça para trás para relaxar enquanto meu sangue esfria aos poucos. Deixo que a água gelada leve para longe os resquícios desse dia de merda e todas as lembranças que envolvem Sloan.

Ela perdeu o medo de mim. Não sei quando ou como isso aconteceu, mas estou de olho em seu comportamento desde o episódio na sala de ginásticas da Sede.

Quando nos cruzamos pelo campus, ela não desvia o olhar ou se encolhe. Em vez disso, empina o nariz petulante e me encara com ousadia. Parece sempre ter alguma coisa escondida por trás de suas íris brilhantes. Cada maldita palavra que sai de sua boca soa como uma mentira venenosa.

Sloan nem se esforça para parecer confiável. Não dá a mínima para a Sociedade ou o juramento. Disse com todas as letras que não tem problema em quebrá-lo. Parece muito disposta a me desafiar, mas não sabe ainda que vai perder toda vez em que tentar. Com uma palavra minha, ela pode ser jogada no Purgatório, onde passaria semanas, longe de Deus e da compaixão da qual tanto fala.

Talvez seja disso que ela precisa.

Não consigo entender o que há nessa garota que me enfurece tanto, mas pareço estar sempre no limite com ela por perto. Me orgulho de minha racionalidade, mas essa característica tem ficado esquecida perto da intensidade de todos os sentimentos que Sloan me desperta.

Simplesmente não consigo pensar direito quando se trata dela. E isso é um problema.

Passo as mãos pelo rosto e abro os olhos, encontrando Josephine encostada no batente da porta do banheiro. Seu olhar sobe e desce com lascívia pela minha estrutura. Ela usa apenas uma calcinha de renda preta minúscula. Os

seios redondos e empinados estão à mostra com orgulho.

— No que está pensando? — pergunta, curiosa.

— Muitas coisas.

— Ah, qual é? Me conta — protesta ao entrar no banheiro. — Nossas interações não precisam se limitar a uma cama.

— Não se limitam. Também a estendemos para carros, becos, escadas e qualquer outra superfície plana disponível.

Ela sorri e coloca uma mecha do cabelo curto atrás da orelha.

Josephine não dá indícios de que se chateia com nossa relação estritamente sexual. Ainda assim, duvido que ela não queira mais. Ela não tem sentimentos por mim, mas almeja um relacionamento mais profundo por outros motivos. Seu irmão quase foi o líder dos Corvos, o que elevaria o status dos St. Clair na hierarquia social. Agora, sua única oportunidade de ascender dentro da Sociedade é colocando uma aliança em nossos dedos.

O que, por razões óbvias, não vai acontecer. Ao menos, não agora.

Precisarei me casar e gerar herdeiros, mais cedo ou mais tarde. Não tenho como me esquivar de tal obrigação, embora não seja meu desejo. Preciso deixar meu legado e garantir que os Harkness se manterão no poder mesmo muito após minha morte.

Josephine St. Clair me parece a escolha ideal, o Conselho também já deixou explícita a predileção por ela. No entanto, vou me preocupar com assuntos matrimoniais quando se tornar inadiável. Até lá, tenho dezenas de problemas pendentes.

Como os Kestrel.

— Você é um bom líder, sabia? — Josephine decide mudar de assunto. — Até meu irmão sabe disso. Só você pode destruí-los.

— Eu sei — fecho o registro do chuveiro — e é o que vou fazer.

Apanho a toalha e seco meu rosto e braços antes de enrolá-la na cintura e sair do box.

— Sei que todos estão te dizendo para tomar cuidado com aquela garota maldita, mas confio em você para dar a ela o que merece.

Passo por Josephine e volto para o quarto. Ela me segue, parecendo ansiosa para me dizer algo ao mesmo tempo que reluta.

— Josephine — chamo, cruzando os braços. — Diga de uma vez...

Ela suspira e deixa o corpo magro cair na namoradeira de courino preto. A leveza em seu rosto dá lugar à preocupação.

— Não quero ser uma fofoqueira, mas meu irmão ainda tem o apoio de alguns Patronos. Sabe disso — diz, olhando para as próprias mãos. — E ele ainda acha que você não é o melhor líder para nós.

Levanto uma sobrancelha.

— Está dizendo que Jasper está tramando contra mim?

Minha mandíbula trava e meus punhos se fecham só com a mera possibilidade.

— Não! — Ela sacode as mãos. — Não é isso.

— Então o que é, Josephine?

— Nada. — Se levanta, impaciente. — Provavelmente não é nada. Mas fique atento, ok? Suas ações como líder estarão sendo observadas. Não cometa nenhum erro, Cal.

Então Jasper anda armando contra mim. Ou melhor, está esperando uma oportunidade para me foder. Mas ele não vai conseguir. A lei da Sociedade é clara: um herdeiro legítimo só pode ser deposto em dois casos: morte ou traição. Nada além disso vai me tirar do trono, e não pretendo morrer para um imbecil como Jasper St. Clair.

Se conseguir provas de seus planos contra mim, o infeliz estará com os dias contados.

Ao menos, Josephine me deixou atento para uma possível facada nas costas que posso receber do próprio Conselho. Acho que ela é uma das poucas em cuja lealdade posso confiar.

— Não vou falhar — garanto.

Josephine assente, parecendo mais tranquila. Seus olhos miram o relógio na parede atrás de mim e, logo depois, se arregalam. Ela salta e corre para apanhar as roupas jogadas no chão perto da porta.

— Droga, estou atrasada — xinga, logo se enfiando no vestido de grife. — Tem um avião esperando por mim.

Seu destino é Mônaco, à serviço da Sociedade. Vai visitar uma de nossas rotas comerciais e mediar algumas negociações. Ela é boa nisso. *Muito persuasiva.*

— Josephine — a chamo quando está quase saindo do quarto. Seus olhos se voltam para mim. — Sua lealdade será recompensada.

— Eu sei.

Ela pisca, me oferecendo um sorrindo, me deixa sozinho para refletir.

Então, a garota tem seu próprio plano de poder, acima dos interesses da família. Talvez o papo sobre as pretensões de Jasper tenha sido uma jogada de Josephine me bajular, mas não me importo. No submundo, todos jogam conforme suas ambições.

Talvez, no fim das contas, eu realmente me case com ela.

Vou até minha garrafa de Bourbon em cima da escrivaninha e me sirvo com uma dose generosa.

Josephine vai me manter a par dos planos odiosos do seu irmão, então por ora não preciso me preocupar com o desgraçado. Além disso, tenho Octavia Queen ao meu lado. Ela não vai permitir que nenhuma lei da Sociedade seja quebrada, mesmo que por um Patrono.

Não desperdiçarei tempo com isso nesse momento. Em vez disso, abro a gaveta, retirando de lá meu velho caderno de bolso com capa de couro puída. Tenho ele há tanto tempo que é uma surpresa que ainda não tenha se desfeito em pó.

Passo pelas anotações de alguns planos e ideias para a expansão dos nossos negócios, até chegar na *nela*. Minha lista de alvos com oito nomes. Os oito pilares da Ordem dos Grifos. Os legados que carregam o futuro daquela organização. Aqueles sem os quais seria impossível dos Grifos perpetuarem.

“Acabe com o herdeiros e não sobrará nada”, disse meu pai segundos antes de morrer. É no que estou trabalhando duro para fazer. O plano corre lento, porém, porque não é a minha única preocupação na Sociedade. Também tenho que cuidar dos nossos negócios e acordos. Tenho que lidar com as gangues associadas aos Grifos e garantir que fiquem bem longe do meu território.

Tanta coisa a ser feita, mas tudo no que consigo pensar é no anjo ruivo demoníaco. Não confio nela e passo metade do meu tempo a vigiando, o que não deixa muito tempo para todas as minhas outras responsabilidades. Mesmo assim, estou viciado nisso. Obcecado, talvez.

Passo os olhos pelos nomes escritos com minha letra na página amarelada. Apenas quatro estão riscados, deixando muito, muito trabalho a ser feito. Preciso partir para o próximo da lista o mais rápido possível. Talvez ainda essa semana.

Enfraquecer a Ordem pouco a pouco antes do golpe final é um plano no qual nem todos os Corvos acreditam, mas era o plano do melhor líder que essa Sociedade já teve. Eu confio nisso.

Já anseio pelo frenesi que me toma sempre que enfio uma bala no coração de cada um deles. Especialmente pelo momento em que riscarei o nome no topo e enfim vingarei os Harkness.

Fecho os olhos, vendo a cena que me atormenta dia após dia, que me impede de dormir, de pensar, de seguir em frente. O mar de sangue, a dor nos olhos do meu pai, a certeza de que eu estava sozinho no mundo... Todo aquele maldito medo que me aterrorizou mais do que qualquer coisa. Minhas mãos começam a tremer e suar só com a lembrança.

Tudo por causa *deles.*

Não há outra saída senão a vingança. Minha prioridade até que tenha chegado ao fim.

Coloco o caderno de volta na gaveta ao mesmo tempo que a porta do quarto se abre num rompante. Dessa vez, não é Josephine. É Roman.

— Não sabe bater?! — reclamo, me virando em sua direção.

Seus cabelos claríssimos estão raramente despenteados, mas agora se encontram numa bagunça. Ele nem abotoou direito a camisa do terno.

Tem algo errado.

— Foda-se isso — xinga, entrando no quarto com pressa. — Temos um problema.

E, pela feição desesperada em seu rosto, aposto que tem a ver com a Zmey.

— O que houve?

— Não viu o noticiário?!

Drago atravessa o quarto para ligar a TV pendurada na parede diante da minha cama. Ele a liga e coloca no primeiro canal de notícias local que encontra.

Há um helicóptero sobrevoando o porto de Millsdale. Viaturas policiais enfestaram a área, e há alguns homens sendo algemados e enfiados nos camburões.

Seguro o copo de uísque com mais força, sentindo a raiva se expandir sob minha pele.

— Três dos meus homens foram mortos, e os demais levados para a cadeia. Sabe o que isso significa?

— É claro que sei, porra. Alguém nos traiu.

— Meus homens não falarão nada para a polícia. Se não pudermos tirá-los de lá, já foram instruídos a tirarem a própria vida antes de serem forçados a depor. Caso contrário, darei eu mesmo um jeito de calá-los para sempre.

A família Drago comanda a Zmey há mais de um século, e sua máfia tem sido a principal responsável por garantir o controle da Sociedade sobre o submundo do crime. Eles servem a nós e nós servimos a eles, uma vez que os Drago também são uma das tradicionais linhagens de Corvos.

— Não havia nenhum Grifo lá, Callan. Foi a porra de uma cilada! — continua, impaciente. — Cyan Wargrave nem mesmo está no país. Ward o rastreou em Mexicali. Está lá há três dias.

— Quando foi a última grande movimentação no porto?

— Na quarta-feira — diz, com um tom solene que faz minha mandíbula trincar. — Assinado por Sebastian White.

Filha da puta.

Antes que eu consiga me controlar, arremesso o copo do outro lado do quarto. Ele se choca contra o painel na parede, partindo-se em mil pedaços.

Maldita Sloan Kestrel. Eu vou matá-la.

O sangue em minhas veias volta a esquentar, e sinto vontade de arremessar outra coisa ou de socar alguém.

Ela me emboscou. Fez isso bem na minha cara, e eu não vi, porque estava pedido demais em suas palavras naquele ringue. Fiquei atordoado. Fui fraco, um erro que jamais vou cometer de novo.

Sloan mentiu e enganou com uma naturalidade que nunca esperei vindo dela. Ninguém faz isso, porra. Não comigo.

Ela não me deve nada, mesmo assim sinto a traição queimar meu rosto.

Já deveria imaginar. Meus instintos nunca falham. Não a conheço mais. Sloan pode muito bem ser a cadela fria, mentirosa e insensível que, no fundo, sempre desconfiei que fosse. Está em seu sangue podre, no fim das contas. É sua maldita natureza.

Sinto ódio fervente correndo em minhas veias. Ódio de mim mesmo, principalmente porque baixei a guarda só por um momento e Sloan se aproveitou disso para me apunhalar. Ela não pensou duas vezes.

Desgraçada.

Mas não se repetirá. Sloan vai pagar. Vai se arrepender amargamente do dia em que decidiu que era páreo para mim.

Reservei o meu pior lado para ela. Isso eu garanto.



S L O A N

— Merda — praguejo, baixinho, quando não encontro minhas roupas no balcão.

Os chuveiros coletivos estão vazios a essa hora da noite. Além disso, é sábado. A maioria dos estudantes da Wilrose nem estão no campus. Cheguei aqui há mais ou menos uma hora, depois de um jantar com Astor.

Bebemos e conversamos até o início da madrugada. Estava um pouco alta quando cheguei aqui. Precisava de um banho e acho que estava ansiando tanto por um pouco de água quente que esqueci de apanhar minhas roupas.

Amarro o roupão em meu corpo e seco o excesso de água dos meus cabelos antes de sair da cabine do banheiro e ir em direção ao corredor. Olho dos dois lados, me certificando de que não há nada além das portas fechadas dos dormitórios, e prossigo para o meu quarto.

Sinto a sobriedade voltando e, com ela, todos os problemas retornam à

minha mente. Recebi duas mensagens de texto mais cedo e foram elas que me incentivaram a beber. A primeira era de James, dizendo que precisávamos conversar. A segunda era de Bash, me pedindo desculpas de novo e dizendo que estaria disposto a esclarecer tudo se eu quisesse.

Não sei se quero ouvi-lo. Por outro lado, não quero que as coisas continuem assim entre nós. Quanto ao James, eu definitivamente não quero saber dele.

Aquele maldito traidor...

Abro a porta do quarto com cuidado para não acordar Riley, caso ela tenha chegado durante o banho. O interior do dormitório está imerso no mais puro e denso breu. Consigo apenas ver a silhueta da mobília sob a escuridão. Fecho a porta atrás de mim, tentando identificar o som da respiração pesada ou do ronco da minha colega, mas não há nada além do silêncio.

Dou um passo na direção da minha cama e logo paro. Dessa vez, escuto uma respiração, mas não vem da cama de Riley.

— Com medo do escuro, Kestrel?

A voz rouca e masculina me faz gritar de susto. O calafrio gela minha espinha, e meus ossos tremem. Me viro num pulo, correndo até a porta. Mas, assim que a abro, um empurrão a fecha numa batida alta. Me encolho contra a porta, pressionando as costas contra ela. Sinto o invasor diante de mim, sua mão apoiada na porta, ao lado da minha cabeça.

Sua respiração quente atinge meu rosto quando ele se inclina sobre mim. Fecho os olhos com força, como se isso pudesse fazê-lo desaparecer. Seu perfume inconfundível me envolve, dançando no ar ao meu redor. O cheiro de uísque que vem dele é pungente, e me encolho ainda mais.

— O que está fazendo aqui, Harkness? — pergunto num sussurro patético.

Meu coração ainda bate desregulado pelo susto. A sombra do medo acompanha a reposta óbvia para minha pergunta. Ele descobriu que menti para ele e o embosquei. Já sabia que isso aconteceria, mais cedo ou mais tarde, só não elaborei um plano para lidar com as consequências dos meus atos.

O prazer de foder com ele e sua maldita Sociedade nublou todo o resto.

— Achou que eu não ia descobrir sua peripécia? — pergunta e apoia sua outra mão ao lado da minha cabeça, me cercando. — Achou que podia ser mais esperta do que eu?

Sua voz corta o ar carregada de ódio. O tipo de fúria que ele direciona apenas a mim. Cheio de ressentimento e crueldade. Ainda que me intimide, não esboço reação. Ele pode fazer o que quiser comigo, não me arrependo da decisão. Faria tudo de novo.

— Sabia que descobriria, mas não me importei. — Dou de ombros. — Como vão seus homens, aliás? Aqueles que não foram mortos pela polícia, é claro.

Ele dá risada, aproximando seu rosto ainda mais, como se pudesse me ver sob a escuridão profunda. Mas temos visão apenas de nossas sombras. Vultos soturnos no meio da madrugada fria.

— Eles estão prestes a sair da cadeia. Sabe qual a vantagem de ser o filho da puta mais rico e importante dessa maldita cidade? Tenho o contato dos melhores advogados do país. Eles estarão na rua, sedentos por vingança, antes que você possa perceber. Talvez eu os deixe acabar com você e me livre desse problema de uma vez.

— Boa sorte lidando com os Grifos depois disso.

— Quem sabe, eu te mande para o Purgatório — continua, sua voz soando perigosamente próxima. — Afinal, você quebrou o juramento da Sociedade. Definitivamente, isso te ensinaria uma lição.

Dessa vez, não rio. A menção ao lugar que causou tantas cicatrizes — externas e internas — a esse homem sem coração e com o dobro do meu tamanho, me faz engolir em seco com medo.

Respiro fundo, me esforçando para que isso não me abale.

— Precisa que outra pessoa me quebre porque não consegue fazer isso por si mesmo? — caçoo. — Como você é patético, Callan Harkness!

— Ah, mas eu sei exatamente como te quebrar. — Sinto o sorriso em sua voz e quase consigo enxergar com precisão seu rosto. Quase consigo ver a perversão em seus olhos e a maldade em seu sorriso. — Só não sei se você sobreviveria no final.

Também não sei se sobreviveria, mas não demonstro o medo que só ele sabe causar em mim. Prefiro morrer lentamente a deixá-lo saber o quanto consegue me intimidar. Em vez disso, escolho uma arma à sua altura: o desafio.

— Vá em frente.

Callan ri com cinismo e, em seguida, faz a única coisa com a qual eu não contava.

Ele me beija.

Sua boca atinge a minha com voracidade, me engolindo. *Me reivindicando*. Tento lutar no começo. O choque me toma, e tento me desvencilhar. Mas, então, seu gosto me atinge e eu perco a convicção. Minha boca se abre, e sua língua quente com gosto de bebida cara e veneno desliza sobre a minha.

Meus joelhos perdem a força. Quase me seguro nele. Agora tenho que lutar contra o desejo incontrolável de agarrar o colarinho de sua camisa e puxá-

lo para mais perto. Essa força desconhecida e assustadora me toma, possuindo cada parte de mim e traindo minha consciência.

Mas é impossível sentir qualquer outra coisa além de uma lascívia poderosa pela forma como Callan beija. Ele escorrega a mão e me segura pela garganta com possessividade e brutalidade. Me aperta com a pressão certa para a adrenalina e o perigo me atiçarem. Sinto meu corpo pegar fogo e inclino a cabeça para trás, aprofundando o beijo tanto quanto posso.

Callan enfia sua perna entre as minhas, servindo de apoio para minha estrutura fraca e débil. O instinto quase animalesco me toma, e, sem que eu consiga nem me dar conta do que estou fazendo, monto em sua coxa. Meu baixo ventre tensiona, quente.

Quero soltar uma dúzia de palavrões e xingamentos, quase todos direcionados a mim mesma. Meu corpo me trai de forma explícita, e não consigo fazer nada para impedir. Me perco nessa espiral de desejo ardente para a qual Callan me leva com facilidade.

Eu quero mais. Muito mais.

Sua mão desce do meu pescoço para o vão do decote do roupão. Ele arrasta os dedos pela minha clavícula, então pelo meu colo até o espaço entre meus seios. É como se estivesse se deleitando com a textura da minha pele pela primeira vez.

Meus mamilos estão rígidos e doloridos, implorando pelo toque desse homem diabólico.

Acho que meu coração vai explodir se continuar batendo tão rápido, mas, honestamente, não me importaria. Só não quero que isso pare. Não sei o porquê, mas não quero. Ninguém nunca me beijou assim com tanto ódio e desejo. Com esse domínio quase obsessivo e selvagem. É viciante e arrebatador.

Não estou usando nada sob o roupão, e, quando me esfrego em sua coxa feito um animal no cio, a sensação áspera envia uma carga elétrica por cada uma das minhas terminações nervosas. Estrangulo um gemido quando a boca de Callan descola da minha.

Agradeço à escuridão por me livrar do embaraço de enfrentar seus olhos julgadores. Espero por um comentário humilhante que demonstre que cada ação sua foi calculada e que fiquei à beira do descontrole sozinha. Em vez disso, ele ofega e começa a trilhar seus lábios pelo mesmo caminho que sua mão fez, segundos atrás.

Me pergunto se Callan consegue sentir meu coração pulsar enlouquecidamente. Se sente o calor que emana da minha pele recém-lavada, se percebe minha respiração pesada. Talvez ele até consiga ouvir meus pensamentos odiosos, que imploram em silêncio para que ele não pare nunca.

Fico totalmente parada, à sua mercê. Temo que qualquer movimento estrague tudo. Que, no menor passo em falso, eu me lembre do tipo de pessoa que estou permitindo me tocar.

Agradeço a Deus que ele não tenha sentido ainda o quão molhada estou. Ele deve estar se perguntando por que não o empurro ou grito ou me debato até escapar. Me pergunto o mesmo, mas a resposta me assusta, então apenas a jogo no fundo da minha mente junto com todos os outros pensamentos racionais.

Callan começa a distribuir beijos molhados pelo meu colo, arrastando o nariz vagarosamente pela minha pele, como se estivesse aspirando meu cheiro. Sua mão, antes que eu possa prever, alcançam o laço do roupão. Ele o puxa de uma só vez, e, rápido assim, meu corpo nu fica exposto ao ar frio e ao toque flamejante de Harkness.

A culpa e a vergonha flutuam para a superfície, fazendo minhas bochechas arderem. Mordo meu lábio inferior com força para impedir que qualquer coisa — seja um gemido ou um protesto — saia pela minha boca. Vou deixar para me recriminar mais tarde. Não quero que isso pare ainda.

Quero ver até onde vai. Quero conhecer exatamente o que esse homem tão detestável é capaz de me proporcionar. Ou talvez, eu queira apenas mais dessa sensação que nunca senti com ninguém antes. Não sei como ele consegue, como pode me afetar tanto. Harkness é viciante como qualquer narcótico.

Fecho os olhos de novo, tombando a cabeça para trás contra a porta, me rendendo inevitavelmente.

Callan lambe o vão entre meus seios, tomando seu tempo para provar o gosto puro da minha pele. Meu interior pulsa e lateja, mas ele não para, agarrando um mamilo entumecido entre seus dentes. Dessa vez, não consigo segurar o gemido traidor que escapa, e ele sorri contra a minha pele, satisfeito pela minha reação.

O maldito chupa meu mamilo como se fosse seu doce favorito, beijando e lambendo com vontade, raspando os dentes levemente de uma forma torturante. Arqueio as costas involuntariamente, sendo invadida pelo prazer quase doloroso. Meus quadris se movimentam, rebolando sobre a perna de Callan, buscando fricção a qualquer custo.

Sinto a pressão em meu ventre crescer, me arrastando para um lugar desconhecido e perigoso. Algo que não fazia nem ideia de que existia dentro de mim. É cru, feio e primitivo. É bestial de um jeito que nunca experimentei antes. Nunca estive tão longe do controle do meu próprio corpo e das minhas próprias vontades. É amedrontador mas delicioso.

Uma das mãos de Callan aperta meu outro seio, e praguejo baixinho. A sucção em meu mamilo aumenta, e esfrego meu clitóris em sua coxa, me

aproximando do abismo do qual deveria permanecer longe.

Quando ele morde a ponta do meu seio, a dor se mescla ao prazer e eu explodo como fogos de artifício. Pressiono meu quadril contra o dele, sentindo o volume rígido em sua pélvis, e escuto sua respiração intensa.

Minha própria respiração está descompassada, e minha mente nublada. Me sinto nas nuvens, mas, tão rápido quanto ascendi, despenco ao inferno. A consciência me atinge e praguejo novamente, cobrindo o rosto com as mãos, desacreditada.

Isso não podia ter acontecido de jeito nenhum.

Merda. Merda. Merda.

Me seguro na porta com medo de cair no chão num cena ainda mais patética. Mordo o lábio inferior o suficiente para, logo em seguida, sentir o gosto metálico na língua.

— Aí está — Callan zomba, se afastando devagar como se mal estivesse afetado. — Este é seu cilício. A vergonha do que fez e a culpa por querer mais, por querer ir até o final, vão te consumir. Vão ser sua penitência. Espero que te atormente saber que você gostou de estar nos braços de um monstro, que delirou ao beijar a boca de um assassino.

Porra.

Como diabos pude ser tão idiota? Eu caí em seu jogo feito um patinho.

Puxo o roupão, amarrando-o tão apertado e com tanta força que faz minhas costelas doerem. Mereço a dor. Mereço a humilhação, a culpa e todo o resto. Me sinto suja, manchada, corrompida...

Estraçalhada como uma taça de cristal. Como uma bituca de cigarro que Callan usou e descartou, jogando no chão e pisando em cima. Me sinto massacrada pela sola de seu sapato.

É horrível e quase me faz chorar de raiva. Mas me contenho diante dele o máximo que posso. Isso ele não vai ter de mim.

— Você vai ter o que merece — amaldiçoo, sentindo a raiva substituir o tesão rapidamente. — Um dia, você e sua maldita irmandade vão cair de novo e eu estarei lá para assistir de camarote.

— Se eu cair, anjo, não tenha dúvidas que levarei você e seu sangue Kestrel amaldiçoado comigo.

O apelido decadente e vexatório é o suficiente para me levar ao descontrole e levanto a mão para dar um belo tapa na cara dele. Mas, mesmo no escuro, Callan me impede, segurando meu pulso com força.

— Não faria isso se fosse você.

— Nunca mais me chame assim.

— Eu a chamo do que quiser e quando quiser. — Callan me solta, e fujo

para longe dele como uma presa acuada correndo do predador. — Isso foi apenas o início da sua sentença. Saiba que vai perder toda vez que tentar me desafiar.

— Vai pro inferno, Harkness!

— Com prazer. — Ele abre a porta e o feixe de luz que entra ilumina seu rosto repleto de um prazer cruel. O desgraçado conseguiu o que queria. Está sorrindo, mas seus lábios estão inchados e rubros dos meus beijos desesperados. Eu sou patética. — Tenha uma boa noite, *anjo*.

Dá uma piscadela antes de bater a porta e partir, deixando para trás um poço de raiva e frustração.

Caio inerte na cama, praticamente tendo espasmos de ódio percorrendo meus membros. Sem ter como descontar tudo isso, pressiono o rosto no travesseiro e, então, grito.

Grito com toda a força de meus pulmões, até minha garganta secar e doer e meu fôlego acabar.

23

S L O A N

Passado

Ela é minha
Fique longe dela
Não é a hora dela
Porque, meu bem, eu sou o único
Que assombra os sonhos dela a noite
Até ela estar satisfeita
A Match Into Water – Pierce The Veil

É HALLOWEEN.

A data preferida de Ava no ano todo. Quando o dia 31 chega, ela me acorda animada, pulando sem parar em minha cama de tanta empolgação. Até que nós duas rolamos e caímos no chão, em cima do tapete felpudo entre nossas camas.

Belo jeito de despertar.

— Ei, o que houve? — resmungo. Coço o olho, tentando me livrar do resquício de sono que me embalava até então.

Basta que eu olhe para o relógio pendurado na parede que marca às seis da manhã em ponto para que eu arqueje em mau humor. Ainda faltam duas horas para o início das aulas.

Que crueldade.

Ava me puxa pelos ombros até que eu esteja olhando diretamente para seus olhos.

— Tem gosma verde escorrendo do meu armário e sangue falso marcando nossa porta, sabe o que significa?

Pisco, ainda sonolenta, e tento absorver suas palavras.

— Que os veteranos vão pegar no nosso pé durante o Halloween?

Ava revira os olhos com vontade.

— Não, sua boba, que a temporada de travessuras no Valiant oficialmente começou — explica, devagar, quase soletrando. — E podemos, enfim, *revidar*.

Arqueio as sobrancelhas, sem saber se ouvi direito ou se ainda estou dormido.

Não que seja uma ideia absurda, considerando quem a propôs. Ava é a rainha da confusão, sempre procurando formas inovadoras de se meter em encrenca.

— O que andou planejando? — cedo, embarcando em sua maluquice apenas por ora.

Minha amiga abre um sorriso enorme e se mantém no chão diante de mim, sentada nos próprios calcanhares.

— O Clube de Caça dos Deacon.

— O quê? — Quase engasgo.

— Sabe que Soren e sua Tríade vivem lá, fica a menos de três quilômetros daqui e estamos bem na época de caça.

— E por que, exatamente, esta é uma oportunidade de revidarmos todo o inferno que esses babacas causam por aqui?

— Porque desconfio que eles fazem muito mais do que apenas caçar nesse clube. Jodie Swanson me contou que duas calouras foram convidadas para passar o fim de semana lá no último Halloween. Quando voltaram, não eram mais as mesmas. Uma delas se mudou para a Nova Zelândia e a outra precisou ser internada em uma clínica psiquiátrica.

Suspiro, sentindo o cheiro pútrido dos boatos e fofocas que rondam Rotherdam como abutres famintos.

— Parece só falatório.

— Ainda duvida do que eles são capazes de fazer?

— Claro que não.

Soren e sua Tríade são o puro mal. Me mantenho longe de todos eles tanto quanto posso. Eles não fazem nem questão de esconder sua crueldade. Não precisam, de qualquer forma. Essa escola sempre acoberta toda e qualquer coisa que fazem.

— Então, vem comigo — pede, com olhos brilhantes de súplica. — Podemos ir até lá, descobrir o que está acontecendo, e voltar antes de todos acordarem.

— E o que diabos vamos fazer se encontrarmos provas de que estão fazendo coisas ruins lá? Preciso te lembrar que Troye é filho da diretora?

Ava suspira e balança a cabeça, discordando.

— Sloan, se fazem mesmo coisas ruins, então não iremos à diretora. Iremos à polícia.

Pondero, tentando avaliar os prós e contras.

Se eu me meter em encrenca, posso ser tirada do espetáculo de inverno. Ava, por outro lado, pode ser expulsa.

Além do mais, seu olhar e tom de voz são determinação pura. Ela não vai

mudar de ideia. Mesmo se eu não for, ela vai sozinha. É melhor que eu esteja junto então.

— Tudo bem, mas, se ficar perigoso, nós voltaremos — determino.

Ela dá um sorriso vitorioso e me puxa para nos levantarmos.

Rapidamente nos vestimos, e eu a guio pelo átrio até a ala acadêmica para que utilizemos a saída que Callan me apresentou. Por sorte, não trombamos com ninguém pelo caminho.

A manhã está gelada. O outono cobra seu preço. Há muitas folhas secas pelo chão. A grama perdeu a cor, e o céu está cinzento com o prenúncio de uma tempestade.

Enfio as mãos nos bolsos do blazer vermelho, me sentindo grata pela meia-calça sob a saia xadrez do uniforme, que aquece bem minhas pernas. O vento frio que corta nossos rostos enquanto caminhamos em direção à floresta não parece incomodar Ava. Ela está convicta de seu objetivo.

O Clube de Caça Deacon é o refúgio dos meninos ricos e populares do Instituto Valiant. Ser convidado para caçar ao lado de Soren e da Tríade é uma grande honra. Não vejo graça nenhuma em reunir um bando de garotos fúteis para matar pobres cervos durante o outono, mas minha mente não funciona da mesma forma que a deles.

De qualquer forma, os rapazes daqui seriam capazes de se atirar nos trilhos do trem só para impressionar e agradar Soren. Dariam qualquer coisa para fazer parte do grupinho dele.

Nunca vou entender isso.

Quanto mais Ava e eu nos embrenhamos na floresta, mais receosa fico. A sigo em silêncio e ela parece conhecer bem o caminho, mas algo me diz que estamos prestes a nos meter em um problemão.

Andamos e andamos por vários minutos. O bosque está absolutamente quieto. Não ouvimos nem mesmo o som dos animais. Todos eles ainda estão dormindo, aposto.

— Ali! — Ava aponta assim que um grande chalé na beira do lago Whitemirror surge.

Fica do outro lado, percebo, por isso não consegui vê-lo na noite em que vim ao lago com Callan.

— Não parece ter gente ali — observo, encarando a cabana luxuosa de uma distância segura. — Melhor voltarmos.

— Se não estão no chalé, então é a oportunidade perfeita para entrarmos — Ava argumenta.

— Não podemos invadir a propriedade de Deacon assim — rebato. Não quero nem pensar no que vai acontecer se formos pegas no flagra. A corda

sempre arrebenta no lado mais fraco. — Se descobrirem, vão avisar nossos pais. Podem até chamar a polícia, Ava!

Minha amiga exala o ar com impaciência e cruza os braços.

— E seria terrível pra você se seu papai descobrisse que não é perfeita, não é?

Ouch.

Suas palavras me atingem como golpes no estômago. Recuo, chateada.

— Isso não é justo.

Ava suspira e afasta seus longos cachos escuros para trás. Sua pele branca está mais rosada hoje, não sei se pela adrenalina ou frio.

O arrependimento enche seus olhos. A garota na minha frente agora não se parece muito com a Ava que eu conheço. Na verdade, já faz algumas semanas que tem agido de forma estranha. Parece atormentada. Pensei que fosse por conta de todas as provocações infantis de Soren, mas talvez haja algo além.

Algo que ela não está me contanto.

— Eu sei, me desculpa — admite, com o rosto envergonhado.

— Por que quer tanto encontrar algum podre de Soren? Tem mais coisa por trás dessa história de querer dar o troco por todo o bullying, não é? — questiono, com preocupação explícita na voz. — O que está havendo, Ava? Pode me contar.

Tenho medo de estar tão presa na órbita de Callan nos últimos tempos que não percebi que minha amiga precisa de ajuda.

— Não é nada — garante, sem titubear. Mas não me convence. Ava dá mais um passo para trás, na direção do chalé. — Você não precisa vir comigo. Volte para o Instituto, ok?

Antes mesmo que eu proteste, ela se vira e corre na direção da propriedade dos Deacon.

— Ava! — chamo, mas ela nem olha na minha direção.

Bufo alto, irritada e frustrada.

Por que diabos ela tem que ser tão teimosa?

Jogo as mãos para o ar, desistindo.

Se quer procurar encrenca, então que faça isso sozinha. Não posso ter uma mancha dessas em meu histórico escolar. Não se quiser entrar para uma universidade da Liga Ivy.

Me viro, dando as costas para Ava e a maldita cabana de caça. Começo a caminhar no sentido contrário, seguindo pelo mesmo caminho em que viemos.

Em algum momento, porém, acho que vou para o lado errado. Não consigo mais ver a trilha para a escola. Há apenas pinheiros desbotados por todos os lados.

Droga, não acredito nisso.

— Vejam só o que encontramos! — Uma voz masculina quase me faz gritar de susto, e me viro num solavanco. — Duas de uma só vez.

Lá estão eles.

Quatro rapazes usando máscaras de Halloween.

Não preciso ver seus rostos para saber que são Soren e sua Tríade.

O mais alto deles segura Ava com uma mão em sua boca para que ela não possa gritar. Ele é o mais encorpado, com músculos enormes nos braços. Usa uma máscara cinzenta de olhos leitosos emoldurados por olheiras pretas, um sorriso grande e maligno de dentes pontudos e amarelos, cercado por uma gengiva espessa e vermelha.

Aposto que é Troye Nichols.

A visão faz meu coração disparar com pânico.

Os quatro usam trajes de caça, com botas longas, coletes e espingardas penduradas em seus ombros.

— Saíram para brincar no Halloween? — Nichols se diverte. — Estão atrás de doces ou travessuras?

Meu coração encolhe no peito quando percebo que Ava e eu estamos sozinhas na floresta com quatro garotos armados que não são conhecidos por serem bonzinhos.

— Nos perdemos no bosque, mas já estamos voltando para a escola — gaguejo, sem conseguir disfarçar o medo que surge com um arrepio congelante em meu corpo.

Os quatro dão risada.

— Acha que eu nasci ontem, pequena Kestrel? — Soren pergunta, vindo até mim.

Sei que é ele, sem dúvidas, porque usa uma máscara que apenas cobre seu rosto do nariz para baixo. É uma máscara de contenção utilizada antigamente para controlar criminosos perigosos. Me remete exatamente à máscara de Hannibal Lecter em *O Silêncio dos Inocentes*. É assustador porque posso distinguir seus olhos doentios.

Dou alguns passos para trás, mas minhas costas logo batem no tronco de uma árvore.

Estou encurralada.

— Solte ela. Deixe a gente ir e não vamos dizer nada a ninguém — tento convencê-los novamente, mas não parece surtir efeito.

— Dizer o quê, exatamente? —Troye Nichols quem indaga, apertando Ava com mais força contra seu corpo. — Não aconteceu nada.

— *Ainda* — um dos gêmeos Donovan acrescenta, despertando risinhos

entre os outros. Não sei se este é Julian ou Lucian porque nunca consegui distingui-los nem sem máscara. Parecem igualmente perturbadores para mim. Eles possuem a mesma altura e usam máscaras idênticas que cobrem apenas a parte superior do rosto. Parecem feitas de ossos e possuem chifres retorcidos para o alto.

Soren dá um sorriso vil e continua caminhando até mim. Até que estejamos a um mísero passo de distância. Me mede dos pés à cabeça de uma forma que me deixa enjoada. Seus olhos são tão claros que chegam a ser assustadores.

Desvio minha atenção para Ava. Seu rosto está avermelhado e manchado pelas lágrimas que escorrem em sua bochecha. Normalmente, ela é a durona entre nós duas. Mas não sei o que eles disseram a ela quando a encontraram. Ava está aterrorizada.

— Deixem a Ava ir — exijo.

— Não sei... — O tom de diversão na voz nojenta de Soren me irrita. — O que vocês acham, rapazes?

— Mas ainda nem começamos a nos divertir — o outro gêmeo Donovan assobia.

— Duas são melhores do que uma — concorda o irmão dele.

— Mas talvez seja mais divertido brincar com uma de sangue azul, pra variar — Troye intervém. — Já estou cansado de lidar com essas malditas bolsistas carentes e patéticas.

Soren pondera, inclinando-se sobre mim e aspirando o ar como se estivesse sugando meu cheiro para si.

— Nichols tá certo — ele diz, após alguns segundos de intensa avaliação e escrutínio. — Não precisamos da vadia Gallagher. Não quando temos a nossa Kestrel aqui. Vai ser boazinha se liberarmos sua amiga, boneca?

Acho que vou vomitar.

Viro o rosto enojada quando ele aproxima seus dedos asquerosos do meu rosto.

— Conte isso para alguém, e eu arranco seu rosto do crânio, ouviu bem? — sibila Nichols no ouvido de Ava.

Então de repente ele a solta.

Minha amiga cambaleia, me olhando com um pedido de desculpas. Aceno para lhe dizer que está tudo bem. Vou ficar bem. Eles não podem fazer nada tão ruim comigo.

Soren ri como se fosse hilário e puxa sua espingarda.

Meus olhos se arregalam em pavor.

Ainda chorando copiosamente, Ava desata a correr para longe.

O prazer sádico por aterrorizar adolescentes inocentes de Soren fala mais alto. Ele destrava a arma de caça e atira para o alto, na direção da copa das árvores.

Ouço os gritos desesperados de Ava ao longe, que ecoam na floresta muito tempo depois que ela acelera seus passos e some entre os pinheiros.

Os quatro demônios riem.

— Aposto que ela mijou nas calças — um dos Donovan diz, despertando risadas ainda mais altas.

Não quero que Ava descumpra a ordem deles, porque temo que a ameaça feita por Nichols possa realmente se concretizar. Ainda assim, se Ava não chamar ajuda, estou condenada.

Não posso evitar. Estou tremendo de medo do que eles podem fazer comigo aqui.

— Enfim, somos só nós! — cantarola Soren, retornando sua atenção para mim. Ele apoia a longa espingarda marrom-escura no chão.

— O que vocês querem? — pergunto num sussurro patético.

— Nada além de um pouco de diversão — é Nichols quem responde.

O conceito de diversão para eles me assusta mais que qualquer coisa.

— Como sou justo, vou lhe dar uma vantagem. Pode correr como sua amiga. Mas nada de ir na direção da escola. Se te pegarmos, você é nossa — diz Soren, como se fosse algo simples e sensato. — Vai passar o fim de semana em nossa cabana de caça, nos... *servindo.*

Deacon dá alguns passos para trás, juntando-se aos amigos.

Consigo ver perfeitamente o sorriso maligno que se forma nos rostos dos gêmeos Donovan. Engulo em seco, sem ação. Não posso deixar que toquem em mim, muito menos que me levem para o chalé.

As palavras de Ava sobre as garotas que Soren e sua Tríade arruinaram na última temporada de caça fazem meus ossos sacudirem e minha pele congelar. O medo recai sobre mim como uma onda arrebatadora.

Mas não tenho tempo de planejar algo. Soren levanta a arma de novo, mas dessa vez aponta para mim.

— Corra, pequeno cervo — ordena. — Vá!

E é o que eu faço. Corro para a primeira direção que encontro, do lado oposto para onde Ava foi.

Corro pela minha vida, com toda força e velocidade que possuo. Não precisa olhar para trás pra saber que estão atrás de mim. A perseguição me enche de agonia. O medo de ser pega faz meu instinto mais primitivo ser acionado.

Quero gritar por ajuda, mas sei que ninguém me escutaria daqui. Minha única chance de escapar é não deixar que eles me peguem. Ouço suas vozes atrás

de mim. Comentários depravados e risinhos debochados que me dão vontade de regurgitar.

Há um choro de puro horror preso em minha garganta, e o seguro tanto quanto posso. Logo as árvores ficam para trás e um descampado surge. Com um grunhido de dor, percebo que corri para o lado da encosta. *O lado errado.*

No horizonte, o céu cinzento encontra o oceano em uma linha tênue. As falésias estão apenas a alguns metros de distância.

De novo, sem saída. De novo, encurralada.

O choro esbraveja para fora de mim, e me viro num salto, olhando para trás. Os quatro demônios despontam do interior da floresta com passos calmos e movimentos tranquilos. Eles sabem que ganharam.

Caminho de costas para abrir o máximo de distância entre mim e eles. Estou tão perto do desfiladeiro rochoso que a forte brisa marítima ricocheteia meus cabelos.

Cerro a mandíbula, levantando a cabeça para encarar os quatro rapazes que vêm até mim com passos calculados e propositalmente ameaçadores.

O suor frio se acumula em minhas mãos e escorre pelas minhas têmporas.

— Pensei que seria mais difícil — um dos gêmeos diz.

— Ela correu para o lado errado — o irmão responde. — *Que pena*.

— Me deixem em paz — digo, à beira da súplica.

— O que estavam fazendo perto da minha propriedade? — Soren questiona, liderando o grupo. — Bisbilhotando feito as enxeridas que são?

— Não — respondo com a voz trêmula.

— Não acredito em você. Está merecendo uma lição.

Ele inclina a cabeça para me fitar com minúcia e, em seguida, acena com a cabeça na direção de Troye, dando-lhe um sinal.

O garoto com a máscara mais assustadora vem na minha direção enquanto seus amigos permanecem parados, me barrando de tentar correr de volta à floresta.

Desesperada, dou mais um passo para trás. Meu pé engancha em uma pedra, me levando rápido ao chão. Caio de costas quase na borda do penhasco, sentindo um frio na barriga pela altura. Me curvo para olhar lá pra baixo, me segurando firme enquanto avalio a queda nas falésias.

As rochas pontiagudas lá embaixo me pegariam antes que eu tivesse a chance de cair no mar. É uma queda de muitos, muitos metros. O mar se lança furiosamente contra as pedras, respingando água e espuma por toda parte. Meus olhos se arregalam com a mistura de pavor e adrenalina.

Não consigo tomar uma decisão. Ergo-me nos cotovelos, mas não

consigo me levantar. Troye me alcançou e salta sobre mim com uma mão ao redor do meu pescoço.

— Peguei você, pequeno cervo.

Nichols me vira de bruços e me arrasta mais para perto da borda do penhasco, o solo pedregoso rasgando minha meia-calça e cortando minhas pernas.

— Por favor, não! — grito, em choque.

O som das ondas batendo contra as falésias nunca foram tão apavorantes como agora. Ele força minha nuca para que eu encare a queda lá embaixo.

Ele vai me empurrar? Vai me jogar lá embaixo e me deixar esquecida, morta sobre as rochas?

Tento me segurar em vão. Metade do meu corpo está pendurado para fora do solo firme. Estou presa apenas pela mão de Troye na minha nuca. Seus dedos se fincam na raiz dos meus cabelos.

— Seria uma queda e tanto, não acha? — pergunta, me arrastando mais.

Minha garganta dói quando um novo grito de terror escapa. Se ele me soltar, vou cair.

As pontas dos meus sapatos deslizam sobre o musgo, e, quando tenho certeza que estou prestes a mergulhar para uma morte rápida, Troye me puxa.

Ele me joga de volta na grama, a uma distância segura do penhasco, e solto uma lufada de ar, aliviada. Meus olhos ardem, e minha visão está embaçada pelas lágrimas.

— Ela realmente implorou. — Um dos gêmeos ri alto, sendo acompanhado pelos outros.

Abro os olhos apenas para encontrar a máscara apavorante de Troye me encarando com seu sorriso sádico. Ele se agacha ao meu lado, me observando de forma perturbadora.

Sua mão está no caminho para tocar os botões da minha camisa do uniforme quando outra voz colérica surge em meio à ventania.

— Nem pense em tocar nela.

Todos olhamos ao mesmo tempo na direção da floresta. Vejo Callan surgir por entre as árvores. Nenhum dos meus perseguidores tem chance de fazer nada, porque, no exato momento que Soren se vira para olhar, é acertado na cabeça pela pedra nas mãos de Callan.

Ele cai desacordado no mesmo instante.

Um dos gêmeos levanta a espingarda, assustado, mas é desarmado por Callan em um movimento ágil. Com a base da arma, ele golpeia o garoto mascarado na barriga, enfiando o objeto bem na direção de seu estômago. O Donovan arfa, se curvando com a dor. Seu irmão dá passos intimidados para trás

e, assim que percebe uma oportunidade, corre como o covarde que é.

Ele foge pela floresta, deixando o irmão para trás. Callan não dá atenção. Em seguida, deixa o rapaz de cócoras no chão, choramingando com a dor, passa por cima de Soren desmaiado e marcha até onde Troye e eu estamos.

Quase consigo sentir o solo tremer com os passos duros e impiedosos de Harkness.

Arregalo os olhos, sem saber se devo ficar impressionada ou ainda mais assustada.

— Quem diria... — Troye dá risada, sem parecer intimidado. — A pequena Kestrel tem um guardião do lado podre da cidade.

Aproveito que ele está distraído, trocando olhares de fúria com Callan, para me arrastar para longe dele. Engatinho pela grama, sem desviar os olhos da cena que se desenrola ao meu lado.

Troye se levanta. É alto, quase do mesmo tamanho que Callan. Tem ombros mais largos também, mas nada disso o torna páreo para enfrentar seu rival. Sou testemunha dos treinos insanos que Callan faz no meio da madrugada. Sem contar a destreza com que desarmou Donovan com facilidade...

Algo me diz que está acostumado com esse tipo de coisa.

Deveria me levantar e sair correndo enquanto posso, mas estou vidrada. Assisto estarrecida quando Troye mal consegue se aproximar de Callan. Tenta mirar um soco no rosto descoberto de Callan, mas ele desvia e revida com um chute pesado no joelho que leva Troye ao chão. Mais um chute em suas costelas o derruba completamente.

O rapaz mascarado e tão intimidador, que me deixou apavorada apenas poucos minutos antes, agora geme de dor. Callan pisa em seu pescoço, afundando o tênis em sua garganta.

Miro seu rosto neste momento e não encontro nada além de uma expressão fria e indecifrável. Não é nada parecido com o Callan gentil que conheci nas últimas semanas. Não tem nada a ver com o garoto com quem leio e toco piano.

E, ainda assim, é ele.

— Acha que essa máscara ridícula te protege de algo? — Callan pergunta com ironia. — Vou te dar um bom motivo para usar uma máscara.

Callan se abaixa sobre a figura de Troye, que se contorce de dor no chão. Ele arranca a máscara de seu rosto. Paraliso quando Callan, sem nem olhar na minha direção, puxa um canivete da calça do uniforme.

Objetos cortantes são proibidos aos alunos, tanto quanto os celulares. Ainda assim, nenhuma regra impediu Callan Harkness antes.

Abre a lâmina, aproximando a ponta cortante para o rosto de Troye, que

está imobilizado no chão. Callan o segura pelo pescoço e encosta o canivete em sua pele suada e pálida.

Eu seria um monstro se admitisse que gosto de vê-lo tão apavorado quanto eu estava?

Callan certamente está apenas lhe dando um susto. Não vai cortá-lo de verdade.

Prendo a respiração quando percebo que estou completamente enganada. Callan finca o canivete no alto da bochecha de Troye. O sangue surge rápido, e mal consigo acreditar no que estou vendo quando a lâmina desliza, rasgando a carne do rosto dele.

Um grito de profunda agonia ecoa, fazendo os pássaros voarem para longe das árvores, assustados. Troye se debate. Há muito sangue por todo lado. Nas mãos de Callan, na sua camisa branca, respingando na grama...

Parece algo saído de um filme de terror. É brutal e horrendo, capaz de causar pesadelos e embrulhar o estômago.

Ainda sem acreditar no que meus olhos testemunharam, no que Callan está sendo capaz de fazer, decido que é o suficiente.

Me levanto e corro, deixando aquela cena horrível para trás. Corro rápido e, dessa vez, na direção certa.



Estou na enfermaria há mais de duas horas.

Garanti a todos que estava bem, mas obviamente não era verdade. Quando cheguei ao internato, todos já estavam alertas e procurando por nós. Eu estava em choque. Não conseguia nem sequer dizer o que tinha acontecido.

Me deram um calmante e me instruíram a descansar pelo resto do dia.

Eu ainda desconfio da minha própria memória, duvidando se que o que vi foi real. Callan torturou Troye bem na minha frente. Ainda custo a acreditar que não foi apenas um delírio da minha mente aterrorizada.

Não consegui dormir, então ouvi as enfermeiras comentando. Na versão dos fatos que lhes foi passada, Ava e eu caímos em uma pegadinha de Halloween. Ficamos muito assustadas, e Troye Nichols acabou tropeçando e cortando o rosto numa pedra.

Tudo não passou de um mero acidente, mas a visão do sangue me deixou em choque.

Não sei quem, de fato, criou essa mentira, mas aposto que ninguém vai contrariá-la. Deacon e seus amigos estavam fazendo muito mais do que pregar

peças em mim e Ava, então não vão se arriscar contando sua versão da história. Ava não tem credibilidade aqui porque é bolsista, a coisa toda poderia se virar contra ela se tentasse. Obviamente, Callan não vai se incriminar.

Quanto a mim...

Eu poderia dizer a verdade. Ou ao menos tentar, mesmo que não acreditassem.

Mas a parte mais assustadora é que não quero entregar Callan. O que ele fez o mandaria para a cadeia. Talvez devesse, porque ninguém normal é capaz de fazer uma coisa daquela. Ainda assim, não quero prejudica-lo.

Sei que, de uma forma distorcida e provavelmente doentia, ele fez aquilo para me proteger. Se ele não tivesse aparecido, sabe-se lá o que aqueles malditos teriam feito comigo.

Quando a cortina que isola meu leito na enfermaria é abruptamente puxada, tenho um espasmo de susto. Meu corpo ainda dói com a tensão do episódio, e meu coração imediatamente dispara.

O rosto do meu pai entra em foco, o que deveria me aliviar e me transmitir alguma segurança. Contudo, só fico ainda mais tensa quando nossos olhares se encontram.

Ele para ao lado do leito. Parece afobado em seu terno corporativo, com os cabelos desgrenhados e os olhos avaliativos, procurando se certificar de que estou inteira.

— O que houve, querida? — pergunta, inspecionando meu rosto. — Você está bem? Me falaram que o filho da sra. Nichols foi parar no hospital.

Presumo que a escola tenha notificado os pais do ocorrido. Já posso ver as manchetes que estamparão os jornais amanhã.

"*Brincadeira de Halloween termina mal em internato particular e jovem herdeiro é levado ao hospital*."

— Tá tudo bem, pai. Não foi nada.

Mason odeia ser interrompido no trabalho, mesmo que seja um assunto envolvendo o bem-estar de sua única filha.

— Essa escola deveria proteger vocês! Como podem permitir que os alunos zanzem pela floresta? Não sabem como é perigoso? Vocês são apenas crianças, pelo amor de Deus.

Meu pai fala alto e de forma estridente de propósito, para que os funcionários ao redor escutem e se encolham de constrangimento e culpa.

Suspiro, tombando a cabeça para trás e fechando os olhos.

Ele não tem a menor ideia...

Os garotos de ouro que esse distrito tanto idolatra fazem coisas terríveis naquela floresta. A verdade é muito pior do que a história que foi inventada para

evitar as perguntas.

Não tenho certeza se meu pai acreditaria. Ele é um grande amigo de William Deacon, pai de Soren. Deve achar o garoto perfeito.

Abro os olhos quando sinto outra presença se aproximando. Conheço esse efeito muito bem. Me acomete toda a vez que Callan Harkness está por perto para fazer cada pelo do meu corpo se arrepiar.

Minha atenção dispara na sua direção, do outro lado da enfermaria, ainda perto da porta. Intacto. Os outros não conseguiram atingi-lo, e, agora sem o sangue manchando suas mãos e roupas, parece que nada aconteceu.

Seus olhos recaem sobre mim. Ele franze a testa, parecendo consternado. Faz menção de dar um passo adiante, mas algo o impede. Meu pai olha para trás e o fita também.

Acho que isso acaba o intimidando, porque ele desiste de entrar na enfermaria. Seus olhos se abrem com o que aparenta ser espanto, e ele permanece estancado no lugar. Seu maxilar fica tenso, e ele continua nos encarando como se fôssemos uma assombração.

De repente, Callan empalidece. Mas a perplexidade logo some do seu semblante e dá lugar a outra coisa.

Um de seus punhos se fecha ao lado do corpo, e ele arqueia as sobrancelhas, semicerrando os cílios. Mesmo de longe, noto quando ele crispa o canto da boca. O olhar que ele ostenta se transforma. Antes parecia espanto, mas agora parece somente cólera, em sua forma mais pura.

Seu escrutínio me perfura como laser. O asco dominando sua expressão. Callan passa a me encarar com um misto de fúria, repulsa e desdém.

Balanço a cabeça em confusão e me sento ereta, disposta a ir até ele a fim de saber o que está acontecendo. Contudo, antes que eu possa me levantar, ele se vira e desaparece logo em seguida.

24

S L O A N

Eu sinto as páginas virando, eu vejo a vela queimando
Diante dos meus olhos, diante dos meus olhos selvagens
Eu sinto que você está me segurando com mais força, não consigo ver
Quando vamos finalmente respirar
Breathe – Tommee Profitt, Fleurie

ESTOU ME ESCONDENDO.

Já faz dois dias que Callan me beijou, e, desde então, estou fugindo da verdade, ou melhor, me escondendo dela. Quando não estou correndo ao redor do campus para tentar arejar minha mente — como agora —, fico presa no dormitório sob argumento de que preciso estudar.

Como se eu pudesse sequer fazer minha mente focar em outra coisa que não seja a sensação da boca de Harkness. O gosto de nossas línguas se misturando, o som de sua respiração pesada, do seu cheiro me atordoando... Ainda sinto o toque da sua boca e dos seus dedos nas curvas do meu corpo, o meu coração despedaçando da forma mais prazerosa que existe, o meu corpo quase explodindo de luxúria bem ali na sua frente.

Minha mente revive, a cada maldito segundo, a forma como ele me tocou. É como se queimasse por isso, sem conseguir parar. Foi uma punição a mim, sem dúvidas, mas uma que despertou em mim desejos que jamais imaginaria.

Não estava sob meu próprio controle naquela noite. Me tornei sua marionete assim que Callan me prensou naquela porta, de caso pensado.

Odeio essa lembrança e me odeio mais ainda por querer sentir isso de novo.

Acho que estou enlouquecendo. *Ele está me tirando do prumo.* Não consigo mais pensar ou agir livremente. Está tudo diferente. Tudo contaminado pela memória horrível do que aconteceu naquele dormitório, em segredo, no meio da noite. As cores estão mais quentes; o ar, mais contaminado. Não vejo mais nada da mesma forma que antes.

O que me deixa ainda mais puta é que só ele sabe ao que me submeti. Quero arrancar ele e aquela noite da minha cabeça. Sinto que Callan me possuiu desde a primeira vez que o vi e agora tenho que conviver com sua presença

constante. Com o sussurro de sua existência me perseguindo a cada passo que dou.

Definitivamente, vou enlouquecer.

Tento me concentrar na música tocando nos fones sem fio enquanto termino a trilha de jogging que atravessa o bosque do campus. A noite está caindo, e quero chegar no alojamento antes que fique escuro.

Preciso de um plano, isso é óbvio. E preciso ser mais discreta e esperta para não ser descoberta da próxima vez em que tentar atingir a Sociedade. Ter prejudicado os negócios dos Corvos e da gangue russa não foi o suficiente. Nem de perto.

Acredito realmente no que disse à Callan. A vingança é um prato que se come frio, e vou ser paciente para aguardar o momento em que os Grifos e os Corvos cairão. O momento em que recuperarei as rédeas da minha vida.

Para isso, preciso conhecer meu inimigo a fundo. Da mesma forma que estou me infiltrando nos Grifos, preciso conhecer os métodos, objetivos e negócios dos Corvos... No entanto, eles não confiam em mim. Ainda mais agora. Tenho que mudar isso, só não sei como.

Ainda.

Quando piso para fora do bosque em direção ao estacionamento do Danver Hall, o suor já desce pela minha coluna. Conforme me aproximo, reconheço a figura de Riley no pátio, carregando uma caixa grande de papelão em direção ao porta-malas aberto de um carro.

Retiro um dos fones e, com a testa franzida, vou até ela.

— Hey — cumprimento, chamando sua atenção. — Tá tudo bem?

O rosto delicado da minha colega de quarto está inchado. O nariz e os olhos são de alguém que andou chorando. Ela engole em seco e coloca a caixa no último espaço disponível no bagageiro do seu Volkswagen. O resto está ocupado por malas e outras caixas.

— Não muito. — Ela suspira, passando as mãos inquietas pelos cabelos curtos e escuros. — Fui expulsa.

Acho que não ouvi direito. Mas, pela expressão arrasada no rosto dela, sei que estou enganada. O papo é sério.

Pisco, sem acreditar.

— O quê?! — Balanço a cabeça. — Por quê?

Desde que passamos a morar juntas, não testemunhei nenhum comportamento dela que fosse passível de expulsão. Riley é uma boa aluna, estudiosa e não arruma encrenca.

Não pode ser verdade.

Ela encolhe os ombros e abaixa a cabeça para encarar o chão,

envergonhada.

— Descobriram que fraudei o processo de bolsa de estudos da universidade.

— Você fraudou? — repito, ainda sem entender.

Riley anui devagar.

— Não conseguiria estudar numa universidade da Liga Ivy sem bolsa integral e sabia que não seria aceita. Fui péssima na entrevista, e meu currículo era medíocre. Tenho um amigo que aprendeu a hackear, e ele me ajudou a entrar no sistema da reitoria e... — Ela suspira, dando de ombros, e, em seguida, cobre o rosto com as mãos. — Eu queria muito continuar a tradição da minha família e estudar na Wilrose. Não queria decepcionar minha mãe.

A dor é evidente em sua voz e em seus olhos.

— Como descobriram só agora?

— Não sei — lamenta. — Não disseram. Alguma coisa sobre o novo sistema inteligente e antifraudes da universidade.

Deve ser o sistema da Atlas que está em vigor agora.

Trinco a mandíbula. De repente, as peças se encaixam, me dizendo tudo e manchando minha visão com um tom furioso de vermelho.

Callan Harkness arquitetou a expulsão dela. Afinal, o desgraçado sabe tudo o que acontece nessa maldita universidade. Fez isso para me punir. Prejudicou alguém com quem me importo só para me machucar.

Culpa e vergonha serão seu cilício.

Fecho as mãos em punhos, afundando as unhas nas palmas até doer.

Não posso acreditar que ele fez isso.

— Sloan? — A voz de Riley me traz de volta. Pisco, me concentrando em seu rosto. Ela coloca uma mão em meu ombro. — Vou ficar bem. Disseram que posso tentar de novo no ano que vem.

— Eu sinto muito. De verdade.

— Não é sua culpa. — Ela dá um sorriso triste, mal sabendo que na verdade é, sim. — Acho que vai ser bom tirar um ano sabático.

Riley não acredita em si, só quer ser otimista e ver o copo meio cheio. O que eu vejo, em contrapartida, é a demonstração de poder de um cretino orgulhoso e insensível, a frieza ao prejudicar a vida de alguém só para me magoar.

Me recrimino por ter beijado alguém tão baixo assim e mais ainda por ter gostado.

Deus, como eu o odeio.

— Vou consertar isso, Riley — garanto e dou um passo para trás. — Eu prometo.

Sem mais explicações ou despedidas, me viro e corro para dentro do alojamento. A pressa me leva até o dormitório — agora meio vazio — em questão de segundos. Preciso tomar um banho e me arrumar.

Preciso elaborar um plano urgentemente e colocá-lo em prática o quanto antes.



A música alta do Nemesis retumba em meus ouvidos. Faz meus ossos vibrarem no ritmo pesado e sombrio do som. Estreito os olhos, tentando enxergar sob a escuridão e as luzes vermelhas do clube.

Dessa vez, estou completamente sozinha em território inimigo. Nem me abalo sabendo que a Zmey deve estar por aqui. Só sinto raiva. Pura, quente e vermelha, borbulhando em minhas veias.

Olho ao redor, vendo rostos desconhecidos sob maquiagem pesada. Como da outra vez, eles se viram para me olhar, como se me conhecessem e estranhassem minha presença.

Vou direto para as escadas do mezanino. O mesmo guarda de semanas atrás está barrando a passagem para o camarote, mas, dessa vez, abre espaço assim que me aproximo, sem hesitar.

Talvez todos aqui já saibam que me associei à Sociedade. Mas espero não desconfiem que a culpa é minha por vários dos seus estarem presos ou mortos agora. Ou então, é provável que eu nunca saia daqui.

Ao menos, não com vida.

Aceno com a cabeça um agradecimento e subo os degraus, me equilibrando sem esforço em meus saltos finos.

O cheiro de tabaco e maconha é ainda mais forte do que eu me lembrava. Conforme cruzo o mezanino, passo meus olhos pelas pessoas próximas. Um homem cheira uma fileira de pó branco espalhado na mesa de vidro com auxílio de um canudo feito com dinheiro. Faz isso com tanta normalidade, na frente de todo mundo, que me faz questionar se esse lugar não é uma realidade paralela.

Desvio o olhar, me afastando.

Estar aqui é um tiro no escuro. Nyx me ajudou uma vez, mas duvido que faça isso de novo. Sem contar que já lhe devo dois favores e a garota está ligada diretamente à Sociedade.

Porém, algo me diz que ela odeia tudo isso tanto quanto eu. Também não é como se eu tivesse muitas opções. Ao menos, ela conhece os Corvos. Deve ter

algo que ela queira em troca.

Eu a vejo atrás do balcão, servindo bebidas como sempre. Sua roupa preta e levemente brilhante chama atenção. Ao redor há apenas homens. Muitos certamente da Zmey. Seus olhos acompanham meu trajeto até o bar. Assim que Nyx levanta o rosto e me encontra, o corpo dela se tensiona.

— Não deveria estar aqui — diz com desgosto quando me sento diante dela.

Nyx me evita e continua trabalhando nas bebidas dos cliente.

— Vou querer um...

— Uísque puro com gelo — responde, ainda sem me olhar. — Eu sei.

Há algo diferente nela hoje. Seus cabelos longos e pretos como carvão estão presos no topo da cabeça. As orelhas ostentam brincos de argolas prateadas, mas não há maquiagem em seu rosto. Não que precise, de qualquer forma. A imponência de sua postura permanece, mas ela parece ainda mais na defensiva do que nas outras vezes que a vi.

Não consigo ver direito com a baixa luz, mas acho que há um hematoma esverdeado no alto de sua bochecha. Franzo a testa, tentando ler sua expressão. Quero saber mais sobre essa garota de nome e identidade falsos. Há muito em sua história que não estou vendo.

Após Nyx me servir, deixo ela trabalhar em paz por uns minutos. Ao menos, até alguns dos homens à nossa volta se dispersarem. Quando isso acontece, ela se volta para mim.

— Não tenho mais favores para te vender, Kestrel — diz, nem um pouco receptiva. — Principalmente agora.

— Porque faço parte dos Corvos?

— Fale baixo — repreende, virando o rosto para olhar ao redor antes de retornar para mim. — Não me interessa por que fez isso, mas foi um erro.

— Por quê? — insisto, me debruçando no balcão.

Nyx suspira, relutante. Por fim, ela se inclina na minha direção, seu perfume cítrico atingindo meu olfato.

— Uma guerra está para acontecer.

— Pensei que já estivesse acontecendo. — Semicerro os olhos, confusa.

— Não. — Nyx balança a cabeça e apoia as mãos no balcão. — Não é nada comparado ao que está por vir.

— Do que está falando, Tempest?

O tom de sua voz exala medo, e isso me deixa receosa. Enrijeço os ombros e a observo, esperando que se explique. Ela volta a olhar para os lados e, assim que um garçom aparece em seu campo de visão, ela o chama e pede que cuide do bar.

Depois, Nyx sai em direção a um corredor paralelo, me dizendo, com apenas um olhar, que devo segui-la. Terminamos na escada de emergência nos fundos do clube. Aqui fora tá frio, e praticamente posso sentir o cheiro da chuva que se aproxima.

A época das tempestades está apenas começando em Millsdale.

Nyx se senta em um dos degraus e tira um maço de cigarros do bolso, acendendo um. Ela me oferece, mas nego gentilmente com a cabeça.

— Não é muito inteligente da sua parte vir a um lugar repleto de pessoas que não são nem um pouco suas fãs.

— Preciso da sua ajuda. Tenho que destruí-lo.

Ela levanta uma sobrancelha antes de cair em uma gargalhada.

— Harkness? Esqueça.

— Não tenho escolha. — Dou de ombros com um suspiro e me seguro na grade de metal. Há muitos becos ao redor do Nemesis. Aqui de cima posso ver movimentações suspeitas em alguns deles. Acho que faz parte de tudo o que envolve East End. Viro o rosto, encontrando o olhar de Nyx de novo. — Ele vai acabar comigo se eu não agir logo.

— É impossível. — Balança a cabeça. — Olhe ao redor, tudo isso pertence a ele. Com um estalar de dedos ele pode incendiar a cidade inteira. Ele herdou esse poder, Kestrel, sabe o que significa?

— Que é impossível derrotá-lo.

— Exato. Seja lá o que te colocou nessa situação, apenas siga em frente e resolva tudo até se ver livre dele.

— É o que está fazendo? — retruco, sem entender. — Trabalhando para eles?

Ela dá uma longa tragada insatisfeita antes de responder.

— Temos um acordo, é bem diferente.

— E ele está cumprindo a parte dele?

— Até agora, sim.

Minha língua coça para perguntar que acordo é esse, porque me parece improvável que Callan faça qualquer coisa minimamente decente relacionada a outro ser humano. Não posso julgá-la, porém. Eu mesma fiz um com o diabo, mesmo tendo certeza de que foi um contrato traiçoeiro.

— Acredita mesmo que ele vai te dar o que quer, o que foi combinado? Porque eu, definitivamente, não acredito nem de longe na palavra de Callan.

Nyx bufa, soprando a fumaça no ar. Embora pareça corajosa, há algo que essa garota teme. Algo que preciso descobrir se quiser ganhar sua ajuda contra os Corvos.

— Por que quer tanto se vingar dele?

Suspiro, pensando por onde devo começar a explicar.

São tantos os motivos. Tanto ódio, mágoa e ressentimento semeados com fogo nos últimos anos. Acho que nunca deixei minha vingança de lado. Apesar de Callan não ser o culpado pela morte de Ava, ainda quero puni-lo. É a única coisa que me movimenta, que me mantém de pé. Sem isso, não sei o que faria. Como seria. Mas o nosso beijo naquele dormitório foi um breve vislumbre do que poderia acontecer.

Por isso preciso tirá-lo do meu caminho. De um jeito ou de outro, ele é uma ameaça a mim. À minha integridade física, mental e emocional.

— Ele está me ameaçando — resumo. — Ameaçando minha família. Quer me usar e me manipular, e fazer sabe Deus mais o que comigo. Não vou ser um peão nas mãos dele.

— Já deve saber que os Kestrel não são vítimas nessa história.

— Não, não são, mas ainda é minha família. São tudo o que eu tenho — rebato na defensiva. Nyx sustenta meu olhar, parecendo curiosa e tentando decifrar minhas intenções. — E eles não são o único motivo.

— Então não é uma questão pessoal? — Abro a boca para contra-argumentar, mas logo a fecho. Nyx sorri, satisfeita. — Foi o que imaginei.

Olho para baixo, segurando na balaustrada com força. A lembrança do beijo humilhante de Callan faz minha pele arder e queimar. Meu estômago se revira como se estivesse prestes a vomitar, e sinto meus olhos se encherem com lágrimas de pura raiva.

— Ele me fez passar pelo inferno e, quando pensei que estava livre, começou tudo de novo. A humilhação, o terror, o ódio, a manipulação... Odeio o que ele faz e quem ele é. Quero acabar com isso antes que isso acabe comigo. Para provar, no mínimo, que posso ou para vê-lo cair. Meus motivos podem ser mesquinhos, mas sei que essa cidade estaria bem melhor sem os Grifos e os Corvos. E eu finalmente estaria segura e em paz. Callan enfim pagaria por suas maldades. Por todas as vidas que ceifou e que ajudou a arruinar.

Silêncio denso recai sobre nós duas. Acho que Nyx está digerindo tudo o que eu disse. Eu mesma ainda estou.

— Respeito suas razões e coragem — diz ela, um par de minutos depois.

Levanto a cabeça e volto a encará-la, com um resquício de esperança brilhando na minha frente.

— Então vai me ajudar?

— Não disse isso. — Balança a cabeça. — Ainda acho que é suicídio e uma grande burrice.

Bufo, me endireitando com impaciência.

— Você é livre, Nyx?

— Que tipo de pergunta é essa? — Seu tom de voz parece ofendido, combinando com sua postura enrijecida.

— Uma bem simples. — Dou de ombros. — Eu nunca fui livre. Estive perseguindo isso, esse conceito abstrato e aparentemente inalcançável, durante minha vida inteira. Vivi atrás de grades e muros, buscando qualquer tipo de controle sobre meu próprio futuro e escolhas. Pensei que teria isso quando voltei à Millsdale. Mas então Callan retornou à minha vida e garantiu que eu estivesse presa novamente. Presa a ele e à sua maldita Sociedade. Não vou simplesmente abaixar a cabeça para suas regras e seus mandos e desmandos. É apenas questão de tempo até resolverem se livrar de mim. E não vou ficar sentada esperando isso acontecer.

Olho no fundo dos seus olhos enquanto profiro cada uma dessas palavras como um juramento. Callan já deixou claras suas intenções. Quer acabar comigo da forma mais lenta, dolorosa e vexatória que encontrar. Mais do que tudo, parece querer que eu permita que ele faça isso.

Nyx pondera por uma eternidade. Por fim, estala a língua e endireita a coluna.

— Te ajudo a destruir Harkness se você me ajudar a encontrar Maria.

Semicerro os olhos em sua direção.

— Maria? Quem é Maria?

— Não sei, mas Callan sabe. Já ouvi ele conversando a respeito. Preciso encontrá-la.

A determinação em sua voz é muito parecida com a minha, o que só me deixa mais confusa e curiosa.

— Por quê?

— Não me meto na sua vida, e você não se mete na minha.

Suspiro.

Escorregadia e espinhosa. Tudo bem.

Algo me diz que Nyx está nesse submundo há bastante tempo. Talvez tenha nascido nele. Definitivamente, tem um aguçado instinto de autoproteção. Ela se vira bem no meio de todas as pessoas perigosas que a cercam. É corajosa, confiante e não demonstra emoções com facilidade.

É um osso duro de roer, mas não parece ser má.

Deus... espero não estar enganada e prestes a cometer um grande erro.

— Tudo bem — finalmente concordo. — Posso fazer isso.

— Sim, você pode. — Nyx arremessa a guimba do cigarro na lata de lixo enferrujada ao lado e se levanta, indo em direção à porta.

— E quanto a guerra que você mencionou? — me apresso em perguntar.

Nyx me encara por cima do ombro, a mão na maçaneta. Ela está pronta

para terminar a conversa e se esquivar de mim e das minhas perguntas, ao que parece.

— Vai saber a respeito na hora certa. — Seus olhos escuros desviam da minha figura, focando em algo na paisagem atrás de mim. Ela franze o cenho. — Conhece aquele carro? Ele está nos observando.

Me viro, procurando. Há um veículo estacionado no beco bem abaixo de nós. Ele é escuro, se mesclando na escuridão da noite. As luzes dos postes estão fracas e falham, impedindo que eu enxergue com clareza. Seja lá quem for, percebe que está sendo observado, porque o carro arranca de repente, saindo em alta velocidade para longe.

Nem dá tempo de olhar na maldita placa, se é que havia uma.

— Não, não conheço. — Olho de volta para Nyx. Seu rosto está tranquilo, mas isso não me diz nada. — Devo me preocupar?

— Em Millsdale? Sempre.

Nyx não diz mais nada, em vez disso abre a porta e dá um passo adiante. Mas, sobre a soleira, ela para, o olhar de canto voltando para mim por um breve momento.

— A resposta é não. Não sou livre.

Em seguida, ela vai embora.

25

S L O A N

Não posso escapar das consequências
Sinta a chuva de fogo cair, veja as sombras subindo por todos os lados
Não posso escapar das consequências
Fallout — UNSECRET

Acelero os passos, praticamente correndo pela calçada da Avenida Principal em East End. A noite fria me abraça, gelando meu corpo mesmo sob a jaqueta. Minhas mãos estão nos bolsos e meus sapatos de salto-alto apertam meus pés, machucando os dedos. Preciso chegar até meu carro, estacionado a algumas quadras de distância da Nemesis, antes que comece a chover e eu fique ilhada aqui.

Aquele carro que Nyx e eu vimos, parado à espreita no beco, me deixou com a pulga atrás da orelha. Tenho os Corvos e os Grifos no meu encalço. Poderia ser qualquer um deles me seguindo e me espionando. Não sei qual seria pior.

Só preciso dar o fora daqui. Ficarei bem se conseguir chegar ao Danver Hall em segurança.

Embora o centro de East End seja movimentado, com prédios comerciais iluminados e muitos carros passando, duvido que qualquer um aqui olharia duas vezes para uma garota sendo levada por um veículo suspeito no meio da noite. O crime está em cada esquina deste distrito, e aposto que essas pessoas aprenderam a manter a boca fechada diante disso.

Olho para trás por cima do ombro, identificando que o mesmo sedã preto de antes retornou, me seguindo devagar, acompanhando meus movimentos.

Porra, o que devo fazer? Ligar pra polícia? Duvido que dariam algum crédito à minha denúncia. Nenhum crime aconteceu. Ao menos, ainda.

O sinal para pedestres fica verde assim que chego na esquina.

Talvez eu esteja com sorte.

Me preparo para atravessar a rua e correr para o outro quarteirão, abrindo distância entre mim e o carro, quando o veículo preto fura o semáforo, virando bruscamente e frenando bem em cima da faixa de pedestres. Sinto o vento balançar meus cabelos e salto para trás. O maldito quase me atropelou.

Estou bloqueada.

Dou um passo para trás, prestes a me virar e correr na direção oposta, mas o vidro da janela traseira desce, revelando o rosto sombrio e doente de Soren Deacon.

— Não estou no clima para perseguição de gato e rato essa noite, querida — ele sibila com impaciência. Suas olheiras estão mais vermelhas que de costume, e identifico suas pupilas dilatadas mesmo de longe. Os cabelos loiros estão bagunçados, e o colarinho de sua camisa amarrotado. — Sugiro então que apenas entre na porra do carro.

Desgraçado.

Pela expressão perigosa em seu rosto, acho que devo realmente temer pelo que está prestes a acontecer. O jeito de Soren é assustador. Não parece muito racional ou controlado neste momento.

Dou mais um passo para trás, tentando pensar no que fazer. Não posso correr e duvido que começar a gritar me ajudaria em algo. Não tenho tempo para chamar ajuda.

— Entre logo na merda do carro ou meus homens vão te arrastar para cá. — A voz perturbadora de Soren soa novamente, como se estivesse lendo meus pensamentos.

"Ele não vai me matar agora", me convenço. Mesmo que tenha me pegado no flagra em território da Sociedade. Ele não seria tão tolo de fazer algo contra mim assim.

Respiro fundo e prossigo, sem outra alternativa, indo até o carro e abrindo a porta do passageiro. Soren desliza para o lado, dando espaço para que me sente entre ele e a janela. Observo com desgosto que há dois de seus seguranças no veículo e que não teria chance alguma contra eles.

O carro volta a se mover.

— O que você quer comigo? — pergunto, sem olhar em seu rosto. Meus olhos permanecem fixos nas ruas de East End através do vidro da janela.

— É uma surpresa. — Há o mínimo de empolgação em seu tom de voz agora. — Quando chegarmos em casa, saberá.

Ótimo, ele está me levando para sua mansão. Seja lá o que planeja, não é bom. E não sei se qualquer outro Grifo da minha família iria contra ele para me ajudar. Talvez Bash.

Droga... não sei mais de nada. Estou ferrada.

Sozinha nas mãos asquerosas de Soren Deacon.

Seu cheiro é de embrulhar o estômago e está impregnado em todo o interior desse carro. Não é apenas uma colônia masculina horrível, mas também parece alguma bebida alcóolica. Absinto, talvez.

Pelo que sei, a produção de absinto faz parte dos negócios das empresas

Deacon.

Repugnante como a própria presença dele.

— Joe, ligue o maldito rádio — resmunga Soren, após alguns minutos. Presumo que para o segurança sentado lá na frente, no carona, que obedece no mesmo segundo. — Seu silêncio é enervante.

— O que quer que eu diga?

Dessa vez, viro o rosto para ele.

— Que tal começar pelo motivo que te levou até a Nemesis? E não finja que não sabe que merda de lugar é aquele.

— Só queria me divertir um pouco, sem ter seus homens me seguindo para todos os lados.

A mentira escorrega fácil para fora da minha boca, Soren apenas ri, nem um pouco convencido.

— Você está perto demais deles há muito tempo. Diga o que Harkness te ofereceu para te atrair tanto. Liberdade? Vingança? *Sexo?*

Um sorriso de pura malícia rasga seu rosto quando ele sugere aquilo.

— Você me faz querer vomitar.

Soren dá risada e acende um charuto retirado do bolso de sua calça. A fumaça densa rapidamente preenche todo o carro, embaçando minha visão e me fazendo tossir.

— Ao menos não finge gostar de mim, como todos os outros idiotas fazem. Respeito isso, sabe? — observa, trazendo os olhos cinzentos para mim.

Ele os desliza lentamente pelas minhas pernas nuas com uma cobiça nojenta.

— Não sou tão boa atriz — resmungo.

— Que bom, porque não vai mesmo me convencer com esses seus olhinhos ingênuos. — Ele estica uma mão na direção do meu rosto, mas me esquivo do seu toque e ele acaba desistindo. — Diga logo o que esteve fazendo com os Corvos.

— Os Corvos não, apenas Harkness — confesso.

Não há utilidade em tentar mentir agora. Ele viu com os próprios olhos quando entrei no carro de Callan após a festa de Jocelyn. Minha única chance é convencê-lo de que estou mais do lado dos Grifos que dos Corvos.

— Ah, não me diga que ainda está apaixonada por ele. Já faz oito anos, Sloan, supere de uma vez. — Ele sopra a fumaça em meu rosto antes que eu tenha a oportunidade de virar a cabeça pro lado oposto. — Lembro de você toda encolhida, suspirando por ele quando passava pelos corredores de Valiant. Tão, tão patético. Você suja o nome dos Kestrel.

— Então planeja se livrar de mim, de uma vez por todas?

Não sei se essa possibilidade me deixa aterrorizada ou aliviada. Talvez este seja o único cenário em que fico livre finalmente.

— Não, não ainda. Tenho grandes planos para você, pequena Kestrel.

— Foi o que soube — murmuro, apática.

Parece que, nos últimos, todos têm algum plano que me envolva, como se a minha vida não pertencesse a mim mesma.

— Contanto que você prove estar à altura deles, é claro — acrescenta Soren, me fazendo bufar.

— Se quer saber se tenho algo com Harkness, a resposta é não. Só estava atrás das respostas que minha família nunca me deu. Mas procurei no lugar errado, obviamente.

— Oh, ele partiu esse seu coraçãozinho frágil? — zomba tão perto do meu ouvido que consigo sentir seu bafo quente em minha pele. Controlo o ímpeto de me afastar com repulsa. — Partiu, não foi?

Me limito a fechar os olhos em resposta.

— Então... — cantarola, ainda sem se distanciar — conseguiu as respostas que queria?

Se eu consegui entender o quão vil e odioso é todo esse esquema e como ele mantém refém todas as pessoas que amo? Sim, eu entendi. Se minha vontade de acabar com ele aumenta a cada dia? Sim, também.

Ter que fingir que não odeio tudo isso está acabando comigo. Preciso engolir meus sentimentos e dançar conforme a música. Pelo menos até descobrir o que fazer.

— Meu pai e meu irmão me contaram o que preciso saber sobre os Corvos e os Grifos. Minha origem e meu legado. Fique tranquilo, não vou lutar contra isso.

— Ótimo... — Soren suspira com satisfação. — Talvez haja algo que ainda valha a pena em você, afinal.

Um silêncio abençoado recai entre nós e rogo para que permaneça assim até que cheguemos à casa dos Deacon. O som do rádio tocando um rap genérico é tudo o que resta, mas ele logo acaba para dar lugar ao plantão de notícias da madrugada:

"*Mais um corpo foi encontrado na noite desta quinta-feira com a assinatura do corvo. A polícia ainda acredita se tratar não apenas de um assassino, mas uma gangue. A identidade da vítima ainda não foi confirmada pelas autoridades, mas fontes seguras garantem se tratar de Hunt Dellacroix, filho do senador Joseph Dellacroix*."

— Filho da puta — Soren xinga, fechando a mão em punho até esmagar o charuto entre seus dedos.

— Foi ele? — pergunto com receio, mas já sei a resposta.

— O que acha? — retruca, irritado. — Aquele desgraçado está brincando com a sorte.

Se foi obra de Callan, e pela irritação de Soren, significa que Dellacroix era um Grifo.

A rádio continua a dar mais informações, mas mal presto atenção. Minha mente está presa ao fato de que Callan matou de novo. Aposto que diria que sua vítima não merece ter a morte lamentada. Mas o que me choca de verdade é o fato de que, neste momento, estou bem perto de acreditar nisso.

Uma parte minha está quase aliviada, porque há um Grifo a menos na história. Deacon e seu império acaba de ficar mais perto da ruína. O que pode significar que eu e minha família estamos mais perto da liberdade.

— Joe, mande que telefonem para o comissário — ordena com rispidez. — Quero uma reunião com ele amanhã. Harkness tá fodido na minha mão.

Acho que nunca vi Soren tão exaltado quanto agora. Palavrões não param de sair de sua boca.

Uma reunião com o comissário de polícia. Significa que ele vai tentar intensificar a caça aos Corvos. Só não entendo o porquê de utilizar os meios legais para pegar Callan. É óbvio que Deacon e os Grifos não dão a mínima para a lei.

— Sabe quem eles são. Por que não os destrói você mesmo? Por que precisa da polícia?

Minha pergunta é genuína, mas espero que também me ajude a entender um pouco do modus operandi dos Grifos. Qualquer informação pode ser útil agora.

— Não sabemos quem todos eles são, *gênio*. E, com a polícia atrás deles publicamente, os Corvos perdem apoio de seus associados. A polícia passa a investigar todas as gangues e grupos criminosos ligados a eles, derrubando-os um a um. Enfraquecendo o maldito Harkness. Quanto mais fraco estiver, mais fácil será meu trabalho quando enfim rasgar a garganta dele.

Devo admitir que faz sentido. Imagino que ninguém que tema pelo próprio dinheiro ou reputação ia querer se aliar a um grupo que está sendo caçado pela polícia. É uma boa forma de fazer com que os Corvos percam aliados.

Aposto que isso se tornou pessoal para Soren há muito tempo. Há puro ódio quando ele menciona o nome de Callan e o que pretende fazer com ele no final. E, mesmo depois de tudo, imaginar Soren matando Callan de uma maneira tão brutal surte um efeito nauseante em mim.

Faz meu estômago dar um nó.

Acho que Deacon percebe, porque dá uma risadinha enquanto relaxa no assento de couro.

— Gostaria de dizer que vou tornar isso rápido para ele, mas não vou. Callan não terá a mesma sorte de seus pais. Vou matá-lo bem devagar e o mais dolorosamente possível.

É nessa hora que quero abrir a porta e me jogar desse carro fedorento, mas, a muito custo, consigo permanecer imóvel até chegarmos à mansão.



— Então, o que quer comigo? — pergunto, impaciente, assim que passamos pelas portas do escritório da mansão dos Deacon.

Quero me ver livre da presença assombrosa de Soren e voltar o mais rápido possível para meu pequeno dormitório no Danver Hall. Nunca pensei que, dentre todos os lugares no mundo, aquele seria o que se tornaria meu refúgio seguro.

Só preciso sair daqui. Tudo nessa casa transmite energias ruins. As paredes escuras, os móveis antigos, os homens armados guardando cada corredor. Tudo parece vil e obscuro. Tenho a sensação de que, se passar muito tempo aqui, jamais conseguirei sair.

Soren, por outro lado, se mescla bem ao ambiente gelado e hostil de sua casa. Agora, diferentemente de como estava no carro, ele parece mais tranquilo. Enquanto fico parada perto da porta, ele atravessa o cômodo esculpido em madeira escura, passa pela lareira, onde uma chama alaranjada crepita, e vai até o minibar.

— Quer um pouco? — oferece, servindo-se de uma bebida verde-clara em um cálice prateado. — É a minha favorita.

— Não, obrigada — digo quando ergue os olhos para mim, buscando uma resposta.

— O absinto foi ilegal por bastante tempo aqui na América, sabia? Diziam que tinha alto teor alucinógeno. Mas não era o suficiente — conta, fazendo uma pausa apenas para tomar um gole generoso do destilado. — Os Deacon fizeram nome vendendo absinto quando ainda era ilegal, no auge da lei seca. Produzimos o melhor tipo do mundo, com mais tujona do que permitem. É o componente que te deixa chapado, sabe? Ainda bem que não há fiscalização nos laboratórios clandestinos.

Ele ri sozinho.

Suspiro, cansada de ouvir o som irritante de sua voz por tanto tempo.

— Fascinante — murmuro com impaciência.

Soren se demora bebendo todo o líquido verde do recipiente antes de caminhar até a lareira, ficando de costas para mim.

— Então, pequena Kestrel... — Ele tira do vaso de cerâmica um atiçador de brasa e começa a mexer na lenha que queima na lareira de qualquer jeito. — Um flagelo por um presente.

Cruzo os braços.

— Não sei se entendi.

— Preciso que aceite, oficialmente, seu legado de Grifo — diz, sem me encarar. — Isso cessará qualquer dúvida que ainda tenham sobre sua lealdade. Para dizer, com todas as letras, preciso te reivindicar como uma de nós.

— E como diabos pretende fazer isso?

Ele ri, como se fosse uma pergunta idiota.

Em seguida, guarda o atiçador de lareira e apanha outra estaca comprida e metálica do vaso. Esta é diferente, entretanto. Uma das pontas parece semelhante a um ferrete.

Que coisa estranha. Por que ele guardaria um ferrete de marcar couro de gado em seu escritório?

— Da maneira mais tradicional: te marcando com a nossa insígnia. — Soren se vira e exibe o ferrete com orgulho. — Para ser justo, não é assim que manda a tradição. Exigem uma cerimônia para que seja feito na frente de todos. Mas, honestamente, não dou a mínima para esses costumes ridículos e acho que você também não, não é? Embora seja tentadora a ideia de te ver ajoelhada diante de mim para que todos vejam...

O maldito se diverte com cada palavra que lança em minha direção, e, por um instante, penso que é mais um de seus joguinhos. Ele só pode estar brincando ou talvez me testando. Não pode achar mesmo que eu o deixaria me queimar com ferro em brasa.

O mero pensamento me arrepia inteira. Meu corpo se retrai na mesma hora com a ideia da dor da queimadura, e cerro a mandíbula.

— Não vou fazer isso.

Dou um passo para trás, o que coloca Soren em alerta.

— Não é leal aos Grifos?

— Sou, mas...

— Então tire o casaco e se ajoelhe — ordena, a diversão sumindo de seu rosto e dando lugar a uma expressão severa. — Prometo que será recompensada.

— Não estou interessada em suas recompensas.

— Não é uma escolha, pequena Kestrel. Se não está conosco, está contra nós. E acho que você sabe o que faço com meus inimigos.

Ele corta suas gargantas.

Talvez seja melhor que ele corte a minha e me libere. Não posso ser marcada como um deles. Deacon não pode ter esse tipo de controle sobre mim, como se eu pertencesse a ele e à sua maldita Ordem.

Tento pensar no que fazer, em alguma forma de fugir, mas sei que não há. Estou encurralada por Deacon e seus guardas, que me esperam do lado de fora do escritório. Posso apenas tentar barganhar, o que duvido que consiga. Soren se mostra irredutível.

— Qualquer outra coisa — peço em tom de súplica. — Só não isso.

— Talvez precise de um incentivo maior. Seu irmão está lá fora, posso trazê-lo aqui. Aposto que ele não se importaria em ser castigado por sua desobediência. Tudo pela Ordem, certo?

Sebastian.

Oh, Deus, não!

Tento ler seus olhos, encontrar algum traço vacilante. Qualquer coisa que me diga que ele não é capaz de ir até o fim nisso. Mas quem estou querendo enganar? Ele é, sim, capaz. Ele matou Richard Harkness. Matou Ava quando ainda era um adolescente. Porra, ele matou o próprio pai e sabe-se lá mais quantas pessoas.

Soren não agindo assim apenas porque quer me marcar. Isso eu consigo ver em seus olhos doentios. Ele quer me punir. Ou talvez, punir os Kestrel como um todo.

E eu detesto sentir medo disso. *Dele.* Do que ele vai fazer comigo. E esse medo poderia me guiar a tentar tudo e qualquer coisa para me livrar dessa situação, porém este medo não é maior do que aquele que sinto ao pensar na morte do meu irmão. Não sei se suportaria perder mais alguém, especialmente pelas mãos desse canalha.

Soren já tirou demais de mim. Talvez agora tire minha dignidade também. Me humilhe ao me tratar como um gado submisso. Mas vai ser uma dor momentânea e servirá de combustível para meu objetivo maior: destruir os Grifos.

Posso suportar isso.

— Tire o casaco e se ajoelhe de costas para mim — manda com a frieza digna de um sociopata.

E, mesmo sentindo meu orgulho se retorcer dentro de mim, junto das minhas entranhas, eu obedeço. Respiro fundo, tentando pensar em outra coisa, enquanto tiro a jaqueta e vou até Soren, me ajoelhando à sua frente.

Sinto-o se mover atrás de mim. O asco me faz fechar os olhos. Ele afasta meus cabelos para o lado, jogando-os por cima do meu ombro e deixando

exposta minhas costas nuas pelo decote da roupa. Presumo que seja ali que ele me marque.

“Poderia ser pior”, digo a mim mesma.

Deacon se move de novo, e começo a cantarolar mentalmente. Recordo, com os movimentos dos meus dedos, as notas de uma velha canção que costumava tocar no piano. Tento me imaginar longe daqui, perto da minha mãe, tocando e cantando ao seu lado.

Não quero chorar. Não posso dar esse gostinho a ele também.

A dor vem repentinamente, próxima à nuca, e tento muito não gritar, mas é impossível. As lágrimas surgem mesmo contra minha vontade, e a brasa queima fundo a minha pele. Eu tombo para frente e apoio as mãos no chão.

O ardor quente se irradia por todo meu corpo, meus membros tremem em resposta. Nunca senti tanta dor na vida e, por um segundo, acho que vou morrer. Mas não acontece, e tento me convencer de que é apenas físico. Vai passar em breve.

Afundo os dedos no carpete. Os espasmos em meus músculos fazem parecer que meu corpo está entrando em colapso. Mordo o lábio inferior, tentando impedir um nova onda de gritos de dor.

— Prontinho — Soren cantarola, dando a volta até mim. — Viu só? Foi bem rápido.

Seu cinismo me dá náuseas, mais que a dor da queimadura. Me recuso a olhar em seu rosto. Permaneço com a cabeça baixa, fitando o carpete cinza-escuro. Me sinto sem forças. A humilhação pinica em meu rosto, e me forço a levantar as mãos apenas para secar as lágrimas.

Quero perguntar se já acabou, se enfim posso ir embora. Mas, ao mesmo tempo, não quero, nunca mais, direcionar uma palavra a este verme. Aposto que ele sentiu prazer ao me ver de joelhos, chorando de dor em seu escritório.

— Agora, sua recompensa — continua e, em seguida, retira do bolso uma pequena caixinha vermelha aveludada.

Sei o que está em seu interior antes mesmo que ele a atire no chão perto de mim.

— Quer que eu me case com você? — Tenho forças apenas para rir.

E eu rio. Muito. Até a dor se alastrar e se intensificar dos pés à cabeça. Não paro nem mesmo quando semblante de Soren se fecha, me dizendo em silêncio que estou brincando com fogo.

Que se foda, já me queimei mesmo.

— A união entre os Deacon e os Kestrel é a forma perfeita de fortalecer a Ordem. Terá o inimaginável aos seus pés. Dinheiro, poder... Tudo o que quiser será dado a você em um piscar de olhos. A vida de princesa que qualquer uma

mataria para ter.

Novamente, dou risada. Porque não pode ser sério. Ele não está mesmo tentando me convencer a casar com ele após provocar uma queimadura de terceiro grau em minhas costas. Após me ameaçar e me subjugar. Após matar minha melhor amiga.

— Qual é o motivo da graça? — Soren perde a paciência e pega meu queixo na mão, para me forçar a olhá-lo.

Sorrio.

— Porque, enquanto eu respirar, nunca vou me casar com você, Soren Deacon.

Ele balança a cabeça, anuindo. Suas feições se tornam ainda mais assustadoras. Fico esperando que ele faça algo contra mim, como me bater ou me torturar, mas, em vez disso, ele vai até a porta do escritório e bate na madeira duas vezes com o punho.

— Sorte a minha que eu sei exatamente como te convencer.

A porta é aberta, e Sebastian é empurrado para dentro, ainda de pijamas. Provavelmente foi tirado da cama para ser trazido aqui, para mais um dos jogos doentios de Soren.

— Sloan... — A voz trêmula e amedrontada do meu irmão faz meu coração se apertar. Seus olhos verdes me inspecionam, buscando vestígios de agressão, mas ele não pode ver o verdadeiro estrago de onde está. — O que ele fez? O que tá acontecendo?

Um dos guardas chuta as penas de Bash, que cai de joelhos bem na minha frente. Suas mãos estão amarradas na frente do corpo. O desespero me arrebata.

— Bash — consigo dizer com a voz fraca de dor. — Você tá bem?

— É claro que estou. Mas olha pra você. O que fez com ela, Deacon?

Meu irmão rosna na direção de Soren, que aparentemente sumiu do meu campo de visão. Logo o encontro próximo da escrivaninha. Ele abre uma das gavetas e sorri com convicção quando retira de lá um revólver prateado.

O terror me faz engasgar diante das intenções óbvias de Soren.

— Por favor, não, eu fiz o que você pediu. Você já me marcou!

Soren assobia, como um verdadeiro maníaco, e volta para perto de nós. Está destravando a arma quando para ao lado de Bash.

— Nunca concordei com a ideia de te deixar de fora até os dezesseis anos, mas meu pai apoiou o seu e agora temos uma Kestrel fraca. — Ele gira o revólver em seu dedo. As lágrimas voltam, dessa vez com mais força, nublando minha visão. — Uma Kestrel que não sabe a importância do legado que carrega e a consequência dos seus atos. Como Mason não te ensinou isso, cabe a mim

essa tarefa.

Ele aponta o cano da arma para a têmpora de Sebastian, e espero encontrar nos olhos do meu irmão o mesmo terror que sinto. Mas não há nada. É como se ele já estivesse conformado.

— Sloan, me desculpe por tudo — murmura, olhando para mim com mais arrependimento do que posso suportar encarar. — Tudo o que fiz foi para proteger as pessoas mais importantes da minha vida: você e minha mãe. Meu único arrependimento é não ter conseguido.

As lágrimas quentes escapam pelos meus olhos, e um bolo de saliva se entala em minha garganta.

— Não ouse se despedir. Isso não acaba aqui.

— Oh, que tocante! — zomba Soren. — Vocês são mesmo adoráveis.

— Soren, por favor — suplico, sem me importar com mais nada além do meu irmão na minha frente. — Estou te implorando. Droga, eu me caso com você. Só... por favor, abaixe essa arma.

Acho que enfim consegui atrair sua atenção, porque seus olhos me encontram e ele levanta uma sobrancelha loira.

— Você se casa comigo?

— Sim, eu me caso com você! — prometo, esperançosa.

Qualquer coisa para salvar a vida de Bash. Me casaria uma dúzia de vezes com ele ou com qualquer outra pessoa se isso garantisse a segurança de quem eu amo.

Apanho a caixinha da joia no chão e tiro de dentro um anel de prata com um grande e brilhante diamante no centro. Me apresso em colocá-lo no dedo, ignorando o amargor que invade minha boca quando o faço.

— Tomou a decisão correta. Bom pra você.

Um suspiro de alívio está prestes a sair pelos meus lábios quando tudo passa a acontecer em câmera lenta.

Em vez de Deacon abaixar a arma e nos deixar ir, seu dedo afunda no gatilho antes que eu possa impedir. Um estrondo alto me ensurdece, fazendo um espasmo de susto percorrer meu corpo. O som continua ecoando em minha cabeça mesmo após ter desaparecido. A caixa da aliança escapa pelos meus dedos trêmulos, caindo no chão segundos antes do corpo do meu irmão despencar sobre o carpete bem na minha frente.

Há um grito silencioso entalado em minha garganta pelo choque. Pisco, assimilando lentamente cada elemento no meu raio de visão.

A poça escarlate crescendo ao redor de sua cabeça, o buraco da entrada da bala, redondo e milimetricamente perfeito na têmpora de Bash. Seus olhos fechados, a pólvora manchando a pele do seu rosto. Sua feição tranquila, como

se já estivesse em paz.

Tudo acontece tão rápido e, ao mesmo tempo, tão devagar.

Sinto como se meu próprio coração tivesse parado de bater por um instante, arrancado brutalmente do peito. Perco o controle sobre meu corpo. Me sinto sufocar com minha respiração.

O silêncio é pesado, opressivo, *mortal*. E estou tão imóvel quanto um monumento de gesso, sem conseguir chorar ou me mexer. Quero me jogar sobre o corpo de Bash e sacudi-lo até que ele acorde, mas não consigo. Estou paralisada.

Não consigo respirar. Tudo gira ao redor. Um maldito pesadelo. Sei que estou tremendo, mas não consigo parar.

E, por dentro, estou gritando. Gritando até que meus tímpanos estourem e que minhas cordas vocais se rompam. Gritando até me esvair da minha própria mente e enlouquecer.

Gritando até perder a consciência.



PARTE II

O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui
A Tempestade — William Shakespeare

26

S L O A N

Passado

É tarde demais
Eu enterrei isso e é evidente
Você não mudará
Eu sinto que é tarde demais
Eu enterrei isso e é evidente
Você não mudará
E não sinto nada por você
Feel Nothing – The Plot In You

MINHAS MÃOS ESTÃO SUANDO FRIO.

Ando de um lado para o outro no camarim, com o coração pulsando dolorosamente no peito, mais nervosa do que jamais estive. Não me sinto preparada. Sei que deveria confiar em mim, na minha capacidade e dedicação. No meu preparo.

Ensaiei mais do que qualquer um, não tenho dúvidas disso.

Ainda assim, já faz dois meses que não ensaio com aquele que parecia me guiar e aflorar o melhor de mim. Sempre dava meu máximo nos ensaios com Callan, porque queria impressioná-lo. Mas também porque ele acreditava em mim, no meu potencial.

Ao menos, era o que eu pensava.

Agora ele me odeia. Desde o que houve no Halloween, tudo o que Callan parece sentir quando me olha é asco e repulsa. É como se minha existência o incomodasse tanto que ele nem sequer conseguia respirar o mesmo ar que eu, quanto mais compartilhar o mesmo cômodo.

Não sei o que aconteceu, mas meu palpite é que ele acha que a culpa do que ele fez com Troye Nichols é minha. Ele não me disse nada, não explicou, não brigou, apenas me olhou com desdém a partir do nosso encontro na enfermaria e começou a me evitar. Não consigo imaginar por que ele pensaria dessa forma, uma vez que ninguém foi responsabilizado pelo que aconteceu no Halloween.

Troye agora tem uma cicatriz feia que cobre boa parte de um dos lados do seu rosto, mas, para todo mundo que não estava presente no momento, o que

houve foi apenas um terrível acidente. Obviamente, há especulações.

Me questiono o quão estúpidas são as pessoas para acreditarem que um corte tão limpo e perfeitamente calculado quanto aquele foi causado por uma pedra. É uma ideia ridícula, mas, por algum motivo além da minha compreensão, eles aceitaram sem nem questionar.

Uma semana após o ocorrido, me cansei de tanto cozinhar possibilidades e pensamentos confusos na minha cabeça e decidi tirar satisfação. Foi uma péssima ideia, porque, quando tentei interrogá-lo no corredor da escola, ele me esnobou.

"*Me diga, anjo, por que alguém como eu ia querer ensaiar uma peça de teatro com alguém como você? É, no mínimo, patético, não acha?*"

Parecia que, da noite para o dia, ele havia sido substituído. O Callan que conheci, com quem um dia compartilhei uma amizade que pensei ser sincera e valiosa, se foi. Agora ele é como todos os outros.

A pior parte é que não consegui falar com Ava e nem Bash sobre isso. Estive envergonhada e destruída demais.

Doeu mais do que imaginei.

Mas não podia deixar me abater. Callan se formará na próxima primavera, e, muito em breve, não teremos mais que conviver. Não precisarei dar de cara com ele nos corredores do Valiant, e me sentir pequena e ridícula toda vez que isso acontece.

Não terei mais que suportar seu ódio repentino e doloroso.

Concentrei minha atenção e esforços, nas últimas semanas, em ensaiar sozinha durante meu tempo livre. Não podia contar com mais ninguém.

Ava me ajudou sempre que pôde, mas não era a mesma coisa.

Callan e eu tínhamos um tipo quase sobrenatural de sintonia. Quase como se ele conseguisse ler meus pensamentos, ver através de mim...

E, sem isso, não consigo sentir que estou completamente pronta para me apresentar no festival.

Falta alguma coisa, só não sei definir exatamente o quê ou como remediar isso.

É um caso perdido.

Suspiro, caindo sentada na poltrona diante do espelho.

Não há ninguém aqui além de mim, então tomo liberdade de analisar meu reflexo. A maquiagem é neutra, quase imperceptível, mas cintila sutilmente, realça meus traços e adiciona uma beleza frágil ao meu rosto. Há uma tiara dourada e reluzente, incrustada com pedras de rubi em forma de gotas, em minha cabeça. Meus cabelos foram enrolados e agora caem encaracolados em uma cascata ao redor dos ombros.

O vestido é lindo mas pesado, em tons de verde, vermelho e dourado. Eu deveria estar me sentindo magnífica.

Por que diabos eu só consigo me sentir patética, então?

Duas batidas na madeira antecedem a abertura da porta. Vejo através do reflexo quando a sra. Keller, professora de teatro responsável pelo festival, entra na saleta com um buquê de flores nas mãos.

— Como está a preparação, querida?

Keller é muito bonita e já estreou em musicais na Broadway. Definitivamente, é uma inspiração.

— Está tudo bem, eu acho. — Me levanto na sua direção. — Tem algum conselho valioso de atriz experiente?

Ela sorri com seus volumosos lábios pintados de vermelho.

— O segredo é imaginar que a plateia está vazia. — Ela me lança uma piscadela cúmplice. — Você vai se sair bem, Sloan. É muito talentosa.

Dou um sorriso agradecido, embora não bote muita fé em mim.

— Bem, enviaram isso para você. — Ela me estende o buquê. — É bem... *peculiar*.

Quando me aproximo, noto o porquê.

Num primeiro momento, pensei que as flores pudessem ser do meu pai. Ele me disse que não poderia comparecer, já que estaria trabalhando. Não foi uma grande surpresa. Já me habituei com sua ausência, o que não impede de continuar me decepcionando.

Ao menos Bash compareceu para me apoiar.

São rosas pintadas de preto. As pétalas completamente escurecidas, como se estivessem manchadas de nanquim. Há um cartão preso aos ramos.

Sem dúvidas, elas não são do meu pai.

— Tem três minutos, querida — avisa a sra. Keller antes de me dar mais um de seus doces sorrisos e sair do camarim.

Sozinha, encaro as rosas por um momento, sentindo algo ruim rastejar sobre mim. Se eu acreditasse em superstições, diria que é mau agouro.

Apanho o pequeno envelope, mas não sem antes esbarrar em um dos espinhos. A extremidade pontiaguda fura meu polegar. Olho para a gota de sangue que se forma e rapidamente o levo a boca para estancar.

Deixo o buquê cair na mesa da penteadeira e, assim que o sangue enfim desaparece, abro o envelope. Está endereçado para o “anjo da música” e não possui nenhuma assinatura, mas, de qualquer forma, não é necessário.

Sei bem de quem são.

No cartão, há poucas palavras.

“Nunca deveria ter cruzado meu caminho. Encare isso como uma maldição.

p.s.:Espero que goste de Stephen King, Carrie, A Estranha sempre foi minha obra preferida dele.”

Que diabos isso significa?

Nunca li o King. Mantenho-me longe de histórias tão sombrias quanto as dele. Mas agora desejo ter feito o contrário.

Estou prestes a apanhar o celular na penteadeira para pesquisar o livro citado por Callan quando a minha porta volta a se abrir. A sra. Keller coloca a cabeça para dentro.

— Está na hora, Sloan.

Assinto com a cabeça e exalo o ar entre os dentes.

Então, saio para a coxia.



Com o fim do prólogo e o início do primeiro ato, é minha vez de subir ao palco na primeira cena de Christine. É o momento em que, influenciada pela madame Giry, a personagem exibe seus dons musicais e canta “Think of Me” para impressionar os artistas do espetáculo de ópera e convencê-los que pode ocupar o lugar deixado por Carlotta, a prima-dona que desiste de se apresentar porque está assustada demais com a lenda do Fantasma da Ópera.

A primeira impressão que Christine precisa despertar é de surpresa e fascínio.

Não posso ser nada menos que brilhante.

Estou na minha marca assim que as cortinas se abrem. Meu coração bate na garganta, e estou concentrando todos os meus esforços em não tremer. Tento não olhar para a plateia ou pelo menos fingir que todos os assentos estão vazios, como a professora instruiu.

Mas é impossível.

Há centenas de rostos olhando para mim. Nem sequer consigo procurar Ava ou Bash no meio da multidão para me focar neles. Há muita gente aqui.

Sou a única coisa na qual estão prestando atenção. A atração principal, a estrela. Meus colegas de peça me aguardam quando suas falas terminam, é a minha vez de brilhar.

A melodia de piano começa, e tento relembrar o roteiro que decorei.

Christine deve começar sua apresentação retraída e tímida, para depois ir se soltando aos poucos, até dominar o palco.

Fecho os olhos, ergo a cabeça e me preparo. Quando a nota certa soa, abro a boca, pronta para começar a cantar. E não tenho chance.

Há uma movimentação acima da minha cabeça, no teto do teatro. E, quando abro os olhos, tudo o que vejo é vermelho. Sinto uma cascata ser derramada em mim. Litros e litros de algo vermelho e fétido, me cobrindo da cabeça aos pés.

A plateia exclama, pasma.

Eu paraliso.

Meu coração parece parar. É como se não fosse acabar nunca.

Até que acaba.

Ergo as mãos na altura dos olhos, vendo minha pele coberta por um líquido vermelho viscoso que se parece muito com sangue.

Não pode ser.

Fecho e abro os olhos na esperança de que tudo tenha sido apenas um pensamento intrusivo. De que apenas perdi o minuto correto de começar a cantar por conta do nervosismo, mas que tudo ainda está normal.

Pisco algumas vezes, e nada muda.

Me acho no centro do palco, coberta pelo que só pode ser sangue.

Começo a hiperventilar.

Meu peito dói, minha respiração é descompassada. Me sinto zonza, prestes a desmaiar. Olhos espantados me encaram com pena. Na fileira da frente, a diretora Nichols e a sra. Keller se levantam e correm para o palco. Alguém se apressa em fechar as cortinas.

E, ainda estou parada, com os olhos arregalados e a boca seca.

Presa em um pesadelo horrível.

Quero gritar, chorar e deixar meu corpo cair no chão. Mas só consigo olhar para o lado. Meus colegas estão comovidos e igualmente paralisados. E, atrás deles, na coxia do outro lado do palco, há alguém que conheço muito bem.

Usando roupas pretas e botas, com as mãos nos bolsos do casaco, está Callan Harkness. Ele me olha em puro deleite, com uma satisfação vil que faz seus olhos brilharem.

Por um momento, desejo estar mergulhada em gasolina para que Callan jogue um fósforo e me ateie fogo. Quero queimar até virar cinzas. Até desaparecer. Quero ser apagada da história, da memória, da vida.

Como Callan disse no bilhete, é uma maldição. Ser ignorada e desdenhada por ele não era nada. Era o paraíso comparado a isso. A humilhação, o desrespeito, a agonia.

Por quê? O que fiz para merecer isso?

Me arrependo do dia em que achei que Callan Harkness fosse digno de

sequer um olhar. De quando acreditei que ele fosse diferente, que fosse melhor.

Com muitas coisas entaladas na garganta, após um tempo que parece muito longo, consigo me mover. Me viro e corro na direção contrária.

Corro sem rumo, apenas desejando sumir de uma vez por todas.

27

C A L L A N

Ossos frágeis, coração frágil. Ambos foram feitos para desmoronar
Mãos resistidas, bochecha pequena. Eu vou guardar seus segredos comigo
Leva-me, liberte seus fantasmas. Não, eles não podem assombrar nós dois
Comatose — Sød Vem

Eu odeio os feriados. Sempre os odiei, desde que vivia no Valiant. Com o tempo, essas datas só se mostraram inúteis para mim. Não fazem nenhum sentido. Porém, acredito que o fim do ano seja pior. Já me acostumei com a baixa sensação térmica e a solidão dos invernos, confortável em meu próprio isolamento nessa época.

Ainda assim, conforme os anos passam, esse período fica cada vez mais amargo. Acredito que seja porque, por muito tempo, desejei estar onde estou agora: na liderança da Sociedade, construindo minha vingança. Exigiu de mim muita paciência, sem dúvidas. Muitas noites em claro, andando pelos corredores da mansão Harkness como um animal noturno, sem conseguir desligar o cérebro.

Pensando, o tempo todo, em sangue. *No sangue dela, principalmente.* Em tudo o que esse sangue me custou e em como eu queria drená-lo da face da Terra. Extingui-lo por completo até tornar os Kestrel, e em especial Sloan, numa breve memória. Foi o que ela se tornou para mim após o incêndio, de qualquer forma.

Uma lembrança pálida, mas não efêmera. Um fantasma me assombrando. Isso fez eu odiá-la muito mais. Simplesmente não conseguia me livrar dela. Não conseguia esquecer seu cheiro, a cor dos seus olhos, a textura do seu cabelo...

O som da sua maldita risada.

Nunca mais a vi rir com sinceridade. Não desde a época da escola. Acho que minha última memória feliz envolve Sloan Kestrel e sua risada.

E ela não merece ter isso de mim. Mas quem estou querendo enganar? Sloan ainda tem muitas partes de mim. Partes que não quero e nem vou conseguir recuperar. Talvez seja melhor assim.

Quem sabe essas partes já tenham morrido, pensando bem. Devem ter desaparecido junto às dela que sei que foram extintas quando seu irmão morreu.

Não a vejo há mais de uma semana, desde que nos beijamos em seu dormitório apertado. Quis muito puni-la por ter quebrado o juramento pelo qual

sangrou, mas também queria prová-la. E o que senti quando nossos lábios se tocaram foi uma química eletrizante, correndo por todo meu corpo. Fazendo minha estrutura estremecer.

Pensei que, depois disso, minha vontade seria saciada e eu poderia esquecer, de uma vez por todas.

Ledo engano.

Vingança e Sloan Kestrel. As duas únicas coisas que quis para mim mesmo em muito, muito tempo. Por anos, vivi apenas para a Sociedade, cumprindo as vontades dos Patronos e seu maldito Código. Seguindo à risca minhas obrigações de líder. Fazendo apenas o que é melhor para os Corvos.

Mas a vingança eu vou fazer por mim. E Sloan, porra... Essa garota me faz querer quebrar as regras tatuadas em latim nas minhas costelas. Me faz querer quebrar meu próprio juramento.

Não sei se já quis tanto alguma coisa antes. Isso me irrita tanto a ponto de desejar passar uma noite inteira no Sancto, na esperança de que a dor das pancadas me façam esquecer Kestrel. Talvez ela desapareça da minha corrente sanguínea se eu apenas sangrar.

Estou disposto a tentar.

Percorro novamente o corredor principal da Sede, o monastério de St. Lazarus, mais inquieto do que o comum hoje. Passei a manhã toda no subsolo, treinando. Há uma luta do Sancto marcada para a véspera de Natal e estou treinando para ela.

É lá onde passo essa data durante os últimos anos. No Sancto ou no Purgatório, após ser pego, propositalmente, quebrando alguma regra da Sociedade. São as únicas formas que encontrei de não enlouquecer totalmente nesse dia.

Mas as horas de treinamento não foram suficientes para distrair minha mente. Talvez eu possa ir atrás do próximo nome da minha lista. Isso, de fato, quebraria minha regra de sempre planejar minuciosamente a morte dos meus alvos. Apesar disso, talvez seja o que eu preciso agora.

Uma dose agridoce de vingança.

O torpor causado pela morte de Dellacroix já está quase se esvaindo. Ele lutou mais do que os outros, mas isso não despertou nenhum senso de empatia ou misericórdia dentro de mim. Para mim, ele não passa de mais um dos vermes desonrosos que pretendo exterminar desse mundo.

Passo reto pela sacristia da catedral e atravesso a porta que leva à capela, determinado a buscar meu próximo alvo, quando percebo que não estou sozinho. Paro imediatamente ao avistar cabelos vermelhos feito as chamas inflamadas de uma fogueira. Está sentada na segunda fileira da igreja, os braços apoiados no

encosto de madeira da fileira de assentos da frente. Seus olhos fixos no altar reluzente.

Sloan está usando um suéter preto de gola alta que cobre cada centímetro da sua pele. Os cabelos longos levemente úmidos da geada lá fora. A pele pálida feito neve, com apenas a ponta o nariz e as maçãs do rosto avermelhadas.

Tão linda e tão triste. Olhar para ela dói. Fisicamente, até.

Sloan costumava ter olhos calorosos e um rosto gentil. Se um dia ensolarado de primavera tomasse forma humana, ele se pareceria com Sloan. Foi o que pensei quando a vi pela primeira vez.

Agora, contudo, ela parece uma noite gelada, escura e solitária de inverno. O calor se foi de seus traços. Não há nenhuma emoção humana transparecendo em seu rosto. Seu olhar é vazio. É como se sua chama tivesse apagado.

Eles a tornaram fria. Quero esmagar a garganta de cada um deles por isso.

— O que faz aqui? — solto, sem conseguir mascarar a surpresa por, dentre todos os lugares nessa cidade, ela estar justamente aqui.

Sloan levanta o queixo, seus olhos se direcionam a mim sem pressa, como se já soubesse da minha presença e isso não surtisse mais efeito nenhum nela.

— Eu deveria estar em casa? — rebate, a voz cortante e inflexível. — Participando de mais uma farsa na noite de Ação de Graças?

Sua rispidez reflete agora em seu rosto, tomado de raiva. Reconheço o ódio ardendo em seus olhos. Ele se tornou meu velho amigo há muito tempo. Quando ele toma o controle, não sei mais quem eu sou. E, nesses momentos, misericórdia alguma é capaz de salvar aqueles que cruzam meu caminho.

Imagino que seja assim que ela deva se sentir nesse exato momento.

— Ninguém a vê há uma semana — digo, colocando as mãos nos bolsos da calça.

Não me movo mais que isso. O que está diante de mim agora é uma leoa ferida. Qualquer passo em falso pode fazê-la atacar ou então fugir. E não sei o porquê, mas não é isso o que quero.

Sloan foi vista publicamente pela última vez no enterro do seu irmão, no cemitério de St. Marcus. Sua foto, ao lado de Soren Deacon, que a consolava teatralmente, saiu em todos os jornais da cidade. Noticiaram a morte de Sebastian White como suicídio, e aposto que isso matou Sloan por dentro um pouco mais.

Ela não compareceu ao funeral, nem na universidade ou em qualquer outro lugar depois disso. Por uma semana inteira. Todos andavam cochichando

sobre o paradeiro dela, sobretudo depois que Deacon apareceu em público anunciando seu noivado com ela, em circunstâncias nem um pouco favoráveis.

Abutre desgraçado.

Quebrei a mandíbula do meu oponente no Sancto na noite em que soube dessa porra de noivado. Mas era a mandíbula de Soren que queria quebrar. Ou melhor, queria esmagar cada um dos ossos em sua face com meu próprio punho.

Ele matou Sebastian. Não tive dúvidas disso assim que reportaram sua morte, mas o motivo só se tornou mais claro depois que começaram a falar sobre esse maldito noivado. Duvido que Sloan tenha aceitado, de bom grado, se casar com aquele verme.

Aposto que matar o irmão dela foi sua forma doentia de convencê-la.

— E daí? Você me queria dentro dos Grifos que agora estou dentro. Há um anel de noivado em meu dedo e uma marca em minhas costas para provar isso. — Fecho os olhos, praguejando mentalmente com todos os palavrões que conheço. Quase peço, *imploro,* para que não seja verdade. Caralho... a marca não. — Vai me dizer como essa semana atrasou seus planos? Como meu luto atrapalhou suas estratégias de vingança? Se for, me poupe, porque já sei de tudo isso.

Aceito sua raiva com um pouco de alívio. É uma reação compreensível e totalmente humana. Ao menos, ela está sentindo alguma coisa, e não completamente fria e desligada de suas emoções como parecia há alguns minutos. Ela está transbordando de tantos sentimentos, e, mesmo assim, consegue escondê-los bem.

Farejo raiva, medo, dor... Porra, ela deve estar sentindo tanta dor por causa daquela maldita marca feita por ferro em brasa. Só de pensar, quero matar alguém. Ou melhor, infligir dor em alguém. A mesma dor que causaram nela.

Sloan Kestrel é minha, mesmo contra minha própria vontade. Sua vida deveria estar apenas em minhas mãos. Eu escolho quando e como machucá-la ou protegê-la. E ninguém encosta no que é meu e sobrevive para contar a história.

O maldito Soren Deacon não tinha o direito.

Caminho na sua direção bem devagar para não assustá-la. Me sento ao seu lado, e ela se encolhe para longe de mim.

— Não era o que eu ia dizer — continuo, perscrutando seu rosto com cuidado. — Sloan...

— Não, não ouse — me interrompe, com a voz um pouco embargada. — Já ouvi muitas lamentações e não acreditaria em uma vinda de você.

— Eu ia perguntar se você está bem.

Sloan engole em seco.

— Não faça isso — pede de uma forma dolorosa. — Por favor... só não

finja que dá a mínima. Não aguento mais fingimento.

Como há oito anos, a vontade, ou melhor, a necessidade de levá-la para longe deste inferno retorna. Quero tirá-la de perto das pessoas que fizeram isso com ela. Para um lugar distante onde nunca mais alguém ache que possa feri-la. Sua dor dói em mim. É inevitável. Sinto raiva e tristeza por ela. Quero matar por ela, se isso for fazê-la se sentir melhor.

Que porra ela fez comigo?

Não sabia que havia tanta coisa adormecida dentro de mim até ver Sloan Kestrel tão vulnerável de novo. E, agora, está tudo aparecendo, saindo. Demanda tudo de mim para controlar esse ímpeto.

Costumo sonhar todos os dias com minha vingança contra ela. Porém, neste instante, quero me vingar *por ela*. Não era para ela me despertar nada, sentimento algum. Como qualquer um dos herdeiros Grifos que eu mato. Não sinto nada ao tirar suas vidas. Não sinto nada por eles. São apenas um meio para um fim.

Sloan Kestrel não deveria me despertar nada além de indiferença. Deveria ser apenas mais uma peça em meu tabuleiro, que eu movo da forma que me for mais conveniente. Todavia, desde o princípio, não é assim. E esse seu poder sobre mim me deixa louco.

Inferno... como posso querer tanto consolá-la?

— Meus pais foram executados bem na minha frente — digo, surpreendendo-a. Seus olhos se voltam para mim, e sua testa se franze. — Acredite, sei como dói.

— Eu estou bem.

— Não, não está — contradigo, com veemência. — Mas vai ficar.

Sloan é resiliente. Quando parece que vai quebrar em mil pedaços irrecuperáveis, ela se mostra mais forte e indestrutível. Sou testemunha disso, porque já tentei quebrá-la muitas e muitas vezes, e nunca consegui. Há algo nessa garota que é tão fascinante quanto perturbador. Me deixa curioso, para dizer o mínimo.

Faz eu desejar conhecer as partes dela que ninguém nunca viu antes. Sua versão capaz de fazer coisas que qualquer um duvidaria. Os Grifos não esperam nada dela além de obediência. Querem domá-la.

E isso é a porra de um pecado.

Sloan é uma mulher capaz de tanta coisa. Se ela apenas tivesse nascido com o sangue certo, talvez eu pudesse lhe mostrar isso. Se ela fosse um Corvo, eu teria a reivindicado há muito tempo, assim que pusesse os olhos nela, quando ainda éramos apenas garotos vestidos com o uniforme do internato. E ninguém seria capaz de nos parar.

Mas, por causa do seu sangue, nascemos inimigos. E é assim que morreremos. Destinados a nos odiar e nos matar. Quem conseguir primeiro, vence. Fui treinado para vencer e é o que vou fazer, custe o que custar. E Sloan pagará o preço por ser quem é.

É como as coisas devem ser.

— Por que veio aqui esta noite? — pergunta ela, depois de um tempo,

— Os feriados perdem o sentido quando não há família com quem passá-los. — Dou de ombros.

— Então, em vez disso, você fica aqui, semeando a vingança contra quem a tirou de você. — Não é uma pergunta, mas uma observação.

— Sim.

— Isso ajuda? A vingança, quero dizer.

— Por algum tempo, sim. — O sentimento de satisfação, infelizmente, é mais passageiro do que eu gostaria. — Mas então o efeito passa e eu parto para o próximo. Só para sentir de novo, por algumas horas, aquela sensação de alívio.

Sloan assente, assimilando.

— Como um ciclo vicioso.

— Exatamente assim — digo com um suspiro.

Quando comecei a trilhar esse caminho, sabia que era uma viagem só de ida. Que não teria como voltar ou desfazer o que eu acabaria me tornando. A sombra do desejo de vingança ainda vai pulsar em mim mesmo depois que os Grifos desaparecerem.

— Você por acaso tem fé? — Sloan questiona, me fazendo franzir o cenho.

Sua atenção agora está na grande cruz dourada pendurada acima do altar. O rosto parece mais sereno. Pensativo, talvez. Eu daria toda a minha fortuna para saber o que se passa em sua cabeça.

Isso é o quão irracional essa pequena garota-demônio me torna.

Acho que nunca pensei muito no tema. Das poucas vezes em que me aprofundei em questões de fé, Deus ou religião, cheguei à conclusão de que é tudo bobagem. Meus pais eram protestantes e morreram provavelmente acreditando numa salvação que não os alcançou. O ser superior em que acreditavam não lhes concedeu nenhuma misericórdia, mesmo sendo fiéis devotos.

Tive rancor por um tempo. De Deus, acho. Por tirá-los de mim tão cedo, de uma forma tão dolorosa. Depois, passei a acreditar que merecíamos sofrimento pelas coisas que fazíamos. Agora, porém, não penso mais nada a respeito. Confio apenas no que meus olhos podem ver.

— Não — enfim respondo, após alguns minutos de silêncio. — Se um

dia tive, há muito já desapareceu. E você?

— Pra falar a verdade, não sei. Minha mãe não me ensinou muita coisa sobre Deus. Mas ela me ensinou a ter fé. Fé nas pessoas. Na bondade humana, digna de amor, perdão, compaixão e sacrifício. Honestamente, não sei mais se consigo acreditar nisso.

— É compreensível.

Depois do que pessoas como nós são obrigadas a enfrentar, é difícil acreditar em perdão ou compaixão. Ou mesmo em salvação.

— Dizem que, para acreditar em Deus, você tem que acreditar no diabo também. Acho que posso acreditar nisso. É difícil ver tudo o que eu vi sem conseguir pensar em uma fonte maior do mal.

Sloan parece ainda mais fascinante agora, por isso me inclino só para estudá-la mais de perto. As pessoas que tiraram sua fé merecem, sem dúvida nenhuma, toda punição que o inferno lhes reserva.

— Bem e mal andam de mãos dadas, anjo. Muitas vezes são duas faces de uma mesma pessoa.

Seus olhos azuis procuram os meus. Vejo que está desarmada agora. Os muros que se solidificaram ao seu redor parecem só um pouco mais frágeis. O suficiente para que eu consiga ver através deles ou, até mesmo, tocá-la. Tocar seu coração mole e despedaçado que, de algum forma, permanece batendo com convicção.

— Qual face sua estou vendo agora? — sussurra. — A cruel e traiçoeira ou a honesta e gentil?

— A face que ninguém é digno de ver há muito, muito tempo.

A que eu escondi por baixo de muitas camadas de raiva e ressentimento, e que continuaram firmemente lacradas até ela aparecer e me fazer questionar tudo. A parte de mim que ninguém deveria ter acesso, porque sua fragilidade é perigosa e pode me destruir.

— Eu quero isso — Sloan diz ao encarar o altar. — Quero a sensação que você sente quando vai atrás de vingança. Quero sentir alguma coisa, por mais efêmero que seja.

Franzo o cenho ao analisar seu rosto. Não há nada além de determinação em sua voz. Me lembro quando essa mesma chave virou dentro de mim. Quando percebi que a morte dos meus pais não havia sido um acaso do destino.

Eu só queria que os responsáveis pela minha dor sentissem exatamente a mesma coisa que senti. O medo e, acima de tudo, a solidão. Acho que é assim que Sloan se sente agora. Não posso lhe dizer que tudo vai melhorar, mas posso garantir que Deacon vai sentir muito mais dor do que ele já foi capaz de causar.

— Você vai ter sua vingança, anjo — falo, mesmo sabendo que não

devesse fazer promessas à minha inimiga.

Agora, no entanto, não me importo nem um pouco com nada disso.

28

S L O A N

Eu preciso que você venha ao meu resgate para me dizer que o sol vai nascer
Porque olhe a bagunça em que me encontro, os níveis do inferno em que eu estive
Me diga que você vai ficar para espantar todas as memórias para longe
Alone Tonight — Digital Daggers

É A PRIMEIRA VEZ que não sinto nada ao ser guiada pelos corredores sombrios da catedral. Das outras vezes, sempre senti que este lugar seria capaz de me corromper. Que eu viveria meus pesadelos aqui. Não poderia estar mais enganada. Agora é como se não houvesse mais diferença entre mim e a catedral. E não é por causa daquele juramente ridículo.

Mas porque já fui corrompida. Não há mais nada dentro de mim para ser tomado ou destruído. Não há muito mais o que temer. Já tiraram de mim a pessoa mais importante da minha vida.

Falhei ao tentar não pensar muito em Bash nos últimos dias. O pior de tudo é que as boas memórias que mantinha dele foram roubadas. Só consigo me lembrar do seu rosto naquela maldita noite. Da sua voz cheia de arrependimento, dos seus olhos marejados e da súplica por perdão.

E, então, sangue.

Sangue por toda parte.

Isso está levando cada uma das minhas noites. Quando a insônia não me atormenta, eu mesma me recuso a dormir. Faria qualquer coisa só para não ter que reviver tudo aquilo em meus pesadelos. É simplesmente insuportável.

Troquei poucas palavras com o que sobrou da minha família depois disso. Meu pai e madrasta acreditam na teoria do suicídio. Ou talvez, apenas fingem acreditar. Não há nada que eles possam fazer, de qualquer forma.

Nunca conseguiriam enfrentar Soren.

Callan estava certo, o novo líder dos Grifos é insano. Não planeja, apenas executa. Não há cautela ou receio em seus atos. Para Soren, as decisões são tomadas no calor do momento, porque ele sabe que não precisa se preocupar com as consequências. E, embora isso o torne o líder mais cruel dos Grifos, também pode ser sua maior fraqueza.

Agora que sei disso, pretendo usá-la muito bem.

Jurei a Sebastian, quando vi seu caixão sendo levado, que vingaria sua morte. Meu irmão era jovem, cheio de vida, e não mereceu ter pago o preço pelas minhas escolhas. Só morreu porque Soren tinha o plano de me controlar. Ele estava lá por minha causa. E tenho certeza de que ele não se arrependeria em saber que a bala estava em seu crânio para que não estivesse no meu.

Pensar nisso me mata um pouco toda vez. Em como ele pagou pelas escolhas de todos. De sua mãe, do meu pai... *Pelas minhas escolhas*.

Ele merece que eu pense apenas em coisas boas a seu respeito, em vez do gosto ruim da dor e do ódio que passou a borbulhar em mim o tempo todo. Mas a morte é tudo o que vejo. Se fecho os olhos, sinto o cheiro dela. O cheiro dos crisântemos no cemitério, da terra molhada ao redor dos túmulos, o perfume amargo de Soren, que tentava a todo custo me abraçar como se não tivesse causado aquilo. Seu amparo era um fingimento para as câmeras.

As odeio também. Odeio todos que estavam ali naquela manhã cinzenta. Nenhum tinha o direito. Ninguém ali conhecia Bash de verdade. Ninguém poderia lamentar sua morte quando todos ali, todos aqueles malditos Grifos, tinham semeado aquilo. Era culpa deles que meu irmão estava morto.

E também culpa minha.

Revivi tantas vezes os momentos anteriores à sua morte. Gritei e chorei até desmaiar de exaustão, mas, no fim, nada trouxe Bash de volta. Nada, nunca, o traria de volta. Nada é capaz de mudar o que aconteceu.

Algo em mim desligou naquele dia.

Eu não o perdoei quando ele me pediu. Pensei que teríamos mais tempo, e meu irmão acabou morrendo acreditando que eu o odiava tanto que era incapaz de perdoá-lo. E agora eu me odeio, mais do que tudo. Mais do que os Grifos e os Corvos.

Odeio ser essa pessoa, que tem tudo de bom arrancado de sua vida. Que vive constantemente sozinha.

É assim que me sinto enquanto caminho por St. Lazarus ao lado de Callan. Terrivelmente sozinha e incapaz de me importar com meu próprio bem-estar. Tão destruída e arruinada por dentro que pouco importa o que fazem com meu corpo. Soren pode decidir marcá-lo mais uma dúzia de vezes e nada mudaria.

Não tenho mais medo de nada disso.

Vazio foi tudo o que restou.

Acho que Callan sente isso também. Ele fica me olhando o tempo todo, como se quisesse se certificar de que ainda estou ali ao seu lado. Até mesmo no momento em que adentamos na grande e circular sala comum, na base de uma das torres da catedral.

Como esperava, há outros dois Corvos ali. Os dois que parecem fazer parte do círculo íntimo de Callan.

Roman e Ares.

Drago está vestindo um de seus tradicionais ternos caros, sentado em uma poltrona vermelha no canto, com um livro antigo nas mãos, enquanto Ward usa um moletom preto *oversize* e está atirando facas em um alvo preso na parede. Não é uma surpresa que não estejam em um lugar normal para uma noite de feriado de Ação de Graças. Nenhum deles é normal.

E agora eu também não.

Ambos notam minha presença quase que na mesma hora, ficando alertas assim que entro na sala.

— O que faz aqui? — Ares é o primeiro a perguntar, com rispidez.

— Vai se sentir melhor se eu disser que não tenho outro lugar para ir? — rebato, cruzando os braços.

O rosto desenhado de Ares ganha um brilho de satisfação, e ele gira entre os dedos habilmente a lâmina de uma de suas facas. Em seguida, antes que eu possa calcular seus movimentos, ele a atira em minha direção. Sinto o ar se mover conforme a faca o corta, passando perigosamente próxima do meu rosto, antes de se fincar na pilastra de madeira atrás de mim.

Eu mal pisco. Talvez, porque acontece em questão de segundos. Ou porque o medo realmente sumiu.

Se você não tem mais nada a perder, ainda é capaz de sentir medo?

— Não — Ares dispara, medindo-me dos pés à cabeça com seus olhos gelados. — Mas é um bom começo.

— *Printsessa* — cumprimenta Roman, com um aceno de cabeça.

Suspiro, dando mais alguns passos adiante até o centro da sala, onde uma bela peça de tapeçaria gótica está disposta.

— Olha, eu sei muito bem que vocês não querem me incluir em seus principais planos contra a Ordem, mas agora ninguém pode ajudá-los mais do que eu.

— É mesmo? — Roman semicerra os cílios loiros.

Logo depois, desvia os olhos para Callan, parado um pouco atrás de mim. Harkness, por sua vez, permanece com o rosto enigmático de sempre.

É melhor assim. Estou acostumada com sua frieza solene ou seu ódio ardente. A gentileza que ele demonstrou minutos atrás, contudo... Não sei lidar com isso. Não sei nem como reagir, ou se devo acreditar em sua aparente sinceridade. Tudo é um mistério quando se trata de Callan Harkness.

Apenas levanto a mão esquerda, onde o diamante reluzente em forma de gota, com mais quilates do que provavelmente consigo pensar, está cravado

naquele anel repulsivo.

— Sou um deles agora. *Oficialmente* — explico. — Ao menos, é o que pensam.

— E quem garante que você não é mesmo? — Ares zomba, me fazendo bufar.

É quase um insulto.

— Está brincando comigo?

— Parece que estou?

Seus olhos cinza-gelo se mostram impassíveis. Não sei se faz essas coisas apenas para provocar ou me odeia tanto — sobretudo por conta da minha origem — que não consegue me dar um voto de confiança.

— Eu fiz a porra do seu juramento de sangue.

Ward dá de ombros.

— Não basta para mim.

O capuz de seu moletom cobre sua cabeça, trazendo uma sombra parcial ao seu rosto. Isso parece torná-lo mais perigoso. Ou é apenas o seu semblante.

E talvez ele e os outros precisem ver com os próprios olhos. Creio que só assim vão acreditar.

— Ah, é? — é minha vez de zombar. — E que tal isso?

Levo as mãos para a barra do meu suéter preto e o retiro, jogando-o no chão. Fico apenas de sutiã, sem me importar se há três homens perigosos ao meu redor e se sou praticamente um pedaço de isca fresca no recinto.

Afasto o cabelo para o lado e puxo com desleixo o curativo feito cuidadosamente pelo dr. Walker, o médico que Deacon me enviou para cuidar da ferida e garantir que cicatrize como o esperado.

A dor me faz cerrar a mandíbula tão forte que meus dentes rangem e lágrimas se acumulam no canto dos meus olhos. Mas não permito que caiam.

A dor física não é, nem de longe, comparável à dor que senti com a morte de Sebastian naquela noite. É na verdade um lembrete que vou carregar na minha pele perpetuamente.

Não tive coragem de olhar com meus próprios olhos. Walker perguntou se eu queria ver, mas não consegui. Ele mesmo parecia enojado enquanto tratava da ferida.

Não preciso ver para saber que é horrível. E tem sido um inferno conviver com isso.

Me viro para mostrar aquela obra dos horrores para Roman e Ares e acabo ficando frente a frente com Callan, que, pelo ângulo em que está, já viu a ferida. Pensei que o encontraria pálido e enojado, mas não é assim que ele me olha agora.

Não é com pena também. Parece compreensão e, talvez, compaixão. Ele é incapaz de desviar os olhos. Ele não foge, apenas fica lá, como se estivesse vendo através de tudo isso.

Como se estivesse me vendo. Me vendo de verdade. Por dentro. Mesmo estando tão deplorável. Aquela mesma sensação do passado volta, fazendo minha respiração parar.

Escondo, atrás de mim, as minhas mãos. Elas tremem quando constato que Callan Harkness ainda é capaz de me enxergar, como fazia antes. Mesmo me odiando tanto, ele me vê. A pessoa que eu sou de verdade, sem a farsa bem montada que eu esculpi para reluzir aos olhos de todos.

Um deles estala a língua e o som ecoa no cômodo, fazendo o momento desvanecer. Pisco, retornando à realidade, e cruzo os braços para me cobrir, *me esconder.*

E a expressão no rosto de Callan logo é substituída por seu familiar olhar de raiva. Sua mandíbula está travada, e noto quando ele fecha os punhos bem apertado. Não consigo olhar ele por muito mais tempo. A vergonha pinica em minhas bochechas. Me sinto pequena e ridícula.

Eu lhe dou as costas de novo, só para escapar de seu escrutínio silencioso.

— O homem que fez isso, o fez contra minha vontade. Enquanto eu chorava sob ameaças no chão de seu escritório. Em seguida, ele matou meu irmão bem na minha frente. E, agora, está me obrigando a me casar com ele. — Alterno o olhar para Ares, que de repente se tornou uma figura empalidecida, de olhos arregalados. — Vocês não me conhecem, mas nunca foi isso o que eu quis pra mim. E não vou permitir que o resto da minha vida seja roubada pelos Grifos. Se não for com vocês, vou conseguir o que quero de outra forma. Mas terei minha vingança a qualquer custo. Além do mais, tenho umas informações que podem achar úteis, mas, se não quiserem, não me importo em sair com elas daqui.

Silêncio.

De soslaio, percebo Callan se movendo. Ele vem até mim e apanha meu suéter no chão.

— Vista-se — pede, ou praticamente exige, com o olhar firme no meu. O bastante para que pareça um pouco territorialista. Pego a peça de roupa de sua mão e a visto na mesma hora. — Diga o que sabe.

— Deacon não quer você. Ao menos, não ainda — conto, recordando da conversa que tive com Soren naquela noite, antes de tudo acontecer. — Ele vai te deixar por último. Não vai atacar por enquanto. O plano deles é arruinar os Corvos de outra forma, deixando-os sem aliados. A polícia vai caçar qualquer

um que demonstre estar do seu lado. Seus associados vão começar a cair um por um.

— Já sabíamos que eles têm a polícia nas mãos — Ares diz.

— Não a polícia, apenas — corrijo. — Soren tem o maldito comissário nas mão.

Ares bufa, impaciente, e revira os olhos cinzentos para mim.

— Não é nosso maior problema — insiste, voltando sua atenção para Callan. — A gangue de Wargrave está conquistando apoio bem em cima do nosso território.

— Talvez as duas coisas estejam conectadas — conjectura Callan, entrando na discussão. — Não há como os cães de Wargrave entrarem em nosso território para levar suas drogas. Vistoriamos todo o tipo de vã e caminhão não identificado que tenta cruzar os limites. Já a polícia, por outro lado...

— Não revistamos a porra da polícia! — xinga Ares, exaltado.

— A polícia não é estúpida — Roman discorda, fechando o livro pesado, e o coloca na mesinha ao lado. — Não entrariam carregando quilos de droga em um território tão controlado como o nosso. Chamaria a atenção dos nossos homens.

De fato, parece pouco provável que a polícia faria algo tão óbvio assim.

— Talvez não seja droga — sugiro, de repente.

— Acredite, *printsessa*, não haveria outra forma dos clientes da Zmey estarem buscando suprimentos em outro lugar se não estivessem chapados com alguma coisa muito mais forte do que o que vendemos. São viciados desesperados crescendo nos dois principais distritos deste lado da cidade. Esse é o tipo de gente que tá trazendo a influência de Wargrave para dentro do nosso território.

— Os números de morte por ingestão descontrolada de alucinógenos e opioides está crescendo em East End. Imagino que seja parte de algum plano duplo dos Grifos. Eles viciam nossas pessoas, ganham influência através da dependência da substância e ainda conseguem matá-los sem deixar nenhum rastro — Callan explica. — É o que eles estão tramando enquanto estamos distraídos com suas ofensivas mais óbvias.

— Nossos homens não deixariam isso passar despercebido — Ares garante. — Eu vigio nossas operações de perto. Qualquer substância nova e desconhecida é investigada e apreendida antes de entrar em East End.

— Então você não está fazendo seu trabalho corretamente — conclui Callan.

— Vai se foder, cara — Ares rosna em direção ao amigo.

Suspiro.

— E que tal absinto? — interrompo, fazendo os três se virarem para mim. Seus rostos estão franzidos em confusão. — O absinto batizado dos Deacon poderia entrar facilmente em seu território, não poderia? Seria só mais um veículo de carregamento de bebidas para seus bares. Passaria facilmente por qualquer inspeção. Soren disse que há doses altas de alucinógeno na bebida. Poderia viciar rapidamente e sem levantar suspeitas. Ele disse que a substância é produzida em laboratórios clandestinos. Quais as chances de Wargrave ter algo a ver com o contrabando?

— São bem altas — Callan presume.

Praticamente ouço o estalo provocado em seus cérebros. Roman bate palmas, rindo.

— Dessa forma, Wargrave nem precisaria entrar em East End. As pessoas sairiam de lá procurando seu produto e o trariam para seus bairros — deduz ele. — Caralho, *printsessa*, eu poderia te beijar agora!

— Nem tente — advirto, mas ele apenas dá um sorriso convencido.

Ares se cala, provavelmente porque prefere alojar uma de suas facas na própria garganta ao me dar razão de algo.

Callan anui com a cabeça, pensando a respeito.

— A Atlas consegue as provas necessárias para tirar o comissário de cena. Depois disso, só vamos precisar colocar um dos nossos em seu lugar. Com o departamento de polícia sob investigações pesadas de corrupção, não vai ser difícil virar o jogo contra Wargrave depois.

Parece um bom começo. Uma parte minha se afrouxa em alívio. Quase fecho os olhos para aproveitar a sensação. Ainda não é muita coisa, mas ao menos não me vejo mais presa na inércia do luto. Estou agindo.

Os rapazes começam uma nova conversa enérgica sobre negócios. Mal entendo o que estão dizendo, também não é muito do meu interesse. Não quero saber de nada além do plano para acabar com Deacon.

Decido que é uma boa hora para sair daqui e, enquanto eles ainda conversam, me esgueiro em direção à porta. Antes que eu a alcance, contudo, alguém segura meu cotovelo. O toque me faz estremecer e me viro, encontrando o rosto de Harkness.

— Obrigado — diz, quase me fazendo engasgar de espanto por essa palavra ter saído de sua boca.

Acho que nunca a ouvi vinda dele antes. Parece até que está pregando uma peça em mim, mas seu rosto está totalmente sério. Há um vinco profundo entre suas sobrancelhas. Parece que ele quer dizer mais alguma coisa, então espero por alguns segundos, mas Callan permanece em silêncio, apenas me escrutinando.

Não sei o que pretende com isso, mas não vai baixar minha guarda se essa é a intenção dele.

— Queremos a mesma coisa. — É minha única resposta. — *Por enquanto.*

Tento passar por ele e continuar meu caminho; a estrutura de seu corpo, no entanto, me impede. Permanecemos calados por um tempo até que ele enfim diz, sem nunca tirar seus olhos dourados dos meus:

— Ele vai morrer por isso, anjo. Vai morrer por tocar em você. Isso eu prometo.

A convicção inabalável em sua voz me faz arrepiar, e, antes que eu possa dizer alguma coisa, ele se vira e volta para o interior da sala.

Simples assim, com apenas algumas palavras, Callan consegue chacoalhar todos os meus pensamento e me deixar totalmente sem rumo. E, pelo resto da noite, mesmo muito longe dali, continuo me perguntando o que aquilo significa.

29

C A L L A N

Seu amor é como heroína
Hackeie meu coração
Invada meu coração
Heroin – Nostalghia

MEUS OLHOS PASSAM ATENTAMENTE por cada detalhe da principal tela de computador da sala de Pierce. O monitor plano está pendurado na parede, cercado de mais telas e outros aparatos tecnológicos de Nicole Pierce, a chefe do departamento de inteligência da Atlas.

Neste exato momento, ela está invadindo o computador de Oliver Cassidy, o atual comissário de polícia. O filho da puta assumiu assim que meu pai largou o cargo e parecia ávido para cruzar os limites que Edward Harkness nunca ousou, nem mesmo para o próprio benefício da Sociedade.

Mas isso não foi um problema para Cassidy. Ele estava mancomunado com os Deacon desde o princípio, e a mudança que sua liderança causou na cidade foi visível. Ao menos, para os olhos mais atentos.

Ele não é um Grifo, mas isso não importa, porque suas mãos são molhadas com o dinheiro da Ordem. E agora sei que sua proximidade com Soren Deacon é maior do que eu imaginava. Ele tem um papel importante no plano dos Grifos contra nós.

Devo a Sloan por essa informação.

É impossível estar em todos os lugares ao mesmo tempo, por isso preciso de bons olhos, dispostos a ver o que não consigo.

— O computador dele parece limpo — Nicole informa, para meu desgosto. — Acho que não estamos mais lidando com um bando de tolos.

Todo o sistema operacional da polícia de Millsdale foi desenhado pela Atlas. Plantamos nele as brechas estratégicas que permitissem que entrássemos e saíssemos quando quiséssemos. Foi — e ainda é — extremamente útil, mas aparentemente alguns deles viram o que estava bem à sua frente.

E isso vai nos prejudicar conforme procuramos informações sobre a investigação da polícia aos Corvos. Saber cada um dos seus passos na caçada a nós, antes mesmo que fossem dados, foi importante. É assim que os mantemos bem longe dos nossos rastros — e dos rastros de nossos associados.

Mas eu já deveria esperar isso depois que Deacon descobriu a mentira do meu tio. Agora ele sabe do meu envolvimento — e, portanto, da Atlas — nos negócios da Sociedade. Mantivemos isso em segredo por um bom tempo, mas não foi o suficiente. Soren deve ter ordenado que seus capachos evitassem utilizar o sistema da Atlas para compartilhar informações que envolvessem a Ordem.

Ainda assim, conforme Nicole explora cada uma das pastas do computador de Cassidy, permaneço atento, procurando qualquer coisa suspeita. Ao que parece, há apenas documentos e burocracias referente ao seu cargo de comissário.

— O que há naquela ali? — Aponto para uma das pastas intitulada “East End”.

Nicole tenta clicar sobre o ícone, mas uma tela aparece exigindo senha. Como eu suspeitava. Semicerro os olhos enquanto Nicole trabalha para quebrar a criptografia simples. A garota poderia fazer isso de olhos fechados, por isso é a chefe do departamento mais importante dessa empresa e também trabalha paralelamente para os negócios secretos da Sociedade.

Ela também é filha de Natasha Pierce, a CEO da Atlas. Natasha foi, por muitos anos, o braço direito do meu pai. Ele confiava nela e eu também confio. Pareceu uma escolha óbvia que ela assumisse o cargo mais importante da empresa, depois que ele se foi.

Não tenho tempo ou vontade de lidar com as burocracias que uma corporação do tamanho da Atlas exige. Este era o império do meu pai e eu respeito isso, mas a Sociedade é o *meu império*. É minha única prioridade e precisa da minha atenção em tempo integral.

Mas posso confiar que Natasha e Nicole Pierce vão cuidar de tudo isso aqui da melhor forma possível nos momentos em que não estou presente. Nicole possui a mente mais brilhante que já vi.

Nos conhecemos quando eu ainda era um calouro em Wilrose. Minhas notas eram muito altas, mas nunca conseguiam ser maiores que as dela. Competimos por isso por todo aquele ano, e ela sempre ganhou. Acabei desistindo e percebendo que era melhor tê-la no meu time do que como minha rival.

Foi difícil convencê-la a aceitar o estágio na Atlas que sua mãe e eu lhe oferecemos, mas com o tempo conseguimos.

— Estou dentro — diz ela com um sorriso vitorioso nos lábios.

A tela agora exibe o interior da pasta de East End no computador de Cassidy. Nela, há três arquivos de texto. Antes mesmo que eu peça, Nicole abre o primeiro documento. É um mapa do distrito de East End, com linhas coloridas

que percorrem o território todo. Cada cor é atribuída a um nome diferente. Presumo serem policiais, porque conheço essa linhas e as identifico assim que coloco os olhos nelas.

São as rotas de patrulha feitas diariamente em East End. Precisei conhecê-las minuciosamente para o bem da Sociedade. Conheço alguns dos nomes também. Partes deles são de policiais que trabalham para a Zmey, mas espero que Cassidy não saiba disso.

O próximo documento apresenta uma tabela com duas principais colunas intituladas “entrada” e “saída”. Há datas e horários diferentes nas linhas que seguem abaixo de cada coluna. As datas começam em setembro e, no fim de três páginas, termina na semana passada. Há também dois locais variando entre cada data.

Ponte Gladford ou a Passagem 138. Duas das pontes menores que interligam Rotherdam a East End além do grande monumento da ponte Millsgate.

— O que significa? — Nicole pergunta, franzindo as finas sobrancelhas em confusão.

— Eu chuto que sejam as datas das entradas e saídas de patrulhas em East End.

— E por que o próprio comissário de polícia precisaria dessas informações?

Não respondo, mas acho que sei o motivo. É porque, conforme deduzimos após a informação de Sloan, a polícia está ajudando a trazer o absinto de Deacon e as drogas de Cyan Wargrave para o interior do meu território. Aposto que terei a confirmação disso se apenas der uma olhada nas câmeras de segurança da Ponte Gladford e da Passagem 138.

São algumas das provas de que preciso, mas duvido que seja o suficiente.

— Abre o último — peço e logo o próximo arquivo da pasta está disponível na tela.

Este, diferentemente dos demais, é uma planilha.

E há muitas e muitas linhas com valores altos de dinheiro, variando de 20 até 70 mil dólares. Cada quantia está discriminada a um padrão de cinco números.

Deveriam ser nomes, não números, considerando que provavelmente os valores em dólares se trata de dinheiro sujo. O comissário anda movimentando verba por fora e aposto que é dinheiro recebido dos Grifos.

— Consegue saber se isso foi enviado para alguém? — pergunto a Nicole, que no mesmo instante começa a verificar.

— Um endereço de e-mail composto por caracteres aleatórios. Não diz

nada.

— Consegue rastreá-lo?

— Precisaria de tempo.

Tempo é um luxo que não possuo. A cada hora perdida, mais perto estou de perder tudo para Deacon.

De novo.

Caso alguns dos meus associados percebam que a polícia está na nossa cola, podem querer romper nossos negócios. Não que consigam, uma vez que fizeram o juramento. Se forem poucos a debandarem, posso dar um jeito.

Mas se todos eles resolverem romper o contrato ao mesmo tempo, não há nada que poderei fazer.

— Esses números... — reflito, e Nicole levanta a cabeça para me encarar. — Não te dizem nada? Podem ser algum código?

A garota ajeita o óculos sobre seu nariz arrebitado. Ela é bem bonita, assim como sua mãe. É alta, possui a pele negra reluzente e cabelos coloridos cortados em um *pixie cut* sob um gorro.

— Nenhum com o qual eu esteja familiarizada. Posso tentar decriptá-los com os meios que conheço, mas, honestamente, não levaria a nada.

Bufo alto, me vendo sem saída. Movo o olhar para a tela e releio as sequências de números. Parece aleatório.

Mas sinto que já vi esse padrão antes. Cinco dígitos.

Bem... 85631 era o número do distintivo do meu pai, em sua época de comissário de polícia. Lembro de encontrá-lo em seu escritório, quando ainda era criança. Admirava tanto aquele pequeno distintivo reluzente em prata. Para mim, naquela época, isso praticamente tornava meu pai um super-herói.

Distintivos.

Faz sentido.

— São números de distintivos — deduzo, enfim. — Pesquise-os na base de dados do MDPD.

— São centenas de número, Callan.

— Centenas de policiais corruptos. Quero o nome de cada um deles. — Eles vão cair. Junto com Cassidy, Wargrave e o resto dos Grifos. Quase dou um sorriso de satisfação. Isso é exatamente o tipo de prova de que preciso. — Envie tudo para a corregedoria, junto com as filmagens das câmeras de segurança da Ponte Gladford e da Passagem 138 nas datas e horários que constam no segundo arquivo. Encaminhe para Jeremy Vargas.

Vargas é o único contato importante do meu pai na polícia que ainda restou. Embora ele não seja fã dos Corvos, é um dos poucos homens honestos que o sistema ainda não conseguiu corromper. Ele vai dar conta de investigar os

casos de corrupção no MDPD e ainda vai se deparar com o esquema de produção de absinto batizado de Deacon e Wargrave no caminho.

É exatamente o que eu precisava para enfraquecer os Grifos.

Nem de longe será o suficiente, mas é um bom começo.

— Sim, chefe — zomba Nicole, revirando os olhos antes de começar a fazer.

Deixo a sala para que ela trabalhe em paz e vou até o elevador. Passo por todo o departamento de inteligência no caminho. Muitas mesas com muita gente trabalhando duro para manter este lugar funcionando.

A Sociedade estaria perdida sem eles. Sem a Atlas, que é mais um dos legados do meu pai.

E sinto raiva de pensar que Mikhail e o resto do Conselho não enxergam isso. Eles pensarem que todo este império estaria melhor nas mãos dos St. Clair é mais do que um ultraje. É a porra de um insulto.

Minha sala fica no último andar da torre da Atlas e é para lá que vou.

Assim que abro a porta do escritório, encontro uma infeliz surpresa. Drystan está próximo das estantes, bisbilhotando um dos livros. A maioria é do meu pai. Fiquei com sua sala presidencial, embora não seja o CEO. Natasha achou que era o certo a fazer, já que sou o herdeiro de tudo isso e tenho a maior parte das ações da empresa.

A sala é magnífica, com janelas do chão ao teto cobrindo as duas paredes externas. Daqui, tenho acesso à vista mais incrível de toda Millsdale. Às vezes, me perco nela por horas. São os únicos momentos de paz que ainda consigo ter.

— Brincando de ser rei? — pergunta ele com desdém, largando o livro que estava em suas mãos.

Suspiro, fecho a porta atrás de mim e me dirijo à escrivaninha de mogno no centro da sala.

— Estamos do mesmo lado — rebato, sem nenhuma paciência para lidar com ele hoje. — Guarde suas energias para gastar com quem deve.

Largo meu corpo na cadeira giratória, sentindo cada um dos meus músculos reclamarem pela quantidade de exercício físico que estou praticando. Em geral, durmo bem pouco, mas recentemente ficou pior. Agora passo todas essas horas da madrugada no porão de St. Lazarus, treinando até meu corpo não ter nenhuma opção além de desligar.

É como se os antigos dias de iniciando retornassem.

Atribuo essa maldição a mais um dos efeitos causados por Sloan Kestrel. É ela e tudo a seu respeito que não me deixam dormir à noite. Simplesmente não consigo arrancá-la da minha mente. Essa mulher está por toda parte. Age como um veneno oferecido em doses baixas, me deixando doente e fraco de forma

silenciosa.

E assim vai me abater se eu não impedir.

Quando a vi naquele cemitério, com os olhos fundos e totalmente opacos, desprovidos de qualquer brilho de esperança, foi como ver a mim mesmo tantos anos atrás. Quando minha inocência foi enterrada junto de meus pais. Senti a maldita compaixão da qual Sloan falava tanto.

Matei homens sem pensar duas vezes. Não por ofício, mas por opção. Observei a vida esvair de seus olhos e senti seus corações darem a última batida. Ouvi súplicas desesperadas, barganhas, pedidos de desculpa... Nada nunca mudou a forma como vejo o mundo. Nada me mudou. Não senti uma gota de empatia por nenhum deles ou remorso.

Já por Sloan...

Vi que era capaz de arrancar meu próprio coração do peito se isso fosse fazê-la se sentir melhor. Era como se cada lágrima sua fosse ácido derramado em minha pele, me perfurando até os ossos. Agonizante, perturbador e insuportável.

E eu nunca me senti assim antes.

Prometi a mim mesmo que nada nunca me enfraqueceria. Nada nunca deveria ser capaz de me atingir dessa forma. Não depois de tudo o que passei na Iniciação.

Mas Sloan sempre passou por cima de todas as minhas regras e sempre provou que sei muito pouco sobre tudo, talvez até sobre mim mesmo. E o que eu mais queria era poder ser capaz de acabar com ela como mais um dos meus alvos e colocar fim nessa tortura. Colocar fim em tudo o que ela me desperta.

Mas eu simplesmente não posso.

Inferno.

— Sei que estamos, mesmo que não pareça às vezes — concorda Drystan e vem até mim, se jogando na poltrona à minha frente. — Mas alguns de nós não pensam assim.

— Tá falando de Jasper St. Clair?

— *Bingo*. — Ele estala os dedos.

— Eu deveria ter esmagado este inseto enquanto podia — reclamo, passando as mãos nos cabelos. — O que descobriu?

— O erro da sua pequena Kestrel não passou despercebido — diz, semicerrando os olhos para mim. — Mikhail está furioso e acha que a culpa é sua. Sugiro atribuir o fato a ela e acabar logo com isso.

— Eles a matariam.

— Ela vai morrer de qualquer jeito. — Drystan levanta uma sobrancelha, esperando qualquer deslize meu para jogar na minha cara. — Ou os planos mudaram?

— Você sabe que não.

— Ótimo. Por que não adiantar isso então? Além de livrar seu pescoço da garra do St. Clair, vai fazer o Conselho te ver com bons olhos de novo.

Durante os últimos anos, pensar na morte de Sloan Kestrel era um alívio necessário. Minha grande recompensa.

Mas agora, quando cogito essa possibilidade, um gosto amargo de insatisfação e revolta preenche meu paladar.

Não há nenhuma chance de matar Sloan agora. Simplesmente não posso. E não apenas porque seu lugar na hierarquia dos Grifos me é útil, mas porque não sei se conseguiria ir até o final.

Honestamente, acho que bastaria encarar seus olhos azuis inocentes por um segundo para que eu desistisse. Quero fazer muitas coisas com Sloan Kestrel, mas matá-la não é uma delas.

Ao menos, não agora.

Parece que todos estavam certos, afinal. A garota está rastejando sob minha pele e tomando o controle. Como um maldito parasita do qual não consigo me livrar.

O pior de tudo é que gosto de senti-la por perto. Me desafiando, me odiando, gritando comigo ou me acusando. Tanto quanto gosto das memórias de um passado onde ela me ouvia, ria das minhas piadas e se importava.

De qualquer forma, quando finalizar com ela, de uma vez por todas, vai ser por minha decisão. Não permitirei, de jeito nenhum, que o Conselho se intrometa nisso. Sloan Kestrel é um assunto meu e de mais ninguém.

Especialmente Jasper St. Clair.

— Quando foi que virou um grande estrategista? — retruco.

— Quando foi que virou um fraco? Sloan merece morrer.

— Não enquanto for útil para mim.

Ele ri com incredulidade. Provavelmente não entende.

É incapaz de entender.

Em boa parte da vida, Drystan esteve sozinho, lidando com todas as merdas que os Grifos fizeram com ele. Ódio é tudo o que ele enxerga. É tudo o que está no controle.

— Quanto mais vai deixar que ela te custe?

Porra, não faço ideia.

Tudo, talvez.

Enquanto essa obsessão infernal perdurar.

— Essa conversa está encerrada, Ward. A menos que tenha algo útil a acrescentar.

— Jasper vai te trair, irmão. E ele tem algo que não temos: o Conselho.

Não pode matá-lo sem que isso cave sua cova também.

— Se quer ajudar, fique de olho nele. Quero estar a par de cada movimento seu. St. Clair não dá mais um passo sem que eu fique ciente. Sobretudo, na noite do baile de inverno e as que o antecedem. Fui claro?

Não estou nem aí se Jasper vai perceber que ando na sua cola. Espero, na verdade, que perceba. Quero que saiba exatamente no que está se metendo.

— Como você quiser — responde, emburrado.

O baile de inverno dos Drago é uma tradição enraizada na alta sociedade de Millsdale há mais de um século. Mikhail envia convites para as famílias mais importantes da cidade, incluindo seus inimigos. E foi assim que ele conseguiu tanto poder. Foi a maneira perfeita de expandir os negócios da Zmey e consolidar seu nome como algo a ser temido, mas, acima de tudo, respeitado.

É a noite perfeita para um rato como St. Clair tramar contra mim. Todos os Patronos estarão reunidos, isso sem falar nos nossos associados mais relevantes e, até mesmo, nossos inimigos. William Deacon sempre comparecia à festa, vestindo os ternos de gala mais caros e distribuindo os sorrisos mais condescendentes.

É uma noite de trégua. Ou melhor dizendo, de paz armada.

A meu ver, é a porra de um show. Um teatro com péssimas encenações.

— Os iniciandos estão planejando uma surpresinha para a noite do baile. — Drystan abre um sorriso diabólico e preocupante.

— Eles ou você? — Levanto uma sobrancelha.

Ter encarregado Drystan de ajudar com os iniciandos, que farão o juramento em menos de seis meses, foi provavelmente uma péssima decisão. O que houve em Beastland é a prova disso. Mas não há como voltar atrás agora.

— Não vai nos negar um pouco de diversão, vai? Irmão, você amava levar o caos para aquelas festas.

— Eu era um iniciando. Não tinha um terço das responsabilidades que tenho hoje.

— Os ônus e bônus de ser rei — cantarola ele. — “Pesada é a cabeça que carrega uma coroa” e tudo mais.

Reviro os olhos.

Mas, tenho que admitir, era divertido ser um iniciando. Claro que eu tinha muito mais a perder do que qualquer outro da minha classe. Mesmo tão jovem, tinha responsabilidades. Um nome para carregar. Meu treinamento era muito mais pesado do que os outros.

Ainda assim, eu tinha um gosto pelo caos.

Roman e Drystan sempre foram melhores amigos. O pai de Drystan mantinha laços muito estreitos com a Zmey e o pai de Roman, o que

naturalmente fez com que ambos crescessem juntos, entre a Rússia e os Estados Unidos.

Há quase dez anos, porém, o núcleo russo da Zmey caiu. Drystan foi capturado pela Ordem e permaneceu desaparecido por muito, muito tempo. Só conheci Roman quando ambos começamos a iniciação, aos dezoito. Depois, quando Drystan foi encontrado, ele se juntou a nós. Era um herdeiro perdido, mas, ainda assim, um herdeiro. E os Corvos não tinham mais o luxo de escolher quem entrava ou não.

Precisamos de cada um com sangue Corvo que ainda existir.

Como um trio disruptivo, demos muito trabalho aos nossos tutores. Arruinamos uma porção de aulas, fomos enviados ao Purgatório dezenas de vezes, mas nada era capaz de nos parar. Havia muito dentro de cada um de nós que precisava ser extravasado.

Roman e eu nos acalmamos um pouco depois que fizemos o juramento e ganhamos nossas marcas — eu mais do que Roman. Já Drystan...

Acho que ele nunca retornou. Ao menos, sua mente não. Não depois que os Grifos o pegaram.

Ele nunca disse a ninguém o que foi feito a ele durante aquele tempo e, pra ser honesto, nenhum de nós teve coragem de insistir. Podemos apenas presumir, o que já é ruim o bastante.

Mesmo assim, a realidade pode ser muito pior.

Ao menos, Roman, Drystan e eu tínhamos uns aos outros. Isso ajudou. Também ajudou o fato de podermos fazer qualquer merda que queríamos naquela época.

Talvez nossos iniciandos precisem disso também.

Suspiro, massageando as têmporas, mas, por fim, concordo.

— Só não sejam pegos, não livrarei nenhum de vocês do Purgatório.

O Purgatório não assusta Drystan. Provavelmente ele já passou por coisa bem pior. Ele apenas sorri, maquiavélico, me deixando com receio só imaginar o que ele anda tramando.



S L O A N

Eu gostaria que o chão se abrisse sob meus pés e me engolisse.

Gostaria que o salão deste restaurante encolhesse, para que as paredes me

esmagassem. Ou talvez, que um dos quatro lustres pendurados no teto caísse sobre minha cabeça.

Só queria ser tirada daqui, dessa maldita situação, por algum evento de *Deus ex Machina* qualquer.

A voz insolente de Soren Deacon é insuportável de ser ouvida por mais do que dez minutos, quem dirá por três horas. Mas não é pior do que seu silêncio cortante. Ele parou de falar antes que o prato principal chegasse.

Agora, só fica quieto, me observando como se estivesse tentando entender meus comportamentos.

Não que eu tenha falado muito desde que chegamos ao Continental. Há muito pouco a ser dito. Em contrapartida, há muito que eu precise ouvir e aprender, para o meu infortúnio.

Só que Soren tomou as rédeas da minha vida e agora, no papel de noivo — ainda sinto vontade de regurgitar quando penso nessa palavra —, está no comando. Meu pai apenas concordou. Na realidade, não sei se há muito o que ele possa fazer. Ainda mais depois da morte de Bash.

Isso está destruindo o que resta de Mason. Vejo isso pelas bolsas que crescem sob seus olhos.

Deacon parece disposto a me ensinar tudo o que preciso saber sobre a Ordem. Para isso, ele negociou com o diretor da faculdade de direito de Wilrose para reduzir minha carga horária. Mal tenho aulas a frequentar na universidade. Meus dias são preenchidos com todo tipo de afazeres dos Grifos.

Acompanhar reuniões, frequentar os clubes da Ordem, ler tudo o que existe a respeito da história dessa sociedade secreta e, é claro, colaborar com o planejamento do grande casamento.

Obviamente, não tenho livre arbítrio para nenhuma dessas coisas. Quando Soren não está em meu encalço — de forma literal —, algum de seus guardas está. Quanta saudade sinto da época que era perseguida por Leonard. Ao menos conseguia dar conta dele. Os brutamontes de Deacon me olham como se estivessem esperando pelo meu menor deslize para enfiar uma bala em minha cabeça.

Soren dobrou a proteção desde que anunciou publicamente o noivado.

Infelizmente, ainda não houve nenhum atentado contra nossa segurança.

Não tenho sorte na vida mesmo.

A cada dia que passa sem que a Ordem caia, sinto que meu tempo está se esgotando.

Um toque inesperado em minha mão, que repousa sobre a toalha de linho da mesa, me desperta e recuo imediatamente. Logo flagro Soren me fitando com intensidade. Não consigo agir com nada além de asco quando ele está por perto.

— Concordei com esse casamento porque não tive opção e andando na linha — digo, baixo o suficiente para que apenas ele escute. — Mas não concordei em me afeiçoar por você e espero que saiba que isso nunca vai acontecer.

Soren ri, talvez porque pense que não estou falando sério. Seu ego certamente deve fazê-lo acreditar que é o sonho de qualquer mulher.

— Não esperava o contrário de você, pequena Kestrel.

O loiro espeta um pedaço de carne de pato com o garfo antes de levá-lo a boca, e, juro por Deus, até a forma como ele mastiga me deixa enojada.

— Por que me trouxe aqui? Além de querer me exibir por aí.

— Bem, uma hora ou outra você precisaria aprender sobre o ofício do seu pai. Aquele que você vai herdar.

Levanto uma sobrancelha.

— O ofício de juiz?

— Juiz da Ordem — corrige ele. — É o que seu pai faz. Não é apenas um juiz togado do estado de Washington. *É o meu juiz.* São os olhos e os ouvidos da Ordem dentro do sistema de justiça americano.

Um riso nasalado de desgosto me escapa.

Nunca soube bem qual era a exata função de Mason dentro da Ordem dos Grifos. Acho que, no fundo, tinha medo de descobrir.

Mas presumo que isso é mais uma das coisas que desmorona bem diante dos meus olhos.

— Ou seja, quem manipula o sistema de justiça no melhor interesse da Ordem — assumo, preferindo voltar a encarar meu prato intocado de massa gratinada.

— E também é quem julga os crimes cometidos contra nós, Grifos, e escolhe a pena que cada um vai receber. Somos justos, pequena Kestrel.

Franzo a testa, tentando desvendar o significado disso. Na prática, tenho certeza que é bem mais violento e brutal que na teoria.

— Presumo que Mason nunca tenha te contado — continua Deacon. — Se fosse meu pai te ensinando o ofício, agora faria você decorar nosso código de leis. Mas não dou a mínima para isso. Eu decido quais os crimes, e você aplica minha escolha. Esta será sua função: ser meu braço direito. A pessoa de maior confiança para mim dentro da Ordem. Por isso, de agora em diante, vai me acompanhar para aprender exatamente o que deve ser feito.

Apanho minha taça de vinho branco e entorno o resto. Só uma boa quantia de álcool em meu sangue será capaz de me fazer digerir isso.

Escolher quem vive e quem morre não deveria ser o trabalho de ninguém. Muito menos o meu. Talvez fosse diferente se eu tivesse mesmo sido

criada como uma herdeira da Ordem. Tudo em mim seria diferente se esse fosse meu mundo desde o começo.

Mas não é. Nunca foi.

E eu nunca vou ser o que a Ordem está exigindo de mim. Nunca vou conseguir.

Mas, pelo tempo que for preciso, terei que tentar. Só até Callan matar Soren.

A ideia da morte de alguém poderia me assustar antes, mas agora só me traz alívio. Pode ser que demore, mas, um dia, vai acontecer. E quanto mais inserida eu estiver nos negócios dos Grifos, mais informações úteis terei para agilizar esse plano.

Assim sendo, por tempo indefinido, terei que dançar com o diabo, seguindo seus passos.

— Que ótimo — me limito a dizer. Espero que o tom forçado e totalmente falso não tenha sido detectado por seus olhos translúcidos.

Duvido que qualquer coisa que ele tenha em mente ainda consiga me chocar, de qualquer forma.

— Que bom que gostou, querida. — Ele sorri. Em seguida, retira o guardanapo do colo e se levanta. — Agora, venha, guardei a sobremesa em outro lugar. Jev, mostre o caminho.

Assisto, atônita, enquanto o guarda se dirige à porta restrita nos fundos do mezanino. Soren segue atrás, mas dois guardas permanecem parados próximo de mim, esperando que eu obedeça. Como não tenho escolha, imito os movimentos de Soren, sendo seguida de perto pelo seus cães.

Jev, presumo, abre a porta que leva a um corredor escuro. Não tenho certeza do que me aguarda lá, mas sei que não é nada que eu queria presenciar ou mesmo ver. É provável que seja algo horrível.

Sinto as mãos começarem a suar e engulo em seco.

Depois do corredor, chegamos a uma pequena sala paralela ao salão do restaurante. Está suja e empoeirada, repleta de caixas e materiais de construção. Mas, no centro dela, há um homem sentado em um banquinho de madeira, que range conforme ele se mexe.

Há um saco preto em sua cabeça, cobrindo seu rosto, e suas mãos estão para trás, provavelmente amarradas.

— Este homem... — Soren começa, adentrando na sala enquanto permaneço parada sob a porta. Pelo seu tom sádico, sei o que está planejando antes mesmo de ele retirar um canivete do bolso de sua calça preta de alfaiataria. — Este homem foi pego desviando dinheiro de uma das minhas boates. É um ladrão que se achou inteligente o bastante para tentar roubar de *mim.*

Soren acha graça, e seus olhos voam na minha direção.

Estou tão encolhida quanto posso, mas não é o suficiente para me fazer passar despercebida. Um empurrão em minhas costas me faz tropeçar para dentro da sala e quase caio. Por sorte, consigo me firmar sozinha nos saltos.

— Qual você acha que é a pena para o crime de traição? — Sorem me convida para participar de seu circo, os olhos estreitos me observando com minúcia. Não sei o que dizer. Fico tentando decidir se existe ou não uma resposta certa, e qual será a consequência do que eu disser. Bons segundos se passam, com o silêncio do ambiente sendo interrompido apenas pelo soluçar abafado do homem cativo. Soren perde a paciência bem rápido. — Eu gaguejei, Sloan? — Engulo em seco de novo quando seu grito reverbera e apenas faço que não com a cabeça. — Então, me responde! Qual pena você acha que este verme merece?

Quero chorar, embora essa não seja uma boa ideia. Minhas mãos estão tremendo, e meus olhos presos à figura do homem imobilizado. Os joelhos dele chacoalham, e percebo que há uma corda amarrando seus tornozelos. Presumo que sua boca se encontre amordaçada também.

Minha ficha cai pouco a pouco. Trata-se de um teste. Não para ele, é claro. Para mim.

Soren não para me de observar desde que chegamos. Acho que precisa saber até onde estou disposta a ir pela Ordem. Quer comprovar minha lealdade, saber se sou capaz de condenar um homem à morte, sob sua liderança.

Se eu não puder, então sou inútil para Soren e para a Ordem.

Dependendo do resultado, posso ser descartada facilmente. Por enquanto, sou seu passaporte para fortalecer seu lugar na Ordem. Mas, se eu representar qualquer ameaça, Soren não terá problemas em cortar minha garganta como já fez antes com outros.

O que significa que tenho que escolher. Mesmo se eu demonstrar rebeldia, ele vai matar aquele homem. Se eu dançar conforme a música, contudo, então sobreviverei mais um dia para tentar destruir Soren Deacon.

Mas, Deus, que decisão difícil.

O soluço que se instala na garganta me exige um grande esforço para contê-lo. Eu o engulo, junto de meu medo, raiva e frustração. Junto de minha respiração pesada e da culpa antecipada.

Em seguida, umedeço os lábios e dou o que ele quer.

— A morte — sentencio, baixinho. Me pergunto se Soren sequer escutou, mas então ele sorri satisfeito.

— Bravo!

Soren puxa o saco da cabeça do homem apenas o suficiente para expor seu pescoço bronzeado e brilhante de suor. Espero que os eventos seguintes

passem para mim em câmera lenta, do mesmo jeito que a morte de Bash aconteceu.

Mas dessa vez é muito rápido.

Consigo apenas ter o vislumbre da lâmina brilhante de seu canivete se aproximando da jugular do homem antes de correr para fora da sala, sentindo bile subir à garganta.

Para a minha sorte, os guardas não me impedem.

30

S L O A N

Passado

Amor, seja meu vilão
Nós somos iguais (...)
Você ferve em minhas veias
Nós nunca iremos mudar (...)
Em chamas, nós estamos caindo
In Flames – Digital Daggers

Observo a neve cair lentamente através da janela do meu dormitório**.**

Há uma fila de carros de luxo passando pelos portões do Instituto e indo embora, em direção às suas casas, suas famílias. Afinal, é véspera de Natal. É o feriado em que deve-se comemorar em no lar, com seus entes queridos.

A memória de quando eu tive isso ainda segue fresca na minha cabeça. Recordo-me claramente do cheiro delicioso da comida flutuando no ar, da pilha de presentes com embrulhos coloridos sobre o pinheiro que minha mãe e eu passávamos horas enfeitando, das luzinhas emoldurando a lareira...

Uma lembrança calorosa. A sensação de pertencimento era maior do que qualquer coisa. Parecia que tudo ficaria bem, porque eu tinha um lar. Eu tinha para onde correr quando estivesse assustada. Meu refúgio seguro.

Agora, contudo, não tenho mais.

É o primeiro Natal que vou passar sozinha no internato. Até mesmo a diretora Nichols me olhou com pena quando meu pai convocou uma reunião para avisar que eu teria que ficar aqui durante todo o feriado, uma vez que ele estaria trabalhando em Nova York com sua noiva, Jocelyn. Tampouco eu poderia ficar com meu meio-irmão, que também está fora, em algum canto da América do Sul.

Ou seja, minha família me deixou aqui como se fosse um objeto velho que ninguém quer mais, mas também não têm coragem de se desfazer. Assim, ele fica anos e anos esquecido no sótão, coberto de poeira e memórias opacas.

— Então, quais os planos pra hoje?

A voz repleta de empolgação da minha melhor amiga me surpreende e me viro no assento acolchoado próximo da janela. E lá está Ava, perto da porta do nosso dormitório apertado, com um gorro de rena de Natal e sua mala de

viagem na mão.

Ela saiu de manhã cedo para viajar com sua mãe e passar o fim do ano com seus avós maternos, então meu queixo cai de surpresa quando a vejo bem aqui, apenas uns passos de distância.

— O que tá fazendo aqui?! — pergunto com preocupação. — Já deveria estar em Portland a horas.

Ava dá de ombros e adentra no quarto, deixando a mala nos pés da sua cama e jogando a mochila no chão.

— A viagem ia me deixar entediada — explica, como se fosse óbvio. Ela deixa o corpo cair no seu colchão e me olha um com sorriso divertido. — Preferi ficar.

— Ava... — Suspiro, me sentindo inflar com a culpa. — Não precisava fazer isso por mim.

— Não fiz. — Balança a cabeça, incisiva. — Sempre que eu puder evitar os dias em que ausência do meu pai é ainda mais palpável, farei isso.

— Como Alicia está?

— Fingindo que tá tudo bem. — Ava faz uma careta. Na maior parte do tempo, minha amiga também finge que isso não a atinge. Ela é durona. — Ela ainda procura por ele, sabe? Tenho medo de passar o resto da minha vida procurando também. Mas acho que, se pudesse trazê-lo de volta, tudo ficaria bem de novo. Minha mãe voltaria a ser quem era antes.

O pai de Ava foi embora há um ano. No Natal passado, ele se foi no meio da noite, não deixando nada além de um bilhete para sua esposa, Alicia, dizendo que estava indo, porque assim seria melhor para ela e Ava.

Minha amiga me explicou que ele andava com problemas, mas que nunca revelou do que se tratava. Ela acha que tem a ver com alguma dívida com pessoas perigosas. Agiotas ou sei lá.

De qualquer forma, é uma ferida aberta para a família Gallagher.

Me levanto e vou até ela, me sentando com as pernas dobradas ao seu lado.

Ava está visivelmente chateada. Aposto que, tanto quanto eu, gostaria de ter um Natal normal em família. Ela até me convidou para ir para Portland junto, mas não consegui aceitar. Não me sentiria confortável com a situação.

— Não carregue essa responsabilidade — aconselho ao colocar minha mão por cima da sua. Sua pele está gelada pelo frio lá de fora. — Não é sua obrigação ter que consertá-los.

Ava ergue o rosto para mim.

— Mas, se você tivesse a chance, não faria isso?

Sim, faria.

Num piscar de olhos, sacrificaria qualquer coisa para voltar a ter o que eu tinha antes. Nunca foi perfeito, meu pai sempre foi viciado em trabalho e o casamento dele com minha mãe já estava fadado ao fracasso antes da doença aparecer. Ainda assim, era muito melhor do que o que tenho agora.

Se eu pudesse curar minha mãe, com certeza, faria isso.

Só não entendo por que Ava acha que tem a chance de mudar a situação de seu pai.

Estou prestes a lhe perguntar exatamente isso quando ela muda de assunto.

— Esbarrei com o verme do Deacon lá fora.

Exalo o ar com cansaço ao me lembrar dele.

— Ele vai passar o feriado na cidade?

— Infelizmente.

Isso é estranho. Os Deacon têm diversas propriedades ao redor do mundo, pelo que sei. Ava e eu ouvimos que ele costuma passar o fim do ano nos alpes suíços. Pensei que ao menos, durante o recesso de inverno, me veria livre dele.

— E quanto ao Harkness? — Não consigo segurar a língua.

— Não vi ele — confessa, fazendo uma careta.

Me contorço de agonia só de pensar em Callan. Tem sido assim desde o festival de inverno. Naquele dia horrível, chorei até meu estoque de lágrimas secar. Bash e Ava me consolaram, a diretora disse que encontraria e puniria o responsável, mas nada fez eu me sentir melhor.

Alguns diziam que o líquido que derramaram em mim era sangue de porco, outros afirmaram que era apenas tinta. No fundo, acho que sei a verdade. Tinta não teria aquele cheiro horrível. A diretora e os professores só estavam tentando não me deixar ainda mais assustada, nem alimentar os boatos de que o Instituto Valiant era conivente com bullying.

Nos dias seguintes, encontrei sangue falso esguichado no interior do meu armário. Arruinou todo o meu material escolar e uma porção de livros. Sem falar nas fotos do momento exato em que estava coberta de sangue no meio do palco, antes da cortina se fechar. Pregaram as imagens na porta do meu dormitório, nos murais de aviso e postaram em todas as redes sociais da internet.

Ava disse que, mais cedo ou mais tarde, acabariam esquecendo e achando outro assunto para comentar. Ainda não vi isso acontecer, para meu azar.

Quando passo pelos corredores, as pessoas ainda riem e comentam. Os professores ainda me olham com pena. Deus, como eu odeio isso!

Quis tanto revidar, atingir Callan de alguma forma. Fazê-lo sentir o mesmo que eu senti. Mas ele é intocável e eu ainda estou destruída demais por

dentro para me dedicar a uma vingança.

Não sei se faria diferença também.

Algumas coisas são irreparáveis.

— A inspetora Trudy disse que ele ficaria por aqui também — digo com tom de lamento.

É um desafio constante permanecer nesse internato sozinha com Callan durante os fins de semana. Passei a ficar mais tempo no quarto, me mantendo o mais longe e segura possível dele.

Ainda assim, tenho medo.

Medo do que ele é capaz de fazer, de até onde seu ódio por mim poderia levá-lo.

— Sorte a nossa que essa escola maldita é bem grande para que a gente não precise trombar com ele.

Dou risada da forma como Ava fala, tentando me animar.

— Vai se arrepender de ter ficado. Aqui é um saco.

— Duvido muito. Principalmente porque trouxe um bom entretenimento para nós. — Um sorriso travesso toma seu rosto, e ela se abaixa para pegar sua mochila. Ava abre o zíper e despeja todo o conteúdo na cama. Fico tão empolgada quanto ela quando percebo que são os DVDs de todas as temporadas de *Gilmore Girls*. — Podemos assistir na sala de vídeo.

— Já disse que te amo hoje?

— É melhor me amar mesmo — se gaba, empinando o nariz teatralmente. — O que seria de você sem mim, huh?

"Espero nunca precisar descobrir", respondo mentalmente.



Acordo com a garganta queimando.

Demora um instante até entender onde estou. Quando abro os olhos, me vejo no dormitório. Ainda deve ser de madrugada, o que significa que não faz muitas horas desde que Ava e eu fomos enxotadas da sala de vídeo pela inspetora Trudy e obrigadas a vir para nosso dormitório.

Uma tosse incontrolável me acomete, me acordando de vez.

Me sento na cama com os pulmões doendo e percebo a causa do problema.

Há uma fumaça preta invadindo o quarto pelas frestas da porta. A visão me deixa em pânico. Me apoio no colchão, com os olhos arregalados, e procuro Ava ao redor do quarto. Mas, além da escuridão noturna, não há mais nada. Sua

cama se encontra desarrumada e ela não está ali.

O que está acontecendo?

Me levanto num sobressalto, tapando o nariz e a boca com a mão para tentar não inalar a fumaça, e atravesso o quarto em direção à porta, temendo o que vou encontrar. Fumaça é sinal de fogo e não seria a primeira vez que algo assim acontece aqui.

Os professores já encontraram um foco de incêndio no Instituto antes, no laboratório de química, causado por Callan Harkness.

Uma exclamação de espanto fica presa em minha garganta quando saio para o corredor e vejo o brilho alaranjado vindo da direção das escadas. Corro para fora, olhando de um lado para o outro.

— Ava?! — chamo, sem me importar em fazer silêncio. — Inspetora Trudy?

Estanco no lugar quando paro em frente às escadas. Não está escuro aqui. Tudo resplandece com o brilho incandescente das chamas. Elas lambem, afoitas, a mobília de madeira, se arrastando pelas paredes do andar de baixo.

O fogo já se alastrou por toda parte. Constato isso ao me debruçar na balaustrada de madeira e olhar lá para baixo. Subindo em ritmo constante na direção do segundo andar. O andar onde me encontro. Corro para o pé da escada, desesperada para sair daqui.

Mas, antes mesmo que eu desça o primeiro degrau, avalio que é uma má ideia.

Não há para onde ir quando descer. As chamas tomaram tudo e estão seguindo para as escadas. Estou ilhada.

— Ava?! — chamo novamente, olhando em volta sem encontrar saída.

Onde diabos essa garota se meteu?!

Já sei! Talvez esteja no banheiro.

Me apresso em ir até os sanitários compartilhados, abrindo a porta com um baque alto. As luzes automáticas se acendem, e saio empurrando as portas divisórias também. Todas se abrem para revelar o vazio.

Ela não tá aqui.

O desespero surge, lento mas potente, rastejando dentro de mim e queimando tudo feito lava. Minhas mãos começam a suar e tremer, e o gosto de fuligem se instala em minha língua.

A fumaça deixa o ar nebuloso, dificultando a visão. Mas, quando saio, ainda consigo localizar o alarme de incêndio ao lado da porta do banheiro. Quebro o vidro do painel sem pensar duas vezes, acionando o botão que dispara a sirene de emergência.

“Vai ficar tudo bem”, digo a mim mesma. “Ava está bem. Os bombeiros

chegarão em breve.”

Quando olho para as escadas novamente, o fogo já subiu quase até o topo. Parece muito perto.

Sem saber o que fazer, volto correndo pelo corredor. Abro as portas dos dormitórios que encontro no caminho, mas, sem surpresa, estão vazios também.

Estou sozinha. Completamente sozinha em um prédio em chamas.

Não sei se até hoje já conheci o verdadeiro pânico. Já senti medo antes, é claro, e até desespero. Como no dia que Soren e sua Tríade me perseguiram na floresta. Agora, contudo, é bem diferente.

Meu coração se aperta, meus pulmões parecem que não dão conta da minha respiração acelerada. Meus músculos estão todos contraídos diante da sensação de perigo.

Quando chego ao meu dormitório, procuro por qualquer coisa que me ajude. Mas não tenho um celular reserva escondido, como muitos dos meus colegas.

Abro a janela e coloco o rosto para fora, aspirando o máximo de ar fresco e limpo que consigo. Agarro as barras de ferro que bloqueiam a saída pela janela, tornando esse lugar algo semelhante a uma prisão. Puxo e empurro, numa tentativa tola de que elas cedam e me deixem escapar.

Mas, obviamente, permanecem inertes.

Lá fora, tudo parece perfeitamente normal e quieto. Não há nenhum sinal de ajuda chegando. Não há sequer uma mínima movimentação.

— Socorro! — grito o mais alto que meus pulmões suportam. — Socorro, por favor!

O problema com o pânico é que ele te cega. Ele amarra suas mãos, te paralisando por dentro. Nubla seus pensamentos e altera sua consciência. Você se torna irracional. Me sacudo nas barras da grade, gritando e gritando até perder o fôlego.

Sinto o calor do fogo se aproximando e quase posso ouvir o tique-taque de uma contagem regressiva no meu subconsciente. Se torna difícil respirar. Sei que estou inalando mais fumaça do que deveria, mas não sei o que fazer.

Não consigo mais gritar, só tossir. Sinto como se também houvesse um incêndio no meu âmago. Me queimando de dentro pra fora.

Me viro, ficando de costas para a janela e de frente para a porta.

Rezo para que Ava tenha conseguido se salvar, para que não esteja na mesma situação que eu, por assim dizer, ou pior.

As chamas estão perto de invadir o quarto, e, a cada segundo que passa, mais difícil minha respiração fica. É como se o ar não penetrasse em meus pulmões. Só sinto o gosto da fumaça por toda parte.

Minha cabeça dói, minha visão fica turva e embaçada quando meus olhos começam a arder e lacrimejar. A tosse é insuportável e drena minhas forças. O crepitar do fogo soa como uma sentença, consumindo aos poucos tudo no meu entorno.

Meu coração retumba pesado em meu peito, como se quisesse fugir desse inferno.

Em algum momento, minhas pernas cedem, sem força. Caio de joelhos no chão e tento me sustentar com as mãos, tossindo como se estivesse prestes a expelir meus pulmões para fora. Minha cabeça gira. Bordas escuras emolduram minha vista.

O fogo se aproxima e, ao mesmo tempo, tudo vai escurecendo.

Luto para manter a consciência, mas estou cada vez mais distante.

Meu corpo vai ao chão, meu rosto voltado em direção à porta como se buscasse uma última esperança. Meus olhos abrem e fecham devagar. Parece que estou prestes a cair no sono, mas sei que, dessa vez, não haverá volta.

“Por favor, não. Não quero morrer”, imploro em silêncio, dentro da minha própria mente.

Mas não tem para onde fugir.

Antes que tudo escureça completamente, uma silhueta embaçada surge em frente à porta. Não consigo distinguir nada além do formato de sua sombra, mas lembro de dar um pequeno sorriso infantil e esperançoso antes de tudo apagar de vez.

31

S L O A N

Presente

Guie-me até eu ficar louca
Seja o pior que já tive
Eu quero que você me machuque mais
Hurt Me Harder - Zolita

Pensei que o castelo drago não passasse de uma lenda de Millsdale. Já ouvi muitas histórias sobre ele quando era criança. A maioria bem assustadora, mas me aliviava pensar que eram apenas histórias bobas de Halloween.

Agora, contudo, vejo que o castelo assombrado da minha infância é bem real.

Ele se localiza bem distante da cidade, mas ainda no território de Millsdale. Fica na direção do interior do estado, no topo elevado da colina Shadow Rise. Vê-lo com meus próprios olhos é fascinante e fico sem palavras conforme Soren me guia através da trilha de pedra em direção aos portões da propriedade.

O inverno rigoroso de Millsdale acaba de chegar, pintando o gramado de branco e transformando as árvores suntuosas em um amontoado de galhos secos, cinzentos e retorcidos. O céu está escuro e sem estrelas, e o nosso caminho é iluminado apenas pelos postes com lamparinas queimando.

Está congelante aqui fora, mas mal percebo.

As paredes feitas de pedras escuras quase poderiam fazer com que a construção gótica do enorme castelo se camuflasse na noite densa. Suas torres altas se estendem vários metros acima do solo, mas ainda é possível ver as gárgulas de rostos assustadores empoleiradas na beirada. Não consigo tirar os olhos delas, mesmo ouvindo a voz insuportável de Soren ao fundo.

Não faço esforço para distinguir suas palavras ou lhe dar qualquer grama de atenção. Minha atenção é capturada pelo que poderia muito bem ser o Castelo de Drácula saído diretamente de uma obra ficcional do século XIX.

É incrível.

Tenho certeza de que não sou a única convidada embasbacada. Todos os outros que seguem em fila à minha frente até as imensas portas de madeira do castelo parecem tão impressionados quanto eu. Com trajes de gala exuberantes,

suas cabeças se viram conforme tentam olhar para todos os detalhes ao mesmo tempo, como se precisassem gravar tudo na memória antes que desaparecesse.

— Está me ouvindo? — Soren dá um puxão brusco em meu braço, me obrigando a voltar à realidade.

— O que disse? — pergunto, me esforçando o máximo para parecer tão dócil quanto ele espera de mim.

— Não saia do meu lado em hipótese alguma e controle sua língua!

Quero mandá-lo para os quintos dos inferno, mas então penso em Sebastian.

Sua morte não pode ser em vão. Preciso ser forte e suportar. *Por ele.*

Assinto com a cabeça em concordância, incapaz de fazer isso em voz alta, e seguimos até as escadas que levam à entrada do castelo.

Nunca ouvi falar no baile de inverno dos Drago até recentemente. Acho que os Kestrel nunca haviam sido convidados antes. Gostaria que tivesse continuado assim. Preferia estar em qualquer outro lugar do que aqui, tendo que usar a máscara de noiva perfeita de Soren e ser exibida por ele como se fosse um diamante raro. Ele me quer calada, posando ao seu lado como uma boa submissa que ele consegue manter sob controle.

E eu odeio profundamente cada segundo disso. Odeio tanto que sou capaz de me odiar também. Ou, ao menos, odiar essa versão minha que tenho que encenar para ele. Isso de fato me enoja.

Na entrada da festa, há dois homens flanqueando as portas. Ambos vestem smokings pretos comuns. Entretanto, em suas cabeças, há *ushankas*, típicos gorros russos para proteger do frio, além de máscaras douradas cobrindo seus rostos e identidades. Parecem ter a lista de convidados em mãos, mas, assim que colocam os olhos em mim e Soren, nem precisam checar.

Apenas abrem espaço para que entremos.

Fico ainda mais impressionada — se é que isso é possível — ao vislumbrar o interior do castelo.

Por dentro, tudo parece ser feito de gelo. Ao menos, é o que a decoração do salão transmite. Candelabros de cristal reluzem a luz de centenas de velas ali penduradas. A música é russa, aposto, e sua melodia ressoa por todo o ambiente. Muitas pessoas dançam, no centro, rodopiando com seus vestidos de tirar o fôlego. Outros, contudo, estão sentados nas mesas circulares espalhadas pelo lugar.

Conforme Soren e eu caminhamos devagar, conhecendo o ambiente, não paro de olhar para todos os lados. A luz é quase escassa, proveniente apenas das velas nos castiçais de prata presentes nas mesas. Árvores de galhos secos e congelados estão por toda parte, como se estivéssemos no meio de uma grande

floresta invernal na Rússia.

Acho que este é o propósito, uma vez que o tema do baile deste ano é “Realeza Russa”.

Soren me guia até a mesa reservada a nós. Cumprindo o papel de noivo educado, faz até questão de puxar a cadeira para que eu sente. Observo com curiosidade como todas as poltronas são cobertas por um manto de pele cinzenta. Pele de lobo, talvez. Espero que seja tão sintético quanto a pele de raposa da estola que cobre meus ombros.

James também está aqui, sentado do outro lado da mesa. É o único que fica em silêncio quando Soren e eu ocupamos nossos lugares. Além de mim, é claro. Os outros embarcam em uma conversa que não fazem questão de me incluir — e agradeço por isso —, mas James fica lá, me encarando com olhos assombrados.

Não trocamos palavras há algum tempo. Mal tenho o visto, para ser sincera. Meus dias se resumem a pouquíssimas aulas na faculdade e muito treinamento com os Grifos. Parte dele é feito com meu pai, o que torna a rotina menos angustiante. Ele está me ensinando o Código dos Grifos e o legado que é passado de pai para filho há mais de um século dentro dessa sociedade secreta.

Tento me dissociar o máximo que posso durante essas aulas ridículas, mas não é o suficiente.

Especialmente depois da morte daquele homem no Continental.

Quanto a James, não sei se em algum momento seus sentimentos por mim eram reais ou conveniência, mas me parece que é a primeira opção agora. Sua mandíbula travada e seus olhos resignados ao me verem ao lado de Soren me fazem acreditar nisso.

Mas, se ele realmente me amou um dia, não deixaria que tudo isso estivesse acontecendo comigo. Ele teria lutado por mim, ao meu lado, em vez de me entregar de mão beijada para seu melhor amigo.

O que vejo em seu semblante e em suas íris é, no máximo, o orgulho ferido, e duvido que ele faça questão de mudar tal situação.

James nunca bateria de frente com Soren. Mesmo que não goste de ver sua ex-namorada noiva de seu melhor amigo, ele morrerá calado de insatisfação.

Fraco.

Garçons mascarados passam por entre as mesas servindo canapés e champanhe. Aceito de bom grado uma taça e a viro por inteiro quase que imediatamente. Ficar bêbada é um bom plano para suportar todo este teatro. Para a minha sorte, Soren mal nota a minha indiscrição.

Ele está muito entretido em uma conversa nada discreta com Amelie Chase, uma das garotas conhecidas por ser a transa fixa de Deacon. Ela

costumava se gabar disso. Presumo que ainda o faça. De fato, noivado nenhum impediria Soren de transar com a mulher que bem entendesse, ainda mais um noivado arranjado por puro interesse de poder. Já devo ter uma reputação humilhante com todos os casos sexuais que Soren permanece tendo.

Mas, considerando o panorama geral da minha situação, esta é a última coisa que me preocupa.

Mal consigo cruzar o salão antes de ser interceptada. Ao levantar o rosto, constato com alívio que é Astor. Ela usa um vestido carmesim com detalhes em preto e pedrarias por todo o busto. Há também ombreiras de correntes cor de chumbo que caem por sua clavícula na direção do decote. O cabelo está cacheado está noite e é majestoso como toda essa festa.

Definitivamente, ela parece realeza.

— Graças a Deus eu te encontrei! — diz, apanhando minha mão na sua como se quisesse me impedir de fugir. — Onde esteve? E não estou me referindo apenas à essa noite. Quase morri de preocupação.

Astor me inspeciona com seus olhos escuros, procurando qualquer sinal de que não estou bem. De fato, não estou, mas o estrago está onde seu olhar não alcança.

— Desculpe não ter dado notícias — enfim respondo, me sentindo culpada. — Tudo está uma loucura recentemente.

Acho que a última vez em que conversamos de verdade foi no enterro de Bash. Me senti segura para chorar ao seu lado, o mais longe de Soren que consegui ficar. Infelizmente, durou bem pouco. E, apesar de não ter mentido para ela com essa resposta, não fui totalmente honesta.

Em partes, também estive fugindo dela. Não queria que me visse neste estado de agora. Sabia que ela ficaria loucamente preocupada assim que colocasse os olhos de mim, que perceberia que há algo de errado. E me destrói não poder lhe dizer o que é, o que está acontecendo de verdade.

Minha amiga deve estar pensando que enlouqueci. E eu não a culpo. Por outro lado, é melhor isso a ela ser a próxima que vou enterrar.

Astor suspira e continua me olhando. Duvido que ela tenha comprado essa desculpa, mas, para minha surpresa, ela não discute. Apenas me puxa para um abraço apertado.

— Senti sua falta.

Fecho os olhos e aproveito esses poucos segundos de paz e acalento. Seguro Astor contra mim e inalo seu perfume familiar.

— Senti sua falta também.

— E olhe só pra você! — Ela assobia assim que nos afastamos. Astor me dá uma boa encarada, dos pés à cabeça, avaliando meu traje de gala. — Está

estonteante, Sloan.

Dou um meio-sorriso.

Foi Soren quem escolheu tudo. O detalhe de cada acessório tinha que ser perfeito para ele. E, embora nada aqui seja meu, não posso negar que é um vestido muito bonito. É um azul-claro glacial, semitransparente, inteiro bordado com pedrarias prateadas. As alças são finas e o decote é um tanto revelador para o tamanho dos meus seios, mas não dá para ver por baixo da estola.

O laranja quente do pelo de raposa combina com a cor dos meus cabelos, pelo menos, que estão presos em um coque elegante.

— Você também. — Aponto para o traje dela. — Aposto que fez todos no salão perderem o fôlego.

— Só alguns — admite, fingindo condescendência, e pisca para mim.

Dessa vez, sorrio de verdade, porque a presença de Astor aqui é algo que aquece um pouco meu peito.

— Vem, eu estava indo buscar mais bebidas.

Aceno na direção do bar, que também parece ter sido esculpido em gelo. Astor e eu caminhamos até lá e não demoramos a pedir nossos drinques. Quero me embebedar o mais rápido que conseguir. Pedi tequila para começar.

Aproveito o máximo que posso cada minuto longe de Soren e de sua presença perturbadora. Daqui de longe, consigo curtir um pouquinho a música e o ambiente festivo.

— São eles... — Astor endireita a postura e se vira totalmente na direção da escadaria grande e pomposa do outro lado do salão.

Presumo, pelos guardas barrando os degraus, que subir está fora dos limites para os convidados. Mas três pessoas estão descendo lá do topo. Os anfitriões.

Identifico Roman primeiro, em um sobretudo escarlate com a gola feita em pele. O mesmo tipo que lembra pele de lobos. Sua gravata também é vermelha, e suas mãos estão cobertas por luvas de couro. Ele segura uma bengala, e, mesmo de longe, consigo ver o dragão de prata que serpenteia ao redor do bastão até o topo. O cabelo loiro — quase branco — está para trás, e seu olhar altivo deixa claro que está acima de todos ali.

Descendo atrás dele há um casal. O homem parece beirar os setenta, mas não parece, de nenhuma forma, frágil. Muito pelo contrário. Os cabelos grisalhos estão bem arrumados, e seu rosto não demonstra nenhuma fraqueza. Também não esboça nenhum sorriso. Ao seu lado, uma senhora de cabelos loiros desbotados, vestindo um longo casaco de pele branco feito neve. Ao contrário do homem, há um sorriso sutil em seus lábios pintados de vermelho-vivo.

— Mikhail e Sofia Drago — cochicha Astor em meu ouvido.

— São os pais de Roman? — pergunto baixinho de volta, me deixando levar pela curiosidade.

— Não, ele é órfão. — "Como Callan", penso. — São os avós dele.

— Parecem bem poderosos — pontuo, admirada e um pouco intimidada também.

Estou familiarizada com dinheiro e poder. Tais coisas me cercaram desde que me entendo por gente. Pensei até que já tinha me acostumado. Mas essa família eleva os padrões muito além do que eu podia imaginar.

Os Corvos e os Grifos se encontram em outro nível hierárquico na sociedade, no qual a maioria das pessoas nem sequer cogita a existência. É por isso que comandam este país — quiçá o mundo — em segredo. Eles têm as rédeas de verdade. O resto de nós deveria apenas passar a vida rezando para que o caminho não se cruze com o deles.

Ainda não consigo me enxergar como parte integrante disso e, sinceramente, prefiro assim.

— E são — salienta Astor. — Os Drago são a realeza russa. Dizem que descendem dos próprios *Romanov*.

— Não duvido.

Os Drago terminam de descer os degraus e se misturam ao resto dos convidados, parando para cumprimentar uns e outros ao longo do caminho.

Com certeza, Callan está aqui também e só paro para pensar nisso agora. Inevitavelmente, olho ao redor, procurando-o. Mas há gente demais no salão para que eu consiga encontrá-lo.

— Imagino que eles tenham muitos assuntos a tratar, agora que Cassidy está fora. — A voz de Astor me traz de volta à realidade, e sigo com o olhar a direção em que ela está encarando.

Meu pai, o prefeito e o antigo comissário de polícia estão conversando em uma roda mais afastada. Pelos semblantes sérios, acho que tem a ver com trabalho. Ao menos, com o fato de que Cassidy foi exonerado do seu cargo há três dias.

Honestamente, me surpreende que ele ainda esteja vivo.

O material encontrado em seu computador o conectou diretamente com os esquemas ilegais de Cyan Wargrave. A polícia está atrás dele desde então, mas ele não é tolo para se deixar ser pego. Espero que seja apenas questão de tempo, contudo, já que uma porção de seus homens já foram presos.

Não sei como, mas Soren conseguiu mexer os pauzinhos para que nada disso respingasse nele. Não havia provas de seu envolvimento com o contrabando de Wargrave, então a polícia nem suspeita dele.

Mesmo assim, ele não está nem um pouco feliz com os recentes

acontecimentos desencadeados pelos Corvos — e por mim. Anda mais temperamental do que o comum. Pelo menos não está desconfiando de mim *ainda*.

Agora há outro comissário. Não o conheço, mas presumo que não seja boa notícia aos Grifos. Gostaria de ter mais coisas para levar aos Corvos, mas fico mais tempo trancada numa sala aprendendo a longa história dos Deacon do que realmente mergulhando em seus negócios.

Soren ainda não confia em mim. Não totalmente.

— Parecem preocupados — Astor observa, pensativa.

— Algo me diz que as coisas vão ficar ainda mais atribuladas para eles em breve — murmuro.

Tal progresso deveria me trazer um pouco de alívio. Mas o efeito foi o exato oposto. Quero continuar, dar seguimento ao plano e agilizar essa maldita vingança. Mas não posso. Não enquanto estiver sob a garra afiada de Soren.

Só não faço ideia de como me livrar disso ainda.



— Volto em uma hora, não saia daqui — ordena Soren, após se levantar da mesa e eu o seguir.

Basta um olhar na direção das portas do castelo para que eu encontre Amelie com seu vestido preto-estrelado ali, esperando. Ela parece impaciente, inclusive.

Dou uma risada nasalada, nem um pouco surpresa.

— Indo foder sua amante?

Seus olhos de serpente se estreitam para mim, e ele se aproxima o suficiente para que eu sinta o bafo de álcool em seu hálito quente.

— Agradeça por não ser você.

— Você nunca vai encostar um dedo em mim, Deacon.

Ele ri diante da minha rebeldia tola.

Li tudo o que existe a respeito de casamentos arranjados dentro da Ordem. Palavra por palavra de cada linha do código de leis e deveres. Não há nada que exija a consumação do maldito matrimônio. Em contrapartida, é expresso o dever de conceber herdeiros para perpetuar as linhagens de Grifos.

E isso é inegociável.

Mas prefiro ser otimista e acreditar que meu casamento com Soren não chegará tão longe. Se eu tiver sorte, nem sequer passarei pelas portas da igreja. Espero que, até lá, Soren já esteja enterrado no grande mausoléu dos Deacon,

que será fechado para sempre.

Porque sua maldita dinastia estará acabada.

Soren, assim como Callan, é o último de seu sobrenome. O que significa que aquele que vencer levará o outro à extinção.

Nunca pensei que diria isso, mas espero que seja Callan a sair vivo no final.

— É o que você acha, pequena Kestrel — retruca Soren, dessa vez alcançando meu braço e afundando seus dedos nele. Mordo o lábio inferior quando a pressão incômoda se transforma em dor. Soren baixa seu olhar lentamente por mim. Pelo meu pescoço até o resto do meu corpo. Cobiça arde no seu rosto e no sorriso maldoso que surge no canto de sua boca. — Não vai mais conseguir fugir de mim depois que subir no altar. E, então, nada vai me impedir de fazer a merda que eu quiser com você. *Tic-tac.*

Um calafrio faz meu corpo tremer, e puxo meu braço para longe de seu toque. Inesperadamente, ele permite que eu me desvencilhe e dou um passo cambaleante para trás.

Fecho as mãos, afundando as unhas nas palmas. Preciso engolir a raiva e vê-lo sair dando risada, sabendo que não posso fazer nada contra ele.

"Não ainda", me lembro.

No salão, a maioria das pessoas parou de dançar para se deleitarem com o jantar extravagante oferecido pelos nossos anfitriões. Astor é a exceção.

Ela continua dançando com um homem alto e forte, com cabelos acobreados na altura dos ombros. Aposto que ele será sua diversão da noite.

O buffet está servido apenas com as melhores comidas, mas não estou com um pingo de fome.

Enquanto isso, acho que já estou na terceira taça de champanhe quando resolvo dar uma volta pelo castelo. A maioria das passagens é proibida ou bloqueada por guardas, mas sigo na direção de outros convidados até um dos únicos corredores livres.

Para minha surpresa, chego a um solário circular que mais parece um jardim de inverno. É lindo. Através das claraboias embaçadas pelo frio lá de fora, dá pra ver o céu absolutamente escuro.

Enquanto os outros permanecem aqui, admirando o ambiente ou se sentando para conversar nos bancos em meio às flores, vou sozinha em direção às escadas que levam ao mezanino.

Aqui de cima a vista do solário é mais bonita. O mezanino é amplo, mas o que chama minha atenção realmente é a parede de espelhos próxima às escadas. Me detenho diante do meu próprio reflexo. Mal olhei para mim mesma ao me arrumar para o baile.

É difícil me reconhecer nessa garota pálida e deplorável. A aparência me é familiar, mas agora já não parece fazer parte de mim de verdade. A maquiagem bem-feita, o vestido bonito, o cabelo bem arrumado...

Sou a porra de uma mentira esculpida.

Toco meu rosto, esperando que a pele se desfaça sob meus dedos. Espero me desmontar inteira, mas nada acontece. Só sinto a superfície gelada da minha bochecha, que fica úmida quando uma lágrima desavisada escorre.

Tento engolir em seco, e me deparo com um nó apertado na garganta. De uma só vez, viro o resto do champanhe da taça, esperando que ajude. Mantenho os olhos fechados por mais um segundo enquanto me recomponho.

Só que, antes que eu possa abri-los, uma melodia suave tocada no piano inicia. A reconheço quase que imediatamente, e meu estômago se embrulha.

É uma das músicas que minha mãe compôs. Ela tocava para mim todas as noites quando era criança. Dizia que isso me faria dormir melhor e afastaria os pesadelos. Ela a nomeou de Sloan’s Lullaby, e, até o fim da sua carreira, essa foi a última música tocada em todos os seus concertos. Ela sempre a dedicava para mim.

Não a ouço há muito tempo. Foi mais fácil esquecê-la, junto a todas as memórias boas da minha mãe, porque era doloroso demais. Essa música é dolorosa demais.

E, quando abro os olhos de novo, meu estômago está embrulhado e estou prendendo um soluço.

Vejo, através do reflexo no espelho, o piano poucos metros atrás de mim, do outro lado do mezanino. Não reparei nele antes, mas agora está em evidência. Assim como o homem que o toca. É impossível não ficar hipnotizada pela visão de Callan tocando, mas hoje até isso machuca.

Sei que a escolha de música não foi aleatória. Fez isso para me atingir. Embora sua atenção esteja nos movimentos de seus dedos sobre as teclas, Harkness está muito ciente da minha presença. Seus olhos não precisam me ver para que ele saiba exatamente onde estou.

Sempre foi assim conosco. Como se estivéssemos destinados a assombrar um ao outro.

E eu poderia suportar isso em qualquer outro momento. Mas não hoje. Não quando estou me sentindo tão próxima do limite, prestes a desabar. Esta noite, o fato de ele estar tocando essa música da minha mãe, algo tão pessoal e especial para mim, acaba comigo.

Meus joelhos enfraquecem e preciso colocar a taça de cristal na primeira superfície plana que encontro, antes que escape dos dedos e caia no chão. Meus olhos embaçam, desfocando minha visão, e não consigo encontrar forças nem

para sentir raiva.

Dessa vez, o soluço escapa alto, e não consigo pensar em nada quando me viro e corro para longe, em direção às escadas.

32

S L O A N

Leve-me para onde você me quer, amor
Me leve para onde você me quer
E na sua hora mais sombria, eu vou me mover através de você
Darkest Hour — Lyves

VEJO APENAS BORRÕES. Me movo tão rápido quanto meus saltos agulha permitem, mas só percebo que não é uma boa ideia quando tropeço na barra do longo vestido.

Antes que eu seja arremessada no chão pelo meu próprio peso, sou apanhada pela cintura. Braços fortes me firmam de pé, e reconheço o seu cheiro antes mesmo de olhar em seu rosto. Eu o empurro para longe por instinto, sentindo seu toque arder em minha pele.

— Não me toque — sibilo, entredentes, quando meus olhos enfim pousam sobre a figura de Callan.

A música parou e restou apenas o silêncio.

Callan está perigosamente lindo hoje. Como um rei cruel saído direto de algum livro. Ele usa um traje todo preto, sem gravata, e com bordados dourados serpenteando por todo o lado direito do corpo, desde a calça até o topo de seu peito.

Parece tão frio e aristocrático. Quase inumano.

— Não me dê ordens — devolve, simplesmente. — E não fuja de mim. Covardia não combina com você, Kestrel.

— O que mais quer de mim? — esbravejo. — Ainda está me punindo? O que tive não foi suficiente para você? Porque, se for isso, meus parabéns, você acaba de dar o golpe de misericórdia.

Ele semicerra os longos cílios pretos.

— Acha que é isso o que eu quero?

— Você me quer miserável — respondo, afastando uma mecha de cabelo, e ergo o rosto. — Quer me destruir mais do que todos os Grifos, não é? E por quê? — Espero um par de segundos para que ele diga, mas Callan só fica em silêncio, me encarando como se tivesse perdido todas as palavras de seu vocabulário vil. — Você nunca me disse. Nunca me contou por que me odeia mais do que todos os outros.

Callan permanece me perscrutando. E longos segundos que se transformam em minutos. Seus olhos abrasadores estudam cada mísero canto do meu rosto, como se buscasse por algo.

Ele dá um passo em minha direção. Depois outro e mais outro. Até estarmos tão próximos que não há saída além de lembrar daquela noite no dormitório. Quando suas mãos e boca estavam por toda parte. Quando me senti mais viva do que jamais pensei ser possível. Tudo no meu corpo queimava, ansiava.

Por ele e apenas ele.

E enterrei isso bem fundo, sob muitas camadas de raiva, rancor e vergonha. Mas, agora, tudo vem à tona. A presença massiva de Callan me prende e me envolve. Cada célula do meu corpo está hiperciente da proximidade. Faz meu coração se apertar e bater com euforia.

E Callan só fica aqui, me olhando como se tudo fosse um teste.

Talvez nem ele mesmo saiba por que me odeia tanto. As linhas se tornaram tênues há muito tempo. Os motivos parecem ter desaparecido no meio de tanta raiva, luto e ressentimento.

Acho que ele nunca se permitiu sentir. Ou melhor, nunca permitiram que ele sentisse nada. Um rapaz solitário, remoendo a morte brutal dos próprios pais, jogado em um internato, apanhando do tio com frequência. Engolindo o medo, a dor, a tristeza e a solidão. Sem poder ser livre, porque ele nasceu pertencendo a algo que só veio a compreender muito depois. Algo que o fazia ser mais poderoso e importante do que poderíamos pensar.

Ele tinha tudo e nada ao mesmo tempo. Como eu.

Até termos aqueles momentos compartilhados em segredo, no meio da madrugada, entre os corredores de pedra daquela antiga prisão. Por trás dos muros, do dinheiro, do império, tivemos um ao outro. Por pouco tempo, mas tivemos.

Talvez seja por isso que não conseguimos seguir em frente. Por isso que sempre estamos no caminho um do outro. Acho que nos odiamos tanto porque não pode existir uma realidade onde não sentimos absolutamente nada um pelo outro. E, como todo o resto virou cinzas, então só restou o ódio. E precisamos dele. Eu preciso, pelo menos.

— Me diz — sussurro, quebrando o silêncio depois de muito tempo. — Deve isso a mim.

Callan levanta a mão e a direciona para meu rosto. Quase sinto o calor da ponta de seus dedos tocando minha pele. Falta muito pouco, mas ele desiste. Sua mão cai de volta na lateral de seu corpo, e ele endireita a coluna, pronto para triturar esse momento ínfimo de trégua e honestidade.

— Você está quebrada, Sloan. E perdida. Precisava escutar algo familiar. — Ele dá um longo suspiro e se afasta, levando seu olhar febril consigo. — Agora seque suas lágrimas. Ninguém as merece. Nem eu ou qualquer outro.

Só então percebo que estava chorando. Levo as mão aos olhos e encontro a umidade das lágrimas salgadas que escaparam sem que eu sequer notasse. As seco imediatamente.

— Você quis me consolar? — concluo, incrédula. — Pelo que sei, você está apenas me usando enquanto sou útil para a Sociedade. Esse é meu único valor pra você. Então por que se dar ao trabalho?

Ele passa as mãos pelos cabelos, desalinhando os fios perfeitamente escuros. Está ansioso e inquieto, por algum motivo além da minha compreensão. Acho que não saber as respostas para as minhas perguntas — e talvez para as dele — está o atormentando.

— Não sei — confessa, tão incomodado e perdido quando eu. — Talvez, pelo mesmo motivo que você me consolou no ringue.

Balanço a cabeça, me negando a engolir isso.

— Não somos iguais, Callan. Seu coração está morto há muito tempo. Desde quando se importa com alguém além de si mesmo?

Seus olhos enfim voltam para os meus, mais acesos do que nunca.

— Desde que sou o único a enxergar você. A ver que está desabando em silêncio — retruca, suas feições endurecendo no mesmo segundo. Pisco, atordoada. — A pessoa que mais parece se importar com você é seu pior inimigo. Não acha que há algo de errado nisso?

Abro a boca para rebatê-lo, mas logo desisto. Não tenho como negar. Não tenho mais o que dizer, porque eu sei que está certo. Estou sozinha pra caralho. Sou apenas uma peça de jogo para minha família. Não posso envolver Astor no perigo que minha vida se tornou, então temos que permanecer distantes. Bash se foi. Minha mãe não pode fazer nada por mim.

Não há mais nada. Não resta mais ninguém.

Já sabia disso, não precisava que Callan dissesse em voz alta. Agora é muito mais humilhante.

— Acho que não é mais meu pior inimigo — digo, baixinho, mas o suficiente para que Callan escute.

Callan estava certo quando disse que não era o pior monstro nessa cidade. Soren tirou tudo de mim e agora a única coisa me resta é fazer o mesmo com ele.

— Por que estava chorando antes? — ele muda de assunto.

— Eu não estava — me apresso em negar.

— Não minta para mim, anjo. Não é uma boa ideia.

Esse maldito apelido de novo.

— E que tal isso: não é da sua conta.

Sua mandíbula está apertada, e sua expressão se torna gradativamente colérica diante dos meus olhos.

— Há marcas de dedos que não são minhas na sua pele. E pensei ter deixado claro que isso é da minha conta, sim.

Olho para baixo e logo encontro os vestígios do aperto de Soren no meu braço. Tenho certeza de que os formatos avermelhados de dedos vão se tornar hematomas arroxeados em breve. Cubro-as com a mão.

— Não era por isso — confesso.

— Então o que era?

— Porque me sinto patética! É isso o que queria ouvir? — solto de uma vez só, encarando-o com firmeza. — Quando olho no espelho, não me enxergo mais. Vejo a sombra de um fantasma. Um fantasma feio e deformado que pertence a outras pessoas. É ridículo e humilhante. E eu *odeio* isso com todas as minhas forças.

Callan balança a cabeça, como se não acreditasse. Em seguida, ele apanha meu rosto entre as mãos. Espero que o instinto de me afastar tome controle novamente. Desejo que isso aconteça, mas não vem.

Suas mãos são familiares e, de alguma forma, calorosas. E quero que permaneçam em mim. Seu polegar desliza pela pele acima da minha bochecha, e ele olha no fundo dos meus olhos.

— Sloan, escute bem. Você é a coisa mais bonita que alguém possuirá a honra de ver na vida. Ninguém neste mundo é digno de sequer colocar os olhos em você, anjo. Você é como se todas as estrelas do céu resolvessem cair ao mesmo tempo. Uma ruína extraordinária, que deixa apenas um mar de escuridão sem fim quando se vai. Nada, nem este castelo ou essas joias, tem mais valor do que você. Poderia colocar este lugar abaixo se quisesse. Eu mesmo faria isso por você, com apenas uma palavra sua.

Dessa vez, paraliso. Paraliso com suas palavras, seu toque, seu olhar. Com todas as dúvidas sobre o que significam. Sinto meu coração na garganta, pronto para sair pela boca e se atirar aos pés de Callan. Coloco minha mão sobre a sua em meu rosto, sentindo seus dedos entre os meus.

Como pode alguém capaz de coisas tão perversas dizer algo tão bonito?

Não faço ideia, mas isso acende alguma coisa em mim. Quero mais. Preciso de mais.

— Sabe o que está me oferecendo? — pergunto, tão baixo que mal escuto.

— Não é salvação, se é o que está pensando. Mas escolher sua própria

ruína é melhor do que se submeter àquela que impõem a você.

De repente, estou desesperada por isso. Poderia até mesmo implorar neste momento. Implorar que fique. Que me arruíne.

Não sei o que é isso que ele tem planejado para mim. Pode ser minha destruição. Uma armadilha. Mas agora não me importo nem um pouco.

Um breve sorriso terno surge em seu rosto.

— E, então, Sloan Kestrel, o que você escolhe?

Empurro as dúvidas e o receio para longe. Não suporto mais questionamentos. Estou convicta e irredutível dessa vez quando sussurro:

— Me leve daqui.



O castelo foi invadido.

Percebo isso assim que Callan e eu voltamos pelo salão em direção à saída. A música não é mais a mesma sonata tranquila de antes. Agora é uma música eletrônica pesada e sombria, quase assustadora. As luzes não são mais azuladas e suaves; isso também se foi, sendo substituídas por vermelhas.

Há vermelho por toda parte.

E, piscando de forma psicodélica, me deixa tonta em instantes.

— O que aconteceu? — pergunto no ouvido de Callan, com os olhos apertados enquanto tento identificar o que está havendo.

— A festa foi hackeada — Callan diz, simplesmente. — Venha.

Ele apanha minha mão e entrelaça nossos dedos como se fosse a coisa mais natural do mundo, então me guia através do salão de baile.

Há pessoas mascaradas em cima das mesas, segurando bastões de madeira ou canos de metal. Elas destroem tudo. Os gritos dos convidados são abafados pela música estridente, mas, a cada flash de luz, vejo um novo rosto chorando em desespero.

Vejo uma loira de vestido brilhante sob o controle de um homem encapuzado e com uma máscara de palhaço. Ele pressiona algo contra a garganta dela, e um arrepio gela meu corpo, me fazendo lembrar do Halloween em Beastland.

A visão dura apenas um segundo antes que tudo seja engolido pela escuridão de novo.

Estou prestes a dizer algo quando Callan acelera nossos passos. Entre os segundos de iluminação, percebo que estamos indo pra direção oposta às portas de entrada.

Quero protestar, mas decido apenas confiar em Callan.

Sem mais questionamentos.

Surpreendentemente, não sinto medo. Nem de Callan ou dos invasores que estão destruindo a festa inteira e fazendo os convidados de reféns. E nenhum deles ousam chegar perto de mim ou dele.

Aposto que Callan sabe exatamente o que está acontecendo e quem são essas pessoas. Também acho que ele conhece esse castelo muito bem, porque entramos e saímos de salas e corredores bem específicos até nos afastar de todo o caos. Para longe da música e dos invasores.

Nossos passos são tão rápidos que vejo apenas vultos de relance. Paredes de pedra, tapeçaria e obras de arte. Não consigo olhar para nada com muita atenção.

Enfim estou prestes a perguntar a Callan para onde estamos indo, quando passamos pela porta que leva ao que parece ser uma garagem. Uma muito longa, com pelo menos uma dezena de carros importados enfileirados. As luzes brancas industriais iluminam as latarias brilhantes, e estou me perguntando se vamos roubar um desses carros quando paramos.

Há outra pessoa aqui.

Com sua máscara neon assustadora e vestindo um capuz preto e calças cargo, ele está parado a apenas alguns metros de distância, olhando direto para nós.

Ares.

Ele inclina a cabeça em silêncio, certamente me observando. E a minha mão, ainda entrelaçada na de Callan. Tento puxá-la para longe, mas ele a aperta com mais firmeza, como uma mensagem silenciosa.

Callan não se importa que Ares veja.

Ficamos sem dizer nada, apenas esperando o que o outro vai fazer.

Ares é o primeiro a se mover, ele apanha algo na mochila aberta ao seu lado. Só consigo ver o que é quando ele os arremessa baixo na nossa direção. Duas máscaras caem no chão bem à nossa frente.

São máscaras brancas com detalhes em vermelho e preto. Parecem circenses. Há desenhos de losangos pretos nos olhos e um risco vermelho sobre a parte da boca. Lembra a ilustração de uma carta de coringa em um baralho.

— Mantenha ela mascarada. — A voz rouca e abafada de Ares soa, e ele não espera por uma resposta, já passa por nós e vai em direção ao interior do castelo.

Sopro uma respiração atordoada quando Callan se abaixa e apanha a uma das máscaras. Sem pedir permissão, ele se vira para mim e a posiciona em meu rosto, da mesma forma que fez no dia da cerimônia de juramento na catedral.

— Ele está certo — Callan diz, terminando de amarrar a máscara em mim. — É melhor que ninguém te reconheça.

Em seguida, ele cobre o próprio rosto e vai até o painel de ferramentas exposto em uma das paredes da garagem.

— Para onde estamos indo? — pergunto, confusa.

Também quero saber por que Ares está comandando uma invasão ao castelo dos Drago, mas, por ora, me contenho.

Callan gira uma das chave-inglesas penduradas e parece acionar algum mecanismo, porque um barulho alto preenche o lugar e a parede desliza para o lado, revelando uma abertura com um lance de escadas que levam para baixo.

— Ainda não aprendeu a fazer as perguntas certas, anjo? — É a única resposta de Callan.

Não posso ver seu rosto sob a máscara, mas aposto que há um sorriso de diversão pairando em sua boca agora. Ele coloca as mãos nos bolsos da calça e maneia com a cabeça, indicando que eu siga em frente.

Engulo em seco mais algumas perguntas e obedeço.

— Se pretende me prender nas masmorras desse castelo, saiba que é uma ideia terrível. Não sou uma boa cativa.

— Eu discordo. — Sua voz soa atrás de mim, mais perto do que esperava. Faz todos os pelos da minha nuca arrepiarem.

Mordo o lábio inferior, sentindo uma inquietação surgir no meu âmago.

Quando a entrada se fecha, mergulhamos no escuro por alguns segundos antes de Callan ligar a lanterna do seu celular.

Descemos vários degraus antes de cairmos nos túneis sob a cidade. De volta às catacumbas adoradas pelos Corvos.

— Por que Ares estava invadindo o castelo? — enfim pergunto, quando o ritmo de nossos passos se estabiliza.

— Os iniciandos costumam ser um pouco rebeldes no período de treinamento — explica Callan. — Estão experimentando o verdadeiro poder pela primeira vez. Fazem festas e trotes por toda a cidade, como se tudo pertencesse a eles. No fim das contas, estão certos.

Faço uma careta sob a máscara.

— São os mesmos de Beastland?

— Sim.

Ainda sinto calafrios quando me recordo daquela maldita noite e de todo o pavor que senti. Eles tinham planos para mim. Planos bem ruins.

— Parecem fora de controle.

— Não estão, acredite — afirma, convicto.

Ainda há tanto sobre a Sociedade que não conheço. Especialmente sobre

o treinamento e a iniciação, sobre o quais já ouvi falar dezenas de vezes.

— Era o que estava fazendo naquele ano em que ninguém teve notícias suas? — Penso no jovem Callan passando por sua iniciação. Implantando o caos nessa cidade da mesma forma que os iniciandos de Ares. — Não estava mesmo em um acampamento militar, estava?

— Não. — Ele ri. — Estava no Complexo de Hollowmore. É onde o Conselho vive na maior parte do tempo. Reclusos na grande propriedade no extremo norte da Dakota do Norte. Os últimos meses de treinamento dos iniciandos são lá. Hoje é a noite da grande festa de despedida deles antes de irem.

Franzo o cenho.

— Mas você ficou um ano inteiro lá?

Callan anui com a cabeça.

— Mais do que isso, na verdade. As coisas são diferentes para os herdeiros dos cargos mais importantes da Sociedade.

Ele não explica nada além, me deixando mais curiosa. Acho que há muito mais nessa história do que ele está disposto a contar. Aposto que na maior parte não foi nada bom, considerando as suas cicatrizes.

— É lá que fica o Purgatório? — Ele anui de novo. — E o Sancto?

— O Sancto fica por toda parte, longe da interferência do Conselho — revela, com a voz mais séria e solene dessa vez. — Os Patronos odeiam. Eles não compreendem. Acham imprudente.

— O que é, exatamente?

Callan suspira, e, no fim do túnel, viramos à direita. Mesmo andando há vários minutos, mal vi o tempo passar.

— É um circuito de lutas e testes físicos mantido pelos Corvos há muito tempo. Mesmo quando quase fomos extintos, nossos antigos associados o mantiveram funcionando. Tudo o que acontece lá é ilegal. Metade daquelas pessoas nem estão lá por vontade própria. Foram reivindicados para disputar a gaiola e permanecem presos até que a luta aconteça e um saia vitorioso.

Um nó de apreensão se forma em minha garganta e me forço a engoli-lo. De alguma forma, não estou surpresa de algo assim existir ou ter relação com os Corvos.

— Imagino que apenas um saia vivo dessa disputa.

— Nunca disse que não era bestial. E não há nada que o Conselho possa fazer para impedir. O circuito se sustenta por contra própria com o dinheiro das apostas. É um mercado paralelo aos negócios da Sociedade.

— Já lutou lá?

— Algumas vezes.

— Pretende lutar de novo?

— Muito selvagem pro seu gosto? — rebate, sarcástico. Não respondo, apenas viro o rosto para olhar adiante, para o caminho empoeirado que percorremos. — Esse é o mundo real, Sloan, e é muito mais sombrio do que imagina. E este submundo é exatamente o tipo de lugar onde a parte animalesca e instintiva que todos temos por dentro toma conta e se liberta. Todos somos um pouco monstros. Alguns mais do que os outros. É feio, doentio e moralmente reprovável. Mas é a realidade.

Uma realidade que preferia que tivesse ficado desconhecida para mim. Posso entender a vingança sangrenta de Callan e os negócios ilegais da Sociedade, mas o tipo de diversão doentia que acontece em Beastland ou no Sancto é algo que sempre vai me causar repulsa.

— Todos vocês lutam lá?

— Não. Roman acha que é estúpido. — Ao menos não sou a única. — Ares luta com muito mais frequência do que eu. Digamos que pelo menos uma vez na semana, mesmo sendo praticamente o dono do circuito agora. É ele quem comanda as coisas por lá.

— O que há com ele? — pergunto, esperando que Callan entenda nas entrelinhas.

Ares não apenas me odeia. Ele me abomina. Enquanto Callan parece querer me manter o suficiente para me punir com seu ódio, Ares gostaria de me obliterar de uma forma mais rápida, porém dolorosa e permanente.

Callan fica um momento em silêncio, como se estivesse procurando a melhor maneira de explicar.

— A mente de Ares é feita de memórias fragmentadas e raiva. *Muita raiva.*

— Esse é o nome dele de verdade?

— Não.

— Ele odeia os Grifos profundamente, não é?

— Todos nós — corrige Callan. — Mas Ares sofreu na pele as consequências da Ordem.

Como ele não parece disposto a explicar toda a história, decido que é melhor não insistir. Esses garotos passaram por coisas que mal posso imaginar. Todos eles parecem feitos de fragmentos dolorosos e hostis.

E acho que compreendo por que odeiam tanto a Ordem. E, querendo ou não, sou parte disso, intrinsicamente.

Parte de tudo o que eles querem destruir.

33

S L O A N

Basta chamar meu nome, sou sua para você domar
No meio da noite, no meio da noite
Estou bem acordada
Eu anseio o seu gosto durante a noite inteira
Até a manhã chegar
MIDDLE OF THE NIGHT — Elley Duhé

HÁ UMA FESTA NOS TÚNEIS. Começamos a ouvir uma música há algum tempo, mas Callan não disse nada enquanto percorríamos o resto do trajeto. Agora que chegamos, tenho minha certeza. A luz é quase escassa, mas há refletores que piscam em vermelho, semelhantes aos que estavam no castelo dos Drago. A música é menos ensurdecedora e macabra também.

Ainda assim, é uma das festas insanas dos Corvos. Parece mais uma rave, na verdade.

Nesse ponto, os túneis se abrem e mudam de estrutura. Há trilhos e um vagão de trem abandonado, totalmente pichado com tinta spray de diversas cores. Pelas janelas, dá para ver as pessoas lá dentro. Algumas mascaradas, outras não, então ninguém nota nossa movimentação.

— Uma festa? — pergunto em voz alta, surpresa. — E túneis de metrô?

— Os túneis aqui no Distrito Industrial estão desativados há muito tempo — explica. — Não é uma transgressão à sua altura? Espere até depois da meia-noite.

O tom de sarcasmo retorna.

Um sorriso inevitável surge, mas logo desaparece quando Callan se aproxima. Prendo a respiração em antecipação aos seus movimentos. Mas, antes que eu preveja, ele puxa minha estola, desabotoando-a. A peça cai no chão, assim como os grampos que Callan arranca do meu cabelo.

— Bem melhor — observa, com a voz profunda, quando as mechas vermelhas onduladas caem até abaixo dos meus ombros.

E, mesmo com a escuridão propícia do subsolo, consigo ver a sombra dos olhos de Callan pelas pequenas aberturas da máscara. Eles esquadrinham meu rosto com cuidado, como se estivesse admirando, então abaixam e deslizam pela minha silhueta. Meu pescoço, minha clavícula, o colo exposto pelo decote

revelador...

Sinto seus olhos por toda a parte, vagando pelo caimento do vestido. E, de alguma forma, agora, me sinto bonita. Me sinto eu mesma de novo.

“Uma ruína extraordinária”, como Callan disse.

“Você é a coisa mais bonita que alguém possuirá a honra de ver na vida.”

Sinto algo que presumo que só podem ser aquelas malditas borboletas no estômago. Aquelas que eu matei, uma a uma, quando descobri que só voavam na presença de Callan Harkness.

E, apesar de todo o frio lá fora, me sinto quente. *Pegando fogo*, na verdade. Como se o mero olhar dele fosse o bastante para me incendiar.

Estendo a mão, pronta para tirar sua máscara e poder ver seu rosto, mas sou interrompida antes disso.

— Finalmente! — Uma garrota baixa, de cabelos curtos e claros, entra como um furacão na minha frente. — Você demorou.

Não sei como ela o reconheceu mesmo de máscara, mas os dois trocam um breve cumprimento íntimo e recolho minha mão de volta, me endireitando.

— As coisas estavam um tanto caóticas na propriedade dos Drago — Callan diz, retirando o blazer.

Apenas observo quando ele desabotoa os primeiros dois botões da camisa preta e dobra as mangas até os cotovelos, expondo os antebraços firmes.

— Não deixe que isso chegue aos ouvidos de Octavia. — A loira ri, sem se importar em me direcionar um olhar sequer. — Temos que conversar.

Espero que Callan negue, *torço para isso.* Mas ele anui com a cabeça uma única vez, consentindo. Seus olhos se voltam para mim em seguida.

— Estarei de olho em você. — Não sei se isso deveria soar como um consolo ou um aviso ameaçador. De qualquer forma, não estou nada feliz. — Não fale com ninguém e não tire a máscara. Entendeu?

Como ele, assinto com a cabeça, me sentindo irritada de uma hora para outra. Callan me direciona um último olhar antes de se virar e andar para longe com a garota cujo nome desconheço. Ela parecia jovem e sofisticada.

E determinada a conseguir sua atenção.

Respiro fundo, engolindo o gosto amargo da frustração, e encaro a multidão de pessoas dançando e bebendo nos trilhos. Talvez uma bebida seja um bom começo. Os efeitos do champanhe já passaram há muito tempo.

Ao explorar o, encontro algumas bebidas dentro do vagão. Agradeço mentalmente por passar despercebida por entre as pessoas, mesmo que meu vestido não seja apropriado nem discreto para a ocasião.

— Kestrel. — Uma voz familiar me assusta e me viro, rapidamente encontrando Nyx. — Você está sempre nos lugares em que menos deveria.

Ela não usa nenhuma máscara. E, pra ser sincera, esconder aquele rosto seria um pecado. Seus cabelos pretos estão presos em um longo rabo de cavalo, e ela usa um top sem alças, deixando todas as suas dezenas de tatuagens à mostra.

— E você não está atrás de um balcão.

Ela sorri com seus lábios cheios pintados de vermelhos e vem até mim.

— Vejo que o plano de destruir Harkness está indo por água abaixo.

Fecho os olhos e dou um longo suspiro.

Merda.

Com tudo o que aconteceu, esqueci completamente que prometi que encontraria Maria, seja lá o que isso significa para Nyx, em troca de ajuda para acabar com Callan e os Corvos.

Parece fazer meses desde que tivemos essa conversa.

— Desculpe, muita coisa aconteceu desde então.

— Relaxa, ruiva. — Ela levanta as mãos. — Não tem que se explicar para mim.

Nyx apanha uma garrafa de cerveja da bancada com gelo atrás de mim. Eu a observo sem palavras quando a garota leva à boca e, sem fazer esforço, arranca a tampa de alumínio com os dentes.

— Ele te trouxe aqui, não foi? — continua após um longo gole na bebida. — Onde está agora? Espera, não responda. Com Josephine St. Clair, presumo.

— Não saberia dizer.

Se ela se refere à garota loira e baixinha, então acertou em cheio.

— Bem, os St. Clair são uma das tradicionais linhagens de Corvos — informa, apoiando o ombro na janela do trem. — Como os Drago ou os Harkness. Mas sempre houve uma disputa silenciosa entre os St. Clair e os Harkness. Acho que um sempre se achou superior ao outro. Exceto por Josephine. Ela é mais diplomática.

Presumo que seja mesmo.

De repente, penso em outra coisa e semicerro os olhos na direção de Nyx.

— Como sabe tanto sobre eles sem ser um deles?

Não sei se a garota já está um pouco alta, porque parece bem menos evasiva agora. Isso pode ser uma boa para mim. Nyx é do tipo que sabe mais do que diz.

— Sou uma boa ouvinte — responde, simplesmente. — E eles amam falar comigo. Ainda mais depois de algumas doses de uísque no balcão do Nemesis.

Me pergunto se Callan já compartilhou muita coisa com Nyx. Seus segredos profundos e memórias enterradas. Gostaria de poder dizer que hoje em

dia já não estou mais disposta a cometer loucuras para conhecer Callan Harkness melhor do que qualquer um.

Mas, no fundo, isso é mentira.

— Deve ser bom — divago, pegando uma cerveja também. Não é o tipo de coisa que costumo beber, mas não estou fazendo mais as coisas que costumava há um bom tempo. Diferentemente de Nyx, uso o abridor de garrafas para remover a tampa. — Praticamente tem passe livre entre eles.

— De certa forma. — Nyx dá de ombros com um suspiro. Observá-la é semelhante ao que sinto quando observo Callan: como se fosse um jogo de adivinhação. Impossível de saber o que se passa em suas cabeças exatamente ou de prever suas ações. Seus olhos cor de ônix se prendem nos meus com uma seriedade nada alcóolica. — Se quer uma dica de alguém que já ouviu muita coisa: não se envolva. Para eles, tudo é um jogo de poder. E, lá em Rotherdam e no território da Ordem, você pode até ser a rainha, mas aqui não passa de um peão de vidro. Útil mas frágil e, eventualmente, *descartável*.

Nyx me lança uma piscadela, como se seu aviso não tivesse soado um pouco cruel. Em seguida, ela se vira e diz que está indo lá fora fumar. Não sei se quer que eu a acompanhe, portanto não vou.

Em vez disso, encontro um assento livre próximo da janela em uma da poltronas velhas e desgastadas do vagão de trem. Me sento e começo a beber minha cerveja, fazendo o máximo para não levantar a máscara demais e tentando não desvendar o que Nyx quis dizer com aquilo.

Mas é inevitável.

Será que há um motivo oculto pelo qual Callan me trouxe aqui? Fazia parte do jogo quando ele disse aquelas coisas no castelo?

Suspiro e tombo a cabeça para trás no encosto. Fecho os olhos, decidindo o que fazer.

Ir embora ou ficar...

Pensei que poderia apenas me arriscar um pouco, desligar o cérebro e aproveitar uma noite de sensações e adrenalina com Callan Harkness. Mas agora não me parece mais tão divertido.

Abro os olhos assustada quando alguém desliza no assento ao meu lado. Identifico uma massa de cabelos dourados esvoaçantes. Logo depois, dois orbes verde-musgo me encontram.

É um homem. Talvez poucos anos mais velho do que eu. Estonteantemente belo, como um modelo italiano da *Versace*. Os traços em seu rosto, a maneira como se porta e suas roupas... tudo parece refinado demais para ser encontrado em um lugar como este.

Quando faço menção de me levantar em um sobressalto para longe deste

desconhecido, então ele solta:

— Causou uma boa impressão.

Levanto as sobrancelhas, mesmo que ele não possa ver.

— Perdão?

Ele sorri, exibindo uma fileira de dentes brancos e brilhantes perfeitamente alinhados.

— Na cerimônia de juramento — explica, ativando um alarme na minha cabeça. Ele estava lá, é um Corvo. Um dos grandões, presumo. — Forte, impetuosa... Difícil de quebrar.

Franzo o cenho, sem me deixar levar por aqueles elogios.

— Como me reconheceu com a máscara? — pergunto, sem disfarçar o tom de desconfiança.

O Corvo desconhecido tomba a cabeça para o lado, ainda com aquele sorriso excessivamente gentil no rosto bronzeado. Ele não é pálido como Callan, nem tão intimidador. Parece quase receptivo, o que é uma bandeira vermelha.

— Você é meio difícil de não notar.

— Bem, agradeço se não espalhar a informação por aí.

Embora eu sinta um apego quase sobrenatural em desafiar Callan e desobedecer às ordens que ele acha que pode me dar, acredito que essa é uma que devo seguir. Esse lugar hoje tá cheio de gente que me odeia e me deseja morta. Eles não podem saber que estou aqui. Muito menos a notícia pode chegar nos ouvidos de Soren.

— Minha boca é um túmulo. — Ele pisca e estende uma das mãos. — Jasper St. Clair.

St. Clair.

O nome da família que disputa com os Harkness, segundo o que Nyx contou.

— Acho que não preciso me apresentar — digo, sem cumprimentá-lo de volta.

Ele não se ofende.

— Definitivamente, não. — Jasper sorri e fica bem à vontade para relaxar no assento ao meu lado. — Quer dançar, desconhecida?

— É melhor não. — Me levanto. — Já estou de saída, na verdade.

— Ah, qual é? Eu não mordo. — Ele ergue as mãos em rendição. — A não ser que você peça.

Suspiro de novo, desviando o olhar para a janela. Quase que de imediato, vejo Callan através do vidro. Ele está a alguns metros, alheio à minha existência. Josephine, imagino, está com os braços enroscados em seu pescoço, do outro lado da plataforma.

Uma pontada ridícula de ciúmes martela em meu peito.

Mordo o canto da boca.

Sair de perto de Jasper é exatamente o que Callan ia querer que eu fizesse. Mas ele também me trouxe aqui embaixo apenas para me deixar sozinha na cova dos leões na primeira oportunidade.

Escolher minha própria ruína...

Tomo o resto da cerveja em um só gole, me segurando para não fazer careta com o gosto terrível.

— Tudo bem. — Recebo um riso vitorioso de Jasper, que também se levanta e me acompanha para fora do vagão.

Ele me ajuda a descer e me guia pelos trilhos até mais próximo da música e do aglomerado de pessoas dançando.

Mais perto de onde Callan e Josephine estão.

Por sorte, a música de agora não é mais a barulheira eletrônica e sem sentido que domina as festas dos Corvos. É uma melodia lenta, com uma batida forte e sensual, cantada por uma voz feminina rouca em francês. Na letra, a garota implora por contato físico, toque, sensação...

Coisas que não tenho há algum tempo.

Na verdade, a última vez foi com Callan.

E odeio que isso pertença a ele.

Jasper me move, sem se importar com a rigidez em meu corpo em função da incerteza. Com a mão em minha cintura, ele nos aproxima o bastante para que eu sinta seu perfume. É caro e refinado, talvez um *Paco Rabanne*.

Jasper segura meu corpo contra o dele, nossos troncos colados até a cintura. Uma de suas mãos está em meu quadril, a outra, na base das minhas costas, onde o vestido fica mais justo. Sinto o calor da sua mão através do tecido fino. Fecho os olhos, bloqueando a visão do seu rosto, que atrapalha na minha ilusão.

Não é ele quem eu quero aqui. Não é esse perfume, esse calor, esse toque... Callan não seria tão cuidadoso ou tão contido. Ele não precisaria me convencer a dançar com ele. Simplesmente me reivindicaria, como já fez antes.

Mesmo protestando e odiando, no fundo eu estaria ansiosa por mais, envolvida por ele. Ninguém nunca teve tanto poder sobre mim. Ninguém nunca conseguiu despertar as sensações que ele desperta.

E temo que, depois dele, nunca mais seja capaz de sentir nada.

Meu corpo esquenta e me viro, ficando de costas para Jasper. Desse jeito posso fingir que estou nos braços de outra pessoa. Alguém vários centímetros mais alto e com um aperto muito mais firme.

Sinto seu tórax atrás de mim, minha bunda pressionada contra seu quadril

e abro os olhos.

E lá está ele.

No alto da plataforma, parado perto da beirada, sozinho. Sua mandíbula está travada, e seus olhos escurecidos, me fuzilando à distância. Como se quisesse me matar. Ou me foder, bem aqui na frente de todo mundo.

Aperto as coxas, sentindo meu ventre aquecer e pulsar. Meu coração dispara na mesma hora e levanto os braços, enlaçando Jasper atrás de mim, apenas para alimentar a provocação. Suas mãos deslizam pela lateral do meu corpo, talvez seja o efeito da adrenalina, mas sustento a encarada nada sutil de Callan e projeto a bunda para trás, roçando na pélvis de Jasper sem pudor.

Não é o tipo de coisa que costumo fazer. Mas isso é o instinto que Harkness me desperta. Animalesco e bestial. Ele libera em mim o monstro que disse que todos nós carregamos por dentro.

E é exatamente o que eu queria quando deixei que ele me levasse daquele castelo.

Essa noite permito que o demônio em mim saia para caçar.

Ele não consegue ver meu rosto, então tento transmitir toda a lascívia com meu olhar e os movimentos do meu corpo. Acho que isso é o suficiente para Callan, porque ele salta da plataforma sem pensar duas vezes e, em seguida, aterrissa sem dificuldade nos trilhos. Ele nem mesmo se desequilibra. Apenas se endireita e começa a marchar na minha direção como se estivesse em uma missão.

Como se estivesse preses a declarar uma guerra. Ou talvez, assassinar alguém.

Um sorriso vitorioso ameaça surgir no meu rosto sob a máscara, mas logo some.

Enquanto vem até nós, seu olhar passa de mim para Jasper. Tão direto mortal que poderia fazer alguém molhar as calças.

— Tire as mãos dela — exige, parando a dois passos de distância.

As mãos de Jasper realmente caem para longe do meu corpo, mas ele não se afasta.

— Não seja um babaca hoje, Harkness. — Surpreendentemente, Jasper não é desafiador nem sarcástico, mas diplomático. — Tenho que aguentar ver você com as mãos na minha irmã toda maldita vez.

Então é disso que se trata? Uma disputa de egos entre Callan e Jasper? Por que Callan transa com a irmã dele, Jasper achou que podia dar em cima de mim para provocá-lo?

Para eles, tudo é um jogo.

Você é um peão de vidro.

Bufo.

Sinto asco e, por conta própria, me distancio de Jasper.

— Não é problema meu — retruca Callan para ele, seus olhos enfim direcionados aos meus. — Vamos, Sloan.

— Não.

— Não?

Acho que ele riria com deboche se não estivesse tão enfurecido. Gosto disso. Gosto de tirar esse homem feito de pedras do lugar. De extrair algo, qualquer emoção, de seu interior aparentemente vazio.

Além disso... raiva e tesão podem andar de mãos dadas.

Empino o nariz.

— Exatamente. — Cruzo os braços. Jasper está esquecido, porque tudo se trata de Callan e eu. Desde o começo. E não posso ser hipócrita. Também joguei com Harkness. — O que vai fazer a respeito?

— Nem queira saber — rosna. — Não vou repetir.

E assim ele se vira e caminha para o lado oposto da festa, além das plataformas, onde o trilho continua até sumir no escuro do túnel. Há uma ordem clara e silenciosa para que eu o siga. Cogito teimar com isso também.

Olho para Jasper, que suspira. Talvez tenha entendido que eu buscava permissão, porque diz:

— Tudo bem, vai atrás dele.

Mesmo a contragosto, é o que faço.

Quando os saltos enroscam pela segunda vez no trilho, os retiro e nem faço questão de carregá-los comigo. Callan anda com determinação, duvido que não saiba que estou seguindo-o.

Ele vira em uma bifurcação, e eu vou atrás. A festa fica alguns metros ao longe, mas ainda é possível ouvir a música ao fundo.

— Que porra foi essa? — questiono, parando.

Callan para também e se vira, arrancando a máscara. Faço o mesmo, jogando-a no chão.

— Mandei não falar com ninguém.

Ele parece possesso, como se tivesse algum direito para tal.

Diminuo a distância entre nós apenas para apontar um dedo em riste na sua cara.

— Eu não te devo obediência, não importa o que um pedaço de papel manchado de sangue diga.

Callan me ignora.

— O que ele disse a você?

— Por que está tão interessado nisso?

— Responda— ordena, entredentes.

Semicerro os cílios ao estudá-lo, um sorriso querendo aparecer no canto da minha boca. A expressão em seu rosto, sua postura, seu comportamento...

— Está com ciúmes por acaso?

— Ciúmes de você? Isso seria patético. — Dessa vez, ele ri, como se eu tivesse dito a maior besteira do mundo. Não me convence nem um pouco. — Apenas fique longe de Jasper St. Clair.

Talvez se eu provocá-lo mais um pouquinho...

— Está mesmo com ciúmes, huh? — pressiono, dando outro passo até Callan. — É porque ele pode me tocar e você não?

— Eu posso tocar em você o quanto e quando quiser, e você não me impediria. Ansiaria por mais — gaba-se. — Sabe muito bem disso.

Bastardo.

Mas não está errado.

Umedeço os lábios secos com a língua, atraindo o olhar de Callan para minha boca. Mais um passo e estaríamos perto o bastante para eu sentir sua respiração.

— Aquela noite no meu quarto... — A sensação de que estou brincando com fogo retorna e não me impede. Quero me queimar. — Teria ido até o final?

Me perguntei isso algumas vezes desde o episódio.

Se alguma parte dele queria fazer aquilo por outro motivo além de me punir. Ou se tudo é apenas de um jogo.

Meu coração erra uma batida, e meus dedos formigam de vontade de tocar seu rosto. Tão cruel e perfeito. Acho que o odeio na mesma proporção que o desejo. Se eu tiver apenas um pouco mais, quem sabe isso acabe. Talvez possamos enfim esquecer um ao outro de uma vez por todas.

Seu pomo de adão se move conforme ele engole.

— Era o que você queria? — Harkness devolve.

— Talvez.

— Se eu fosse até o final, anjo, te arruinaria para todos os outros.

É a minha vez de rir.

— Sua arrogância é nojenta.

Ele dá risada também, sem se afetar. Mas ainda está resistindo, porque faz menção de se afastar novamente. Parece que está morrendo de medo, pra falar a verdade. Medo do que pode sentir se prosseguir.

Preciso arriscar mais. Vou tirar dele tudo o que ele não quer me dar.

Se ele gosta de jogos, vou lhe dar um que valha a pena.

— Então você não vai se importar se eu voltar para o Jasper. Nem se eu sussurrar no ouvido dele, beijá-lo no pescoço e sentar no colo... — São palavras

vazias, mas atingem Callan como balas de prata. Ele cerra a mandíbula, a cólera retornando aos seus olhos. — Também não vai dar a mínima se eu começar a rebolar bem em cima dele, até o momento em que ele me traria para esse túnel e me foderia por trás.

— Se você fizesse isso — responde, a voz tão afiada que poderia me cortar ao meio. — Então eu teria que arrastá-lo para fora destes túneis pelo pescoço, com tanta força que ele acharia que quebrou. Depois, lhe arrancaria fora os olhos por ousar te olhar e cortaria as mãos por ser estúpido o bastante para tocar no que não lhe pertence.

Pisco, atordoada, e engulo em seco.

É sua vez de me atingir em cheio.

Não esperava que ele fosse morder a isca. Mas ele foi muito além disso. Ele inverteu nossas posições. Agora, de alguma forma, sou sua refém. Ele me deixa atônita, cambaleante e sem palavras.

Arrepiada dos pés à cabeça, a garganta seca e os dedos trêmulos.

— Eu não pertenço a ninguém — sussurro.

— Está errada, anjo. — Ele sorri, provavelmente já se sentindo vitorioso. — Me pertence muito antes de eu beijá-la ou de sangrar sob minha lâmina em seu juramento de lealdade. Me pertence desde que coloquei os olhos em você pela primeira vez naquele maldito internato. Com aquele uniforme e os cabelos presos, segurando livros e olhando para o chão como se sentisse que precisava se desculpar por existir. E, mesmo agora, você ainda me pertence. É por isso que estava dançando para mim, mesmo nos braços daquele verme. Tudo o que você faz ainda é para mim, não é?

Eu deveria saber que não suportaria quando ele revidasse, porque Callan joga sujo e baixo. Usa as palavras para acertar onde mais dói, sente prazer com isso.

— Vai pro inferno.

Tudo isso foi uma ideia de merda.

Tento me virar para dar o fora daqui, mas ele segura meu pulso e me obriga a olhá-lo de volta.

— Você é minha, Kestrel, e vou deixar isso claro para qualquer um que tentar te tocar. Minha para odiar, minha para machucar, *minha para foder*.

O arrepio que percorre meu corpo com suas palavras deixa cada pedaço de mim hipersensível. Aquele efeito misto de perigo, luxúria e adrenalina que só Callan consegue despertar em mim.

— Mas você não consegue, não é? — provoco com cinismo. — Não consegue fazer nada disso realmente. É um covarde.

É a gota d’água. Callan me segura pelos ombros e me joga contra a

parede rochosa mais próxima de nós. Sinto a aspereza machucar meus ombros, mas não consigo me importar com isso agora.

Meu peito sobe e desce com urgência no ritmo da minha respiração. Sinto meu coração martelar com força contra as costelas.

— Não brinque comigo — adverte ele. — Não vai conseguir me tirar do controle.

Balanço a cabeça.

— Acho que já consegui.

— O que você quer, Sloan? Diga com todas as palavras. Reivindique isso. Não fique de provocações infantis.

— Quero sentir alguma coisa. *Qualquer coisa* — confesso, baixinho. Ele está certo, estou ansiando. — Me faça sentir, Callan.

Essa sou eu escolhendo minha própria ruína, suplicando por ela. Talvez seja uma péssima ideia ao amanhecer, mas aqui, no meio da noite, no subsolo secreto e escuro dessa cidade...

Aqui e agora não há nada mais certo do que isso.

Callan e eu sempre estivemos fadados a destruir um ao outro mesmo. Ao menos, que seja de uma maneira divertida.

Ele ainda me segura firme pelos ombros quando inclina o rosto na minha direção, os olhos me estudando com minúcia. Em resposta, levanto a cabeça, nossos narizes se roçando e nossas bocas tão próximas...

Ouço meus batimentos cardíacos nos ouvidos.

— Eu disse que te faria implorar.

— *Bastardo*.

— Vamos, anjo. *Implore*.

Ele aproxima os lábios dos meus o suficiente para que quase se toquem. Está me enlouquecendo.

— Nunca — rebato com orgulho.

— Então não vou te beijar.

— Por mim tudo bem.

Beijos são íntimos. Exprimem mais do que desejo sexual. E não há nada além disso entre Callan e eu. Tesão e ódio conversam bem. Posso compreendê-los. Não há como não sentir atração por Harkness.

Ele é sexo incarnado.

Sinto tesão pelo seu corpo, mas odeio o que há no interior. E aceito essa condição.

Minhas mãos tateiam às cegas os botões da camisa de Callan e arrebento-os. Preciso sentir seu calor.

A visão do seu tórax rígido e o abdome definido, as tatuagens e

cicatrizes...

Puta merda. Estou salivando.

Meus dedos deslizam pelos sulcos de seu tronco esculpido. Este homem é um monumento. Seus músculos, sua pele, os pelos escuros abaixo de seu umbigo... Tudo compõe uma obra impressionante.

Sinto que esperei tanto por isso que preciso prolongar o máximo que conseguir, pois nunca mais vai se repetir.

Sem poder beijar meus lábios, a boca de Callan ataca meu pescoço. Sinto sua língua quente na garganta, passando pela minha jugular em direção ao maxilar. Ele pressiona a pélvis em mim, e sinto sua excitação dura feito pedra contra minha barriga.

Isso me deixa ainda mais louca.

Meus mamilos rijos estão doendo contra o tecido do vestido e, como se Callan lesse minha mente, suas mãos os encontram. Ele torce a ponta de um dos meus seios por cima da roupa, me fazendo fechar os olhos apertado.

Mordo o lábio para reprimir um gemido. Sentir seu corpo contra o meu é uma benção e uma maldição. É como se eu estivesse caindo entre o céu e o inferno repetidamente.

Quero tanto beijá-lo que dói.

Mas nunca vou implorar por isso.

Em vez disso, me inclino para frente e beijo seu peito, sua clavícula, seu ombro. Ele me segura mais firme, uma das mãos indo até minha bunda e apertando como se fosse seu brinquedo favorito. Em resposta, mordo seu ombro. Forte. Talvez deixe uma marca.

A possibilidade me faz sorrir.

Sou empurrada contra a parede novamente, a pedra ralando na pele machucada da queimadura. Xingo em voz alta com a dor, mas Callan não se importa.

Não há carinho ou afeição envolvido aqui. Não há nada de belo no que estamos fazendo. Há apenas um desejo ardente, uma necessidade insuportável. Cru, brutal, animalesco...

Exatamente o que eu preciso para esquecer de todo o resto.

Callan puxa as alças finas do vestido para baixo, expondo meus seios. Por instinto, viro o rosto para o lado, na direção da festa. Qualquer um poderia aparecer e me ver nua, sedenta por Callan Harkness.

Eu deveria querer me cobrir, ir para outro lugar. Mas só consigo me sentir ainda mais atiçada, como uma pequena chama que se torna incontrolável depois de um pouco de gasolina.

Ele abocanha um dos meus seios, chupando com um desejo que beira a

raiva. Afundo os dedos em seus cabelos, tirando-os totalmente do lugar. Então desço minha mão para a sua nuca, enfiando as unhas afiadas na sua pele.

Quero marcá-lo. Por toda parte.

Dor. Prazer. Raiva. Desejo.

Tudo misturado, me arrebatando como uma avalanche.

Pressiono minhas coxas uma contra a outra, buscando fricção, alívio. Mas não é o que Callan está disposto a me dar.

Ele morde meu mamilo antes de trazer sua boca para minha orelha. Sua outra mão agarra meus cabelos e os puxa, forçando minha cabeça para o lado para que ele possa falar ao pé do ouvido:

— A possibilidade de sermos flagrados... Isso te amedronta ou te excita? — Fecho os olhos, incapaz de dizer em voz alta. De admitir que meu corpo inteiro está aceso como uma maldita árvore de Natal. Ele solta meu cabelo e, com a mão livre, puxa a saia do meu vestido para cima. A calcinha está encharcada, basta que ele roce os dedos para que perceba. — Não quer responder? Não precisa, anjo. Eu estou sentindo a resposta.

Ele percorre minha abertura por cima da calcinha, seus dedos circulam a área do meu clitóris e tombo a cabeça para trás, fechando os olhos.

Porra, é tão bom...

— Você se odeia por gostar disso? — volta a perguntar. — Porque eu me odeio.

Ele afasta a calcinha para o lado e mergulha dois dedos dentro de mim, de uma só vez. Me seguro para não gritar. Seus dedos deslizam com facilidade pela umidade, e a sensação é tão magnífica que não consigo fazer nada além de me segurar firme em Callan e me esforçar para conter os gemidos descontrolados que querem escapar.

Callan é certeiro nos movimentos. O vaivém é bruto e firme, quase raivoso. Como se ele estivesse me castigando. Ou talvez, castigando a si mesmo.

Rebolo em seus dedos, buscando por mais. Nunca parece o suficiente. Persigo o prazer com os olhos fechados e os dentes cravados em meu lábio inferior. E Callan nunca para, nunca cansa.

Ele está determinado, buscando me tirar totalmente do meu eixo.

E o maldito está conseguindo.

Quando Callan curva seus dedos dentro de mim, num grau muito específico que faz atingir meu ponto máximo de prazer, cubro a boca para não gritar. Sinto como se meu corpo inteiro estivesse em chamas. Como se fosse entrar em combustão espontânea a qualquer momento.

Com o polegar, Callan inicia uma massagem em meu clitóris enquanto seus dedos continuam entrando e saindo.

Minhas pernas começam a tremer.

—Oh, Deus...

— Não, Deus não. Deus não está aqui. — Ele para, me obrigando a abrir os olhos. Callan me observa de um jeito que me deixa ainda mais molhada. Seu olhar é faminto, determinado... Mesmo assim, ainda parece ter tudo sob controle. Ainda está vestido e intacto, enquanto estou praticamente me desmontando. — Diga meu nome. Se quer gozar, diga meu nome.

A voz rouca pela lascívia me faz xingar. Tento continuar me esfregando em seus dedos, desesperada por mais, e ele recua.

Desgraçado.

— Callan — chamo, cedendo.

— O quê? — Sinto o sorriso provocativo em sua voz, e ele aproxima o rosto do meu.

Seu cheiro me enlouquece, tanto quanto todo o resto. Talvez até mais. Cheiro de sexo, perigo e poder. E quero tanto isso que poderia morrer se ele parasse.

— Me faça gozar.

Não é um pedido ou uma barganha. Ainda não estou implorando. Estou exigindo. E sei que ele quer tanto quanto eu. Seu pau está tão duro contra minha barriga que poderia me atravessar e partir ao meio.

Não o toquei ainda e nem pretendo.

Ele não fez por merecer.

Mas, em seguida, Callan retira sua mão apenas para enfiar de novo. Dessa vez, três dedos inteiros, quase arrancando de mim um grito. Arfo e, quando ele atinge meu ponto G de novo, estou gozando forte e desesperadamente.

Estrelas explodem atrás dos meus olhos. Minhas pernas perdem totalmente a força. Escorrego pela parede em direção ao chão, fora do controle do meu próprio corpo, mas Callan me firma. E não para de massagear meu clitóris, prolongando meu orgasmo o máximo possível.

— Vire-se. Mãos na parede — ordena e me solta quando a onda de prazer se distancia.

Não tenho opção além de obedecer, porque quero isso tanto quanto ele. Preciso de Callan dentro de mim. Preciso senti-lo. Atrás de mim, ele ergue o vestido. Faz isso pouco a pouco, expondo minha pele quente e arrepiada. Quando termina, o enrola em minha cintura e rasga minha calcinha fina e frágil, feita para não marcar no modelo justo da roupa. Os retalhos inúteis caem sobre meus pés descalços.

Callan dá um tapa tão forte em minha bunda que meu corpo se inclina

para frente, meu rosto se chocando contra a parede rochosa. Minha bochecha está pressionada contra a pedra fria quando ouço o som o zíper de sua calça descendo. Em seguida, o som de uma embalagem sendo rasgada.

Quero vê-lo, admirá-lo, ao mesmo tempo que me recuso a lhe dar o gostinho de vitória.

Estamos nos usando por um prazer rápido para saciar essa fome incontrolável que nos habita. Será o mais impessoal possível. Melhor assim.

Outro tapa estala alto, o som ecoando pelo túnel.

Eu o sinto na minha entrada. A ponta de seu pau desliza para cima e para baixo em minha abertura, me provocando a ponto de eu revirar os olhos de desejo.

Para o meu azar, não consigo segurar o gemido ofegante de dor e tesão.

— Queria ser fodida assim, não era? — pergunta. Não preciso responder. Ele sabe que sim. — Agora aguenta.

Mais um tapa, só que dessa vez ele empurra o pau bem fundo dentro de mim. É grande e espesso, me atingindo em cheio.

— Porra! — xingo, enlouquecida.

Callan pega uma porção do meu cabelo e a enrola em seu punho como uma corda, então puxa minha cabeça para trás e começa com seus movimentos insanos. É duro e brutal. Agarro a parede, buscando por apoio, mas minhas unhas deslizam pela pedra, sem conseguir se firmar em nada.

Curvo as costas, empinando a bunda, e rebolo enquanto ele me fode com força. Isso parece deixá-lo alucinado, porque suas investidas ficam mais intensas. Eu o sinto por toda parte, como uma chama avassaladora me consumindo, me destruindo ao mesmo tempo que me alimenta.

É inevitável choramingar de tanto prazer. Me sinto prestes a explodir. Meus peitos estão duros, sacudindo no ritmo da nossa transa, e sinto meu clitóris dolorido, pulsando por mais. O suor escorre pelas minhas têmporas e se acumula em meu pescoço. A dor na raiz dos meus cabelos só alimenta meu tesão.

Mais um tapa me faz quase gritar, tão alto que atrairia todo mundo nesses túneis para assistir ao espetáculo que Callan e eu estamos oferecendo.

— Quer gritar, anjo? — provoca, sentindo prazer em meu declínio. — Quer que todos aqui ouçam como seu inimigo te fode como ninguém? Que saibam como você goza forte pra mim?

Caralho.

Rolo os olhos em agonia, Callan batendo em mim por trás sem parar, enlouquecidamente. Não poderia responder nem se quisesse, possuída por um instinto animalesco que fala por si só. Não tenho controle sobre ele. Está em domínio do meu corpo. Na forma como empurro os quadris ao encontro dos de

Callan, rebolando em seu pau com força e luxúria.

Arranho a parede, meus gemidos se tornando gradativamente mais altos. Uma parte minha quer que nos flagrem aqui. A possibilidade me enche de tesão.

— Não — Callan murmura, soltando meu cabelo apenas para tapar minha boca com sua mão. — Ninguém mais vai conhecer o som do seu gemido. Ele é meu.

Sua mão em minha cintura desliza pela frente do meu corpo. Belisca meu seio nu e desce por meu ventre até encontrar meu clitóris necessitado. Basta que ele circule os dedos sobre o ponto inchado para que eu seja incendiada novamente.

Gozo de novo, dessa vez ainda mais intenso. Tudo se torna um borrão fora de foco. Os sons se distanciam. Nada mais existe. Apenas essa sensação arrebatadora que faz meu corpo inteiro chacoalhar.

Callan vai logo em seguida. Eu o sinto uma última vez, mais fundo do que nunca, antes que um pequeno e contido gemido rouco e abafado escape por sua boca.

Meu Deus.

Minha respiração está descompassada, assim como a minha pulsação.

Acho que essa foi a experiência mais louca que já tive. O melhor sexo, de longe — não que um dia eu vá assumir para Callan.

Meu cabelo está arruinado, os fios grudados na minha testa pelo suor. A sola dos meus pés dói sobre os detritos ásperos espalhados pelo chão de concreto. Callan sai de mim logo que termina, e eu me afasto dele como se fosse tóxico. *Mortal.*

Me viro, para me escorar contra a parede, enquanto recupero o fôlego. Ergo as alças do meu vestido, cobrindo meus seios com pressa.

Minhas pernas estão tão bambas que mal consigo me manter de pé. Meu corpo ainda dói com a brutalidade do sexo. Amanhã, sem dúvidas, acordarei cheia de hematomas.

Foi quase cruel.

Esse é exatamente o tipo de sexo pelo qual as pessoas pagariam caro. O tipo de sexo que Harkness faz com naturalidade.

Sem querer, meu olhar encontra o de Callan. Ele já fechou as calças e está descartando o preservativo. Parece tão perfeito e inatingível como sempre. Nem de longe tão abalado quanto eu. Ainda assim, seus cabelos estão um pouco bagunçados. Meu único vestígio em seu corpo.

Nos encaramos por um momento. Em meio ao silêncio, é como se buscássemos no olhar um do outro tudo o que não estamos dispostos a admitir. Respostas para perguntas que nunca tivemos coragem de verbalizar.

Ou talvez, seja uma disputa para ver quem desiste primeiro. Quem vai se virar e se afastar, cedendo ao velho ódio e ao ressentimento que nutrimos um pelo outro.

Estou prestes a ser a primeira, dando um passo cambaleante para longe, quando algo me impede.

É um som.

O estrondo reverbera pelo imensidão do túnel. Se prolonga pelo subsolo de forma fantasmagórica. Em seguida, outro. E outro. E outro.

Meus olhos se arregalam quando percebo, junto de Callan, do que se trata.

São tiros.

34

S L O A N

Eu vou te guiar pela noite, colina abaixo
Eu vou te dizer algo que você não quer ouvir
Eu vou te mostrar onde coisas tem fim, mas não tenha medo
Há algo em você que é difícil de explicar
Há algo dentro você, garoto
Mas você continua o mesmo
Nightcall — London Grammar

Gritos percorrem os túneis. É perturbador, mas não tenho tempo de sentir medo. Uma legião de pessoas se espalha pelos trilhos, correndo em todas as direções. Algumas passam por mim, trombando a ponto de me desequilibrar.

Não consigo me mover. Nem mesmo quando os disparos se aproximam.

Mas logo sou jogada no chão. Alguém segura minha cabeça, impedindo que bata no concreto. A pressão em meu peito indica que há alguém em cima de mim, cobrindo meu corpo com o seu.

— Fique abaixada — Callan grita.

Seus braços protegem minha cabeça, impedindo minha visão do que está acontecendo.

Pisco freneticamente, tentando entender.

Callan se move, mas sem me descobrir. Observo, atônita, quando ele tira uma arma da cintura, presa na parte de trás da calça.

— Está armado?!

Ele não se dá ao trabalho de responder, apenas destrava o objeto e o posiciona, mirando em algo atrás de mim. Em algo que não posso ver.

Callan manuseia a arma com destreza, porque, obviamente, está acostumado com isso. Estudo suas feições conforme ele mira, mas logo faz uma careta, como se não conseguisse.

Tem muita gente correndo para todos os cantos. Duvido que consiga mirar no atirador daqui e disparar sem acertar os civis.

Onde estão os outros Corvos? Que merda tá acontecendo?

Callan parece saber tanto quanto eu. A confusão está estampada em seus olhos e, quando eles são direcionados para mim, conseguem, não sei como, atenuar o medo que palpita em meu peito. Os olhos astutos e cruéis do meu

inimigo estão me dizendo que tudo vai ficar bem.

E eu acredito.

— Quando eu mandar, você corre.

Não tenho nem tempo de protestar, porque outra voz emerge do caos da gritaria.

— Olhem só o que encontrei...

Callan e eu olhamos para a mesma direção.

Um homem alto e esguio, de cabelos cinza, marcha em nossa direção com pesadas botas de combate. Ele veste um sobretudo de couro que vai até os joelhos, e, na mão, há um pistola prateada reluzente. Basta que eu veja os olhos escuros e a cicatriz que atravessa um deles para que o reconheça das fotos nos noticiários.

Cyan Wargrave.

— Finalmente achei a cadela do Deacon! — ele se anima. — É uma surpresa, no entanto, que ela não esteja nos braços do noivo. Mas nos do inimigo dele. Que... *improvável.*

Me arrepio com seu tom de voz calculado e intimidador. Já ouvi falar muito desse homem e das atrocidades que fez.

E aqui está ele agora, apontando uma arma na minha cabeça.

Sinto meus olhos arderem e meus dedos tremerem.

— Não dê mais um passo — Callan adverte e se levanta, agora com um alvo certo a poucos metros de distância. Mira sua pistola em Cyan, que não se intimida.

A memória da morte de Bash passa diante dos meus olhos, como um maldito filme. Talvez tenha sido apenas um prelúdio. Algo que posteriormente culminaria na minha própria morte.

Talvez essa seja a hora.

— Tenho procurado essa vadia pela cidade inteira. Você entende por que tenho que acabar com ela, não entende? — se justifica para Callan. Embora use o tom diplomático, ele não abaixa a arma. — Deacon a quer, mas ele é um maldito traidor. Agora eu não tenho mais nada por causa dele, então é justo tirar tudo dele também. Sem ela, a Ordem está arruinada. Queremos a mesma coisa no final, Harkness. Deveríamos ter feito negócios desde o início.

— Eu não faço negócios com gente da sua laia.

Callan é firme. Não parece disposto a negociar. Ainda assim, a preocupação volta a me preencher.

Cyan quer me matar pelo que Soren fez, por ter deixado a polícia caçar a gangue de Wargrave. Por ter entregado a cabeça de seu aliado em uma bandeja de prata para a polícia.

Medo cresce, e começo a avaliar minhas chances de fuga.

"Não posso morrer aqui", repito a mim mesma uma dúzia de vezes. "Não assim."

E só posso contar comigo mesma para me safar dessa.

— Me entregue a garota e eu não mato cada um dos seus fiéis seguidores nesses túneis — barganha Wargrave.

Suor gelado escorre pela minha têmpora. Meus olhos se alternam entre Cyan e Callan. Pisco, calculando o melhor momento para tentar correr.

Se eu ficar, vou morrer.

Callan vai me entregar.

Espero que ele olhe de volta para mim. Espero ver algo como um lamento em seu olhar. Algum indício de que está prestes a escolher seus homens, sua Sociedade, em vez de mim. Os Corvos não podem perder ninguém, ainda estão se reerguendo. Além do mais, Callan pode destruir a Ordem sem minha ajuda.

Minha boca seca, e minha garganta se fecha.

Espero por segundos intermináveis, mas Callan nunca me olha. Acho que ele não faria isso mesmo. Vai apenas me entregar sem remorso e vai sair andando, sem olhar para trás.

— Quem você pensa que é para achar que pode negociar comigo? Tão patético... — Callan sibila cada palavra devagar e clareza. Balança a cabeça, como se estivesse enojado. Vejo em câmera lenta quando seu dedo se aproxima do gatilho. Só então seus olhos desviam para mim. — *Sloan, agora.*

Não sei quem atira primeiro. Callan se curva, não sei se para desviar ou porque foi atingido, e pressiona o gatilho repetidamente em seguida.

Me ergo em um só movimento e começo a correr, sem saber como ele está.

Continuo na direção dos trilhos, os pés esmagando as pedras e detritos. Pela dor, sei que a sola deve estar toda cortada. Corro mais do que já corri em toda a minha vida, porque agora ela depende disso.

Não posso seguir em linha reta, porque Wargrave sabe que foi essa a direção que escolhi. E, se Callan não conseguir contê-lo, ele virá atrás de mim e tem coisas terríveis em mente caso me capturar.

Paro diante de uma encruzilhada. Escolho virar à direita, onde há mais túneis de metrô. Por aqui é bem mais escuro e posso contar com isso para escapar. Não sei para que direção estou indo, basta chegar à superfície. Se bem que, considerando quem Wargrave é, aposto que tomou todo o Distrito Industrial com os homens que sobraram.

Mesmo assim, tenho mais chances lá em cima do que aqui.

Aperto os olhos na escuridão, enxergando apenas a sombra dos trilhos. A gritaria e o som dos disparos ficaram para trás. Acho que a maioria seguiu para outro lado, o que me deixa imersa num silêncio perturbador, quebrado apenas pela minha respiração ofegante.

Talvez eu esteja indo para o lado errado. Por isso, não há ninguém aqui. E, se eu estiver apenas me embrenhando nos túneis ainda mais, seguindo numa direção sem saída? Então os homens de Wargrave vão me encurralar.

Quando outro túnel surge à direita, viro na esquina. Meu coração está na boca, e diminuo a velocidade com que me movo. Melhor ser cautelosa do que veloz agora.

De repente, sou puxada para a escuridão. Uma mão em minha boca me impede de gritar, e, antes que eu possa começar a me debater, uma voz familiar sussurra:

— Shhh, fique quieta.

Callan...

Fecho os olhos com alívio. Meus membros relaxam, e logo ele me solta. Acende a lanterna do celular, apontando para a escada de metal atrás de nós. Parece algum tipo de entrada para manutenção.

— Vamos dar o fora daqui — diz, um pouco mais alto dessa vez, e eu o sigo enfim para a superfície.



Está amanhecendo.

Callan já está dirigindo há horas, e não há nenhum indício de que estamos perto de chegar ao destino que ele planeja. Quando entrei em seu Aston Martin preto, que se camufla às sombras da noite, estava tão aterrorizada que nada mais importava além de querer dar o fora daqueles malditos túneis.

Pensei que Callan me levaria para algum lugar em Millsdale, mas já passamos dos limites da cidade faz tempo. Se mantém silencioso atrás do volante, o olhar perdido através do para-brisa. Pensativo. Apenas o mais absoluto silêncio pairando entre nós.

Embora seja bom e confortável, agora preciso de respostas.

— Para onde estamos indo?

— Para o interior — responde mecanicamente. — Montana.

— Pode ser mais específico?

Callan suspira, cansado. Ele segura o volante com força, retraindo a mandíbula. Parece estar com dor. Franzo a testa, desconfiada, examinando-o

melhor. Seu rosto está mais pálido que o usual, com olheiras cinzentas emoldurando os olhos, talvez seja reflexo de uma noite em claro e nada a mais.

— Missoula.

Arregalo os olhos, surpresa.

Bem longe de Millsdale.

— O que tem lá?

— Um lugar seguro.

— Não havia locais seguros em Millsdale?

— Não — limita-se a dizer.

É a minha vez de suspirar.

Olho através da janela. Parece uma estrada longa, sem muita coisa ao redor. Apenas os galhos secos que restaram das árvores e neve. Muita neve.

— Wargrave não vai deixar pra lá — Callan volta a falar depois de alguns minutos. — Ele caça as pessoas até o fim do mundo, se for preciso. Já vi isso acontecer antes, com sua própria esposa, mãe de seu filho. Ela pediu refúgio aos Corvos anos atrás.

— Cyan tem um filho?

Nunca vi esse detalhe nas matérias jornalísticas a seu respeito.

— O garoto seguiu os passos do pai, é um assassino em série. Os jornais o apelidaram de Fantasma de Millsdale. Escapou do complexo prisional no ano passado.

Ergo as sobrancelhas em puro choque.

— Que horrível — murmuro. — E a mãe dele?

Callan apenas me lança um olhar apático e fúnebre. Tremo sob o calafrio que isso me desperta. Se os Corvos não puderam protegê-la dele, o que me garante que vão conseguir fazer isso por mim? Ainda mais sendo alguém que eles odeiem tanto.

Eu nunca deveria ter voltado para um lugar doente como Millsdale.

Agora não me resta nenhuma outra opção além de esperar e confiar.

— Os homens da Zmey já devem estar rastreando Cyan a essa hora — Callan muda de assunto. — Assim que o pegarem, poderei te levar de volta.

Balanço a cabeça.

— Cyan escolheu a pessoa errada se quer atingir Soren. Ele não se importa comigo. Não dá a mínima se estou viva ou morta.

— Está errada. — Callan me direciona um breve olhar. — Pode não haver qualquer ligação emocional, mas Soren escolheu se casar com você por um motivo. O império dos Grifos pode estar dependendo disso. Aposto que os associados da Ordem não confiam no sucessor dos Deacon. Ele é imprudente, imprevisível e instável, mas o casamento fará com que todos o enxerguem de

outra forma. Ainda mais um casamento com a filha perfeita do Kestrel. Seu pai é respeitado pelos membros mais antigos da Ordem dos Grifos, portanto você também será. A aliança vai fortalecer Soren e lhe garantir ainda mais poder e apoio.

Como um maldito peão.

Um peão de vidro. Útil mas frágil e descartável.

E, se estou sendo protegida por Callan e os Corvos, é apenas porque sou útil para eles também.

Fecho os olhos e tombo a cabeça no encosto de couro.

— Ele não vai nos encontrar — Callan promete, de repente, me fazendo encará-lo. — E, se encontrar, eu mesmo acabarei com ele.

Há uma garantia em seus olhos que nunca vi antes, mas que, de alguma forma, me conforta. Anuo com a cabeça, grata por dentro.

— Você sempre anda armado agora?

— Não, mas eu sabia que a noite de ontem exigiria o máximo de precaução. As coisas ficaram mais tensas depois da *Operação Guerra*.

Esse foi o nome dado para a operação que destruiu o esquema de Wargrave e colocou dezenas de policiais na mira das investigações da corregedoria. O que fez o antigo comissário ser exonerado.

Tudo por causa daquela singela informação que passei aos Corvos, sobre a ligação entre o absinto dos Deacon e o aumento da influência da gangue de Wargrave no território da Sociedade.

Se Cyan soubesse disso, ia querer acabar comigo por outros motivos. Nem quero pensar no que Soren faria.

Mataria meu pai dessa vez? Ou iria atrás da minha mãe na França?

De novo, o maldito calafrio me abraça.

— Vai ficar tudo bem — tranquiliza Callan, vendo a preocupação em meus olhos.

Repito isso para mim mesma até me convencer.

Já é o meio da tarde quando passamos pela placa de “Bem-vindos à Missoula”. Durante o percurso, Callan parou duas vezes para eu ir ao banheiro e comer alguma coisa. Continua mais silencioso do que o normal, e fico me perguntando o que se passa na sua cabeça.

Decerto não queria estar aqui, com uma Grifo com quem transou casual e brutalmente, e que agora precisa proteger. Se ele pudesse escolher, aposto que não ia querer olhar na minha cara por um bom tempo depois do que fizemos nos trilhos.

É recíproco.

Estacionamos em frente a um chalé de madeira, próximo a um lago

congelado. Todo o resto parece assim também. As árvores ao redor, o telhado pontiagudo... E, apesar disso, é uma paisagem linda. De tirar o fôlego, na verdade.

Não há nada perto além da natureza por vários quilômetros, o que faz parecer que esse lugarzinho aqui é o último refúgio de paz nesse mundo horrível. Assim que descemos do carro, ouço o canto dos pássaros. A casa parece pequena mas confortável e aconchegante. Possui até mesmo uma chaminé de pedra.

O frio faz eu me encolher, e Callan se apressa para nos colocar para dentro. Destranca a porta e, assim que entramos, ajusta o termostato ao lado da porta.

O interior do chalé é ainda mais bonito, com direito a uma grande lareira na sala. Os sofás e poltronas parecem aconchegantes e contrastam com o piano vertical marrom-escuro colado numa das paredes de ripas de madeira.

— Que lugar é esse? — pergunto, sem disfarçar a admiração em minha voz.

— Uma casa segura da Sociedade — Callan solta a informação e sai andando. — É melhor tomar um banho quente antes que adoeça. Deve ter roupas no armário. Vou dar uma olhada no gerador.

Ele é curto e grosso, e desaparece em uma porta no corredor.

Não que eu estivesse esperando qualquer comportamento caloroso vindo dele depois do que aconteceu entre nós, mas...

Sei lá. A forma como ele consegue ser frio e robótico em todas as situações ainda consegue me atingir. Gostaria de ver mais do Callan que tive no castelo, ou na igreja, ou no ringue...

Me oferece migalhas da parte humana que habita aquela casca dura e impenetrável e depois age como se nada tivesse acontecido. E jogo está me enlouquecendo.

Suspiro, sentindo os pés gelados e machucados clamarem por algum alívio, e decido fazer o que ele mandou. Mal consigo suportar o frio que se infiltrou em minhas entranhas. Um banho quente e roupas limpas podem fazer milagres.

Passo pela cozinha de conceito aberto, pela porta que Callan entrou e um lavabo antes de chegar ao único quarto do chalé. É uma suíte bem grande com uma varanda. As janelas permitem que a luz entre, assim como a visão extraordinária do lago congelado lá nos fundos.

Abro o armário que Callan mencionou e começo a procurar roupas quentes e toalhas. Tem muita coisa aqui. Roupas masculinas e femininas sob um cheiro empoeirado que me diz que alguém não vem aqui há muito tempo. Apanho um suéter, uma calça de ginástica e meias de lã antes de fechar as portas

e ir até o banheiro.

Me certifico de trancar e só então retiro o resto esfarrapado do vestido de gala colado em meu corpo. Sento no vaso sanitário para analisar o estado dos meus pés. Faço uma careta quando vejo a pele esfolada nas solas.

Sinto como se tivesse sido atropelada por um trem. Não há um músculo em meu corpo que não esteja cansado e dolorido.

Me enfio debaixo do chuveiro e deixo que a água escaldante lave a sujeira e o medo para longe. Depois bons minutos, quando todo o banheiro está embaçado pelo vapor, desligo o registro e saio. No gabinete sob a pia, encontro álcool e bandagem, as utilizo para desinfetar os machucados nos pés e fazer um curativo antes de colocar as meias.

Ainda dói pisar no chão, mas agora eles estão limpos e protegidos. Saio do banheiro com a toalha na cabeça, esperando encontrar Callan no quarto, mas não há sinal dele, então aproveito para fuçar.

Abro portas e gavetas, achando objetos diversos, roupas e...

Porta-retratos.

Na gaveta da cômoda ao lado da cama de casal. Por que diabos não estão expostos como decoração?

Apanho as molduras nas mãos e começo a olhar. Na maioria deles há um casal feliz. Uma mulher, jovem e bonita, com cabelos negros feito ônix e o sorriso mais brilhante que eu já vi. Seus traços são familiares, embora eu nunca a tenha visto na vida. O homem é grande e meio intimidador. Tem cabelos grisalhos e mal sorri. São seus olhos que transmitem alegria genuína.

Nas fotografias, aparecem nos mais diversos lugares. Em praias paradisíacas, esquiando em uma montanha nevada ou acampando... Vou colocando-as sobre a cama, incapaz de parar de olhar e me perguntar quem são essas pessoas até que as fotos de casal somem e um garotinho começa a parecer nas imagens. Em um delas, é apenas um bebê no colo de sua mãe. Em outras, já está crescido. Com uns nove ou dez anos talvez...

E eu o reconheço.

Um suspiro dolorido me escapa ao passo que um aperto surge no meio do meu peito.

Não é uma casa qualquer da Sociedade. É a casa dos Harkness. Ao menos, uma delas.

Sinto uma sensação estranha ao olhar aquelas fotos. Uma nostalgia calorosa, mesmo que elas não tenham nada a ver comigo. E também apreensão, porque sei o final trágico que aquela família teve.

— *Merda.*

Um xingamento baixinho e distante, acompanhado de um gemido

estrangulado, me fazem ficar alerta.

Guardo os porta-retratos na gaveta e saio do quarto. No corredor, a porta do lavabo está entreaberta e não preciso nem fazer esforço para ver Callan através da fresta. Vejo a pele das suas costas nuas, músculos, hematomas e... sangue.

— O quê... — Escancaro a porta e engasgo quando vejo o ferimento circular em uma de suas omoplatas. — Ah, meu Deus! Você levou um tiro.

Há sangue saindo do pequeno buraco que rasgou sua pele. Callan parece estar lutando para alcançá-lo, mas desiste assim que me vê. A pia branca está carmesim, e a bancada cheia de itens de primeiro socorros.

Além de uma garrafa de vodca.

Meu olhar sobe pelo corpo de Callan até seu rosto. A pele está brilhando de suor, os cabelos molhados, olhos nublados pela dor.

Ele estava baleado e sangrando esse tempo todo? Foram quase dez horas de viagem de Millsdale até aqui.

Puta merda.

— A bala entrou e saiu — informa, prático. — Só preciso fechar o orifício de saída e fazer um curativo.

— Por que não parou em um hospital? Meu Deus, você poderia ter morrido de hemorragia!

Acho que estou surtando, o que não é o melhor a se fazer considerando nossa situação. Sou a única que pode ajudá-lo agora.

— Eu não podia parar — diz, de costas para mim, encarando a pia suja de sangue. — Não até você estar segura.

Sinto como se eu mesma tivesse levado um tiro quando ouço essas palavras. Quero lhe perguntar por quê.

Mesmo sangrando e com dor ele não parou de dirigir. Não até estarmos aqui. Até se certificar de que eu estava em segurança.

Que tipo de pessoa faz isso por alguém que odeia tanto?

Quero tirar mais dele, perguntar por que não disse que estávamos no chalé de sua família, ou por que todas as memórias estão escondidas. Mas não posso. Não agora.

— Eu te ajudo — me prontifico, após me recuperar parcialmente daquele baque.

Entro no banheiro apertado e tento analisar a situação.

Não faço ideia do que fazer e espero Callan me dispensar, mas ele não o faz. Parece cansado e fraco. Tão pálido quanto a neve lá fora. Os lábios estão secos, e ele precisa se apoiar no gabinete da pia para firmar o corpo. Parece que pode desmaiar a qualquer momento.

— Aprendeu a costurar? — pergunta, com resquícios de humor sarcástico na voz.

— Sabe que sim.

Corte e costura era uma disciplina eletiva pouco cursada no Instituto Valiant. A maioria das garotas achava arcaico, mas eu gostava da aula e da professora, a sra. Maloney. Uma das únicas a não me tratar com pena, indiferença ou cuidado excessivo. Falava comigo de igual pra igual, como se acreditasse mesmo no meu potencial.

— Jogue álcool na ferida, limpe o máximo que puder. Depois, é só suturar — diz com dificuldade, mas faz parecer algo simples. Deve ser acostumado com essa insanidade.

Estou nervosa, com medo. Não examinei com minúcia, mas, de onde, estou não parece que a bala atingiu órgãos vitais. Ainda assim, ele sangrou por muito tempo. E pode ter pego uma infecção.

Meu estômago se agita com a náusea, por isso preciso respirar fundo algumas vezes antes de seguir o passo a passo. Derramo um pouco da vodca nas minhas mãos, esperando que seja o bastante para esterilizá-las. Em seguida, jogo o líquido sobre a ferida aberta e vejo os músculos das costas dele se retraírem. E, por incrível que pareça, ele não grita ou reclama, só segura mais firme na bancada de mármore.

Limpo ao redor do ferimento com gaze. A pele em volta do orifício está dilacerada e preciso controlar o arrepio de agonia que surge.

— Não pense demais, anjo. — Sua voz soa mais dolorida dessa vez. Por um segundo, quero chorar, mas aguento firme. — Só fecha isso logo.

— Tudo bem. Eu consigo — digo, mais para mim do que para ele.

Ele me entrega a agulha com a linha, sua mão treme tanto que ele mal consegue segurá-la. Respiro fundo de novo e apoio a mão esquerda em suas costas.

— Fique parado! — aviso ao aproximar a agulha da borda do ferimento.

Callan obedece. Ele não move um só dedo enquanto enfio ela na sua pele e tento suturar o ferimento da melhor forma possível. É amador, tenho certeza, mas vai conter o sangramento.

Os minutos parecem se arrastar. É agonizante e perturbador, mas, depois que finalizo, cortando a linha bem rente ao ponto, solto um longo suspiro aliviado. Callan permanece imóvel mesmo quando faço um curativo cobrindo o local.

Jogo a gaze suja no lixo e lavo o resquício de sangue das mãos. Há um curativo na parte da frente do tronco de Callan, acima do seu peito. Longe do coração, ainda bem. Acho que ele mesmo limpou e suturou enquanto eu estava

no banho.

— Bom trabalho. — Ele quebra o silêncio. Seus olhos buscam os meus, e sinto algo esquisito se revirar dentro de mim quando mantemos contato visual. — Obrigado.

Apenas anuo com a cabeça, com um misto de sentimentos dançando em minha mente.

— Vá descansar. Vou procurar algo pra gente comer.

Para minha surpresa, ele obedece.

Callan acende a lareira enquanto vasculho a cozinha. Não há nada na geladeira, mas a despensa está lotada de comida dentro do prazo de validade.

— Vem aqui com frequência? — pergunto alto, para que me ouça da sala.

— Alguns associados dos Corvos mantêm o chalé abastecido para o caso de algum dia precisarmos usar — se esquiva, e eu deixo passar.

Não há nada fresco, apenas comida não perecível. Opto por chilli pré-pronto e enlatado. Nunca precisei cozinhar na vida, mas não deve ser muito complexo colocar alguma coisa numa panela só para esquentar.

Com todos os utensílios necessários, antes do anoitecer, o chalé inteiro já está preenchido com o perfume do caldo que borbulha na panela quente. Não há temperos além de sal e pimenta, e faço meu melhor para que a comida seja minimamente tolerável.

Quando me sinto satisfeita, desligo o fogão e sirvo dois pratos fundos com algumas conchas do chilli. Espero que isso nos sustente.

Levo os pratos e colheres para a sala. Lá vejo Callan sentado no sofá. Os cotovelos apoiados nos joelhos, o corpo curvado e o olhar perdido na chama crepitando na lareira.

— Temos que ligar pra alguém. — Coloco os pratos na mesinha de centro à sua frente. — Você precisa ir ao hospital.

— Não tem sinal aqui — informa, sem se mover. — Vou ficar bem, Kestrel.

— Bem, então vou em busca de ajuda.

Não estamos muito longe da cidade. Apenas alguns quilômetros. Posso ir dirigindo.

— Vai ter uma tempestade de neve em breve. Se sair daqui e, por um milagre, conseguir chegar viva a algum lugar, não vai conseguir voltar.

Massageio as têmporas, tentando encontrar uma solução.

Ele parece ainda mais fraco e exausto do que antes, e sei que está com muita dor. Callan não reclama, no entanto. Não sei nem se tem algo nesse chalé, algum remédio, que possa ajudá-lo com a dor ou a prevenir infecção.

Bufo, impaciente.

Apesar das circunstâncias, Callan parece tranquilo. Ele apanha a tigela de chilli e começa a comer em silêncio, uma colherada rasa por vez. Honestamente, não estou com fome, mas me forço a comer também.

Só Deus sabe quando vamos conseguir sair desse chalé. Precisamos nos manter fortes enquanto isso, manter um ao outro vivo. Isso é uma grande ironia do destino, já que passei anos e anos desejando a morte dele — e vice-versa.

O som do fogo queimando a lenha na lareira é quase reconfortante.

Volto a encarar o piano do outro lado da sala. Parece que não é tocado há algum tempo. Está velho e empoeirado, como todo o resto por aqui.

— Quem te ensinou a tocar? — pergunto, minutos após terminarmos de comer. Callan levanta a cabeça e segue a direção ao instrumento. Um vinco surge entre suas sobrancelhas, então me sinto na obrigação de explicar: — Vi os retratos na gaveta.

— Foi meu pai, quando eu tinha uns oito anos — responde, pensativo. — Dizia que a arte é um dos pilares essenciais da formação de qualquer ser humano.

Dá pra sentir a dor em sua voz, acima da nostalgia. O luto ainda reverbera nele ainda hoje. Acho que a morte brutal dos próprios pais não é algo que simplesmente se supere. Callan tem vivido em função desse trauma há muito tempo, por isso o desejo incontrolável de vingança.

— Faz muito tempo que não vem aqui, não é?

— Nunca voltei depois da morte deles.

Continuo tentando sustentar o diálogo. Conversar assim com ele é como nos velhos tempos. Como se nada tivesse mudado.

— É a primeira vez que leva um tiro?

Callan reagiu tão calmo diante da situação que eu não me surpreenderia se não tivesse sido sua primeira vez.

— Sim — responde, achando graça. — Não sou um gângster, Sloan.

Engulo em seco, pensando em outra pergunta. Algo que vem atormentando meu subconsciente o dia todo.

— Por que não deixou Wargrave me levar? É o que a Sociedade ia querer que você fizesse. Seria o melhor para os Corvos.

Enfim Callan desvia os olhos da lareira e os foca em mim.

— Chega de perguntas.

Ele se levanta, evasivo, e eu o imito.

— Responda, Callan — insisto, quase em tom de súplica. Preciso saber. Preciso saber se ainda há qualquer parte dentro dele que ainda é humana. — Ao menos, confesse que não sabe por que fez isso.

Callan passa as mãos pelos cabelos, inquieto, e de repente se vira para

mim.

— Porque sou incapaz de te deixar ir! — diz, alto e reativo, me fazendo arregalar os olhos. — Quem dera eu soubesse o motivo ou como controlar isso. Só sei que é mais forte que a razão. Mais forte que eu.

Pisco algumas vezes, sem saber como reagir.

Sua confissão me atinge como um meteoro, abalando cada estrutura frágil dentro de mim. Sinto a garganta secar e os joelhos fraquejarem.

Por quê?

Por que não podemos simplesmente deixar o outro ir? As possibilidades me assustam. Tudo a respeito disso, *de nós*, me assusta como o inferno.

— Eu... — gaguejo, sem encontrar palavras.

— Vá dormir, Sloan. — Callan suspira com cansaço e vira de costas para mim. De novo, ele me deixa de fora. — Precisa descansar.

Abro a boca para argumentar, mas acho que nada de bom viria se eu ficasse, se insistisse. Então, obedeço e sigo para o quarto em silêncio.

35

S L O A N

Enquanto deito aqui, deixe-me amar você
Em uma cama que não é minha, estou no escuro
Se você confiar em mim, te darei o que precisa
Eu vou te mostrar o que significa ser um servo
Você diz que me ama, mas há tanto que você não vê
Eu vou te mostrar o que realmente significa sangrar
Slave — Ramsey

Acordo com o som da ventania lá fora. Meus olhos se abrem e vasculham na escuridão. A única claridade provém da luz natural que entra pela janela e atrai minha atenção na mesma hora. Identifico a sombra da silhueta de Callan próxima da janela. Ele está sentando na poltrona no canto do quarto, olhando através do vidro.

Franzo o cenho, me virando na cama. O quarto se mantém quente graças ao aquecedor, e me ajeito ainda mais sob as grossas cobertas que me envolvem. Callan está tão quieto que mal parece estar respirando. Com o rosto virado na direção da janela, ele não nota que estou observando-o.

O vidro da janela está embaçado pelo frio, praticamente coberto pelo gelo. Pelos sons que vêm lá de fora, presumo que Callan estava certo quanto à tempestade de neve. Checo o relógio na mesinha de cabeceira e solto um suspiro quando vejo que são onze e quinze da noite.

E Callan ainda parece tão acordado quanto um animal noturno.

— Deveria ir dormir. — Rompo o silêncio sepulcral. — Também precisa descansar. Ainda está com dor?

— Estou bem. — Sua voz lenta e fraca ecoa pelo quarto, me causando arrepios.

Apoio a cabeça numa mão para observá-lo melhor.

— Tem espaço para você nessa cama. — Aponto, me encolhendo do lado direito do colchão. — Foi um dia longo, Callan, apenas engula seu orgulho e teimosia, e deite para dormir um pouco. Não há nada para vigiar.

Parece ser isso o que ele está fazendo: vigiando. Atento e alerta, como de costume.

Tê-lo muito perto provavelmente não é uma boa ideia, mas preciso ser

madura e prática nesse momento. Callan tem que repousar antes que os pontos arrebentem e volte a sangrar.

— Vai parar de me aborrecer se eu me deitar? — resmunga, e eu seguro um sorriso.

— Sim.

Acho que Callan também sabe que precisa descansar. Ele não continua discutindo, apenas se levanta e vem até a cama. Está descalço. Ouço o som de seus passos sobre os tacos de madeira enquanto ele dá a volta e deita ao meu lado. Não faz esforço para se cobrir, apenas fica na beirada do colchão, o mais longe possível de mim, deitado de barriga para cima, encarando o teto.

Rolo na cama, imitando sua posição. Sem querer, nossas mãos se encostam e minhas sobrancelhas se erguem. Sua pele está preocupantemente quente.

Coloco a mão em seu rosto, na testa, sem me preocupar com a estranheza do contato.

— O que está fazendo? — Sua voz soa tão baixa que se assemelha ao sussurro do vento lá fora.

— Está ardendo em febre, Callan.

Sua testa está úmida de suor e quente. Muito quente.

Praguejo mentalmente.

— Estou bem — garante, não sei só para me irritar ou se porque acredita mesmo nisso.

— Pare de dizer isso, suas feridas podem ter infeccionado.

Acendo a luminária na cômoda e me sento sobre a cama.

Com a luz amarelada que surge, consigo investigar o rosto de Callan.

Ele está péssimo, pior do que antes.

Merda.

— Seja otimista, anjo — murmura ele, desviando os olhos de mim para o teto.

A preocupação aperta meu peito.

— Há remédios por aqui?

— Na despensa — ele fala com esforço, como se até isso fosse difícil.

Não sei o quanto seu estado de saúde é ruim, mas ele pode não sobreviver se não conseguirmos ajuda médica.

Levanto num solavanco e marcho com pressa para a despensa, acendendo as luzes no caminho. Como Callan disse, encontro uma prateleira abarrotada de medicamentos e itens de primeiros socorros. Deve ser parte do plano dos Corvos manter esse lugar abastecido com todo tipo de mantimento útil para um refúgio.

Não faço ideia do que devo procurar.

Antitérmicos? Analgésicos? Antibióticos?

Um pouco de tudo, talvez?

Minhas mãos estão tremendo enquanto vasculho os frascos laranjas de remédios.

Combater a infecção deve ser o primordial.

Apanho um frasco de cada um deles, assim como toalhas limpas e um copo de água, e volto para o quarto. Encontro Callan debaixo das cobertas, segurando a colcha da cama próxima ao queixo. Está tremendo, os dentes batendo como se estivesse do lado de fora, congelando com o frio.

A visão faz meu coração se partir em um milhão de pedaços ao vê-lo tão frágil e vulnerável. Isso me deixa morrendo de medo, apesar de não saber exatamente o porquê.

Me sento na beirada da cama, ao seu lado. Separo os comprimidos e estendo na direção dele.

— Vamos, tome — incentivo, pegando o copo de água também. — Vai ajudar.

Callan inesperadamente obedece. Com esforço, ele se senta um pouco mais ereto na cama e engole tudo sem precisar da água. Suspiro, colocando o copo de lado, e seco o suor de sua testa com a toalha.

Ele está sofrendo e sei que não deveria, mas isso acaba comigo. Gostaria de poder fazer sua dor desaparecer com um toque de mágica.

— Me diga o que fazer — imploro, afastando seus cabelos molhados da testa. Seus olhos nublados vagam pelo meu rosto. — Diga como posso ajudar.

Preciso fazer alguma coisa. Não posso apenas ficar aqui, parada e impotente, assistindo-o morrer devagar.

Isso não está certo. Isso não pode acontecer. Ele não pode morrer, não assim. Não agora.

— Deita comigo — pede, a voz tão trêmula quanto o resto do seu corpo.

Engulo em seco e anuo com a cabeça, dando a volta na cama para me deitar ao seu lado. Nos cubro até os ombros, apoiando meu pescoço de forma que eu possa continuar observando Callan.

Seus olhos se fecham por alguns minutos. Ele toma longas e profundas respirações sôfregas. Só posso imaginar como deve estar se sentindo, como deve ser agonizante.

— Me desculpa — diz, de repente, com os olhos semicerrados.

Callan tomba a cabeça para o lado para me olhar. Está claramente desarmado, vulnerável e suplicante, como se realmente sentisse muito.

Por muito tempo fantasiei ouvir essas palavras saindo de sua boca. Como

seria bom humilhá-lo e fazê-lo sofrer da mesma forma que ele fez comigo. Mas, agora, não me sinto vitoriosa. Não há nenhum prazer nisso, nenhum alento, só dor.

— Não — peço, balançando a cabeça. — Não faz isso.

Não quero que ele se desculpe nessas circunstâncias, só porque acha que vai morrer. Não quero ser aquela que lhe concede redenção para que ele consiga partir em paz. Não quero que ele morra, ponto final.

Acho que também sou incapaz de deixá-lo ir.

Subitamente, desejo abraçá-lo. E é o que faço. Me aninho em seus braços, aconchegada contra seu corpo. Callan me abraça de volta e me traz mais para perto, até que eu deite em seu peito.

Precisamos de tempo. Preciso de tempo para odiá-lo um pouco mais. Ou talvez, para permitir e conhecer aquele outro sentimento que habita no fundo do meu peito desde o primeiro momento em que o vi. O sentimento que permaneceu escondido e intocado por todos esses anos, porque só pertence a Callan Harkness e que pulsa desesperadamente junto ao meu coração.

Do que esse tipo de sentimento é capaz? Pode ser mais forte e poderoso do que o ódio? O que aconteceria se cedêssemos?

Quero obter respostas para todas essas perguntas, mas, para isso, preciso de tempo. Para isso, Callan não pode morrer ainda.

— Queria que tivesse sido eu — ele volta a falar, alisando meus cabelos, da raiz às pontas. Franzo o cenho, mas ele logo continua: — No incêndio. Queria que tivesse sido eu em vez de Ava.

Meus olhos se enchem de água imediatamente sem que eu possa impedir, turvando a visão do quarto ao redor de nós. A razão se afasta e todo o resto fica fora de foco. Um nó se entala em minha garganta, tornando difícil de respirar.

Não quero ouvir essas coisas, não quero revisitar essas memórias, é doloroso demais.

— Callan...

— É verdade. — Ele faz uma pausa. — Teria dado qualquer coisa para que você não precisasse sofrer daquela forma. Teria trocado minha vida pela de Ava se pudesse.

— Por que nunca me disse isso?

— Seria mais fácil se nos odiássemos.

Não foi mais fácil para mim. Nem de longe.

Isso é real? Se eu fechar e abrir os olhos, vai mudar ou desaparecer? Quero guardar essas palavras, protegê-las, porque elas são a prova de que há um coração quente, vivo e humano dentro desse homem. Que nem tudo foi roubado pelos Corvos e transformado em pedra afiada.

Ainda há mais de Callan ali dentro. Coisas que valem a pena salvar.

Umedeço os lábios e me forço a engolir em seco novamente.

— A febre está te fazendo delirar, não está? — sussurro. Callan dá um riso nasalado, me segurando mais forte, mas não responde.

Encontrar alento nos braços do seu inimigo, *de um assassino*, é uma sensação estranha. Sei que suas mãos estão manchadas de sangue e que isso nunca mudará. Ainda assim, nada mais importa neste momento.

As normas morais convencionais não valem em um mundo como esse.

Entendo isso agora. Em um mundo repleto de monstros, sobrevive quem conseguir ser o mais feroz deles. Foi isso o que Callan precisou se tornar, não havia outra opção para ele.

Consigo compreender parte de suas motivações. Também quero vingança pelo que aconteceu com Ava e Sebastian. E não sei o que sei capaz de fazer, o quão longe conseguirei ir, para concretizar isso.

Talvez sejamos mais parecidos do que esperávamos.

— Queria ser outra pessoa — Callan lamenta, após algum tempo. Ele parece prestes a cair no sono. Não sei, porém, se é um sono comum ou o sono perpétuo da morte, mas estou aterrorizada de qualquer maneira. — Queria ter sido apenas um garoto que cruzou o caminho de uma garota linda, inteligente e teimosa demais para o próprio bem. — Sinto o sorriso fraco em sua voz e o seguro mais forte, minha mão sobre sua cintura. — Eu poderia te amar, se tudo fosse diferente.

Fecho as pálpebras com força, sentindo lágrimas escorrerem para fora dos meus olhos até as minhas têmporas.

Cada palavra sua parece desvanecer com sua fraqueza. Certamente, ele está delirando, o que pode significar que sua febre está alta demais para controlar. Alta demais para ser reversível.

E sei que ele está certo. Eu estava apaixonada por ele no ensino médio, embora nunca tenha admitido isso nem para mim mesma. Teria o amado se ele tivesse deixado. Se ele não tivesse destruído o que tínhamos por causa de quem somos.

Essa é a pior parte. O fantasma do “e se”. A dúvida, as possibilidades... A sombra do que teríamos sido se nossas vidas fossem diferentes, se não fôssemos inimigos de sangue.

— Por favor, não morra — suplico baixinho, os olhos fechados enquanto me atento a cada uma das suas respirações. — *Por favor. Por favor.*

— Não há mais nada que você possa fazer, anjo.

Sua voz soa vaga e distante dessa vez, mas sua respiração continua ritmada. Me apego nisso, no calor que seu corpo ainda emana, e continuo assim

por horas: agarrada a ele como se isso pudesse impedir que a morte o buscasse e o levasse para longe.

Em algum momento, o cansaço me vence. Eu adormeço, e tudo desaparece.



Callan ainda está vivo na manhã seguinte.

E na manhã depois dessa e na próxima também. Ele dorme na maior parte do tempo, mas está comendo e tomando os remédios. Se levanta apenas para ir ao banheiro e trocar os curativos. A febre passou, o que é um bom sinal. Milagrosamente, parece que a pior parte passou. E ele sobreviveu.

Nós sobrevivemos, *juntos*. Um pensamento estranho mas reconfortante.

A tempestade de neve continua imbatível lá fora. Mal dá para ver alguma coisa além de uma imensidão branca. Estamos presos, isolados nesse chalé no meio do nada. Não podemos sair, e ninguém pode chegar até nós também.

Não temos notícias do resto do mundo. A televisão antiga só funciona por uma antena que não tem sinal por conta da nevasca. Os celulares estão fora de rede, e o carro soterrado por muitas camadas de neve. Não sei quanto tempo mais vai durar, embora uma parte de mim deseje que continue assim por mais alguns dias.

Faz meses que não sinto a paz e a tranquilidade desses dias rotineiros e extremamente comuns com Callan aqui no chalé. Depois que o medo e a preocupação se atenuaram, na medida em que o quadro de saúde dele se estabilizou, tudo ficou inesperadamente agradável.

Tenho feito companhia a ele. Às vezes, fico sentada na poltrona no canto do quarto, observando-o dormir e me certificando de que continua vivo. Mas, quando está acordado, nós conversamos sobre tudo o que não envolve o incêndio, a Ordem ou a Sociedade. Ou então, lemos juntos ou jogamos xadrez — encontrei um tabuleiro velho jogado nos fundos de um armário na sala.

Meu oponente não é tão bom nisso quanto pensava. Após perder duas vezes para mim e, na terceira, prever um xeque-mate a três rodadas de distância, ele desiste.

— Jogar com você é enervante — Callan reclama, bufando, e tomba a cabeça para trás na cabeceira da cama.

Só consigo rir, porque ele leva o jogo tão a sério que parece que sua vida depende disso. E, ainda assim, ele perde. Isso o deixa muito frustrado. Ele odeia

admitir a derrota.

— Ah, é? Só porque descobriu que não pode ser o melhor em tudo?

Estou arrumando as peças de volta no tabuleiro quando o pego me encarando como se eu fosse uma jogada de xadrez que ele precisa resolver.

— O que foi?

— Por que não me deixou morrer? — pergunta de repente. Franzo a testa. — Teria sido fácil. Até justificável. Eu não te culparia se optasse por isso.

Eu, de fato, não me culparia se tivesse culhões necessários para tanto. Mas nunca seria capaz.

— Se você tiver que morrer, deve ser uma morte justa. — Teria sido horrível permitir que ele morresse daquela forma. Seu breve sofrimento foi capaz de acordar partes minhas que pensei ter enterrado junto às pessoas que amei e morreram por minha culpa. Não quero sentir esse desespero impotente. — E não sem antes ganhar de mim no xadrez — acrescento aos risos, tentando descontrair.

Mas Callan fica lá, me olhando com um misto de confusão, curiosidade e fascínio, como se nunca tivesse encontrado com um espécime como eu.

No anoitecer do quarto dia, após lavar a louça do jantar — macarrão instantâneo —, quando volto para o quarto encontro Callan encostado na cabeceira da cama com um livro grande nas mãos. Assim que vejo a capa, lembro de tê-lo encontrado com os outros em cima da cômoda, mas como era um livro de fotografias não me interessei.

— O que está vendo aí? — pergunto, me sentando ao seu lado.

A proximidade física deixou de ser estranha entre nós. Estamos dormindo juntos todas as noites, embora não seja com propósito romântico. Quase sempre ele fica no canto dele, e eu no meu. Ontem, contudo, ele me puxou para perto em seu sono. Fez isso involuntariamente, mas eu estaria mentindo se dissesse que meu tolo e estúpido coração não tropeçou uma batida com isso.

— Meus pais queriam visitar todos os lugares que aparecem nesse livro — conta, passando as páginas.

— Eles conseguiram?

— Não.

Minha mãe também tinha o sonho de viajar o mundo, mas nunca conseguiu realizá-lo. Sua vida de solteira ainda é um mistério para mim.

Minha avó Martha não contou muita coisa. Tudo que tenho são antigos álbuns de fotografia que estão em Paris e retratam alguns momentos da juventude de Theresa Baudelaire.

— E você? — mudo de assunto após pigarrear. — Viajou para muitos lugares?

— Alguns — admite.

— Qual o seu favorito?

— Itália — ele nem pensa antes de responder. — O país me encanta. Estive lá de passagem, há alguns anos, mas foi uma experiência... memorável. Foram poucos dias em que estive cercado de tanta música, comida, arte... Como se aquele lugar estivesse vivo e eu pudesse senti-lo respirando, pulsando. Uma pena que nunca mais pude voltar lá.

Fico admirada ao observá-lo. Ele parece tão real agora, tão humano. E parece ter muita coisa a dizer, muita história guardada por trás de suas íris flamejantes.

— Por quê?

Callan se ajeita para ficar mais confortável na cama, suas feições leves e genuínas.

— Circunstâncias da vida, eu acho. — Ele dá de ombros antes de me lançar um olhar de curiosidade. — E você?

— Só fui para a França.

— Ainda — acrescenta, com um sorriso esperto. — Tem a vida pela frente.

— É, acho que sim.

Era o que eu costumava pensar, mas não tenho mais tanta certeza. Acho que nem Callan tem, porque fez uma cara estranha assim que disse aquilo.

Estou caminhando na corda bamba, entre a vida e a morte, desde que os Corvos e os Grifos entraram na minha vida.

A partir de agora, não tenho mais certeza de nada.

— Talvez um dia eu te leve até lá.

Um sorriso sacana cheio de segundas intenções surge no rosto bonito de Callan, e quase me faz acreditar no que ele acabou de dizer.

— Sabe que isso nunca vai acontecer.

Há uma lista interminável de motivos que nos impedem de fazer muita coisa.

— Pensei que fosse uma garota de fé, anjo.

— É, eu também.

Com um suspiro, me levanto e deixo Callan voltar para seu livro e seus pensamentos.

No quinto dia, Callan está visivelmente melhor. A morte não parece mais estar à espreita, o que é um alívio. A neve está baixando também. A tempestade parou durante a madrugada, e o tempo lá fora não parece mais tão mortal. Callan disse que podemos ir até a cidade amanhã pela manhã.

Ele quer fazer alguns telefonemas, presumo que para conseguir

informações sobre a caçada de Wargrave.

Soren e meu pai devem estar feito loucos à minha procura, não sei como vou contornar essa situação quando voltar à Millsdalle. Estou tentando me concentrar em um problema de cada vez.

Está anoitecendo agora. Acabei de sair do banho, e foi a vez de Callan entrar no chuveiro. No momento, me vejo encarando o piano no canto da sala com desconfiança. Nem cheguei perto dele nos dias em que passamos confinados no chalé. É muito parecido com o piano do apartamento da minha avó em Paris. Aquele em que minha mãe aprendeu a tocar e do qual não desgrudava na infância.

Me sento no assento estofado e passo a ponta dos dedos sobre as teclas, sem pressioná-las, só para sentir. Faz anos desde que toquei pela última vez. Cheguei à conclusão de que me trazia mais memórias tristes que felizes, então resolvi dar um tempo.

No entanto, preciso admitir que sinto muita falta.

— Toque para mim...

A voz profunda de Callan me desperta e levanto a cabeça, encontrando-o parado no corredor. Está sem camisa, a bandagem cobrindo o ferimento em seu peito. Usa uma calça preta de moletom e está descalço, os cabelos molhados do banho recente caindo em sua testa.

Seus olhos analíticos me estudam com minúcia, tentando desvendar alguma coisa. Eles passam pelos meus cabelos soltos, os ombros cobertos pelo roupão felpudo, os braços estendidos até as minhas mãos.

Suspiro.

— Eu não toco em um piano há muito tempo.

— Não importa.

Ele parece firme na ideia. Isso me transporta para a época em que tocar com Callan era normal. Passávamos horas imersos em música e livros. Conhecíamos exatamente o tipo de pianista que o outro era.

Era natural para nós.

Talvez seja a hora de deixar essas memórias partirem.

Levo meus olhos até as teclas, respiro fundo e pressiono os dedos para baixo até que o som saia e ecoe por todo o chalé. Não escolho em nenhuma música específica, apenas deixo que o instinto me guie. As notas ainda saem naturalmente, o que me deixa estarrecida.

Fecho os olhos por um instante, sentindo meu vínculo com a música. *Com a minha mãe.* Todas aquelas horas em que passamos sentadas na frente de um piano, lado a lado, com ela me ensinando tudo o que sabia. Naqueles momentos, éramos imbatíveis.

Espero que a tristeza nostálgica apareça, como das últimas vezes em que tentei tocar. Mas agora só consigo pensar em coisas boas. No quanto me sinto preenchida e mais perto da minha mãe.

Quando termino, estou atordoada, admirada. Um sorriso de surpresa paira na minha boca quando me viro para Callan. Ele está me observando com aqueles mesmos olhos de admiração de antes, os braços cruzados, a cabeça tombada para o lado e os olhos vagando pela minha figura.

— Ainda é uma pianista extraordinária, anjo.

Não posso evitar sorrir.

Sinto como se tivesse me apossado de uma parte minha de novo. Reivindicado a mim mesma. Um sentimento tão bom e familiar.

Callan adentra no cômodo, vindo na minha direção. Acompanho os movimentos em silêncio até que ele para atrás de mim, onde não posso vê-lo. Ainda assim, sinto sua presença nas minhas costas, e o toque terno e cuidadoso nos meus cabelos, descendo em direção à nuca, próximo demais da cicatriz recente que Soren causou.

— Deixe-me ver — pede, baixinho.

Suspiro, pensando na última vez em que Callan viu aquilo. Me senti tão exposta e vulnerável. Humilhada, na verdade.

E não sei por que, mas faço o que ele pede. Afrouxo o laço do roupão, deslizando o tecido até abaixo dos meus ombros. Callan afasta meu cabelo para o lado. Prendo a respiração quando sinto seu toque próximo à ferida.

Não dói mais. Ao menos, não fisicamente. Mas é um lembrete eterno do que tudo isso me custou.

— O que é? — murmuro, deixando a curiosidade me vencer.

— Não viu?

— Não tive coragem.

— É o brasão da Ordem — conta, ainda fazendo carinho gostoso nas minhas costas, ao redor da marca. É quase reconfortante. — A silhueta de um grifo. Eles marcam todos os membros quando ainda são crianças.

— James não tinha a marca.

— Ele deve ter demonstrado sua lealdade de outra forma.

Tudo isso é tão horrível que não parece real. Quando consigo dormir, é só isso que habita meus sonhos. Ou melhor, pesadelos.

— Odeio essa marca.

— Não significa nada.

O toque de Callan desaparece, e ele surge em meu campo de visão.

— Significa que Soren nunca vai me deixar ir — explico, olhando direto em seus olhos. — Não enquanto ele e eu estivermos vivos ao mesmo tempo.

— Prometi que ele morreria pelo que fez e eu cumpro as minhas promessas — lembra, tão sério que parece ameaçador. Não duvido das coisas que ele é capaz, mas vê-lo sentindo tanta raiva por algo que me machucou me faz vê-lo de forma diferente. — Vou matá-lo devagarinho, para que ele sofra o máximo possível.

Acho que meses atrás essas palavras teriam me causado desconforto e até repulsa. Agora, contudo, são anestésicas.

— Só quero que isso acabe logo.

Callan se aproxima e leva sua mão ao meu rosto. Ele levanta meu queixo, prendendo meus olhos nos dele.

— Ainda é impressionantemente bonita, anjo. A marca não mudou isso.

Cubro sua mão com a minha, sentindo a textura da sua pele.

Não sei quando passei a buscar conforto em alguém que passei boa parte da minha vida desprezando. Também não quero pensar demais a respeito, porque a explicação para tudo isso pode me assustar tanto que vai me rasgar ao meio. Me dilacerar.

Mas acho que aqui, na reclusão desse chalé cercado por neve, posso baixar um pouco a guarda. Deixar meu coração assumir.

— Não saber o que se passa na sua cabeça sempre me enfureceu — Callan continua, deslizando sua mão para minha bochecha. — Costumava conhecer seus segredos. Me conte um deles agora.

São tantas coisas que escondo há tanto tempo dentro de mim que nem sei como fazer isso. Ainda assim, me esforço para encontrar algo que resuma o que estou sentindo.

— Me sinto vazia na maior parte do tempo. — Ergo os olhos para Callan. — Menos quando estou com você.

A expressão de Callan é difícil de desvendar. Nunca sei o que se passa na sua cabeça, por trás daqueles olhares enigmáticos. Seu toque, por outro lado, diz tudo. Seus dedos afundam nos cabelos acima da minha nuca, se embrenhando em meu couro cabeludo. Ele puxa minha cabeça para trás, apenas o bastante para que nossos olhares se fixem um no outro.

— Quando sobrevivi ao Purgatório pela primeira vez, achei que estava morto por dentro. Destinado a vagar pelo mundo em um abismo profundo e escuro pelo resto dos meus dias. Até que você voltou. E nada me faz queimar além de você. Nada mais me faz sentir vivo. Todo o resto do tempo, eu sou um amontoado de ossos gelados, mas quando estou com você... — Ele faz uma pausa, quase como se sentisse dor física ao proferir cada uma daquelas palavras. Guardou isso por tanto tempo quanto eu. É difícil admitir em voz alta. Fomos criados para sentirmos aversão um pelo outro, para nos repelir mutuamente. E,

ainda assim, aqui está essa atração incontrolável. — Quando estou com você, me sinto humano. Inteiro. Alguém feito de carne e sangue de novo. É como a porra de uma maldição, sabe? A única coisa que me deixa inteiro é exatamente aquilo que eu deveria destruir acima de tudo. Você só me torna mais fraco a cada dia.

Arfo, bombardeada por sua confissão.

— Quer me destruir? — sussurro, presa pelo seu toque e pelo poder de seus olhos flamejantes.

— Muito.

— Mas não é capaz disso, é?

— Não — admite. — Não sou.

Meu coração pulsa com violência, batendo dolorosamente no peito. Quase perco o ar e sufoco em minha própria respiração.

— E me odeia por isso — constato.

Callan assente.

— Pra caralho — concorda.

Aposto que também se odeia pelo mesmo motivo.

Abro a boca para lhe dizer exatamente isso, mas não tenho tempo. Callan me levanta e me puxa para si mais rápido do que consigo processar. E, então, seus lábios estão nos meus.

E é como se eu respirasse pela primeira vez em anos.

Sua língua quente desliza sobre a minha, e exploro sua boca com prazer. Seu hálito é fresco, e seu gosto se tatua em mim como uma velha memória. Agarro seus ombros, como se pudesse desmoronar a qualquer momento, e Callan me firma com uma mão em minha nuca e a outra em meu quadril.

É um beijo desesperado, como se fosse nossa última oportunidade de ter e aproveitar isso. Ele parece tão mexido quanto eu, se segurando a mim também.

Acho que é assim que nos destruímos.

Callan chupa meu lábio inferior, e, em resposta, mordo o seu, forte o suficiente para arrancar-lhe um gemido. Quando ficamos sem fôlego, sua boca desce até meu pescoço. Seus lábios percorrem minha garganta, depositando beijos molhados antes de finalmente sugar a pele entre seus dentes.

Ele desata o nó do meu roupão em questão de segundos e logo sua mão está explorando meus seios. Callan aperta um mamilo entre os dedos, e me sinto pulsar, a umidade no ponto entre minhas pernas cresce, molhando a parte interna das minhas coxas.

Rolo os olhos, à beira do delírio.

Callan me empurra para a borda do piano, elevando meu quadril para que eu consiga me apoiar, então se senta à minha frente na banqueta. Ele desliza suas mãos por todo meu corpo até minhas coxas, como se estivesse moldando uma

escultura de cerâmica com a ponta dos dedos.

De repente, ele abraça minha cintura, apoiando a testa na minha barriga. É quase como se estivesse sofrendo. Ofego em surpresa, embrenhando meus dedos pelos fios negros do seu cabelo.

— Estou cansado, anjo — confessa, me fazendo franzir o cenho. — Cansado pra caralho de você me assombrando. De desejá-la e não poder tê-la. Quero apenas tomá-la e despertar em você a mesma obsessão doentia que sinto arder toda a vez que te olho.

Suas íris estão acesas, como fogo vivo. E sinto as chamas lambendo todo meu corpo conforme elas passam por mim, numa mistura de lascívia e admiração.

— Sou o que você quer? — sussurro de volta, segurando-me em seus ombros. — Então pegue, Harkness.

A expressão no rosto de Callan muda, e um sorriso perverso repuxa o canto de sua boca. Ele me encara como um desafio, porque aperta minha cintura com força antes de me puxar mais para a borda. Os sons das teclas do piano sendo pressionadas pela minha bunda fazem meu corpo inteiro vibrar em sintonia.

Callan coloca minhas pernas em seus ombros e se inclina, sem nunca tirar os olhos dos meus.

Em seguida, ele me abocanha.

Sua língua está em mim, lambendo e chupando meu núcleo como se fosse o fruto mais doce. Meu clitóris lateja, e meus calcanhares sacodem no ar. As ondas de prazer fazem minhas pernas tremerem e minha mente anuviar.

Quando menos espero, dois dedos me invadem, penetrando repetidamente enquanto seus lábios sugam meu clitóris violentamente. Me contorço em seus braços, buscando qualquer tipo de alívio. Me sinto fora do controle, tudo foi tomado por Callan.

E agora ele vai me arrastar para onde quiser.

Seus dedos me fodem com força num ritmo que beira o insano enquanto sua língua bebe cada gota da minha umidade. Afundo minhas unhas pontiagudas em seus ombros, sem me importar se o machucarão. A dor serve de combustível para ele ir mais forte e mais rápido.

Arfo, sentindo meus seios pesados e duros. Meus quadris balançam, rebolando em busca de mais. Sempre mais.

Até que explodo e me desfaço com um grito primitivo. Não me importo em ser silenciosa dessa vez. O prazer me domina, tomando as rédeas como um animal irracional. Meu corpo inteiro treme, sacudindo com o efeito inebriante do orgasmo.

E, antes mesmo que o efeito tenha passado, com meus olhos ainda fechados, sinto a cabeça quente do pau de Callan cavando em minha entrada molhada. Subitamente já estou desejando mais de novo. Sua boca desce até a minha, sua respiração quente me envolvendo, e ele sussurra na minha boca:

— Vou te foder agora, anjo. E, quando você gozar, quero que pense em como estou possuindo tudo de você. Que seu corpo e sua alma pertencem a mim agora. — Um de seus dedos percorrem o contorno dos meus lábios, me fazendo ofegar de tesão. — Destruirei qualquer um que ficar no meu caminho até você.

Uma parte doentia e bestial dentro de mim se regozija com cada uma dessas palavras, me atiçando feito brasa. Agarro seu pescoço com um dos meus braços enquanto a outra mão desde por seu ombro tatuado.

É quando sinto uma textura diferente sob meus dedos. Mesmo coberta por uma boa parcela de tinta, há um pedaço de pele fina retorcido em uma cicatriz mais clara. É grande e circular, como uma queimadura. É quase imperceptível pela ponta da asa do corvo de sua tatuagem.

Franzo o cenho, intrigada, mas não tenho tempo de pensar ou questionar.

Callan desliza para dentro com facilidade através da minha umidade em uma estocada firme. Ele se afunda no meu interior, batendo em mim profundamente. Meu corpo se dilata para acomodar sua longa extensão, e meus dentes cravam em meu lábio inferior, repelindo um gemido gutural de dor e prazer.

É extasiante, como uma droga poderosa. O melhor dos dois mundos.

Minhas pernas se enrolam em seus quadris enquanto ele estoca com mais força, minhas costas batendo repetidamente contra a estrutura ornamental do piano. O som do nosso sexo faz as paredes do chalé estremecerem e fica cada vez pior, conforme Callan me fode, socando agressivamente dentro de mim como se estivesse me possuindo de verdade.

É como uma dança animalesca. Nossos corpos em sincronia, se movendo como um só. Me agarro a ele, e ele se agarra a mim.

Empurro os quadris na direção dos seus, esfregando a pélvis na dele. A fricção quase me enlouquece.

Estou entorpecida, à deriva. Callan assume o controle sobre meu corpo, como prometeu. E ao mesmo tempo em que odeio isso, também amo.

Minhas paredes internas apertam ao redor do seu pau e basta que Callan circule um dedo sobre meu clitóris inchado para que o orgasmo me atinja novamente, fazendo meus músculos sacudirem em espasmos.

Logo em seguida, Callan dá uma última investida, estocando até o fim. Ele goza fundo dentro de mim, deixando escapar um gemido rouco de prazer seguido de um palavrão.

Meu corpo está mole, mas sedento por mais. Continuo agarrada à Callan, tentando normalizar a respiração. Mesmo suados, a sensação de nossas peles quentes grudadas uma na outra é o paraíso. Como se, pela primeira vez em muito tempo, estivéssemos realmente conectados. A fachada que esculpimos nos últimos anos parece ter caído e agora podemos ver um ao outro de verdade.

Callan abraça firme minha cintura, e um sorriso determinado volta a surgir em seu rosto. Em um silêncio confortável, apenas observo seus olhos luxuriosos quando ele me pega no colo, como se eu não pesasse nada, e me leva em direção ao quarto.

E, então, fazemos tudo de novo.

36

C A L L A N

Eu deito nas cinzas de você
Na teia de uma aranha entre as estrelas
Você está exatamente onde você pertence
Você está voltando para casa
Noite após noite
Eu fecho meus olhos e penso em você
After night — MXMS

SLOAN KESTREL ESTÁ DORMINDO pacificamente ao meu lado. Seu corpo nu, envolto em lençóis brancos, os cabelos vermelhos feito fogo espalhados pelo travesseiro como labaredas. É uma visão estarrecedora.

O único som do ambiente é sua respiração tranquila e profunda. Ela está voltada na minha direção, como se buscasse pela segurança da minha presença.

Meus olhos estão pesados de sono, mas não permito que eles se fechem e que meu corpo adormeça. Não quero dormir. Não ainda, ao menos. Quero capturar cada detalhe dessa imagem diante de mim, porque não sei quanto ainda vai durar. Será efêmero, tenho certeza.

Quero ter uma memória clara a qual me apegar quando isso, essa paz, escorrer por entre meus dedos. O caos me espera em Millsdale. Lá, Sloan e eu ainda somos inimigos de sangue. Lá eu devo abrir mão do que eu quero em prol dos interesses da Sociedade.

Pensei que seria difícil admitir, de uma vez por todas, para nós dois que o que eu desejo é ela. Mas foi surpreendente fácil. Doloroso mas natural. Como respirar fora da água após um longo período de afogamento.

Desde os meus malditos dezessete anos, Sloan é tudo no que consigo pensar. Minha mente, meu corpo e minha alma pertencem a ela. Sou um refém dessa mulher e de tudo o que ela representa.

Lutei contra isso com todas as minhas forças, mas essa era uma batalha perdida desde o começo. Eu nunca poderia vencer.

Suspiro, acariciando seu ombro exposto com a ponta dos dedos. Sua pele é quente. Tão doce, humana e etérea. Não sei há quanto tempo me permiti tanta vulnerabilidade dessa forma. Já tinha me esquecido de como é sentir algo além de ódio. Se parece muito com liberdade, o que é estranho, porque nunca estive

mais preso.

Preso à Sloan Kestrel.

Talvez esteja preso a ela para sempre.

Estou quase fechando os olhos e me deixando levar pela maré de sonolência. Não costumo dormir mais do que algumas breves horas por noite. Isso mudou quando chegamos ao chalé. Me permiti relaxar. Nunca dormi tanto e tão bem. Talvez seja porque não preciso me preocupar com mais nada aqui, isolado do resto do mundo.

Talvez seja porque consigo sentir o calor de Sloan bem perto, dormindo ao meu lado todas as noites.

Não quero que isso acabe, porra.

Praguejo mentalmente, passando as mãos em meus cabelos com agonia.

É quando ouço algo diferente. *Ou talvez, tenha sentido*. Mas, de qualquer forma, meu instinto desperta e abro bem os olhos, virando-me para a janela do quarto.

Lá fora há apenas a noite escura de Montana. Um céu negro, sem estrelas, e a sombra das árvores distantes. Ao menos, não está nevando. Mas ainda não é possível enxergar nada com clareza.

Mais desperto do que nunca, me levanto. Seja o que for, preciso checar. Não vou conseguir descansar caso o contrário.

Apanho a Glock G22 na gaveta da mesinha de cabeceira e coloco os pés no chão. Quando tenho a confirmação de que a janela permanece trancada, saio para o corredor. O som dos meus passos no assoalho ecoa enquanto sigo na direção da sala de estar.

Tudo está estranhamente quieto e escuro. Não há nem mesmo o som do vento lá fora. É tão silencioso que parece que há algo de errado.

Nos estudos de iniciação em Hollowmore, os Corvos aprendem a ser cautelosos ao extremo. Para nós, há apenas dois tipos de pessoas no mundo: aliados ou inimigos. E, considerando que muitos sonham nos destruir, precisamos saber como nos defender.

Somos ensinados a manejar qualquer tipo de arma, embora não seja nossa especialidade. Temos que estar sempre preparados.

Destravo a pistola e a deixo preparada enquanto vasculho o chalé.

Não há ninguém aqui dentro além de Sloan e eu.

Vou até a porta da frente, pronto para abri-la e investigar nos arredores do terreno. Mas não tenho tempo. Um baque me surpreende, fazendo a madeira da porta tremer e ceder rapidamente, abrindo com um solavanco.

Por reflexo, dou um pulo para trás, o dedo pronto no gatilho, quando identifico uma arma apontada diretamente para minha cabeça.

Vejo Cyan Wargrave diante de mim, parado sob o batente da porta que acabou de arrancar das dobradiças. Está sozinho, pequenos flocos de neve cobrindo seus cabelos curtos e o casaco grosso que ele veste.

Seus olhos absolutamente escuros se estreitam conforme um sorriso de satisfação se abre em seu rosto perverso.

O desgraçado parece mais do que feliz por ter me encontrado.

Só não sei como isso aconteceu, porque ninguém além dos Corvos conhece a localização desse chalé.

A não ser que um dos meus tenha me traído.

Travo a mandíbula.

— Enfim te encontrei — cantarola, dando um passo para dentro da casa. — Sabe, não foi tão difícil.

Engulo em seco, mirando diretamente em seu peito. Um disparo seria o suficiente. Ele morreria rápido, da mesma forma que meus outros alvos. Uma morte misericordiosa, no fim das contas.

Mas há um agravante. Sloan está dormindo nua no quarto.

Ouço sua voz me chamar nos fundos do chalé. Algo desperta em mim em resposta. O mesmo instinto desconhecido que surge toda a vez que Sloan está em perigo. O ódio me consome, apossando cada um dos meus sentidos, tomando controle da minha mente e corpo. Nesses momentos, não vejo nada além de um mar vermelho.

Em seguida, seu grito agudo e o som de vidro quebrando rompem o ar.

— Nem pense em se mexer — me adverte Cyan, seu dedo também pairando no gatilho do revólver. — Teria sido tão fácil se você apenas me entregasse a cadela, Harkness. Eu não precisaria ter iniciado uma guerra em Millsdale, nem ter te seguido até esse maldito fim de mundo.

Seus olhos se desviam para algo atrás de mim, e não consigo fazer nada além de olhar com fúria na mesma direção, apenas para ver Sloan de roupão sob domínio de um homem com o dobro do seu tamanho e tatuagens cobrindo cada pedaço da sua pele branca. Ele segura Sloan pelos cabelos, pressionando uma faca em sua garganta.

Os olhos azuis cristalinos da garota pairam em mim. Está com medo, mas não demonstra. A expressão é invicta, determinada. Ela não se dobra com facilidade.

Minha garota.

— Agora vou ter que matá-lo — Cyan continua, com um suspiro de aborrecimento. Levo meus olhos de volta para ele, tentando arquitetar uma forma de sair dessa situação sem que isso custe a vida de Sloan. — E você é o único culpado por isso.

— Acha que não consigo matar vocês dois? — rebato, achando graça. Tento ganhar tempo enquanto meu cérebro trabalha. — Você está fraco, Wargrave. Do contrário, essa casa já estaria cercada dos seus homens. Agora você não é mais nada. Cometeu o pior erro da sua vida quando cruzou o meu caminho.

Cyan estala a língua, caindo na minha armadilha.

— Você se importa com ela, não é? E ainda me chama de fraco! — O desgraçado ri, sem nunca me tirar da mira. — Tive uma dessas também. Uma mulher que conseguia mexer com partes minhas que pensei estarem mortas há muito tempo. Ela era... — Wargrave faz uma pausa, suspirando — impossível de domar, sabe? E, antes que eu me desse conta, já estava em suas mãos e ela já tinha gerado um filho meu. Uma pequena aberração que tinha mais de mim do que dela. No fim, ela só serviu para me enfraquecer. Um pouco mais a cada dia, até estar prestes a perder tudo. Todo o império que construí a base de muito sangue e suor.

Aperto a arma com força entre meus dedos, a tensão fazendo meu coração martelar pesado. Contraio tanto a mandíbula que meus dentes rangem.

— Então, infelizmente tive que me livrar dela — Wargrave continua, sem um pingo de emoção na voz. É como um maldito psicopata falando. — Você está trilhando o mesmo caminho, meu amigo. Essa devoção vai te custar muito mais do que você está disposto a pagar. Se eu matar a garota agora, é quase um ato de misericórdia.

Wargrave é um monstro pela definição clássica. Matou e torturou mais pessoas do que eu seria capaz de contar em vida. Ele foi forjado para isso, da mesma forma que eu. Sua missão, assim como a minha, era construir um império.

Qualquer fraqueza é capaz de colocar tudo a perder. O ódio, assim como o amor, só torna as pessoas irracionais. Os Corvos são ensinados a não sentir nenhum dos dois, a serem analíticos e controlados, máquinas perfeitas.

Nunca funcionou muito comigo. Já havia muito ódio em mim quando comecei a iniciação, mas isso nunca me pareceu uma fraqueza. Já o que sinto por Sloan...

— Poupe seu fôlego — o interrompo, cansado pra caralho de ouvir suas ladainhas. — Vai ter que me matar se quiser sair daqui vivo e nós dois sabemos que isso não vai acontecer.

— Estamos em um impasse, huh? Se você atirar, eu atiro e nós dois morremos. E, pro seu azar, tenho sua garota. — Com a mão livre ele coça o queixo coberto por pelos grisalhos da barba por fazer. — Sorte a sua que sou um cara justo. O que acha de resolvermos as coisas ao nosso modo? No Sancto, por

exemplo. — Ele sorri. — Conhece bem o lugar, não é? Eu costumava lutar lá também. Mas as circunstâncias mudaram. Que tal uma luta justa agora?

Respiro fundo, ponderando.

Enquanto Sloan estiver nos braços de um capanga de Wargrave, não posso agir. Seria arriscado demais. Normalmente, eu assumo os riscos, mas há muito em jogo agora.

E não vou deixar Sloan correr risco de vida de jeito nenhum.

Por outro lado, me garanto numa luta. Não perdi nenhuma desde que lutei no Sancto pela primeira vez. E, se Cyan já lutou mesmo lá, então ele deve saber disso.

Não tenho para onde correr.

O movimento de Wargrave chama minha atenção, e, surpreendentemente, ele está abaixando sua arma, se rendendo.

— Aceite isso como uma demonstração de boa vontade. Sempre quis lutar com você como homens, Harkness. Dizem que é o melhor.

Bem, eu sou.

Minhas lutas são limpas e rápidas. Não perco tempo com nenhum show de ego e crueldade, como Ares faz nos ringues.

Cyan joga o revólver no chão e o chuta para longe, mantendo as mãos para o alto. Estou prestes a fazer o mesmo quando dou mais uma olhada em Sloan. A lâmina pressiona fundo seu pescoço, o suficiente para que eu veja um filete escarlate escorrer pela sua pele alva, perigosamente próximo da jugular.

Minha boca seca, e a urgência me envolve. O bom e velho ódio retornando.

Como diabos ele ousa fazê-la sangrar?

O instinto me domina totalmente. Quero acabar com ele agora mesmo. Mas Sloan ainda está ali, no fogo cruzado. Suas íris azuis se fixam em mim, aterrorizadas, mas ela permanece convicta e forte.

E acho que Sloan interpreta meu olhar como um sinal, porque, em uma sequência de movimentos rápidos, ela dá uma cotovelada nas costelas do homem. Então, ela corre.

— Vadia — o tatuado cospe, fazendo menção de correr atrás dela.

É quando ajo por impulso, viro minha arma, encaixando-o na mira, e disparo várias vezes, alvejando o parceiro de Cyan sem me importar com mais nada. Nesse momento, não penso. Só vejo o vermelho do sangue de Sloan e como aquele maldito estava prestes a cortar sua garganta bem na minha frente.

Só paro de atirar quando as balas no pente acabam. O corpo dele sacode de forma brusca a cada disparo, o sangue empapando sua camisa.

Uma satisfação doentia me preenche, porque sei que agora ele nunca

mais poderá machucá-la, nem sequer chegar perto dela, mas dura pouco.

— Isso foi por tocar nela — explico com tranquilidade, mesmo que o homem já esteja morto.

O corpo grande dele tomba no chão imóvel segundos depois, os olhos arregalados e vidrados na direção do teto. O sangue cobre sua roupa e mancha o assoalho, da mesma forma que aconteceu no chão da sala da minha casa, tantos anos atrás.

E, em alguns flashes, a memória retorna. Já não é o corpo de um desconhecido, mas do meu pai. Seus olhos estão vazios da mesma forma, e o sangue em sua camisa me deixa atordoado.

Pisco até a imagem sumir, o que acontece bem rápido, mas mal tenho tempo para processar o que acontece. Vejo o vulto de Sloan correndo na direção da cozinha antes de Cyan saltar sobre mim, me jogando no chão violentamente com um rosnado de raiva.

O choque do meu ombro machucado me faz estrangular um gemido de dor. Cyan só tem tempo de atingir um soco em minha mandíbula antes que meu punho golpeie seu abdômen uma sequência de vezes, bem em cima de seus rins. É um ponto vulnerável do corpo humano que, se atingido corretamente, pode causar uma dor dilacerante.

A intensidade dos golpes faz minha mão doer, mas não paro, desvio de mais um soco seu e o chuto para longe de mim.

Subo em cima de Cyan, pressionando seu tórax para baixo com meu joelho, enquanto meu punho arrebenta seu rosto. O sangue cobre a área ao redor de seus olhos, transformando sua pele em uma massa rasgada e mole. Abro um corte em seu supercílio, outro na sua boca e em cima de seu osso zigomático. Trituro seu nariz, ouvindo o barulho agonizante do osso se partindo e da cartilagem se deslocando.

Ele grita de dor e se debate. Seguro-o pelo pescoço com a mão esquerda, esmagando sua traqueia até bloquear sua respiração.

Não preciso de uma arma para aniquilá-lo, embora fosse mais fácil e fizesse menos bagunça.

Mas, enquanto estrangula por ar, Cyan levanta uma mão e consegue me atingir bem em cima do ferimento de bala recém-suturado. Antes que eu possa empurrá-lo, ele afunda o polegar na ferida por cima da bandagem, arrancando de mim um grito gutural. A dor lancinante faz meus olhos lacrimejarem e meu corpo enfraquecer.

— Te atingi em cheio naquela noite, não foi? — O desgraçado ainda ri, com os dentes manchados de sangue.

Wargrave aproveita o momento para inverter nossas posições bem no

instante que sou tomado pela dor. Bate minha cabeça contra o chão, forte o bastante para fazer meu crânio chacoalhar, mas não perco os sentidos. Suas mãos me estrangulam com toda a força, escurecendo minha visão.

Sinto as veias do meu pescoço serem comprimidas. Meus movimentos enfraquecem, mal surte algum efeito quando tento golpear seu rosto. O ar é drenado dos meus pulmões, e engasgo, sufocando. A pressão na minha cabeça aumenta, meus ouvidos estouram e parece que meu corpo inteiro está ardendo em chamas.

Porra, não posso morrer. Não posso deixá-lo levar Sloan.

Os pensamentos se esvaem da minha cabeça conforme minha mente se distancia. Os sons já sumiram, restando apenas os batimentos do meu coração, que diminuem lentamente.

Minha visão já está totalmente escura quando sinto a pressão em meu pescoço se aliviar. O peso é retirado de cima de mim de uma só vez. Volto a enxergar, conseguindo já focar em alguma coisa.

Consigo reconhecer a silhueta de Sloan. Ela tem algo na mão. Uma lâmina comprida e reluzente. Faca de carne, talvez.

E ela enfia o objeto pontiagudo bem na barriga de Wargrave. Em seguida, retira e enfia de novo, de novo e de novo. Parece possuída uma força desconhecida e poderosa.

Me apoio nos cotovelos, ainda tonto e atordoado pela dor, e vejo Cyan cair no chão, engasgando com o próprio sangue, os membros convulsionando. Ele tenta estancar o sangue dos cortes profundos com as mãos, mas é tarde demais. Sloan deve ter atingido vários órgãos.

Há muito sangue, por toda parte.

Alguns segundos se passam, e, quando Wargrave enfim morre, o som da faca caindo no chão chama minha atenção. Me levanto, olhando preocupado para Sloan.

Eu a inspeciono, procurando por ferimentos. Há respingos de sangue em seu rosto e pescoço, transformando-a no que poderia ser a protagonista de um filme de terror.

Mas, porra, ela nunca esteve tão linda.

Em seus olhos há o fogo da cólera, uma raiva caótica que a encheu de coragem e a tornaria irreconhecível para qualquer outra pessoa. Mas eu a vejo melhor do que ninguém, melhor do que nunca.

Ela pisca, tão atônita quanto eu. Uma mecha espessa de seu cabelo cai perto de seu rosto quando ela olha para baixo, para suas mãos banhadas em sangue. E ela não está tremendo. Tampouco chorando ou vomitando.

Talvez esteja em choque.

Me aproximo com um passo cauteloso, mas que é o suficiente para fazê-la levantar a cabeça e me fitar. As expressões em seu rosto estão inertes, em vez de aterrorizadas. Seus orbes azuis percorrem meu corpo, vasculhando por toda a bagunça de cortes, sangues e hematomas causados por Cyan.

— Você... — ela gagueja antes de engolir em seco. — Você está bem?

Como ela pode, depois de tudo o que aconteceu, ainda se preocupar comigo? Isso é um mistério que nunca vou conseguir solucionar.

Sinto meu coração voltar ao ritmo normal, voltar a bombear sangue para o resto do corpo. Minha respiração também se abranda. A dor, contudo, permanece. Tenho certeza que o maldito do Wargrave rompeu todos os pontos no orifício acima do meu peito.

Aceno positivamente em resposta à Sloan.

— E você?

— Eu o matei — murmura, perplexa. Seu lábio inferior treme, e suas sobrancelhas franzem num vinco de dúvida. — E não me arrependo.

Ela pisca, atordoada, e diminuo a distância entre nós. Afasto o cabelo e seguro seu rosto entre as mãos.

— Você salvou a minha vida, anjo. De novo.

Nunca quis tanto beijá-la. Ou embalá-la em meus braços para garantir que está segura. Que está comigo.

Ela cobre uma das minhas mãos com a sua, o toque parece tranquilizá-la um pouco. Sloan respira fundo algumas vezes, apertando meus dedos entre os seus.

Tanto sangue assim não me assusta mais desde que eu era criança, mas Sloan nunca viu nada desse tipo. Nunca presenciou a morte de perto, da forma mais visceral que existe. E eu gostaria de ter conseguido preservá-la de tudo isso desde a primeira vez em que a vi, mas esse mundo cobra seu preço.

Ao menos, Sloan é forte o bastante para atravessar qualquer turbulência.

— Você já salvou a minha algumas vezes também — ela sussurra, prendendo os olhos nos meus. — Estamos quites, Harkness.

O som de motores nos interrompe, me deixando em meu estado usual de alerta. Me apresso em apanhar o revólver de Wargrave do chão com todas as balas preservadas no tambor.

Ótimo.

— Se precisar correr, saia pela janela do quarto e vá para o leste, na direção da cidade — aconselho, meus ombros rijos quando endireito a coluna. Me posto à frente de Sloan, já me preparando para a chegada de mais inimigos.

Mais homens de Cyan, talvez. Ou Deacon.

As poucas balas nesse revólver não serão capazes de pará-los. Mas não

tenho outro plano.

Os carros lá fora param. Estão com os faróis apagados.

— Não vou fugir — Sloan sussurra, tão determinada e corajosa como sempre. — Da última vez que fiz isso, você foi baleado.

— Não se preocupe comigo — ordeno. — E não discuta.

Não posso lutar com quem quer que seja se estiver me preocupando com a segurança dela ao mesmo tempo.

Me viro na direção da porta arrebentada. O ar gelado entra no chalé com o sopro incessante do vento. O uivo agressivo do clima típico dessa região é quase familiar. Me faz lembrar os longos meses em Hollowmore, cercado pela neve infinita. Os dias pareciam durar anos naquele lugar.

Miro bem no meio da abertura onde a porta deveria estar, pronto para atirar a qualquer momento. Ouço os passos na neve acompanhados de sussurros inquietantes.

E, então, com meu dedo a postos no gatilho, os cabelos platinados de Roman Drago surgem no meu campo de visão.

Expiro o ar com alívio, abaixando a mão.

— Uau! — assobia ele, colocando as mãos nos bolsos do sobretudo cinza-escuro. Os olhos verdes passeiam pela cena horripilante, pelos corpos e pelo mar de sangue, antes de encararem Sloan e eu. — E vocês nem me chamaram pra festa?

Ele dá risada, achando graça da situação, e noto de soslaio quando Sloan se encolhe um pouco.

Drago está acompanhado dos soldados da Zmey. Mafiosos russos e inescrupulosos, prontos para qualquer coisa. Seguem as ordens mais absurdas de Drago como se fossem um pelotão militar.

Se existe qualquer coisa mais brutal e cruel do que a iniciação dos Corvos é o treinamento para a Zmey.

Bufo, marchando até a cozinha. Deixo a arma no balcão e abro a torneira, enfiando as mãos sob a água quente.

— O que aconteceu aqui? — Roman pergunta, adentrando na sala de estar.

O sangue é lavado das minhas mãos, escorrendo para o ralo junto com a água. Avalio os machucados em meus punhos. Os nós dos meus dedos estão rasgados, o que não é uma surpresa. Seguro o desconforto causado pela dor dos machucados.

— Alguém me traiu — vou direto ao assunto, fechando a torneira, e apoio as mãos no balcão.

— Eu sei. — Roman suspira, acenando para seus homens, que começam

a investigar o resto da casa. — E você também sabe quem foi.

Não preciso pensar muito para chegar a uma conclusão. Está muito claro. Josephine e Drystan me avisaram disso antes e não dei a devida importância.

— Jasper St. Clair — cuspo seu nome com raiva e rancor, meus punhos se fechando instintivamente. Ele quer o meu trono desde sempre, só não imaginei que seria capaz de ir tão longe. Suas intenções são óbvias. Ele me quer morto. O fim da dinastia Harkness e a oportunidade perfeita para a ascensão dos St. Clair. — Temos como provar?

— Não. Josephine veio até mim, mas ela não vai testemunhar perante o Conselho.

Não fico surpreso, tampouco a culpo. Josephine não pode se indispor com a própria família a esse ponto, ao mesmo tempo em que não quer se indispor comigo, caso eu vença essa disputa interna. Mas *quando* eu vencer, os St. Clair serão excomungados e banidos da Sociedade.

Não posso correr o risco de uma nova disputa pela herança da coroa dos Corvos. Sua família sabia o que viria quando decidiu conspirar contra mim e agora sofrerá retaliação. Se conseguir provar a traição de Jasper, o levarei ao Conselho com o intuito de condená-lo à morte. Os Patronos não poderão ficar contra mim diante do crime mais grave previsto no nosso Código.

Traição contra a Sociedade é punida com morte, e conspirar pela morte do líder é a mais suja das traições.

— Temos que voltar — Roman continua, dessa vez com uma preocupação evidente em seu rosto pálido. — Há uma guerra em Millsdale, Callan. O caos está instalado, a cidade está sob toque de recolher.

Engulo em seco, sua preocupação me atingindo também.

Fiquei tão em paz nesses últimos dias que me esqueci que coisas muito ruins podiam estar assolando minha cidade. Me permiti desligar a mente, algo que nunca faço. Foi bom, mas, como previ, isso deve ficar pra trás a partir de agora.

— O que houve? — Mal consigo disfarçar o receio em minha voz.

Roman para na minha frente, os olhos arregalados olhando fundo nos meus. É raro vê-lo tão sério e preocupado. Sempre que isso acontece é um mau sinal.

— Aquela noite nos túneis — diz, assombrado. — Alguns de nós morreram.

— Quero nomes.

— Evan Sharpe.

— *Porra*.

Minha cabeça despenca. Meus olhos encaram as mãos arrebentadas sobre

a bancada.

Evan era meu associado mais leal e confiável.

Agora entendo a preocupação de Drago. Os homens de Evan também são extremamente leais, tenho certeza que vão até o inferno para vingar a morte de seu chefe.

Sem ele, East End fica mais próxima do colapso total.

— As gangues associadas a nós declararam guerra contra os Grifos — Roman informa. — Estão caçando aqueles filhos da puta. Deacon está revidando. Fecharam a ponte Gladford.

— E a polícia?

— Estão de mãos atadas.

Caralho.

Isso é exatamente o caos que tentei evitar desde que Deacon descobriu sobre mim e os Corvos. Desde que matou meu tio ele, declarou guerra e, embora não tivesse agido instantaneamente na época, eu sabia que suas jogadas terríveis estavam por vir.

— Tem mais uma coisa — Roman diz, baixinho, após uma pausa.

Encontro seu olhar novamente, percebendo algo mais grave do que apenas consternação estampando seu rosto agora.

— Diga de uma vez — ordeno, sem paciência.

— Deacon acha que estamos com a noiva dele. Seus homens invadiram a Nemesis há dois dias. Estão matando um refém a cada hora que Sloan fica desaparecida.

Fecho os olhos por um segundo, pensando na bagunça que isso vai causar.

Há muito trabalho esperando em Millsdale, é uma surpresa que Drago não tenha vindo atrás de nós antes.

— Vou voltar — Sloan se pronuncia pela primeira vez.

Seu rosto, ainda coberto por respingos de sangue, está determinado. Os olhos, impassíveis.

Sabia que toda essa merda mexeria com ela. Sloan não consegue evitar tentar fazer a coisa certa. Acha que pode salvar a porra do mundo inteiro.

— Não.

— Callan... — Roman tenta me interromper, mas levanto uma mão, calando-o.

Sei o que ele vai dizer. E o que os outros Corvos vão dizer também. Mas não tinha nenhuma chance de eu entregar Sloan para Wargrave, assim como não tem nenhuma chance de eu entregá-la para Deacon.

Sloan não se manifesta, mas ainda a vejo em discordância. Ela semicerra

os olhos na minha direção, teimando em silêncio.

— Ninguém vai fazer nada enquanto eu não pensar em um plano — determino, em especial para Sloan. Em seguida, me viro para Roman. — Drago, mande a Zmey bloquear as outras pontes. Ninguém entra em East End sem que saibamos quem é. Vamos para a Catedral. Pelos túneis, se for preciso.

Tenho uma viagem de algumas horas para ir pensando no que fazer.

Quando Sloan vai para o quarto se lavar e colocar uma roupa, Roman me olha em questionamento. Sei que muitas coisas devem estar passando em sua cabeça, mas não tenho tempo, nem vontade de explicar o que aconteceu nesses cinco dias.

A partir de agora, quero me ater exclusivamente aos negócios.

No carro, Sloan se senta atrás, o mais longe possível. Ela passa todo o tempo em silêncio, como se estivesse sendo levada sem seu consentimento. Seu olhar é distante e, novamente, me encontro desesperado para saber o que permeia sua mente.

Gostaria que tivéssemos mais tempo. Que ela pudesse entender.

Mas, no fim das contas, não importa.

Não estou disposto a abrir mão dela, custe o que custar.

37

S L O A N

Você se sente seguro?
Exposto à luz do sol
Ou esse é o lugar
Onde monstros se escondem?
Você não é um alvo tão fácil
Um minuto eu te conheço, e no outro não
Who Are You — SVRCINA

As paredes de pedra da Catedral de St. Lazarus são escuras e, usualmente, opressivas. Agora, contudo, já se tornaram quase familiares. Estou na torre leste, em uma acomodação muito semelhante a um quarto comum, embora se pareça mais com um cativeiro, dependendo do ponto de vista.

Chegamos há algumas horas. Drago tinha um helicóptero esperando por nós na saída de Missoula, o que nos poupou de uma viagem de carro extenuante. Durante todo o voo, eles conversavam de negócios. Como resolver a situação calamitosa em que a cidade de encontra.

Uma situação que, mesmo de forma indireta, foi causada por mim. Civis estão morrendo nesse fogo cruzado. Pessoas inocentes.

E eu poderia acabar com esses conflitos, mas estou aqui feito uma covarde no topo dessa torre, remoendo o fato de que assassinei um homem.

Não consigo parar de encarar as mãos. Eu as lavei incessantemente no banho, com tanta força que até esfolei a pele. O sangue se foi, mas ainda consigo enxergá-lo. Ainda está aqui, posso sentir.

Fiquei esperando o arrependimento vir, o horror me tomar, e nada... me sinto a mesma. Satisfeita por ter matado o homem que queria e ia me matar. Não consegui raciocinar mais quando o vi em cima de Callan, sufocando-o pouco a pouco. Era como se um animal estivesse no comando do meu corpo.

Presumi que a sensação da faca deslizando para dentro de sua carne me causaria desconforto ou náuseas, no mínimo. Ou que a visão do cadáver me assombraria. Talvez isso aconteça depois, por enquanto não sinto nada além de alívio.

O que é estranho, porque nunca tirei a vida de ninguém antes. Não tem nada que eu seja mais avessa do que a morte. Eu deveria estar arrasada, deveria

me culpar e me achar um monstro.

Por outro lado, matar alguém pior do que você tem um quê de justiça poética. Talvez seja isso o que Callan sente quando extermina os legados da Ordem. Talvez agora eu seja um pouco mais como ele.

A porta do cômodo se abre de repente, e espero ver Callan. Queria tanto falar com ele a sós, mas, desde que Roman e os outros nos encontraram, não tivemos tempo nem oportunidade. E, no instante que pousamos, Callan mandou um de seus mascarados me mostrar o caminho até esses aposentos e "ficar de olho em mim", com essas exatas palavras.

Quer garantir que não vá sair correndo porta afora para me entregar a Deacon e salvar o dia, apesar de que essa é de fato a coisa certa a fazer.

Minhas esperanças morrem quando Drago entra, com seu cabelo loiro claríssimo perfeitamente arrumado e usando o mesmo sobretudo e botas de antes. Fico em silêncio enquanto ele vasculha o quarto com seus olhos sagazes e demora alguns segundos até que me encontre, sentada no chão perto do armário de madeira.

— O que você quer? — pergunto, sem me importar em ser educada.

— Que ótima recepção, *printsessa*, estou lisonjeado. — Sua resposta bem-humorada só me faz revirar os olhos. — Callan precisa de sua galinha dos ovos de ouro.

— Então mande Callan vir em pessoa — retruco, ríspida.

— Ele não pode. Está preso numa reunião com meu avô. — Ergo uma sobrancelha, confusa, mas Roman logo explica: — O líder do Conselho de Patronos.

Anuo com a cabeça, assimilando.

Rapidamente me vem à cabeça a imagem de Mikhail Drago no baile de inverno. Seu ar de poder e autoridade era quase assustador. "A realeza russa", foi como Astor definiu os Drago. Agora, tudo se encaixa.

— E então? — instigo após uma profunda lufada de ar. — O que vocês querem de mim agora?

Drago ajeita o colarinho da camisa e as abotoaduras do casaco antes de vir até mim e se sentar no chão ao meu lado. É meio esquisito ver alguém como ele, tão aristocrático e engomado, fazendo isso. Nunca trocamos mais do que algumas palavras e, sinceramente, não sei o que esperar dele.

Para falar a verdade, não sei se deveria confiar em qualquer um deles. Nem mesmo em Callan, embora eu não consiga parar de pensar nos nossos dias no chalé. Pareceu mais honesto e real do que em qualquer outra ocasião que estivemos juntos.

Prometi a mim mesma, oito anos atrás, que nunca mais deixaria Harkness

se aproximar de mim o suficiente para conseguir me machucar de novo e cá estou. No mesmo ponto de partida. Como se nada tivesse mudado.

Drago tira do bolso um pequeno pen drive metálico e o estende na minha direção.

— A melhor defesa é o ataque. Vamos revidar os cretinos da Ordem pelo que estão fazendo.

— E...?

— Precisamos atacar a *Deacon Enterprises*. Mas a Atlas não pode conseguir as informações de que precisa porque Deacon tem um sistema de segurança decente em sua empresa agora.

— Deixa eu adivinhar, quer que eu ajude vocês a *hackearem* o sistema da D.E.?

— Sua inteligência é bem sexy, *printsessa*. — Drago me lança uma piscadela galanteadora que faço questão de ignorar.

Apanho o pen drive de sua mão, mesmo sem ideia nenhuma de como vou fazer o que eles querem.

— O que devo fazer com isso?

— Coloque em qualquer computador conectado ao sistema da empresa. Nós fazemos o resto.

— E o que mais?

— Qualquer informação útil que conseguir sobre as empresas de Deacon será bem-vinda. Sem as empresas do pai, aquele merdinha não consegue manter a Ordem unida por muito tempo.

Pode ser uma boa.

Não consegui me inteirar dos negócios de Soren a ponto de poder elaborar algum plano, o que é mais um motivo para eu voltar. Vai ter que acontecer em algum momento, por que não agora? Além disso, Soren não vai me matar. Ele precisa de mim, como o próprio Callan já disse.

— Farei isso — garanto, guardando o pen drive no bolso da jaqueta.

— Talvez você, ao contrário dele, seja sincera em relação ao que aconteceu naquele chalé.

— Não tenho o que dizer. — Dou de ombros.

— E eu não acredito em você, *printsessa*.

— Bom, aí o problema é seu.

Mas Roman não desiste. Permanece bem tranquilo e relaxado ao meu lado, com um sorrisinho esperto e petulante no rosto.

— Sempre soube que você cruzaria o caminho dele de novo, mais cedo ou mais tarde. — Roman encosta a cabeça na parede, desviando o olhar para longe. — De onde venho há uma antiga lenda. Se você salva a vida de uma

pessoa, a vida dela passa a pertencer a você. Estão ligados para sempre.

Semicerro os olhos e balanço a cabeça, sem entender.

— Por que está dizendo isso?

Enfim suas íris verde-esmeralda retornam até mim, mais sérios dessa vez.

— Quando o conheci, Harkness era perturbado pelo incêndio que destruiu o internato em que estudaram. Pensei que era pelas queimaduras, mas era por sua causa. Ele conseguiu te salvar do fogo, mas, ao mesmo tempo, você tinha morrido naquela noite. Ao menos, uma parte de você morreu. E o que sobrou o odiava tanto que ele passou a se odiar também.

Pisco algumas vezes para assimilar suas palavras, porque nada faz sentido. E não faço a menor ideia do motivo de Drago estar me dizendo essas coisas justo agora.

— Do que está falando? Callan não me salvou do incêndio.

Roman arqueia uma de suas sobrancelhas claras. Me olha com diversão agora, como se soubesse muito mais do que eu.

— Oh, você não sabia? Interessante. — Seu sorriso cínico cresce, e ele cruza as mãos em seu colo. — Sinto lhe informar, *printsessa,* mas ele te salvou, sim, e ganhou algumas cicatrizes de recordação.

Ofego, estarrecida.

Não pode ser.

Fecho os olhos, forçando minha memória até a noite do incêndio. Lembro-me, como se fosse ontem, do calor, da fumaça, das minhas vias respiratórias se fechando e da minha visão escurecendo... Lembro-me de chamar por Ava, de gritar seu nome em vão. As estruturas de madeira do Instituto estavam em chamas, desmoronando ao meu redor e bloqueando minha passagem.

Eu estava presa na ala mais distante da escola quando parei de conseguir respirar. Meu corpo inteiro amoleceu, e eu caí sobre meu próprio peso, sufocando quando meus olhos se fecharam.

Eu tinha certeza de que morreria. Não havia como ter sobrevivido ou ter sido retirada a tempo. Mas sempre pensei que os bombeiros tinham chegado até mim, de alguma forma.

Talvez não tenha sido eles.

Um arrepio faz meu corpo gelar. Abro os olhos de novo, dessa vez há um nó entalado em minha garganta.

Não consigo me lembrar de mais nada, mas não desisto. Continuo vasculhando minha mente, confusa, em busca de qualquer coisa.

Então, de repente, uma imagem surge na minha cabeça: eu caída no chão, lutando por um pouco de oxigênio. Meu corpo já havia desistido e estava inerte

aos pés da minha cama, meu rosto virado na direção da porta aberta. Meus olhos vidrados no fogo lambendo as paredes do corredor, se aproximando cada vez mais.

E uma sombra aparecendo no meu campo de visão, poucos segundos antes de eu perder a consciência. Foi momentâneo, quase irrelevante. Pensei que nem sequer fosse real. Um delírio, talvez.

Era Callan? Ele tinha atravessado aquele maldito inferno cheio de fogo e fumaça? Ele tinha me encontrado? Me tirado dali?

Mas ele me odiava mais do que tudo naquela época.

Por que ele nunca me disse isso?

Queria que tivesse sido eu. No incêndio. Queria que tivesse sido eu em vez de Ava.

Mordo o interior da bochecha com força, suas palavras no chalé, quando ele estava à beira da morte, me corroem de novo. Sinto meu coração sangrar quando penso em tudo o que fiz após a morte de Ava, quando estava cheia de raiva e descontei tudo em Callan.

Quando tentei queimar sua casa.

E penso na queimadura que vi em sua pele sob sua tatuagem quando fizemos sexo pela segunda vez. Não tentei decifrar muito aquela cicatriz, pois era apenas mais uma no meio de tantas outras que ele ganhou em suas punições no Purgatório.

— Pensei que a queimadura fosse por causa do Purgatório — murmuro, mais para mim mesma do que para Roman.

— Ao menos sobre isso ele te contou.

— Não entrou em detalhes. Só disse que é um lugar onde os Corvos pagam pelos seus erros.

— É muito mais do que isso. — Roman faz uma breve pausa, inalando profundamente, como se estivesse ponderando. Em seguida, continua: — Existe uma lenda antiga da Sociedade. Dizem que nosso fundador, o primeiro Corvo, foi raptado aos dezesseis anos pela máfia eslava, que queria uma quantia generosa como recompensa para sua libertação. Lá o garoto foi submetido a todo tipo de tortura física e psicológica, mas, quando foi resgatado, ainda estava vivo e são. Disseram que foi um milagre. Quase uma década depois, quando fundou a Sociedade, ele sabia que estava criando algo poderoso. Assim, criou também uma espécie de rito de passagem para garantir que os herdeiros dos Corvos fossem legítimos. Aos dezesseis anos, todos aqueles que pretendessem disputar o trono da Sociedade deveriam passar por um teste. O mesmo pelo qual Jonathan passou. Os mesmos desafios físicos e psicológicos aos quais nenhuma criança de mente ou corpo fraco poderia sobreviver com tão pouca idade. Se tornou uma

mera tradição conforme os anos passaram, e também uma forma de punição para os Corvos que desrespeitassem a Lei. Mas então, depois da morte do último líder, a legitimidade do herdeiro de sangue foi questionada. Assim, o tio de Callan o enviou para o lugar que ganhara o apelido de Purgatório, para o teste que nenhuma criança com menos de catorze anos havia sobrevivo. Callan tinha apenas doze. Depois disso, Callan foi para lá mais algumas vezes. Todos nós acabamos indo, em algum momento. Mas ninguém foi tantas vezes quanto ele.

Meus olhos se enchem de lágrimas quando penso em Callan tão jovem sendo submetido a algo tão cruel. Ele era apenas um garotinho que tinha acabado de testemunhar a morte dos pais de uma forma horrível e brutal.

Algo desse tipo é capaz de moldar uma pessoa. De transformá-la em outra coisa.

Roman também não entra em detalhes sobre o que, exatamente, fora feito com eles no Purgatório, mas não é necessário. Acho que também não suportaria ouvir em voz alta.

Torturar física e psicologicamente uma criança é mais do que doentio. É desumano, monstruoso. E agora Callan, Roman e todos os outros servem àqueles que impuseram isso a eles. Aqueles que os maltrataram.

Nunca vou entender isso.

— Sinto muito pelo que vocês tiveram que passar — digo com sinceridade, olhando fundo nos olhos de Roman.

Ele apenas dá de ombros, sem nenhum sinal de que isso o afeta. Talvez ele já tenha passado por coisa pior.

— São os ossos do ofício, ruiva. Não lamente por nós — pede ele — e não fique aqui sentada sentindo pena de si mesma, é melhor do que isso.

— Pode não acreditar, mas matar alguém não é a coisa mais fácil de mundo para alguns de nós.

Roman ri.

— É surpreendentemente fácil quando precisamos escolher entre sua vida e a de um inimigo.

Suspiro, tombando a cabeça para trás. Encaro o teto abobadado do topo de torre. As pedras se encaixam e se complementam, como se fosse um quebra-cabeças.

— Não consigo parar de pensar que isso me torna igual ao Soren — confesso, com o coração apertado no peito. — Que Bash estaria decepcionado.

— Então é disso que se trata. — Ele estala a língua. — *Culpa*.

Ele pronuncia a palavra como se fosse a coisa mais estúpida do mundo. Mas tenho convivido com a culpa por tempo suficiente para saber que não devo subestimá-la.

— O que você sabe sobre culpa? — devolvo, ressentida.

O semblante de Drago se fecha em resposta. Seus olhos escurecem e sua boca contrai quando ele cerra a mandíbula com força. De imediato, percebo que extrapolei. Novamente, fui rápida com meus julgamento.

— Minha irmã está morta por minha culpa — solta, o tom duro me cortando como uma lâmina afiada. — Eu a deixei para morrer na Rússia. Era apenas uma criança, chamava-se Nina. Ela nunca vai realizar o desejo de conhecer a Disneylândia ou de se casar e ter uma família, por *minha* causa. Fui um covarde. Abandonei a família e ganhei o título de traidor. Não me orgulho disso, mas é o que sou. E, se você está esperando superar ou seguir em frente, esqueça. Não vai acontecer. Todos os dias, pelos últimos dez anos, eu acordo revivendo aquela data e desejando ter ganhado uma segunda chance. Desejando ter feito tudo diferente. Poder olhar no rosto doce de Nina e implorar pelo seu perdão. Mas, então, abro os olhos e descubro que nada mudou. Ela ainda está morta, ainda sou um traidor e não há mais nada que eu possa fazer.

Empalideço com sua história, ficando sem palavras. Não sabia muita coisa sobre o proprietário da Nemesis além da sua má reputação e ligação com a máfia russa.

Agora, porém, fico me questionando. Há mais por trás de cada um dos Corvos do que presumi em meus julgamentos. Mais do que eu sequer consiga imaginar.

— Esse é um fardo que vamos carregar pelo resto das nossas vidas — ele continua e se põe de pé. — Não fica melhor, não fica mais fácil. Essa é nossa maldita penitência, vamos pagar até o dia de nossa morte. — Roman dá risada, mas seus olhos permanecem tristes e opacos. — Eu sei, não é muito otimista. Mas este é o mundo real, não há esperança aqui. Principalmente, para pessoas como nós.

— Pessoas como nós? — indago, franzindo o cenho.

— Aqueles que não são inocentes — explica. — Este é o luto dos culpados, *printsessa*.

Roman se recompõe rapidamente, varrendo a dor e a melancolia para longe de seu semblante. Ele endireita a postura e ergue o queixo da forma arrogante de sempre, provando que tudo não passa de uma fachada.

Além das revelações envolvendo Callan e o incêndio, não sei por que ele me contou uma coisa tão íntima sua, mas agradeço em silêncio por tê-lo feito. Acho que consigo compreender um pouco melhor toda essa situação agora. Definitivamente, vejo eles por outro ângulo, outra perspectiva.

Sei um pouco mais sobre a Sociedade dos Corvos a cada dia e ainda parece haver muito para aprender. Para isso, é necessário deixar minha régua

moral de lado e encarar o mundo real, como Roman mesmo sugeriu.

— Roman? — chamo quando ele está prestes a me deixar sozinha de novo. — Você sabia que eu não tinha ideia que Callan me salvou do incêndio, não é?

Drago não consegue disfarçar.

— Já estava na hora de saber — explica, como se fosse muito simples. — Muita coisa mudou a partir daquela noite. Tudo é por causa disso. *De você*.

— Por que você se importa?

— Sou só um agente do caos. — Roman sorri e dá outra piscada charmosa que deve fazê-lo conseguir tudo o que quer. — Mas eu te respeito, Kestrel. Se Callan acredita que você merece proteção, pode confiar em mim para garantir isso.

Quero lhe perguntar mais coisas, saber o que tudo isso significa, o que devo fazer. Mas Drago encerra o assunto com uma ceno de cabeça e sai do quarto, parecendo com pressa para se distanciar.

Me encontro mais uma vez sozinha, só que, agora, vez tenho muito mais coisas para pensar.



Passo quase meia-hora observando o guarda do lado de fora por uma fresta na porta. Assim que o mascarado que deveria ficar de olho em mim se distancia, indo até a janela do corredor para fumar, saio do quarto sorrateiramente.

Desço as escadas e zanzo pelos corredores da Catedral, em busca de Callan. Tenho que ir, já passei horas e horas esperando que ele tomasse uma decisão e não há mais tempo. A cada hora que passa, alguém morre no Nemesis. Como posso aguentar se estou isolada e incomunicável, sem sequer um aparelho celular? Quem garante que Astor não está lá, presa pelos homens de Deacon ou até morta? E Nyx? Ela com certeza está lá, se ainda estiver viva. Não posso ficar simplesmente sentada, inerte, enquanto pessoas inocentes morrem por minha causa.

Estou no meio do grande corredor quando ouço vozes ao longe. Diminuo os passos, andando pé ante pé, em direção às portas abertas da sala comum da Sede dos Corvos, de onde vem o som. A conversa se torna cada vem mais clara conforme me aproximo.

Me escondo atrás da parede de pedra e inclino a cabeça um pouco, apenas o suficiente para que eu possa ver uma parte da sala.

Callan e Roman estão ali, o primeiro de pé, recostado numa viga, e o

outro sentado. Mas não são os únicos. Mikhail Drago está presente, assim como o rapaz com quem dancei nos túneis. Jasper St. Clair, *o traidor*.

Franzo o cenho enquanto me esforço para ouvir cada palavra da conversa.

— As pessoas em East End querem sangue. Vingança. Retaliação. Chame do que quiser — é Mikhail quem fala. Faz uma pausa para beber o líquido âmbar em seu copo. Não parece preocupado, embora a cidade esteja mergulhada no caos. — Querem a cabeça de mais um herdeiro dos Grifos. E aposto que a garota naquela torre não é uma opção pra você, é?

Seus olhos se movem na direção de Callan, que está resoluto, de braços cruzados, com uma cara péssima.

— Quem? — Callan pergunta, sem se importar em responder ao homem.

— Qual o próximo nome da sua lista?

— James Corrighan.

Engulo em seco com apreensão quando ouço o nome do meu ex-namorado.

— O filho do prefeito, ótimo! — Mikhail concorda, acomodando as costas contra o estofado de couro da poltrona. — St. Clair, cuide disso.

— O quê?! — Roman e Callan fazem coro.

— O Conselho tem certas desconfianças a respeito de sua lealdade, filho.

— O Conselho ou você? — questiona, irritado.

— Não conduziu as coisas da melhor forma após os ataques nos túneis — o homem mais velho tenta explicar. — Nossos associados teriam sido poupados se...

— Queria que eu entregasse Sloan a Wargrave? Essa teria sido uma decisão sábia para você? — Callan praticamente ri na cara de Mikhail. — Devo lembrá-lo que ela também é uma associada dos Corvos? Que ela fez o juramento de sangue? Que ela sabe coisas sobre nós que poderiam ser úteis para qualquer inimigo nosso?

— O que eu estou dizendo é que sua ligação com aquela garota custou bons homens. É melhor que se afaste por um tempo. Talvez isso faça você recobrar os sentidos. Até lá, Jasper cuida dos Grifos.

— Mikhail... — Roman tenta protestar, mas seu avô levanta uma mão, calando-o com o gesto.

— A decisão foi tomada. — É irredutível.

Comprimo os lábios, sem saber o que pensar.

Mikhail, o chefe do Conselho, está entregando uma missão importante nas mãos de um traidor. O homem que conspirou para causar a morte de Callan e a minha. E não há como ele ou Roman fazerem nada a respeito, pois não existem

provas. Estão de mãos atadas.

Mas eu posso tomar uma decisão. E é o que pretendo fazer.

— Bisbilhotando feito um rato, Kestrel?

Dou um pulo de susto, cobrindo a boca com as mãos para não gritar. Me viro, me deparando com Ares. Ele tem um capuz cobrindo seus cabelos escuros, seus olhos translúcidos e gelados se estreitam ao me fitar.

Exalo o ar com força, me recuperando.

— Me assustou — sussurro, cruzando os braços. — Não deveria estar com os outros na reunião?

— Burocracia não é muito a minha praia. — Ares dá de ombros, descendo seu olhar astuto e investigativo pela minha figura. O canto de sua boca se contrai com desprezo antes de ele voltar a me encarar nos olhos. — E eu tenho quase certeza que Callan mandou que ficasse na torre.

— Callan não manda em mim.

— Está indo se entregar, não é? — Ele sorri, como se eu fosse muito previsível. — Salvar o dia como uma boa garota.

— É tolice pedir algo a você, mas vou tentar mesmo assim... — Suspiro. — Pode não contar a ele?

— Por que diabos eu te ajudaria?

— Sei que me odeia. E sei que provavelmente tem bons motivos para isso, mas estou tentando evitar que os Grifos façam mais pessoas sofrerem.

Ares hesita, seus olhos intensos me fuzilando enquanto ele pondera. Fico só esperando ele me denunciar a os outros, mas, para minha surpresa, ele não o faz.

— Vê se não pisa na bola, ou eu mesmo te arrastarei de volta pelos cabelos.

Respiro com alívio, sentindo um peso ser retirado dos meus ombros.

— Quanta gentileza — murmuro, incapaz de me conter.

— É mais do que você merece.

Ares passa por mim e segue pelo corredor, mas, antes de ir, quase posso notar um sorriso em seu rosto frio.

38

C A L L A N

Passado

Você me disse ‘pense a respeito’, bem, eu fiz isso
Agora eu não quero sentir mais nada
Estou cansado de implorar pelas coisas que eu quero
Eu estou dormindo como um cão no chão
King For A Day — Pierce The Veil, Kellin Quinn

Percebo, com desgosto, que não vou encontrar nenhum conforto no fundo dessa garrafa de uísque. Quero beber até me afogar. Até me sentir anestesiado e completo. Até que as coisas comecem a fazer algum sentido e não pareça que estou fodendo tudo ao meu redor.

Meu crânio dói, como se houvesse uma pressão presa lá dentro querendo desesperadamente se libertar.

O dormitório está escuro. A cama do outro lado, vazia como sempre. Depois que coloquei pra correr três colegas de quarto em dois anos, a diretora Nichols enfim percebeu que, mesmo que isso fosse contra as regras da escola, era melhor me deixar sozinho. Não sou bom em compartilhar coisas e os outros alunos me irritam.

Sorte a minha que meus antigos colegas de quarto tinham medo de mim e não me perturbavam. É, pensando bem, acho que era eu quem os atormentava.

Quando a garrafa de *Red Label* em minhas mãos finalmente se esvazia, a jogo do outro lado do quarto, na cama desocupada. Não me sinto nem um pouco melhor do que no momento em que decidi beber. É a maldita véspera de Natal, e estou preso nessa porra de escola, com vontade de quebrar coisas e pessoas, mas podendo apenas quebrar a mim mesmo.

Preciso ir pra sala de ginástica. Talvez me acalmasse um pouco tocar piano, mas não quero correr o risco de trombar com Sloan Kestrel por aí. Só de olhar na sua cara, tenho a certeza de que ela é tudo o que devo odiar, tudo o que devo destruir, e isso me deixa louco.

Quero fazê-la sofrer, *pagar*. Quero expurgar de dentro de mim toda essa nuvem escura e maligna que me consome há sete anos e descontar tudo nela. Quero acabar com Sloan Kestrel antes mesmo que ela tenha a chance de crescer e descobrir o que ela é, o que representa. Que seu sangue é ruim e podre, tóxico.

Que ela nunca deveria sequer ter nascido.

Sua existência afronta a minha paz de espírito.

E o que me deixa ainda mais enervado é o fato de que cada vez que tento machucá-la, com minhas palavrar cruéis e provocações... que tento humilhá-la, parece doer mais em mim do que nela. Sloan parece uma bruxa, virando contra mim minhas próprias ações.

Faz isso sem sequer tentar.

Meu estoque de álcool acabou. Talvez seja a hora de apelar para um novo vício.

Abro a primeira gaveta na mesa de cabeceira e apanho a carteira de cigarros. Tateio às cegas, procurando o isqueiro. Quando não encontro, solto uma lufada de ar alta e impaciente e me levanto para vasculhar melhor.

E, no momento em que ergo a cabeça na direção da janela, vejo algo que rouba meu fôlego. A vista através do vidro dá direto para o átrio, onde se localiza o pátio central do campus do internato. Do outro lado, há o prédio dos dormitórios femininos. E estaria tudo certo se não houvesse uma enorme luz alaranjada perfurando a madrugada de Natal, acompanhada de muita fumaça.

Por que diabos o alarme de incêndio não disparou?

Ergo a sobrancelha, intrigado.

Há algumas vantagens de ser um animal noturno. Entre elas, a oportunidade de ouvir sons que não perceberíamos se estivéssemos dormindo. E eu ouvi passos a noite toda, vindos do lado de fora do dormitório. Reconheço os passos gentis e suaves da inspetora Trudy, também sei que ela toma seu remédio para insônia pontualmente às onze e meia, após o toque de recolher.

O que significa que não era ela.

Aposto que também não era Sloan.

Alguns dos outros rapazes, talvez. Sei que Soren Deacon está pelas redondezas, passando o feriado em seu magnânimo chalé de caça, no sopé das montanhas, a poucos quilômetros daqui.

E, quando ele está por perto, coisas ruins acontecem à sua volta.

Tento encarar o fogo com apatia. Está longe o bastante para me incomodar. Não me representa nenhuma ameaça.

Posso simplesmente ignorar e voltar ao meu plano de fumar no escuro enquanto espero o sono vir.

Mas a ala feminina não está vazia. E não é qualquer uma que está lá, potencialmente no caminho do fogo.

É Sloan.

Deveria ficar feliz por isso e torcer para que ela não consiga escapar e morra queimada de uma forma dolorosa e agonizante. Seria um belo castigo aos

Kestrel. Sua morte trágica entraria para a história, e eu poderia seguir minha vida.

Ainda assim, duvido que teria alguma paz.

Só de pensar na mera possibilidade de Sloan aterrorizada, cercada pelas chamas, sufocando com a fumaça... A visão de sua pele de porcelana coberta por queimaduras me deixa doente.

Bato o pé descalço no chão, encarando as chamas tomarem as janelas da ala feminina. Cobriu todo o primeiro andar e não vai demorar muito para subir até o dormitório de Sloan.

Cerro a mandíbula, rangendo os dentes.

"Deixe-a lá para morrer", digo a mim mesmo. "É a forma perfeita de se livrar daquela infeliz."

Mas algo pulsa furiosamente dentro de mim. Um instinto primitivo e animalesco, que me atormenta feito um demônio da noite, que me impede de permanecer parado, apenas assistindo.

Um grunhido perturbado e colérico rasga minha garganta quando me viro e saio do quarto feito um furacão. Estou descalço, usando apenas calça de moletom e camiseta. Devido à excelente calefação do Instituto Valiant, não preciso de mais do que isso para me manter aquecido nas noites mais frias de inverno dentro dessa escola.

E agora nem consigo pensar em me vestir adequadamente. A pressa e a fúria me guiam enquanto corro para fora da ala masculina. Salto vários degraus de uma vez até descer todo o lance de escadas. Empurro com o ombro a porta que leva ao átrio, pisando na neve do pátio ao atravessá-lo correndo até a ala feminina.

O gelo queima a sola dos meus pés, mas ignoro isso e todo o resto de desconforto do frio aqui de fora. Estou prestes a entrar num inferno em chamas e não consigo pensar em mais nada.

Apenas Sloan.

O calor de altíssima temperatura me envolve, e fumaça embaça a visão. Arranco a camiseta e a amarro de modo a cobrir meu nariz e boca. O fogo tomou as paredes e o teto rapidamente, uma vez que toda a estrutura é composta por madeira.

"É loucura entrar aqui", digo a mim mesmo. "Você vale muito mais do que ela. Não pode se dar ao luxo de morrer. Tem um império a conquistar."

Nada disso faz mais sentido do que carregar a pequena herdeira de sangue amaldiçoado para longe daqui. De protegê-la, custe o que custar.

Não vou deixá-la morrer tão fácil assim. De forma alguma.

Não preciso reunir coragem para percorrer o corredor em chamas. O

instinto me guia mais uma vez. Me deixa cego, irracional, capaz das coisas mais estúpidas e insensatas.

Como se eu estivesse possuído.

E, de repente, tudo fica pior. Porque escuto sua voz.

— Ava?! — grita Sloan do andar de cima, seguida do som rouco de uma tosse à beira do sufocamento.

Porra, não.

Ava Gallagher também está aqui?

Logo em seguida, o alarme de incêndio finalmente começa a soar, estridente, fazendo meus ossos tremerem.

Corro, pisando em escombros quentes que queimam e machucam meus pés. As centelhas incandescentes pousam em meus ombros descobertos, ardendo na pele. Seguro os grunhidos de dor, deixando que a adrenalina assuma o controle.

Voo até a escadaria. Semicerro os olhos, encontrando tudo tomado pelo fogo. Vou ter que me jogar no meio das chamas se quiser passar. É um espaço minúsculo que, com certeza, vai causar danos.

Mas não dou a mínima. É o que faço logo em seguida.

Minha garganta queima com a fumaça, e sinto meus pulmões inflarem com o gás tóxico. A tosse explode para fora de mim em rajadas dolorosas, mas não deixo que isso me impeça.

Estou correndo contra o tempo.

A sensação é de realmente estar no inferno. Está tão quente que parece que minha pele tá derretendo.

Corro escada acima desviando dos escombros flamejantes. Mas, quando enfim alcanço o segundo andar, uma viga do teto despenca bem em cima de mim.

Um grito de dor abafado rasga meu peito, e caio no chão com o impacto. Sinto a brasa da madeira quente em meu ombro e a jogo para longe num impulso instintivo. Mas o estrago está feito. Dou uma olhada na pele em carne viva, vermelha e retorcida da queimadura que cobre meu ombro, e agora as palmas das mãos também.

Dói pra caralho.

Mais um grito de Sloan percorre o corredor incendiado. Já soa tão fraco que é difícil distingui-lo através do crepitar da madeira desabando ao meu redor.

Não posso continuar aqui, deixando a dor me abater.

Levanto num solavanco e corro pelo corredor. Ouço a estrutura da escola se desfazendo atrás de mim, e isso só me faz ir mais rápido.

E, quando enfim chego ao dormitório de Sloan, quase no fim do corredor,

a encontro caída de bruços no chão, sobre o tapete. Seu rosto tá virado em direção à porta, os cabelos alaranjados, quase da mesma cor do fogo lá de fora, cobrindo-o quase que totalmente.

Abaixo e pego seu corpo pequeno e leve em meus braços. Está desacordada, os membros moles pendendo no ar. Deve ter inalado muita fumaça à essa altura.

Eu a levo para fora, avaliando o caminho de volta. Não podemos fazer o mesmo percurso. O fogo já arruinou tudo e está se aproximando cada vez mais.

Pensa, pensa, pensa.

Fecho os olhos, sentindo Sloan em meus braços. Não consigo saber se ela está respirando, se seu coração ainda bate. Se sequer está viva.

Preciso tirá-la daqui logo.

É quando lembro-me da escondida passagem secreta que leva a um túnel subterrâneo que liga a ala feminina à masculina. Descobri ainda calouro. Alguns alunos utilizam para quebrar as regras e ir até os dormitórios das garotas no meio da noite.

Vai me ser útil agora.

Corro até o fim do corredor, onde há um quadro horrendo pendurado no painel de madeira. Eu o empurro com a quantidade certa de força e ele cede, abrindo e revelando uma escada secreta e apertada que leva para baixo.

No escuro, corro com Sloan pelos degraus.

Só paro quando enfim estamos do lado de fora. Quando saio pelas portas principais da escola com ela em meu colo. Está difícil respirar. A cada inspiração, parece que há lâminas perfurando meus pulmões.

Mas nada mais importa.

Minha audição está abafada, mas ainda assim consigo ouvir ao longe o som das sirenes dos bombeiros. A mudança brusca de temperatura faz minha pressão cair e, por um instante, acho que vou desmaiar também.

Caio de joelhos na neve, aliviado por ter conseguido. Pouso no chão, com o máximo de cuidado o corpo de uma Sloan desacordada, sobre o tapete macio e branco de gelo. Afasto o cabelo para ver seu rosto.

Sua pele se encontra coberta de fuligem e de uma fina camada de suor. Os longos cílios claros repousam no alto de suas bochechas avermelhadas. Ela parece estar apenas imersa em um sono tranquilo.

Como a porra de um anjo.

Há inocência em cada um de seus traços. Algo que deveria ser preservado, protegido. E queria ser aquele capaz de fazer isso. A tirá-la dos braços corruptos dos Grifos. Talvez fizesse isso se ela fosse qualquer outra que não uma Kestrel.

E isso me faz lembrar de que ela não era a única lá dentro.

Ava Gallagher.

A garota estava atrás dos Corvos há meses. Tentei mantê-la longe do nosso rastro da forma mais discreta que pude. Só sei que ela quer ajuda para seu pai, mas meu tio disse que os Patronos não podem ajudá-la. Eu teria feito isso se pudesse. Meu tio Richard disse que, por isso, tenho um coração mole e vulnerável.

Não é da minha alçada ajudar filhos de antigos associados dos Corvos. Não é, nem de perto, uma prioridade. Não quando a Sociedade anda ainda tão fraca.

Mesmo assim, senti que tínhamos uma dívida com os Gallagher.

Uma dívida que eu poderia pagar se conseguisse resgatar a garota do incêndio.

Mas ela não estava lá em seu dormitório, perto da amiga. Sloan também a estava procurando.

Olho para trás, para os dois prédios que quase desaparecem sob a fumaça. A ala acadêmica e a ala feminina estão arruinadas. A esse ponto, suas estruturas devem estar desabando. É impossível voltar lá.

Porra.

Como diabos esse maldito incêndio foi acontecer?

Afasto a camiseta do meu rosto para respirar melhor e abaixo a cabeça, voltando os olhos para Sloan.

Se sua amiga estiver morta, ela jamais vai se perdoar. Essa inocência vai ser perdida. Ela vai se partir em um milhão de pedaços de forma irrecuperável.

Será uma tragédia.

Uma que não posso impedir. Não sei nem mesmo se quero impedir.

Então, apenas continuo lá, parado e impotente, observando-a. Até mesmo quando os bombeiros chegam, correndo até nós. Quando a levam para longe.

E, de alguma forma, tenho a certeza de que, quando olhar nos olhos de Sloan Kestrel da próxima vez, não será a mesma garota que conheci. Algo nela terá morrido. Talvez a última parte boa que ela ainda carregava.

39

S L O A N

Presente

Eu não tenho mais medo
Estou parada no olho da tempestade
Pronta para encarar, morrendo para provar esse doce calor doentio
Not Afraid Anymore — Roniit

Soren resolveu dar um grande banquete na casa do meu pai para comemorar o meu retorno. Não tenho certeza se acreditou na minha versão dos fatos: que fui levada contra a minha vontade para os túneis do metrô após o baile de inverno e lá fui raptada por Wargrave. Acho que Deacon teria utilizado de seus meios cruéis para me pressionar mais se meu pai não tivesse estado presente enquanto eu contava aquela história esfarrapada.

Desde então, estou evitando passar qualquer momento sozinha com Soren. A forma como ele me olhou quando cheguei à mansão era como se não pudesse esperar para me punir por aqueles dias de desaparecimento.

Como se carregar seu maldito anel de noivado e a cicatriz em minhas costas não fossem punição suficiente.

De qualquer forma, o prefeito recuou nas ofensivas. O toque de recolher foi revogado, e as patrulhas sem sentido estão cessando.

Duas batidas na porta do meu quarto me desperta dos devaneios.

Estou escondida aqui desde que a recepção aos convidados começou. Precisava passar um tempo sozinha — ou melhor, na companhia de Perseu. O gato repousa tranquilamente em meu colo enquanto deslizo os dedos por sua pelugem macia e me perco na reportagem do noticiário local que passa na tevê a respeito das mortes no Nemesis.

Muitas pessoas morreram. A polícia diz ter matado o responsável: um gângster do Distrito Industrial chamado Evan Sharpe. Mas sei que não era ele o mandante do sequestro e da execução de todas aquelas pessoas. O verdadeiro responsável continua ileso e intocável.

Ao menos, Astor ou Nyx não estavam na lista de vítimas.

Aperto o botão de “desliga” no controle remoto.

— Pode entrar — digo, rezando para que não seja Soren.

Para minha felicidade, é Leonard. Ele abre a porta só até a metade, como

se não quisesse incomodar.

— Senhorita Sloan, seu pai está requisitando sua presença no salão — informa, com tom de quem sente mundo.

Suspiro e deixo que Perseu pule do meu colo antes de me levantar.

— Já estou indo. Obrigada, Leonard. — Passo as mãos pelo vestido, me livrando do excesso de pelo de gato que grudou no tecido. — E obrigada por cuidar de Perseu nessas últimas semanas.

— Tem sido um prazer, senhorita. — Leonard acena com a cabeça. — Mas ele sente sua falta. E do senhor White.

A menção ao Sebastian faz minhas entranhas se revirarem.

Andar pelos corredores dessa casa sabendo que não vou trombar com ele, ou ouvir suas músicas tocando no último volume na casa da piscina, ou sentir o cheiro de sua comida queimando por ele ser um desastre na cozinha... Tudo isso está me matando.

“O luto dos culpados”, como Roman disse.

— Vou levá-lo comigo para o campus amanhã — decido, olhando para o gato enrolado em si mesmo em cima da cama.

É o que Bash gostaria que eu fizesse.

— Vou preparar as coisas dele então, senhorita.

— Obrigada, Leonard.

O homem dá um sorriso terno e me guia de volta lá para baixo. Antes de seguir na direção do salão de festas, conduto, paro quando tenho um vislumbre de Jocelyn na sala de estar. Está bebendo sozinha, encarando melancolicamente o crepitar da lareira. A luz que vem do fogo é a única que ilumina a sala.

É uma visão triste, mas que se tornou comum desde a morte de Bash. Sua mãe está pálida, com olheiras profundas e cabelos desgrenhados. Seus olhos sempre entristecidos, a voz baixa e comedida, isso quando ela diz algo. Jocelyn nunca esteve tão quieta.

— Chego no salão em um minuto — aviso Leonard antes de desviar para sala, andando devagar na direção da minha madrasta.

Paro ao seu lado e também passo a observar as chamas alaranjadas dançando enquanto queimam a lenha. Um gosto amargo mancha meu paladar quando lembro que foi em uma lareira muito parecida com essa que Soren esquentou o ferro antes de me marcar feito gado.

— Oh, não vi você entrando... — Jocelyn se assombra, colocando uma mão no peito. — Como você está, querida?

— Vou ficar bem, não se preocupe.

— Fico feliz que esteja enfim a salvo.

Jocelyn força um sorriso antes de desviar os olhos castanhos de volta

para a lareira. Perder um irmão e um amigo é difícil, mas perder o próprio filho...

Rezo para jamais ter que sentir a imensidão de uma dor como essa.

— Sinto muito. — Quebro o silêncio. — Estive tão vidrada em minha própria dor que não enxerguei o quanto você estava sofrendo. Ele era seu filho. Sinto muito, Jocelyn, de verdade.

Os olhos dela se enchem de lágrimas imediatamente, e ela abaixa a cabeça.

— Tudo bem, querida.

— Eu não pude impedi-lo. — Mordo o lábio inferior, contendo as próprias lágrimas.

— Ninguém poderia. Ninguém sabia o que ele estava passando e...

— Não — a interrompo, atraindo seu olhar de volta para mim. — Sabe tanto quanto eu que Bash nunca tiraria a própria vida.

— Sloan...

— Sabe disso, Jocelyn. — Balanço a cabeça. — Não foi suicídio da mesma forma que aquele incêndio do passado não foi um acidente. Mas todos continuam acobertando o responsável por tudo isso como se ele fosse intocável.

Uma lágrima escapa pelo canto do seu olho e escorre por sua bochecha protuberante.

— Não pode dizer essas coisas, querida. Se alguém a escuta...

— Então, admite que sabe, no fundo, que Soren matou Sebastian?

Jocelyn crispa os lábios. Seu silêncio e o olhar no seu rosto são suficientes para que eu tenha minha resposta.

— Não podemos fazer nada — sussurra.

— Podemos, sim — contradigo, puxando do bolso externo da minha bolsa o pen drive que Roman me deu de manhã.

Confiro se não tem mais ninguém por perto antes de estender o objeto para Jocelyn.

— O que é isso? — questiona ela, hesitando em apanhá-lo.

Respiro fundo, tentando decidir se essa é ou não uma boa decisão. Mas Jocelyn trabalha com a Deacon Enterprises. Callan e os Corvos discordariam veementemente de mim, mas tê-la do meu lado, para fazer justiça pela morte de seu filho, pode ser vital para a queda de Soren.

— Até onde você iria por justiça, Jocelyn? — pergunto, baixinho, com meus olhos presos no dela. Espero que consiga transmitir tudo o que preciso a ela.

— Você está com eles, não está? Os Corvos. — Não respondo, mas também não preciso. Ela consegue ler isso no meu rosto. Jocelyn dá um riso nasalado, como se não estivesse surpresa. — Você é mesmo igual à sua mãe.

Franzo a testa.

— O que quer dizer?

Jocelyn balança a cabeça e endireita a postura, bebendo mais um gole do líquido em seu copo.

— Nada demais. Só que Theresa era rebelde como você.

— É a única forma de fazer justiça por Bash — insisto, torcendo para que ela compreenda e não me delate para meu pai ou noivo.

É um jogo arriscado, um tiro no escuro. Mas situações desesperadas exigem medidas desesperadas.

Jocelyn hesita um momento, alternando o olhar entre mim e a porta, mas por fim exala um suspiro.

— O que anda planejando?

— Precisamos invadir o sistema da D.E.

— E para isso quer que eu leve esse pen drive até a empresa? — Ela ergue as sobrancelhas escuras e perfeitamente delineadas.

— Só precisa conectá-lo em um dos computadores ligados ao sistema.

Jocelyn apanha o objeto da minha mão e o encara com desconfiança.

— Acha que isso servirá?

— É um começo.

— Bem, então talvez seja útil a informação de que o conselho de sócios da D.E. está buscando apenas uma oportunidade para votar pelo desligamento de Soren da empresa. Todos estão fofocando sobre isso ultimamente.

— Os Grifos vão ficar mais fracos com isso, não vão?

— Provavelmente.

Jocelyn não parece tão otimista ou esperançosa quanto eu, mas compreendo sua situação. Também sinto que pedi ajuda à pessoa certa, por causa de toda a história que Bash me contou uma vez. Nem ele e nem a mãe estavam de acordo com as imposições dos Deacon. Não serviam aos Grifos por livre espontânea vontade.

E, agora que seu filho está morto, Soren não tem mais nada para usar contra ela. Não tem como manipulá-la ou controlá-la.

Se os associados da Ordem não possuírem mais a Deacon Enterprises para se respaldarem, me parece lógico que eles acabem se virando contra seu líder, da mesma forma que o Conselho da empresa se virou contra o novo diretor.

Espero que isso seja o bastante para enfraquecer Soren.

Antes que eu possa dizer mais alguma coisa, vejo de soslaio uma sombra se aproximar da porta aberta. É um guarda. Seu olhar feroz recai sobre mim e sei que nosso momento de conspirar acabou. Qualquer palavra dita agora é arriscada demais.

Em vez disso, apenas aceno sutilmente para Jocelyn. Quando retribui, sei que agora temos um acordo.

Ela me acompanha em silêncio até o salão de festas, onde uma enorme mesa retangular, abarrotada com todo tipo de comida, foi colocada no centro. A maioria dos convidados já tomou seu lugar na mesa e está à espera do início do jantar.

Cada banquete opulento e festa extravagante oferecidos por Soren serve de demonstração de poder e grandeza. Agora consigo entender o porquê. Ele precisa de apoio. Demonstrar que é um líder forte, incapaz de cair com facilidade.

— Aí está você! — Soren diz em alto e bom som, fazendo as conversas paralelas ao nosso redor cessarem. Ele dá um sorriso falso na minha direção e logo todas as cabeças de viram para me encarar. — Estava te esperando para dar início ao jantar, meu amor.

Me forço a não fazer uma careta ao ouvir essa ladainha e continuo andando, até o assento vazio à direita da cabeceira da mesa, onde Soren está. Paro ao seu lado, mas ele me puxa para mais perto, fingindo que é mais um de seus atos românticos.

— Bem, estou aqui — respondo, esculpindo um sorriso tão falso quanto o dele.

Para a sua sorte, contudo, sou muito melhor nisso do que ele. Pratiquei durante toda a minha vida. Máscaras sociais são minha especialidade.

— Proponho um brinde à minha linda noiva, que voltou em segurança para os meus braços. — Soren levanta uma taça de champanhe. O sorriso em sua boca não alcança seus olhos, que permanecem tão apáticos como sempre. — E à memória das vítimas do terrível atentado ao clube Nemesis. Peço a todos um minuto de silêncio.

O salão inteiro se cala e abaixa à cabeça em lamentação. Mas também consigo ver por trás de suas máscaras. Duvido que se importem com qualquer um que morra em East End.

Soren se inclina na minha direção, passando as mãos por mim como se eu fosse sua propriedade. Só consigo sentir asco.

Não é nada comparado à forma como Callan me toca. Fecho os olhos por um segundo, meu coração apertando quando lembro de nós naquele chalé. Como o mundo parecia distante e pequeno quando comparado ao que tínhamos.

Agora estou de volta ao meu cilício. Meu calvário pessoal.

Abro os olhos de novo, a tempo de ver o rosto de Soren se aproximar do meu, como se fosse beijar minha bochecha. Em vez disso, diz baixinho perto do meu ouvido:

— Na próxima vez que me desobedecer, vou fazer você assistir. Enquanto matar uma dúzia de inocentes da forma mais cruel que consiga pensar, vai saber que é culpa sua.

Engulo em seco, sentindo meu estômago embrulhar.

Soren volta para seu lugar com um sorriso contido, como se nada tivesse acontecido, e eu tombo em minha cadeira, tentando não engasgar com um nó que fica entalado na garganta.

O medo rasteja sob minha pele, me dando arrepios. Encolho os ombros. Não sei mais quanto tempo aguento nessa maldita farsa. Cada dia que passa, se torna mais insuportável. Mais fraca e impotente me sinto ao ser facilmente subjugada por Soren.

Fico em silêncio pelo resto do jantar, tentando muito não vomitar enquanto forço cada garfada de comida para dentro.



O cemitério de St. Marcus fica na parte de trás da capela de mesmo nome, no subúrbio do distrito de Rotherdam. É aqui que são enterrados todos aqueles que foram batizados nessa igreja, inclusive Bash. Meu pai mandou que o enterrassem no mausoléu da família, embora ele não tenha nosso sobrenome. Jocelyn concordou e assim foi feito.

Não retornei para visitá-lo desde o dia do enterro. Seria custoso demais para mim. Mas, devido à bagunça que minha vida se tornou e aos desenrolares dos últimos dias, sinto que preciso ficar um pouco mais perto dele. Talvez para conversar.

Não sei se vai funcionar. De qualquer forma, sei que Bash não está aqui. Se existe um paraíso, um lugar bom para pessoas boas, é lá que ele está. Junto de Ava.

Passo pelas lápides com apatia. É de manhãzinha, tão cedo que apenas Leonard estava acordado quando saí da mansão, por isso não há ninguém aqui além de mim e dos pássaros. O céu está nublado, e a neve cobre todo o antigo gramado do cemitério. Os galhos secos e cinzentos das árvores do bosque dão um ar ainda mais assustador, não é à toa que eu levo um susto quando um imenso corvo negro pousa em cima de uma lápide de mármore.

Ele fica ali por alguns segundos. Parado, me encarando em silêncio com olhos redondos e julgadores, como se soubesse todos os meus segredos. Sua penugem é tão escura que brilha. Uma ave bonita, apesar de ser bem fúnebre e possuir um significado um tanto macabro.

Minha avó Martha costuma dizer que, quando um corvo cruza seu

caminho, é sinal de mau presságio. Me pergunto o que ela diria se soubesse que muitos corvos cruzaram meu caminho recentemente.

E que transei com um deles.

Mais de uma vez.

Varro esses pensamentos para longe e continuo meu caminho, ignorando o pássaro bizarro que permanece ali.

Assim que abro os portões do mausoléu da minha família, no entanto, percebo que não estou sozinha e vejo a última pessoa que eu seria capaz de imaginar aqui.

— James! — ralho, atraindo sua atenção para mim. Encontra-se sentado no banco de madeira de frente para a parede onde vários dos meus antepassados paternos estão engavetados. — O que faz aqui? Meu irmão...

— Me odiava? — Ele dá um sorriso triste. — Eu sei.

Não vejo nem falo com meu ex-namorado há algum tempo. Soren mencionou algumas vezes que James andava atarefado, trabalhando para ele e para o pai, o prefeito da cidade. A distância ajudou a cicatrizar a ferida que o nosso relacionamento deixou em mim.

Quando se perde totalmente a admiração e o respeito por alguém, é surpreendente o quão rápido o amor e carinho também desaparecem. Não restou nenhum sentimento por ele dentro de mim. Nem mesmo raiva. Talvez um pouco de pena, porque James sempre estará à sombra de Soren, seguindo-o e obedecendo-o como um cachorrinho. Mas nunca será digno de receber mais do que algumas migalhas de seu melhor amigo.

— Sebastian me ajudou quando Soren me abandonou. Quase fui morto por uma das gangues daqueles malditos Corvos. Não ia mandar ajuda, não estava nem aí. Bash me salvou — James conta, olhando com o que parece ser um misto de tristeza e arrependimento para placa mais recente, com o nome do meu irmão. — Foi um pouco antes dele morrer e você aceitar se casar com Soren.

— "Aceitar" é uma palavra que pressupõe alguma escolha, coisa que não tive. Fui *coagida* e *ameaçada* — o corrijo, deixando meu ressentimento falar mais alto. — E perdi meu irmão nesse processo.

Dou um passo para trás, pronta para sair e me distanciar de James, mas algo me impede. A expressão em seu rosto parece, sobretudo, verdadeira. Lembra o antigo James. Aquele que idealizei. Gentil, doce, honesto...

Aquele cujas palavras já me proporcionaram conforto, cujo abraço já chamei de lar.

James suspira, deixando a cabeça cair para trás.

— Tinha razão — diz depois de algum tempo, fazendo minhas sobrancelhas se erguerem em surpresa — quando dizia que Soren me

manipulava.

— Pena que você percebeu isso tarde demais.

Seus olhos castanhos me encontram, e a sombra de um sorriso surge em seu rosto.

— Sei que, se você tivesse conhecido a Ordem antes de Soren tomar o poder, talvez até teria gostado.

Tenho vontade de ir.

— Eu duvido muito disso.

— Ele não está bem, Sloan — continua James, me ignorando. — Quando toma algumas doses de absinto, acha que consegue falar com o pai. Ele fica bêbado o tempo todo agora para ouvir os conselhos de William.

— Ele matou William! — Jogo as mãos para o alto, sem conseguir entender onde James quer chegar. — Matou o próprio pai.

— Eu sei disso agora — concorda. — Mas juro que, na época, eu não sabia, Sloan.

— Como eu disse, é tarde demais.

Faço menção de me virar e realmente ir embora dessa vez, mas o que ele diz em seguida me faz parar.

— Não, não é — insiste, se levantando e vindo até mim. — Pode tomar o poder depois que se casar com ele.

Fico calada por um instante, esperando que ele esteja tirando uma com a minha cara. Mas acho que nunca o vi falar tão sério na vida. Sua expressão é firme e veemente.

Semicerro os cílios ao encará-lo.

— Como?

— Da mesma forma que ele fez com o William.

— Quer que eu o envenene?

— Todos sabem que a Ordem estaria melhor nas suas mãos do que nas dele. — James dá de ombros como se fosse simples, como se não estivesse sugerindo que eu matasse alguém. — Ele fica mais insano e instável a cada dia que passa. Vai nos arruinar.

Ainda assim, não consigo entender.

— Pensei que ele fosse seu melhor amigo.

— Eu também. Até o cretino ameaçar me matar. Ele apontou uma arma pra minha cabeça, Sloan.

— Bem-vindo ao clube.

— Ele vai colocar tudo a perder — argumenta, inquieto. — Séculos de história e trabalho pesado. Tudo o que nossas famílias construíram...

— Um legado sujo de sangue, James.

— Quer que a Ordem seja melhor? Transforme-a em algo melhor, então.

Para isso, precisaria matar Soren.

Matar alguém no meio de uma briga é uma coisa. Matar a sangue-frio, de forma calculada e premeditada, é outra.

Exigiria que eu me transformasse em alguém diferente. Em outra Sloan.

— Por que você não faz isso? — rebato. — Ninguém é tão próximo de Soren quanto você. Mate-o e assuma seu lugar.

James suspira, deixando os ombros caírem com decepção.

Ele fica quieto e pensativo por alguns segundos, como se estivesse em um dilema. Por fim, esfrega as mãos no rosto cansado.

— Não posso. Não sou um herdeiro legítimo.

— O quê?

Novamente, ele me pega de surpresa.

— Não sou filho legítimo do meu pai — explica, falando tão baixinho que mal posso ouvir. Consigo ver a vergonha em seus olhos, fazendo seu rosto corar e seus lábios se comprimirem. — Sou um bastardo, Sloan. Soren sabe. William também sabia. Mas eles me aceitaram mesmo assim. Infringiram as regras por mim.

O que faria qualquer um pensar que James é leal aos Deacon por causa disso. Mas, ao que parece, ele é mais leal à Ordem dos Grifos do que a qualquer pessoa em específico, até mesmo seu melhor amigo.

— Posso te ajudar a ganhar a confiança da Ordem... — James planta a ideia, chegando mais perto. Por um momento, acho que ele vai me tocar, mas desiste. — Seja honesta consigo mesma. Não gostaria de tomar as rédeas daquilo que controlou sua vida desde o seu nascimento, mesmo sem saber?

Destruir os Grifos ou aceitar ser a líder deles?

Poder ou ruína?

Antes da morte de Bash, eu poderia ter fugido dessa escolha. Minha sede de vingança talvez não fosse tão grande. Imaginar Soren perdendo seu amado império é como o nirvana para mim. Mas também há outra variável agora.

Callan.

Qualquer coisa além de destruir a Ordem completamente é trair meu juramento aos Corvos. Mas, se fosse apenas isso, não importaria. Não dou a mínima para aquele contrato que assinei.

Só que as coisas mudaram naqueles dias no chalé. Uma parte minha, e não sei quão grande ela é, pode estar se apaixonando novamente por Callan Harkness. Isso me apavora. Gostaria de ficar em negação por mais um tempo, mas está muito claro pra mim.

Aceitar o acordo de James é aceitar trair Callan, e não sei mais se sou

capaz disso.

Em contrapartida, não sei se Callan sente o mesmo. Ele pode ser obcecado pela nossa atração, pode até querer mais sexo, mas, se fosse o contrário, ele trairia a Sociedade por mim? Ele escolheria a mim em vez dos Corvos? Ou ele me trairia como todos os outros?

Quase tenho vontade de rir de pena de mim mesma quando penso nisso, porque a resposta é tão óbvia. Callan foi o mais longe possível por poder e vingança. Tudo o que ele faz é em prol da sua amada Sociedade. Ele morre e mata por ela. Posso ser sua fraqueza, como ele mesmo disse, mas os Corvos são sua força. É quem ele é.

Nada vai mudar isso, muito menos eu.

Cada dia que ele me mantém viva, mais perto fica de perder sua liderança e prestígio na Sociedade. O Conselho me detesta e parece determinado a afastar Callan de sua posição de poder enquanto eu estiver por perto. Em breve, ele também precisará fazer uma escolha.

Preciso estar preparada caso ele não escolha a mim. Sei que isso me destruirá. Vai fazer meu coração em frangalhos e me arruinar por dentro. Mas preciso ter um plano B, porque Soren me será uma grande dor de cabeça quando isso acontecer. E, acima de tudo, porque não serei morta por nenhum dos dois.

Até lá, James precisa continuar vivo. Não posso contar com meu próprio pai e Jocelyn não é uma Grifo. James pode ser meu único aliado no meio daquele ninho de cobras.

E, para isso, Jasper não pode matá-lo, como Mikhail Drago determinou.

Respiro fundo, pensando e pensando. Tento imaginar essa situação como uma partida de xadrez. Tento montar estratégias e prever o que vai acontecer para cada decisão que eu tomar. Mas não dá pra pensar logicamente sendo que meus sentimentos falam mais alto e ultrapassam essas barreiras.

Quero Callan como uma chama que precisa ser alimentada. Quero que ele me escolha, mesmo nossa relação sendo complicada e cheia de rancor. Quero que o ódio se dissipe e que ele se renda da mesma forma que eu me rendi naquele chalé. Quero que ele seja meu da mesma forma que eu sou dele.

Quero tanto isso que dói.

Mas também quero minha vida. Quero o controle sobre minhas próprias decisões, sobre meu futuro. Não quero ser um peão.

Me viro de costas para James e sigo para deixar o mausoléu, em direção aos portões. Ele não pode fazer nada para me impedir, nem para atrapalhar meus planos. Ele já é um homem morto.

Antes que eu saia, porém, algo me segura. Penso no rapaz que atenuou meu luto após o incêndio, que me fez sentir algo além de tristeza novamente.

Aquele que eu pensei que ia me salvar.

O James que eu amei. Ou melhor, aquele que acreditei ter amado.

Olho por cima do ombro na sua direção. Ele ainda está parado no mesmo lugar.

— Saia de Millsdale — digo a James, por fim. — Vá para o mais longe que puder e se certifique de que não está sendo seguido. Permaneça vivo até o ano que vem e te darei uma resposta para essa sua proposta.

Sua testa se franze em confusão, mas não permaneço para ouvir suas perguntas. Saio do cemitério, deixando James para trás sem saber se um dia o verei de novo.

40

S L O A N

Eu posso esperar por você no fundo, eu posso ficar longe se você quiser
Eu posso esperar por anos se eu precisar
O céu sabe que eu não estou superando você
Eu sei a dor que você esconde atrás do sorriso em seu rosto
E não passa um dia em que eu não pense que sinto o mesmo
Just Pretend — Bad Omens

JÁ FAZ UMA SEMANA DESDE que voltei de Missoula. Nesse meio-tempo, não vi e nem conversei com Callan ou qualquer outro Corvo. Mal consigo dar um passo sem que um dos guardas dos Grifos me sigam. Eles estão por toda parte no meu encalço. Soren quer garantir que não vá desaparecer de novo, e eu não paro de me perguntar quando tudo isso vai ter um fim.

Jocelyn fez o que pedi com o pen drive, mas não tenho como saber se os Corvos conseguiram algum progresso, porque não posso me comunicar com nenhum deles. Perdi meu último celular na confusão nos túneis e agora tenho um novo. Presente de Soren. Provavelmente está grampeado. É mais uma forma de me monitorar, então não posso arriscar.

Estou tentando focar nas últimas aulas da universidade antes do recesso de inverno e no treinamento Grifo, que fica mais intenso a cada dia. Ontem, Soren me levou para visitar algumas das boates da Ordem em Rotherdam. Elas não têm nada a ver com clubes como o Éclipse ou Nemesis.

Soren possui boates lideradas por cafetões, com mulheres trazidas à força de vários lugares do mundo. Algumas nem sequer falam nosso idioma e certamente trabalham de forma exploratória para ganhar centavos.

O lado mais sujo e desumano dos negócios da Ordem.

Mexida com tal realidade, nem consegui dormir depois que voltei ao alojamento. Ao menos, com Perseu secretamente me fazendo companhia neste dormitório, não me sinto mais tão sozinha. Embora eu realmente não esteja sozinha aqui no Danver Hall.

Soren colocou dois guardas em minha porta. Nenhuma das outras garotas do nosso andar ousou questionar, apenas me olham torto quando passo sendo seguida pelos gêmeos idênticos, pálidos e carecas que me acompanham aonde quer que eu vá.

Os chamo de Tweedledee e Tweedledum, como os personagens de Lewis Caroll.

Um dia, contudo, quando chego ao andar do meu dormitório após encerrar minhas atividades, todas as outras garotas do Danver Hall estão do lado de fora de seus quartos, encarando minha porta.

Franzo o cenho, confusa.

— Deve ser bom poder quebrar todas as regras só porque tem o sobrenome certo — uma delas sussurra ao passar, mas não dou atenção.

Sob suas encaradas indiscretas e silenciosas, entro no meu dormitório, fechando a porta bem rápido na cara das fofoqueiras e de Tweedledee e Tweedledum.

Localizo Perseu deitado em minha cama, tranquilo, com a barriga para cima de forma despreocupada. Ao menos, ele ainda está aqui.

Movo o olhar pelo resto do quarto e o cartão de acesso ao alojamento cai da minha mão, assim como a bolsa que desliza do meu braço, quando me deparo com um lindo e reluzente *Steinway & Sons* rente à parede onde ficava a cama de Riley.

Alguém esteve aqui enquanto eu estava na aula. Alterou todo o meu dormitório sem que eu soubesse ou fosse avisada. Agora está explicado por que me tornei alvo da nova onda de fofocas do Danver Hall.

A estrutura preta e imponente do piano vertical me atrai até ele.

De queixo caído, me arrasto pelo carpete conforme me aproximo do instrumento. É lindo. A luz dourada do crepúsculo passa pelas janelas e reluz na pintura brilhante e perfeitamente polida do piano.

Estou sem palavras. Sem saber o que pensar ou sentir. Algo enche meu peito com uma emoção desconhecida.

Há um pequeno envelope preto em cima do teclado.

“Para o anjo da música.”

Eu soube que isso era obra de Callan Harkness assim que coloquei meus olhos sobre o piano, há alguns minutos. Mas agora tenho minha confirmação.

Meus dedos estão meio trêmulos quando abro o envelope e retiro de lá um cartão. Leio sua caligrafia bela e requintada com uma respiração presa nos pulmões. Há apenas uma linha, mas é o suficiente para fazer meu coração se encher e transbordar.

“*Nunca pare de buscar aquilo que a faz sentir-se completa*.”

Não há assinatura do remetente, mas não é necessário.

Sinto o cheiro do perfume que o cartão exala e penso em Callan escrevendo aquela nota, borrifando seu perfume para que eu lembre dele quando ler. Penso em Callan escolhendo a dedo um piano que custa uma fortuna e

mandando-o entregar em meu dormitório estudantil, contra todas as regras do alojamento da universidade.

Ele não liga muito para regras, no entanto.

Seguro um sorriso e passo os dedos pelas teclas, de repente me sentindo desesperada para tocar de novo, mesmo que Callan não esteja aqui para me assistir ou tocar comigo.

Antes que eu possa me sentar no banco estofado, algo ativa meu instinto. Uma sensação estranha de que estou sendo observada. Olho pela janela, procurando, e logo o vejo.

Está anoitecendo, e há muitos carros passando pelo estacionamento do alojamento. Passo meus olhos por eles, procurando por algo que ainda não sei o que é.

E não demora muito para que eu encontre.

Há um homem parado não muito longe do prédio. Usa um sobretudo espesso e preto e está fumando displicentemente encostado em um poste de luz. E, mesmo de longe, sei que é ele.

Callan.

Quase consigo ver com clareza seus olhos sagazes, sua boca rosada e o cigarro pendurado nos lábios. Toco o vidro gelado, como se estivesse tocando-o. Sua pele macia e quente, ainda suada do nosso sexo.

Fecho os olhos e deixo me levar por essa fantasia. Sentindo como se estivesse perto o bastante para sentir seu cheiro, seu hálito, a textura de seu cabelo...

Quando minhas pálpebras levantam, não há mais ninguém lá. Os veículos passam rápido, roubando minha visão. No espaço entre um e outro, localizo o poste de luz, agora solitário na calçada úmida de neve.

Nos próximos dias, coisas parecidas acontecem. Eu o vejo por perto, mantendo uma distância segura para que meus guardas não notem. Mas ele está sempre lá, observando, vigiando, cuidado de mim do jeito dele. De alguma forma, isso me faz sentir menos sozinha. E sou grata a ele por isso. É bom saber que ele anda desafiando todas as regras para se aproximar de mim tanto quanto pode.

Em uma noite, contudo, quando volto dos chuveiros coletivos e entro no dormitório, encontro a luz acesa e algo novo na minha cama.

Meu queixo cai e meu coração parece voltar a bater depois de um longo tempo quando percebo a lingerie preta em cima da colcha da cama. É cara, com uma renda bem-feita, e a parte de baixo tão pequena que eu me sentiria exposta ao usá-la.

Ao lado, um bilhete.

“Vista e deite na cama.”

Olho ao redor, procurando por qualquer outro indício de sua presença. Sei que ele está me observando a semana toda, mas como consegue entrar aqui com tanta facilidade, sem que os guardas percebam?

Presumo que isso faça parte das muitas habilidades de Callan Harkness.

Afinal, ele sempre consegue tudo o que quer.

Mordo o canto da boca, hesitando em fazer o que o bilhete pede. Consigo quase ouvir sua voz, no pé do meu ouvido, ordenando para que eu vista as peças que ele deixou para mim.

Segundos depois, estou decidida.

Retiro a roupa no banheiro, deixando-a cair no chão. Meus cabelos estão úmidos ainda, e sinto as gotículas escorrerem para meu corpo, arrepiando minha pele. De novo, tenho a sensação de que estou sendo observada, isso deixa cada terminação nervosa em meu corpo hiperconsciente e sensível.

Olho mais uma vez para a janela do quarto, mas não vejo ninguém lá fora. Nenhum sinal de Callan no estacionamento.

Mas, de alguma forma, ele pode estar me vendo.

A possibilidade me excita. É estranho e diferente de tudo que já experienciei. Me faz querer mais. Querer explorar e ver até onde, exatamente, isso pode ir. *O quão longe eu posso ir.*

Visto a lingerie e contenho, a todo instante, a vontade de me cobrir e me esconder. Minha bunda está exposta pelo fio de dental minúsculo. A renda do busto é semitransparente, dando uma boa visão dos meus mamilos duros para quem queira ver.

Me olho no espelho vertical perto do armário, tombando a cabeça para o lado enquanto meus olhos passam lentamente por cada canto do meu corpo. Minhas poucas curvas foram valorizadas pela lingerie, e sinto uma pontada acariciando meu ego e minha autoconfiança ao notar como meus seios ficaram bonitos.

Pareço sexy, bonita, poderosa...

É assim que Callan me vê?

Sorrio para meu próprio reflexo, me sentindo bem em minha própria pele pela primeira vez em semanas. Me viro, checando como a parte de trás do meu corpo ficou na lingerie antes de prosseguir com a segunda parte do bilhete de Callan.

Engatinho sobre o colchão até meu travesseiro, sentindo uma pontada de diversão e empolgação.

Deito de barriga para cima sobre o edredom branco e macio. Minha respiração está pesada por antecipação, sem saber o que fazer em seguida. Meus

olhos passeiam pelo teto do quarto até pousarem na luminária pendurada no centro do teto.

Posso jurar ver uma pequena e circular luz vermelha perto da lâmpada. Meus olhos se estreitam e me apoio nos cotovelos, tentando ver melhor.

É uma câmera?

Minhas sobrancelhas se unem. Estou intrigada. E um pouco irritada também, porque agora sei como Callan esteve de olho em mim durante os últimos dias. Ele não vinha apenas me observando de longe, mas literalmente me assistindo.

Fez muito mais do que conseguir entrar no meu dormitório vigiado sem ser notado, também instalou uma câmera para garantir que conseguiria ficar de olho em mim.

Callan e sua maníaca obsessão por controle.

Viro-me para pegar o celular, ainda sem saber o que fazer, mas me deparo com outro bilhete. Este está pregado no abajur ao lado da cama, em cima da mesa de cabeceira. Não preciso apanhá-lo para ler o que está escrito na letra familiar de Callan.

“Toque-se para mim.”

Abro a boca, pronta para argumentar com um pedaço de papel, mas logo a fecho.

Ele consegue me ouvir também?

Volto a encarar a luzinha vermelha quase imperceptível. Imagino Callan de algum outro lugar, fumando um cigarro importado e bebendo uísque caro enquanto me olha através de uma tela. Seus olhos escurecidos de luxúria passeando pela figura do meu corpo com a lingerie que ele escolheu, pensando se vou ou não fazer aquela loucura.

Talvez ele até esteja duvidando.

E, então, me lembro de sua boca faminta devorando a minha enquanto fazíamos sexo em cima daquele piano. Suas mãos me tocando e me manipulando com maestria como se ele estivesse fazendo música e eu fosse seu instrumento.

Sinto a calcinha fina ficar úmida subitamente. Meus seios estão pesados e intumescidos, implorando para serem apertados pelas mãos grandes e firmes de Callan.

Mas ele não está aqui. Eu estou.

E posso fazer sexo comigo mesma enquanto ele me assiste.

Fecho os olhos. Talvez, se fingir que realmente estou sozinha, não vou desistir dessa ideia absurda.

Já me masturbei centenas de vezes. Inclusive várias delas foram mais emocionantes do que algumas das minhas transas com James. Conheço bem meu

corpo.

Deslizo as mãos por ele. Pela curva dos meus seios, o sulco formado pela barriga plana, os quadris... até me aproximar do interior da minhas coxas.

Sinto um arrepio cruzar a espinha quando meus dedos tocam na borda da calcinha de renda. Estou molhada e vibrando quando imagino que são os dedos de Callan em vez dos meus.

E, na minha fantasia, Callan circula seus dedos grandes em meu clitóris, por cima da renda fina. Sinto sua respiração quente em meu rosto mudar e seus músculos tensionarem na medida em que ele sente prazer com o meu prazer.

Callan é lento, calmo, e analítico, tomando seu tempo para me explorar. Conhece todos os pontos erógenos do meu corpo. O canalha me lê como um de seus livros preferidos. Ele me odeia, mas também ama me ver gozar.

Com uma das mãos, ele aperta meu seio por cima da estrutura frágil do sutiã, beliscando o mamilo entre os dedos só pra me provocar. Rebolo os quadris, buscando por mais fricção e contato com sua mão.

Ele me dá exatamente o que eu quero. O que eu preciso.

Callan mergulha os dedos em minha umidade sob a calcinha. Minhas pernas se fecham e jogo a cabeça para trás com a sensação de tê-lo me tocando livremente. Seu aperto em meu seio aumenta conforme ele começa a me masturbar bem devagar.

Afundo os dentes em meu lábio inferior, contendo um gemido. Se bem que não preciso me conter... Sou só eu aqui. *Eu e meu Callan imaginário.*

Sorrio quando permito que um gemido sôfrego escape, torcendo para que Callan consiga escutar. Chamo seu nome quando dois dedos me invadem, apertando dentro de mim com intensidade.

Minha bunda quase levanta do colchão quando firmo a sola dos pés na cama. Sinto seus beijos molhados lamberem a curva do meu pescoço, dizendo coisas sujas e maliciosas em meu ouvido, só para me deixar ainda mais louca de tesão.

Sinto-o me foder com seus dedos tão duramente quanto ele me fode com seu pau. Seus movimentos são certeiros, atingindo um ponto específico dentro de mim que me faz ver estrelas. Estrelas caindo e explodindo em um céu absolutamente escuro.

Callan acelera o movimento, o polegar pressionando meu clitóris enquanto ele continua me penetrando com os dedos. Ele me estimula de diversas formas, sem parar de apertar meus seios e beijar minha garganta. As diversas sensações fazem uma onda gigante crescer dentro de mim.

E ela continua crescendo e crescendo até que se desfaz de uma só vez.

E eu reprimo um grito quando o orgasmo me atravessa, fazendo minhas

pernas tremerem e minha boceta pulsar. Suor escorre pelo vale entre meus seios. E nas minhas têmporas, e nas costas...

Em todo lugar.

Quando termina, me sinto elétrica. O som da minha respiração ecoa por todo o dormitório. Abro os olhos e vejo o vazio do quarto. Os lençóis da cama bagunçados pelos meus próprios movimentos, e não há ninguém ao meu lado.

Afasto a mão do corpo, meus dedos ainda estão melados de quando gozei. Espero o sentimento de culpa e vergonha me alcançarem, mas eles nunca chegam.

Me masturbei para Callan. Gozei gemendo seu nome de uma forma que todas as minhas companheiras de alojamento podem ter ouvido do outro lado do corredor. Imaginei ele em cima de mim, me dando o tipo de prazer no qual ele parece ser especialista.

E provavelmente ele viu tudo através da câmera que instalou aqui sem meu consentimento.

Encaro o teto, localizando aquela maldita luzinha. Mas não consigo segurar o sorriso do prazer e da satisfação que ainda ondulam em mim.

— Espero que tenha aproveitado o show — digo para o nada.

Nem sei se ele pode me ouvir, espero que sim.

Respiro fundo e apago a luz em seguida, me virando e deixando o cansaço me levar para a terra dos sonhos, onde posso imaginar Callan novamente.



É véspera de Natal.

Tem um pequeno pinheiro de plástico enfeitado com bolinhas vermelhas no canto da sala comum do Danver Hall, e estou observando-o enquanto bebo vinho barato direto da garrafa. Sentada no chão, sobre o tapete, aproveito o fato de que o alojamento está praticamente vazio no feriado.

Exceto por mim e os meus guardas.

Estar sozinha hoje foi opção minha. Há um grande evento beneficente de Natal feito pela minha família todos os anos. Aposto que Astor está lá, inclusive. Eu prometi que estaria também, mas não tenho intenção de aparecer. E. com Soren fora da cidade a negócios, não tem ninguém para me obrigar a ir.

O lado bom é que não me sinto mal ou ansiosa ou deprimida, pensando na véspera de Natal em que Ava morreu.

A única coisa que está permeando minha mente e me deixando confusa

nos últimos tempos é o fato de Callan ter sumido do mapa após a noite em que ele pediu para que eu me tocasse. Nenhuma tentativa de contato foi feita por parte dele.

Acho que ele ainda me observa pela câmera, mas, na maior parte do tempo, esqueço que ela está lá.

Quando o som de uma notificação em meu celular apita, olho para a tela, encontrando uma nova mensagem de texto do meu pai.

Mason Kestrel [20h07]: *Onde você está? Perdeu o discurso.*

Suspiro, sem conseguir entender como meu pai pode achar que ainda tenho humor para todas as festas e reuniões sociais que rondam nossa família depois de tudo o que aconteceu.

Sloan Kestrel [20h07]: *A neve está bloqueando as ruas. Não vou conseguir sair de East End. Mas boa festa pra vocês. ;)*

A mentira sai com facilidade e só então percebo como mudei desde que retornei para essa cidade, no início do semestre. Eu era praticamente outra pessoa. Sinto que muito pouco, ou quase nada, daquela garota resta em mim. Só espero que essa nova versão seja muito mais forte, porque o caos em que minha vida se tornou parece bem longe de terminar.

Mais tarde naquela noite, um som estridente me faz acordar num rompante. Me sento assustada na cama, o coração martelando desesperadamente no peito com o susto. Encaro a escuridão da noite por um segundo, tentando entender o que aconteceu.

Mas, antes mesmo que eu me levante para checar, o barulho soa de novo. Dessa vez consigo identificá-lo. É a porta do meu dormitório chacoalhando com investidas brutas. Pisco, sem acreditar, e olho para o relógio na mesa de cabeceira.

São duas da manhã.

É Natal, quem diabos estaria me perturbando a essa hora? Tenho certeza de que Tweedledee e Tweedledum não deixariam nenhum desconhecido se aproximar da minha porta.

Dou uma olhada na tela de bloqueio do meu celular, mas não há nenhuma notificação recente. Talvez os gêmeos queiram algo e não acharam outra saída além de bater na porta que eles vigiam vinte e quatro horas por dia.

Suspiro e enfim me levanto.

Estou vestindo meu robe quando tocam a campainha de novo. Dessa vez, exclamo um palavrão bem alto.

Abro a porta de uma só vez e o que vejo me paralisa.

Não são os gêmeos Tweedledee e Tweedledum. Na verdade, eles estão caídos no chão. E há sangue.

Mas não é apenas isso. Há homens mascarados no corredor. As mesmas máscaras que os guardas dos Corvos utilizam. E, bem diante da minha porta, há uma mulher.

Uma mulher alta, esguia e estonteantemente bela. A mesma que estava lá no dia do meu juramento. Ela não sorri e nem esboça qualquer emoção quando me olha.

— Olá, Sloan.

Franzo o cenho, atônita. Não tenho sequer tempo de raciocinar, porque um dos homens mascarados salta sobre mim, me imobilizando e pressionando um pano úmido em meu rosto. O cheiro conhecido do clorofórmio me desespera.

Tento lutar, gritar, socar seus braços firmes, mas nada o impede. E quase posso ouvir o tique-taque de um relógio em contagem regressiva conforme manchas escuras surgem na minha visão.

Não demora muito. Ainda estou com um grito entalado na garganta quando perco totalmente os sentidos e tudo se apaga.

41

SLOAN

Eu desapontei quem era bom para mim
Eu deixei o meu verdadeiro amor morrer
Eu tinha o seu coração, mas eu o quebrava sempre
No Rest For The Wicked — Lykke Li

MEU CORPO INTEIRO ESTÁ MOLE e dormente.

Sinto que estou flutuando, que minha consciência está distante e alheia a qualquer coisa. Meus membros estão leves, como se eu estivesse tomada por um sono profundo. Tudo o que vejo é a escuridão. E quero que continue assim. Quero manter os olhos fechados e permanecer dormindo.

É nesse instante, enquanto estou meio acordada, que as memórias voltam. Lembro das batidas estrondosas, da urgência que senti ao abrir a porta, da minha confusão ao ver os Corvos no corredor...

Então, lembro, sem sucesso, de ser atacada e de tentar lutar.

Lembro de apagar, sentindo o medo me consumir.

Abro os olhos.

Estou deitada de barriga para cima, encarando um teto branco comum à primeira vista. Pisco repetidamente até minha visão desembaçar. Ainda me mantenho parada, embora não sinta que meus membros estejam imobilizados. Meu coração martela com tanta força que meu peito dói.

Respiro fundo e, enfim, viro a cabeça para olhar ao redor.

Não está escuro. A luz do dia invade o espaço através de alguma janela. Estou em um quarto, em uma cama de casal. As paredes são cinza-escuras e os móveis de madeira. Há uma grande lareira acesa, um tapete bordô surrado e alguns quadros barrocos na parede.

De imediato, sinto frio. Minha pele está arrepiada e me encolho, tentando buscar mais calor em meu próprio corpo. Ainda visto meu pequeno pijama de renda por baixo do robe de seda. Não pareço ter sido tocada, o que me traz um pouco de alívio.

Estou passando os olhos por cada canto do cômodo quando paro na figura de quase dois metros de altura perto de uma escrivaninha de madeira escura. Callan está usando roupas pretas de gola alta, como de costume. Seus braços fortes estão cruzados sobre o peito, e seu rosto está tão gélido e apático

que ele poderia me congelar com apenas um de seus olhares.

Ele me encara fixamente, sem transmitir nada de bom em seus olhos ou na sua feição. E sei, apenas por isso, que algo está muito errado.

O receio me atinge, sendo rapidamente substituído por medo.

— O que houve? — pergunto ao me sentar na cama. Minha voz falha de início e preciso pigarrear. — Onde eu estou?

Não parece um dos cômodos de St. Lazarus, nem com qualquer outro lugar remotamente conhecido ou familiar para mim.

Tento buscar qualquer conforto ou explicação em Callan, mas não consigo. Não com ele me olhando como o velho desprezo que conheço muito bem. Como se eu não valesse nada para ele.

Me seguro no lençol da cama sob meu corpo, pressentindo algo muito ruim. Esse Callan, aqui e agora, é aquele que eu costumava odiar e temer ao mesmo tempo.

Ele umedece os lábios antes de dizer, ainda em tom apático:

— Seja bem-vinda à Hollowmore, Kestrel.

Franzo a testa, meu rosto se contraindo enquanto repito aquela palavra, rastreando em minha mente seu significado.

Hollowmore.

O mesmo lugar onde se localiza o Complexo dos Corvos? O Conselho de Patronos? O Purgatório?

Me levanto, sem conseguir acreditar, e corro até a janela. Estamos alguns andares acima do solo, e, apesar de toda a neve que cobre os arredores e embaça um pouco o vidro, consigo ver o imenso desfiladeiro rochoso. Presumo que estejamos na parte de trás da propriedade, porque, além disso, tudo o que consigo ver é água. Provavelmente um grande lago, de águas cinza e aparentemente congelantes.

Definitivamente, não é Millsdale. Ou qualquer lugar de Washington, suponho.

Engulo em seco, tentando não me desesperar com a situação.

— O que estou fazendo aqui? — Minha voz exprime ressentimento quando me viro para fitar Callan novamente. — Por que me sequestraram?

— Foi necessário.

Callan apanha algo na escrivaninha atrás dele e joga na cama entre nós. Percebo de imediato que são fotografias.

De alguma forma, já sei o que é mesmo antes de me aproximar alguns passos e colocar os olhos nelas.

Somos James e eu no cemitério. De vários ângulos diferentes. As fotos fazem parecer que eu e meu ex-namorado estávamos em uma conversa muito

mais amigável e íntima do que realmente aconteceu.

Não preciso ler mentes para imaginar o que passou na cabeça de Callan quando viu isso.

— St. Clair flagrou você e Corrighan juntos há alguns dias — Callan explica, ainda com o tom firme e irrefutável. — Drystan disse que você ouviu escondida a ordem de execução de James. E, no dia seguinte, ele saiu do país e sumiu no mapa. Imagino que não seja tudo uma grande coincidência.

Seu tom ácido faz uma careta de desgosto surgir em meu rosto.

A frieza que ele ostentava agora dá lugar à raiva. Os olhos de Callan flamejam e a veia colérica ressurge em sua testa conforme ele me fulmina. Suas narinas dilatam.

Merda.

Fui tão estúpida. Deveria ter checado se não estava sendo seguida pelos Corvos. Nunca imaginaria. Pensei que eles confiassem em mim. Ou melhor, que Callan confiasse em mim, ao menos um pouco. De qualquer forma, não posso ser hipócrita. Estou aqui porque também não confiei nele.

E sabia, no momento em que pedi para que James sumisse, que isso era mais uma quebra do meu juramento aos Corvos. Mas faria de novo. E não porque precisava muito livrar James de ser sua próxima vítima, mas porque meu ex-namorado me ofereceu algo importante. Um plano B que eu preciso ter, porque sempre soube que os Corvos não se importam comigo.

Eles querem me usar e podem me descartar num estalar de dedos. O que tenho com Callan não impediria isso. *Eu precisava me proteger.*

— É isso, então — murmuro, sentindo meu corpo começar a doer, mais um dos efeitos do clorofórmio.

— Você traiu a Sociedade, Sloan. De novo! — Callan levanta o tom de voz. A raiva parece prestes a consumi-lo. Se em algum momento dos últimos dias ele deixou de me odiar, ao menos um pouco, agora tudo está de volta. — Tem noção do que foi preciso para convencê-los a não te matar ainda?

— *Ainda?* — repito, incrédula. — Então, essa continua sendo uma opção?

— Descumpriu o juramento — argumenta, como se fosse óbvio e, pior de tudo, *razoável*. — A punição para esse crime é sempre a morte.

Tenho vontade de rir. Ou de chorar.

Ou os dois.

Não é a primeira vez que Callan e os Corvos me ameaçam de morte, mas é a primeira vez que sinto como se isso me esfaqueasse por dentro. Talvez porque pensei que Callan agiria diferente, que ao menos tentaria ouvir o meu lado ou me daria o benefício da dúvida.

— Sim, Callan, descumpri! — confesso, sem remorso. — Fiz isso porque, diferentemente de você, não tenho o luxo de escolher o que é melhor para os Corvos. Preciso escolher o que é melhor para mim, porque ninguém mais vai fazer isso. Ou quer me convencer de que você faria?

Ele me perscruta com ira, como se estivesse imaginando todas as formas de acabar comigo o mais cruelmente possível.

— Por que eu acreditaria em qualquer coisa que sai da sua boca? — ele rebate, firme e até agressivo. — Por que eu acreditaria que você não é um deles e fez o que fez propositalmente para foder comigo e com os Corvos?

— Não fale comigo como se eu fosse um de seus subordinados!

— Então não minta para mim — sibila, entredentes, parecendo estar se esforçando para se controlar.

Sei que, se fosse qualquer um de seus homens, já estaria morta. Callan, apesar de tudo, tentou evitar isso. É por isso que ainda estou respirando, mas não sei por quanto tempo. O Conselho quer se livrar de mim e só estava esperando uma oportunidade.

Uma oportunidade que entreguei de mão beijada.

— Acredite no que você quiser. Não vou pedir desculpas por me escolher quando tudo o que você faz é escolher o que é melhor para os Corvos.

— Se eu estivesse fazendo o que é melhor para os Corvos, você já estaria morta há muito tempo.

Ouch.

Isso machuca.

Dói o fato de que Callan e eu nunca estivemos do mesmo lado. Eu deveria ser uma associada obediente e devota aos Corvos. Só assim teria sua lealdade por completo. Mas acho que isso nunca vai acontecer.

No fim do dia, sou apenas mais um Grifo para ele.

— O que te impede, hein? — provoco, dando um passo em sua direção. — Sua maldita obsessão comigo? Porque é óbvio que você nunca confiou em mim ou sequer se importou!

Um vinco profundo surge entre as sobrancelhas de Callan, e é a sua vez de dar um passo até mim. Sua voz está muito mais baixa e feroz quando ele replica:

— Acha mesmo que não me importo?

Callan parece ofendido, ultrajado até, possuído por uma raiva que parece movê-lo como uma força da natureza.

Quero tanto acreditar que ele teria movido o céu e o inferno por mim. Quero acreditar que Callan sente alguma coisa por mim o suficiente para isso. Mas não é nada além de ódio adormecido e obsessão.

Desde o começo sempre foi isso. Tóxico como um veneno letal, mas viciante e anestésico como codeína. Corroendo lentamente, mas matando rápido.

— O que queria que eu pensasse? — Minha voz está baixa agora, revelando, mesmo sem minha permissão, essa parte de mim que ainda está ferida pelas coisas que ele fez. — Você só me dá sinais controversos o tempo todo! Em um momento, você me quer, no outro, me odeia. Um dia você me pede desculpas e diz que sou sua, mas no outro me ignora e depois me sequestra sem conversar comigo antes. Você nem me disse que me salvou daquele incêndio!

Isso parece paralisá-lo.

Ele cerra a mandíbula com força, e seus olhos se apertam. Seu pomo de adão vai pra cima e pra baixo conforme ele engole em seco. Quero me convencer de que consigo ver algo através de suas íris quentes. Que não estou totalmente errada sobre ele. Que podemos resolver isso juntos.

— Se eu tivesse dito, teria feito alguma diferença? — pergunta, também baixo. Seu olhar cai para o chão. Callan não espera por uma resposta minha. — Você sabe que não.

Não tenho como dizer.

Há oito anos, tudo o que me dominava era luto e desejo por justiça. Ou vingança, seja como for. Não sei se meu ódio por Callan teria se atenuado ou se o rumo que tomamos teria sido diferente.

Ainda assim, gostaria que ele tivesse me contado na época. Teria reconfortado uma parte de mim, mesmo que a outra ainda estivesse sofrendo.

É minha vez de engolir em seco.

— E aposto que, se eu te pedir para me deixar ir, também não vai fazer nenhuma diferença pra você.

Ele sempre vai escolher a Sociedade, porque foi sob os dogmas dela que ele nasceu e cresceu. Isso é o que ele mais conhece e respeita. É sua vida, seus negócios.

Nunca poderei competir com isso.

— Isso não é um jogo, Kestrel. Não pode descumprir um juramento de sangue e achar que vai ficar impune. Isso está acima de mim.

— Não devo nada à Sociedade.

— Sim, você deve — me contradiz, se afastando e endireitando a postura. — Suas ações têm consequência e elas serão cobradas.

— O que quer dizer?

Seus olhos encontram os meus de novo e, dessa vez, só vejo o vazio. E nada poderia me preparar para o que sai de sua boca em seguida:

— Você vai para o Purgatório até que o Conselho decida o que fazer com você.

Pisco, atordoada.

Sinto como se toda a estrutura ao meu redor estivesse chacoalhando, prestes a desabar. Meu chão se abre, e despenco em um abismo profundo e escuro.

— Vai me mandar para o Purgatório? — minha voz é quase suplicante quando pergunto. Callan não responde, mas não é necessário. Está evidente e estampado em seu olhar distante. Meu queixo treme com a possibilidade de chorar. — Acho que eu estava certa de não confiar em você.

Callan vai me mandar para o pior lugar que ele conhece. O lugar que o fez sofrer tanto e ganhar cicatrizes físicas e psicológicas. E ele ser capaz de fazer isso comigo demonstra que nunca estive errada quando acreditei que ele era um monstro.

Depois disso, não demora para que as portas duplas de madeira sejam abertas e quatro guardas mascarados entrem no quarto. Eles marcham com determinação. Sei que não há para onde fugir. Não adianta tentar lutar ou barganhar, seria inútil. A única pessoa capaz de impedir isso está apenas assistindo tudo, sem se importar que o Purgatório destrua o que ainda restou de mim.

Me recuso a olhar para ele quando seus homens me agarram pelos braços e me arrastam para fora do quarto sem qualquer cuidado. Não quero que Callan pense que estou implorando em silêncio por sua benevolência. Meu orgulho ainda permanece inabalável.

Vou enfrentar as consequências das minhas ações, como ele mesmo disse. Sabia que isso era uma possibilidade se eu continuasse jogando dos dois lados. Não sou santa e estou longe de ainda ser a mocinha dessa história. Fiz coisas recriminâveis, mas ainda acredito que foram por bons motivos.

E não me arrependo de tentar sobreviver a qualquer custo.

Vou de cabeça erguida para o Purgatório. E é bom que Callan reze para que eu não sobreviva.



Sou arrastada pelo Complexo Corvo até o subsolo, onde sou jogada em uma cela escura e úmida. Não é exagero dizer que tudo o que consigo enxergar é um breu sem fim. Não há qualquer fresta de luz. Não consigo ver absolutamente nada. Nem mesmo sombras.

Tudo está preto. É como se eu caísse dentro de um vácuo espacial eterno. Não consigo me localizar, embora tente tatear ao meu redor para encontrar as

paredes. Conto quantos passos levo para ir de uma parede a outra, repetindo processo na perpendicular, e não chegam a dez.

É um cubo perfeito.

Tento controlar a respiração o melhor que consigo, sem deixar que o pânico me domine. Não sei o que será feito comigo aqui, mas sei que vai ser terrível. Só que não posso me apegar a isso, à antecipação e às conjecturas. Ou vou enlouquecer bem rápido.

Sei o que os Corvos estão fazendo.

Privação sensorial. Presumo que haverá também privação de sono e controle sobre alimentação. São técnicas milenares de tortura. É uma forma rápida de levar um ser humano são à loucura.

Mas sei que não será apenas isso, ou Callan não teria tantas cicatrizes pelo corpo. Além da tortura psicológica, aposto que eles também darão um jeito de me infligir dor física.

E não há escapatória, sei disso. Tenho certeza de que todos os outros Corvos que foram jogados aqui além de mim já tentaram de tudo.

Ainda assim, procuro por qualquer coisa no chão e nas paredes. Maçanetas, alçapões ou qualquer outra coisa útil. Mas não há nada além de superfícies perfeitamente lisas.

Não terei nenhuma noção de tempo e não sei quanto vai demorar para que o Conselho decida o que fazer comigo. Posso passar dias ou semanas aqui. Meses, até.

Ninguém nunca me encontraria.

Involuntariamente, minhas mãos começam a tremer.

Fico em pé e em movimento, tentando encontrar maneiras de conseguir manter minha mente intacta aqui pelo tempo que for. Callan conseguiu e, pelo que Roman me disse, foi o único que ficou por mais tempo e mais vezes. Mas Harkness foi treinado para isso, física e mentalmente. Cresceu aprendendo tudo o que podia sobre os Corvos.

Primeiro, eles quebram seu corpo. Depois, sua alma

As palavras de Callan surgem na minha memória, me deixando ainda mais apreensiva. Quero chorar, gritar e me desesperar. Ou talvez, xingar e socar as paredes. Mas de nada adiantaria.

Não posso sair e, lamentar minha situação infeliz, não vai resolver meu problema. Preciso concentrar todos os meus esforços em sobreviver e permanecer sã enquanto precisar ficar aqui.

Seja forte, Sloan, você consegue.

Recito esse mantra para mim uma porção de vezes. Em algum momento, deslizo pelas paredes e me sento no chão em um dos cantos — para ter certeza

de que não há nada atrás de mim.

Seguro minha cabeça entre as mãos e fecho os olhos.

Então espero, porque é a única coisa que me resta fazer.

Não sei quanto tempo passa, mas, em algum momento, água começa a cair. Água gelada. *Congelante*, para falar a verdade. É expelida do teto como se houvesse algum sprinkler acima da minha cabeça. Corro para todos os lados da cela, mas não consigo fugir de seu alcance.

Água me deixa completamente encharcada. Dos pés à cabeça. Tento respirar, mas o fluxo é tão forte que parece que vou me afogar. A pressão faz minha cabeça doer. Minha garganta queima quando, involuntariamente, aspiro água para dentro.

Começo a tossir. A sensação de afogamento faz meus instintos dispararem e eu entro em pânico. Mesmo tentando me concentrar na minha respiração, é impossível sair dessa espiral desespero.

Minha respiração fica instável, e a sensação de perigo incontrolável me atropela. Busco por ar avidamente, como se realmente estivesse me afogando.

Acho que longos minutos se passam comigo sendo alvejada pelos jatos de água fria. Meus ossos tremem, e minhas articulações começam a doer. É quase insuportável. Protejo a cabeça com meus braços da melhor forma que posso, ainda encolhida em um dos cantos da sala cúbica.

Em algum momento, a água cessa.

Estou totalmente molhada, tremendo tanto que meus membros chegam a ter espasmos. Penso na neve lá fora, cobrindo todo o entorno da propriedade. Aposto que seria a mesma sensação de entrar naquele lago em pleno inverno.

Um frio tão doloroso e desolador que parece ser o suficiente para me levar à beira da loucura. Assopro ar quente nas mãos curvadas em concha perto do rosto, numa tentativa ridícula de me aquecer. Meus dentes batem sem que eu tenha controle sobre eles.

Quando estou um pouco mais seca e calma, a água retorna, dessa vez parecendo ainda mais implacável.

Essa sequência se repete mais uma porção de vezes, não sei por quanto tempo. Sempre quando acho que estou prestes a não aguentar mais, a água cessa. E, quando acho que estou ficando bem, ela retorna.

Lembra-me um pouco da história de Sísifo, que fora condenado a carregar uma grande rocha para o topo de uma montanha alta. Quando ele enfim alcança seu propósito, a pedra rola para baixo e ele precisa começar de novo. A história se repete sucessivamente pela eternidade.

Acho que muitas horas se passam até que o ciclo parece ter fim. A água dá uma trégua. Meu corpo está tão esgotado que, em certo ponto, ele

simplesmente desliga e cede a um sono que, pelo jeito, é a única misericórdia que vou ter por aqui.

Agora entendo por que chamam esse lugar de Purgatório. Se há um momento na vida ou na morte em que pagarei por todos os meus malditos erros e pecados, sei que é aqui. Mas agora já não tenho certeza se sobreviverei no final.

42

CALLAN

Almas unidas, entrelaçadas pelo orgulho e pela culpa
Tem escuridão no horizonte, pelo jeito que eu andei vivendo
Mas eu sei que não consigo resistir
Ah, eu amo e odeio ao mesmo tempo
Você e eu bebemos o veneno da mesma vinha
Ah, eu amo e odeio ao mesmo tempo
Escondendo todos os nossos pecados da luz do dia
Daylight – David Kushner

QUANDO FUI ENVIADO AO PURGATÓRIO pela primeira vez, pensei que ia morrer. Não sabia nada sobre os Corvos, meus pais tinham acabado de morrer e não encontrei nenhum afeto ou acolhimento no meu tio, que se tornara o meu tutor legal.

Eu estava sozinho e perdido. Pela primeira vez na vida.

Sabia que tinha herdado toda a fortuna dos meus pais e que meu sobrenome exalava poder. Mas, naquela época, isso pouco importava. Na verdade, não significava porra nenhuma. Eu sentia como se não tivesse nada, porque tudo havia sido tirado de mim.

E, quando me vi naquela cela escura e imunda, no subsolo de uma construção tão antiga que parecia assombrada, em um lugar muito longe da casa que eu conhecia, pensei que também perderia a vida. Não sabia pelo que estava sendo punido. Por que meu próprio tio me mandaria para um lugar como aquele?

Nos primeiros dias, a morte deixou de ser um medo e passou a ser uma esperança. Implorei que me matassem. Toda vez que um guarda entrava e me espancava a ponto de eu perder a consciência, pensei que enfim descansaria em paz. Mas, horas depois, eu acordava no mesmo pesadelo, só para passar por tudo de novo e de novo.

Facas, arames, chicotes, tábuas de madeira... Eles utilizaram inúmeras coisas para torturar meu corpo até o limite da dor física. Não conseguia dormir, porque um som estridentemente sempre surgia quando eu estava prestes a apagar. Quando adormecia, era apenas porque havia desmaiado ou porque meu corpo simplesmente se desligava de tão extenuado.

Pensei que estava no inferno. Depois de um tempo lá, realmente passei a

acreditar que tinha morrido junto de meus pais e sido enviado para o inferno porque não fui um bom menino.

Quando fui libertado, quase três meses depois, passei semanas internado em um hospital. Demorou dias até que minha visão se acostumasse à luz novamente. E eu estava tão assombrado por tudo o que passei que senti que minha mente ainda estava presa lá embaixo, sendo constantemente torturada até o limite.

Raiva dominou todo o resto de mim.

Os anos seguintes passei aprendendo tudo o que meu tio e os Corvos me ensinavam sobre a Sociedade. Entendi o que o Purgatório era e por que eu tinha ido para lá. Foi a melhor forma que meu tio encontrou de provar aos membros da Sociedade que eu era digno de ser o herdeiro, que eu seria um líder forte e capaz no futuro.

Aquilo deixou o Conselho impressionado. Ninguém tinha sobrevivido tão jovem. Nunca soube o motivo de eu ter sido o primeiro. Me questionei isso tantas vezes durante toda a minha vida.

Por que eu sobrevivi?

Podia até ter meu corpo inteiro e recuperado nos anos seguintes ao meu tempo no Purgatório, mas me parecia que nunca tinha conseguido recuperar minha alma. Parte de mim nunca retornou de lá. Me tornei algo diferente daquele garoto ingênuo e amedrontado.

Meus demônios ocuparam minha mente. Aos meus olhos, o mundo se tornou um lugar obscuro e condenado. Não vi nem conheci nada que me fez pensar o contrário até os meus dezessete anos, quando me deparei com Sloan Kestrel pela primeira vez.

Ela era um sopro de ar fresco, um feixe de luz do sol. Um vislumbre de esperança. Pela primeira vez em muito tempo, senti algo além de raiva e desejo de vingança. Desejei que eu pudesse, em vez de queimar o mundo até restar apenas cinzas, salvá-lo. Porque o mundo pareceu de novo um lugar digno, já que existia nele alguém tão pura e boa como Sloan.

Eu destruí isso. Apaguei sua luz e corrompi sua esperança. Eu a transformei em alguém tão assombrada quanto eu.

E, mesmo assim, ela continuou inteira. Ainda assim ela continuou boa o bastante para salvar a pessoa que fez tudo isso a ela. Então, não satisfeito, fui lá e a mandei para o único lugar capaz de aniquilar de vez o que restou de Sloan.

Eu condenei a única coisa boa que ainda existia em minha vida ao inferno que me tornou esse ser vil, desprezível e indigno de qualquer sentimento decente. Qualquer luz, esperança ou afeto. Não mereço nada disso.

Arremesso uma cadeira na parede, assistindo enquanto as peças de

madeira se partem e despencam quebradas ao chão. Em seguida, é a vez da mesa da madeira maciça da sala de reuniões, que faço força para levantar e jogar na parede, arrebentando-a em dezenas de pedaços.

Sinto a raiva me consumir por dentro. Quente e vermelha, feito lava, varrendo toda a sanidade para longe.

Raiva de Sloan por ter tomado aquela estúpida decisão de favorecer os Grifos novamente. Raiva de mim, por não ter conseguido impedir todas as consequências que vieram com isso. Raiva do Conselho, por ter tomado as rédeas da situação.

Quando St. Clair apareceu na minha frente com aquelas fotos, senti que poderia quebrar seu pescoço com minhas mãos ali mesmo. Não era uma surpresa que o Conselho tinha ordenado que ele seguisse Sloan de perto, mas eu ainda estava tentando descobrir como me livrar de uma vez por todas dos malditos St. Clair quando aquela bomba caiu em meu colo.

Octavia e o Conselho já haviam sequestrado Sloan e a levado para a Dakota do Norte quando fiquei sabendo. Roman e eu embarcamos em um helicóptero logo em seguida. Marchei pelos corredores do Complexo pronto para colocar esse lugar abaixo.

Mas tudo o que consegui foi ganhar tempo. Enviar Sloan para o Purgatório foi a única forma de evitar que ela fosse morta imediatamente. E horas já se passaram sem que eu tenha qualquer solução. Há provas do crime de Sloan. O Conselho e os outros Corvos querem sua cabeça.

Não consigo pensar em uma saída, porque a porra da minha mente está presa em uma cela junto com Sloan. Tudo o que vejo quando fecho os olhos é ela encolhida no escuro, sofrendo o que eu e os outros Corvos sofremos.

Torturada, espancada, se sentindo sozinha e abandonada...

Coloco abaixo toda a secular sala de reuniões da Sociedade, descontando em cada objeto a fúria que eu só permito extravasar em um ringue. O barulho de vidro se quebrando quando jogo o decanter e os cálices de vidro no chão é estridente.

A cada novo alvo atingido, espero me sentir melhor.

Eu não deveria sentir como se fosse eu quem estivesse sendo torturado no Purgatório. Já mandei muitos iniciandos para lá. Nunca me importei ou sequer parei para refletir a respeito. Agora, sinto uma dor excruciante só de imaginar Sloan sofrendo.

E eu odeio isso. Queria poder arrancar de mim como um tumor maligno. Me livrar desse sentimento irracional e incoerente, que me faz querer quebrar todas as regras que fui criado para honrar.

— Que diabos está acontecendo aqui, Callan?!

A porta da sala é escancarada, e vejo Mikhail Drago acompanhado de dois outros Patronos membros do Conselho: Vincent St. Clair, pai de Jasper e Josephine, e Amara Stuart.

Os três me encaram boquiabertos como se estivessem diante do próprio retrato da loucura. Talvez estejam certos.

— Doze horas já se passaram! — brado, minha voz rouca reverbera pelo cômodo agora arruinado.

Mikhail troca olhares com St. Clair e Stuart antes de dispensá-los com um aceno de cabeça. Em seguida, ele passa os dedos com impaciência pelos cabelos grisalhos, ajeita o paletó e adentra na sala, fechando as portas atrás dele.

Drago vem de uma longa linhagem de homens ferozes. Duvido que alguma grama de seu corpo já sentiu qualquer coisa próxima de uma emoção humana. Ele é feito de cálculos matemáticos. Vê o mundo apenas em tons de preto e branco. Não sei nem se é apropriado atribuir seus atos a qualquer conceito de crueldade, porque isso exigiria que ele tivesse uma régua moral para decidir o que é ou não cruel.

Mikhail Drago não tem nada parecido com moral. Ele é frio, intolerante, impenetrável e superficial como uma pedra de gelo.

— O que você tem na cabeça? — sibila para mim feito uma serpente. Ou talvez, como um dragão. O dragão de três cabeças que é o símbolo da Zmey, que foi esculpida pelas próprias mãos de Mikhail. — Enlouqueceu?

— Estou exausto pra caralho de ser deixado de fora das decisões da Sociedade como se eu não fosse a porra do líder!

— Não precisaria ser deixado de fora se você ainda pensasse racionalmente quando se trata de Sloan Kestrel.

— Nunca deixei de pensar racionalmente.

— Mentira — rebate, levantando o tom da voz e um dedo acusatório. — Pode tentar mentir para mim, mas não pode mentir para si mesmo.

É, eu sei.

Essa é a pior parte. Não posso negar que não sou mais imparcial quando o assunto é a pequena fera de cabelos vermelhos e olhos azuis que tem dominado meus pensamentos e ações nos últimos tempos. Não posso me esquivar dessas acusações ou fingir para mim mesmo.

Mas, se Mikhail, qualquer outro Patrono ou a porra do Jasper St. Clair, acham que vão poder se utilizar disso para me depor do cargo que herdei por direito do meu pai, eles estão enganados pra caralho. Ninguém vai tocar no que é meu.

— Até quando ela vai ficar lá? — vou direto ao ponto.

Doze horas já se passaram, e, a cada novo segundo, isso se torna ainda

mais insuportável. Vai acabar realmente me enlouquecendo.

Mikhail puxa uma respiração profunda, coloca as mãos nos bolsos e me encara firmemente.

— Ela não vai sair, filho.

Pisco algumas vezes, pensando ter entendido errado.

— O quê?

— Vamos utilizar de nossos meios para arrancar da garota tudo o que ela sabe sobre os Grifos. Depois, ela será executada.

Tenho vontade de rir.

Mikhail e a porra do Conselho inteiro estão malucos se acham que podem tomar esse tipo de decisão sem passar pelo meu crivo antes.

— Este não era o plano — insisto, firme.

— O plano mudou.

— O plano não muda sem a *minha permissão*. — É a minha vez de apontar um dedo em riste para sua figura irritantemente condescendente. — Vocês podem ser o Conselho, mas eu ainda sou o líder legítimo dessa Sociedade.

Mikhail balança a cabeça, indignado. Ele não parece enfurecido ou colérico como eu. Está, na verdade, bufando de impaciência e incompreensão. Acho que, aos seus olhos, realmente me tornei um louco.

Seus olhos verdes se arregalam quando professa, em alto e bom som:

— Ela não pode viver, Callan!

Seu tom não é apenas impositivo, mas quase suplicante, me fazendo estreitar os olhos para estudá-lo.

Ele suspira, como se tivesse acabado de dizer algo que não deveria, e isso desperta um alerta instintivo na minha cabeça na mesma hora.

— Por quê, huh? — pressiono, chegando mais perto. — Há mais nessa história do que você está me contando, não é? Diga de uma vez, porra!

Mikhail respira fundo e endireita a postura.

— Sloan também é herdeira legítima da Sociedade dos Corvos.

— O quê? — sussurro, precisando ouvir aquilo de novo para tentar absorver o significado daquelas palavras.

Procuro por algum indício em seu rosto que denuncie sua mentira, mas Drago está tão sério como sempre.

— Assim como você, ela tem o sangue azul. A mãe dela descende de um dos fundadores da Sociedade.

Não pode ser. É simplesmente impossível. Sou o único descendente vivo dos fundadores.

— Meu tataravô matou todos os outros fundadores.

Foi a sua forma de evitar uma futura disputa pelo poder. Ele era leal,

acima de tudo, à sua própria dinastia.

— Ele não matou um deles — refuta, e consigo quase ver um relâmpago de raiva em seu semblante quando ele se recorda desse fato. — Seu melhor amigo, Arsène Baudelaire, que teve uma filha fora do casamento, ficou vivo, embora tenha se afastado da Sociedade quando adoeceu e perdeu a memória. A garota liderou a Sociedade por um breve tempo, após a morte de Jonathan Harkness, enquanto os filhos dele ainda eram menores de idade.

— Isso não significa nada — tento convencer a nós dois. — Foi há muito tempo.

Não importa se há cem anos uma outra pessoa governou a Sociedade por pouquíssimo tempo. É irrelevante.

— A mãe dela era próxima de alguns de nossos associados. Ela foi até mesmo iniciada como uma de nós na juventude! Por causa do *seu pai* e das decisões estúpidas dele.

O tom acusatório de Drago me deixa ultrajado. Eu poderia devolver na mesma moeda se não estivesse tão perplexo por essa informação.

Sloan não tem o sangue errado, como passei boa parte da minha vida acreditando. Ela tem o sangue dos dois. Grifos e Corvos, ela é herdeira de ambos. E ela não faz a menor ideia disso.

— O avanço do Alzheimer de Theresa parece ter sido bastante conveniente para você.

— Não fui o responsável por isso, infelizmente. A doença só veio depois. Theresa se afastou de nós por um motivo bem mais mundano: *amor* — ele pronuncia a palavra como se sentisse repulsa. — Ela se apaixonou por um Grifo e desertou. Na época, tínhamos coisas mais importantes para nos preocupar. Estávamos sendo caçados.

Eu conheço bem como essa história continua.

— Por que eu nunca soube disso?

— Enterramos essa parte da história. Arquivos, documentos, livros... tudo o que não desapareceu com a nossa quase extinção mas que mencionava a relação dos Baudelaire com os Corvos foi queimado. Somente alguns Patronos sabem disso.

— Foi por isso que seu plano inicial era tê-la conosco? Para garantir que Sloan não sabia de nada?

— Se ela tiver o conhecimento disso, ou mesmo Deacon, eles podem nos arruinar — Mikhail argumenta. — Uma nova guerra pelo poder dos Corvos pode acontecer e ela pode ganhar. Kestrel tem o direito tanto quanto você e muitos dos nossos associados podem preferi-la, especialmente se você ou o Conselho demonstrarem fraqueza. Não podemos deixar que uma garota metade Grifo tome

o *nosso poder*. É isso o que você quer? Perder sua amada coroa?

— Você ajudou a colocar minha herança em risco e não só por causa de Sloan. Sempre soube do interesse dos St. Clair em tomar a liderança. Pensei que não quisesse a porra de uma guerra.

— Eu não quero — rebate, inflexível. — St. Clair está sob controle.

— Não, não está. Ele vai se livrar de Sloan e depois tentar se livrar de mim. Está há meses conspirando para tomar o meu lugar.

Drago balança a cabeça, incapaz de ouvir ou de tentar entender.

— Presumo que não tenha provas de suas acusações.

Dessa vez, realmente solto uma risada nasalada.

Não esperava nada diferente dele, de toda forma. Mikhail nunca escondeu sua predileção por Jasper e seu desprezo pelo meu pai.

— Você é um fraco, Mikhail Drago — o acuso, sem me importar com nenhuma maldita hierarquia. —Talvez seja hora dos outros patronos receberem um incentivo para reavaliarem sua posição como o presidente.

Noto suas pálpebras tremerem antes de ele semicerrar os cílios para me olhar da exata forma ameaçadora que faz seus inimigos implorarem por misericórdia.

— Acredite em mim, filho, você não vai querer me ter como seu inimigo.

— Eu poderia dizer o mesmo — devolvo, me erguendo. — Acabe comigo e a Sociedade vai cair bem diante dos seus olhos. Vocês não eram nada antes de eu subir ao poder. Preciso lembrá-lo que os Corvos estavam à beira da extinção há poucos anos? Eu reergui isso aqui. *Eu* tenho a lealdade e o apoio de todos os associados. *Eu* treinei os iniciandos que agora você quer usar para me destruir.

É realmente engraçado que Mikhail ache que pode se livrar de mim da mesma forma que faz com todos os outros que o desafiam. Há alguns anos ele e os outros Patronos estavam perdidos, recolhidos à sua própria insignificância. Não tinham a menor ideia de como colocar a Sociedade de volta no topo. Não até eu e a Atlas entrarmos no jogo. Os acordos que fiz, as negociações que propus, tudo o que sacrifiquei... isso tem um preço.

Enquanto o Conselho e Jasper St. Clair estavam atrás de uma mesa, na segurança de seus escritórios ou viajando pelo mundo para aproveitar todas as regalias de ser um Corvo, eu estava nessa maldita cidade. Reivindicando o submundo das gangues, fazendo meu império tecnológico crescer e minha influência alcançar distritos inteiros.

Drago pode ter a Zmey, mas eu possuo todo o resto. Não sou eu quem tem algo a temer.

Vou em direção à porta, cansado dessa conversa inútil e sem sentido.

Posso lidar com uma guerra interna na Sociedade. Enfrentarei o que vier. Pode não ser o que meu pai ia querer, mas ele teria entendido.

Dou uma última olhada para Mikhail, que está em silêncio, mas me fitando com um gélido olhar assassino.

— Vou te dar um conselho gratuito, Drago: fique longe do meu caminho. Eu decido o que fazer com Sloan Kestrel a partir de agora.

Não fico para ouvi-lo. Saio para o corredor como um furacão, determinado a, enfim, fazer valer minha vontade por aqui.



— Isso foi tudo o que encontrou? — pergunto, a voz saindo estrangulada de tão apertada que minha mandíbula está.

Nas minhas mãos está o diário perdido de Edward Kestrel. O único que não li, porque nunca tinha o encontrado. Pensei que jamais o recuperaria, que talvez nem existisse mais. Meu pai escreveu esses diários porque queria deixar todas as suas memórias e lições escritas para mim. Ele sabia que eu ia precisar mais cedo ou mais tarde.

E por muito tempo procurei o diário perdido, me perguntando qual parte da história do meu pai estava escrita nele. Talvez houvesse algo importante e que eu precisasse saber. Depois de anos sem nenhuma pista de sua localização, desisti de procurar, me convencendo de que poderia ser melhor assim.

Eu nunca imaginaria que ele estivesse tão perto: em Hollowmore, escondido no gabinete de Mikhail Drago. Bem debaixo do meu nariz.

E eu jamais teria o encontrado se não tivesse pedido para Roman me ajudar a procurar qualquer registro restante da presença dos Baudelaire na Sociedade. Ele é o único além do seu avô que tem acesso ao seu gabinete pessoal.

Demorou apenas algumas horas, mas eu precisava saber. Precisava de alguma prova de que o presidente do Conselho não estava mentindo para mim, por qualquer motivo que fosse e por mais mirabolante que parecesse.

Devorei essas páginas rapidamente, meus olhos passando por cada palavra escrita pela caneta tinteiro preferida do meu pai. E, a cada nova linha, mais incrédulo fiquei.

Edward não apenas conhecia Theresa Baudelaire, mas era *apaixonado* por ela. Aconteceu anos antes de Sloan ou eu nascermos, quando nossos pais ainda estavam no auge de sua juventude, e foi bastante platônico. Ela era apaixonada por Mason Kestrel e, quando precisou escolher, escolheu ele em vez

de um Harkness.

E agora eu entendo por que meus pais morreram da forma que morreram. *Vingança.* De alguma forma, agora consigo odiar os Kestrel ainda mais do que antes. Mason ainda está tirando tudo de mim.

E eu estou irrevogavelmente ligado à sua filha.

Isso é mesmo uma maldição.

Mas o que importa é que Theresa, assim como Edward e todos os outros Corvos, estudou em Hollowmore e passou pela iniciação e o juramento. Ela era uma de nós, indiscutivelmente.

Não é mentira ou um mal-entendido. Sloan Kestrel é metade Corvo. E ela tem direito a herdar o trono da liderança, tanto quanto eu. Somos iguais. Estamos condenados um ao outro e, talvez, a lutar por uma única coroa.

Sinto meus dentes rangerem e uma pressão no fundo do meu crânio aumentar.

— Meu avô pode ser muitas coisas, mas não é um mentiroso. — A voz de Roman, vinda do outro lado dos meus aposentos, me desperta dos meus pensamentos. — E com certeza não é tolo. Ele queimou mesmo todos os registros dos Baudelaire na Sociedade. Aposto que ter um Kestrel no comando dos Corvos parece um pesadelo para ele. E, honestamente, para mim também.

Há um humor levemente ácido e irritante nas últimas palavras do meu irmão. Ele está perto do bar, como sempre, bebendo conhaque como se não estivéssemos diante da maior crise que a Sociedade poderia enfrentar desde o nosso massacre.

Fecho o caderno em minhas mãos, encarando sua capa de couro com tanta fúria que é como se o pequeno diário tivesse acabado de destruir a minha vida. Mas talvez seja isso mesmo.

Acho que eu também preciso de conhaque. E uísque. E todo álcool que eu conseguir roubar da adega da propriedade. Preciso ficar bêbado e quem sabe esquecer para sempre tudo o que aconteceu nas últimas quarenta e oito horas. Isso certamente resolveria boa parte dos meus problemas.

Mikhail está certo, não sou mais confiável quando se trata de Sloan. E ele também está certo em executá-la. A garota é uma ameaça maior do que eu poderia prever. Ela não faz ideia, mas poderia destruir tudo o que tenho. Se ela se empenhasse, arruinaria o legado do meu pai, tomaria de mim o império que reconstruí arduamente e acabaria com tudo.

E gostaria de me apegar à possibilidade de que ela nunca faria isso, mas não tenho como saber. Se fosse o contrário, eu com certeza reivindicaria o que é meu por direito.

Mas, mesmo sabendo que sua morte é o melhor para mim e para a

Sociedade, mesmo odiando seu fodido sobrenome e sua ligação com os Corvos, eu ainda mataria essa cidade inteira antes que tocassem em um fio do cabelo vermelho dela.

Um gosto insuportável de bile se instala no fundo da minha garganta.

— Bem, nunca vamos precisar descobrir — respondo, segundos antes de jogar o diário do meu pai no fogo crepitando na lareira acesa bem diante de mim.

As chamas cobrem o objeto, retorcendo sua estrutura. O cheiro de coisa queimada toma o quarto inteiro, e sinto um prazer bestial ao ver tudo aquilo, toda aquela memória maldita, queimando.

É assim que vou enterrar um pedaço da história dos Corvos para sempre. O último vestígio material da existência dos Baudelaire na linha do tempo da Sociedade vai virar cinzas. De agora em diante, isso desaparecerá. Se tornará uma lenda amaldiçoada que vai morrer junto com os poucos que ainda a conhecem.

— Vai contar a ela? — Roman pergunta, mais sério dessa vez.

Respiro fundo o cheiro da combustão antes de me virar para encarar Roman. Sua estrutura alta e esguia está jogada na poltrona ao lado da minha cama majestosa, cujos dosséis guardam muitas lembranças da minha época de iniciando jovem e rebelde.

Nem preciso pensar antes de respondê-lo.

— Não. — Nego com a cabeça, sentindo minha pulsação acelerar só de imaginar esse cenário. — Ao menos, não ainda. Não até Deacon ser destruído e não poder mais usar isso contra os Corvos.

Ou talvez, nunca.

Sloan e eu somos rivais inevitáveis. Opostos em quase tudo e, ao mesmo tempo, perigosamente semelhantes. Não preciso de outra versão minha disputando tudo o que me restou.

Ela e seu sobrenome abominável nunca poderão tirar isso de mim.

— Irmão — Roman chama com um suspiro. — Ela ainda está no Purgatório.

— Ela deveria apodrecer lá! — rosno, sentindo uma necessidade de estar em movimento.

— Não é o que você deseja de verdade — contrapõe, me deixando furioso.

Caminho de um lado para o outro pelo comprimento do dormitório, tentando expurgar da minha mente e do meu coração tudo o que ainda arde de necessidade por Sloan Kestrel. Tentando curar, em poucos minutos, uma obsessão de muitos anos. Me convencendo de que não me importo com o que acontece com ela naquele porão, de que vou até sentir alívio quando ela

finalmente partir.

A luta entre o que eu quero e o que eu deveria querer sempre permeou minha vida e todas as minhas escolhas.

Mas a verdade é uma só. E ela me diz que um mundo sem Sloan Kestrel não é nada mais do que um lugar podre, obscuro e condenado, uma terra estéril e sem vida, dominada apenas pelos demônios que aqui habitam. Um mundo que eu teria prazer em destruir, só para chegar até *ela*.

Meu anjo não será tirado de mim, nem mesmo quando minha alma for sentenciada ao inferno. Eu a levarei comigo

E não pretendo morrer ainda, então ela também não irá.

— Não, não é — concordo com um suspiro. — Temos que tirá-la de lá.



São duas e meia da manhã.

Sloan está no Purgatório há quase vinte e quatro horas. Precisamos esperar horas depois do toque de recolher para colocar nosso plano em ação. Os iniciandos e os Patronos precisam estar dormindo para tiramos Sloan das masmorras, apenas porque não quero ser interrompido. Eles não podem me impedir, de qualquer forma.

E, quando o sol nascer, já estaremos bem longe, de volta à Millsdale, e Mikhail ou o Conselho não poderão fazer nada.

Meu recado está dado. Qualquer um que desafiar minhas ordens ou minhas vontades a partir de agora... encararei como traição. Mikhail pode não querer uma guerra interna, mas terei prazer em iniciar uma se ele insistir em passar por cima das minhas decisões e, principalmente, em tentar me substituir por St. Clair.

Não é realmente uma guerra se eu sei que, no final, vou vencê-la.

Os corredores da grande e antiga propriedade de Hollowmore estão escuros e silenciosos enquanto Roman e eu marchamos por eles. Descemos três lances de escadas no subsolo, bem no fundo das masmorras, onde Sloan foi colocada. Os guardas quietos e mascarados abaixam a cabeça conforme passamos.

Como imaginei, eles não vão se atrever a me contrariar.

Aqui embaixo é úmido e sombrio. Há uma antiga lenda feita para aterrorizar os iniciandos que diz que todos os Corvos que morreram no Purgatório ainda vagam por esses corredores, sussurrando no ouvido dos guardas os métodos de tortura mais cruéis para que nós soframos tanto quanto eles

sofreram. Ninguém lá em cima consegue ouvir os gritos que ecoam por aqui.

Não passa de uma história de horror, mas acredito um pouco mais nela toda vez que desço aqui. Já faz anos desde a última vez. Desde que fiz meu juramento e tomei meu lugar de líder, nunca mais desejei passar pelo Purgatório, embora tenha sentenciado alguns Corvos a serem castigados aqui.

O som das portas de metal batendo ainda me causam calafrios, e, se eu ousar fechar os olhos, mesmo que por apenas um momento, conseguirei reviver com precisão a primeira vez em que fui jogado aqui. Conseguirei até mesmo sentir a dor, a agonia e o desespero, como se tivesse sido ontem e não há doze anos.

Começo a suar frio enquanto percorremos os corredores de celas intermináveis.

— Cela 13 — ordeno ao guarda quando, enfim, chegamos ao final da fileira. Não sei quem ele é. Assim como os outros, ele veste uma máscara escura que cobre toda a face, até mesmo a parte da boca. Eles não são treinados para falar, apenas obedecer. Também não é possível identificar qualquer característica de sua aparência ou identidade. Para todos os efeitos, ele é um fantasma. — Abra.

O guarda abaixa a cabeça e, como seu treinamento exige, obedece.

A luz no corredor é fraca e amarelada, impossível de penetrar para o interior das celas que ficam, durante todo o tempo, imersas no escuro mais denso e perturbador que existe.

A cela é destrancada e a luz invade apenas uma parte do cubículo, não atingindo o final, que continua sombrio. Não há sinal de Sloan onde está iluminado. Dou um passo adiante, sentindo meu coração na boca, mas então uma voz desconhecida e abafada soa atrás de mim:

— Senhor, você não deveria. — Arregalo os olhos com o ultraje e giro lentamente de volta, até estar encarando o guarda de novo. — O Conselho ordenou que...

— O Conselho está aqui, por acaso? — pergunto, levantando uma sobrancelha.

Sua ousadia é um ultraje.

Tenho plena consciência de que a culpa pelas torturas não é dele ou de nenhum dos carrascos que trabalham no Purgatório. Eles estão apenas executando as ordens que vêm de cima.

Ainda assim, não consigo evitar o ódio e o ressentimento que me enojam quando encaro suas figuras, me perguntando qual deles foi responsável por espancar uma criança de doze anos até fazê-la implorar pela morte, um conceito que nem sequer conhecia naquela tenra idade.

— Não, senhor, mas...

— Então sugiro que, se ainda quer ter uma língua, mantenha-a dentro de sua boca fechada.

Não perco mais tempo encarando sua figura rebelde. Em vez disso, dou passos firmes para o interior da cela, meus olhos se estreitando para conseguir enxergar sob a pouquíssima luz.

Até que a encontro.

E não sei se, em algum momento, eu soube com precisão o que era a verdadeira fúria. Mas agora tenho certeza de que estou sendo possuído por ela, porque é como se o mundo estivesse ruindo sob meus pés.

Sloan é uma figura pequena a encolhida no canto da cela. O robe de seda envolvendo seu corpo franzino está aos trapos, deixando à vista a lingerie por baixo.

A lingerie que eu lhe presenteei.

Seus cabelos estão molhados, espalhados pelo chão sujo de concreto. Espasmos de frio fazem seus membros tremerem. Sloan se mantém em posição fetal, abraçando o próprio corpo como se essa fosse sua única proteção. Há cortes e hematomas espalhados pela pele de seus braços. Seu nariz está sangrando, e seu olho está roxo e inchado.

Ela foi espancada. Da mesma forma que eu fui.

Meu anjo...

A sequência seguinte passa diante dos meus olhos como um borrão. Não ouço nem vejo mais nada. Nem sequer pareço ainda estar em domínio do meu próprio corpo. A fúria de fato me possui e, quando pisco, estou em cima do guarda. A máscara voou de seu rosto, e agora estou esmagando-o sob meu punho. Várias e várias vezes, com toda força que consigo reunir em meu corpo.

Bato sua cabeça contra o concreto. Há sangue por toda a parte e, a partir de algum momento, massa encefálica também. Minha mão direita, que nem se recuperou ainda depois de eu ter quebrado a cara de Cyan Wargrave, agora está arrebentada novamente.

Os sons dos ossos da face dele se quebrando e do sangue jorrando em mim, do seu crânio sendo esfarelado contra o chão... tudo parece muito distante.

— Callan! — Roman grita, sua voz perfurando a redoma de ódio que me envolveu e que ainda está abafando o mundo exterior. — Callan, pare, porra! Ele está morto.

Roman tenta me puxar em vão, mas, quando percebo que o guarda está, de fato, desfigurado e sem vida sob mim, eu paro. A onda vermelha e poderosa de ódio diminui aos poucos e o resto do mundo volta a ficar em foco.

Afasto uma mecha de cabelo que caiu em minha testa. O suor escorre das

minhas têmporas e meu peito sobe e desce com o ritmo intenso da minha respiração.

Me levanto. Dou alguns passos para longe da cena, satisfeito. Meu olhar passa pela bagunça de sangue, pele e ossos até onde meu irmão está de pé, perto da porta.

Roman não está surpreso nem chocado com minha perda de controle momentânea. Ele já me viu em momentos bem piores.

— Tire Sloan daqui — diz, maneando a cabeça na direção em que ela está deitada. — Eu limpo a bagunça.

Assinto uma vez.

Tento tirar o excesso de sangue de minhas mãos antes de me agachar e pegar Sloan nos braços. Não parece consciente.

Sentir seu corpo frio, quase desfalecido, contra o meu me deixa atormentado e aliviado ao mesmo tempo. A angústia de vê-la tão frágil e machucada é quase insuportável, mas ao menos ela está viva.

Ela se remexe em meu colo, estendendo os braços para segurar ao redor do meu pescoço. Sua cabeça descansa na curva do meu pescoço. Posso sentir sua respiração quente na minha pele e, porra, é a melhor sensação do mundo. É um sinal de que eles não conseguiram destruí-la.

— Vou levá-la aos meus aposentos — informo a Roman quando saio da cela com passos apressados. — Chame o dr. Butler quando terminar.

Não fico para ouvir uma resposta. Levo Sloan para longe das masmorras e daquele maldito Purgatório.

43

S L O A N

Amor, estou pensando sobre isso
E se a maneira como começamos fez isso ser
algo amaldiçoado desde o início?
E se isso só fica mais frio?
Será que você ainda vai me envolver e dizer que
acha que isso foi sensato?
Porque ultimamente eu tenho medo até mesmo
de pensar sobre onde estamos
Waiting Game — BANKS

RESPIRAR DÓI.

É como se houvesse lâminas em meus pulmões, me perfurando de dentro pra fora. Cada mínimo movimento exige muito esforço e só proporciona agonia. Meus olhos piscam, tentando se reajustar à luz. Não está mais tão escuro, mas nem tão claro a ponto de fazer minha retina doer.

Estou destroçada. Por dentro e por fora, me sinto quebrada. Como um prédio que recém desabou ou um trem que descarrilhou. Me sinto ínfima. E gostaria muito de não lembrar de nada, mas tudo está muito vívido na minha mente.

Quando a água congelante parou, pensei que ficaria bem. Que conseguiria lidar com qualquer coisa. Então, o guarda apareceu. Pedi, implorei, chorei, mas ele nunca disse uma palavra. Apenas me esmurrou. E chutou.

Dezenas de vezes.

Naquele momento pensei: “É isso, acabou.” Pensei em Bash. Pedi desculpas por não ter sido forte o bastante, por não ter conseguido ir até o final. Por ter sido fraca e patética.

Mas, então, não morri. Nem mesmo quando a porta se abriu novamente, um tempo depois. Ouvi vozes distantes, uma movimentação. Luz e sombras, gritos e gemidos de dor.

Quando enfim tomei coragem para abrir os olhos de verdade e enxergar, eu o vi. Callan. E senti seu cheiro, seu abraço, a segurança de ser pega no colo. Pensei que pudesse ser um sonho ou, quem sabe, um delírio.

Levo a mão à testa. Minha cabeça está latejando como o inferno.

Não estou mais deitada em um chão duro e áspero. Agora, é macio e confortável. Também não sinto mais frio. É aconchegante. Quase como se estivesse em um lugar familiar e seguro.

Pisco forte mais uma vez antes de abrir os olhos realmente. Há um dossel acima da minha cabeça. Sinto um toque ameno em minha bochecha e viro o rosto em sua direção, instintivamente buscando por mais.

Dois orbes caramelo-dourado estão me olhando com ternura. Acho que nunca vi uma feição de alívio tão explícita como a que Callan está carregando agora. Ele está deitado ao meu lado, uma mão apoiando a cabeça enquanto me observa minuciosamente, como se não pudesse perder nenhuma microexpressão minha.

— Ei. — Ele desliza o polegar no topo da minha bochecha, acariciando para afastar a dor. — Como se sente?

— Tão ruim quanto eu provavelmente pareço — murmuro, precisando fazer algumas pausas para tossir.

Callan parece tão sério e preocupado que chega a me assustar. Me faz ter um pouco de vontade de chorar quando lembro dos momentos anteriores a ser levada ao Purgatório. Nossa discussão, a raiva em seu rosto, as acusações, a desconfiança...

— O médico disse que você vai ficar bem. Não houve dano a nenhum órgão e também não quebrou nenhum osso — explica, querendo convencer a nós dois. — É quase impossível.

Com esforço, cubro sua mão com a minha e me apego ao calor que sua pele transmite. Sei que não deveria ser assim, mas é como estar perto de casa.

— Também era impossível que um garotinho de doze anos sobrevivesse — argumento, recordando do que Roman me disse.

— Drago te contou?

Anuo com a cabeça, me virando sobre o travesseiro para ficar frente a frente com ele.

— Sinto muito — sussurro.

Não sei como uma criança poderia sobreviver àquilo por mais do que algumas horas. Parece impossível. Eu não sei se teria conseguido ficar mais tempo. É simplesmente insuportável.

— Não consegue parar de sentir compaixão, não é? — questiona, incrédulo. — Mesmo eu tendo te enviado para lá.

Dou de ombros.

Não é tão simples.

Engulo em seco quando lembro dos segundos que antecederam o momento que Callan me tirou do Purgatório. Vi sombras se movimentando na

cela. Callan estava em cima do guarda, espancando-o.

Sinto as bochechas esquentarem de vergonha quando reconheço a satisfação que senti quando o vi acabando com meu algoz.

— Aquele homem... — Franzo o cenho, sem saber como perguntar isso. — Você o matou?

O corpo inteiro de Callan se enrijece, e seus olhos me inspecionam. A verdade está bem evidente em suas íris calorosas.

Ele matou o guarda. E não foi nem um pouco piedoso.

— Está com medo?

— De você? Não.

Morrer por outra pessoa parece uma escolha consideravelmente fácil de fazer. Mas matar por alguém? Não é qualquer um que é capaz disso. Eu mesma não sabia que era até enfiar uma faca nas entranhas de Cyan Wargrave quando ele parecia prestes a matar Callan.

E não me arrependo. Faria de novo, se precisasse.

Durante toda a minha vida, nunca senti como se tivesse alguém que fosse capaz de fazer isso por mim. Mas Callan o fez. Ele matou por mim. *De novo*. Contra as ordens do Conselho da Sociedade e contra tudo o que ele foi educado para honrar e obedecer.

Matou um dos seus homens por uma inimiga. Uma traidora dos Corvos.

Uma parte sombria, obscura e proibida dentro de mim está fascinada com isso.

Meu coração está repleto de algo que não conheço, mas que queima ardentemente por Callan.

A voz de Roman surge na minha mente e suas palavras ecoam.

Se você salva a vida de uma pessoa, a vida dela passa a pertencer a você. Estão ligados para sempre.

Talvez essa lenda seja verdade. Talvez minha vida esteja nas mãos de Callan agora. Com certeza sinto-o me dominar. Não há uma só parte de mim que não pulse incontrolavelmente por ele.

Me sinto doente, mas, de repente, mais viva do que nunca.

Callan parece estar pensando a mesma coisa, porque dá um longo suspiro, fechando os olhos e encostando sua testa na minha. Parece estar sentindo uma dor profunda e invisível. Suas mãos quentes tocam meu pescoço, apertando levemente minha garganta antes de descerem até meus ombros. Seus dedos me tateiam como se quisesse comprovar que sou real.

Seu perfume familiar e aniquilador me envolve como uma redoma. Me inclino em direção ao calor da sua pele, buscando por mais. Não me lembro de quando foi a última vez que me senti tão segura como sinto aqui e agora.

— Você vai ser minha ruína, não vai? — O som rouco de seus sussurros arrepia cada pelo em meu corpo.

— Isso te assusta?

Os olhos de Callan se abrem e suas pupilas me encontram. Observo enquanto elas dilatam, como se estivessem sob efeito de psicoativos.

— Você é a única coisa que ainda me assusta — ele confessa, com honestidade pingando de suas palavras. — O que sinto por você é aterrorizante e perigoso. Pra nós dois.

— Eu sei.

O que sentimos um pelo outro é como uma arma incendiária, capaz de destruir tudo ao redor. No momento, novamente, há dois caminhos que preciso escolher: ruína ou salvação. Não sei se ainda posso ser salva, mas sei que só um deles me atrai compulsivamente.

E a ruína sempre se pareceu com Callan Harkness.

Ao menos, no fim de tudo, ruiremos juntos.

É o que sinto quando me inclino até que meus lábios toquem os seus. O sabor da sua boca, que se tornou tão familiar, me recebe como se estivesse em casa. Beijo seus lábios, experimentando e saboreando.

No começo, é tão lento que chega a ser torturante. Mas, então, Callan segura minha nuca, aprofundando e aumentando o ritmo. Sua língua massageia a minha numa dança perfeitamente sincronizada e harmoniosa.

Busco por mais, agarrando seus ombros, me aproximando tanto quanto é possível. Seu beijo quente e molhado é tão bom que parece um delírio.

Afasto as cobertas de cima de mim e empurro Callan para que tombe de costas no colchão só para que eu possa subir em cima dele, meus joelhos apoiados na cama, um de cada lado do quadril dele. Sento em seu colo, sentindo a estrutura grande e firme de seu corpo sob mim.

Me inclino para frente, esmagando os seios em seu peitoral e conectando nossas bocas novamente. Engolimos um ao outro com euforia. Cada toque dele me deixa ainda mais acesa e desesperada para senti-lo, possuir seu corpo da mesma forma que ele fez comigo.

Callan dedilha a extensão da minha coluna, os dedos percorrendo a pele das minhas costas. Em seguida, ele afasta meu cabelo desgrenhado para o lado e me puxa para perto. Ele abocanha meu pescoço, mordendo e chupando com tanta intensidade e luxúria que solto um gemido necessitado.

— Callan — chamo, baixinho, em seu ouvido, e ele afunda os dedos em meu cabelo.

— Diz meu nome de novo — pede enquanto distribui uma sequência de beijos ao longo do meu maxilar.

Sorrio, percebendo o efeito que causo nele. Tenho poder sobre Callan e acho que nunca percebi isso da forma como faço agora.

Quando nota minha demora em obedecê-lo, Callan pressiona sua pélvis contra a minha, para que eu possa sentir exatamente o tamanho de sua vontade. O sorriso de vitória persiste em meu rosto.

— *Callan.*

Ele fecha os olhos, jogando a cabeça para trás em puro deleite.

— Porra, eu amo isso.

O prazer em seu rosto faz eu me retorcer de desejo.

Preciso disso. Preciso dele. Dentro de mim, fora de mim, em todo lugar...

Passo as mãos pelo seu corpo, abrindo cada um dos botões da sua camisa preta que encontro no caminho. Callan se adianta e também puxa com pressa o fecho do meu sutiã, arrancando-o para libertar meus seios.

Embora naturalmente áspero, Callan me toca com cuidado, como se eu fosse feita de porcelana. Não é como das outras vezes, urgente e bruto. Cada beijo seu é sutil e cada toque contido para não me quebrar ou causar mais dor em meu corpo cheio de hematomas.

Se antes eu não estava apaixonada por ele, agora com certeza estou. E entregar meu coração para alguém como Callan Harkness é muito mais do que um erro imperdoável. *É um crime.*

Mas nem sei se já tive escolha quanto a isso. Não adianta de nada lutar. Já tentei de todas as formas.

Agora, só quero me entregar e sentir tudo o que ele pode me proporcionar.

Callan coloca um dos meus seios na boca, massageando-o enquanto chupa e lambe ao redor do mamilo rosado. Em resposta, meus quadris se mexem quase que involuntariamente, rebolando em cima do volume duro como pedra em sua calça. A fricção estimula meu clitóris, inchado e sensível sob a renda da calcinha, e quase me mata.

Estou prestes a levar meus dedos ao ponto de prazer em minhas pernas quando Callan para, atraindo minha atenção para seu rosto. Seus olhos estão ardendo de lascívia e quase me levam ao orgasmo apenas ao me encararem. Ele me olha com fascínio, como se eu fosse a coisa mais valiosa e extraordinária que ele já colocou as mãos.

— Senta na minha cara, anjo — pede, com um sorriso malicioso no canto da boca avermelhada. — Quero sentir seu gosto quando gozar na minha boca.

Mordo meu lábio inferior, hesitante e, ao mesmo tempo, ansiosa.

Nunca explorei minha sexualidade com James da mesma forma que faço com Callan. Mas, a cada nova barreira que quebramos, me sinto mais confiante

para ir além. Estou molhada e com tesão, desesperada para esquecer o que aconteceu nas últimas horas, então apenas balanço a cabeça e obedeço.

Movo-me mais para frente, até a cabeceira de mogno da cama monumental. Me seguro na estrutura de madeira, apoiando os joelhos perto da cabeça de Callan. Ele passa as mãos pelas minhas coxas, sobe para minha bunda e aperta o fio dental da calcinha, forçando-o até o fundo.

Ele espalma as mãos na minha bunda, apertando a carne entre os dedos e me puxando ainda mais, até que eu tombe para frente e precise me apoiar na cabeceira. Callan puxa minha calcinha para o lado, e sinto a ponta quente da sua língua na minha boceta.

Ele lambe ao longo da abertura, me fazendo fechar os olhos para aproveitar a onda de prazer que ondula em mim. Meu corpo está arrepiado e já totalmente relaxado quando Callan me abocanha inteira com vontade, sugando meu clitóris entre seus lábios. Sinto seus dentes na minha carne e ele me mordisca, como se estivesse experimentando um novo doce.

Callan aperta minha bunda, seus dedos afundando forte na minha pele, me pressionando ainda mais contra sua língua. Atrás de mim, ele explora o vale entre meus glúteos com as mãos e arregalo os olhos quando um de seus dedos desce ainda mais por baixo da linha fina do fio dental, circulando o buraco apertado e, até então, intocado.

Ele parece estar testando, vendo até onde pode ir comigo, mas, quando não o impeço, ele mergulha a ponta do dedo enquanto na frente me chupa e me lambe com intensidade.

Ofego alto, transtornada pelas múltiplas sensações. Prazer parece transbordar de mim quando meus olhos rolam para trás. Meus quadris se mexem sozinhos, rebolando e incentivando-o a continuar com seus movimentos. O entra e sai do seu dedo na minha bunda e sua língua habilidosa no meu clitóris são mais do que o suficiente para que eu goze rápido e com força.

Mordo a cabeceira da cama para evitar de gritar. Sei que esse lugar está cheio de Corvos, mas, no momento, parece existir apenas Callan e eu no mundo inteiro.

O orgasmo é sensacional, me fazendo flutuar por vários minutos. Quase desabo em cima de Callan, sentindo minhas pernas perderem a força e meu corpo inteiro faiscar em eletricidade, como uma onda de choque.

Mas, antes que isso aconteça, Callan retira seu dedo de dentro de mim e o movimento me traz de volta. E nós dois sabemos que isso não foi o suficiente.

Deslizo para baixo em seu corpo, meus dedos apressados lutando para abrir suas calças enquanto sustento seu olhar de lascívia. Seus lábios estão brilhando com os resquícios do meu orgasmo, e isso me enche de tesão.

Quando enfim liberto seu pau, tomo meu tempo para apreciá-lo pela primeira vez realmente. Seu comprimento ereto é intimidador. A glande está rosada e brilhando, me deixando com água na boca.

Preciso senti-lo dentro de mim.

Afasto minha calcinha e posiciono seu pau na minha entrada. Mordo meu lábio com força quando abaixo devagar, sentindo-o entrar cada vez mais até bater bem no fundo. A sensação é de puro êxtase, reivindicando cada parte de mim. Callan e eu gememos juntos quando me movo para frente e para trás, esfregando meu clitóris em sua pélvis ao mesmo tempo que seu pau.

Ele segura minha cintura, guiando meus movimentos e me pressionando o mais fundo que consegue. Preciso afundar meu rosto no travesseiro para evitar um grito de prazer quando o sinto até o talo dentro de mim. Callan aproveita a nova posição para me segurar no lugar e levantar seus quadris de encontro aos meus, me fodendo de volta.

Seguro com força na cabeceira da cama, um gemido gutural escapando da minha boca. Estou rendida e entregue a Callan, e ele sabe disso. Sabe disso e se esforça para arrancar de mim os sons sôfregos de prazer que ele ama ouvir. Para provocá-lo, chamo seu nome de novo e ele quase enlouquece, aumentando a velocidade e a intensidade.

Meus seios saltam conforme nos movemos, e logo Callan volta a chupar um deles. Desço, subo e rebolo em seu pau como se fosse a primeira ou a última vez, o prazer me dominando de uma forma avassaladora e tomando o controle do meu corpo.

Meu sangue ferve, correndo quente e espesso nas veias. O suor escorre pela minha coluna, os cabelos grudando meu rosto. Nada importa, apenas o ritmo com que nossos corpos batem um contra o corpo. O som do sexo ecoa pelo quarto, me enchendo com ainda mais tesão e me estimulando a ir mais rápido e forte.

Quando Callan e eu fodemos, procuramos no outro o que falta em nós mesmos. Caçamos incontrolavelmente, como dois predadores, tentando extrair o máximo um do outro. Me perco em seu corpo e vice-versa. Quando nosso suor se mistura, minhas unhas pressionadas em sua pele e seu pau bem fundo dentro de mim, parece que somos um só. Que somos invencíveis porque estamos juntos.

É uma sensação surreal, que nunca senti em nenhum outro momento e com nenhuma outra pessoa. É algo único que Callan e eu criamos sem querer. E acho que posso muito bem estar viciada nisso.

Callan se ergue na cama, sentando-se. Me livro da peça de roupa que ainda cobre seus braços e, enfim, posso abraçá-lo. Sinto nossas peles colando, a

ponta dos meus seios deslizando contra sua pele, seu quadril se movendo em sincronia com o meu, seu pau martelando repetidamente bem no fundo.

E, então, o orgasmo vem novamente.

O nó apertado em meu ventre se desfaz, explodindo e fazendo meu corpo inteiro chacoalhar. Preciso morder o ombro de Callan para que um grito alto não escape, acordando cada um nessa propriedade.

Meu interior pulsa ao redor de Callan e o aperto é o suficiente para fazê-lo vir logo depois, os jatos quentes do seu gozo me inundando por dentro.

— Caralho, Sloan...

Um sorriso fraco e cansado toma meu rosto ao ouvi-lo chamar meu nome e tombamos juntos no colchão, abraçados um ao outro como se isso fosse natural entre nós. Minha respiração é tão descontrolada que faz meu peito doer e demanda alguns segundos antes que ela se normalize.

Quando viro o rosto, encontro os olhos de Callan sobre mim. Ele está me inspecionando, passando seu olhar atento e analítico por cada milímetro do meu corpo com preocupação.

— Eu te machuquei? — pergunta, tão ofegante quanto eu.

Tenho certeza que minha pele está coberta de machucados e muitas partes de mim ainda doem, mas não tem nada a ver com Callan. Eu precisava disso.

— Estou bem, Callan — garanto, me aconchegando de volta entre as cobertas. — Só preciso dormir um pouco.

Ele anui com a cabeça, e eu sorrio de novo, acariciando seu rosto quando ele se deita ao meu lado.

— Nós vamos — promete ele quando meus olhos já estão quase fechando.



Acordo sentindo minha pele quente. Raios de sol batem no meu rosto e preciso tampar a visão quando abro os olhos. Callan ainda está adormecido ao meu lado, embora já esteja de manhã. A claridade invade o quarto pelas grandes janelas vitorianas. Só agora tenho tempo de dar uma boa olhada no cômodo.

É grande e parece antigo, esculpido em madeira escura, como todo o resto nessa mansão. Me pergunto se foi aqui que ele ficou durante seus dias de iniciação, pouco depois do incêndio no Valiant.

A cama é enorme e possui um dossel, à frente há uma lareira de pedra e, do outro lado do quarto, um minibar e uma escrivaninha comprida. Há muitos

livros, cadernos e papéis espalhados por ela.

À essa altura, todos os Corvos em um raio de vinte quilômetros já devem saber que fugi da cela. Mas ninguém veio incomodar Callan por isso, o que me faz presumir que meu sumiço do Purgatório não foi novidade para o Conselho. Aposto que Callan já tinha deixado claras as suas intenções.

Mas também aposto que já deveríamos estar longe para não sofrer as consequências desses atos.

Viro o rosto para observar o homem ao meu lado. Ele dorme pacificamente. Nunca vi suas feições tão tranquilas quanto agora. Parece completamente relaxado, tendo bons sonhos.

Gostaria de estar com meu celular para tirar uma fotografia e guardar esse momento para sempre. Lembro-me de adormecer em seus braços, me sentindo segura pela sua presença e embalada pelo seu calor.

Passo meus olhos pela sua figura grande, que ocupa boa parte da cama. Ele está de barriga para cima, com uma mão próxima ao rosto.

Toco a cicatriz em seu ombro com a ponta dos dedos, muito leve e devagar para não despertá-lo. Callan deve ter enfrentado o inferno ao cruzar aquele internato em chamas para chegar até mim. Ele poderia apenas ter me deixado lá. Ninguém o culparia por isso. Em vez disso, ele arriscou a própria vida para me encontrar e me tirar de lá.

Beijo a extensão da queimadura.

Poderia beijar seu corpo inteiro várias e várias vezes e nunca me cansar.

Observo os desenhos das tatuagens que serpenteiam pelo seu tórax. Há um texto grande em suas costelas e me aproximo para tentar ler, apenas para descobrir que está em latim. Reconheço algumas palavras, uma vez que tínhamos matéria obrigatória do idioma no Instituto.

O texto parece um juramento. Cita coisas como honra, sangue e legado. Mas meu latim é muito mais enferrujado do que as outras línguas que domino além do inglês, como espanhol e francês, então desisto bem rápido. Há outra linha em latim, bem na lateral de seu quadril, onde a beira do lençol cobre sua cintura.

Afasto o tecido para conseguir ler completamente e, dessa vez, a traduzo de imediato.

Memento mori.

Instintivamente, minha mão vai ao colar em meu pescoço, para o pingente da minha mãe. Parte dessa frase está esculpida na peça de ouro que meu pai trancou em seu cofre há anos.

Lembre-se da morte.

O mesmo lema mórbido tatuado na pele de Callan. Um arrepio percorre

minha espinha e me afasto, abdicando de continuar estudando suas tatuagens.

Incomodada sem saber exatamente o porquê, me levanto.

Passo pela lareira em direção às janelas, mas algo me detém. Há um pequeno objeto de couro jogado entre a lenha queimada e os restos de cinzas e fuligem. Ao me aproximar, estreito os olhos e identifico um caderno. Talvez seja um diário. O couro marrom da capa está manchado e esfumaçado, mas intacto.

Um pequeno truque para verificar se uma peça é feita de couro legítimo é colocá-la no fogo. Couro sintético queima e derrete enquanto o legítimo não. Acho que Callan não sabia disso quando jogou o diário nas chamas da lareira esperando que fosse queimar.

Com a curiosidade pinicando em minha pele, checo se Callan continua dormindo e me abaixo, apanhando o caderno nas mãos. Já está frio, embora muito sujo de fuligem. Puxo as cordas de couro que envolvem o caderno e o abro. Muitas páginas no interior estão queimadas, em especial as partes que ficam mais próximas do corte do papel, mas algumas ainda restam protegidas pelo invólucro de couro.

Há um nome entalhado na capa e não é o de Callan.

Edward F. K. Harkness.

O pai dele.

Por que diabos ele ia querer queimar as memórias do próprio pai?

Mordo o canto da boca, curiosa e intrigada, mas não consigo me segurar por muito tempo. Meus dedos folheiam as páginas. A escrita de boa parte delas está borrada, provavelmente pelo calor ao qual foi exposto. Parece ser um diário completamente comum, datado de muitos anos atrás, e estou quase colocando-o de volta onde achei quando um nome familiar aparece.

Theresa Baudelair.

Por que o pai de Callan estava escrevendo sobre minha mãe em seu diário pessoal? Nunca soube que eles se conheceram, Callan nunca me disse nada, tampouco meu pai.

Seguro o diário com mais força e passo os olhos pelas palavras que ainda restaram nas páginas de papel, tentando encontrar algum sentido ou informação que responda às minhas perguntas.

Há um trecho curto completamente legível. Acho que é o único. Mal toco a página, com medo que o papel se desfaça em cinzas em minhas mãos, enquanto meus olhos devoram cada palavra.

"*Hollowmore, Outubro de 1989.*

Senti medo no dia do meu juramento. Lembro como se fosse ontem. Pensei em fugir várias vezes. Tinha um plano para isso. Iria para a Ásia, um

lugar onde os Patronos nunca poderiam me encontrar. Teria uma vida simples e tranquila. Uma vida normal. Mas, todas as vezes em que pensei nisso, nunca me imaginei sozinho lá. Só há uma pessoa com a qual eu fugiria. E acho que eu diria sim se ela me propusesse isso nesse exato momento. Só que Theresa não é covarde como eu. Ela está ansiosa pelo seu juramento. Ansiosa para ser um Corvo.

Ela nunca fugiria.

E sei exatamente o presente que vou lhe dar no dia de seu juramento. Sua coragem e audácia devem ser apreciadas. Fui até os confins da Islândia para buscá-lo, mas é o presente perfeito: um antigo punhal de ferro e prata, cravejando com joias de rubis que me lembram a cor de seus cabelos.

Espero que a faça feliz."

O diário quase cai das minhas mãos quando elas começam a tremer. Meus olhos estão arregalados em puro choque, e engasgo com um nó que surge na minha garganta. Minha boca seca, e meus membros amolecem. Leio e releio o nanquim borrado sobre a página amarelada uma porção de vezes, tentando encontrar qualquer outro sentido.

Minha mãe era um Corvo? Mas como? Isso é impossível. Callan mesmo disse que meu sangue nunca permitiria que eu fosse iniciada à Sociedade. E meu pai...

Meu pai é um Grifo. Toda a minha linhagem paterna é. Ele nunca se casaria com um Corvo.

Nada faz sentido. Se não houvesse a presença do sobrenome de Theresa em várias outras páginas, eu me enganaria dizendo que se tratava de outra pessoa. Mas a frase em seu colar é a mesma que estampa uma das tatuagens de Callan, próxima ao juramento da Sociedade que ele transcreveu em sua pele.

Ele queimou esse diário. Sabia que isso mudaria tudo e por isso queimou. Callan nunca me permitirá saber que sou parte dessa maldita irmandade tanto quanto ele. Teria escondido uma parte essencial da história da minha mãe, *da minha história*, pra sempre se eu não tivesse descoberto por acaso esse diário.

Não pode ser...

Balanço a cabeça, discutindo internamente comigo mesma. E, quando levanto a cabeça, a escrivaninha bagunçada de Callan entra no meu campo de visão.

O que mais ele está escondendo de mim?

Vou até a mesa de madeira, deixo o diário de lado apenas para fuçar nas dezenas de papéis espalhados em cima da escrivaninha. Algumas são correspondências da Sociedade, referentes ao seu cargo como líder, para o qual

não tenho o mínimo interesse. Abro alguns dos envelopes lacrados com o abridor de cartas dourado que encontro, só para garantir que não tem nada que eu precise saber ali.

Em seguida, parto para as gavetas.

Documentos, memorandos, convites para inúmeros eventos da alta sociedade... Eu os jogo no chão como se não fossem nada. E, quando quase toda a escrivaninha de Callan está vazia, encontro uma gaveta comprida e cheia de arquivos.

Não arquivos comuns, mas dossiês. E reconheço os nomes nas etiquetas. Alguns são das vítimas que Callan matou. Legados Grifos. Alvos a serem eliminados.

Jonah Webber, Issac Moss, Justice Hugh, Troye Nichols, James Corrighan...

Sloan Kestrel.

Pisco, atordoada quando abro a pasta, me deparando com uma ficha detalhada sobre mim na primeira página. Nome completo, data de nascimento, altura, peso, histórico médico e escolar... Passo as páginas.

Em muitas delas, há a documentação de cada passo da minha vida. Desde minha trajetória no Instituto Valiant até os anos em que passei em Paris. As pessoas com quem tive contato, os locais que frequentei... Tudo está assustadoramente detalhado e acompanhado de provas fotográficas.

Estavam me espionando. Durante todos os últimos anos, os Corvos estiveram na minha cola. Me perseguindo, me fotografando, vigiando minha vida como malditos *stalkers*.

Cada visita à clínica de cuidados em que minha mãe está internada, cada festa que participei, cada ida à livraria... Em tudo o que fiz nos últimos anos, eles estiveram em meu encalço, me fotografando escondido enquanto eu nem sequer fazia ideia de que a Sociedade existia.

No final, quando meus olhos já estão ardendo e cheios de lágrimas, encontro um recorte de jornal solto. É antigo, datando de 2007, do extinto veículo de notícias *Millsdale's Journal*. A manchete destacada em negrito faz meu estômago se revirar.

"*Completa hoje um ano da terrível tragédia que ceifou a vida da família Harkness. Relembre o chocante caso em que o casal de magnatas foi assassinado com tiros direto no coração.*"

Por cima do velho papel de jornal, rabiscado com contornos irregulares e trêmulos com caneta vermelha, está escrito "cumpra sua promessa". Várias e

várias vezes.

Estou enjoada e não sei se é, exatamente, porque faz mais de vinte e quatro horas que não me alimento ou se porque, mais uma vez, percebi que sou uma mera espectadora na minha própria vida. Ainda estou do lado de fora, tentando juntar os pedaços do passado e entender o que realmente aconteceu e qual o meu papel nisso tudo.

Mas desde que Bash morreu, pensei que soubesse quem eram os mocinhos e os vilões. Pensei que soubesse o que eu tinha que fazer, contra quem tinha que lutar. E fui tão tola que confiei na pessoa menos óbvia da história. A que mais merecia minha desconfiança e cautela.

Acreditei realmente que Callan não era o monstro que criei na minha cabeça há oito anos. Que ele não era totalmente egoísta, cínico e vil, que havia algo ali que valesse a pena. Algo em que eu poderia me apegar.

A voz de Nyx surge em minha mente de novo e me sinto tão estúpida por não ter prestado atenção em suas palavras naquela noite.

No território da Ordem, você pode até ser a rainha, mas aqui não passa de um peão de vidro. Útil, mas frágil e, eventualmente, descartável.

Ela acertou em cheio. Fui um peão de vidro para todos em minha vida, principalmente Callan. Ele ia me usar e, então, me descartar como qualquer outro alvo seu. Nunca me contaria a verdade porque gosta de ser capaz de me manipular como bem deseja.

Verdade é poder, e, enquanto eu permanecesse cega, Callan não teria com o que se preocupar. Mas agora eu sei.

E tão logo a dor da decepção surge, ela também se afasta, dando lugar a outra coisa.

Não vejo nem sinto mais nada quando apanho o afiado abridor de cartas em cima da escrivaninha e vou até Callan.

44

C A L L A N

Eu odeio tudo sobre você
Por que eu te amo?
Você odeia tudo sobre mim
Por que você me ama?
I Hate Everything About You – Three Days Grace

QUANDO ACORDO, ME DEPARO com íris azuis mortais me encarando e uma lâmina afiada pressionada em minha garganta, bem na jugular. Os cabelos vermelhos de Sloan estão bagunçados e seu rosto ainda parece preguiçoso do sono, embora ostente uma determinação obstinada. Me controlo para não deixar meu olhar vagar pelo seu corpo seminu, coberto pelos trapos da lingerie e ainda quente do meu toque.

Ainda com meu cheiro em sua pele, assim como seu gosto ainda está em minha língua.

— Se eu soubesse que você gosta de brincar com facas, anjo, teria trazido uma para a cama conosco ontem à noite.

Os olhos de Sloan pegam fogo com a provocação, mas, dessa vez, não é de luxúria. É pura ira, ardente e letal.

Deslizo os olhos para o lado, sem me mover muito, e capturo a imagem da minha escrivaninha bagunçada alguns metros atrás de Sloan. Os papéis estão espalhados por toda parte, as gavetas abertas e esvaziadas.

Sloan joga na cama o diário do meu pai. Embora chamuscado e com partes derretidas, ainda está basicamente inteiro.

Fecho os olhos e suspiro, afundando a cabeça no travesseiro.

Caralho.

— Sloan...

— Vai me dizer que pode explicar? Porque eu estou ansiosa para isso. — Novamente, tudo saiu do meu controle. Fecho as mãos em punhos apertados, contendo meu instinto de desarmar Sloan e inverter nossas posições. Poderia fazer isso facilmente, mas nada adiantaria além de deixá-la ainda mais furiosa. — Vamos, Callan, diga quando você pretendia me contar que sou tão Corvo quanto você ou qualquer outro bastardo nesse maldito lugar.

Ela está arisca como uma fera felina ao se sentir ameaçada. E agora não

há nada que eu possa fazer para contê-la.

Ergo-me sobre os cotovelos, convencido de que Sloan não vai me cortar. Sinto, porém, a lâmina riscar minha pele antes que ela recue, mas sem parar de apontar o abridor de cartas para o meu pescoço.

— Quer a verdade, anjo? — questiono, tentando ler seu rosto através das camadas de hematomas que doem como se estivessem em minha própria pele. Há uma tempestade de sentimentos relampeando em seus olhos. — Então é melhor conseguir lidar com as consequências disso, porque você não é apenas metade Corvo e metade Grifo. Você é herdeira legítima de ambos.

Suas pálpebras tremem de dúvida. Ela me escrutina com cuidado, como se estivesse tentando decidir se deve ou não acreditar no que estou dizendo. Um vinco quase imperceptível surge entre suas sobrancelhas acobreadas e arqueadas.

— Minha mãe...? — gagueja, confusa.

Aproveito para me sentar completamente ereto na cama, com a plena certeza de que Sloan não vai me esfaquear. Com a lâmina, ela acompanha meus movimentos, mantendo-se sempre atenta para prever minhas intenções.

E, embora pareça uma ideia sedutora, não pretendo lutar com ela. Não hoje.

Não quando ela parece tão prestes a escapar por entre meus dedos, se esvaindo completamente.

Seu olhar incisivo me pressiona, e, mesmo relutante, começo a explicar:

— Um de seus antepassados, há quase cem anos, foi escolhido pelo Conselho para liderar os Corvos enquanto o herdeiro Harkness não tinha idade o suficiente.

Sloan arregala os olhos por apenas um segundo, absorvendo a informação com um misto de choque e incredulidade. Mas acho que, a esse ponto, nada mais é capaz de surpreendê-la muito.

E Sloan sempre suportou tudo isso firme. Quando a conheci, ela era como uma rosa vermelha. Linda mas frágil, capaz de se despedaçar facilmente. Agora, contudo, ela ganhou espinhos reforçados e venenosos, que faz sangrar quem se aproxima demais.

E é por isso que sei que, neste exato momento, posso tê-la perdido para sempre.

— E você não me contou porque tem medo que eu queira tomar o seu lugar — ela completa, achando graça. Seus olhos estão turvos e nebulosos, mas ela ri alto como se tivesse acabado de perceber algo hilário. — Quando achei tudo isso há alguns minutos, pensei que talvez houvesse um grande motivo por trás das suas mentiras. Que você fosse um mal que estava se esgueirando pela minha vida há anos. Alguém vil e perigoso. Alguém a se temer. — Seu

semblante se fecha, o humor dando lugar à raiva. Ela passa a cuspir as palavras em minha direção com os olhos em chama: — Mas você é apenas um covarde, Harkness!

— Não é a única coisa que você deveria saber.

Aposto que Sloan não conseguiu ler tudo e que uma grande porção páginas do diário foram destruídas pelo fogo. Sloan não sabe da pior parte. E já está na hora dela saber.

— Não, não é — ela concorda. Com a mão livre, ela seca seus olhos antes que lágrimas escorram. Seu movimento é apressado e raivoso. — Eu também deveria saber que você sempre me teve como parte de sua lista de vítimas. Planejava me matar, não é?

— Sim.

Sonhei e fantasiei com isso tantas vezes que sabia exatamente como faria. Cada passo, cada movimento... Eu decorei esse plano e todas as suas variáveis. Fui milimétrico. Aguardei anos para poder começar a colocá-lo em prática. Para isso, precisava rastrear Sloan. Estudá-la, decifrá-la, conhecê-la melhor do que ninguém.

E, ainda assim, nada me preparou para seu retorno. Para o momento em que ficamos frente a frente de novo, depois de anos. Quando olhei em seus olhos na Éclipse, parte de mim já sabia que meu plano estava fadado ao fracasso.

Depois do chalé em Missoula, ficou óbvio para quem quisesse ver que minha vingança pessoal nunca se concretizaria. Minha promessa, meus planos, tudo foi por água abaixo. Sloan destruiu cada barreira minha e reivindicou tudo o que havia por trás.

Ela passou a olhar para mim de uma forma única. Fiquei viciado nisso. Obcecado. Ainda estou.

Mas, agora, isso acabou.

E preciso resolver essa situação. Preciso fazê-la enxergar que, no fim, nada importa. Sloan é, e sempre será, irrevogavelmente minha.

— Você é um verme desprezível — sibila ela, entredentes.

Suspiro e me levanto.

Sloan dá alguns passos para trás, mas o abridor de cartas permanece esticado na minha direção. Eu deveria tê-la ensinado a posição de ataque correta. Como impedir que alguém a desarme e vire sua própria arma contra ela.

Deveria tê-la ensinado a nunca hesitar. À essa altura, ela realmente já deveria ter cortado minha garganta. Nunca deveria ter dado abertura ou tempo para que seu inimigo pudesse pensar em como inverter a situação.

— Já me chamou de coisas piores, anjo.

— Sou estúpida por ter confiado em você.

— Estava tentando cumprir uma promessa — argumento, apesar de que isso não explica muita coisa.

— Tentando cumprir uma promessa — ecoa Sloan. — E pra quem você prometeu que me mataria?

Meu peito se aperta quando me lembro disso. Aquela noite, há tanto tempo... Me recordo dela de forma tão clara e vívida que parece ter acontecido ontem.

— Meu pai — confesso, fechando os olhos.

Eu o vejo no chão. Engasgando com o próprio sangue. Tremendo. Pálido e aterrorizado. Seus olhos, exatamente idênticos aos meus, me transmitiram tanta coisa quando me ajoelhei ao seu lado.

Ele estava destruído por não ter podido proteger minha mãe. E com raiva por ser forçado a me deixar.

Abro os olhos de novo, encontrando o rosto consternado de Sloan. Ela abaixou a lâmina só um pouco, mas ainda está a empunhando como se precisasse se defender de um provável ataque meu a qualquer momento.

Ela pisca, confusa.

— O quê?

— Prometi a ele, enquanto ele sangrava até a morte, que me vingaria. Que faria seu assassino sofrer da mesma forma que estávamos sofrendo.

Sloan balança a cabeça.

— Eu não matei seu pai.

— Mas o seu pai matou — revelo, olhando tão fundo em seus olhos que quase consigo enxergar Mason Kestrel por trás deles. — Cresci sem saber o nome do monstro que tirou meus pais de mim. Só tinha um rosto gravado na memória. Até aquele dia, há oito anos, quando eu olhei nos olhos dele novamente. Quando eu descobri que o seu pai tinha matado o meu.

A compreensão faz seu rosto se retorcer como se estivesse sentindo dor física. E vejo suas pernas enfraquecerem bem diante de mim. Me preparo para apanhá-la antes que caia no chão, mas ela continua de pé. Firme como rocha.

Ela se distancia ainda mais, como se não suportasse nem mesmo respirar o mesmo ar que eu.

— Foi por isso que passou a me desprezar de repente — sussurra para si mesma.

— Te odiei tanto e quis muito te matar. Mas eu não conseguia. E isso fazia eu te odiar ainda mais. — Dou risada da minha própria situação.

Dou um passo em sua direção. Ela recua, mas logo fica encurralada quando suas costas encontram a escrivaninha.

— Então, em vez disso, pretendia me manter como um fantoche cego,

que você podia manipular como quisesse — conclui, embargada. — Além de covarde, é um fraco também.

Continuo me aproximando, até que a ponta de sua lâmina esteja pressionada bem no meio do meu peito. Sinto a ponta arranhar minha pele.

— Você também não consegue me matar — provoco, tentando fazê-la enxergar o que está bem na sua frente. Não importa o quanto ela me odeie, o quanto queira me obliterar da face da Terra. Nunca se verá livre de mim, assim como nunca me verei livre dela. Precisamos um do outro como oxigênio. — E aposto que queira muito.

Sloan ergue o queixo, os olhos vidrados nos meus, impassíveis.

— Eu nunca quis tanto algo na vida.

— Estamos condenados um ao outro, anjo, não tem pra onde fugir.

Levanto a mão para aproximá-la de seu rosto. Preciso tocá-la.

Mas, antes que eu tenha a chance, Sloan desliza a lâmina no ar, atingindo minha mão. A queimação antecede a dor, que irradia pela minha mão e, em seguida, por todo o meu braço.

Olho para baixo, vendo o corte superficial feito de um lado ao outro na palma da minha mão. O sangue surge rapidamente, manchando a pele.

— *Porra* — xingo, travando o maxilar.

Sloan aproveita para correr para o outro lado do quarto, fugindo de mim e da minha ira.

— Eu não estou condenada a você — contradiz, ainda mais determinada do que antes. — Não vou deixar que minha vida e minhas decisões sejam controladas por você. Tenho nojo de você, Callan. Nojo das suas mentiras, do seu fingimento, das suas palavras vazias...

Não permito que ela termine.

— Acha que foi fingimento? Que não custou tudo de mim lutar contra o que eu sinto pela pessoa que deveria ser minha maior inimiga? Acha que eu não sou atormentado pelo fato de que não consigo suportar a ideia de que seja machucada?

Sloan balança a cabeça, os olhos avermelhados voltando a se encherem de lágrimas. Consigo ver que está com um choro entalado na garganta. Não sei se de raiva ou decepção. Talvez dos dois.

— Eu não acredito em você — rebate, levantando o tom de voz. — Se fosse honesto ou capaz de expressar qualquer sentimento humano real, teria me dito a verdade. Teria se importado comigo mais do que com sua ganância. Mas você não consegue, não é? Não é digno de nada de bom, Harkness. Boa sorte sendo assombrado pelo resto da sua vida miserável.

Ela se vira e vai até a porta, abrindo-a. Sei que deveria impedi-la. Que

deveria prendê-la neste quarto e obrigá-la a me ouvir, a me compreender. Mas não consigo. Fico apenas inerte, no mesmo lugar de antes, sentindo como se um órgão vital tivesse sido arrancado de mim.

— Sloan — a chamo, um último clamor para que ela não se vá.

Porra, sinto que estou prestes a *implorá-la* para que fique.

Mas ela está machucada e com raiva. Dor e ira são uma combinação muito perigosa, capaz de mudar alguém completamente. É o que move grande parte das vinganças.

Conheço muito bem esses sentimentos.

Sloan se detém no batente da porta. Seu roso se vira para mim e nossos olhares e cruzam pela última vez.

— Não deixarei que chegue perto de mim e da minha família — promete com firmeza. As lágrimas agora rolam pelo seu rosto, mas ela não parece mais frágil ou vulnerável por causa disso. Muito pelo contrário. Sloan está mais feroz e perigosa do que nunca. — Perdeu sua grande chance de me matar, Harkness, e esse foi seu último erro. Vai se arrepender disso, eu te garanto.

E, então, ela se vai.



PARTE IV

Amo-te como se amam certas coisas obscuras
Secretamente, entre a sombra e a alma
A Dança/ Soneto XVII – Pablo Neruda

45

S L O A N

Passado

Você deve lutar por si mesmo
Ninguém está seguro aqui
Em quem você pode confiar?
Diga-me em quem você pode confiar?
Sufocando no medo
Você vai atravessar? Você vai atravessar?
Para o lado escuro?
Darkside – Oshins

FOI ELE.

Sei disso tanto quanto sei que o céu é azul e a neve é gelada. Soube desde o primeiro momento, quando acordei no hospital, confusa, encarando os olhos chorosos do meu meio-irmão e o rosto pálido do meu pai. Mesmo quando tudo o que eu conseguia fazer era chorar, porque de repente me disseram que eu não tinha mais uma melhor amiga. Ava Gallagher estava morta.

No momento em que eu assistia ao caixão dela ser abaixado no buraco do cemitério de St. Marcus, com a visão embaçada por lágrimas de horror e ódio, era só nisso que eu conseguia pensar.

Callan Harkness fez isso. É culpa dele.

Disse isso ao médico, ao policial e à minha família. Eu não soube explicar, não tenho nenhuma prova além da convicção instintiva que grita dentro de mim a cada segundo. E todos eles me responderam da mesma forma: “Não foi um incêndio intencional, foi causado pela fiação antiga do internato.”.

Ninguém acredita em mim. E, não me importa suas teorias, eu sei que foi Harkness. Ele já fez isso antes, algo que todos parecem ter se esquecido. Já colocou fogo no laboratório de química, já cortou o rosto de outro garoto, já derramou *sangue de porco* em cima de mim durante uma apresentação de teatro...

Não há nada que ele não seja capaz de fazer, especialmente quando sente ódio. E, por algum motivo que também não sei explicar, ele me odeia muito.

A colcha de lã feita pela minha avó Martha — e enviada por ela da França — está cobrindo minhas pernas cruzadas no sofá enquanto meus olhos

permanecem fixos na tela da televisão. Os jornais só falam do incêndio ultimamente. Ou melhor, na *grande tragédia.*

A âncora do jornal da noite está mostrando as imagens dos escombros do internato. A ala feminina e a ala acadêmica viraram uma pilha de entulho desde que os bombeiros apagaram o fogo. Há muito a ser reconstruído — ou demolido.

E, enquanto assisto à matéria, penso em Ava. Penso nela sozinha naquela biblioteca, onde os bombeiros disseram que houve a origem do fogo. Imagino seu desespero, seu sofrimento, seus gritos aterrorizados...

Trinco a mandíbula, agarrando a anta entre minhas unhas como. Tenho sonhado com isso todas as últimas quatros noites. “O funeral já passou. Seque suas lágrimas, é hora de superar”, foi o que meu pai disse. Ele mencionou procurar um terapeuta também.

Mas isso não vai resolver meu problema. Não preciso de análise, preciso de justiça. Callan precisa ser responsabilizado e punido, mas sei que isso nunca vai acontecer. Todos já decidiram que acreditam na teoria do maldito acidente com a rede elétrica.

Ninguém vai investigá-lo.

Talvez Callan não esperasse que o incêndio fosse tomar uma proporção tão grande. Talvez não soubesse que o alarme de incêndio não ia disparar. Talvez estivesse apenas tentando me atormentar, algo que parece ter se tornado seu passatempos preferido.

De qualquer forma, não é coincidência que o incêndio tenha começado no mesmo lugar em que ele sabia que eu costumava estar durante as madrugadas.

Pisco, saindo de transe, quando a tevê desliga do nada.

— Não deveria ficar assistindo isso. — A voz de Bash soa atrás de mim.

Me viro, encontrando-o parado atrás do sofá, com o controle remoto nas mãos.

Reviro os olhos, zangada.

— Ligue a tevê, Bash. *Agora*.

— Não — se recusa, dando a volta para se jogar no sofá ao meu lado. — Não faz bem para você.

— Você não sabe o que faz bem pra mim.

— Claro que sei, sou o irmão mais velho.

— Você não é meu irmão!

Minhas palavras não o ofendem, embora eu queira que sim. Estou triste e furiosa, sem ter com quem conversar. Sem poder ligar para minha melhor amiga e ouvir sua voz. Sem poder abraçá-la. No momento, só quero causar estrago. Quero que sintam minha dor, mesmo que não possam compreender.

Sebastian, contudo, apenas dá um longo suspiro e continua me olhando.

— Sou sim — contraria com tranquilidade. — Você querendo ou não.

Expiro o ar com impaciência. Jogo a colcha quentinha para o lado e me levanto.

— Suas palavras não vão me ajudar. Nada do que você faça vai me ajudar. E você nem acredita em mim — acuso, sentindo as lágrimas, minhas novas companheiras, brotarem no canto dos meus olhos. — Ava teria acreditado.

Não fico para ouvir sua resposta. Eu lhe dou as costas e piso duro para longe da sala de estar da mansão Kestrel, em direção às escadas que levam ao meu quarto.

Podem não acreditar em mim, mas sei a verdade. O incêndio não foi intencional. Callan é o culpado. E, se ninguém aqui vai puni-lo por isso, eu vou.

Vou devolver na mesma moeda.



Todos acham que estou no meu quarto quando saio pela janela, desço pela treliça e me esgueiro para a garagem, onde coloco um galão pequeno de gasolina dentro da mochila e uma caixa de fósforos também. Ninguém nota quando pego minha antiga bicicleta cor-de-rosa, na qual não toco desde o onze anos e que ficou esquecida aqui durante todo esse tempo. Para desviar das câmeras de vigilância e não precisar passar pelo portão, saio pelos fundos sem ser percebida.

A propriedade é enorme e, bem lá nos fundos, a cerca de metal está danificada. Há dois dias, ouvi meu pai reclamar disso com Leonard. Só vão consertar na semana que vem, o que é extremamente providencial para mim.

Pouco depois, estou pedalando pela trilha no bosque. Há um longo caminho até East End, o que significa que também vou precisar pegar o metrô. Ergo o capuz do meu casaco de moletom e sigo o plano, sedenta para o que o resto da noite reserva à Callan Harkness.

Está escuro quando chego à residência dos Harkness, no coração do distrito de East End. Se meu pai sonhar que estou desse lado da cidade, sozinha e com um terrível plano em mente, ele certamente me enviaria para estudar em outro país.

Mas, se tudo der certo, ninguém saberá que fui eu.

Há guardas armados em frente ao portão da mansão, como eu suspeitava. Por sorte, são apenas dois. Uma floresta densa cerca a propriedade, e, com o

coração na boca, as mãos suando de nervosismo, circundo o terreno no meio das árvores. Largo a bicicleta perto de um arbusto e continuo a pé, segurando a mochila firme em meu ombro.

Deveria sentir medo de estar sozinha, no escuro, muito longe de casa, em um lugar perigoso. Mas, surpreendentemente, não estou. Só sinto o calor da raiva. A vontade implacável de fazer Callan se sentir da mesma forma que eu.

De lhe causar dor.

De retribuir tudo o que fez de ruim.

Harkness sempre se safa das coisas terríveis que faz. Se eu mesma não fizer alguma coisa, ele permanecerá impune para sempre.

E Ava merece justiça!

O ódio me cega, fazendo com que eu enxergue tudo vermelho. Em algum momento, faz até com que eu abandone a cautela.

Respiro fundo quando percebo que precisarei escalar uma árvore para pular o muro da casa. Um dos galhos dela é proeminente, levando direto para dentro da propriedade.

Não sou do tipo atlética, mas não deve ser mais difícil do que fugir pela janela, escalando a parede — algo que já fiz duas vezes agora. Corrijo a postura e coloco o plano em prática. Consigo apoiar os pés em uma dobra na base do tronco, e depois disso realmente não é difícil.

Vou me agarrando nos galhos que, por sorte, são firmes e espessos. O ramo range e, por um segundo, penso que vai quebrar e que vou me estatelar no chão. Mas não acontece.

Consigo pular o muro alto, mas não posso evitar cair de joelhos na neve. Está frio pra caramba aqui, mas espero que as muitas camadas de roupa me impeçam de congelar ou, no mínimo, de ter uma hipotermia.

Ergo a cabeça e encaro a grande mansão, que se mesclaria à noite perfeitamente, não fosse por algumas poucas luzes ligadas. Parece muito quieto e vazio, como se ninguém morasse aqui de verdade.

Contenho até mesmo a minha respiração, me esforçando para não fazer nenhum barulho que chame a atenção. Minhas botas *Ugg* afundam na neve, e o som dos meus passos é impossível de atenuar.

Onde Callan está agora? Em seu quarto, talvez?

Serei vista se tentar entrar na casa. Não posso correr o risco de trombar com alguém, então tenho que colocar meu plano prática daqui de fora de mesmo. Passo pela piscina até os fundos da mansão.

Algumas janelas estão com cortinas fechadas, outras não. Me aproximo devagar, tentando ficar longe das partes iluminadas, até que chego até o escritório, aparentemente.

As cortinas beges estão abertas, dando visão para um cômodo fechado, cheio de estantes de livros e uma escrivaninha com computador.

Perfeito.

Minhas mãos estão tremendo quando coloco a mochila no chão e retiro de lá a gasolina e a caixa de fósforos. Empurro o vidro da janela, tentando abri-la por fora, mas está trancada.

Olho ao redor, procurando alguma coisa.

Uma pedra do tamanho do meu punho, perto do canteiro, chama minha atenção e a apanho. Vai ter que servir.

"Isso é loucura", uma parte de mim diz. "Você não é assim, Sloan, pare com isso."

Mas não posso.

Alguém tem que fazer alguma coisa. E, nesse momento, estou sentindo tanta raiva que não poderia parar nem mesmo se quisesse. Quero punir Callan da mesma forma que ele tem me punido há meses. Ninguém além de mim consegue ver o monstro por trás dos seus olhos e não vou suportar conviver comigo mesma sabendo que não fiz nada para pará-lo.

Quando fecho os olhos, vejo Ava. E sei exatamente o que ela teria feito se ainda estivesse aqui. Se Harkness não tivesse a tirado de mim.

Desgraçado.

Arremesso a pedra na janela, que se quebra com um estrondo mais alto do que eu gostaria. Preciso ser rápida agora.

Despejo a gasolina na parte de dentro, encharcando o tapete e as cortinas. O fogo vai se espalhar rápido.

Quando esvazio o galão, dou um sorriso satisfeito e o jogo lá dentro do escritório. Em seguida, risco um fósforo.

A chama que surge no palito faz meu estômago se revirar. O calor me lembra do incêndio. O cheiro me recorda a fumaça me sufocando. Escuto meus gritos desesperados chamando por Ava e sinto meus olhos encherem de água.

Deus... estou com tanta raiva. É uma sensação horrível, como se algo ruim e sombrio estivesse me possuindo lentamente, de dentro pra fora. Me reivindicando. Me tornando algo que jamais poderei desfazer.

A porta do escritório abre brutalmente e Callan entra, olhando ao redor à procura do barulho que ouviu. Quando me encontra, sinto uma satisfação assustadora. Não deveria ter sido pega no flagra, mas que bom que ele estará aqui para assistir.

Seus olhos se arregalam assustados.

Ele parece bem. Os cabelos estão desarrumados como sempre, e ele está vestindo um agasalho preto. Parece intacto, o que é muito mais do que ele

merece. Harkness não deveria estar bem assim, não quando eu estou destruída por dentro.

Não quando meu mundo ficou cinzento de repente. Quando todas as coisas perderam o sentido. Quando tudo o que eu faço quando acordo é poder voltar no tempo e mudar tudo.

— Que porra você tá fazendo?! — grita ele, pasmo. — Enlouqueceu?!

Fungo, engolindo o choro e secando as lágrimas com a mão livre.

— Gosta de incendiar coisas, não é? — provoco, aproximando minha mão segurando o palito de fósforo aceso perto da janela. — Espero que aprecie isso, então.

— Caralho, Sloan, do que você tá falan...

— Eu odeio você! — é minha vez de gritar, e faço isso a plenos pulmões, com toda força que tenho.

Mas nem mesmo isso o abala. Callan se aproxima da janela com passos cautelosos e o rosto neutro.

— Solta isso — ordena.

— Com prazer.

É o que faço. O palito queimando cai da minha mão e, antes mesmo de atingir o chão, a chama se espalha para as cortinas. O clarão do fogo surge, me assustando. Salto para trás, sentindo o calor familiar.

Algo começa a apertar meu peito, e sinto como se estivesse prestes a desmoronar. A dor, que tem me habitado desde aquele Natal maldito, agora se liberta, me sufocando. Sinto meu coração queimar dessa mesma forma.

Meu Deus, o que eu fiz?

— Richard! — Callan grita, tentando conter o fogo.

Pisco, espantada, e dou alguns passos para trás.

Não posso ficar aqui. Não vou suportar ver.

Me viro e saio correndo. Busco por ar em lufadas urgentes e ansiosas. Dou a volta à procura de uma saída, mas meus olhos estão ardendo e mal consigo enxergar com as lágrimas. Uma sensação horrível de perigo me toma e parece que meu coração vai parar a qualquer instante.

Alguém entra no meu caminho, segurando-me pelos ombros. Grito, me debatendo.

— *Shh*, Sloan, sou eu.

Me concentro em seu rosto, que ganha foco lentamente e revela os traços conhecido de Bash. Ele me puxa para si, me abraçando com força contra seu peito.

Não entendo...

Soluço, fechando os olhos e apertando-o de volta. Seu cheiro é familiar e

me tranquiliza. Ele me envolve com carinho, afagando meus cabelos.

— Como me achou? — pergunto num sussurro rouco e falhado.

— Imaginei que iria atrás dele, maninha — conta. — Pode chorar, Sloan, deixe a dor sair.

Me seguro em seus ombros e é exatamente o que faço.

Meu corpo inteiro sacode com a intensidade do choro. A dor sai de mim com urros de desespero e agonia. Não contenho mais o medo e a raiva, deixo que isso se liberte, que extravase para fora.

E é catártico ao extremo. Me ajuda ao mesmo tempo que me destrói.

Não sei quanto tempo ficamos assim, mas, em algum momento, o choro cessa. As lágrimas param de cair. Tudo fica anestesiado. Morto por dentro.

— Temos que ir, maninha — Bash diz, baixinho, para mim, e eu concordo, assentindo com a cabeça.

Só então percebo que ainda estamos na propriedade dos Harkness. E que, provavelmente, o fogo que causei não virou um incêndio.

Não sei se devo ficar aliviada ou frustrada com isso.

Quando chegamos até o jardim frontal da entrada da casa, encontro os portões abertos e o carro do meu pai estacionado. Ele está do lado de fora, com os braços cruzados e um olhar severo no rosto.

— O quê... — gaguejo, sem entender.

— Você foi pega pelas câmeras de segurança na floresta — diz Mason, com ira evidente em sua voz. — Richard Harkness me ligou. Tem sorte de que ele não prestará queixa contra você. Passou dos limites, Sloan. No que estava pensando?

Engulo em seco, sentindo a garganta queimar.

— Foi ele. Ele matou Ava. Ele começou o incêndio — é a única forma que consigo explicar.

Meu pai massageia as têmporas e dá um suspiro cansado. Sei que deve estar pensando que sou um caso perdido. Que, de alguma forma, a filhinha dele se foi, morreu naquele incêndio.

Acho que ele está certo.

Meu pai balança a cabeça, anuindo para si mesmo e para seja lá o que tenha decidido. Em seguida, ele diz outra coisa que, certamente, acaba com o que sobrou de mim:

— Talvez seja melhor você ficar com sua avó por um tempo.

46

S L O A N

Presente

Estamos revestidos de sangue
Eu te imploro para ir mais forte porque eu sou melhor que você
Desta vez eu serei mais forte
Eu estive esperando por você
Toque me
Eu só quero ver você sangrar
See You Bleed — Ramsey

TRAIÇÃO.

Pensei que conhecia na pele o seu significado. Que, de alguma forma, tinha me tornado blindada a isso quando descobri que minha família tinha envolvimento com a morte da minha melhor amiga e escondido essa verdade de mim por anos. Pensei que, depois de tudo o que vi e passei, enfrentaria qualquer coisa com facilidade.

Mas ainda não sou imune a isso. Ainda me atinge como balas direto no coração. Ainda me faz sentir fraca pra cacete. Parece que ainda sou aquela adolescente passando por um trauma tão grande que me faz querer me fechar para o mundo inteiro, me trancar isolada de tudo e todos.

Odeio essa minha versão, tão fácil de quebrar.

Mas foi a última vez que fui usada dessa forma. Estou cansada. Exausta, na verdade. Cedi partes de mim a Callan que nunca permiti que saíssem do casulo antes. Confiei nele. Ele me traiu, mas isso nem chega perto da traição que cometi contra mim mesma.

Preciso retomar o controle sobre a droga da minha vida. É mais do que vingança ou orgulho agora. É uma questão de sobrevivência. Embora eu tenha direito sobre os Corvos e os Grifos, não tenho nenhum deles ao meu lado. Não de verdade.

Mas agora, talvez, eu saiba como começar a agir sozinha contra ambos. Não preciso de nenhum deles, mas, com toda certeza, eles precisam de mim.

Abro a porta do Tesla, sentindo o frio do ápice do inverno penetrar em meu corpo, mesmo com o grosso casaco e cachecol no qual estou envolta.

— Por que me ajudou? — pergunto, por cima do ombro, para o homem

atrás do volante, em vez de agradecer.

Foi uma longa, longa viagem de volta até Millsdale. Tive muito tempo em silêncio com meus próprios pensamentos, o suficiente para entender tudo o que aconteceu. Para perceber que nunca soube de toda a verdade. Que meu pai continuou mantendo segredos de mim mesmo quando o fiz prometer. Que Callan planejava me matar mesmo quando jurou destruir quem tentasse fazer isso.

De fato, não sou a mesma pessoa que foi jogada no Purgatório.

— Era melhor que o Conselho não te visse perambulando pela propriedade depois de fugir do Purgatório — Roman explica, tão apático como sempre. — Ainda mais usando apenas *lingerie*.

De repente, a vergonha não surge para esquentar minhas bochechas e me fazer encolher. Acho que, no momento, tenho preocupações mais relevantes do que ter sido vista seminua por Roman Drago.

Eu estava prestes a assassinar qualquer um que tentasse cruzar o meu caminho quando saí do quarto de Callan. Mas acho que foi providencial ter me deparado com Roman em vez de qualquer outro. Ele prometeu que me levaria de volta. Sem truques ou segundas intenções. Não precisaríamos nem conversar no caminho.

Ele me deu roupas quentes e me colocou em seu carro sem que mais ninguém notasse. Passamos muitas horas juntos nessa viagem e ele cumpriu com a promessa de não falar. E talvez não tenha sido a decisão mais esperta entrar no carro de um Corvo depois dos últimos acontecimentos, mas eu também não tinha muitas opções.

Encaro os portões de ferro da mansão Kestrel, a alguns metros à frente na estrada coberta por neve. Está quase de noite. Escureceu rápido, acho que por conta do inverno. Não estou nem um pouco animada para encarar os Grifos novamente, incluindo meu pai, mas não tenho opção.

Chega de fingir e chega de me convencer de que consigo contornar essa situação sem me envolver ou me comprometer.

Suspiro, fechando o casaco ainda mais.

— Você sabe também, não sabe? — pergunto por pura curiosidade antes de sair do carro. Roman entende imediatamente do que se trata.

— Só ficamos sabendo ontem à noite — explica, com as mãos no volante. — Há muito mais envolvido nisso do que você imagina.

— Não sou ingênua, sei do que se trata — rebato, balançando a cabeça. — *Poder.* Sou uma ameaça ao poder do Conselho e dos Harkness.

— É mais do que isso. Se Deacon souber da sua ligação com a Sociedade, pode usá-la contra nós.

— Novamente, não sou ingênua. Não vou permitir que Soren, Callan ou

mais ninguém pense que pode me usar. — Roman abre a boca para responder, mas o interrompo: — E nem comece a defendê-lo.

— Callan não precisa que eu o defenda. — Ele dá de ombros, tranquilo. — Além disso, você sabe mais sobre os sentimentos dele do que qualquer outra pessoa.

— Eu pensei que sabia.

Sem me despedir, salto do carro, sentindo o nó da dor e decepção ainda entalado na minha garganta. Não quero falar nem pensar sobre Callan. Quero deixar minha raiva engolir tudo o que o envolve.

Preciso me esforçar para manter todos os meus caquinhos juntos. Não posso me dar ao luxo de despedaçar. Não agora e, muito menos, na frente de outra pessoa.

— *Printsessa* — Roman chama antes que eu vá em direção aos portões. Me abaixo para encará-lo pela janela do carro. — Tenha cuidado com as consequências das suas decisões.

Levanto uma sobrancelha.

— Isso foi uma ameaça?

Ele dá de ombros.

— Não é com os Corvos que tem que se preocupar — diz, estreitando seus olhos verdes para me olhar diretamente. — Callan pode ser um tolo quando se trata de você, mas Soren não.

Em seguida, Drago engata a ré e sai cantando pneu pela neve, distanciando-se da propriedade da minha família e me deixando sozinha para entrar no ninho de serpentes.

Respiro fundo, reunindo toda a força e a coragem necessária para continuar firme, e sigo em frente.



Os guardas da mansão Kestrel me interceptam assim que os portões se abrem. Eles vem em bando, todos juntos e armados, como se estivessem cercando a carga explosiva de uma ameaça terrorista. Leonard é um deles. Assim que se aproxima, ele ordena que nenhum dos outros me toque. Então, pergunta se estou bem.

Não preciso responder. Qualquer um pode ver as marcas em meu rosto. Os cortes e hematomas deixado pelo carrasco do Purgatório. Se eles pudessem ver por trás disso, olhar para dentro de mim, ficariam ainda mais chocados. Estou muito pior por dentro do que por fora.

Me sinto um fantasma enquanto Leonard e os outros guardas me acompanham para dentro da mansão. Assim que passamos pela porta de entrada, vejo o que parece ser uma grande operação instalada na sala de estar. Homens por toda parte, com armas, computadores e *tablets.*

Soren perto da janela, no telefone, e meu pai sentado em sua poltrona de sempre, acompanhado de seu conhaque e com sua esposa, Jocelyn, o consolando. Uma onda de choque se espalha assim que apareço diante de seus olhos. Meu pai exclama de alívio primeiro, se levantando num ímpeto para vir até mim, mas depois geme de preocupação quando me olha com mais atenção. Ele para antes de me abraçar, como se estivesse com medo de me tocar.

Jocelyn, por sua vez, não se move. Ela consegue apenas cobrir sua boca com a mão, os olhos lacrimosos. Meu noivo, no entanto, apenas exala uma respiração alta e desliga o telefone.

— Onde diabos você esteve? — Soren pergunta, o tom autoritário e nem um pouco afetuoso me recorda que não somos noivos de verdade, que não vou encontrar nada além de desprezo vindo dele.

— Onde você acha? — rebato, tão ácida quanto ele. Não é apenas raiva ou ressentimento, mas um vislumbre de toda a tempestade caótica de sentimentos que tenho guardado dentro de mim e que agora está prestes a explodir e atingir qualquer um no caminho. — Já deveria saber que, mais cedo ou mais tarde, os Corvos tentariam me levar. Seus homens falharam em me proteger. Que bom que posso contar com você, *querido*.

O rosto de Soren retorce com uma raiva que reflete a minha própria, mas por motivos bem diferentes. Ele está bravo porque os Corvos, novamente, fizeram uma incursão bem-sucedida contra os Grifos. Porque Callan, seu arqui-inimigo, conseguiu me levar *de novo*. Porque um Harkness tocou no que Soren considera sua propriedade.

No fim, tudo acaba numa disputa por poder.

— Chamem um médico — ordena ele para um de seus homens, ainda com os olhos vidrados nos meus. — Quero uma reunião imediata com Luther e Hopkins. Vamos preparar os homens para a retaliação!

Os homens o obedecem rapidamente e começam a se mover para todos os lados, executando as ordens.

— Estou de volta, não estou? Viva e intacta. — Jogo as mãos para o ar com impaciência. — Não precisa de alarde.

— Eu decido isso — Soren contraria, passando por mim em direção ao foyer sem nem olhar duas vezes na minha direção. — Encontrem a porra do Corrighan. Vasculhem a casa do prefeito se for preciso, quero saber onde ele se meteu.

Sua voz desaparece gradativamente conforme ele se distancia, sumindo pelos corredores da mansão para fazer sei lá o quê. Ele não se preocupa comigo e eu não estava esperando o contrário, mas o fato de ele nem mesmo se importar de fingir na frente do resto da família e dos seus homens me diz que ele está afoito e desesperado.

As coisas não vão bem para a Ordem, presumo.

Suspiro, me sentindo um pouco mais aliviada com sua ausência. Lidar com Soren exige o tipo de esforço que estou muito cansada para colocar em prática no momento.

Mason enfim se aproxima.

— Querida, o que fizeram com você?

Suas sobrancelhas se curvam, e seus olhos se enchem de preocupação genuína. Isso me faz sentir ainda mais traída, porque percebo que não conheço esse homem o suficiente para saber quando está mentindo. Confiei tanto nele e em seu caráter que criei na minha mente um homem que não existe.

E a parte de mim que ainda ama essa sua versão fantasiosa tem vontade de chorar.

Isso, sim, me faz sentir vergonha.

Fui criada por um assassino cruel para ser igual a ele e nunca soube disso. Nunca teria sabido se Callan não tivesse me contado. Teria passado minha vida toda sem saber que meu pai foi responsável por um massacre.

Sinto um gosto de bile na garganta e prendo a respiração, controlando a vontade de regurgitar.

Mason estende os braços para me puxar para um abraço, mas dou um passo para trás, desviando. O canto de sua boca se contrai quando ele percebe.

— Podemos conversar? — indago após engolir em seco. — *A sós.*

Meu pai olha por cima do ombro para as outras pessoas na sala, incluindo Jocelyn, antes de assentir para mim. Ele lidera o caminho para seu escritório, aquele que, alguns meses atrás, foi palco do assassinato de Richard Harkness. Naquela noite, quando assisti àquele homem sangrar até a morte, também descobri que meu pai não era quem eu pensava.

Mas eu nunca imaginaria o quão ruim ele seria de verdade.

Me sinto zonza pela náusea.

— Sente-se, Sloan, você está pálida — pede Mason assim que entramos no escritório, com o tom que eu já ouvi milhares de vezes. — Vou pedir que tragam alguma coisa para você comer.

— Estou bem, pai.

— Não, não está — discorda, passando as mãos nos cabelos grisalhos com consternação. Ele está confuso e preocupado, mas seu aparente instinto

paternal não me comove. — Olhe só para você.

— Acredite, isso é o que menos importa.

Mason coloca as mãos na cintura e levanta a cabeça.

— O que quer dizer, Sloan?

— Você matou os Harkness — digo de uma vez, cruzando os braços. — Os pais de Callan.

Mason dá um longo suspiro e se joga em sua poltrona, no canto da sala. Ele parece cansado demais para discutir ou até mesmo para inventar mais mentiras.

— Sujar as mãos faz parte do trabalho, querida — diz, como se fosse algo corriqueiro. — Se acostume.

Sua naturalidade ao falar sobre isso me assusta, mas me concentro em conseguir as informações que vim buscar.

— Quero saber tudo — imponho, o encarando incisivamente. — Tudo o que nunca me contou.

Meu pai estala o pescoço, sustentando meu olhar como se estivesse tentando descobrir o que penso. Acho que ele nunca me viu assim. Eu costumava obedecê-lo sem pensar duas vezes antes de tudo isso. Nunca o questionei ou duvidei dele.

— A Sociedade sempre esteve no caminho da Ordem — conta ele. — Há vinte anos, William Deacon resolveu colocar um fim nisso de uma vez por todas. Ele começou seu plano para que os Corvos desaparecessem desse país. Precisávamos matá-los. Um a um. Era a única forma de impedir que prosperassem. Deacon entrou em contato com uma antiga irmandade de assassinos profissionais. Os Ceifadores executaram cada Corvo que conseguiram encontrar. Mas eu queria colocar minhas mãos em um deles. Queria destruí-lo eu mesmo e William permitiu.

— Quis matá-lo só porque minha mãe o amou antes de você?

— Sua mãe me escolheu — corrige, incomodado. — Eu me apaixonei por ela assim que a vi pela primeira vez. A Ordem decidiu que seria bom ter um deles do nosso lado. Uni o útil ao agradável e me casei com ela. Pensei que, com o tempo, ela acabaria me dando informações vitais sobre a Sociedade. Coisas importantes que nos ajudariam a acabar com eles. Mas ela nunca disse nada. Nem uma palavra.

Vejo em seu rosto como isso o magoa até hoje, apesar de tudo.

— Então é isso? — indago, ainda um pouco incrédula com sua versão dos fatos. — Ficou ressentido e decidiu acabar com uma família?

Mason nega uma vez com a cabeça.

— Essa família teria acabado com a nossa na primeira oportunidade. Eu

deveria ter matado o pequeno Callan também e obliterado os Harkness de uma vez por todas, mas não consegui. Fui fraco e agora estou pagando por isso. — Sua voz se altera, transparecendo muito mais do ressentimento. Ele tem raiva. Odeia os Harkness de uma forma que vai muito além da rivalidade entre as sociedades secretas. É pessoal para ele. — Você está pagando por isso, querida.

— Eu estou pagando por suas ações desde que nasci, ao que parece — digo com desgosto. — Continue...

— Richard nos garantiu que Callan jamais saberia do legado de sua família. Os Corvos estavam extintos para sempre. William acreditou. Precisávamos da Atlas, de qualquer forma. Além disso, Richard nunca teria sido capaz de reerguer os Corvos sozinho. Ele era um ressentido, que viveu à sombra do irmão mais velho durante a vida toda.

Franzo as sobrancelhas e retorno meu olhar para ele.

— O que deu errado, então?

— Os Drago, eu acho. — Meu pai dá de ombros. — Mikhail é uma cobra ardilosa. E há a mentira de Richard, é claro. Eles se esconderam bem durante anos, se fortalecendo por baixo dos panos.

— E aqui estamos agora. — Suspiro. Cada mínima decisão deles foi capaz de mudar tudo e nos trazer aqui, até essa confusão caótica e trágica. — Foi por isso que escondeu o colar dela no cofre, não é? Para que eu nunca descobrisse da ligação dela com os Corvos.

— Você ser metade Corvo nunca foi algo que William aprovou — admite, abaixando os olhos como se sentisse vergonha. *Vergonha de mim.* — Para ele, o plano deveria ser usar Theresa para descobrir o que eu pudesse sobre os Corvos, então me separar e casar com uma Grifo de sangue. Ter um herdeiro legítimo e puro da Ordem. Mas, novamente, fui fraco. Amei sua mãe. Até mesmo quando ela me odiou. E entenda uma coisa, querida: amor é fraqueza. Permita-se amar e observe isso te destruir.

— Não o suficiente — o interrompo. — Assim que ela adoeceu e se tornou um problema para os Grifos, você se livrou dela.

Novamente, Mason nega com a cabeça.

— Não foi assim, Sloan.

— Você sabia que Theresa descende de um antigo líder da Sociedade?

Mason pisca e observo a surpresa tomar seu rosto. Ele abre e fecha a boca várias vezes, como se não soubesse o que dizer ou como reagir.

Sua feição diz tudo. Ele não sabia.

— O quê? Não. — Seu corpo se enrijece sobre o estofado da mobília. — Ela nunca me contou. Pensei que era um dos Corvos e apenas isso. Deus, Sloan, isso muda tudo.

Acho que, no fundo, minha mãe sabia exatamente o marido que tinha. Sabia que não podia confiar nele completamente e nunca o fez.

Queria ter sido tão esperta e sagaz quanto ela.

Sinto raiva por ela também. Por tudo o que Theresa passou, pela forma como foi usada, exatamente como eu. Como ela sempre foi fiel a si mesma e ao que acreditava e como teve que assistir impotente à morte de Edward Harkness.

É tão injusto o rumo que sua vida tomou.

Pigarreio, retornando à realidade quando ouço a voz de Deacon lá fora. Ele está me chamando, procurando por mim.

— Soren não saberá disso — imponho ao meu pai, olhando duramente em seus olhos. — *Nunca*.

Minha mãe quis que esse segredo morresse com ela por algum motivo e, até eu decidir como usá-lo, Soren tem que ficar longe dessa história.

— Você planeja usar isso? — pergunta Mason em um sussurro.

— Se tiver a sorte de ainda estar vivo até esse momento, você saberá.

Só tenho tempo de ver o semblante estático de choque no rosto do meu pai antes da porta ser aberta num rompante e Soren invadir o escritório como se a casa fosse sua e ele tivesse esse direito.

— Saia — ordena para Mason, que obedece sem pensar duas vezes.

Ele me dá um último olhar consternado antes de sair do escritório, fechando a porta atrás de si e deixando Soren e eu sozinhos.

— O que quer? — pergunto, abrindo distância entre nós dois.

Ele está mais irritado do que o usual.

Nas horas de viagem de volta de Hollowmore, pensei muito sobre o James me disse no mausoléu. Na possibilidade de eu usurpar o poder de Soren. Talvez seja muito difícil proteger a mim e o que restou da minha família dos Corvos se estiver sozinha. Se eu tiver os Grifos, por outro lado...

Nem Callan, Mikhail e todos os Corvos do mundo poderão tocar em mim. Poderia fortalecer a Ordem, com o apoio de todos aqueles que odeiam o Soren como líder.

Mas, para isso, primeiro eu precisaria me casar com ele. E não sei se suportaria isso. Provavelmente seria a coisa mais difícil que eu faria. E, até lá, precisaria sobreviver à ira dos Corvos. Eles vão tentar muito se livrar de mim, porque devem estar morrendo de medo que eu tente ascender ao poder.

E poderei pensar nessa possibilidade quando estiver na liderança da Ordem.

Seria por pura vingança. Recriminável, sem dúvidas. Mas também seria prazeroso. Ver Callan e os outros Corvos, que me trataram como se eu fosse inferior por todo esse tempo, aos meus pés.

Essa seria a melhor forma de fazer justiça pela minha mãe, Bash e Ava. Por todos que tiveram suas vidas arruinadas pelos Grifos e pelos Corvos.

Talvez eu seja tão podre por dentro quanto qualquer um deles, porque, só de imaginar conseguir assumir as duas sociedades, sinto um sabor doce na boca.

— Acha que sou idiota? — Soren grita na minha cara, interrompendo meus pensamentos. — Um deles trouxe você até aqui. Os guardas pegaram o carro nas câmeras. — Suspiro, levantando as mãos para massagear as têmporas. — Você não foi levada contra a sua vontade mesmo, foi?

— Você olhou bem para mim? — rebato a pergunta, impaciente. — Acha que eu quis isso?

Soren pondera. Os olhos azuis passando pelos machucados em minha pele. Ele não reage. Não demonstra qualquer empatia ou o menor senso de humanidade.

— Não confio em você. — Ele aponta um dedo para mim, sem responder à minha pergunta anterior. — E não vou confiar até que suba ao altar.

— Não pode me manter fora dos negócios — insisto. Preciso ser incluída nos planos dos Grifos, conhecer o território em que estou pisando, se quiser colocar o plano de James em prática. — Sabe que ganharia muito mais me tendo ao seu lado do que contra você. As coisas não estão fáceis na D.E., não é? E aposto que os Grifos não estão felizes com você.

Soren salta sobre mim, uma mão apertando minha mandíbula já dolorida, puxando meu rosto para me forçar a encarar seus olhos injetados. Seus dedos pressionam em minha pele.

Sinto o cheiro de absinto exalando dele, e meu estômago se revira com repulsa.

— Sugiro que não fale sobre coisas das quais não entende ou garanto que vou tornar esse casamento muito difícil para você.

— Sou leal aos Grifos, mas se quer que eu seja leal a você, eu sugiro que não toque em mim nunca mais.

Seus olhos frios estudam os meus, procurando qualquer indício de que estou blefando. Mas ele está desesperado, procurando qualquer jangada na qual se agarrar. Soren precisa urgentemente de qualquer coisa que mantenha-o no poder.

Por fim, ele me solta e dá dois passos para trás.

Massageio a pele do meu maxilar, sentindo-o latejar com o aperto firme de Deacon.

— Quero que me prove sua lealdade — exige, ajeitando o colarinho de sua camisa.

Ergo as sobrancelhas.

— Ter condenado um homem à morte na sua frente não foi o suficiente?

Soren sorri e a visão me deixa à beira de vomitar ácidos gástricos, única coisa que há em meu estômago.

— Nem de longe. — Ele endireita a coluna e vai até a porta. — Quero algo dos Corvos. Tem até amanhã para pensar em algo.

Fecho os olhos, sentindo tanto ódio borbulhar dentro de mim que quase não consigo mantê-lo apenas para mim mesma.

Penso no abridor de cartas escondido no bolso interno do casaco que Roman me deu. Seu corte é afiado, mas ele não é pontiagudo o suficiente para que eu apunhale a garganta de Soren. Sentiria o mais puro deleite ao enfiar minha lâmina em sua carne repetidas vezes, até ele implorar.

Até ele sangrar e sangrar. Seu corpo ficando seco e rígido, a vida sumindo de seus olhos pálidos.

Respiro fundo, inalando o cheiro nojento de Soren que tomou conta do escritório. Ele está prestes a sair, e eu prestes a perder a coragem de fazer o que preciso fazer.

Não posso me livrar de Soren até ele perder tudo totalmente. Sei o que ele quer e ele sabe que eu posso lhe dar. Nunca vai confiar em mim antes que eu solte a língua e diga o que sei sobre os Corvos.

Para a Sociedade, já sou uma traidora de qualquer forma. Não me importo com isso. Não me importo com eles.

Mas há Callan.

E eu me importei com ele. *Muito.*

Porra, eu estava me apaixonando por ele, pronta para me entregar de corpo a alma. Pronta para aceitar as consequências e enfrentar qualquer coisa com ele. Matar e morrer por ele. Parecia um preço pequeno a se pagar perto do que ele era capaz de me fazer sentir.

Paixão, desejo, segurança...

Ao lado de Callan, eu enfim parecia pertencer a algo. A alguém. E, por mais que me envergonhe, eu amei cada segundo.

Mas acabou. Callan me traiu. Me transformou em alguém que não reconheço e ia me descartar com a mesma facilidade que destrói todos os outros que entram em seu caminho. O dano que ele causou em mim, a quem eu sou, é irreparável. E agora eu enfim posso revidar, porque não estou mais cega pelos meus sentimentos por ele.

Posso matar dois coelhos com uma só cajadada. Dar um passo adiante em meu plano e, ao mesmo tempo, me vingar de Callan. E sei exatamente como fazer isso.

As coisas que pareço ser capaz de fazer agora me assustam, mas não

posso mais fugir nem fingir.

Essa é a pessoa na qual Callan me transformou.

Ele me corrompeu, mas eu vou destruí-lo.

E garantirei que ele não retorne dessa vez.

— Espera — me apresso em dizer, detendo Soren antes que ele saia.

Seus olhos retornam até mim e sinto um gosto metálico na boca, antecedendo o que estou prestes a fazer. Respiro fundo novamente, reunindo coragem, deixando o ódio falar mais alto, a fúria ferver em meu sangue. Penso no incêndio, na morte de Bash, em como assassinei Cyan, como fui torturada no Purgatório e como descobri a verdade da forma mais terrível possível.

Quando termino, não estou vendo nem pensando em mais nada.

Sinto meus lábios se mexerem e minha voz soar em meus ouvidos, mas não parece ser eu quando digo:

— Queime a Catedral de St. Lazarus. — Minha boca se enche com um gosto insuportável a cada palavra, mas ignoro e continuo: — É lá que eles se escondem.

47

CALLAN

E, amor, por você eu cairia em desgraça
Apenas para tocar seu rosto
Se você fosse embora
Eu te imploraria de joelhos para ficar
Não me culpe, o amor me deixou louco
Don’t Blame Me — Taylor Swift

NÃO OUÇO UMA SÓ PALAVRA do que Natasha Pierce está dizendo através da tela do computador em nossa videochamada. Ela está me atualizando com questões importantes sobre a Atlas, como a migração de vários clientes e até funcionários da Deacon Enterprises, que conseguem praticamente farejar a morte terrível da qual a corporação de Soren se aproxima. Quanto mais a D.E. se afunda, mais a Atlas cresce.

E é por isso que minha sócia está delirantemente feliz e otimista. Normalmente, Pierce nunca demonstra nada além de sobriedade e profissionalismo, mas hoje sua animação mal pode ser contida. E gostaria de compartilhar desses mesmos sentimentos ou sequer ter qualquer interesse nos negócios da Atlas neste momento.

Meu foco e minha concentração foram levados junto com Sloan. E, enquanto Pierce fala do outro lado da tela, rabisco em um caderno na minha escrivaninha o formato dos olhos de Sloan no dia em que ela foi embora. Não sou um desenhista. Nem perto disso, na verdade. Ainda assim, não consigo evitar.

Qualquer coisa que me faça pensar em Sloan é como enfiar ferro em brasa numa ferida aberta, mas não posso parar. Acho que estou viciado nessa dor como um maldito masoquista. Quanto mais dói, mais eu insisto, até o sangue ser impossível de estancar.

Sloan levou minha sanidade também quando deixou Hollowmore há três dias. Foi como desligar o interruptor de controle dentro da minha mente. Precisei destruir coisas.

Pessoas, mais precisamente.

E pra isso os meus iniciandos serviram muito bem.

Eu lhes dei uma surra da qual jamais vão se esquecer, embora não tenha

sido nada além do que eu, Roman e Ares fomos submetidos na nossa época. Fui mais generoso do que costumo ser e lhes dei chance de revidar — mais uma vez, buscando pela dor como um masoquista —, mas eles não conseguiram me tocar. Ainda têm muito a aprender.

De qualquer forma, o efeito anestesiante foi momentâneo e já passou. Agora estou em abstinência. Pensando nos prós e contras de ir atrás de Sloan e trazê-la de volta, ela querendo ou não.

Sloan me odeia mais do que qualquer coisa agora e, mesmo que eu a obrigue, isso não vai mudar. Seu ódio por mim só vai crescer. Costumava me regozijar com os sentimentos ruins que sou capaz de despertar no pequeno anjo ruivo. Me sentia desafiado, instigado e provocado pelo seu ódio.

Dessa vez, porém, só me sinto derrotado.

Ter o ódio de Sloan pode ser divertido, mas não chega nem perto de ser comparável a ter sua afeição, a sentir que ela seria capaz de fazer por mim as mesmas loucuras e atrocidades que eu faria por ela.

— Tá me ouvindo, Harkness?! — A voz exigente de Natasha me desperta, e dou um suspiro, erguendo meus olhos para a tela.

Do outro lado, minha sócia parece furiosa. Atrás de sua figura sentada numa cadeira giratória, está a parede de janelas que fornece uma visão privilegiada da cidade de Millsdale. Consigo ver os prédios luminosos e distantes, tão altos que somem no céu noturno.

Achei melhor continuar em Hollowmore até o Ano Novo pelo menos. A distância física parece ser o maior fator que ainda me impede de ir atrás de Sloan. Além do mais, preciso ficar por perto para acompanhar as próximas decisões do Conselho. Tenho certeza que Mikhail só está esperando que eu vire as costas para tramar algo com os St. Clair.

— Pode repetir? — pergunto à Pierce, que apenas bufa em resposta.

— Acho melhor te encaminhar as atualizações por e-mail e você dá uma olhada quando estiver menos... — ela semicerra os cílios longos e escuros enquanto pensa, por um segundo, na palavra mais apropriada — *aéreo*.

Concordo com a sugestão e nos despedimos de uma forma breve. Quando a chamada é encerrada, deixo minhas costas tombarem contra o estofado da cadeira e arremesso a caneta longe, irritado comigo mesmo e com a maldita garota-demônio que está bagunçando meus planos e pensamentos.

Fecho os olhos, os dedos massageando minhas pálpebras enquanto tento retomar o controle, mas não tenho muito tempo antes que batam à porta do meu dormitório.

Um som rouco de desapontando sai pela minha garganta e, quando estou prestes a dizer que estou ocupado, a maldita porta se abre.

Vejo o rosto machucado e confuso de Linus Carver e seus cabelos alaranjados, um dos iniciandos da nova geração.

— Desculpe interromper, senhor, mas o Patrono Drago convocou uma assembleia — informa, hesitante. — Ele disse que é urgente.

Carver some bem rápido após o recado, provavelmente para não me dar tempo de descontar minha raiva e frustração nele de novo.

Bufo e me levanto, apanhando meu sobretudo pendurado ao lado da porta antes de sair do quarto.

Desde que cheguei, não houve nenhuma assembleia, muito menos uma considerada urgente. Nem mesmo quando tirei Sloan do Purgatório contra a vontade do Conselho. Não recebi nenhum comentário em relação a isso, apenas muitos olhares de desaprovações de Mikhail.

Eu o ameacei, e ele não vai engolir isso facilmente. Já deve estar planejando algo.

Marcho até a sala de reuniões, passando por alguns Corvos no caminho. Os iniciandos não participam da maioria das assembleias. No lugar deles, eu morria de curiosidade para saber o que se passava naquelas reuniões. Roman e eu escutávamos atrás da porta às vezes.

Mikhail nunca desconfiou.

Assim que me aproximo da porta, detecto a presença de Octavia. Ela parece estar esperando para falar comigo, porque vem até mim assim que me vê também.

— Podemos conversar? — pede, inquieta.

Seus longos cabelos escuros estão presos em um coque, e seus olhos transparecem preocupação. Sei muito bem o que ela quer tratar e não tenho nenhum interesse.

— Não há nada a dizer — respondo, dando um passo adiante para continuar até a sala. Octavia, porém, entra na minha frente.

— Vai mesmo fazer birra como uma criança contrariada?

— Trouxe Sloan para cá sem o meu conhecimento, mesmo sabendo das consequências — digo, abaixando o tom de voz para que nenhum curioso escute. — Não posso confiar em você.

Um brilho de raiva cruza seus olhos.

— Você não poderia confiar em um Kestrel e fez isso mesmo assim — rebate, me fazendo bufar. — Aquela garota tinha se tornado uma ameaça a todos nós, especialmente a você.

— Ela era problema meu para lidar.

— Ainda dá tempo de ser sensato, Harkness — continua, ignorando meu argumento. — Não jogue tudo fora por causa de uma inimiga. Mesmo que você

a escolha, sabe que, no fim, ela não vai te escolher de volta.

— O que está querendo dizer? — Ergo as sobrancelhas e recuo um passo. — Essa é a porra de uma ameaça?

Octavia, porém, agarra meu cotovelo, aproximando-se com os olhos arregalados.

— Eu sou sua amiga, Callan, estou tentando te ajudar! — ela sibila, baixo. — O Conselho não pode depor um herdeiro legítimo a não ser que seja considerado um traidor por ir contra os interesses da Sociedade. Vai haver um Conclave se isso acontecer.

— E votarão para que St. Clair suba ao poder — concluo, sentindo o gosto ácido da raiva em minha língua.

— Não é o que eu quero — reitera —, mas não vou poder fazer nada.

— Eles não podem fazer isso, não têm o apoio necessário.

— Mas uma hora terão — insiste Octavia, consternada.

— Bem, se o momento chegar, fique do meu lado — peço, olhando no fundo de seus olhos. — Escolha confiar em mim.

— Como posso fazer isso? Você garante que os interesses da Sociedade vão prevalecer acima de qualquer outra coisa? *Acima dela?*

Não respondo. Não posso.

Me assusta perceber isso. Como tudo mudou, *como eu mudei*. Não posso honrar meu legado, governar meu império e nem cumprir a promessa que fiz ao próprio pai porque sou incapaz de matar minha inimiga.

Isso vai contra tudo o que fui ensinado. Nada deveria vir acima da Sociedade.

Octavia vê a resposta em meu semblante e dá um suspiro desapontado. Ela endireita a postura, soltando meu braço e se distanciando.

— Muitos reis já caíram por amor, isso não te torna nobre.

— Eu sei — assinto com desgosto.

Não há nada do que eu esteja mais distante do que da nobreza. Engoli meus princípios e tudo o que eu costumava acreditar quando tirei Sloan daqueles túneis, semanas atrás. E, muito antes disso, eu já estava condenado, trilhando conscientemente o caminho que me levaria à ruína.

Octavia, então, apenas assente e se afasta, seguindo para a sala de reuniões junto com os outros.

— Espero que valha a pena — diz, sem me direcionar mais um olhar.

Quando ela se vai, encontro Roman parado de braços cruzados, com o ombro escorado na parede, do outro lado do corredor. Ele estava nos observando.

Sou grato a ele por ter tirado Sloan daqui e a levado de volta em

segurança. Isso me livrou de uma porção de preocupações e ainda me despertou para o fato de que talvez Roman compreenda meu lado um pouco mais agora.

Ele deve estar pensando a mesma coisa, porque maneia a cabeça na minha direção uma vez, como um cumprimento de cumplicidade. Sei que ele não é o único que ficará ao meu lado se uma guerra civil surgir no interior da Sociedade. Se fosse tão fácil para o Conselho se livrar de mim, eles já teriam feito isso.

Ainda sou o único que pode acabar com os Grifos e consolidar os Corvos sobre esse território.

Endireito a coluna e entro na sala de reuniões também.

Não há mais nenhum vestígio da mobília quebrada em meu acesso de raiva e descontrole de alguns dias atrás. Tudo está impecavelmente organizado de novo. Os Corvos convocados estão sentados ao redor da mesa retangular, incluindo os irmãos St. Clair.

Josephine me lança um olhar de curiosidade quando passo por ela, indo até o canto mais distante de onde Mikhail e os outros Patronos se localizam. Assim que todos nós estamos do lado de dentro, a porta é fechada e o presidente do Conselho se prepara para falar.

— Podemos começar de uma vez, querido avô? — A voz sarcástica de Roman irrompe pelo ambiente. — Estou ficando entediado.

Mikhail o ignora completamente. Seus olhos de réptil me encaram, mesmo do outro lado da sala, e ele semicerra os cílios antes de, enfim, falar:

— A Sede de Millsdale foi arruinada — informa. Murmúrios de choque e exclamação percorrem toda a sala no mesmo instante. Meus ombros ficam rígidos. — A catedral de St. Lazarus foi incendiada propositalmente. O fogo não chegou ao monastério, mas, mesmo assim, significa que nossa Sede foi comprometida.

Travo o maxilar, sentindo a garganta ficar seca.

Um incêndio em St. Lazarus. Sei muito bem o que significa. E quem está por trás disso.

Caralho.

— Já temos ideia de quem foi? — Devon Harper pergunta, arregalando seus grandes olhos pretos.

— Os Grifos, é claro — Jasper St. Clair responde, com um tom quase imperceptível de satisfação em sua voz. — A pergunta a ser feita é: quem deu com a língua nos dentes?

Ele direciona a pergunta a mim, sem disfarçar seu deleite. Há um sorriso escancarado na sua boca, e ele curva uma sobrancelha em provocação.

— Sloan Kestrel — Mikhail diz, alto e claro para que não reste dúvidas.

— Ela não apenas fugiu de seu castigo por ter quebrado o juramento, como cometeu um ato imperdoável de traição.

— Me questiono se ela não obteve ajuda com isso — Jasper volta a provocar, sem saber que está atiçando uma parte muito perigosa de mim.

A raiva pelo incêndio se mistura com o ódio que sinto do maldito St. Clair. Minha pele se esquenta e os tendões das minhas mãos se repuxam conforme as fechos em punhos apertados.

Meus dentes rangem, e sinto que sou uma bomba prestes a explodir. Acho que Roman está pensando nisso também, porque consigo ver, de soslaio, que ele está me observando de seu lugar próximo à porta.

— O *Decretum Mortis* já foi expedido — continua Mikhail.

E isso significa que agora há um preço pela cabeça de Sloan.

Porra.

Alongo o pescoço, estalando os pontos de tensão.

Sinto que poderia esganar Sloan se a visse na minha frente agora. Vivo no limite entre ódio e amor quando se trata dela. Experimentei ambos os extremos, da forma mais intensa que é possível. E, quando penso que já vi o pior dessa garota, ela me surpreende de novo.

Agora ela foi longe. Está me mandando um recado que remete diretamente àquela noite há oito anos, quando ela tentou incendiar minha casa. Aposto que é o que ela gostaria de fazer. Mas colocar fogo na mansão Harkness não seria muito útil. Não sinto nada por aquela casa além de ressentimento.

Então, em vez disso, ela mirou onde poderia causar mais estrago. Não sei se ela realmente pensou nas consequências ou se só agiu por impulso.

De qualquer forma, ela mexeu num vespeiro. Se a Sociedade não a via como inimiga número um antes, agora com certeza vê. E Mikhail ganhou um ótimo motivo para passar por cima da minha vontade e se certificar de que Sloan esteja morta o mais rápido possível.

E os Grifos nunca seriam capazes de protegê-la. A Sociedade não emite um *Decretum Mortis* com frequência. Da última vez, meu pai ainda estava vivo, se bem me lembro. Hoje em dia, eu lido com os traidores com minhas próprias mãos. Não penso duas vezes antes de matá-los. É automático para mim, quase mecânico. Não sinto nada além de alívio por estar limpando a Sociedade de mais um rato imundo.

Mas agora é diferente. Não deveria ser, mas é. Vão aniquilar Sloan em menos de um dia se eu não impedir.

Me seguro para não deixar o controle me escapar novamente.

— Desfaça — exijo, minha voz ecoando por toda a sala.

Os rostos se viram para mim, mas não dirijo o olhar a nenhum deles.

Meu foco está em Mikhail.

Ele não está surpreso com minha atitude. Ou simplesmente não demonstra nada, o que é uma grande possibilidade quando se trata dele.

— O alerta já foi emitido para todos os Corvos, associados e colaboradores da Sociedade em território americano.

— Sei como funciona — o interrompo, impaciente. — Desfaça.

O fato de ele ter agido pelas minhas costas, emitido a Ordem sem meu conhecimento, faz meu sangue ferver.

Isso já foi longe demais. Precisarei tirar Drago do meu caminho.

— Largue o osso, Harkness, a garota já está quase morta — Vincent St. Clair entra na discussão, acendendo tranquilamente um charuto. — Pode conseguir uma boceta melhor que não dê tanta dor de cabeça.

Tudo acontece muito rápido e mal consigo raciocinar quando parto pra cima dele, meu punho esmagando sua garganta. Seu charuto e o isqueiro banhado a ouro caem no chão e o velho exclama de surpresa quando o pressiono na parede, segurando-o apenas com uma mão em seu pescoço. Um ronco sai de sua garganta quando ele tenta e falha em respirar.

Os Corvos se levantam em choque, mas nenhum ousa me impedir.

Exceto um.

E já sei quem é logo que ouço o clique de uma arma sendo destravada e sinto a mira apontando para a minha nuca.

— Fique longe do meu pai, Harkness, ou não vou hesitar antes de estourar seus miolos.

Dou risada, embora não duvide que ele tenha coragem de fazer isso. Só não tentou ainda porque quer garantir que será aquele escolhido para me substituir.

Solto seu pai, porque ele não passa de um Patrono irrelevante para mim e a Sociedade. Seu corpo fraco cai no chão e Josephine corre para ajudá-lo.

Me viro para o outro St. Clair nesta sala. Ele está corajosamente apontando uma pistola automática bem na minha cara.

Patético.

Também sei brincar com armas. E retiro a minha do bolso do casaco, retribuindo a ameaça à altura.

— Você está começando a me irritar — reclamo, destravando a Glock.

Soren ainda é o primeiro na minha lista de morte, mas, logo abaixo dele, está Jasper. Ele é a porra de um incômodo que vai causar cada vez mais problemas enquanto respirar. Não vai desistir, nem mesmo se eu casasse com sua irmã. Ele quer o meu lugar e só vai parar quando morrer.

Ficarei feliz em executar esse trabalho.

— Isso está começando a ficar divertido. — Roman ri, se acomodado em uma cadeira para assistir tudo de camarote.

— Abaixem as armas agora! — Mikhail ordena, seu grito reverberando pelos móveis. Jasper, como uma boa ovelha em um rebanho, obedece, mas não abaixo minha arma, apenas alterno o alvo. Miro em Mikhail dessa vez, mas ele não recua. — Callan, espero que saiba que seus atos traidores atentam gravemente contra a Sociedade.

— *Eu* sou a Sociedade, porra! — grito, pisando duro na sua direção. — *Eu* sou a Lei. *Eu* decido o que é ou não traição.

Se mim, todos aqui nesse lugar estariam rastejando em busca de migalhas. Sem dinheiro, poder ou influência. Eles ainda estariam arruinados como os Ceifadores e os Grifos os deixaram.

— Não é assim que funciona — argumenta Mikhail, mantendo sua voz neutra e baixa.

— Matarei cada um de vocês nessa sala antes que consigam tocar em um fio do cabelo de Sloan Kestrel — prometo, segurando tão firme na arma que meu dedo está perigosamente próximo do gatilho.

Mikhail pisca, decepcionado.

Porra, meu próprio pai deve estar decepcionado, onde quer que esteja. Isso vai contra tudo o que fui criado para acreditar, mas é maior do que eu. Maior do que a razão.

A morte de Sloan é a minha própria. E não tenho problema algum em tocar fogo nesse mundo inteiro se algo acontecer a ela.

— Callan — a voz de Octavia surge, e ela dá um passo em minha direção, nem um pouco intimidada pela arma em minhas mãos. — Tem que parar com isso.

— Está falando sério? — Jasper ri, incrédulo. — Jogaria fora tudo o que construiu por causa de uma inimiga? Arruinaria a Sociedade por ela?

— Em um piscar de olhos — respondo, sem titubear. — E sabem o que acontece quando tentam tirar algo de mim. Não acaba muito bem.

Agora consigo tirar a tranquilidade de Mikhail. Ele sabe que estou falando sério. E, em algum lugar dentro de seu interior oco e gelado, ele tem medo. Medo de perder os Corvos. A Zmey lhe dá muito dinheiro e poder, mas os Corvos lhe dá nobreza, um título aristocrático que faz com que qualquer um o respeite, que ele seja intocável para qualquer um dentro ou fora do submundo do crime.

E, se eu acabar com os Corvos, estarei acabando com suas regalias também.

Mas não pretendo destruir a Sociedade. Não completamente. Se tiver que

me livrar de alguns frutos podres para manter esta árvore de pé, farei isso. Não tenho medo de aparar as arestas, sejam elas quais forem.

Talvez já esteja mesmo na hora de colocar o Conselho bem abaixo de mim.

— Desfaça o *Decretum Mortis*, não me interessa como — ordeno mais uma vez, agora com mais firmeza.

Mikhail não diz nada. Não aceita e também não se nega. Mas consigo ler a resposta em seus olhos. A Sociedade não vai sobreviver à duas guerras ao mesmo tempo: uma interna e uma externa, ainda mais contra mim. Ele não é louco para tomar essa decisão.

O silêncio recai sobre a sala, ninguém ousa dizer nada ou se mover.

Guardo a arma, ainda sem tirar os olhos dele. Quero que a mensagem fique clara, estampada em seu cérebro. E, quando me dou por satisfeito, me viro, marchando de volta até a porta.

Mas, antes que eu saia, Josephine segura meu braço, me detendo. Ela está visivelmente assustada. Octavia está ao seu lado, também preocupada.

— Você enlouqueceu?! — Queen pergunta, séria.

— Pare com isso, Cal — implora Josephine, e quase consigo ver seus sonhos ruindo em frente ao seus olhos. Seus planos de nos casarmos, de ela ganhar um lugar de segurança dentro da Sociedade... — Deixe que meu irmão se livre da garota e acabe logo com isso.

Nem mesmo respondo, apenas me desvencilho de seu toque.

— Sabe que talvez já seja tarde demais. — A voz de Octavia soa atrás de mim, mas apenas continuo meu caminho para fora.

Não consigo sequer pensar nisso. Conceber a ideia de Sloan morrendo é algo do qual já não sou mais capaz.

— Então, comecem a rezar para que não seja. — Garanto que meu tom seja alto o suficiente para que todos, especialmente Mikhail, ouçam.

Quando passo pela porta, vejo um grupo de iniciandos se distanciando às pressas, se dispersando pelos corredores.

Bufo, percebendo que os velhos hábitos de Roman e eu ainda perpetuam pelos calouros da irmandade.

— Carver — chamo, encontrando o garoto de cabelos alaranjados que finge estar analisando um dos quadros na parede. Ele me olha com olhos enormes de medo. — Me acompanhe.

Ele suspira, sua boca tremendo com a possibilidade de ser enviado ao Purgatório, mas obedece, caminhando ao meu lado para a outra ala da mansão de Hollowmore.

— Senhor, eu...

— Quero que entre em contato com todos os associados e colaboradores da Sociedade — ordeno, olhando adiante enquanto minha mente trabalha. — Diga que estamos em guerra e que eles precisarão escolher um lado.

48

S L O A N

Sinto falta do jeito que você diz meu nome
A maneira como você se dobra, a maneira como você quebra
Sua maquiagem escorrendo pelo seu rosto
O jeito que você fode, o seu gosto
Quando as cortinas chamarem a hora, nós dois iremos para casa vivos?
Não foi difícil perceber que o amor é a morte da paz de espírito
THE DEATH OF PEACE OF MIND — Bad Omens

— Isso é mesmo necessário? — pergunto, encarando todas as armas de fogo dispostas na mesa retangular de madeira. São muitas, de todos os tipos, cores e formatos.

Eu nunca tinha visto uma arma de fogo pessoalmente tão de perto antes dos Corvos entrarem na minha vida. Agora elas estão por toda parte. Mas a ideia de tocar em uma delas me causa repulsa. Me faz lembrar do revólver que Soren apontou para a cabeça do meu irmão.

Do o som estridente do disparo, o cheiro da pólvora, o buraco afunilado na cabeça de Bash...

Meu estômago se revira em um ronco alto.

— Sim, senhorita — confirma Leonard, relutante. — O sr. Kestrel e o sr. Deacon acreditam que é melhor que saiba se defender no caso de...

Ele faz uma pausa, parecendo tentar encontrar a melhor forma de dizer o que está pensando.

Suspiro, me virando para ficar de costas para o arsenal.

— No caso de eu ser sequestrada de novo — completo com desgosto.

Deixo meu olhar vagar pelo porão da casa em que cresci. Já havia descido aqui algumas vezes antes, mas sempre pareceu uma adega comum. Meus pais colecionavam vinhos juntos. Era um hobby que os dois compartilhavam, então tem centenas de garrafas de todos os lugares do mundo aqui.

As paredes são de pedra e o chão de madeira, mas além da área climatizada onde o vinho fica guardado, há todo um arsenal cuja existência nunca nem mesmo cogitei antes. Vinho, aparentemente, não é a única coisa que Mason Kestrel coleciona.

Não quero aprender a atirar, mesmo que seja para minha própria defesa.

É quando minha atenção recai sobre outra mesa. Essa está repleta de armas brancas. Lâminas, pra ser mais exata. Dou uns passos à frente para olhar mais de perto e meu queixo cai.

Facas, adagas e punhais. Há de tudo um pouco. Suas lâminas prateadas reluzem. Apanho uma delas. Uma adaga de cabo macio e lâmina levemente curva.

— Quero essa — digo, determinada. — É mais fácil e discreto de carregar. Não precisa de munição, não corre o risco de emperrar...

E já tive uma experiência bem-sucedida com facas antes, mas não menciono isso. Também não menciono que facas não me fazer lembrar da morte do meu irmão.

Leonard abre a boca para argumentar, mas logo desiste. Ele sabe que não tem como mudar minha cabeça quando decido algo, então apenas concorda.

— Aí está você! — A voz assustadoramente animada de Soren me assusta e me viro, vendo-o descer as escadas do porão. — Estava te procurando.

Odeio o fato de que Soren se sinta tão em casa na *minha casa* que entra e sai quando quiser, como se morasse aqui.

Acho que é a primeira vez que o vejo feliz desde a morte do seu pai. E Soren feliz me assusta mais do que quando ele está com raiva.

Exalo o ar com pesar e cubro a lâmina com a capa protetora antes de guardar a adaga no cós da minha calça.

— O que houve? — pergunto, sem compartilhar de sua empolgação.

— St. Lazarus já era — anuncia com um sorriso tenebroso. — Temos que comemorar. Além disso, é véspera de Ano Novo.

— Não estou no clima.

Não estou com ânimo para comemorar esse feito. Na verdade, estou com pouco ânimo para qualquer coisa que envolva os Grifos e os Corvos. Mas o gosto amargo de arrependimento por ter delatado a Sede da Sociedade para Soren está piorando tudo.

Tento afastar esses pensamentos, me convencer de que tive que tomar aquela decisão, de que os Corvos merecem coisas bem piores do que essa. Ainda assim, há uma parte traidora e traiçoeira do meus subconsciente que está se degenerando em penitência desde que contei para Soren sobre a catedral.

— Bem, trate de ficar bem rápido — diz Soren, mas o toque de seu celular o interrompe. Ele dá uma olhada na tela e faz uma careta. — Jantar no Continental. Te busco às oito.

Tão rápido quanto veio, ele se vai, galgando os degraus para cima com pressa. Obviamente, ele não dá a mínima para minhas vontades e ignora todas

elas. Mas presumo que essa comemoração seja um bom sinal, de que estou mais perto do meu objetivo final.

Respiro fundo e encaro o anel de diamantes em meu dedo anelar. Esse noivado agora representa meu objetivo de virar o jogo.

Quando esse peão aqui atingir a oitava linha do tabuleiro, vai se transformar em rainha. E vai destruir todas as outras peças.

Só espero que, até lá, eu aprenda a não sentir mais remorso.



Soren pediu todo o menu do Continental. Ele não conseguiu fechar o restaurante inteiro só para nós, apenas o mezanino — não que isso confira qualquer tipo de privacidade, já que há uma dúzia de guardas aqui, como de praxe. Cada prato foi colocado em uma mesa de buffet para que os garçons nos servissem conforme nossas preferências.

É comida suficiente para uma tropa inteira e nunca seríamos capazes de comer tudo, mas esse não era o ponto de Soren. Ele quer ostentar, esbanjar. Mostrar que pode fazer o que quiser.

Antes mesmo do prato principal chegar, seja ele qual for, já estou abarrotada e mais do que satisfeita. Soren já está em sua quarta ou quinta dose de absinto. O Continental agora serve o absinto apenas da marca dos Deacon.

Após beber mais uma dose do líquido esverdeado e de odor repugnante, Soren retira algo do bolso e joga na mesa à minha frente. É um folheto de publicidade do clube Éclipse.

— O que é isso? — pergunto, franzindo a testa em desconfiança.

— É seu.

Quase solto uma risada alta.

— O quê?!

— É um presente por ter colaborado de forma brilhante em relação aos Corvos. Já foi várias vezes àquele pulgueiro do clube Nemesis em East End, imaginei que gostaria de ter um para si mesma deste lado da cidade. Além disso, precisamos expandir nossos negócios e impor uma concorrência de peso contra o clube dos Drago. Pode ficar à frente deste projeto enquanto conclui seu treinamento para assumir o lugar do seu pai. — Ele faz uma pausa para analisar minha reação. — Era o que você queria, não era? *Participar.*

Quase engasgo.

Sinto como se Soren estivesse dando um petisco para seu cachorro de raça que acabou de obedecer a um comando pela primeira vez.

— Não sei o que dizer — pigarreio, em vez de dizer o que realmente penso.

Gostaria de dizer a Soren onde ele poderia enfiar o Éclipse ou qualquer outro tipo de suborno que ele esteja pensando

— Viu só? Coisas boas acontecem a quem colabora comigo.

Soren dá uma piscadela e leva o cálice de absinto à boca. É neste momento que algo passa pela minha cabeça e me adianto:

— Posso experimentar? Nunca provei o absinto que você produz.

— Vá com calma, é bebida de adulto.

Ele estende o recipiente na minha direção e entorno o cálice devagar, parando assim que sinto a bebida forte e amarga encostar na minha língua. Não consigo controlar a careta.

— É... *interessante*.

Soren ri da minha constatação e relaxa na cadeira. Ele está com a guarda abaixada, ao menos um pouco. Espero que isso aconteça com mais frequência após nos casarmos. Vai facilitar e muito a minha missão.

— Poderei te levar para conhecer a fábrica após o casamento. Vai ficar impressionada.

Aí está.

É disso que preciso se quiser realmente derrubar Deacon. A localização da sua fábrica clandestina de absinto modificado é uma informação vital, e por isso Soren não quer me dá-la agora, quando ainda não me tem em rédea curta.

— Fica aqui mesmo em Millsdale? — pergunto, fingindo casualidade enquanto beberico do cálice novamente.

— Ficaria surpresa do quão perto está.

Aposto que fica em Rotherdam. Os Corvos já teriam descoberto se ficasse em East End e a polícia já vasculhou o Distrito Industrial na época do escândalo de Cyan Wargrave.

Mas em Rotherdam a Ordem conseguiria manter uma fábrica clandestina longe das autoridades não corruptas ou dos olhos da Sociedade.

Soren muda de assunto rapidamente depois disso. Ele quer falar sobre os preparativos do casamento e o motivo de eu não estar tão envolvida. Jocelyn está cuidando de tudo. Realmente não tenho nenhum interesse em planejar um casamento que nem sequer está ocorrendo por vontade minha.

Costumava sonhar com essa data quando era mais nova. Passava horas admirando o álbum de fotos do casamento dos meus pais. Minha mãe estava deslumbrante em um vestido clássico feito por uma estilista francesa que já fez vestidos para a realeza de Mônaco.

Sonhei com o momento em que subiria ao altar com um vestido tão lindo

quanto o dela, para me unir ao amor da minha vida.

E agora estou prestes a ser forçada a me casar com o assassino do meu irmão.

Soren começa a reclamar novamente do desaparecimento de seu melhor amigo. James tinha uma viagem marcada para a Europa para resolver negócios da Ordem, mas, como o instruí, ele sumiu do mapa. Isso está causando muita dor de cabeça a Soren, que já está defasado de apoio.

Quanto mais ele bebe, mais fala, e as horas se arrastam. Ainda falta algum tempo para a virada de ano e só posso torcer para que acabe rápido.

Peço licença para ir ao banheiro, ansiando por alguns minutos sozinha, e corro até lá como se estivesse sufocando em busca de ar.

O banheiro está vazio, para minha sorte. Me apoio na bancada de mármore e levanto o rosto para encarar meu reflexo no espelho.

Minha maquiagem cobre bem os hematomas que ainda estão desaparecendo. E também as profundas olheiras sob meus olhos, que denunciam minhas noites maldormidas.

Soren e meu pai rechaçaram a possibilidade de eu voltar para o alojamento estudantil, de onde fui facilmente levada da última vez, então estou tendo que me contentar em morar na casa do meu pai por enquanto.

Me sobressalto quando a porta do banheiro é aberta, interrompendo meu momento, e quando olho na direção, esperando encontrar outra mulher, me deparo com Callan Harkness.

Ele está usando um de seus sobretudos pesados. Há alguns flocos de neve presos nos fios pretos de seu cabelo. Meus dedos se retraem quando lembro da maciez de tocá-los. O semblante em seu rosto é assustador e algo a se temer, me fazendo dar vários passos para trás até minhas costas baterem contra a parede de azulejos.

— O que faz aqui? — pergunto, mesmo já sabendo a resposta.

Callan está em busca de retaliação. Isso é óbvio para qualquer um que o olhe agora. Ele sabe que fui eu a responsável pelo incêndio em St. Lazarus.

Só me pergunto como diabos nenhum dos guardas de Soren notou esse homem intimidador de quase dois metros passando pelo restaurante e ostentando sede de sangue.

Sede do meu sangue.

— Pensou que eu não ia saber que foi você? — pergunta, vindo lentamente até mim.

Embora esteja se revirando em puro ódio, Callan parece paciente, e isso faz meu coração disparar e uma dose alta de adrenalina ser injetada em minha corrente sanguínea.

Um arrepio faz meu corpo gelar, e sinto tanto frio que é como se estivesse do lado de fora, sob a neve. O senso de perigo dispara.

Estou encurralada. Não há para onde fugir dele e de sua fúria.

— Tem alguma noção do problema que causou com sua birra sem sentido? — rosna, chegando próximo o bastante para que sua respiração furiosa atinja meu rosto. Ele apoia as mãos na parede atrás de mim, uma de cada lado da minha cabeça. — Tem noção do quanto te odeio agora?

Quase rio, apesar do medo latente.

— Não consegue me odiar — sussurro, pensando na sua confissão.

— Descobri que consigo, sim — contradiz, aproximando seu rosto até que nossos narizes quase se toquem. Engulo em seco. — Consigo desejar te matar na mesma proporção que desejo te foder.

— É recíproco, mas sem a parte de te foder. Tenho nojo demais de você para isso.

É a vez dele de rir. A mentira está escancarada em meus olhos, e se tem algo no qual Callan é especialista é em me ler.

Seu rosto logo cede à seriedade, no entanto, e a intensidade com que ele me olha faz meu coração latejar. É uma dor profunda e lancinante, que me devora de dentro pra fora.

Ele umedece os lábios com a língua antes de perguntar, com um tom tão sincero que quase me faz cair de joelhos:

— Por que fez isso?

— O que eu faço não é mais da sua conta — respondo, forçando para engolir o nó que se formou na minha garganta.

— Está errada. Você é minha e será assim até seu último suspiro. Enquanto eu caminhar nessa Terra, será na sua direção. Sempre. E isso pode ser uma dádiva ou uma maldição pra você, mas nunca se livrará disso. Nunca se livrará de mim.

Fecho os olhos, incapaz de continuar olhando-o.

Ele está determinado a me assombrar para sempre. Jamais permitirá que eu me afaste de todo o inferno que ele criou.

Jurei que não estava condenada a ele, mas talvez eu esteja. Porque o sentimento continua bem aqui. Ainda queima dentro de mim desesperadamente. Eu o odeio e o destruiria nesse exato momento se pudesse, mas eu também o quero.

Ardentemente.

O que vou fazer com isso? Como vou sair dessa maldita situação?

É doentio. Estou doente.

— Me deixe em paz — rogo, à beira da súplica.

Callan suspira. Sinto seu toque em minha bochecha, me fazendo voltar a encará-lo.

— Não posso, anjo. Você começou uma guerra sem saber e isso me custou muito. — Franzo o cenho, sem entender.

— Não é problema meu.

— Acha que não posso retribuir o que fez por causa dos meus sentimentos por você? Está enganada. Posso te fazer sofrer sem nem encostar em você. — Sua mão desce da minha bochecha para o meu pescoço. — Destrua algo importante para mim e eu destruo algo ainda mais importante para você. Vamos ver por quanto tempo você aguenta.

— Sei muita coisa sobre sua Sociedade, se eu fosse você não me ameaçaria, *Harkness*.

Callan emite um riso nasalado, seu olhar deslizando lentamente por mim.

Ficar perto dele é como um desafio. O tempo todo preciso me lembrar de me manter firme e não entregar tudo.

Segundos longos se passam com seu olhar caloroso de malícia me observando antes que ele enfim se afaste, me soltando.

— Deveria ligar para sua mãe — aconselha, após estalar a língua. Ele se dirige à porta. — Ela me disse que estava morrendo de saudades suas.

Pisco, estarrecida.

O medo se transforma em outra coisa e isso toma conta de mim. Penso na adaga em minha bota de cano longo. Penso no que faria se precisasse cravá-la no peito de Callan.

Eu seria capaz disso?

Mesmo sabendo que Callan é uma ameaça a mim e a tudo o que me restou, não sei se poderia matá-lo. Sou fraca demais para isso.

Lembro das palavras vívidas do meu pai.

Amor é fraqueza. Permita-se amar e observe isso te destruir.

Engulo em seco e com pesar.

Parte de mim quer acreditar que Callan jamais seria capaz de fazer qualquer coisa pra me machucar. Não depois de tudo. Porra, ele me disse que gostaria de ter morrido no lugar de Ava, apenas para que eu não sofresse.

De qualquer modo, não posso confiar nele, muito menos me iludir ou achar que sei ou não do que Callan é capaz.

E o ódio brilhando em seus olhos agora o tornam irreconhecível. Ele me mataria bem aqui se pudesse.

— Fique longe de mim e da minha família — sibilo, sentindo tanta raiva que não sei como consigo me controlar.

Meu coração tá despedaçado, em frangalhos. O que tinha restado depois

da morte de Bash foi destruído por Callan. O vazio retornou, mais profundo e escuro do que nunca. E sinto que ele vai me consumir completamente dessa vez.

— Não vai querer disputar comigo o jogo de quem consegue ser pior, anjo — diz Callan com tranquilidade, sem se importar com o que isso causa em mim. — Eu sempre venço.

E, com uma piscadela, ele se vai.

49

S L O A N

Eu escolhi ler a verdade com meus olhos fechados
Fogo sobe pelas árvores
Balas arranham o chão
O dano foi feito
Não há como corrigir nossos erros
Fahrenheit — Azee

UM SOM ALTO DE ALÍVIO escapa de mim quando minha avó atende ao telefone. Estou tentando falar com ela desde ontem, quando Callan ameaçou minha mãe explicitamente. O pavor não me deixou dormir e passei a noite andando de um lado pelo outro no porão da mansão Kestrel, sentindo o cheiro da madeira antiga nas paredes e das safras de uvas dos vinhos.

E afiando minha adaga como Leonard ensinou. Ele tentou me distrair, treinando comigo alguns movimentos com a lâmina, mas não consegui me concentrar. Estava enlouquecendo sem ter notícias da França. Me perguntando se os Corvos já tinham chegado até minha mãe ou o que pretendiam fazer com ela.

Pensei que minha família materna estava segura de tudo isso em outro continente. Que nada desse caos poderia afetá-las. Minha mãe e minha avó são tudo o que me restou agora que meu pai se tornou um monstro que nunca conheci de verdade. Elas são meu resquício de normalidade, o fio que me conecta ao que é real, ao que é confiável.

— Sloan, meu amor, o que houve? Parece que está chorando

A voz da vovó Martha é como um respiro de ar fresco. Faz meu corpo inteiro suavizar.

Fecho os olhos, sentindo meus ombros caírem com leveza, e seguro um soluço.

— Onde você esteve? — pergunto, me segurando em uma dos armários na parede do porão. — Está tudo bem?

— Estive cuidando de Anne na casa dela. Ela adoeceu recentemente e o marido estava tão preocupado e sem saber o que fazer — explica Martha. Anne é uma de suas amigas do clube do livro. Me sinto tão tola agora pelo meu desespero. — É claro que está tudo bem, querida, por que não estaria?

— Como minha mãe está? Tem falado com ela?

— Estou na clínica nesse momento. Sua mãe está jogando xadrez, acredita?

Tenho vontade de chorar.

Cubro a boca com a mão para que outro soluço não escape e deixe minha vó ainda mais preocupada.

Minhas costas deslizam pela parede e me sento no chão de tacos, os joelhos curvados junto ao peito. Afundo os dedos da mão na raiz dos cabelos, puxando o couro cabeludo quase como se quisesse punir a mim mesma.

Porque não posso protegê-las. Porque estou distante. Porque provavelmente nunca deveria ter saído de lá.

— Posso falar com ela? — peço, com o coração apertado.

— Claro que sim, mas, primeiro, me diz o que houve. Por que está tão preocupada?

— Não é nada, vó. Só tive um sonho ruim e quis garantir que vocês estivessem bem.

Martha fica em silêncio por um momento e tenho certeza de que está desconfiando da minha desculpa esfarrapada. Minha avó é muito doce e gentil, mas não é boba. Muito pelo contrário. Sua sagacidade e esperteza foram responsáveis por transformar minha mãe na mulher que ela se tornou: uma força da natureza.

— Certo, querida. Como eu disse, está tudo bem. Vou passar para a sua mãe.

Sinto o tom hesitante na voz suave dela e imediatamente sei o motivo. Às vezes — muito frequentemente —, minha mãe não se recorda de mim. Sou uma estranha para ela, na maior parte do tempo. Em grande parte de seus dias, Theresa acredita ainda estar no auge de sua juventude, antes do meu nascimento, quando era uma musicista ambiciosa e apaixonada.

Sei que nada disso é culpa dela e sim da progressão severa de sua doença. Mas me destrói mesmo assim.

— Alô?! — A voz da minha mãe surge com um carregado sotaque francês.

Sorrio automaticamente ao ouvi-la, as memórias me embalando no mesmo instante. Penso em seu rosto. Em seu cabelo ruivo desbotado, nas rugas suaves ao redor de seus olhos amendoados. O sorriso reconfortante que ela sempre exibia quando olhava para mim...

Mordo o interior da bochecha com força, tentando não deixar que a nostalgia me arrebate.

— Oi, mãe.

— Quem é?

Arfo, como se tivesse acabado de levar um golpe no estômago.

Essa pergunta sempre é a que mais dói. É notar a ausência de reconhecimento no olhar dela quando me vê. A confusão estampada em seu rosto e o questionamento em suas palavras.

Quando me olha, ela enxerga uma completa estranha. Pensei que não doeria tanto sentir isso através do telefone, mas estava errada. Dói da mesma forma. Ainda me faz pairar entre os sentimentos de raiva e tristeza.

— É Sloan — respondo, com um nó enorme preso na garganta.

— *Pardon*, acho que não conheço nenhuma Sloan — diz, com seu jeito carismático que sempre cativou todos por onde ela passa. — Você é americana, não é? Mora em Millsdale?

— Sim, isso mesmo.

— Oh, que coincidência! — exclama, me fazendo dar um breve sorriso cheio de angústia e saudade. — Eu trabalho em Millsdale.

— Eu sei, você é uma grande musicista — elogio, desejando fazê-la esboçar um sorriso também. — Toco piano também, sabia?

— Que fantástico! Quem te ensinou?

Fecho os olhos para evitar que lágrimas nublem minha visão.

— Minha mãe.

— Isso é ótimo, huh? Pretendo ensinar piano para meu filho também. Estou grávida de treze semanas.

Seguro um soluço que antecede o choro que com certeza se aproxima. Faz muito tempo que não falo com ela e não sabia o quanto sentia falta de tudo a seu respeito: seu jeito, sua voz, seu sotaque...

É tão profundamente doloroso, mas também reconfortante de certo modo. Callan não a machucou e isso me deixa muito aliviada. Não sei o que faria se algo acontecesse com elas. Perderia totalmente o rumo.

— Isso é incrível — consigo dizer, imaginando como Theresa era durante sua gravidez.

Aposto que ela era uma dessas grávidas que brilham, esbanjando luz e amor para todos ao redor.

— Ainda não sabemos o sexo — continua ela. — Preferimos esperar para a data do parto. Vai ser uma grande surpresa.

Ergo as sobrancelhas, comovida. Não sabia disso.

— Eu imagino.

— Sloan é um lindo nome. É uma ótima opção se o bebê for uma menina.

— Também acho.

Me contenho para não chamá-la de mãe de novo. Não quero perturbá-la

nem deixá-la confusa. Ela parece estar tendo um bom dia e não quero estragar tudo. Quero que minha mãe tenha a vida mais feliz e confortável possível em sua condição.

— Bem, tenho que voltar para minha partida de xadrez. Estou arrasando. Podemos nos falar depois, Sloan?

Assinto com a cabeça, embora ela não possa ver.

Foi uma boa conversa, apesar de tudo. E tranquilizou muito minha mente e meu coração. Saber que ela está bem já é tudo o que eu poderia desejar.

— É claro.

— Perfeito então. — Sinto o sorriso exuberante em sua voz. — *Adieu*.

Ela desliga a chamada logo em seguida. Eu poderia falar com ela por horas a fio e nunca me cansar. Quando a ligação termina, a saudade logo retorna, mas é abafada pelo alívio esmagador.

Deixo enfim as lágrimas caírem, aproveitando que não há ninguém por perto para testemunhar mais um lapso meu de fraqueza.



— Isso é tão legal! — Astor exclama, olhando ao redor do meu novo escritório, no topo do edifício Palace, onde se localiza o clube Éclipse.

Agora que o clube é meu, ganhei também um escritório com uma vista de tirar o fôlego. Suas paredes são de vidro e há uma poltrona bastante confortável. O fato de ter sido um presente de Soren faz com que eu sinta certo ressentimento por todo esse lugar, mas acho que isso vai passar quando eu tirá-lo completamente do meu caminho.

Tudo o que pertence aos Grifos será meu mesmo, de uma forma ou de outra. Além disso, sacrifiquei algo importante por isso. Sei que mereço.

— É, sim — concordo, um pouco aérea.

Astor franze o cenho, inclinando a cabeça com desconfiança.

— Você não parece muito empolgada.

Suspiro, deixando minhas costas recaírem contra o encosto reclinável da cadeira giratória.

Me sinto cansada, carregando pesos enormes sobre meus ombros.

— Eu sei, é que tudo está uma bagunça ultimamente.

— Não quer mesmo se casar com aquele crápula, não é?

Astor me conhece bem. Ela sempre soube que esse noivado não é por amor, mas nunca realmente me confrontou a respeito disso. Acho que pensou que o casamento foi uma decisão que tomei movida pela tristeza do luto após a

morte de Bash.

Ela se manteve afastada, me dando o tempo que pensou que eu precisava para digerir tudo. E eu gostaria de apenas poder falar com ela sobre tudo.

— É claro que não. — Faço uma careta só de imaginar viver uma vida de matrimônio ao lado de Soren. Tenho repulsa de tudo a seu respeito, sua voz, seu rosto, seu cheiro... Me dá ânsia de vômito. Mas, como meu pai bem me lembrou, nem todo casamento acontece por amor. Às vezes, há coisas mais importantes que isso, principalmente quando há tanto em jogo. — Mas pessoas como nós precisam fazer sacrifícios, tomar decisões difíceis em prol de um objetivo maior.

Astor fica em silêncio por um momento. Sei que ela sabe disso tanto quanto eu. Sua família, assim como a minha, carrega o fardo de ser extremamente importante e influente. Cada decisão sua gera um grande impacto. Mas, ainda bem, que ela não tem que se preocupar com as malditas sociedades secretas dessa cidade querendo seu sangue.

— Não tem que fingir comigo nunca. — Astor coloca sua mão sobre a minha por cima da mesa que nos separa. — Sabe disso, não é?

— Eu sei.

Gostaria tanto de poder desabafar e deixar tudo sair, ter uma conversa cem por cento honesta com minha melhor amiga. Mas, só de pensar em expor ela a qualquer tipo de risco, sinto náuseas.

— Ainda ama o Harkness — constata ela, de repente, chamando minha atenção.

Meus olhos se arregalam e quase pulo da cadeira.

— O quê?! É claro que não.

Astor suspira, nem um pouco convencida.

— Eu vi vocês no solário lá no castelo Drago, Sloan. Era como se existissem apenas vocês dois no mundo inteiro.

Suspiro, me lembrando daquela noite.

Realmente pareceu que Callan e eu éramos os únicos no mundo. Ele me fez sentir assim. Disse coisas que fizeram meu coração se render e minha guarda abaixar. Me entreguei para ele naquela noite — e em todas as outras seguintes desta.

Queria poder dizer que me arrependo, que apagaria essas lembranças da minha mente se pudesse, mas não. Sinto raiva e ressentimento de Callan, mas a forma como ele me fez sentir...

Preciso carregar isso para sempre. Me agarrar nesse sentimento com todas as forças que posso. Foi especial e profundo demais para que eu apenas me contente em esquecer.

— É complicado — concluo, por fim. — Nascemos para odiar um ao

outro e vai ser assim até um de nós dois morrer.

— Não tem que ser assim.

— Tem, sim — insisto.

— Se você diz. — Astor dá de ombros, desistindo. Não há como discutir comigo quando o assunto é Callan Harkness, então ela apenas muda de assunto: — Como Soren está?

— O que tem ele?

— Ouvi no rádio quando estava vindo para cá que conselho de acionistas da D.E. comprou a parte de Soren da empresa. Mas ele ainda ficou com a fábrica de bebidas.

Pisco, incrédula.

— O quê?

Astor bufa, jogando os longos cabelos escuros por cima do ombro.

— Em que mundo você está, Sloan? Ele não te contou?

— Não somos esse tipo de noivos — argumento. Não desabafamos um com o outro como confidentes. Falamos de negócios quando é extremamente essencial. Evito trocar qualquer palavra com ele que não seja necessária ou urgente. Mas eu precisava falar com ele sobre a ameaça que minha mãe sofreu. Até enviei uma mensagem pedindo uma reunião, mas ele não respondeu. Agora entendo o porquê. — Ele deve estar furioso.

Sei que há dedo dos Corvos nisso. Eles já tinham um plano para tomar as empresas de Soren, se agora conseguiram, significa que estão um passo mais perto de acabar com a Ordem. Isso não é nem um pouco favorável para mim e meus planos. Não posso governar um império destruído.

Mas, mesmo que Soren perca as empresas e isso o deixe vulnerável perante os Grifos, ele ainda tem contatos no mundo do crime que garantem o avanço da Ordem no submundo. Tenho certeza de que Wargrave não era o único nome em sua lista de pagamentos secreta.

E a produção de absinto ilegal ainda é a coisa mais importante que sustenta Deacon.

Callan pode ter rolado os dados e avançado algumas casas, mas ainda está longe de assumir a vitória. Preciso garantir que ele nunca consiga, assim como não posso deixar Soren fortalecer a Ordem.

Uma Ordem forte vai dificultar, e muito, meu plano de usurpar o poder de Deacon.

— Não deixe que ele desconte a raiva em você — pede Astor, com preocupação.

— Não vou — garanto.

Soren nunca mais vai tocar em mim ou em alguém que eu amo.

Minha amiga suspira, anuindo, e se levanta.

— Bem, vou lá pra fora — anuncia, ajeitando seu vestido. É tão belo e brilhante quanto uma noite estrelada no campo. — Meu encontro me espera.

Enfim, dou um sorriso genuíno.

É bom saber que alguém com quem me importo tanto está vivendo a vida como deve ser, sem os perigos que passaram a me cercear.

— Já estou indo também.

Ela assente e me deixa sozinha no escritório, após um último olhar preocupado em minha direção.

Alongo o pescoço, sentindo os nós de tensão cada vez maiores.

Em seguida, pego o meu celular.

Se Soren não está disponível, vou encontrar outra maneira de conseguir o que quero.

Sloan Kestrel [21h26]: *Preciso que envie os melhores homens da Ordem para Paris. Quero guardas na porta da clínica da minha mãe e no apartamento da minha avó.*

A resposta vem quase que imediatamente.

Leonard Duncan [21h27]: *O sr. Deacon está de acordo?*

Sloan Kestrel [21h27]: *Essa é uma ordem minha. Soren não tem nada a ver com isso. Providencie o mais rápido possível.*

Leonard Duncan [21h29]: *Sim, senhorita.*

Preciso ao menos garantir isso para me dar alguma paz. Preciso saber que minha família está segura, que ninguém vai tocar nelas.

Afasto a cadeira para trás e me levanto.

Passei a tarde toda sentada aqui, ficando a par de tudo o que preciso saber sobre meu novo empreendimento. Tenho que esticar as pernas e um martini não seria nada mal agora.

Saio para o salão do Éclipse, observando ao redor para garantir que tudo está correndo bem.

Optei por não fazer nenhuma mudança drástica no clube. A decoração é a mesma e os funcionários também. A transição será mais fácil assim, especialmente porque não faço ideia de como gerenciar algo desse tipo. Estou contando que os funcionários e os arquivos deixados pelo antigo proprietário me ajudem nisso.

Reconheço alguns rostos no meio da multidão que dança na pista. Astor e seu par, Amelie Chase e outros frequentadores da alta sociedade de Rotherdam. Muitos envolvidos com os negócios ilegais dos Grifos.

E, quando meus olhos enfim pousam na área do bar, encontro uma figura que destoa dos outros. Ela está de costas para o balcão e de frente para mim. Usa

roupas pretas, apertadas e de couro, como se estivesse indo para um clube de BDSM. As tatuagens que serpenteiam em seus braços e os longos cabelos escuros feito a noite contribuem para seu visual sombrio.

Seus olhos pretos estão fixos nos meus e há um sorriso de deboche no canto de seus lábios cheios.

Olho ao redor para garantir que os outros não notaram que há alguém de East End aqui. Ela ainda é mais do que isso: alguém que anda com os Corvos.

— Tempest — cumprimento sem humor quando chego até ela.

— Kestrel. — Ela semicerra os longos e volumosos cílios escuros.

— O que quer aqui?

Nyx apoia os cotovelos displicentemente no balcão atrás dela.

— Ouvi dizer que é o novo terror dos Corvos. *Quem diria*. — Ela assobia, como se realmente estivesse impressionada. — Ganhou mesmo o meu respeito, ruiva, mas sabe que eles colocaram um preço na sua cabeça, não é?

Um arrepio cruza minha espinha e logo me lembro do que Callan disse, sobre eu ter iniciado uma guerra.

Sabia que os Corvos não iam apenas se esquecer de mim. Descumpri meu juramento de sangue. Quebrei o maldito contrato e há consequências, já tinha sido avisada disso.

Mas agora que tenho a confirmação de que estou sendo caçada, a sensação de perigo me abraça completamente. Há guardas me seguindo para onde quer que eu vá e eles têm todo o edifício Palace cercado. Tecnicamente, estou o mais segura que alguém poderia estar. Ainda assim, não é como me sinto.

Ao lado de Callan, parecia que nada poderia me ferir.

Engulo em seco, tentando não permitir que isso me atinja, e endireito a coluna, mantendo o queixo erguido.

— Eles não vão chegar até mim — garanto, tentando convencer a nós duas.

— Não enquanto Harkness estiver por aí, suponho. — Nyx dá de ombros. — Dizem que você o enfeitiçou.

Tenho vontade de rir.

Bem que eu queria.

— Dizem muita coisa por aí — rebato, incomodada com seu tom e o motivo por trás de sua visita. — E você me parece bastante interessada.

— Apenas curiosa.

Suspiro, sem acreditar na sua casualidade forçada.

— O que quer, Nyx?

— *Maria*.

Seu rosto muda de semblante assim que ela menciona esse nome.

Merda.

— Não estou dentro dos Corvos, não posso mais conseguir isso.

— Bem, esse é um problema somente seu.

— Não, é seu — corrijo, cruzando os braços.

Investigo a postura e a aparência de Nyx, procurando qualquer tipo de ameaça. Sei que ela é perigosa, embora não saiba exatamente como ou o porquê. De todo jeito, ela não pode fazer nada contra mim enquanto houver uma porção de homens armados prontos para transformar este salão em um campo de guerra apenas para me protegerem.

— Me deve alguns favores, lembra? — Ela levanta uma de suas sobrancelhas perfeitamente delineadas.

— Peça outra coisa.

Nyx dá uma risada sarcástica de gelar os ossos antes de seu rosto ganhar um semblante afiado e mortal. Ela dá um passo na minha direção. Suas botas altas de couro tornando-a bons centímetros maior do que eu.

— Não vai querer ferrar comigo, Kestrel — sibila baixinho e ameaçadoramente. — Isso eu te garanto.

Praguejo uma dúzia de vezes e olho para o teto, tentando encontrar uma solução. Mas não há. Não sei do que Nyx é capaz, mas seu olhar é intimidador o bastante para me fazer não desejar desafiar sua ira.

Além disso, preciso cumprir minha parte. Ela está certa, estou em dívida. Se não pagar logo, as coisas podem ficar ainda piores.

Suspiro em desistência, voltando a encará-la.

— Como posso conseguir o que você quer? — pergunto de uma vez.

— Aposto que Callan te daria de bom grado se você pedisse.

É a minha vez de quase rir, porque, neste momento, Callan não me daria nada nem se nossas vidas dependessem disso.

— Por que você mesma não pede a ele?

— Ele não confia em mim — responde, simplesmente. — E com razão.

— Não posso ser vista perto de Callan ou de East End — argumento.

Os guardas alertariam Soren e eu estaria arruinada. Todo meu plano viraria cinzas.

— Seus brutamontes não vão te seguir pelos túneis e, com certeza, não vão te achar no Sancto.

Meu queixo quase cai.

— Sancto?

— Callan tem uma luta marcada nessa sexta. Ele foi desafiado.

— Por quem?

— Jasper St. Clair.

— *Merda*.

A coisa vai ficar feia bem rápido nessa luta, tenho certeza. Um angústia latente surge em meu peito. Lembro-me do treino inumano de Callan para o Sancto. A forma como ele destruiu facilmente o guarda em minha cela. Às vezes, é como se Callan não possuísse alma, exceto quando está comigo.

Ele é uma máquina de matar. É imparável.

Mas não faço ideia de como Jasper é, apesar de ter certeza de que é impossível que se iguale a Callan. Os dois se odeiam o bastante para que transformem a luta em um banho de sangue.

— De qualquer forma, Callan não confia em mim também. Não mais — revelo, retraindo a parte de mim que se arrepende do caminho que nos trouxe de volta até este lugar. Ter sua confiança foi bom pelo tempo que durou. — Ele não vai me dizer nada que seja importante para a Sociedade.

— Então peça ao outro. — Nyx dá de ombros novamente, levando a situação como se tudo fosse muito simples e intuitivo.

— St. Clair? — Meu tom de incredulidade é tão evidente que a faz revirar os olhos.

— Se você der a ele algo que ele quer muito, ele te recompensaria.

— E qual sua sugestão?

— Entregue-o a cabeça de Callan — diz com seriedade, olhando fundo em meus olhos. — Garanta que Harkness perca a luta. Só você é capaz de fazer isso.

Balanço a cabeça negativamente.

Isso é impensável. Impossível, na verdade.

— E como diabos farei isso?

— Sei lá, ruiva, dê um jeito. — Seu tom ríspido me irrita. Para ela, coisas como essa são habituais e corriqueiras. Para mim, é difícil sequer cogitar. — Além do mais, tenho certeza de que é do seu interesse se livrar de Callan também. Mate-o antes que os Corvos te matem.

O medo que se instaura em mim no mesmo instante faz meu corpo gelar e minha garganta ficar seca.

Novamente, esse maldito dilema.

Eu seria capaz de fazer isso? Sentenciar Callan? Parece tão ruim e difícil quanto matá-lo com minhas próprias mãos. E, mesmo não havendo mais nenhuma relação entre nós, nem mesmo de dever à Sociedade, ainda sinto como se parecesse traição.

Pegá-lo desprevenido pode significar que terei êxito em realizar o que Nyx propõe. Talvez seja materialmente fácil e possível, mas até mesmo pensar

nessa possibilidade me dá náuseas.

Penso em como seria assistir St. Clair dilacerando Callan em cima de um ringue. Em ver meu antigo nêmesis ser reduzido a uma pilha insignificante de ossos e sangue. Sua aniquilação total.

Sonhei com isso tantas vezes. *Desejei isso*. Dessa forma, eu nem precisaria sujar as mãos.

E, mesmo assim, estou paralisada de horror.

— Você o trairia dessa forma?

— Pessoas fazem coisas assustadoras quando se trata de sobrevivência. — Algo remói dentro de mim ao ouvir essas palavras. E percebo em seus olhos que não está sendo tão fácil para ela quanto Nyx quer que pareça. Há um brilho de tristeza em suas íris profundas. — Já deveria saber disso.

Acho que ela está certa, no fim das contas.

Tudo se resume a sobrevivência.

Ainda hesitante, aceno uma vez com a cabeça, assentindo. Nyx parece aliviada. Ela se afasta do balcão, passando por mim.

— Despiste os guardas que eu cuido do resto — diz, dando uma piscadela. — Me encontre na torre do relógio da Wilrose à meia noite de sexta.

Observo Nyx enquanto ela se afasta em direção à saída enquanto tento decidir se foi ou não uma boa ideia.

50

S L O A N

Fique comigo um pouco mais, eu vou esperar por você
Sombras se esgueiram e a vontade se torna mais forte
Mais profunda que a verdade
Não posso deixar de te amar, mesmo que eu tente
Não posso deixar de te querer
Eu sei que eu morreria sem você
War of Hearts — Ruelle

Os uivos do vento são extremamente assustadores ao percorrerem toda a extensão dos túneis sob a cidade. Eles ecoam por quilômetros, reverberando pelos ossos que cobrem as paredes e o teto das catacumbas. Me tremo de medo conforme sigo ao lado de Nyx, tentando prestar atenção no som dos saltos da sua bota batendo contra o chão de pedra.

O Sancto surge apenas à meia-noite, o que significa que já estamos atrasadas. Demorei mais tempo do que pensei para conseguir me livrar dos meus novos guardas. Precisei sair pela janela do meu quarto na mansão, descer pela treliça, fugir das câmeras e dos guardas do lado de fora, e escapar pelo bosque nos fundos da propriedade.

Não levei celular, no caso dos Grifos ainda estarem me rastreando. Peguei um táxi para o campus e paguei em dinheiro. Encontrei Nyx no local marcado, a torre do relógio, e ela tinha um casaco com capuz preto esperando por mim.

— Vamos subir aqui — aponta Nyx assim que avistamos uma escada.

Só descubro onde estamos quando saímos para a superfície. Observo o ar turvo pela poluição cinzenta e as fábricas e galpões que nos cercam e, imediatamente, sei que estamos no Distrito Industrial. Por isso, demoramos tanto para chegar aqui.

Nyx marcha decididamente à minha frente, com as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, trilhando o caminho que parece conhecer de cor. Sua postura, a forma como se porta e se move, expressa confiança e perigo. Ela não se intimida com nada e invejo isso.

Gostaria de não sentir medo, em especial dos meus próprios sentimentos.

Tento me convencer do que estou fazendo a cada passo que dou. Não

posso pensar tanto a respeito, apenas agir. Não preciso ficar para ver as consequências depois.

Após caminharmos por alguns quarteirões, Nyx para em um galpão à primeira vista abandonado. Está caindo aos pedaços e não parece haver mais ninguém ali, mas Nyx se aproxima da grande porta de metal fechada e bate nela com dois socos decididos.

Uma pequena fresta se abre não muito tempo depois. Nyx diz algo baixinho para a pessoa do outro lado. Não consigo ouvir, mas faz com que as portas sejam abertas para nós e meus olhos se arregalam com o que vejo adiante.

O interior do galpão tem mais pessoas do que poderia imaginar. Muitos vestem ternos caros e joias reluzentes, como se estivessem em um cassino refinado em vez de um galpão velho e empoeirado. Atrás de balcões de metal estão pessoas com as mesmas máscaras pretas que já vi antes na Sociedade. Eles trocam dinheiro com os “clientes”, se é que posso chamar assim. Mas acho que estão aqui para assistir à luta.

— Não olhe e nem fale com ninguém — instrui Nyx com firmeza. — Mantenha a cabeça baixa e finja normalidade. Não vai conseguir se safar como fez em Beastland. As coisas aqui são bem diferentes.

— Por que os Corvos mantém algo assim? — pergunto, baixinho para que ninguém ouça conforme andamos pelas mesas.

A luz é fraca e acredito ser proposital. As pessoas mal se olham no rosto aqui. Aposto que este é o segredinho sujo delas.

— É lucrativo — explica Nyx, me guiando até um lance de escadas que deve levar ao subsolo. — Homens ricos adoram pagar para ver um banho de sangue. Eles apostam bem alto nos seus favoritos. Mais do que você possa imaginar.

Não me surpreende. Sempre soube que a alta sociedade de Millsdale era podre.

Conforme descemos, mais escuro fica e mais alto se tornam os sons da multidão eufórica que cerca a gaiola de metal onde se localiza o ringue. Um cheiro metálico de sangue e ferrugem invade minhas narinas e cubro o nariz enquanto olho ao redor.

Há um bar lotado aqui embaixo e camarotes no mezanino, mas a maior parte do público está aqui na aglomeração. Eles gritam e urram, alucinados. Descubro por que quando meus olhos enfim pousam na grande gaiola central com mais atenção. É quando vejo a poça de sangue que cobre o chão e o homem desacordado sendo arrastado para fora.

Não sei quem causou isso a ele, mas não apenas o matou, o destroçou. Seu corpo mal parece restos humanos. É mais do que nojento e horrível. Quase

parece algo retirado de um filme de terror. Um do tipo ao qual Ava amava assistir, mesmo que tivessem a classificação indicativa acima de dezoito anos. Ela era fascinada pelas cenas de horror e nunca compreendi isso.

Mas agora percebo que há pessoas que são fascinadas pelo horror real. Aquele que está muito além da ficção.

Nyx para e inicia uma conversa com um homem mascarado. Desvio o olhar quando noto ela estender um bolo de dinheiro para ele. Puxo o capuz do casaco preto para que cubra meu rosto o máximo possível. Se Roman, Ares ou Callan colocarem os olhos em mim, vão me reconhecer de imediato. Drago não foi tão ruim comigo da última vez, muito pelo contrário, mas isso foi antes de eu mandar incendiar a Sede dos Corvos.

Qualquer um deles deve estar ansiando para colocar as mãos no meu pescoço.

Escondi todo meu cabelo por baixo do capuz e mantenho minhas mãos dentro dos bolsos, mas o medo de ser reconhecida me mantém com o olhar baixo. Preciso passar despercebida.

— Ali está St. Clair — Nyx aponta, quando retorna para o meu lado. Vejo as costas de um homem alto e loiro se dirigindo a uma porta lateral de metal. — Ele deve estar indo fumar. Oportunidade perfeita. Siga-o.

Abro a boca para protestar, mas logo desisto.

Vamos, Sloan, acabe logo com isso.

Fecho os olhos por um segundo, me lembrando de cada coisa horrível que Callan fez. teve.

Entreguei a Callan meu coração e ele o esmagou.

Ele merece o que estou prestes a fazer. Prometi a mim mesma que iria destruí-lo e está na hora de cumprir.

Quando o ódio retorna flamejante, borbulhando sob minha pele, engulo em seco e obedeço Nyx. Vou atrás de Jasper me esgueirando pela multidão. Ele não para pra conversar com ninguém no caminho até a porta. Quando ele sai, vou logo depois.

Do outro lado da porta enferrujada há uma sala de estoque, aparentemente. Não há nada aqui além de estantes de metal vazias e caixas de papelão. Por um momento, não vejo nem sinal de Jasper. Não até senti-lo atrás de mim, pouco antes de ter uma lâmina pressionada em minha garganta.

— Quem é você e por que está me seguindo?

— Não lembra de mim? — pergunto de volta, enquanto memórias da noite em que nos conhecemos retorna.

Achei Jasper atraente quando o vi pela primeira vez, mas agora só sinto repulsa da sua presença.

— Kestrel? — indaga, me soltando e me virando para olhar em meu rosto. Ele puxa o capuz da minha cabeça e me pressiona na parede de tijolos. Me encara com um misto de surpresa e confusão, dando uma boa olhada em mim para confirmar minha identidade. — O que está fazendo aqui? Tem tão pouco amor à vida assim? Ou veio se entregar de boa vontade?

Reviro os olhos.

— Podemos pular a parte em que você ameaça rasgar minha garganta? — pergunto, levantando uma sobrancelha. — Passei por isso vezes demais, acredite ou não, e ainda estou aqui.

— Não por muito tempo — rosna, mostrando os dentes.

— Se você sabe como vencer a luta de Callan, então vá em frente e me mate. — Dou de ombros. — Mas nós dois sabemos que ele vai transformar você em pó assim que subirem naquele ringue.

Já vi Callan matando pessoas antes. Ele é implacável. Se a morte se materializasse e tomasse a forma humana, se pareceria com Callan. Ninguém pode detê-lo num combate físico, muito menos Jasper. Ele nem parece ser do tipo que luta. Parece mais um almofadinha de Rotherdam que estudou no Instituto Valiant.

— Se eu não achasse que posso derrotá-lo, não teria o desafiado.

— Bem, então você é muito estúpido. — A raiva acende em seus olhos claros e ele volta a pressionar o canivete no meu pescoço, dessa vez mais forte. — Não seja arrogante, no fundo sabe que não tem como ganhar a luta. Não ainda, pelo menos. Mas posso fazer acontecer.

Jasper dá uma risada alta.

— Ah, é? — debocha, rindo de uma forma irritante. — E como faria isso?

— Me diz primeiro por que vocês resolveram se matar agora.

— Ainda não sabe? Callan iniciou uma guerra dentro da Sociedade. Você traiu o juramento e ele nos proibiu de executar a punição que a Lei exige. Não é mais um líder forte e confiável. Você o enfraqueceu.

— Mas não o bastante, não é? — Estreito meu olhar. — Posso fazer mais.

Ele cogita a ideia por um momento, pensando a respeito. Mas seus olhos permanecem desconfiados na minha direção.

—Você poderia fazer isso, tenho que admitir. Ele age feito um tolo quando você está por perto mesmo. Algumas palavras suas poderiam manipulá-lo. O que quer em troca?

— Maria.

— O quê?

— Você sabe o que é.

Confusão nubla seu semblante e ele afrouxa a faca no meu pescoço. Tento me livrar de seu controle, mas ele logo percebe e retoma com força, voltando a me pressionar na parede.

— O *software* da Atlas? — Jasper ergue as sobrancelhas. — Ainda é um protótipo. Está em fase beta e eu não tenho acesso. Por que quer isso?

Maria é um *software*? Qual o interesse de Nyx em algo do tipo?

É estranho, mas não é da minha conta o que ela vai ou não fazer com Maria quando conseguir.

— Não te interessa — o corto. — É pegar ou largar, St. Clair.

Ele hesita mais um pouco, colocando a mão livre em sua têmpora para pensar. É uma boa proposta e sei que conseguirei fazer isso, se tentar.

Mas não sei se quero realmente. Estou em um dilema mortal, duelando com duas partes dentro de mim.

Amor, ódio, vingança...

Estou presa entre esses caminhos, sem enxergar nada além de um abismo à minha frente, não importa o que eu escolha. Qualquer um dos caminhos vai destruir uma metade de mim. Vai doer de qualquer forma, mas qual dor vale mais a pena?

— *Certo* — Jasper por fim concorda e fico meio decepcionada.

Minha última esperança de não ter que seguir com esse plano acaba de ir pelos ares. Agora é tudo ou nada.

— Onde Harkness está?

— Não sei. Dizem que ele fica em seu próprio casulo antes das lutas. Seja lá o que isso signifique. Ninguém chega até ele nesses momentos — conta, me deixando intrigada. Me lembro de quando vi Callan em seu treino para o Sancto. Em como ele estava perdido em sua própria mente, perturbado. — Mas no intervalo da gaiola, ele vai ao vestiário como todos os outros. Pode interceptá-lo neste momento.

— Se você sobreviver ao intervalo — acrescento, pensativa.

— Não me subestime.

Suas mãos apertam meus ombros e ele se inclina em minha direção. Me mexo, tentando me desvencilhar.

— Me solta — exijo, ainda mais irritada do que antes.

Jasper obedece, recolhendo suas mãos e dando um passo para trás.

Ajeito meu casaco e o capuz para cobrir minha cabeça de novo.

Não há mais motivo para falar com Jasper, então volto em direção à porta.

— Kestrel — ele chama assim que puxo a maçaneta. — Por que está

fazendo isso?

São tantas razões que mal consigo colocar em ordem dentro da minha própria cabeça.

— Sobrevivência — resumo, antes de voltar para dentro.



Nyx está bebendo tranquilamente perto do bar quando Callan e Jasper são presos na gaiola. Meu coração está prestes a saltar pela minha boca, batendo desesperadamente quando meus olhos pousam no moreno de estatura alta vestindo nada além de um calção preto. Seus cabelos estão bagunçados e suas mãos estão envoltas em algum tipo de proteção.

A multidão grita enlouquecida. Estão uivando feito animais histéricos, ávidos para mais um banho de sangue.

— Quem está com as apostas mais altas? — pergunto a Nyx, que está entornando uma cerveja *longneck.*

— Está bem acirrado — conta ela. — Os Patronos estão apostando em St. Clair. Mas Callan convocou aliados também. A Sociedade se dividiu.

Como eu imaginava, o Conselho está ansiando pela derrota de Callan.

Os dois lutadores trocam palavras que ninguém consegue escutar. Apenas vejo suas bocas mexerem e tento imaginar o que estão dizendo um ao outro. Acho que Callan emite uma provocação certeira, porque St. Clair faz menção de ir para cima dele.

Os dois parecem touros enfurecidos que mal conseguem se controlar. Quando o gongo finalmente toca, dando início ao mata-mata, os dois não fazem cerimônia antes de começarem a brigar.

Não me surpreendo quando Callan já toma partida e domina a gaiola. Ele é feroz e imparável, como uma besta infernal. St. Clair não tem outra alternativa além de ficar na defensiva, desviando dos golpes de ataque de Harkness. Eles ficam em um impasse por alguns segundos, até que um dos socos de Callan inevitavelmente acerta Jasper.

E então, parece que ele está condenado.

Não é apenas um soco, mas uma sequência de golpes poderosos e letais direto no rosto do loiro. Vejo sangue surgir e respingar naqueles mais próximos da gaiola. Os espectadores ovacionam, incentivando a luta a ser ainda mais violenta. E, por um momento, parece que vai acabar rápido e que Callan vai matar Jasper.

Mas mesmo cheio de golpes brutais, sangrando e atordoado, com,

possivelmente, algumas fraturas no nariz e rosto, Jasper revida assim que encontra uma brecha, acertando Callan no abdome, bem na direção de um rim, se vi direito.

Uma careta de dor surge em meu rosto, mesmo não tendo sido alvo do soco. Callan arfa, dando mais uma oportunidade para Jasper avançar. Em vez do rosto, St. Clair mira no tronco de Harness. Nas costelas e barriga, provavelmente bem em seus órgãos internos.

Callan dá vários passos para trás, até suas costas brilhantes de suor se chocarem contra a grade da gaiola. Jasper não para e uma boa parte da plateia gosta, gritando coisas como: “acabe com ele” ou “destrua-o!”.

Tento desviar o olhar, porque cada golpe em Callan parece acertar meu próprio corpo, mas não consigo. Sinto dor, medo, raiva... É como se eu estivesse lá na gaiola com eles. A adrenalina faz meu coração pulsar em ritmo desenfreado. Fecho as mãos em punhos e tento me concentrar na dor física das minhas unhas pressionadas fundo contra a minha pele.

Meus olhos ficam vidrados na cena horrível que se desenrola, assistindo cada movimento com uma ansiedade louca me consumindo. Callan está encurralado no canto do grande cubo de metal, tentando proteger a própria cabeça enquanto Jasper desfere uma porção de socos.

O que houve? Por que Callan não está revidando?

Olho ao redor, procurando alguma coisa que indique que vão interromper a luta, que não vão deixar que Jasper mate um dos maiores competidores do Sancto.

Procuro por algo nos camarotes andar acima. Há homens e mais homens mascarados. Não consigo identificar se Roman ou Ares estão por ali, mas duvido que não estejam assistindo à luta.

Eles vão permitir que seu líder, *seu amigo*, morra assim?

De repente, vejo algo que me paralisa. É o brilho de uma lâmina nas mãos de St. Clair.

— Callan! — grito, mas minha voz é só mais uma entre centenas.

Nyx está do meu lado agora, assistindo tudo com olhos arregalados de espanto. Callan desvia bem da lâmina cortante, mas Jasper está determinado a apunhalá-lo.

— Ele pode levar uma faca pra luta? — grito para Nyx, indignada.

— É um vale tudo, Sloan — explica ela.

Balanço a cabeça, inconformada.

Pensei mesmo que conseguiria lidar com a morte de Callan. Mas não dá. É desesperador. Dói fundo, fazendo minhas mãos tremerem e minha respiração colapsar. O frenesi me cega. Não consigo mais ouvir ou enxergar nada além

daquela maldita gaiola.

Dou um passo adiante, empurrando as pessoas na minha frente para abrir caminho. Mas não consigo ir muito longe, uma mão agarra meu cotovelo. Nyx está me encarando de forma repreensiva, mas não dou a mínima para isso.

— Me solta — sibilo pausadamente, esperando que ela consiga ver que nada nem ninguém vai me impedir de chegar até aquela gaiola.

Ela suspira, mas obedece à contragosto, e então me lanço para frente. Empurro e dou cotoveladas em qualquer um no caminho. O cheiro de suor me dá náuseas. Sou espremida pela multidão em polvorosa, mas sou pequena o bastante para conseguir me esgueirar nas frestas estreitas.

A ponta da faca está perigosamente próxima ao peito de Callan. A única coisa que o impede de ser esfaqueado são suas duas mãos que seguram com força o pulso de Jasper, o impedindo de golpeá-lo fatalmente direto no coração.

Me abaixo, passando pelos pequenos espaços entre uma pessoa e outra. Levo cotoveladas e chutes, mas não paro. Não sinto nada além do meu sangue quente e espesso correndo sob minha pele. É como se eu estivesse prestes a explodir como uma granada.

Há guardas mascarados ao redor da gaiola e eles só não me percebem porque uma briga paralela se inicia na proximidade, exigindo a atenção de três deles para apartar. É quando o espaço se abre que eu alcanço a grande.

A gaiola fica um metro e meio acima do chão, mas agarro a grade mesmo assim. Descargas elétricas parecem fritar meu cérebro enquanto assisto de perto a lâmina pressionar a pele do peito de Callan, fazendo sangue surgir. Tudo acontece muito rápido e, ao mesmo tempo, extremamente devagar. Meus olhos ardem e suor frio escorre pelas minhas têmporas.

Callan está com os olhos estreitos, seu rosto sangrando e retorcido em uma expressão de dor e esforço. Os músculos do seus braços tremem com a força que ele faz para segurar o punho de Jasper.

Quero dizer a ele para não desistir, para chutar, esquivar, fazer qualquer coisa. Quero pedir a ele para não morrer. Não sem antes eu confrontá-lo novamente, descontar toda a raiva que sinto por ele ter estregado tudo entre nós. Por ele ainda me ter como sua refém, apesar de tudo.

Talvez ele esteja certo. Acho que estamos mesmo condenados um ao outro.

Irrevogavelmente.

Um dos guardas logo nota minha presença e me agarra pela cintura, me puxando para longe. É quando um grito de desespero sai áspero pela minha garganta. Chamo o nome de Callan com todo fôlego disponível em meus pulmões.

E o mundo para, porque ele me escuta.

Ele me escuta e seus olhos encontram os meus. Quase não consigo enxergá-lo direito, porque lágrimas de medo e raiva nublam minha visão. Ainda assim, *sinto* seu olhar em mim. Quente e intenso, como tudo entre nós.

Temo que Jasper aproveite do desvio de atenção para fincar a faca no coração de Callan, mas Harkness parece ganhar força ao me ver. Sua feição não muda, apenas seu olhar. Seus olhos nebulosos se atenuam ao me fitar, como se ficassem tranquilos.

E ele se transforma em algo diferente.

Como se morte e fúria ganhassem forma.

Callan volta a encarar seu oponente ao mesmo tempo em que o guarda me joga para detrás da linha de segurança. Nem consigo me importar, porque estou com a atenção totalmente fixa nos homens dentro da gaiola.

Callan vira o pulso de Jasper para a direção contrário e posso jurar ouvir o estalo alto dos ossos se partindo. Um deles perfura a pele em uma ferida exposta que me causa arrepios. Sua faca cai no chão e Jasper urra de dor, perdendo forças sobre suas pernas, que fraquejam. Callan aproveita para chutar o joelho de St. Clair, que cai de joelhos no chão.

Meus olhos se arregalam quando Harkness está perto de dar o golpe de misericórdia, um nocaute direto no rosto já esmagado de seu adversário. Porém, nesse exato momento, o gongo soa, anunciando o intervalo da luta, e a gaiola é aberta, sendo invadida por guardas que seguram Callan, o impedindo de prosseguir.

Exalo o ar pesado, sentindo meus músculos fracos e doendo com toda rigidez do nervosismo que me tomou nos últimos minutos. Cambaleante, me distancio da multidão, até me deparar com uma pilastra de metal na qual consigo me segurar para normalizar minha respiração.

Fecho os olhos por um instante, minha cabeça tombada para trás. Respiro fundo algumas vezes, tentando retomar o controle.

Quando minhas pálpebras se levantam de novo, vejo Callan sendo guiado por alguns homens mascarados na direção de um corredor. Presumo que seja os vestiários. Ele não vira a cabeça para me procurar, apenas marcha direto em linha reta. Jasper também está sendo levado, mas para a direção oposta.

Só que, diferente do seu adversário, ele me procura com os olhos. E quando me encontra, seu rosto ganha um contorno de pura ira. Ele desvia o caminho e vem mancando em minha direção.

St. Clair está todo sujo de sangue e coberto por ferimentos dos pés à cabeça, mas nem mesmo a dor o impede.

— Que porra foi aquela?! — grita na minha cara. — De que lado você

está?

Sua mão livre vem em direção ao meu pescoço, mas me esquivo, saindo de perto dele.

— Fique longe de mim — advirto.

Ele rosna feito um bicho feroz, mostrando os dentes, e faz menção de vir pra cima de mim novamente, mas os guardas o impedem, segurando-o.

— Desobedeça as regras do Sancto e será desclassificado! — reconheço uma voz grave e rouca que atrai minha atenção e encontro Ares com sua máscara neon de sempre, abrindo caminho por entre os guardas com suas pesadas botas de combate. — Levem-no.

Os guardas prontamente o obedecem, arrastando St. Clair para longe.

Não consigo ver seus olhos ou qualquer parte de seu rosto, mas sei que Ares está me encarando depois disso.

Engulo em seco, esperando que ele me ameace ou me jogue para fora. Ou coisa pior, já que eu não deveria estar aqui. Sou mais do que uma *persona non grata* para a Sociedade. Sou um alvo.

Mas, em vez disso, Ares maneia a cabeça na direção do corredor no qual Callan sumiu:

— Vai — ordena, cruzando os braços por cima de sua jaqueta de couro. — Normalmente eu diria que quanto menos controlado Callan é, mais divertido as coisas ficam. Mas essa noite há muito em jogo. Ele precisa estar com a cabeça no lugar.

— O que..?

Pisco, sem entender, mas ele não explica.

— Traga-o de volta — pede, com a voz tão suave que quase parece ser em tom de súplica, algo que nunca vi em Ares antes.

Apenas assinto, mesmo sem saber como fazer o que ele precisa que eu faça. E, em seguida, vou atrás de Callan.



Há uma trilha de sangue nos azulejos do chão do vestiário. Sigo eles, apreensiva, sem saber exatamente o que me espera. O cheiro de alvejante é forte. Certamente é preciso um monte disso para limpar esses vestiários toda vez que um lutador arrebentado é trazido para cá. Fora os guardas na porta, que não tentaram barrar minha entrada, não parece haver mais ninguém aqui.

Passo por cubículos, armários de metal e pias sujas até que encontro um homem sentado em um banco de madeira, de costas para mim, segurando a

cabeça com as mãos. Sua pele está manchada pela mistura de sangue e suor, que cobrem os vários hematomas roxo-escuro.

É exatamente como um anjo caído. Belo, mas arruinado.

Tenho vontade de chorar e me odeio por ser tão fraca. Me odeio por ter sentido tanto medo de perder alguém que eu deveria destruir. A morte de Callan me aterroriza mais do que a minha própria.

Estamos condenados um ao outro, anjo, não tem pra onde fugir.

Dou a volta até estar frente a frente com ele, embora ele não me veja porque está com os olhos fechados. Acho que consegue sentir minha presença, ou o meu cheiro, porque ele sabe que sou eu.

— Por que está aqui? — questiona, ainda sem me direcionar nenhum olhar.

Engulo em seco, mas escolho dizer a verdade.

— Para garantir que morra naquela gaiola.

Enfim ganho seu olhar. Ele levanta o rosto, me dando visão dos machucados que sangram em seu rosto e tórax.

Não consigo impedir que isso me afete. Dói do mesmo jeito. Me faz querer apenas esquecer tudo o que aconteceu e cuidar de Callan. Estancar seu sangue, beijar cada uma de suas cicatrizes, embalar seu corpo no meu até a dor passar.

— E por que não fez isso ainda? — quer saber.

Novamente, escolho a verdade, mesmo que esmague meu orgulho e me queime por dentro.

— Porque não posso — admito.

Callan não demonstra surpresa. Não é novidade para ele o quanto eu o pertenço, mesmo lutando contra isso com todas as minhas forças. Não há para onde fugir, me importo com ele.

Ele suspira, colocando os fios molhados de seu cabelo para trás. Sua mão está em carne viva. Esfolada e machucada. Olho ao redor, procurando algo para cuidar disso, e encontro alguns itens de primeiros-socorros no balcão. Provavelmente, é necessário mais do que antisséptico e gaze para cuidar dos seus ferimentos, mas vai ter que servir.

Pego o que preciso sob o escrutínio constante de Callan e retorno para o banco, me sentando ao seu lado. Puxo as mãos feridas de Callan para o meu colo e começo a limpar os machucados.

— O Conselho está aqui por St. Clair — diz ele, enquanto me observa. — Alguns dos Corvos também. Estão ansiosos para assistir minha morte de camarote.

Consigo notar em sua voz rosto o quanto ele se sente traído. Ele deu tudo

de si para a Sociedade. Sacrificou muito, inclusive a mim, pelos Corvos. Ainda assim, querem o derrubar.

— Então faça eles se arrependerem disso. Acabe com St. Clair, vença essa guerra — digo, passando cuidadosamente a gaze embebida na solução antisséptica nos ferimentos em suas mãos. Quando termino, as envolvo com várias camadas de bandagem. — Acham que você está enfraquecido? Dê a eles o líder mais cruel que já viram.

Essas palavras saem surpreendentemente fácil de mim. E não me arrependo delas. Não quero um Callan fraco, mesmo que isso seja o melhor para mim e meu plano de destruir os Corvos.

— Não sei se você aguentaria ver o meu pior — confessa Callan baixinho, atraindo meus olhos para os dele.

Exige tudo de mim para não me deixar levar por suas íris douradas. Elas me chamam, me atraem como o canto letal de uma sereia. É fácil demais cair em sua órbita.

— Isso não importa mais.

— Importa sim — insiste, tocando minhas mãos com a ponta de seus dedos calejados. — Todas as partes de mim, mesmo a mais cruel e sombria, são suas. Só você pode domar minha escuridão. Teria conseguido me fazer perder a luta, se quisesse. Esse é o tanto de poder que você tem sobre mim.

Quero beijá-lo.

É loucura a forma como apenas algumas palavras suas podem me arrebatar. Callan consegue me fazer esquecer todos os motivos para odiá-lo. Quando estou com ele, quando nossas barreiras estão abaixadas, só desejo beijá-lo. De todas as formas, por horas e horas. Desejo que ele me ame e que sinta a intensidade do que sinto por ele.

Sinto sua respiração quente se aproximando e quando nossos lábios estão prestes a se tocar, me afasto. Me coloco de pé e dou alguns passos para longe, ofegante.

— Vença a luta — peço mais uma vez, incapaz de continuar encarando-o.

Me viro para sair, desesperada para fugir.

— Vai me esperar? — pergunta ele, atrás de mim.

— Sim — respondo sem olhá-lo.

Para sempre, provavelmente.

51

C A L L A N

Talvez eu seja o melhor erro que você já teve
Você fica tão linda quando diz meu nome
Estou orando a um Deus, um Deus que não acredito
Quanto mais eu escondo minhas cicatrizes, mais fácil eu sangro
Você poderia me amar no meu pior?
Você poderia me amar, mesmo que, que doa?
@ my worst – blackbear

Aprendi a brigar quando ainda era um menino. No começo, era porque me metia em encrencas demais e precisei aprender a me virar antes que terminasse morto. Depois foi porque a Sociedade exigia. Precisei fortalecer meu corpo, me tornar capaz de aguentar variados estímulos de dor. Quando percebi que a luta poderia ser a válvula de escape para todo o ódio que tenho guardado dentro de mim, tudo ficou mais fácil.

Me tornei letal. Quando subo na gaiola, é com uma missão. Nada consegue me parar ou mudar meu foco. Ao menos, era assim antes. Hoje não sou eu mesmo no Sancto. Me sinto quebrado, fraco, incapaz. Sinto que estou falhando. Não apenas com os Corvos, mas com meu propósito. Pensei que já tinha feito as pazes com isso e aceitado o que não posso mudar, mas todos os eventos recentes estão me atingindo mais do que o esperado.

Senti que era inútil revidar de St. Clair. Quis desistir, algo que jamais passou pela minha cabeça antes. Pareceu uma escolha fácil naquele momento. Tudo o que tenho e o que mais estimo já estava escorrendo por entre meus dedos mesmo, não faria diferença.

Era o que eu estava pensando até vê-la na multidão. Sentir seus olhos amedrontados, ouvir sua voz clamando meu nome... De início cogitei ser um delírio, uma vez que já tinha levado alguns golpes na cabeça. Mas no fundo eu sabia que era ela.

Meu anjo.

Ela me deu forças. Me devolveu meu objetivo e me colocou de volta nos trilhos.

E agora, quando subo de volta na gaiola, sinto que, em parte, é por ela. Porque ela acredita em mim. Mesmo com todo o ódio, mágoa e rancor. Sloan ainda me quer e isso nunca esteve tão claro. Ela me quer mesmo com meu lado sombrio, com quem estive barganhando minha vida toda.

St. Clair parece um animal raivoso quando é colocado na gaiola diante de mim. O osso em seu pulso foi colocado de volta no lugar e está envolto com várias camadas de curativo. Pelo seu olhar vago, diria que ele está dopado de analgésicos fortes. Morfina, talvez. Ninguém suportaria a dor de uma fratura exposta como aquela sem algo assim.

Jasper já perdeu. Sabe disso, mas não vai desistir. Ele poderia. É uma das regras do Sancto. Caso um dos competidores que se voluntariaram queira desistir, é permitido. As coisas são bem diferentes para os lutadores que estão presos aqui e são obrigados a lutar, no entanto.

De qualquer forma, a humilhação em cima do desistente é brutal, quase pior do que perder na gaiola, mas ainda assim significa permanecer vivo e inteiro. A derrota no Sancto, por outro lado, tem um preço altíssimo.

Morte é a pior delas. De diversas formas terríveis e dolorosas.

Os St. Clair são orgulhosos. Aposto que Vincent prefere ver seu filho morto do que admitindo a derrota. Jasper sabe disso também e vai até o fim. Não posso julgá-lo, pois também não desistiria.

Quando o gongo soa, nós dois permanecemos rodeando um ao outro, sem tomar nenhuma iniciativa. O clamor da multidão que assiste não tem efeito algum sobre mim, então não dou a mínima para a torcida do meu oponente.

— Não vai conseguir recuperar a Sociedade — diz St. Clair, em mais uma de suas tentativas tolas de me desestabilizar. Lutei tantas vezes no Sancto e ele ainda não entendeu que sou imune a provações desesperadas. — Você já nos enfraqueceu. Se quisesse o melhor para os Corvos, me deixaria matá-lo agora. Viver vai ser muito pior para você. O Conselho não vai desistir de acabar com você.

— Eles vão sim — garanto, com um sorriso ambicioso querendo crescer no meu rosto.

Sloan está certa. Vou lhes dar o líder cruel que tanto querem. Vou reivindicar meu trono de uma forma que ninguém, nunca mais, vai ter coragem de questioná-lo.

Espero pacientemente St. Clair perder a paciência. Eventualmente, ele se cansa da nossa dança e de apenas me encarar enquanto rodeamos um ao outro sem fazer nenhum movimento. Quando ele pisa para frente, tentando me atingir no rosto, me esquivo rapidamente e lanço meu punho em sua garganta num golpe potente.

Sua traqueia afunda e se fecha, ele engasga. Suas mãos vão ao seu pescoço e seus olhos se arregalam enquanto ele luta para respirar, mas continua sufocando. Inclino a cabeça para o lado, assistindo o medo e o desespero tomar seu rosto. Vejo em suas íris que ele gostaria de desistir agora, se pudesse falar. A agonia que está sentindo é insuportável o bastante para passar por cima de qualquer orgulho.

E eu poderia ser justo e ajudá-lo, fazer jus à lei do Sancto. Mas não é o que faço. E quando me canso de observar as veias de seu rosto inflando e sua pele ficando vermelha, atinjo um de seus joelhos com meu calcanhar, tirando seu equilíbrio e levando-o para o chão mais uma vez.

Jasper cai de joelhos, um ronco abafado saindo de sua garganta enquanto ele se recupera. Mas não dou o tempo que ele precisa. Normalmente, eu poderia prolongar a luta para tornar as coisas mais interessantes e as apostas mais altas. Hoje, porém, não estou a fim de brincar com a comida.

Dou a volta até as costas de St. Clair. Seguro seus ombros trêmulos e levanto a cabeça, meu olhar subindo aos camarotes dos convidados VIP em busca de um rosto conhecido. Não demoro a encontra-lo. Mikhail sempre sentiu repulsa do Sancto e deixou claro diversas vezes que preferiria pisar no inferno do que aqui, mas lá está ele.

Compareceu esperando assistir à minha morte. Em vez disso, vai testemunhar a queda de seu pupilo.

Gostaria de poder dar um sorriso de satisfação para provocá-lo, mas sinto mais raiva do que qualquer outra coisa. Raiva dele por tramar contra mim, tentando burlar o Código que ele existe para obedecer e honrar.

E é olhando diretamente para ele, mesmo sob sua máscara que o torna irreconhecível para a maioria das pessoas aqui, que seguro a cabeça de Jasper St. Clair e quebro seu pescoço. Sua cervical se parte com um estalo alto que ninguém mais ouve além de mim e os gritos histéricos dos espectadores abafam o som do corpo inerte do meu oponente quando cai no chão da gaiola, fazendo a grande estrutura de metal tremer.

Sons de espanto, admiração e empolgação percorrem o mar de pessoas ao redor, mas permaneço olhando para Mikhail, esperando que ele identifique o aviso implícito. Acho que consigo o que quero, porque, em seguida, ele se levanta e desaparece rapidamente.

Minha respiração permanece ofegante, mas fecho os olhos com um certo alívio. Se St. Clair, ao me desafiar para esta luta, desejava colocar um ponto final à guerra pelo trono dos Corvos, ele conseguiu. Só não foi da forma que ele esperava.

Mas ainda há algo com que devo me preocupar. Sloan veio até aqui para

garantir que a derrota fosse minha e duvido que fez isso apenas por vingança. Algo a levou até esse ponto. Preciso descobrir o que é e se ela é a próxima a tentar usurpar minha coroa.



Como disse que estaria, Sloan me espera na porta do galpão, quando a maioria das pessoas já foram embora e só restaram os bêbados e os apostadores indignados por terem perdido pequenas fortunas.

Precisei tomar um banho frio para retomar minha mente e eliminar os vestígios de sangue na pele. Os ferimentos pararam de sangrar e bastou apenas que eu os remendasse com curativos simples. Quando saí dos vestiários, o cadáver de St. Clair não estava mais na gaiola.

Sloan está parada de braços cruzados, por cima de um casaco de moletom que é muito largo para seu corpo franzino. Está distraída quando me aproximo, o olhar vago no meio da noite azulada.

Admito que fico um pouco surpreso ao encontrá-la ali ainda.

Quando nota minha presença, sua atenção recai sobre mim. Não vejo medo ou qualquer instinto de fuga em seus globos azuis, mesmo depois de ter me visto matar um homem na frente de centenas de pessoas como um show macabro. Mais uma vez, Sloan Kestrel me surpreende.

— Ainda está aqui — constato, colocando as mãos nos bolsos do sobretudo espesso o bastante para me proteger do frio causticante aqui de fora.

— Não sei bem o porquê — confessa.

Começo a caminhar sem nenhuma direção certa e Sloan me acompanha. Não está nevando no momento e as ruas foram limpas na manhã passada, abrindo caminho para que possamos andar sem afundar os pés em várias camadas nevadas.

— Sabe sim — afirmo e levanto o olhar para encará-la. Sloan umedece os lábios secos antes de mirar de volta até mim. — Por que veio para cá hoje, anjo?

— Eu já te disse.

— Não. — Balanço a cabeça. — Não contou o motivo.

Ela dá um longo suspiro.

— Tinha que pagar uma dívida com Nyx Tempest. Ela precisava de *Maria*, o software da Atlas. St. Clair prometeu que conseguiria se eu o ajudasse a vencer a luta.

— Por que não pediu a mim?

— Teria me dado? — Ela levanta uma sobrancelha ruiva.

— Não.

Não depois do que ela fez com St. Lazarus. Levará meses para reconstruir a catedral e nunca será da forma como era antes. Partes históricas foram perdidas. Ao menos o monastério está intacto. Mas a sede dos Corvos está comprometida enquanto os Grifos existirem.

— O que é esse software, afinal? — pergunta ela, após uns minutos.

— Uma tecnologia capaz de apagar sua identidade e todos os seus rastros em qualquer banco de dados *online*. Pode transformar qualquer um em fantasma.

— Por que Nyx quer isso?

— Está fugindo de algo, presumo — conjecturo, pensativo. — Ou de alguém.

Retiro minha carteira do bolso e puxo o chip metálico de uma das divisórias de couro.

— O que é isso? — Sloan franze o cenho quando lhe estendo o objeto.

— Pague sua dívida.

Nyx é uma dor de cabeça que ninguém quer ter e Sloan já tem muita coisa para lidar atualmente. Por enquanto, bastará. Quando Tempest passar a me atrapalhar mais do que contribuir, pensarei em uma forma mais permanente de tirá-la do caminho.

Sloan não titubeia antes de apanhar o chip e colocá-lo no bolso do jeans. Ela não agradece em voz alta, mas reconheço o brilho compassivo e indulgente em suas íris.

— Não é apenas pela dívida que está aqui hoje.

— O que está insinuando? — Ela franze o cenho.

— Quer retomar o lugar dos Baudelaire dentro da Sociedade.

Sloan dá uma risada de escárnio.

— Eu não poderia me importar menos em ser um Corvo.

— Não dá para escolher ser ou não um Corvo, isso nasce com você. É um legado.

— O Conselho não parece acreditar muito nisso — suspira. — Ouvi dizer que colocaram minha cabeça à prêmio.

Quando lembro disso, a raiva retorna efervescente.

O *Decretum Mortis* de Sloan foi revogado, mesmo à contragosto de Mikhail e os outros Patronos. No entanto, desencorajar os Corvos e associados a caçá-la foi muito mais trabalhoso. Precisei expedir outro decreto.

Uma ordem formal de proteção. Qualquer um ligado à Sociedade que desrespeite e sequer se aproxime de Sloan, será declarado inimigo. Não será nem levado à julgamento perante ao Conselho. Será executado.

Deixei claro que cuidaria disso com minhas próprias mãos e ainda tenho uma reputação a ser temida. Ninguém ousou desafiar minha decisão publicamente. Demonstrei que tenho mais aliados do que o lado determinado a me derrubar.

Finalizei essa guerra curta esta noite, quando acabei com St. Clair. O bastardo facilitou muito minha vida ao me desafiar para a luta. Não sei o que estava passando em sua cabeça para que ele pensasse que podia me derrotar, mas, no fim, foi bom para mim.

— Já cuidei disso — garanto, sem hesitar.

Sloan para de andar. Seus olhos procuram pelos meus e estão confusos, intrigados até. Ela balança a cabeça, como se não compreendesse algo.

— Você é tão difícil de entender — diz baixinho.

— Nem um pouco, na verdade. — Dou de ombros. — Sempre deixei claro os meus desejos.

— O que quer de mim, afinal?

— Um acordo.

— Já estivemos nesse lugar antes e não terminou nada bem.

— Prometa que não vai trair a Sociedade de novo e eu te ajudo a escapar desse casamento.

Suas sobrancelhas se erguem e ela acha graça de alguma coisa.

— Quem disse que eu quero escapar desse casamento?

Muitas coisas me disseram isso, especialmente sua repulsa explícita pelo próprio noivo. E, certamente, todas as coisas horripilantes que Soren Deacon fez.

Mas alguma coisa mudou. Não é apenas o ódio e o desejo de vingança que está motivando Sloan. Ao menos, não mais.

— Você tem um plano — concluo, admirado com a sagacidade dessa mulher. — E não vai me contar, vai?

— Não preciso dos Corvos se eu tiver os Grifos.

— É por isso que quer seguir com o casamento — percebo, sem conseguir mascarar a surpresa. — É uma jogada estúpida. Os Grifos vão cair, Sloan.

Mais cedo ou mais tarde, irei destruí-los. Não há dúvidas quanto a isso.

— Ainda quer insistir em uma guerra perdida?

— É a única forma.

— Não, não é — contrapõe, determinada. — Os Corvos não vão sobreviver a essa guerra. Sabe disso.

— Você alimentou essa guerra quando nos traiu!

Sloan arregala os olhos diante da minha acusação, mas é a mais pura verdade.

Os Corvos podem estar se fortalecendo ainda, mas não há comparação entre o poder da Ordem e da Sociedade. Somos fortes, resilientes e muito mais inteligentes. Irei colocar em prática minhas ofensivas ao inimigo com calma e paciência, mas cada uma delas será fatal.

Os Corvos não apenas sobreviverão, mas prosperarão vitoriosos. E os Grifos se tornarão história.

— Eu nunca teria conseguido a proteção e lealdade dos Corvos. Eles nunca deixaram de me ver como inimiga — argumenta, enervada. — Você sabia disso e mesmo assim me fez assinar aquele juramento. Você me enganou.

Nego com a cabeça, incrédulo e irritado.

Dou um passo até ela, minha altura prevalecendo diante de seu tamanho, mas ela não se intimida. Seus olhar desafia o meu e Sloan não se retrai com os sinais da minha fúria iminente.

— Você quebrou o juramento sem pensar duas vezes para favorecer os desgraçados dos Grifos — acuso, deixando que toda a raiva saia. Que eu extravase tudo o que está martelando em minha cabeça desde o dia em que Sloan deixou Hollowmore. — E mesmo assim eu amei você, porra! Mesmo com sua lealdade escorregadia e volátil. Mesmo sem saber se podia confiar em você.

— Eu precisava de uma garantia! — insiste, empurrando meus ombros em vão. Permaneço no mesmo lugar, tão perto que posso sentir seu cheiro e o gosto das lágrimas que surgem em seus olhos. — Uma garantia que você não podia me dar.

— Então foi buscar essa garantia nos braços do seu ex-namorado?

— James estava disposto a ir contra a Ordem para me ajudar a ter um plano B caso os Corvos se virassem contra mim e foi exatamente o que aconteceu. Não podia deixar que o matassem. Não conseguiria. — O remorso está estampado em seu rosto. Isso sempre me deixou enfurecido. A forma como o coração de Sloan é tão vivo e benevolente. Ela e sua maldita compaixão me desviaram do meu caminho, me fizeram arriscar tudo. E mesmo odiando isso, também sou fascinado por esse seu lado. É a única coisa realmente boa na qual já toquei. Sloan está fora de seu próprio controle agora, porque a raiva e a mágoa a dominam. Ela tenta me empurrar de novo, com mais força dessa vez. — Mas você nem quis me ouvir. Quando descobriu, apenas me jogou no maldito Purgatório. E depois mentiu para mim! Ia esconder para sempre a verdade que eu merecia saber. Eu tinha o *direito* de saber. Colocou sua sede de poder acima de mim.

Quando suas mãos se levantam para me empurrar novamente, agarro seus pulsos, segurando-a no lugar, bem perto de mim. O calor de sua pele me deixa louco, mesmo que a área de contato seja ínfima.

É como feitiçaria. Nunca senti nada parecido antes.

— Eu escolhi você acima dos Corvos inúmeras vezes — exclamo, colérico. — Traí os Patronos, os meus irmãos, o juramento e a promessa ao meu pai por você.

— Então confie em mim agora! — rebate, quase suplicante. Sua voz se suaviza e é por pouco que seus olhos não se enchem com a mesma ternura de antes. Fecho os olhos, lembrando de como poderíamos ter sido. Como era fácil tomar qualquer decisão ao seu lado, fazer qualquer coisa por ela. — Não comece uma retaliação contra os Grifos ainda. Espere pelo casamento.

A solto, dando um passo para trás como se tivesse tocado em brasa.

Se eu fizesse isso, seria como cuspir no túmulo do meu pai.

Isso está muito além do que sou capaz de fazer por ela.

— Não — respondo, inflexível.

— Nós matamos um pelo o outro, fomos ao inferno e voltamos por causa disso. Chame do que quiser: amor, obsessão, paixão... Sabemos que é forte e que não podemos fugir disso. Então por que diabos não pode escolher confiar em mim?

— Escolha ficar ao lado da Sociedade e eu confiarei. Eles perdoarão suas traições e te aceitarão de volta.

— Não posso. Eu sou um de vocês, mas também sou um deles. E os Corvos nunca concordarão com isso. No fundo, você sabe.

— Se for uma ordem minha, eles aceitarão — garanto, mas nada é capaz de fazê-la mudar de ideia.

Sloan é teimosa e obstinada. Nada do que eu disser a fará desistir de seu objetivo. Nem mesmo se eu implorar, o que eu posso estar muito perto de fazer.

Se Sloan continuar do lado dos Grifos, não poderei protegê-la. A guerra continuará até um de nós triunfar e eu darei meu sangue para garantir que seja os Corvos. Sloan estaria disposta a perecer ao lado dos Grifos?

— Mas não é o que eu quero. — Sloan recua. — Não quero que você faça o favor de me aceitar em sua sociedade, mesmo depois de tudo. Não quando eu já tenho meu próprio legado para reivindicar. Estou perto de ter os Grifos e preciso disso. Eu *quero* isso.

— Não era o que você queria antes.

— As coisas mudaram. Chame de ganância, se quiser, mas não pode me julgar. Quer o seu trono tanto quanto eu quero o meu. — diz, simplesmente. — Mas ainda podemos entrar em acordo. Eu posso desistir do meu plano de destruir os Corvos se você desistir do seu de destruir os Grifos. Preciso da Ordem inteira quando eu assumir o poder. E sabe que estou sendo generosa. A Sociedade não merece isso, não depois de ter escondido o legado dos Baudelaire.

— Os Grifos e os Corvos não podem coexistir.

— Bem, quem sabe? — Sloan dá de ombros. Ela parece hipnotizada por uma ideia irreal, um conto de fadas impossível de ser concretizado. — Nunca tentaram antes.

— E não é agora que vou começar — afirmo.

A mera ideia é patética. Não vou abdicar dessa guerra de forma nenhuma. Preciso do sangue dos Grifos para ficar em paz. Essa é a vingança que me move. Os Grifos mataram dezenas de Corvos, mataram o meu pai. William deu a ordem e Mason executou. Como um simples alvo, minha família foi arruinada.

Eu não existo se não for para eliminar a Ordem da face da Terra.

— Pode convencer o Conselho a desistir da vingança — insiste Sloan, como se esse fosse o empecilho.

— *Eu* não vou desistir da vingança — enfatizo, olhando fundo em seus olhos para que isso entre em sua cabeça. — A Ordem tirou tudo de mim, me tornou órfão, quase aniquilou a Sociedade e você está me pedindo para poupá-la?

— Estou pedindo para confiar que eu possa transformá-la em algo melhor.

Essa ideia é risível de tão patética. Os Grifos nasceram de um terreno podre e estéril. Não possui valores, leis ou sequer honra. Destruí-los será a melhor coisa que farei por esse mundo.

Suspiro, passando as mãos pelos cabelos como se estivesse à beira da loucura.

Talvez eu realmente esteja.

— Você pode ter o que quiser, anjo. — Tento novamente, dessa vez com mais calma. Volto a tocá-la, aproximando meus dedos de seu rosto. Sloan não se esquiva. — Poderíamos liderar os Corvos juntos, governar um império com nossas próprias leis. Vamos dominar esse mundo e vê-lo queimar. *Eu e você.* Diga sim para isso. *Diga sim para mim.*

Sloan pisca, seu olhar passando pelo meu rosto com cautela e apego.

Estou implorando abertamente, algo que nunca fiz.

A Sociedade é minha, ela iria aceitar Sloan porque este é meu desejo. Farei com que eles levem em consideração o legado dos Baudelaire. A reivindicarei com tudo o que tenho, de todas as formas que puder.

Sloan dá um passo para trás, para longe de mim e do meu toque.

— Quero construir meu próprio império, não te ajudar a comandar o seu.

Balanço a cabeça, anuindo e assimilando.

O plano de Sloan nunca se concretizará. Ela é capaz de governar a Ordem, mas os Grifos nunca permitiriam.

Seu orgulho e teimosia não a fazem enxergar o óbvio.

Endireito a coluna e travo a mandíbula.

— Enquanto os Grifos e eu estiverem vivos ao mesmo tempo, minha missão será destruí-los. Um por um. Até restar apenas cinzas.

A decepção é evidente em seu semblante. Seus ombros caem e Sloan emite um suspiro cansado.

— Você fez sua escolha então.

— Ainda pode mudar de ideia — insisto, mas ela ignora.

Sloan faz menção de passar por mim. Contrariado, quero obrigá-la a ficar. Quero levá-la daqui e fazê-la enxergar o que podemos ser se permanecermos juntos. Tudo o que conquistaríamos como líderes dos Corvos. O Conselho não seria páreo para nós.

Nada seria capaz de nos impedir.

Sloan tem direito a isso. Seu sangue é de Corvo, mesmo que seja apenas a metade.

Antes que eu diga qualquer coisa, sons altos de motores chamam nossa atenção. A luz forte dos faróis dos carros irrompe pela escuridão, me fazendo colocar a mão sobre os olhos.

Vejo a silhueta dos homens que saltam dos veículos, mas não consigo enxergar direito com a luz dos faróis ofuscando minha visão. Quando eles se aproximam, máscaras entram em foco. Quatro máscaras de demônios. Eles estão carregando armas e se postam à nossa volta, nos encurralando.

Sloan recua, voltando para o meu lado.

Instintivamente levo a mão à cintura, em busca da minha arma, mas não a encontro. Devo tê-la deixado em meu armário no Sancto e, na pressa de sair logo dali, a esqueci.

Porra.

Outro homem desce do carro. Este não está usando máscara e, quando caminha para a luz, seu rosto fica visível.

— Finalmente — Deacon cantarola, colocando as mãos na cintura. — *Sloan.*

Ele chama seu nome como se emitisse uma ordem.

Seus olhos de rato passam de Sloan para mim algumas vezes, mas sua expressão não muda. É quase como se já esperasse nos encontrar aqui.

Franzo o cenho, fitando Sloan. Quando vê seu noivo, seu corpo enrijece, mas ela não se encolhe. Também não o enfrenta, apenas caminha para longe de mim e perto dele e de seus homens.

— Boa garota — sussurra, estendendo uma mão para tocá-la, mas Sloan se esquiva e cruza os braços. Soren dá risada, retornando sua atenção para mim.

— Tenho tantos planos para você. Vai adorar, Harkness.

Mais uma vez, uma risada diabólica e repulsiva sai de sua garganta, arrancando o último fio de controle que me segurava.

Vou para cima dele, determinado a arrancar sua cabeça de seu corpo com minhas próprias mãos. Não consigo me aproximar, porém. Três homens precisam me segurar e mesmo tentando me desvencilhar, não consigo. Estou preso.

Foi a porra de uma armadilha?

Direciono meu olhar para Sloan, mas Soren entra na minha frente, interrompendo. Seu rosto doentio implora para seu destruído por mim e fecho as mãos em punho, sentindo-as coçar para socá-lo. Meus braços, contudo, estão sendo segurados firmemente pelos três homens mascarados.

— Pensei que você era o menos selvagem do seu trio — observa, inclinando a cabeça para me estudar com seus olhos pútridos. — Incrível como a motivação certa consegue arrancar o pior de nós, não acha?

Ele ri de novo, trinco os dentes, pronto para responder à altura, mas algo me impede.

Vejo de relance o brilho azul elétrico de um *taser*, antes que a descarga me atinja no pescoço. O choque percorre meu corpo, fazendo meus membros tremerem. A dor me faz gritar, meus dentes batendo com os espasmos. Os homens me seguram, me mantendo de pé, mesmo quando perco as forças e minha mente declina.

Ainda estou tremendo quando a onda de choque se distancia, me permitindo abrir os olhos.

Tento procurar Sloan no meio da escuridão e da minha visão cinzenta. Preciso ver em seus olhos se ela é responsável por isso. Se ela os trouxe até aqui, se teve a coragem de me emboscar. Chamo seu nome, mas é em vão.

Outra descarga elétrica me atinge, ainda mais forte do que a primeira, e, dessa vez, os homens não me seguram, deixando que meu corpo convulsione no chão. Bato a cabeça em algo e, então, tudo se apaga.

52

S L O A N

Querido, o beijo que rouba o fôlego
Vai roubar sua alma, em vez disso
Quando a noite é tudo o que resta
Então, espere, mantenha o seu coração aí dentro
Minhas mãos não vão mantê-lo seguro
Vou apenas me alimentar de sonhos e
sorrir como a esperança morre lentamente
Run Baby Run – The Rigs

Com os punhos fechados, bato na porta de madeira do meu quarto com toda a minha força. A estrutura balança em um som estrondoso, mas nada acontece. Um urro de frustração passa pela minha garganta.

Estou enlouquecendo aqui.

Já faz mais de duas horas que Soren me jogou no meu quarto e trancou a porta e as janelas. Gritei, soquei a porta, quebrei móveis e arremessei coisas na parede, mas nada mudou minha situação. O vidro da janela ser blindado, como todo o resto nessa casa, também não ajudou em nada.

Não recebi nenhuma explicação desde que Soren encontrou Callan e eu no Distrito Industrial. Seus homens apenas me colocaram em um carro diferente daquele em que Harkness foi jogado no porta-malas. Os brutamontes mascarados me arrastaram por toda minha casa, os empregados apenas assistindo embasbacados, e me trancaram aqui.

Não antes que eu vomitasse na beira daquela rua desértica depois de assistir inerte o que fizeram a Callan. Como seu corpo tremia em convulsão, batendo contra o chão asfaltado. Seus olhos tinham virado, deixando apenas a esclerótica visível. Foi a coisa mais assustadora que já vi.

Pensei que já tinha testemunhado a parte mais vulnerável de Callan antes, mas dessa vez foi diferente. Dessa vez, foi puro horror. Não consegui agir além de gritar, fui segurada e impedida de me aproximar. Em seguida, me trancaram no carro.

Meus membros doem de tanto ter batido e chutado os vidros das janelas, tentando sair a qualquer custo. Os gritos de Callan parecem ecoar na minha mente, me torturando. Nunca o ouvi gritar daquela forma. Era pura dor e

desespero.

Deacon o levou, o que significa que ainda há mais por vir. Se o conheço bem, irá torturá-lo. E pensar nisso faz meu corpo gelar e retesar.

Os minutos se arrastam, prolongando ao máximo minha agonia, e quando estou olhando ao redor do quarto destruído, à procura de mais alguma coisa que possa usar para tentar sair daqui, a porta se abre. Dou um salto assustado para trás.

Soren está aqui.

Está sozinho, ostentando uma expressão arrogante e vitoriosa de alguém que acabou de ganhar na loteria. Seus olhos de vidro me medem com desdém e pena, mas não surte efeito algum em mim.

— Como nos encontrou? — pergunto, embora talvez ele não esteja muito disposto a me responder nada.

Ele me flagrou traindo a Ordem. Não que isso importe, já que o maldito precisa de mim e não pode me matar por isso. Soren ainda pode me punir, embora eu duvide que consiga infligir mais dor do que aquelas as quais já fui submetida.

— Alguns ratos delataram a atual localização do Sancto. Estávamos procurando-o há muito, muito tempo — responde, dando mais alguns passos para o interior do quarto. — Mas era para *você* me dar essa informação.

— Eu estava tentando conseguir mais — minto, tentando contornar a situação. — Podia ter alcançado meu objetivo, se você não tivesse me interrompido.

— Não me trate como um idiota, Sloan — ele bufa. — Sei muito bem que esse seu coração tolo bate pelo inimigo, da mesma forma que foi com a vadia da sua mãe.

Trinco a mandíbula, reunindo toda a força que me restou para permanecer inerte no lugar e não agarrar o seu pescoço. Minha adaga ainda está presa em minha bota. Sinto o metal frio contra minha pele e estou tentada a apanhá-lo. A apenas enfiá-lo na garganta desse desgraçado e assisti-lo sangrar até a morte.

— Não fale da minha mãe — ordeno, mas Soren apenas ignora.

— Não importa, de qualquer forma. — Ele dá de ombros, olhando ao redor para o quarto destruído. — Harkness estará respirando ainda por pouquíssimo tempo. E nós iremos casar em comemoração à sua morte. A Ordem já venceu esta guerra.

— O que está planejando? — pergunto estarrecida.

Ele estala a língua, como se tivesse acabado de se lembrar de algo.

— Às vezes esqueço que o inútil do seu pai não te educou para as

tradições da Ordem. Esse é meu dever agora — esclarece, se aproximando. Não recuo, porque não sinto medo. Não mais. Só tenho raiva dentro de mim. — Nós chamamos de A Caçada. Quando os Grifos estão precisando se fortalecer e unir, nós caçamos. É a forma mais básica e primitiva de retomar nossas origens. Os Grifos liberam todo seu ódio e frustração em um inimigo, caçando-o até a morte em uma cerimônia espetacular. Quando termina, estamos mais fortes e unidos do que antes. E Deus sabe que a Ordem precisa disso nesse momento.

— *Você* precisa disso nesse momento — contraponho, enojada.

— Cuidado com a língua — sibila ele em resposta, avançando mais um passo ameaçador até mim.

— Então é isso? Vão caçar Callan Harkness?

— Tem alguma objeção? — indaga com sagacidade, erguendo uma sobrancelha loira.

Parece a porra do plano perfeito para Soren. Ele capturou Callan, o inimigo número um da Ordem. Agora, o dará de alimento para que os Grifos o cacem feito um animal, descontando toda sua raiva e frustração nele.

A parte mais assustadora é que talvez realmente funcione, se ele conseguir ir até o final com esse plano doentio. Os Grifos querem a cabeça de Callan acima de qualquer coisa e, sem ele, os Corvos estão arruinados.

Dois coelhos com uma cajadada só.

Maldito.

Preciso impedi-lo, mas como? Se Soren desconfiar que não sou, nem um pouco, leal a ele, meu plano de obter sua confiança e poder me aprofundar nos negócios dos Grifos vai por água abaixo.

Engulo em seco o gosto de bile que surge em minha boca.

— Não — enfim respondo.

— Ótimo, porque o casamento foi adiantado.

— O quê? — engasgo.

— Nos casaremos em três dias, logo depois da Caçada — explica, satisfeito. — Não precisamos de uma grande festa, apenas oficializar essa maldita união.

Preciso desse laço para o meu plano, mas agora que ele está tão perto me aterroriza. Estou ficando sem tempo. E Callan mais ainda.

Não faço ideia de como funciona a Caçada, mas presumo que todos os Grifos estarão presentes. Callan é habilidoso, mas ainda é humano. Não vai conseguir escapar disso. Não sem ajuda, pelo menos.

Mas com esse maldito casamento por perto, Soren vai me rondar feito um abutre. Ainda mais agora que desconfia de mim.

— Tudo isso é por ele? — questiona, olhando ao redor para o quarto

destruído. — Sempre soube que você escondia um segredo, mas isso é patético.

— *Você* é patético.

Antes que eu sequer termine de falar, um tapa estala alto em meu rosto. Rápido e forte, fazendo minha cabeça girar. Arregalo os olhos, cobrindo a pele quente da minha bochecha com a mão. A ardência se dissipa, me fazendo morder a língua.

Soren ajeita o cabelo no lugar, completamente inabalado.

— Isso é por ter tentado me trair — diz, mexendo nas abotoaduras de seu paletó. — Sorte a sua que o casamento está próximo e não quero deixar nenhuma marca visível nesse seu rosto.

Novamente, preciso me controlar. Isso demanda tudo de mim.

Por sorte, Soren parece querer ficar longe de mim tanto quanto eu quero que fique. Após uma última olhada de asco, ele se vira e vai em direção à porta.

— Pretende me manter trancada aqui? — pergunto com desgosto. Nada mais é capaz de me chocar.

— Até o dia da Caçada, sim — afirma tranquilo. — Os empregados lhe arrumarão para a cerimônia. Prepare-se para assistir tudo. Até pensei em te poupar disso, mas você está merecendo uma lição. Precisa vê-lo morrer. Mas vai ser divertido, confie em mim.

Ele dá uma piscadela antes de fechar a porta, deixando uma versão fraca e frustrada de mim para trás.

Estou sem celular, presa em um quarto, aflita e de mãos atadas. Posso sobreviver a isso, mas Callan não irá. Não quando o resto dos Corvos não fazem ideia de onde ele está ou o que aconteceu.

E se Callan morrer nessa caçada, tenho certeza que eu também irei.

Se eu acreditasse em destino, diria que essa é minha sina desde que nasci. Não posso fugir de Callan. Isso é muito maior do que eu. Estamos condenados a nos tornarmos bestiais para proteger um ao outro. A sacrificar qualquer coisa no caminho.

Uma força poderosa me possui quando se trata dele. Me torno outra pessoa, alguém inconsequente e letal. O que sinto por ele me torna uma fera ensandecida.

De qualquer forma, quando fecho os olhos tudo fica claro.

Moverei o céu e o inferno por Callan Harkness.



Quando acordo na manhã seguinte com Perseu miando, me levanto e

olho pela janela do quarto. Há muita movimentação no átrio da propriedade Kestrel. Pessoas entrando e saindo a todo instante, de uma forma que nunca vi. E é isso o que me diz que a cerimônia da Caçada, seja lá o que isso seja, está se aproximando.

Passo o dia todo no quarto, andando de um lado para o outro como se isso fosse fazer o tempo correr mais depressa. Só me alimento porque Anna, a mulher que trabalha para nós há anos, me traz as refeições. Além dela e de Jocelyn, que veio ver como eu estava depois do café da manhã, ninguém mais aparece.

Nem mesmo meu pai.

Jocelyn explica isso dizendo que Mason está trabalhando muito nos últimos dias, o que é, basicamente, o que ouvi a minha vida toda a respeito de sua ausência. Ao menos é reconfortante saber que alguma coisas nunca mudam.

Quando o sol se põe, a porta é aberta de novo e Anna entra com duas novas funcionárias que não conheço. Elas carregam um vestido longo que parece ter acabado de ser confeccionado. Após o banho, elas começam a me arrumar em silêncio.

Não tenho nada a dizer e nem como protestar. Só quero que isso acabe logo.

Fico pensando no paradeiro de Callan. No que estão fazendo com ele e o que o aguarda na Caçada. A ansiedade está me corroendo como ácido por dentro. Mal consigo ficar parada.

A noite cai mais rápido do que eu esperava. Sou vestida com um longo e delicado vestido cor pérola, meu rosto maquiado como se eu fosse uma boneca de porcelana. Tudo milimetricamente elaborado para me fazer parecer angelical e facilmente manipulável ao lado de Deacon.

Uma farsa, como todo o resto.

Leonard me busca às dez. Sou colocada em um Rolls-Royce preto e reluzente. Estou sozinha além dos guardas e sei que isso é proposital. Faz parte da minha punição.

A dor da humilhação ainda pinica no meu rosto, onde Soren me atingiu ontem. E a sinto mais quente a cada minuto que se passa, alimentando meu ódio crescente.

Fico olhando pela janela. As árvores cobertas de neve ficando para trás conforme nos aprofundamos no distrito de Rotherdam. Quando passamos pela placa que aponta a direção do lago Whitemirror, meu corpo inteiro tensiona.

Imediatamente percebo para onde estamos indo, bem antes de cruzarmos os portões de ferro que eu costumava encarar do topo da torre da ala feminina durante os invernos severos em que passei trancada aqui.

Instituto Valiant.

Ou, ao menos, o que restou dele.

Ruínas, em sua maior parte. Não há quase nada remanescente da ala acadêmica. Foi onde o incêndio se iniciou e consumiu grande parte da estrutura, indo direto para a ala de dormitórios femininos logo depois. O prédio central está abandonado, mas quase inteiro, assim como a ala masculina.

Tentaram reconstruir, pelo o que soube, mas desistiram. Talvez pensem em demolir e reconstruir do zero. De qualquer forma, nunca imaginei que pisaria aqui novamente.

Ainda assim, é o que estou prestes a fazer.

Há dezenas de carros estacionados em frente às ruínas do internato e, lá dentro, posso ver, através das janelas e das grandes rachaduras, a iluminação que indicia como o lugar não está mais inóspito.

— Há quanto tempo a Caçada acontece aqui? — pergunto a Leonard, abrindo a boca pela primeira vez desde que entrei neste carro.

— Esta é a primeira vez, senhorita — responde, solícito. — Costumava acontecer nos arredores da propriedade de inverno dos Deacon. Seu clube de caça fica bem perto daqui, na verdade.

O maldito clube de caça.

O lugar que costumava ser o refúgio dos meninos ricos nas férias de inverno. Eles passavam semanas se preparando para aquilo. Afiavam suas lâminas, fabricavam suas munições de pólvora e preparavam seus trajes para caçar na floresta.

Todos os rapazes do Valiant sonhavam em ser convidados para as reuniões anuais do clube de caça de Soren Deacon, mas poucos tinham essa sorte.

Agora me pergunto se, durante todo esse tempo, não eram cervos e alces que eles estavam caçando, como todos pensavam. Se eram pessoas.

Da mesma forma que Soren e sua Tríade me caçou no Halloween, há oito anos. As memórias me deixam nauseada.

Um arrepio percorre minha espinha, mas não tenho tempo para digerir nada disso. Leonard estaciona em uma das vagas e sai do carro para abrir a porta para mim. Ele me ajuda a descer e sou guiada por ele e seguida de perto por três guardas até o interior do internato.

Entramos direto no prédio central, onde se localizava a ala administrativa do Instituto. A mobília e a decoração me transportam para o passado. Todo o lugar agora é iluminado de forma natural, por lareiras e castiçais. Imagino que a fiação elétrica deve ter estragado com o incêndio.

Por toda parte há pessoas utilizando trajes de galas, segurando cálices

com bebidas, e admirando as obras de arte que restaram nas paredes mofadas da antiga escola. Tudo aqui está abandonado e caindo aos pedaços. O revestimento de madeira parece infestado de cupins, com grandes buracos e rachaduras.

Parece um grande castelo assombrado saído diretamente de uma obra de horror sobrenatural. E é ainda mais macabro e bizarro pensar que todas essas pessoas estão aqui, com suas roupas caras e imponentes, para uma cerimônia de caçada humana.

Quando foi que minha vida se tornou um filme de terror?

As pessoas se viram para me observar com curiosidade e interesse enquanto caminho ao lado de Leonard. Para minha surpresa, passamos direto pelo foyer da recepção e por todo o primeiro piso, seguindo em direção ao átrio.

Há um verdadeiro banquete acontecendo nas ruínas do pátio central, em meio às colunas que desabaram da estrutura e a todo o entulho. Uma mesa retangular e comprida, abarrotada das comidas mais exuberantes, foi posta bem no centro. Todos estão servindo-se de vinho e degustando os sabores exóticos com graça e opulência.

E embora o horror esteja estampado em meu rosto, minhas pernas continuam se movimentando em direção ao outro prédio que resta em ruínas, mas cuja estrutura parece ser a mais íntegra de todas.

O teatro.

O fluxo de pessoas parece mais intenso lá e tenho minha confirmação quando entramos. Sou levada a um dos camarote.

— De onde são todas essas pessoas? — pergunto baixinho para Leonard, enquanto subimos as escadas.

O local é parcialmente escuro, mesmo com todos os candelabros acesos, e há guardas armados por toda parte. Soren deve ter movido todos os seus homens para cá esta noite. É sua maior demonstração de força e poder que já testemunhei, mas também pode significar que há outras partes suas enfraquecidas nessa noite.

— De todos os lugares — diz Leonard. — Todos os integrantes do clube de caça da família estão presentes, mas o sr. Deacon ainda fez questão de convidar diversos possíveis investidores de todo mundo. Alguns estão acostumados com a Caçada desde a época do sr. William Deacon, mas outros assistirão pela primeira vez. O sr. Soren Deacon pretende impressioná-los.

— Aposto que sim — murmuro, me sentando na imponente poltrona vermelha indicada pelo meu guarda-costas.

Há duas poltronas neste camarote, a outra — que presumo pertencer a Soren — está vazia. Entre elas, uma mesa redonda e dourada composta por canapés e vinho.

— Os garçons virão servi-la em breve — informa Leonard.

— Onde está meu pai?

O homem suspira, cruzando as mãos à frente do corpo.

— O Sr. Kestrel está cuidando da fábrica. Ele chegará mais tarde.

Algo desperta dentro de mim e minhas sobrancelhas se erguem.

— A fábrica de absinto?

Ele anui com a cabeça.

— Não foi informada?

— Ficaria surpreso como todos ao meu redor escondem as coisas de mim, Leo — suspiro, deixando minhas costas tombarem contra o estofado do encosto. — Onde fica essa fábrica, afinal?

Ele hesita.

— Senhorita, não sei se deveria...

— Você sabe, não sabe? — o interrompo, ávida. — Levou o meu pai até lá?

— Algumas vezes, sim, mas...

— Me diga, então — insisto. — Preciso saber onde posso encontrar meu pai.

— Deveria pedir isso ao seu noivo, senhorita.

— Bem, estou pedindo a você. É o nosso homem de maior confiança. Você praticamente me criou, Leonard. Por que não pode me contar algo simples?

— As coisas não são tão simples, senhorita.

Ele está mais do que relutante, está amedrontado. Talvez já tenha testemunhado as coisas horríveis que Soren Deacon faz com quem desobedece suas ordens e aposto que deixou bem claro a todos os homens que não sou confiável e devo ser vigiada.

Mas não vou desistir de conseguir o que quero. Posso ouvir um relógio tiquetaqueando em contagem regressiva dentro da minha cabeça. Preciso achar uma forma de acabar com essa caçada o mais rápido possível.

— Na verdade, são sim — retruco, impaciente. — Em dois dias eu serei a senhora Deacon. Tudo isso aqui será meu e minha voz será decisiva. Os homens que colaborarem comigo serão recompensados. Os que não demonstrarem ser confiáveis, contudo...

Deixo em aberto o final, mas vejo nos olhos dele que Leonard entendeu o recado.

Ele é um homem leal e, mas não a mim. Ao menos, não ainda. Preciso mudar isso. Meu sobrenome e hierarquia podem me trazer autoridade e poder dentro da Ordem, mas a verdadeira e honesta lealdade é muito mais difícil de ser conquistada. Demanda tempo, o que eu não tenho agora. Vou ter que me valer do

artifício maquiavélico então.

— Uma palavra minha e você está fora, Leonard. Posso tirar do meu caminho todos os homens que trabalham para Deacon e substituí-los com homens que sejam leais a *mim*, já que isso tudo será meu — continuo, mais incisiva. — Você tem família, não tem? Dois filhos e uma esposa, se não me engano. O que seria deles se você virasse um inimigo da Ordem?

Leonard suspira e vejo em sua postura que ele está cedendo. A chantagem é um jogo sujo, mas eficaz. Abro a boca para insistir ainda mais quando ele diz:

— Fica no subsolo da mansão Deacon.

Meus olhos se arregalam.

— O quê?

— Foi construído pelos Deacon na época da Lei Seca — explica Leonard, com a testa franzida em preocupação. — Precisava ser um local impossível de ser descoberto e localizado. Havia uma antiga mina sob a propriedade. Era o lugar perfeito para construir a fábrica.

Agora faz sentido porque os Corvos nunca conseguiriam localizá-la. De fato, os Deacon são perspicazes.

— Obrigada, Leonard — digo com sinceridade, inevitavelmente sentindo um pouco de culpa por ameaçá-lo. — Pode me emprestar seu telefone? Preciso ligar para o meu pai.

Dessa vez, ele não hesita. Deve ter desistido de discutir comigo, então apenas coloca a mão no bolso interno de seu blazer e retira um celular, me estendendo o aparelho logo em seguida.

Estou pensando em como vou ligar para a pessoa que pretendo sem qualquer guarda na minha cola quando Soren aparece pelas cortinas do camarote. Bem rápido, escondo o celular por baixo da longa saia do vestido.

— Minha querida, como é bom te ver!

Soren abre um sorriso nojento que vai de uma orelha à outra e passa por trás de mim, ocupando a cadeira ao lado. Sem cerimônias, ele serve um cálice de vinho, mas não sem antes me oferecer um.

— Não precisa fingir cordialidade, Soren — reclamo, desviando os olhos para o grande palco do teatro. — Não há mais ninguém aqui.

— Como você é ingrata — assobia com mau humor. — Talvez a noite de hoje melhore seu gênio difícil.

Reviro os olhos, incomodada com sua presença e sua voz tão perto.

Concentro minha atenção no palco de madeira no qual já subi algumas vezes. O velho piano da época do meu ensino médio ainda está lá, mas não é a única coisa. Há uma grande superfície de mármore branco bem no centro,

cercado por velas. Parece um altar, embora eu não saiba sua função.

Ao encarar aquele teatro, as memórias agridoces daquele último ano no Valiant surgem à mente. A última humilhação que Callan me fez passar ali em cima.

E agora, estou aqui de novo, prestes a arriscar tudo só para não vê-lo morrer neste mesmo lugar assombrado do nosso passado.

Preciso ligar para alguém. Um Corvo, mais especificamente. Roman me parece a única opção plausível, embora eu não saiba seu número. Ainda posso ligar para o clube Nemesis. Ele deve estar lá.

Mas preciso me livrar de Soren e dos guardas para isso.

— Já vai começar — Soren anuncia com empolgação. Ele está delirantemente feliz. — Sabe, já faz um tempo desde a última Caçada. *Longos oito anos*. Não sei como não pensei nisso antes. É o momento perfeito para reunificar a Ordem dos Grifos.

Franzo o cenho.

— Você disse oito anos?

— Ah, sim, isso mesmo — seu tom evidentemente cínico faz um nó começar a se formar na minha garganta. — Você deve se lembrar da última presa. Como era mesmo o nome dela? — Ele finge buscar na memória e a vertigem cresce dentro de mim. Mordo meu lábio inferior com força, prevendo o nome que sairá da sua boca. Náuseas fazem meu estômago se revirar. — *Ava*.

Pisco, meus olhos ardendo. Afundo os dedos no braço da poltrona, até que as unhas compridas furem o estofado. Uma respiração fica presa na minha garganta e sinto uma gota de sangue escorrer em minha língua com a força que meus dentes rasgam meu lábio.

Não tenho voz para responder, nem forças para agir. Estou presa em conjecturas dentro da minha cabeça.

Ava.

Eu sabia que Soren tinha a matado, Callan me disse. Mas ele presumiu que foi por alguma iniciação ou trote dos Grifos. Nunca teria imaginado que ela, uma garota de catorze anos, foi caçada feito um animal selvagem na floresta no meio do inverno.

Estou paralisada. De choque, raiva, medo... tudo misturado.

— Você sabe melhor do que eu que ela era uma bisbilhoteira, sempre se metendo em negócios que não eram da conta dela. Não foi diferente naquela véspera de Natal. Ela cometeu o velho erro de fugir da escola de novo. Estava praticamente pedindo por isso — continua Soren com tranquilidade, após beber um gole do vinho. — Era o alvo perfeito, já que sua família devia à Ordem há vários anos. Não foi fácil pegá-la. A vadiazinha conseguiu fugir da cabana bem

na hora da cerimônia de sacrifício. Ela estava totalmente nua quando escapou. Correu por toda a floresta, descalça e no frio de dezembro, em direção ao Instituto. Foi lá que a peguei. Foram quase quatro quilômetros, acredita? — Ele assobia, admirado. — A bastarda era uma lutadora. Estava determinada a sobreviver, mas não era páreo para mim. Ninguém é. De qualquer forma, ela estragou tudo. Não pude fazer a cerimônia de sacrifício da forma apropriada. Mas esse fiasco não se repetirá.

Cubro a boca com a mão, não apenas de choque, mas também para me impedir de regurgitar. Lágrimas de horror escorrem pelos meus olhos e sinto meus dedos trêmulos.

Você é um monstro, é o que diria se tivesse forças para falar. *Ela era apenas uma criança inocente.*

Mas estou presa no loop da cena descrita por Soren. Penso na minha amiga sozinha, com frio e assustada, fugindo de dezenas de homens, nua na floresta. Penso no terror que ela sentiu, na força que teve para correr tanto, em como foi tudo em vão. Penso em como me sinto culpada, porque não percebi ela saindo naquela noite.

Quando penso que o refluxo será inevitável e que vou vomitar, a náusea passa. O horror que me paralisou por alguns minutos se atenua, dando espaço para a raiva. Líquida e quente, correndo vermelho em minhas veias como sangue. Juntando cada grama de cólera que sou capaz de conseguir, remendando todo pedacinho de força estilhaçado dentro de mim.

— Eu vou matar você — prometo, sem me importar de secar as lágrimas ou fingir submissão.

Soren não se afeta com a minha ameaça, apenas continua com o rosto opaco e frio e o sorriso desdenhoso na boca.

— Não, querida. — Ele toca meu rosto antes que eu consiga esquivar. — Você vai se casar comigo. E toda noite, ao dormir nua ao meu lado, com minhas marcas ainda recentes em seu corpo, vai se lembrar do que sou capaz de fazer caso volte a me aborrecer.

Só então percebo que isso tudo é para mim. A mudança do local de caça para as ruínas do Instituto, a escolha do alvo ser Callan Harkness, a forma como fez questão de relembrar como matou Ava...

Tudo isso é para me punir. O tapa que desferiu em meu rosto ontem não foi nada comparado ao que ele pode fazer. Em como pode me machucar sem nem tocar em mim.

— É agora! — Soren bate palma e desvia sua atenção de mim para o palco lá embaixo.

Faço o mesmo, apesar de estar ainda estarrecida.

Há um homem no palco agora. E sua aparição faz com que todos fiquem imediatamente em silêncio. Talvez seja o choque, porque a figura alta veste um paletó e tem o rosto coberto por uma máscara assustadora. Não é uma peça comum. Parece antiga e pesada. É toda preta, com manchas em vermelho-escuro ao redor dos olhos, grandes dentes pontudos e longos chifres no alto, como um bode.

Ou melhor, um demônio.

Quando ele começa a falar, sua voz grave e distorcida reverbera por todo o teatro e duvido que há alguém que não se arrepia e encolhe de medo.

— Senhoras e senhores, sejam todos bem-vindos à essa ilustre noite de caça. Todos que desejarem participar da Caçada devem seguir nossos guardas até a sala de armas, onde terão quinze minutos para se preparem. Lembre-se, a presa não deve ser morta durante a caça, apenas capturada e trazida para cá. — Ele aponta para o altar de mármore e um calafrio gela as extremidades do meu corpo. — Para que todos testemunhem a cerimônia de sacrifício. Quem capturar o alvo terá a honra de sacrificá-lo e ganhará uma recompensa generosa. Boa sorte.

Toda a plateia bate palmas em polvorosa e isso me deixa doente.

Eles estão prontos e ansiosos para testemunhar um espetáculo macabro de morte e sacrifício essa noite. Que tipo de ser humano faz isso?

Há algum tempo, se eu soubesse que coisas assim aconteciam bem debaixo do meu nariz, diria que todas essas pessoas, capazes desse tipo de coisa, estão condenadas a ir para o inferno algum dia, para pagar por seus atos.

Agora, porém, tenho outra perspectiva. Este é o inferno. Estou presa nele. E se não conseguir governar esses demônios, serei devorada por eles.

Eles tirarão tudo de mim, se eu permitir.

— Essa é minha deixa — diz Soren, se levantando. Só então percebo que ele está vestido a caráter, com um traje de caça que envolve botas de montaria e um casaco grosso para enfrentar o frio lá fora. — Mas não se preocupe, você terá o prazer de ver a melhor parte.

Novamente, ele me lança mais uma de suas piscadelas sarcásticas antes de se virar e desaparecer.

Pensei que sua ida me daria uma trégua momentânea enquanto elaboro um plano, mas me precipitei. Logo que ele e os outros caçadores se levantam e deixam o teatro, o homem com máscara de demônio volta a falar:

— Senhora e senhores, apresento-lhes nossa presa dessa temporada.

Me agarro na balaustrada de pedra, me inclinando até quase cair, quando dois homens arrastam um terceiro para o palco. Um grito de desespero fica preso em minha garganta quando vejo Callan.

Ele parece destruído, com hematomas cobrindo todo seu torso nu. Veste apenas uma calça preta. Está descalço e tenho certeza de que Soren o fará correr na neve dessa forma.

Callan levanta o rosto machucado e a plateia vibra, como se estivesse em um circo.

Meu coração aperta. O sinto ser esmagado em minha caixa torácica. Comprimido até virar uma pequena e pulsante bolha de sangue. Mas o horror e o medo não chegam nem perto da outra coisa que se apossa de mim ao ver a cena.

Sinto a besta-fera acordar. O monstro que toma conta de mim quando Callan está em perigo. Aquele capaz de esfaquear um homem uma dúzia de vezes, ou de condenar vários outros.

Callan está fraco. Já deve ter sido torturado intensamente desde que os Grifos o levaram. Ele mal parece conseguir ficar de pé. Há algemas em seus pulsos e tornozelos, que presumo que devam ser retiradas no início da Caçada.

Foi exatamente isso Soren planejou. Ele vai fazer com que a queda de seu rival seja um espetáculo memorável. E essas pessoas estão aqui para isso: ver o grande e poderoso Callan Harkness ser reduzido a pó.

Me levanto também, deixando Leonard e os outros guardas em alerta.

— Onde está indo, senhorita? — pergunta meu guarda-costas.

— Vou caçar — respondo simplesmente. — Alguma objeção?

Meu tom firme os desafia e meu olhar deixa claro que as consequências para quem intervir não serão nada boas. Eles se entreolham, decidindo o que fazer, mas, por fim, não dizem nada, apenas abrem espaço para eu passar.

E assim, sigo para a sala de armas.

53

S L O A N

Ele está fora de si, eu estou enlouquecendo
Nós temos esse amor, do tipo louco
Eu sou dele e ele é meu
No final, somos ele e eu
Juro pela minha vida
Para você, eu nunca mentiria
Por você eu tiraria uma vida
Him & I – Halsey, G-Eazy

Odeio armas de fogo, mas tive que apanhar uma mesmo assim. Para minha sorte, Soren não estava na sala de armas quando entrei. Acho que ele não vai se preparar junto com os outros. Os caçadores estão armados até os dentes e, apenas com minha fiel adaga, não posso competir contra eles. Talvez não consiga competir de nenhuma forma, mas preciso tentar.

Ao menos, preciso ganhar tempo.

Eles estranharam minha presença, mas não foram tolos para dizer nada. E, quando todos deixam a sala e, finalmente, me encontro só, começo a vasculhar os armários. É um dos antigos vestiários do internato, mas ainda cumpre seu propósito.

Assim que encontro um par de botas, suspiro com alívio. É dois números maior do que o meu, mas vai ter que servir. Retiro os sapatos de salto alto e as calço, posicionando minha adaga no cano de uma delas. Em seguida, apanho o celular que escondi sob o vestido.

Procuro na internet o número comercial do clube Nemesis e telefono para lá. Uma voz feminina não demora a atender.

— *Clube Nemesis, como posso ajudar?*

— Preciso falar com Roman Drago.

— *Bem, ele não está no momento. Gostaria de adiantar o assunto?*

— Preciso falar com Drago — insisto, impaciente. — Diga a ele que é Sloan Kestrel. Ele vai querer atender.

A atendente fica em silêncio no mesmo instante. Aposto que sabe quem eu sou.

— *Só um momento, vou transferir a ligação.*

Com meu pé batendo impacientemente contra o piso de madeira, alguns segundos se passam. Me atento ao relógio pendurado na parede, me perguntando se os malditos quinze minutos já passaram.

— *Onde ele está?* — a voz firme e com sotaque de Roman atende do outro lado da linha.

— Em Rotherdam — informo com pesar. — No Instituto Valiant. Eles vão caçá-lo feito um animal.

— *Estou indo.*

— Espere! — o interrompo, eufórica. — Esse lugar é um vespeiro. Não pode vir sozinho.

— *Não me subestime*, printsessa.

Ele parece otimista e tranquilo demais. Se soubesse o que eu vi, o que testemunhei, aposto que Drago ficaria tão preocupado quanto eu.

— Os melhores homens dos Corvos e da Zmey não basta, a não ser que queira transformar esse local numa zona de guerra. Há uma forma melhor.

— *Estou ouvindo.*

— A fábrica clandestina de absinto de Soren Deacon se localiza no subsolo de sua mansão — revelo, sem hesitar. — Está desprotegida esta noite. Se atacá-la, os guardas da Ordem deverão se deslocar daqui para lá. Será mais fácil tirar Callan daqui dessa forma. E os Grifos serão duplamente enfraquecidos.

Não consigo, nesse momento, me importar com o fato de que a destruição total dos negócios dos Grifos essa noite pode acabar com meu plano. Não posso governar um império aniquilado. Mas não dou a mínima para isso agora.

Eu queimaria mil impérios com minhas próprias mãos por Callan Harkness.

E isso não me assusta mais. A coisa na qual me transformo por ele não me assusta mais. Me torna forte, resiliente e corajosa, capaz de qualquer coisa. E gosto disso. Muito mais do que gostava da antiga Sloan.

— *A Zmey atacará a fábrica* — diz Roman, sem nem precisar pensar duas vezes. — *Os Corvos estão indo para o Instituto. Sabe o que isso significa, não é?*

Assinto com a cabeça, mesmo que ele não possa ver.

— Guerra — digo em voz alta.

— *Sim.*

Meus olhos se arregalam quando um som alto irrompe pelos ares, fazendo a estrutura antiga dos prédios tremer. É o sino no alto da torre. O mesmo cujas badaladas indicavam o fim das aulas. Agora, só podem anunciar uma coisa.

O início da Caçada.

— Venha o mais rápido possível — suplico, à beira do desespero. — Vou tentar protegê-lo lá fora, mas não sei quanto tempo conseguirei manter os Grifos longe.

— *Confie em Callan*, printsessa. *Ele vai ser o monstro mais perigoso lá fora esta noite.*

Gostaria de enxergar dessa forma, mas só consigo pensar no Callan debilitado que foi arrastado por aquele palco.

— Você não o viu como eu vi.

— *Já o vi sair de situações piores* — rebate. — *Acredite.*

Tento repetir isso a mim mesma para me tranquilizar, mas não funciona de imediato e não tenho mais tempo.

— Só venha logo — exijo antes de desligar a chamada.

É hora de ir.

Destravo a pistola semiautomática e me levanto. Há todo tipo de arma branca ou de fogo pendurada no arsenal da sala. Mas eu não saberia manusear a maioria delas, embora quase todos os outros caçadores optaram por espingardas. A pistola vai ter que servir.

Quando cruzo o campus do Valiant, passando novamente pelo átrio, vejo alguns caçadores se dispersando e sigo na mesma direção que eles. Não sei para onde Callan correu, mas tenho certeza de que vários deles devem ter visto.

Os grupos se dividem em duas direções principais: a floresta e os prédios abandonados dos dormitórios do internato. Paro na entrada da ala administrativa, olhando de um lado para o outro.

A floresta é o destino mais óbvio. Se a presa fugitiva conseguir cruzar todo o bosque e chegar à cidade, pode se safar. Por outro lado, essas pessoas fazem parte do clube de caça de Deacon. O hobby delas exige que conheçam essa mata como a palma de suas mãos. Além disso, correr descalço na neve é tolice e ele poderia estar correndo, sem saber, na direção do chalé de Soren.

Callan certamente pensou em todas essas variáveis.

E ele conhece a planta do Valiant melhor do que qualquer outra pessoa. Harkness sabe dos esconderijos, das passagens secretas, a entrada que leva aos túneis no subsolo. Se Callan conseguir chegar às catacumbas, conseguirá escapar. Ele tem essa vantagem, que ninguém mais aqui sabe.

É difícil tentar fazer minha mente funcionar como a de Callan e não tenho mais nada além do meu instinto e uma porção de suposições. Preciso confiar nisso. Confiar nele e no quanto o conheço, apesar de tudo.

Assim sendo, respiro fundo e me viro, voltando para o campus.

Deixo minha arma a postos, o dedo no gatilho, pronto para qualquer

coisa. Rezo baixinho para não acabar trombando com Soren, porque ele acabaria com meus planos.

Não faço ideia de onde pode ficar a entrada para os túneis e a construção é imensa demais para procurar. Opto por passar pelo prédio central em direção à ala de dormitórios masculinos.

Tiros soam ao longe, na direção da floresta, assim que piso no primeiro degrau escada acima. Meu corpo se arrepia e olho para trás, mas não consigo ver nada. Engulo em seco, imaginando se os tiros foram para Callan. Se ele está do lado oposto ao meu. Se foi atingido e está sangrando enquanto corre pela neve.

Afasto esses pensamentos e galgo os degraus mais rápido. Alguns candelabros estão acesos, mas são esparsos e os corredores estão, em sua maioria, bem escuros. O piso velho range sob o solado da bota. Minha mente ecoa, tão vazia quanto este prédio. A familiaridade de cada canto me assola e, ao mesmo tempo em que preciso ser cautelosa com cada passo que dou, não posso ser muito lenta.

Respiro com cuidado, controlando para não exalar o ar muito alto ou muito rápido, e mantenho meus ouvidos bem atentos, à procura de qualquer som. Estou prestes a virar em um dos corredores quando uma voz me detém.

— Cadê ele, porra?! — xinga um homem que não reconheço.

Me espremo contra o painel de madeira que reveste as paredes. O cheiro de poeira faz meu nariz coçar, mas não posso espirrar de forma alguma. Me encolho e tento espiar pela curva da parede, encontrando dois homens com lanternas no corredor perpendicular a este.

Eles apontam seus feixes de luz para os quadros góticos na parede, analisando as pinturas. Um está vestido com um longo e pesado casaco de couro e botinas pretas, o rosto coberto por uma máscara de demônio, semelhante ao do homem no palco do teatro. Há um facão em sua mão, a lâmina longa e metálica. O outro possui um cabelo loiro-morango na altura dos ombros e logo o reconheço.

Julian Donovan. Presumo que o outro seja seu irmão gêmeo, Lucian.

— Dizem que a futura sra. Deacon está aqui — o mascarado, Lucian, diz, vasculhando tranquilo os entulhos que preenchem o corredor.

— A vadia trocou o filho do prefeito pelo melhor amigo dele — resmunga Julian. — Dá pra acreditar?

Reviro os olhos, sentindo asco.

Os dois fazem parte do círculo íntimo e fiel de Soren desde a época da escola, então não me surpreende que estejam aqui.

O mascarado faz um som de desgosto e, talvez, raiva. Não sei de onde surgiu todo esse ódio direcionado a mim, mas consigo senti-lo de longe.

— Ela merece uma lição.

— Bem, Soren não vai gostar se a gente tocar nela.

— É para isso que servem as máscaras, idiota, coloque a sua também. — Lucian aponta para a peça que cobre seu rosto. Seu irmão, então, retira do casaco uma balaclava comum e coloca na cabeça. — Soren nunca vai saber quem foi. Lembra da última? Lembra de como ela gritou? Quero fazer pior dessa vez. É um prêmio maior do que Harkness.

O asco rasteja sob minha pele e faço uma careta de horror. Meu pulso acelera e a náusea retorna ao pensar em Ava na última Caçada, mas me obrigo a deixar isso de lado. Preciso me concentrar no aqui e agora, ou terei o mesmo destino. Quem sabe, pior, como ele mesmo disse.

Julian sorri de forma perversa e apanha a espingarda pendura em seu ombro.

— Vamos atrás dela, então.

O alívio me faz respirar com mais tranquilidade quando ouço seus passos se distanciarem para o lado oposto ao meu.

Dou um passo para trás, prestes a me virar para voltar, quando uma madeira solta range sob meu pé, dando um estalo alto demais para meu próprio bem.

Merda.

— Ouviu isso? — um deles diz ao longe.

Não escuto a resposta, permaneço parada, temendo atrair mais atenção para onde estou. Só vou me mover quando eles estiverem bem longe.

Fecho os olhos, tentando acalmar a tensão que flui em meu corpo. Mas não tenho tempo, porque algo me agarra por trás.

Puxo minha arma imediatamente com um movimento rápido, mas meu algoz torce meu pulso, fazendo com que a pistola caia da minha mão e um grito de dor fique preso na minha garganta. Sou virada e pressionada na parede, apenas para encarar o rosto recém coberto de Julian.

O maldito deve ter dado a volta.

— Foi mais fácil do que eu esperava — observa, com um sorriso latente em sua voz. — Temos velhos negócios a tratar desde aquele Halloween, huh?

Ele me segura pelos ombros e sinto que está prestes a chamar o irmão para se juntar a nós, então ajo com velocidade. Levanto a perna e chuto seu joelho e depois sua pélvis. Julian geme e seu aperto enfraquece quando ele se curva de dor. Me desvencilho, apanhando a adaga presa em minha bota, e me viro para correr, mas sou pega de novo.

— Não vai escapar dessa vez, cadela.

Ele me joga na parede, batendo minha cabeça contra o painel de madeira

duas vezes. Um ruído rouco sai pela minha boca, minha visão embaçando. A dor me deixa atordoada. Sinto o martelar latejante em minha nuca que faz os ossos da minha cabeça estremecerem.

Me faz lembrar da forma como minha melhor amiga morreu. Em como eles esfacelaram seu crânio até a morte.

Não vou morrer assim.

Mesmo vendo tudo fora de foco, com força tento apunhalar meu alvo, cortando o ar com minha faca sem nem ver a direção. Por sorte, sinto quando ela se prende em algo e jogo meu punho para frente, afundando a lâmina o máximo que consigo.

Julian berra de dor e seu grito me traz de volta. Pisco até que minha visão ganhe nitidez e é quando vejo que o acertei bem no abdome, acima do umbigo, talvez. Seguro a adaga com mais força e a puxo para cima, rasgando um talho vertical em sua barriga.

Minha mão é coberta por sangue. O líquido viscoso espirra no meu rosto e no meu vestido, tingindo-o de carmesim. Quando tenho um vislumbre de suas vísceras, caindo para fora através do corte profundo, viro o rosto e solto o cabo da adaga, apavorada. O corpo de Julian tomba no chão, ainda com espasmos da hemorragia. Sua boca emite um chiado baixinho e seus olhos estão vidrados no teto.

A descarga de adrenalina me deixa alerta e forte e puxo minha adaga de volta assim que ele finalmente morre, coberto pelo seu sangue. Neste momento, é como se me descolasse do meu próprio corpo. O cheiro que começa a pairar no ar me lembra o odor dos açougues e, dessa vez, não consigo segurar a ânsia de vômito.

Me viro para o lado e deixo que tudo saia. Quando termina, minha garganta dói e a língua está com um gosto estranho, mas não paro. Limpo a lâmina da adaga no vestido e pego a arma no chão antes de continuar. Guardo minha fiel faca e pego também a lanterna de Julian.

Dessa vez, ando com a pistola mirando adiante, porque sei que posso cruzar com Lucian a qualquer instante e que ele está sedento por mim. Meu coração ainda está acelerado e mal consigo conter o tremor das minhas mãos, que fazem a arma sacudir.

Não há nenhum som além da minha respiração descompassada, que parece reverberar ao longo de todo o extenso corredor. Mais à frente está escuro, então preciso ligar a lanterna para ver para onde estou indo. Chego ao próximo lance de escadas e subo devagar, olhando para todos os lados para não ser pega de surpresa de novo.

Subo para o próximo andar, ouvindo, na minha mente, o mesmo tique-

taque da contagem regressiva de antes.

Onde você está, Callan?

Quando vejo que o caminho está limpo, acelero os passos. Mas não por muito tempo. Perto do próximo lance de escadas está um corpo seminu.

Lucian.

Há um rasgo com sangue ainda fresco em seu pescoço. A máscara, o casaco e o facão se foram. Significa que há alguém querendo esconder sua própria identidade aqui.

Só pode ser Callan.

Antes que eu suba para o último piso, vejo uma porta entreaberta. É onde costumava ficar a antiga sala de estudos. Já estava desativada quando me matriculei no Valiant, não sei o porquê. Mas nunca pude visitá-la, uma vez que era proibido que meninas entrassem na ala masculina e eu sempre cumpria as regras do internato.

Ou *quase sempre.*

Meu instinto chama naquela direção e o sigo, iluminando o caminho para o interior da sala abandonada. Há estantes de livros, escrivaninhas de madeira e muitos papéis espalhados por todo o lado. Quadros antigos também. Muitos estão jogados no chão. Passo por cima deles enquanto investigo os arredores. Tirando todo o lixo, não há nada aqui.

Sons distantes de tiros chamam minha atenção e vou até a janela para dar uma espiada lá fora. No gramado coberto de neve está acontecendo uma luta. Os dois estão mascarados. De início, acho que são dois caçadores brigando entre si, o que me faz franzir a testa. Mas quando um deles triunfa sobre o outro, desferindo tantas facadas em seu peito que o mata em questão de segundos, e levanta a cabeça, reconheço sua máscara.

Ares.

Os Corvos estão aqui.

O alívio me preenche, dissolvendo a tensão que pressiona meus ombros. Tombo a cabeça para trás, respirando com mais calma, e, durante o movimento, vejo que uma das estantes foi puxada para o lado. Atrás, quase camuflada na parede, há uma porta.

Callan só pode ter ido por ali.

Se ele chegou aos túneis, significa que provavelmente está seguro, mas mesmo assim vou atrás. Um lance de escadas aparece quando ilumino o que há atrás da porta. Ele deve descer até os subsolos. Não há nenhum som vindo de lá de baixo, mas continuo seguindo os rastros de Harkness.

Muitos degraus abaixo, com o coração na garganta, finalmente me encontro nos túneis. Me sinto grata por Callan ter ensinado a como me

locomover aqui por baixo. Por aqui, consigo ir para qualquer lugar da cidade.

Estou segura, enfim.

Ossos surgem sob o feixe iluminado da lanterna, preenchendo a parede com crânios velhos e sujos. Há outra parte das catacumbas deste lado, percebo. Os túneis pelos quais os prisioneiros fugiram, séculos atrás, segundo a história que Callan me contou.

Quando os túneis se bifurcam, escolho continuar reto, mas um som me paralisa. Há outra respiração aqui além da minha.

Comprimo os lábios e alterno a direção da lanterna para o outro túnel adjacente, assim como a mira da arma que ainda mantenho empunhada.

É quando o vejo.

Alto e robusto, usando uma máscara que possui olhos raivosos e dentes pontudos e afiados. O longo sobretudo de couro se estende por seu corpo alto até abaixo dos joelhos. Por baixo, seu peito está nu, coberto por sangue. As antigas botinas de Lucian agora estão em seus pés. O facão reluz em sua mão direita.

A cena é macabra, me causando um calafrio profundo e gelado de medo. Meu instinto de perigo é acionado e tenho vontade de correr, mas me convenço a permanecer parada. Abaixo a arma.

— Callan? — gaguejo, paralisada no mesmo lugar.

Ele começa a caminhar até mim, cada passo se torna mais ameaçador à medida em que se aproxima em silêncio. Ele levanta o facão, apontando a extremidade da lâmina para o meu pescoço. Recuo alguns passos para trás, mas minhas costas logo batem na parede de ossos.

Estou encurralada.

— Você fez isso? — quer saber. Sua voz, embora abafada, é um lembrete de que é realmente Callan ali. — Me trouxe para este inferno?

— Não — respondo, enfática.

Como ele pode pensar isso?

Seu peito coberto de sangue sobe e desce com a intensidade de sua respiração e ele pressiona a faca mais fundo, até que a ponta afiada toque a pele da minha garganta. Levanto o queixo, a cabeça tombada contra a parede.

— Diga a verdade, porra — vocifera, cheio de ódio. Aposto que também está alto de adrenalina. E, com certeza, com raiva pelo que foi submetido nos últimos dois dias. Não sei o que Soren e os Grifos fizeram com ele, mas sei que foi ruim. *Muito ruim.* — Ou vou te degolar e deixar seu corpo aqui, onde ninguém vai te achar.

Sua ameaça não me atinge, embora sua cólera esteja mais letal do que nunca.

— Não, não vai — digo, estufando o peito com confiança. — Pode fazer

isso com todos os seus inimigos, exceto comigo.

Ele se inclina sobre mim.

— Está me desafiando, anjo?

Algo dentro de mim pulsa, sendo atraído como magnetismo. Seu cheiro é selvagem, cru e carnal. Sua voz está deformada pela ira e os olhos escuros por trás da máscara me fitam como se quisessem me aniquilar.

Quero tocá-lo. Mesmo ele sendo um traidor e eu, uma covarde. Mesmo ele tendo me corrompido, me transformado em um monstro irreconhecível que está sempre à espreita.

Ele me torna capaz de coisas que jamais imaginei.

— Por que diabos eu iria te ajudar no Sancto só para depois te trazer para cá? — rebato, tentando fazê-lo ver com clareza. — Isso sequer faz algum sentido.

— Para me atrair para a armadilha dos Grifos — argumenta e sinto o corte do facão rasgar minha pele superficialmente. Eu deveria estar com medo. Aterrorizada, na verdade. Mas não estou. Em vez disso, quero pressioná-lo, ver até onde ele pode ir. Conhecer o lado obscuro e sombrio que ele mencionou na outra noite. — Isso faz parte do seu plano de governar a Ordem?

— Eu não sou você. Há coisas que eu nunca faria por poder.

— Por amor, contudo, não há nada que você não faria, não é? — O tom arrogante é presente em sua voz. — Está sempre me surpreendendo, Kestrel. Me odeia tanto, mas ainda é capaz de derramar sangue por mim.

— Não se vanglorie — sibilo, entredentes.

Ele reconhece o monstro que criou. Como se eu fosse sua criatura e ele, o doutor Frankenstein. De fato, Callan me deu vida. Ou melhor, deu vida a uma parte de mim que eu nunca soube que existia. Uma que é capaz de descer fundo em direção à escuridão sem nenhum receio ou remorso.

— Está condenada, anjo, admita. Como é amar seu pior inimigo?

— Eu nunca amaria alguém como você — provoco, empurrando-o.

Sua risada ecoa pelas catacumbas.

— Você acha que sou um demônio vil e desprezível, mas olha só pra você. — Seu olhar desce pela minha figura, por todo o sangue que estampa meu vestido, vestígios de um crime que cometi sem remorso. — É exatamente quem eu pensei que fosse. Sua máscara de anjo nunca me enganou. Sempre soube que você tinha um poder destrutivo impressionante. As coisas que poderíamos fazer juntos...

Já fantasiei sobre isso. Sobre sua proposta de governar a Sociedade ao seu lado. Rei e Rainha dos Corvos. É tentador demais. Seria fácil simplesmente me render. Aceitar o que ele está disposto a me dar. Mas estaria traindo a mim

mesma se concordasse.

Não daria certo a longo prazo. Um de nós arruinaria tudo. É o que fazemos. Destruímos tudo ao nosso redor, inclusive um ao outro.

E ainda assim, não posso parar de desejá-lo. Como se ele fosse o fruto proibido que existe apenas para abalar minhas estruturas. Cada veia em meu corpo grita por Callan Harkness.

— Nunca ficaremos juntos.

— Posso obrigá-la.

— Mas não vai.

A confiança é tanta que chega a ser tola. Mas parece satisfazer Callan, de alguma forma.

— Não, não vou — confirma. — Mas também posso puni-la.

Ele desliza a lâmina do facão, arranhando minha pele. Algo pulsa desesperadamente dentro de mim, clamando por mais. Mais dele e dos nossos jogos sangrentos e doentios. Mais do ódio e da paixão inflamada, que me deixa insana e à beira do colapso.

A arma desliza da minha mão quando meu aperto perde a força, assim como a lanterna. Ambas caem no chão, o feixe de luz se perdendo de direção. Callan se torna quase invisível em meio ao escuro. Apenas uma sombra na penumbra.

Não conseguir vê-lo claramente além da máscara deveria me paralisar de medo. Mas, no fundo, confio em Callan. Ainda estou entregue a ele. Nunca consegui recuperar a posse sobre mim mesma desde que o permiti entrar. Nunca conseguirei.

Seu facão percorre minha clavícula e quando ele vai um pouquinho mais fundo, sei que conseguiu o que queria: meu sangue. Um grunhido sai pelo vão entre os meus lábios. Dor misturada com outra coisa...

A ardência do corte raso que ele causou fica em segundo plano quando sua lâmina percorre o decote do vestido, por cima da seda cintilante. Ele desce o facão pelo vale entre os meus seios e, mesmo sem sentir o gelado do metal diretamente contra minha pele, a ameaça do corte ainda está presente.

Contudo, quando seu facão desce por um dos meus seios, ele se detém ao encontrar um obstáculo: o mamilo rígido que quase fura o tecido e delata a excitação doente que me incendeia por dentro. Callan para e se inclina, com interesse.

— Gosta de brincar com facas, huh? — sussurra bem próximo do meu rosto. Não me movo, meus braços estão colados na lateral do corpo, retraídos. — Criada nos moldes de uma educação perfeita, quem diria que Sloan Baudelaire Kestrel seria uma garota tão depravada.

— Cale a boca.

Em resposta, Callan maneja o facão com rapidez e destreza. Sinto o corte frio perigosamente próximo da minha pele quando a lâmina desliza pelo decote, abrindo uma fenda no tecido, cortando-o facilmente com seu fio afiado. Em um só golpe, Callan corta meu vestido ao meio, revelando meu corpo nu por baixo.

De alguma forma, ele não me atingiu. Ainda assim, estou arrepiada, escutando os batimentos retumbantes do meu coração como se ele pulsasse desesperadamente em meus ouvidos. A adrenalina me enlouquece, me deixando sedenta.

Sua máscara entra no campo parcialmente iluminado quando ele se inclina ainda mais para me devorar com os olhos.

— Linda e perversa — sussurra, desenhando o contorno dos meus seios com a ponta gelada da faca. — Feita especialmente para mim.

Callan corta as alças do vestido, mas dessa vez o faz com calma, para que nós dois saboreemos a antecipação. O perigo, que tanto me atrai nele, me domina por inteiro. Me excita, fazendo com que minha calcinha fina de renda já esteja molhada.

E ele nem sequer me tocou ainda. Ao menos, não com os próprios dedos.

— O que está planejando? — pergunto, a voz trêmula.

— Gosto de vê-la implorar. — Ele ri baixinho. — Mas acho que isso não vai ser o suficiente. Não hoje. Não depois do que me fez passar.

— Eu não fiz nada.

— Você fez tudo — levanta o tom de voz, dizendo cada palavra pausadamente, e, com o braço livre, me pressiona com mais força contra a parede de ossos humanos atrás de mim. — Me enfraqueceu.

— Você permitiu — retruco.

Como punição, Callan volta a correr a lâmina pelo meu corpo, apenas riscando com a ponta no limite antes de perfurar a pele. Passa pela minha barriga lisa e desce até o meu ventre. A extremidade mergulha sob as laterais de renda da calcinha, arrebentando cada lado até que os retalhos caiam sobre meus pés.

Aperto as coxas uma contra a outra. Elas deslizam, molhadas com a umidade que escorre pelas minhas pernas. Meu clitóris lateja, ansiando por estímulo e alívio. O frio do medo deixa meus mamilos duros feito pedra.

E a lâmina do facão continua, até a abertura melada da minha boceta. Perto o bastante para me machucar no menor movimento mal calculado de Callan. Mas meu algoz tem muito controle para deixar que isso aconteça.

Ele me prende com mais força contra os ossos da parede, me imobilizando enquanto sua lâmina se aproxima do meio das minhas pernas. Sinto o gelado do metal perto do meu clitóris e fecho os olhos com força, meu

tesão me levando ao limiar da insanidade.

Quando volto a olhar, Callan já retirou o facão antes que ele me tocasse. Ele levanta a lâmina à altura dos olhos, observando o líquido que agora molha a ponta afiada, deixando-a mais brilhante.

Ofego.

— Melada para mim — observa Callan, satisfeito. — Como eu imaginava.

Bastardo arrogante.

Callan me solta e, com a mão livre, mergulha dois dedos de uma só vez, bem fundo dentro de mim. Meu corpo se curva para a frente, respondendo ao toque de Callan como se eu fosse um piano e ele, o mais habilidoso pianista.

O prazer me faz ficar na ponta dos pés, meus olhos rolando para trás. Ele entra e sai devagar, mas vai fundo com os dedos curvados, o bastante para atingir meu ponto G como se fosse um alvo.

Minhas pernas tremem. Acho que estou me contorcendo.

Estou com tanto tesão pela forma como Callan me tocou, pela máscara, a adrenalina que ainda corre quente no meu sangue, que posso me desfazer bem rápido sobre seus dedos. Callan não permite, porém. Ele os retira de mim e se afasta.

O facão retorna, dessa vez de volta para minha garganta.

— Toque-me — ordena.

— Implore — peço em troca.

Callan balança a cabeça.

— Não.

— Fique de joelhos.

— Eu não me ajoelho — reitera, com sua lâmina implacável na minha jugular. — Para ninguém.

Callan Harkness é um líder. Ele está acostumado a ter todos aos seus pés. As pessoas o servem, com medo de sua fúria. E ele é capaz de coisas terríveis quando é aborrecido. Na maior parte do tempo, Callan é uma muralha de disciplina e autocontrole. Mas quando isso é arrancado, ele se torna uma força indomável.

Como eu.

— Eu sou sua exceção.

Meus dedos coçam para tocá-lo, para beijá-lo. Para abraçar seus demônios, em vez de afastá-los. No fim das contas, nossos monstros são parecidos.

Callan suspira, abaixando o facão. O objeto cai sobre as pedras.

— Sim, você é — anui, cedendo.

Callan se abaixa, apoiando os dois joelhos no chão. A visão faz minhas estruturas tremerem. Ter um homem como esse ajoelhado aos meus pés significa muito. Principalmente, sua rendição. Significa que estou acima de tudo o que o move. Poder, legado e vingança...

Estendo um braço e arranco a máscara de seu rosto, revelando os cabelos bagunçados, o rosto ferido... Acaricio a pele. A sombra de uma barba por fazer toma o maxilar dele e o canto da sua boca está cortada.

Mas Callan ainda é o mesmo. Dessa vez, consigo enxergar neste homem o garoto que conheci na época do internato. Ainda é o mesmo que amei e odiei desde a primeira vez que vi, quando ainda era uma adolescente boba e ingênua. O mesmo que temi, desejei, afastei e sonhei. Aquele que me assombra todos os dias.

Me ajoelho diante dele, porque somos o reflexo um do outro. Como se estivéssemos frente a frente com um espelho que pode mostrar nossa alma. Desde as partes mais feias e sujas até as mais belas. Somo iguais. Duas partes quebradas que se completam.

Afasto o casaco de seu corpo, necessitando vê-lo e tocá-lo por completo. A peça de couro cai no chão e sinto que, enfim, tenho Callan. Sempre fui dele, mesmo tentando negar, mas agora, sinto que o tenho da mesma forma. Cada parte dele. Seu passado e futuro me pertencem.

Até o dia em que morrermos.

Quando nossas bocas se chocam, é com fome. Com ânsia e desespero. Uma busca irracional. Nos agarramos um ao outro. Arranho sua carne e ele puxa meu cabelo.

Callan me deita no chão, subindo em cima de mim e assumindo o controle. Ele faz isso muito bem e conheço esse seu lado, já o vi. Dessa vez, quero tomar as rédeas. Estendo o braço, tateio com a mão pelo solo de pedra até encontrar o facão, que puxo e viro contra Callan, apontando contra o alto de sua bochecha.

— Feroz, huh? Gosto disso. — Um sorriso ladino se estende em seu rosto. Seu olhar pega fogo. — Meu anjo diabólico.

Inverto nossas posições, colocando-o por baixo e subindo em seu colo. Volto a pressionar a lâmina em seu pescoço, como um aviso expresso de quem está no controle agora.

— Fique parado aí.

— Ah, anjo, não pretendo ir a lugar algum. Você me tem.

Algo acende e brilha dentro de mim ao ouvir isso. O poder me estimula e me infla. Rebolo contra o colo de Callan, por cima de sua calça. Ele, por sua vez, parece bastante satisfeito em estar submisso a mim dessa vez. A volúpia dança

em seus olhos.

Movo meus quadris para frente e para trás, sentindo-o endurecer sob mim. A sensação é de puro êxtase e, sem conseguir mais me conter, jogo o facão para o lado e me inclino sobre Callan, alcançando sua boca de novo.

Seus beijos quentes são tão familiares que sinto meu coração se encher. A saudade está evidente em cada toque e movimento entre nós. Nos enlaçamos de forma natural e instintiva, como se fôssemos feitos para isso.

Meus dedos se atrapalham com a urgência com que abro sua calça. Quando libero o pau longo e rígido, começo a salivar. A ponta rosada está úmida e brilhando, as veias ao entorno estão evidentes e dilatadas. Aperto seu comprimento espesso em minha mão, massageando-o para cima e para baixo.

Os sons roucos e aveludados de prazer que saem da boca de Callan me deixam encharcada, me fazem continuar com mais sede e determinação. Passo o polegar por sua glande molhada e sensível e Callan vibra de prazer.

— Caralho — ele xinga, afundando seus dedos na carne do meu quadril. — Me fode, anjo.

Sorrio, motivada por sua súplica agoniada.

— *Com prazer.*

Encaixo seu pau na minha boceta quente e ávida e, quando sou empalada por ele, minha cabeça cai. Quase deliro de prazer, meus quadris se movendo por conta própria em busca por mais.

A fricção entre meu clitóris e sua pélvis é deliciosa. Callan me segura contra seu pau, batendo bem fundo dentro de mim. Não consigo evitar um grito infame e depravado, que reverbera por todo o túnel, enquanto Harkness me rasga profundamente. Rebolo e me esfrego em seu colo, aproveitando ao máximo cada toque entre nossas peles quentes e suadas.

Estou sentindo o orgasmo se aproximar. Como um nó que cresce e cresce até se romper. Intensifico meus movimentos, buscando a libertação.

Porém, Callan, em algum momento, perde a paciência. Ele me arranca de seu colo e me joga de quatro no chão frio e áspero, se posicionando atrás de mim. Quando soca fundo seu pau novamente, enfim gozo.

Estremeço, os braços com que me apoio no chão enfraquecem e caio para a frente, o rosto apoiado nas pedras.

— Essa sua boceta apertada é minha — brada rouco atrás de mim, apertando minha bunda em suas mãos grandes. — Vou cortar a cabeça de qualquer um que tentar tocar nela. Você é minha, Sloan. *Repita*.

Um tapa estala em minha bunda e eu me contorço. A dor se mistura com o prazer e me joga à beira do precipício de novo.

— Sou sua, Harkness — cedo, sentindo a verdade em cada palavra. —

Só sua.

Ninguém mais nunca vai me possuir dessa forma, nem se tentasse.

Callan aumenta a velocidade, me atingindo com seu máximo, esfolando minha boceta até o limite.

Arranho as pedras sob mim, me movendo de encontro aos golpes brutais de Callan. Quando ele bate na minha bunda de novo, forte e ardido, e o som faz os ossos da catacumbas tremerem, o fio de sanidade se rompe dentro de mim. Mal me recuperei de um orgasmo quando outro me arrebata.

Jogo a cabeça para trás com a sensação surreal de prazer que se espalha pelo meu corpo. Callan aproveita para segurar meus cabelos, puxando-os com força enquanto me fode com ainda mais violência, até alcançar o próprio orgasmo.

Os jatos quentes de seu gozo me preenchem, prolongando meu prazer antes de nós dois cairmos no chão, suados e ofegantes. Caio de bruços, sem nenhuma força restante em meus músculos, e Callan de barriga para cima ao meu lado.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, aproveitando a nuvem de prazer e conforto que ondula entre nós. Mas dura pouco.

Pouco demais.

— Não se case com ele — pede Callan, em tom de súplica, rompendo a quietude do subsolo.

Seus dedos deslizam para cima e para baixo ao longo da minha coluna em um carinho terno e reconfortante.

Fecho os olhos. Mesmo deitada no chão frio e imundo dessas catacumbas, me sinto segura ao seu lado. Me sinto em casa, em um casulo. Fecho os olhos, tentando me convencer. Vai ser mais fácil e melhor se eu aceitar.

Posso ser feliz ao lado dele. Conquistaríamos o mundo, como ele mesmo disse. Poderia me render a esse sentimento, esse tipo de amor que sequer soube que existia. A paixão intensa e arrebatadora, capaz de destruir qualquer um que fique entre nós.

Quero viver isso. Quero tanto que dói.

Quero me agarrar a Callan. Implorar que ele me salve, que me traga de volta.

Mas não posso.

— Você não pode me dar o que eu quero — respondo, me levantando. — Só assim vou conseguir.

Apanho o pesado casaco de couro e o uso para me cobrir, já que meu vestido está arruinado O fecho com força, sentindo raiva de mim mesma por tomar uma decisão que contrarie meu próprio coração.

Deixá-lo vai doer, mas já passei por coisas piores. Vou sobreviver. E quando eu finalmente atingir meu objetivo, espero que tudo valha a pena.

Dou uma última olhada em Callan. Ele ainda está deitado, mas apoiado em seus cotovelos. Seu rosto não carrega mais a fúria perigosa de antes. Parece calmo e racional de novo.

— Você não é o que eles querem, Sloan — diz, convicto. — Deacon almeja uma esposa delicada e submissa, que possa ser quebrada com facilidade. Quando os Grifos descobrirem que é uma usurpadora, que não pode ser domada, vão acabar com você.

Talvez.

Mas não pretendo deixar chegar tão longe. Posso me antecipar.

— Eles podem tentar. — Dou de ombros.

Me viro rápido antes que eu desista de ir. Callan não tenta me impedir de novo, ele sabe que não pode. Então, ele fica para trás enquanto corro de volta para as ruínas do nosso internato.

54

C A L L A N

Eu juro que posso fazer tudo melhor
Se você me quiser, eu darei tudo para você
Você é tudo que eu vejo, querida
Everything - SMNM

Cacos de vidro se partem sob meus pés conforme caminho ao redor do imenso laboratório construído sob a mansão Deacon. A Zmey invadiu há algumas horas, enquanto eu ainda estava preso naquele inferno de Caçada. Após Sloan partir, fazendo sua escolha tola de retornar para os Grifos, encontrei Roman nos túneis.

Ainda estou custando a acreditar que Sloan entregou para nós a informação da localização da fábrica clandestina de absinto ilegal de Soren Deacon. Ela foi bem incisiva, na noite do Sancto, ao pedir que os Corvos não atacassem os Grifos antes do casamento, então parece contradição que ela tenha nos ajudado a fazer exatamente isso hoje.

Mas acredito que a única explicação se baseie no mesmo motivo que fez Sloan ir à Caçada atrás de mim. Provavelmente ela matou alguém no percurso, considerando como estava coberta de sangue quando a vi nas catacumbas.

Ela ainda é devota a mim, da mesma forma que sou a ela. Mas quer conquistar seu legado na Ordem a qualquer custo. E Sloan Kestrel nunca desiste de um objetivo.

De qualquer forma, a Ordem dos Grifos não se recuperará depois de perder o último pilar que a mantinha de pé. A Zmey os pegou desprevenidos. A mansão estava desfalcada de guardas e não foi difícil para a gangue russa invadir. Os poucos homens armados da Ordem que estavam aqui agora são cadáveres ensanguentados jogados no chão de linóleo.

A Zmey os eliminou como se fossem insetos.

Alguns dos funcionários da fábrica escaparam, mas outros ainda estão aqui, sob a luz fria e azulada do laboratório, encolhidos contra suas bancadas de trabalho, apavorados.

A fábrica de absinto alterado é grande, com vários depósitos e departamentos. Ordenei que os nossos homens vasculhassem cada computador e arquivo. Estou otimista que, com o material que conseguirmos aqui hoje,

poderemos desmantelar toda essa rede.

Se os Corvos ainda não tinham sua vitória garantida nessa guerra, agora com certeza têm.

Quando o som metálico do elevador interno, que liga a mansão ao laboratório, se movendo soa, todos ficam em alerta. Estou com a pistola que Sloan abandonou empunhada no momento em que as portas se abrem, revelando Hunter Novak. A mulher alta, de pele negra retinta e cabelos raspados, marcha para na minha direção. Os Corvos e a Zmey respiram tranquilos, voltando ao trabalho.

Novak é comandante da Zmey e braço direito de Roman. Ela já viu e enfrentou mais do que qualquer um de nós. Há um longa cicatriz que cruza seu rosto, cortando da sua sobrancelha esquerda até o queixo. Novak nunca disse como a ganhou, mas posso imaginar.

— A polícia tá vindo, temos que dar o fora — diz ela, ao se aproximar. — Terminem com seus joguinhos.

Ela maneia a cabeça na direção de Ares, que está desferindo uma sequência de chutes contra um dos funcionários da fábrica. O homem está curvado no chão, ainda trajando um jaleco, mas mesmo com a surra que leva ainda nega saber de qualquer coisa a respeito do lugar no qual trabalha.

— Ainda estamos conseguindo as informações que precisamos — respondo, cruzando os braços.

— Então sejam rápidos, não vou submeter meus homens em um combate direto contra a polícia hoje — determina a comandante.

— Novak, como estão as coisas na Rússia?

— Por que quer saber? — Seus olhos perspicazes se estreitam com desconfiança.

— Porque tenho negócios no mundo todo — argumento, mentindo com facilidade.

Tenho planos para os Corvos. E podemos ter triunfado sobre os Grifos, mas isso não significa que tudo se resolveu. Ter matado Jasper St. Clair na frente de todos no Sancto ajudou a apaziguar os conflitos internos na Sociedade, mas não posso permitir que ainda exista qualquer possibilidade de questionarem minha liderança.

E, para isso, além de excomungar o resto dos St. Clair, preciso tirar Mikhail Drago de cena.

Não posso matá-lo. Preciso da Zmey ao lado dos Corvos. É por isso que tenho outra coisa em mente.

— Há boatos de que existe uma gangue rebelde insurgindo na fronteira com a Bielorrússia. Não temos nenhuma informação a respeito, além de que

vários espiões da Zmey foram encontrados mortos e sem nem uma gota de sangue no corpo, pendurados por toda Verszlov. Estão deixando um recado.

Definitivamente, é um recado.

Há um rival de peso na Rússia que parece ter sede do sangue dos Drago. É, de fato, algo preocupante para a Zmey. Merece toda a atenção de Mikhail.

— Estão perto de conseguir algo sobre eles?

— Nem um pouco — lamenta a comandante.

Aceno com a cabeça, agradecendo a informação, e me distancio.

Preciso dar um jeito de mudar isso. Mikhail Drago deve retornar à Rússia e permanecer lá, onde suas garras venenosas estão bem longe da minha Sociedade.

Atravesso o laboratório, onde Ares ainda está brincando com seu alvo.

— Temos que ir — digo, atraindo sua atenção.

Ele levanta o rosto mascarado.

— O maldito ainda diz que não sabe de nada. Vou fazê-lo falar.

— Podemos levá-lo para o galpão e interrogá-lo com calma.

Ares costuma ser o melhor nisso. Ele tem em seu corpo a quantidade ideal de crueldade e sadismo para ser um exímio torturador.

Meu irmão assente, concordando.

Olho ao redor para decidir se realmente já acabamos com o lugar. Nossos homens vasculharam tudo. Há armários e objetos quebrados por toda parte, se misturando aos corpos sem vida.

E, no meio deles, há um homem de meia-idade, com cabelos castanhos ralos e um óculos trincado empoleirado na ponta do nariz. Ele está com os olhos arregalados em puro terror, sentado em uma cadeira sob a mira da arma de um dos soldados da Zmey.

Parece apenas mais um dos funcionários estúpidos da fábrica, mas algo nele me chama a atenção e desperta meu instinto.

Piso duro em sua direção, me sentando na cadeira giratória vazia à sua frente.

— Você é quem está no comando aqui, não é? — O desgraçado não me responde, apenas solta um soluço de medo. Tenho a confirmação de seu cargo de supervisor quando olho no crachá pendurado no bolso do jaleco branco. — Que belo covarde. Quero os locais de distribuição do absinto que vocês fazem aqui.

Ele aponta um dedo trêmulo para o computador na mesa ao lado.

Com um simples aceno de cabeça, o soldado mais próximo vai até lá e tenta acessá-lo, mas é travado por uma senha.

— Qual a senha? — pergunto para o rato covarde.

— Eu... — gagueja, tentando se esquivar da perguntar.

Bufo, impaciente, e apenas estendo a mão na direção do soldado da Zmey. Ele responde de imediato, me entregando uma das facas táticas presas em seu colete.

Não titubeio antes de olhar para a mão do verme à minha frente, apoiada na mesa, e fincar a lâmina em seu dorso.

Um berro estridente percorre o subsolo, atraindo a atenção dos outros. O sangue surge rápido na mão flácida e pálida do homem. Ele tenta puxar a mão, mas está presa pela faca que a crava à superfície da mesa.

— Perguntei qual a porra da senha e não pense em mentir, ou da próxima vez vou cortar a mão fora.

O homem ainda está atordoado pela dor lancinante que deve estar se espalhando por todo seu corpo, mas ainda assim o medo fala mais alto. Ele diz uma sequência de números e, quando o solado testa, consegue finalmente acessar.

— Bom trabalho — digo, arrancando a faca de sua mão.

Ele ruge mais um grito rouco de dor, recolhendo sua mão perfurada junto ao peito.

— Eu... Eu não sei nada, juro — gagueja de novo, o corpo todo chacoalhando com seus tremores. Suor frio escorre por sua testa enrugada.

— Para onde é levado o dinheiro das vendas de absinto?

O homem hesita e não tenho tempo de esperar, então coloco a faca em ação novamente. Dessa vez, prego a lâmina em sua coxa. Torço o cabo, cavando entre a carne e o músculo de sua perna. Paro apenas quando a ponta da faca bate no osso.

A dor excruciante o deixa pálido. Seus gritos são uma tortura a quem ouve e me faz desejar acabar com ele de uma vez, apenas para me poupar disso.

— Responda — ordeno.

— Os homens da Ordem levam tudo para um depósito no Distrito Industrial, para o dinheiro ser lavado. Não sei onde fica, mas tá no nome de alguém que não existe.

Sua fala é entrecortada por gemidos e grunhidos de dor irritantes.

Apanho minha faca de volta e me levanto.

É o suficiente.

— Envie as informações para o departamento de inteligência da Atlas, para Nicole Pierce — instruo, passando pelos soldados em direção ao elevador. Drystan, Roman e Hunter me seguem.

— Qual o próximo passo? — indaga Roman.

Soren Deacon não tem mais nada. Sua empresa, sua reputação, seus homens, seus negócios no submundo... Tudo se foi. Exceto uma coisa.

Sloan.

Ele ainda a tem. Ao menos, por enquanto.

Respiro fundo, pronto para colocar um fim nessa maldita guerra.

— Destruímos o que ainda restou do império dos Grifos.



S L O A N

Não escolhi meu vestido de noiva. Nem o local da cerimônia ou a lista de convidados. Pra falar a verdade, não escolhi nem o noivo. Não conheço metade das pessoas nessa igreja e nem o homem que me espera no altar.

Nada aqui me pertence e, ainda assim, é tudo meu.

Todas as vezes em que me imaginei casando, nunca consegui conceber o noivo, quem seria meu futuro marido. Nem mesmo quando estava com James e a possibilidade de nos casarmos era quase certa. Conseguia idealizar tudo. A decoração, o sabor do bolo, o destino da lua de mel... menos o homem com quem eu deveria passar o resto da minha vida.

Todas as opções sempre pareceram muito erradas. Como se eu nunca fosse pertencer a ninguém. Como se não houvesse ninguém nesse mundo para mim. Alguém à minha altura, capaz de me entender. De me aceitar. Com o lado obscuro e tudo.

Até Callan cruzar o meu caminho de novo. É fácil imaginar um futuro com ele, se eu tentar, mas me esforço para me manter bem longe desses sonhos. Nada disso nunca vai acontecer.

Preciso me ater à realidade.

Ao menos não serei uma mulher casada por muito tempo. Passarei todos os dias desse maldito matrimônio — que eu espero que sejam poucos — esperando pelo momento em que me tornarei viúva. Quando, de fato, tudo isso será meu.

— Você é a noiva mais linda do mundo — Astor elogia, verdadeiramente impressionada ao me olhar pronta para descer à capela.

O zíper de trás do vestido longo e rendado acabou de ser puxado para cima. O véu já está atado a uma tiara brilhante na minha cabeça. Pouca pele está à mostra com o traje, uma vez que o vestido possui mangas e gola longas. Me sinto sufocada por ele e odeio cada centímetro dessa renda matronal.

Ainda assim, forço um grande e brilhante sorriso para as duas mulheres

que estão comigo em meu cômodo de preparação nos fundos da capela de St. Marcus. Jocelyn está tentando ser presente, ocupar o lugar que eu teria destinado à minha mãe.

Aprecio seus esforços, embora sejam inúteis, e tento demonstrar gratidão. Acho que ela precisa disso mais do que eu. Aposto que, como a maioria das boas mães, já sonhou com o dia em que assistiria ao casamento de seu filho.

Teria sido um casamento lindo, o de Bash.

Deus, como sinto falta dele.

Só de pensar no meu irmão, meus olhos se enchem de lágrimas de saudade.

Talvez, se ele ainda estivesse aqui, eu não precisaria seguir com isso.

— Como se sente? — minha madrasta pergunta.

Ela está linda, mas nenhuma maquiagem ou vestido de grife é capaz de mascarar a tristeza que habita o fundo de seus olhos. Nunca saiu de lá e acredito que nunca sairá. É a mesma tristeza que conheci pela primeira vez nos olhos da mãe de Ava.

— Bem, eu acho.

— Empolgada? — Tenta Jocelyn de novo, otimista.

— Vocês sabem que não. — Desço do pedestal em frente ao espelho, retiro os sapatos de salto, chutando-os para longe antes de me jogar no divã de veludo. — Não temos que fingir que é meu casamento dos sonhos.

Ambas sabem o quão intragável e indigesto Soren e esse casamento são para mim. Eles representam meu sacrifício. O inferno que terei que atravessar para conquistar a liberdade total.

— Ainda pode fugir — Astor propõe, com um sorriso sacana que consegue arrancar de mim uma risada sincera. — Posso te tirar daqui sem que ninguém note. Não duvide das minhas habilidades.

— Não duvido, sei que pode.

Não há nada que minha amiga não possa fazer.

E gostaria de aceitar sua proposta. Gostaria muito.

Suspiro, deixando meu olhar vagar.

O jornal jogado na mesa circular de café à minha frente é um lembrete de que herdarei um império arruinado. A manchete sensacionalista estampa a primeira página:

“Herdeiro Deacon perde tudo”.

De fato, não restou muita coisa do império Deacon. A noite desastrosa da Caçada, cujo resultado foi completamente oposto ao que Soren precisava e esperava, foi responsável por um colapso nervoso no qual ele matou quatro de seus homens com as próprias mãos.

Eu vi tudo, quando deixei Callan nas catacumbas e retornei para as ruínas. O combate entre as duas sociedades secretas já havia terminado. Muitos Grifos morreram e outros fugiram, abandonando a Ordem sem pensar duas vezes.

Não sobraram muitos agora. A polícia e a mídia nomearam o fato como “massacre”. Jogaram toda a culpa nos Corvos, como sempre. Mas não por muito tempo, acredito. Callan vai recuperar o controle sobre eles, agora que a Ordem está destroçada.

Soren está colocando todas as suas esperanças nesse casamento, o que mostra como o desespero por poder lhe torna um tolo. Para ele, nada realmente vai melhorar. Para mim, contudo...

Terei muito trabalho pela frente, para recuperar o que foi perdido e colocar a Ordem em pé de novo. O que não vai dar certo se os Corvos insistirem nessa guerra.

Não sei o que fazer. Callan deixou claro que nunca permitirá que as duas sociedades reinem ao mesmo tempo. Ele não vai parar enquanto todos os Grifos estiverem mortos e enterrados.

Deixo meus ombros caírem.

Gostaria de ter mais tempo.

Como se o universo trabalhasse para me contrariar, duas batias na porta me despertam. Uma fresta se abre e meu pai coloca a cabeça para dentro do quarto.

— Está na hora, querida.

Fecho os olhos, desejando que isso acabe logo.

Sem ter pra onde fugir, me levanto. Calço de volta os sapatos e dou uma última olhada no espelho. Não reconheço essa mulher no reflexo, mas terei que aprender a conviver com ela. Ela vai ser útil por algum tempo, então é melhor me acostumar.

Astor para à minha frente, apanhando minhas mãos nas suas.

— Você ainda tem escolha — diz baixinho, me fitando intensamente com seus olhos escuros. — Lembre-se disso quando estiver lá embaixo.

Puxo minha amiga para um abraço, buscando conforto em seu calor. Poderia ficar muitos minutos assim, mas Mason pigarreia, nos apressando.

Astor me lança um sorriso cúmplice antes de sair do quarto, acompanhando Jocelyn de volta à capela.

E então, somos apenas meu pai e eu.

— Você está fantástica, querida — elogia, me entregando um buquê de rosas brancas horríveis

Odeio rosas. Ainda mais essas.

No meu casamento dos sonhos, seriam peônias. Não seria meu pai que me acompanharia ao altar. E eu não vestiria algo que aperta meu pescoço como um cabresto.

— Espero que saiba que nunca vou te perdoar. — Enlaço meu braço no seu e saímos para o corredor.

— Estou ciente — concorda, com a voz solene.

— Deveria ter me protegido.

— Foi o que eu fiz. A cada decisão da minha vida, eu te protegi, querida. As coisas poderiam ter sido bem piores, acredite.

— Minha mãe está em outro continente. Meu irmão está morto e eu fui marcada a ferro em brasa como um animal. E agora, vou me casar com o responsável por isso. — O ressentimento é doloroso e evidente em minha voz. Mesmo que eu não queira parecer uma garotinha magoada e desesperada por uma figura paterna protetora e confiável, acho que, no fundo, é exatamente isso o que eu sou. — Não me diga que fez tudo o que podia para me proteger, porque é mentira. Um pai de verdade não teria permitido que isso acontecesse. Eu sempre vim em segundo lugar para você. A Ordem é sua prioridade.

— E será a sua também, muito em breve.

Minhas palavras não o afetam. Sua convicção sobre o que faz, sua lealdade aos Grifos, é quase assustadora.

Me pergunto o que minha mãe falaria, se estivesse ciente do que está acontecendo. Se estivesse aqui, comigo, como deveria ser. É nisso que penso quando entro na capela cheia. Quando todos se levantam diante da melodia do órgão enquanto caminho pelo tapete vermelho, estou mais distante do que nunca.

Desassocio e dou graças a Deus por isso.

O mundo ao meu redor perde o foco enquanto atravesso a nave da capela de St. Marcus. Sinto o cheiro da madeira antiga e das flores que percorrem o corredor. Mais rosas brancas.

Elas estão por toda a parte.

Quando meu pai enfim me entrega ao meu noivo, sou obrigada a encarar os olhos vítreos e vazios de Soren. Ele está visivelmente acabado. Cabelos desgrenhados, pupilas dilatadas e barba por fazer.

Ele sabe que está perto de seu fim e não tem um plano para sair dessa. Ao menos, não um que tenha compartilhado comigo. Não passamos muito tempo juntos nos últimos dias e espero que continue assim até o momento em que irei matá-lo, acabando com a nossa agonia.

Minha atenção se desvia para o homem de batina entre nós no altar. Padre Alexei, reconheço. Ele está nesta paróquia desde que eu era criança e frequentava assiduamente as missas com meus pais.

Ele cumprimenta os presentes e começa com toda a bobagem cerimonial na qual não me esforço em prestar atenção. Não quero ouvir suas palavras, nem fingir estar loucamente apaixonada pelo homem que colocará uma aliança em meu dedo.

Só quero que este circo acabe logo.

Tudo é distante e caótico, passando em câmera lenta diante dos meus olhos. Não consigo pensar ou sentir nada. Me torno um poço vazio e raso.

Só percebo que é a minha vez de dizer que aceito este casamento quando o silêncio recai sobre a capela e todos os rostos se viram para mim, esperando ansiosamente pela minha resposta.

Se houve algo que aprendi com essa guerra foi que é impossível fugir da herança. Ou, como Callan gosta de dizer, do *legado*. Minha mãe tentou, mas isso voltou para assombrá-la. Tudo do que ela tentou escapar acabou voltando e capturando sua filha, em vez disso.

Agora minha única opção é aceitar esse destino fatídico. Aceitar a parte de mim que jamais será como antes.

Minha mãe odiaria o que me tornei.

Mas não há mais nada a fazer. Já estou no inferno, de qualquer forma. É melhor abraçar Lúcifer de uma vez.

Abro a boca, sentindo o “aceito” se aproximando com um gosto amargo e venenoso, pronto para deslizar pela minha língua e selar meu destino para sempre.

Porém, antes que eu tenha chance, um estrondo alto faz as estruturas antigas da capela tremerem e gritos de susto irromperem pelos ares.

As grandes e pesadas portas de madeira de St. Marcus são arrombadas e abertas. Com medo, os convidados se abaixam, tentando se proteger assim que o som de tiros começa. O padre Alexei se agacha no altar. Soren, contudo, puxa um revólver do interior de seu paletó.

Vejo fumaça e faíscas. Os vitrais no topo de capela explodem, caindo em pedaços por todos os lados. Protejo o rosto para que os estilhaços não me cortem. Em um movimento rápido, levanto a saia do vestido e apanho a adaga presa na cinta-liga.

Um dos guardas corre até o altar.

— Leve-a daqui — ordena Soren a ele, eufórico.

O guarda de terno e óculos seguros se vira na minha direção, mas sequer tem tempo de me tocar. Uma bala o atinge na cabeça careca, saindo pela testa. Seu corpo grande e magro despenca no chão feito uma estrutura de pedra.

É quando consigo, de fato, ver os invasores.

E as máscaras que cobrem seus rostos. As reconheço no mesmo instante,

porque já usei uma delas, quando sangrei em cima de um contrato e jurei lealdade aos Corvos. *A ele.*

Sei que é ele, conheço o padrão metálico em sua máscara preta. O contorno do seu corpo, os cabelos da cor de nanquim, a forma como ele direciona a arma agora para Soren, se aproximando com passos duros. O mal inevitável e impiedoso.

Callan Harkness.

Eu o reconheceria até mesmo no escuro.

Soren até tenta empunhar sua arma para enfrentá-lo, mas desiste quando outros dois Corvos se juntam à Callan. Roman e Ares, indubitavelmente.

— Vamos — Soren vem até mim, os olhos arregalados em puro choque.

Seus poucos homens estão mortos aos montes pelo chão da igreja, seus últimos aliados estão rendidos, implorando.

É o fim.

Para Soren e para a Ordem dos Grifos.

Meu noivo tenta agarrar meu braço e me puxar para longe, em direção aos fundos da capela, onde aposto que há uma porta por onde ele pretende escapar. Mas em vez de correr junto com ele, permaneço parada, meus pés fixos feito raízes no assoalho de madeira.

Simplesmente não me movo. Não é racional, mas instintivo. Mais forte do que eu. Meu corpo permanece paralisado enquanto meus olhos observam tudo ruir.

Os sons me atordoam e minha cabeça lateja quando mais um disparo de arma de fogo é feito, bem perto de mim. A bala atinge o pulso de Soren, fazendo sua arma cair e ele se afastar de mim. Ele desiste bem rápido de me fazer fugir com ele, porque se vira e corre feito louco para a provável saída nos fundos.

— Vão atrás dele — exige Callan com uma única ordem. Roman e Ares não contestam, apenas fazem o que o líder mandou.

Seguro a adaga na minha mão com mais força, encarando de frente os olhos flamejantes de Callan por trás da máscara. Minha respiração entrecortada faz meu peito doer. Quero dar um passo para trás quando ele avança até mim, mas ainda não consigo me mover.

Aquela madrugada nas catacumbas deveria ter sido uma despedida. Estávamos convictos de nossos objetivos, apesar do turbilhão de sentimentos entre nós. Nada nos pararia de buscar o que queríamos.

Mas eu já deveria saber que nunca haveria um fim com Callan Harkness. Eu nunca poderia escapar dele, nem mesmo tentando me casar com outro homem, com seu inimigo.

— Por que fez isso? — digo, baixo o bastante para que apenas ele ouça.

— Por que veio?

A troca de tiros atrás dele cessa. Não foi realmente uma grande disputa. A Ordem sequer tinha homens o bastante para revidar à altura. Foi o tiro de misericórdia que eliminou de vez os Grifos. Agora os homens da Zmey andam pelos nossos destroços, avaliando o estrago. Os convidados que não conseguiram escapar e que não morreram ainda estão encolhidos nas fileiras de assentos.

Callan para a um passo de distância. Não tenho nem coragem de levantar minha adaga contra ele. Não mais.

Uma parte de mim está aliviada por não precisar casar. E esplendorosamente feliz por Callan ter vindo até mim hoje.

— Você é minha, anjo — responde, como se fosse óbvio. — Quando se casar, será comigo. Será *meu* anel em seu dedo. Terá o *meu* sobrenome e os *meus* filhos.

Sua autoridade e possessividade em cada palavra é inquestionável. Algo derrete dentro de mim, se moldando na direção dele. Clamando por ele. Quero agarrar isso, porque não existe nada que eu possa desejar mais do que esse homem.

Mas, embora eu o queira desesperadamente, mesmo não devendo, mesmo com todos os contras e com toda a fúria corrosiva que Callan é capaz de despertar em mim, eu precisava dos Grifos.

— Você não entende. Eu preciso daquilo — enfatizo, apesar de que o trono que eu reclamaria não existe mais. Não há mais nada para mim aqui, mas mesmo assim quero lutar por isso. Lutar por algo que realmente possa ser meu. *Meu próprio legado.* Meu caminho para a liberdade e o poder. — É tudo o que me restou.

— Tudo o que você deseja, você terá, mas não será se casando com aquele verme — garante Callan, olhando firme no fundo dos meus olhos. Ele faz promessas como se pudesse conquistar o mundo todo. Talvez ele realmente possa. E talvez ele queira. *Por mim*. — Diga que confia em mim.

Quero confiar. Quero me entregar cegamente sem me preocupar com os segredos que ele esconde, ou com a possibilidade de ele priorizar os Corvos acima de mim. Quero o Callan que se ajoelha apenas diante da mulher que ama. Mesmo que seu amor seja obsessivo e, possivelmente, venenoso. É o amor que transcende as palavras. O amor sombrio que o faz tirar vidas por mim.

Porque este é exatamente o tipo de amor que eu sinto.

— Eu confio.

O olhar de Callan é intenso, como se estivesse buscando a minha alma. Seus olhos escuros brilham com uma mistura de emoções — amor, posse, triunfo. Ele está me olhando como se eu fosse a única coisa que importa no

mundo, e talvez eu seja. Seus olhos se movem de meu rosto para meu vestido de noiva, e depois retornam para mim.

Há uma necessidade crua em seu olhar, e eu sei que ele fará qualquer coisa para me proteger. Eu sou dele e ele é meu. Nada seria capaz de mudar isso, mesmo que eu estivesse casada com outro homem, mesmo ainda sendo a inimiga.

E uma estranha sensação de liberdade me abraça por inteiro quando saímos da capela, deixando um rastro de destruição para trás.

55

S L O A N

Os momentos que vem
A coisa da qual estamos fugindo
Não pode escapar, não
O dano já foi feito
Uma canção de ninar escura e torcida
Diga que você é o último adeus
The Last Goodbye – The Hot Damns

HÁ UM SILÊNCIO DESCONFORTÁVEL perdurando na sala de reuniões da mansão Harkness. Os três Corvos presentes me encaram, cada um à sua maneira. Não conseguiram capturar Soren e, agora, sou o mais próximo disso que eles possuem.

Depois que me livrei do vestido de noiva e do maldito véu, voltei a me sentir como eu mesma. Dessa vez, enxergando as coisas de outra perspectiva. Acho que a queda dos Grifos era inevitável e não posso culpar Callan por ter ido até o fim nisso. Faria a mesma coisa, se estivesse em seu lugar. Reconstruir algo do zero talvez seja melhor do que tentar salvá-lo da ruína.

E o que sei é que os Grifos podem ter perdido sua força e poder, mas, mesmo que grande parte deles esteja morta, não estão extintos. Ainda posso recuperar o que é meu, sem precisar de Soren ou de qualquer casamento. Ao menos, foi o que Callan me disse.

— Querem que eu peça desculpas pelo o que fiz? — Enfim rompo o silêncio, após passar longos minutos tentando decifrar o que se passava na mente de Callan, Roman e Ares. — Bem, não vai acontecer.

Posso ter traído meu juramento a eles, mas eles também me traíram. Fui usada e quase descartada e duvido que peçam perdão por isso.

— Você não merece estar aqui — vocifera Drystan, ou Ares, do canto da sala.

Ele está com os braços cruzados, vestindo um moletom com capuz que cobre seus cabelos e adiciona uma sombra a seu rosto.

— Posso não merecer, mas tenho direito a isso. E vocês têm sorte de eu não desejar disputar o trono.

Não quero abdicar dos Grifos para governar os Corvos ao lado de Callan.

Não quando eu posso ter os dois. Quando posso ter tudo.

Tudo o que me foi negado durante toda a minha vida. Quando me senti sozinha e confusa, sem saber que dois impérios me pertenciam.

Preciso reparar os erros que foram cometidos durante toda essa história. Reivindicar o que foi perdido.

O que pertencia à minha mãe e que agora me pertence.

— Podemos pular essa parte? — Roman intervém, soprando a fumaça do charuto que está fumando. — Já assisti a esse filme antes.

Callan dá um passo à frente. Quando meu olhar o alcança, a animosidade dentro de mim se atenua. Como se ele tivesse o poder de me desarmar instantaneamente.

— O lugar de Sloan é aqui e qualquer um que ousar questionar isso estará desrespeitando a mim — diz, em alto e bom tom para que seus irmãos ouçam. — Já sabem qual a punição para essa falta.

— Meu avô nunca vai permitir que ela fique — Roman argumenta. Callan não responde de imediato, mas seus olhos estão despreocupados. Drago nota isso, semicerrando os cílios claros conforme a compreensão o arrebata. — Mas você já cuidou disso, não é?

— Ele voltará para a Rússia, mais cedo ou mais tarde — revela. Ergo as sobrancelhas, surpresa. Como Callan conseguiu se livrar de Mikhail Drago, o chefe do Conselho de Patronos? — A Zmey será sua, irmão. Não é o que você mais deseja?

Roman não responde.

Certamente, ele tem muito a pensar.

— Não vou traí-los — garanto, após algum tempo. — Nem tentar nada contra a Sociedade.

— *De novo*, você quer dizer — Drystan acrescenta.

— Sua palavra não basta, *printsessa*.

Bufo, impaciente, e me levanto da poltrona.

— É o melhor que vocês terão.

Não trairei os Corvos porque não trairei Callan. Isso está acima de mim agora, é maior do que eu. Essa devoção agora arde profundamente dentro de mim, mais forte do que nunca, e jamais me permitiria.

De todas as maneiras possíveis, Callan me reivindicou. Ele se rendeu e mostrou sua devoção a mim. Agora é a minha vez.

— Vamos ao que realmente importa — Callan assume a conversa. — *Deacon*.

— Ele já deve estar longe, à essa altura — Drystan murmura.

Seus olhos ainda faíscam de raiva toda vez que me olha, mas sei que, em

algum lugar dentro dele, ele me respeita. Ou, ao menos, respeita minha determinação e o que sinto por seu irmão.

— Ele não pisará em um avião sem que tenhamos conhecimento — Roman contradiz.

— Soren pode ir de barco — prevejo com um suspiro. — Ele tem alguns nas docas. E duvido que já tenha partido. Sem o poder da Ordem, ele está em desvantagem e sabe disso. Vai esperar a poeira abaixar e garantir que não está sendo seguido antes de fugir da cidade.

Observei Soren atentamente o quanto pude nas últimas semanas. Precisava saber tudo sobre a forma como ele liderava os Grifos e como comandava os negócios. Seria útil para meus planos após o casamento, quando o tirasse do meu caminho. Aprendi bastante, embora muita coisa foi barrada porque Deacon não confiava em mim o suficiente.

— Vale a tentativa — Callan avalia, se virando em direção à porta. — Vamos.

Drystan e Roman o seguem, mas permaneço sentada no mesmo lugar. Callan percebe e, assim que seus irmãos saem, ele se volta para mim. Seus passos o trazem para perto e inalo com gratidão seu cheiro familiar. A visão de seu rosto sem a máscara também é reconfortante.

Seu rosto causa coisas em mim que ainda não sei controlar ou decifrar.

— *Sloan* — chama meu nome, colocando as mãos em meus ombros.

Me levanto, tentando nivelar nossa diferença de altura ao menos um pouco.

Não tivemos nenhum momento sozinhos desde o casamento, hoje mais cedo. E sinto que tenho tanto a dizer que não sei por onde começar. Sei que teremos muito tempo depois, mas quero cada segundo com Callan.

— Nunca pretendi governar ao lado de Soren — esclareço, caso ainda haja alguma dúvida em relação a isso na sua mente. — Eu planejava matá-lo.

Callan meneia a cabeça, assimilando.

— Sacrificaria muito por isso — diz, erguendo as mãos para tocar meu rosto. — Agora não precisa.

Suas palmas são quentes contra meu rosto e me inclino em direção a elas como um felino buscando carinho. Só agora percebo o quanto nossa guerra pessoal causou de destruição dentro de mim. Sinto como se meus estilhaços enfim estão prestes a se juntar de novo.

Gostaria de buscar seu colo, ficar encolhida em seus braços no conforto de uma cama grande e quente. Passar horas assim, sentindo o calor e a textura do seu corpo, permitindo que cada beijo seu afaste os problemas e as perturbações em minha mente.

— Quando isso acabar, vou recuperar o que eu puder dos Grifos — admito, porque não quero que existam mais segredos entre nós. Não sei se suporto mais disso.

Callan não parece surpreso ou irritado.

— Garantirei que você tenha o que quiser, anjo, só prometa que não vai nos trair novamente — pede, a voz suave que sequer parece pertencer ao líder impiedoso que mata friamente e governa sem compaixão. — Que não vai me deixar sozinho.

Mordo meu lábio inferior com força, sem poder evitar me sentir culpada pelas minhas escolhas. Apoio a testa em seu peito, sentindo o fluxo de sua respiração e seu pulso forte e intenso. Seu calor me embala quando seus braços me cercam, me puxando para perto.

Seus dedos se enredam em meus cabelos numa carícia que transmite mais do que palavras são capazes. Me aninho a Callan como se ele fosse meu casulo seguro. Minha fortaleza, que me mantém firme e inteira mesmo nos piores momentos.

Já enfrentamos tanto e ainda estamos aqui. Não há motivo para temer o futuro.

— Estou cansada de lutar contra você — confesso num sussurro. — Você é a minha maldição e a minha salvação. Esse amor me consome, mas não posso escapar dele. Não posso escapar de você. Não quero apenas domar sua escuridão, como você já disse uma vez. Quero alimentá-la, da mesma forma que faz com a minha. Preciso disso como ar para respirar. — Enfim liberto tudo o que esteve dentro de mim, lutando por meses para sair. Pela primeira vez, não existe mais medo ou receio. Não me escondo. Preciso ser vulnerável dessa vez. Preciso confiar. — Não vou te deixar sozinho nunca mais. Eu prometo.

Callan me afasta apenas o suficiente para que nossos olhos se entrelacem. Suas mãos sobem para o meu rosto, seu polegar escovando o topo da minha bochecha com ternura e admiração.

De repente, ele puxa algo do bolso. Um canivete.

Observo calada e atentamente quando ele estende a mão esquerda com a palma para cima, bem diante de mim. A mão esquerda abre a lâmina, direcionando a ponta afiada para a palma direita.

Ele corta devagar e superficialmente. Um talho de sangue se forma, atravessando sua mão de um lado ao outro, da mesma forma que fez comigo no meu juramento.

— Juro ser leal a você, anjo, e a sangrar de bom grado a você. Apenas você. Todas as vezes em que eu precisar escolher, escolherei você. Até meu último suspiro, meu corpo é seu. E muito tempo depois da morte terrena, minha

alma ainda pertencerá a você. Sou seu. Somos um só. Se for preciso matar, morrer ou ir para o inferno e voltar, eu não me importo. Amo você desde a primeira vez em que a vi, meu anjo triste e solitário. — Um sorriso surge no canto de sua boca, iluminando todo seu rosto e lançando luz para dentro de mim. Sinto cada palavra sua como uma promessa e desejo escrevê-las em minha pele, para que nunca esqueça ou duvide. — Não me curvarei a nada, exceto a você. Esse é o meu juramento.

Coloco minha mão sobre a sua, apertando. Estancando o sangue ao mesmo tempo em que selamos nossas promessas.

— Prometa que nunca mais guardará segredos de mim — exijo. Não sei se suportaria isso de novo. — Sem mais mentiras.

— Sem mais mentiras. Eu prometo. — Ele jura, colando sua testa na minha.

Sorrio com alívio e, pela primeira em muito tempo, *esperança*.

— Não sinto nada além de adoração por você, Callan Harkness — revelo, entrelaçando nossos dedos. — Sempre foi você.

Callan dá um sorriso terno e, em seguida, direciona seus lábios aos meus. Sinto como se estivesse tocando minha alma quando me beija e a entrego para ele sem pensar duas vezes. Quando nos separamos, ofego, desejando continuar e buscar por mais. Beijá-lo até que Callan sinta em cada célula que sou leal a ele e serei para sempre.

Mas não temos tempo para isso. Ao menos, não agora.

— Você disse que poderíamos ter tudo e realmente podemos — digo. — Quando isso tudo acabar, teremos os dois: a Ordem e a Sociedade. Mas tem que confiar em mim também. Essa cidade saberá nosso nome e irá se dobrar para nós.

Callan não hesita. Ele estuda meus olhos e meu rosto e, por fim, assente.

— Eu confio.



Minha mãe amava velejar no verão. Era um de seus grandes prazeres e hobbies.

No seu primeiro aniversário de casamento, meu pai a presenteou com um iate que possuía o nome dela escrito no casco. Ele tem três andares, uma piscina e um heliponto. Um dos nossos bens mais luxuosos. Teria feito qualquer um acreditar que seu amor era verdadeiro.

Como todo o resto, não passava de uma mentira.

E já fazia anos em que não pensava naquele iate, até que o vejo novamente do outro lado do píer, na marina de Don Bordieu. É só mais um entre os vários iates opulentos que se estendem ancorados ao longo das docas, mas me paralisa assim que coloco os olhos sobre ele.

Deve estar parado aí há anos, mas ainda está em bom estado. Não imagino por que meu pai ainda o mantém. Para mim, é só mais uma memória dolorosa.

— Tudo bem? — a voz de Callan soa baixa e próxima, me despertando.

Me viro para encará-lo. Assim como eu, veste roupas pretas e a usual máscara dos Corvos cobrindo seu rosto. É estranho usar essa máscara de novo, depois de tudo, mas uma parte de mim gosta. Me faz sentir um pouco como parte deles.

A noite engoliu Millsdale por completo e as docas estão desérticas. Com todo o frio e a neve nessa altura do inverno, duvido que estes barcos sejam utilizados.

Os Corvos precisaram se dividir em grupos para investigar os três barcos nesta marina que estão sob o mesmo nome falso utilizado para lavar o dinheiro do tráfico de absinto batizado dos Deacon. A Atlas os encontrou e identificou rapidamente. Além desses, há as lanchas que estão no nome de Soren, mas é pouco provável que ele pense em sair do país com elas. Seria facilmente rastreável.

— Não é nada — garanto, me virando de costas para o imponente iate que costumava me impressionar durante a infância. — Vamos.

Rob e Wenger, os soldados da Zmey presentes no meu grupo de busca, acompanham Callan e eu, com suas armas em punho, enquanto nos dirigimos até o barco. A madeira sob minha bota range conforme avançamos. Não há sinal de vida lá. Parece tão escuro e inabitado quanto o resto dos barcos por aqui.

Estamos ficando sem tempo e sem opções. Os outros grupos, do outro lado da marina, também não obtiveram resposta.

O frio arranha minha pele, mesmo sob as espessas camadas de roupas. Wenger acena para que Callan e eu aguardemos no píer enquanto eles sobem na embarcação. A única iluminação provém dos postes de luz que permeiam as docas, clareando especialmente a proa do barco.

Os soldados da Zmey possuem uma agilidade tática digna da SWAT, embora se vistam como mercenários, vestindo balaclavas e botas de combate. Assisto com ansiedade enquanto eles somem no interior do barco, me mantendo atenta para cada som.

Callan, diferente de mim, está aguardando pacientemente. Apesar de seu corpo permanecer estático, aposto que sua mente está trabalhando como uma

fábrica automatizada.

Minutos se passam e meu pé bate repetidamente na madeira sob o solado, inquieto.

Algo não está certo, sinto isso em meus ossos.

Olho para trás, na direção do *Theresa*, e não consigo evitar que meu instinto me leve até lá, memórias de um passado em que os Kestrel eram uma família feliz nublam minha mente. O som do vento e do mar calmo me guiam.

Retiro minha adaga da bainha antes de me aproximar o suficiente para que eu consiga sentir o cheiro do combustível de barco e da cera com que é lustrado para sempre parecer brilhante e suntuoso.

Passo por cima da corrente que barra o acesso e subo no barco com certa dificuldade. Apontando uma lanterna para investigar a proa, procuro por qualquer sinal de que outra pessoa esteve aqui recentemente.

Absolutamente nada além do vazio e escuro.

Suspiro, me virando de volta na direção do píer. Callan, do outro lado, está com o celular no ouvido, provavelmente em chamada com alguém, enquanto espera o retorno dos soldados.

Decido continuar e, pelo menos, ir até a popa para me certificar de que realmente não há ninguém aqui.

Caminho com cautela, temendo pelo ruído dos meus próprios passos, e permaneço na beirada do iate enquanto cruzo a superfície.

Aos oito anos, costumava correr por aqui de um lado ao outro, sob o sol do meio da tarde, brincando de esconde-esconde com Leonard. Nesses momentos, minha mãe estava se bronzeando perto da piscina e meu pai, quase sempre, em sua cabine, atolado em trabalho. Não foram poucas as vezes em que nos abandonou no meio do mar, voltando para o continente em um helicóptero para “resolver coisas importantes”.

Tenho certeza que todas essas coisas tinham a ver com a Ordem.

Dou uma lufada de ar quando enfim alcanço a popa. Também está vazio por aqui, e um tanto mais escuro. Me apoio na barra metálica de proteção e me inclino, olhando para baixo. O mar denso e profundo sob mim balança suavemente.

Mason dizia que ficava enjoado com o movimento das ondas, por isso estava sempre trancado no interior do barco. Eu bati incontáveis vezes na porta de sua cabine, chamando-o para ver o pôr do sol.

Ele nunca foi.

Sinto que estou tonta quando o balançar da estrutura se intensifica, como se tudo estivesse se movendo. É uma sensação familiar, que sempre me acomete quando olho pro muito tempo para baixo pela borda de um barco.

É por isso que demoro para perceber que, dessa vez, não é apenas uma sensação. O barco realmente está se movendo.

Quando estou prestes a me virar na direção da proa do iate e do píer novamente, algo me agarra por trás, me impedindo. Uma mão firme prende meu pescoço, forçando minha cabeça no sentido da água, e outra cobre minha boca.

— Procurando por mim, querida? — Soren sussurra próximo ao meu ouvido com sua voz asquerosa.

Me debato, tentando me desvencilhar em vão. Como resposta, ele arranca a máscara do meu rosto e empurra minha nuca para baixo. A adaga escapa da minha mão, mas agarro com firmeza a barra de proteção, que afunda em meu abdome, pressionando minhas costelas quando sou inclinada para fora quase até a cintura.

Grito por trás de sua mão, mas o som é reduzido a um mero ruído que nunca poderia ser ouvido das docas. Se Soren me soltasse, eu cairia. Afundaria e me afogaria nas águas congelantes do pacífico.

Da mesma forma que ele e sua Tríade quase fizeram comigo, anos atrás.

Espuma se forma na superfície do mar com a movimentação do barco conforme o iate ganha velocidade, deixando a marina e, portanto, Callan para trás. Tento não entrar em desespero, mas a náusea faz meu estômago revirar.

— Fica quietinha — ele pede, me virando para si sem tirar a mão da minha boca.

Soren está destruído, mas sua aparência parece ainda mais cruel e perversa do que o usual. Quero perguntar o que está fazendo no barco do meu pai, *da minha família*, como conseguiu a chave, mas a resposta parece bem óbvia.

Mason tentou ajudá-lo a fugir.

Cerro a mandíbula, controlando meus nervos. Preciso pensar racionalmente.

Soren está indo para algum lugar, ele não planeja me matar. Ao menos, não ainda.

— No fim das contas, vamos para a lua de mel mesmo sem o casamento, huh? — provoca, achando graça.

Sua mão grande esmaga meu maxilar, enquanto a outra acaricia meu rosto num toque repugnante que me causa ânsia de vômito.

Desvio meus olhos dos seus quando algo se move alguns metros atrás de Soren, na direção da proa do barco. Uma sombra camuflada na noite, quase impossível de decifrar com clareza, mas que acende uma fagulha de esperança dentro do meu peito.

Acho que Soren também nota, porque ele se vira bruscamente, sem me

soltar. Me mantém perto sob seu domínio, com as costas coladas contra seu peito. Uma de suas mãos ainda pressiona minha boca, lacrando-a, porém a outra puxa seu revólver do casaco de lã que cobre seu corpo magro.

Ele está eufórico e impulsivo, porque atira na direção do nada. O vulto surge novamente, cruzando nosso campo de visão bem depressa, do outro lado do barco. Soren se apressa em apontar para lá e atirar mais uma vez. O som me faz estremecer.

— Harkness! — rosna para o silêncio da noite. — Sei que está aí, porra. Saia antes que eu exploda os miolos da sua prostituta particular.

Trinco os dentes com a ameaça, mas continuo vasculhando o escuro do iate, com todas as suas luzes apagadas, à procura de Callan.

Não sei se devo rezar para ele estar aqui ou para ter permanecido no píer. Embora Callan tenha habilidades impressionantes, não quero que corra o risco. Não quero que seja tirado de mim.

Quando noto que Soren está distraído em sua procura também, lanço meu cotovelo para trás, acertando-o nas costelas. Seu aperto ao meu redor enfraquece, me dando abertura para correr. É exatamente o que tento fazer, mas antes que eu consiga dar além de um passo, meu cabelo é puxado para trás.

A dor que se espalha pela minha cabeça faz meus olhos se encherem de lágrimas. Ainda assim, tento lutar, mas outros dois tiros de advertência são disparados perigosamente próximo do meu ouvido, me paralisando.

Soren me agarra pela nuca, me puxando de volta para si. Sua paranoia o faz olhar para todos os lados, mirando seu revólver de forma errante em direção ao nada.

Vejo de soslaio a marina de Don Bordieu ficando para trás conforme adentramos ao mar aberto e meu sangue gela. O vento cortante faz minhas articulações doerem. Meu olhar vaga pela estrutura do iate, procurando uma saída.

Um som alto de algo caindo soa, ecoando pelo vazio, e nossos corpos se desequilibram quando, de súbito, o barco para de se mover. Seja lá quem estava pilotando o barco, agora já era.

Callan.

Só pode ser ele.

Soren dá mais um tiro, dessa vez na direção da cabine de controle. O projétil perfura o vidro da janela, que se se estilhaça.

— Vamos, Harkness, saia e venha me enfrentar como homem — esbraveja Deacon, seus dedos afundando na pele da minha nuca.

Outro som de porta batendo no interior do iate, e mais um tiro assustado. Soren dá um passo para trás, me levando junto com ele, e temo, por um instante,

que ele salte do barco e me arraste consigo. Ele olha para os lados, avaliando as opções, mas logo seu tempo acaba.

Assisto com os olhos vidrados quando a sombra retorna, ganhando forma e identidade. Callan surge da escuridão, caminhando com passos diretos, mas lentos, até parar a alguns metros de onde Soren e eu estamos. Sua máscara o torna inconfundível para mim e, internamente, consigo sorrir de alívio ao vê-lo.

Mas a outra parte está duplamente aterrorizada.

— Você está sozinho, Deacon, desista logo e preserve alguma dignidade — Harkness diz, sua voz soando como um relâmpago profundo, abalando toda e qualquer estrutura. Especialmente a de Soren.

Ele está morrendo de medo do meu homem.

Há uma pistola com silenciador na mão de Callan e ele o aponta direto para a cabeça de Soren. À essa altura, Deacon já estaria morto.

Se não fosse por mim.

Porra.

Um grito fica preso em minha garganta e meu corpo chacoalha quando Soren atira mais uma vez, mas agora na direção de um alvo certo. Meus olhos estão arregalados, quase saltando da órbita enquanto acompanham o trajeto da bala, que bate contra a parede da cabine, à direita de onde Callan está.

Ele errou o tiro, percebo, enfim soltando o ar numa exalada alta que prendi por desespero.

Por trás da máscara, vejo os olhos escuros de Callan se fixar no revólver na mão de Soren.

— Calibre 38? Péssima escolha — Callan observa, estalando a língua. Ele inclina a cabeça ao encarar seu inimigo com desdém. — Isso significa que o tambor já está quase vazio agora. Quanto acha que ainda tem? Uma ou duas balas? Acredita mesmo que isso é o suficiente para me impedir de acabar com você da forma mais dolorosa possível?

Soren e eu sabemos a resposta. Ele pode me ter em suas mãos, mas nunca sairá vivo desse barco. Sua única opção é saltar no mar e tentar fugir nadando, apesar de que todos aqui sabemos que será impossível.

O maldito está acabado.

Ouço o estalar de sua língua atrás de mim e sinto sua postura mudar.

— Melhor eu acertar onde é mais doloroso, então — Soren pondera e, de repente, tudo fica em câmera lenta.

Espero ouvir o som de mais um disparo e, dessa vez, assistir a cena horrível de Callan sendo atingido em alguma região vital. Mas não é o que acontece.

Outro tiro soa, mas dessa vez de forma abafada. E a adrenalina grita tão

alto em meus ouvidos, que não identifico onde atingiu. Não até sentir o sangue. Instantaneamente, sinto também a dor.

Olho para baixo, para minha mão, espalmada na minha barriga, e encontro meus dedos tingidos de escarlate. A dor faz meu cérebro tremer e meu corpo perder as forças automaticamente. Soren me solta, porque já conseguiu o que queria, e mesmo lutando para me manter firme, meu corpo tomba no chão, como se eu já não tivesse controle sobre meus movimentos.

Sinto gosto de sangue na garganta e engasgo com uma tosse alta. Não ouço o som, porque logo em seguida mais tiros são disparados. Movo a cabeça, tentando ver. A dor nubla meus pensamentos e sinto minha energia esgotando, gradativamente, mas no fundo da mente ele ainda está lá.

Callan.

Por favor, por favor, por favor.

Que ele não se machuque.

Mas, com a minha cabeça tombada contra o chão do barco, vejo que foi Soren o atingido. Não uma ou duas vezes, mas muitas. Sua roupa fica embebida em sangue quando seu tórax é perfurado repetidamente, até se tornar uma peneira. O revólver cai de sua mão e, logo depois, seu corpo inerte e sem vida, com os olhos perversos ainda abertos.

Ainda olhando para mim.

Acabou, sussurro para mim mesma. *Vai ficar tudo bem.*

Movo minha cabeça de novo, dessa vez para conseguir olhar para o céu. Está profundamente escuro, mas os astros ainda estão lá. A lua nova e todas as constelações que eu costumava ver apenas nos livros.

Passo meus olhos pelos pontos luminosos das estrelas, procurando encontrar Bash em algum lugar entre elas. Para, então, poder olhar em seus olhos e dizer que o mal enfim se foi. Que ele pode ficar em paz. Que tudo ficará bem.

Vamos nos ver em breve, maninho.

Engasgo, sentindo sangue em minha traqueia, e cogito a possibilidade dos meus pulmões terem sido perfurados.

Alguém chama meu nome.

Um rosto surge. Callan se joga no chão ao meu lado e, mesmo que as bordas da minha visão estejam escurecendo e seja difícil respirar, me esforço para manter os olhos abertos. Mesmo que seja para olhar para ele uma última vez.

Quero gravar seu rosto em minha memória para sempre.

— Vai ficar tudo bem, anjo — garante, com sua voz desesperada e seus olhos assustados de uma forma que nunca vi antes, nem mesmo quando ele me resgatou do Purgatório.

Tento assentir, mas não consigo mais me mover.

Sinto como se estivesse sendo puxada em direção à escuridão. É tão difícil me manter acordada.

Em meio à dor paralisante, sinto o toque de Callan quando ele segura minha mão. E depois, meu rosto. Quando ele beija minha testa e me abraça, me puxando contra seu peito. Quero tocá-lo de volta. Sentir a maciez de sua pele de novo. Sentir seu cheiro e o sabor do seu beijo, em vez do gosto metálico e terrível de sangue.

— Fica comigo, anjo, por favor. *Fica comigo* — implora, de uma forma que parte meu coração.

Quero tanto ficar com ele.

Quase consigo ouvir meus batimentos cardíacos desvanecendo. Sinto minha pressão cair e a névoa escura na minha visão aumentar. Abro a boca, tento chamar seu nome, tento dizer uma última vez que o amo com todo meu ser.

Mas não consigo.

E mais rápido do que eu gostaria, a escuridão vence.

56

C A L L A N

Você tem esse poder sobre mim, minha nossa
Tudo o que eu amo reside naqueles olhos
Você tem esse poder sobre mim, minha nossa
A única que eu conheço, a única em minha mente
Power Over Me – Dermot Kennedy

ENCARO O SANGUE EM MINHAS mãos de uma forma diferente do que estou acostumado. O líquido escarlate cobre minhas palmas até os pulsos e, conforme olho fixamente para o vermelho, as memórias voltam em flashes, como sombras para me aterrorizar.

Os minutos mais longos da minha vida, enquanto segurei Sloan sangrando em meus braços naquele barco, esperando pelo helicóptero que representava sua única chance de sobreviver.

Minha respiração irregular faz meu peito doer. Sinto tanto frio que é como se estivesse do lado de fora, no meio da neve. A cada vez que pisco, as imagens retornam, assim como os sentimentos palpáveis de terror e desespero. É como se estivesse preso em um pesadelo.

Os olhos de Sloan se fechando, o sangue jorrando mesmo enquanto eu pressionava minhas mãos firmes em seu abdome, tentando estancar. Sua pele empalidecendo, seu corpo ficando mole...

A sensação era de que meu coração estava parando junto com o dela.

O arrepio me embala e o pânico me possui. Respirar é difícil, sinto como se as paredes desse maldito corredor estivessem se movendo. Fechando e fechando, prestes a me esmagarem.

Me sinto com dez anos novamente.

Impotente, vulnerável... com tanto medo que eu só consegui ficar paralisado. Encarando todo aquele sangue. Me sentindo fraco, culpado, miserável.

O sangue simplesmente não vai embora. Está por toda parte.

Fecho os olhos e, por um instante, as imagens desaparecem. Mas então, vem os sons. O som do silêncio da respiração ausente de Sloan. O barulho alto do helicóptero descendo, das vozes preocupadas dos paramédicos. O som das descargas elétricas do desfibrilador. Sinto tão alto dentro de minha cabeça que

meus tímpanos parecem prestes a estourar.

Cubro os ouvidos com a mão, tentando afastá-los.

Sinto meu corpo desmoronar quando caio de joelhos no chão do corredor do hospital. Minhas estruturas parecem lânguidas.

Dói tanto. De todas as formas, por dentro e por fora. A dor toma meu corpo e é tão difícil respirar.

Medo.

Nunca senti o medo dessa forma. Ele parece se materializar, como uma sombra fria e poderosa, se apossando de mim.

— Callan — alguém me chama, mas não consigo sair da nuvem de medo que me envolve.

Você está condenado a perder todo mundo, a voz grave e maquiavélica do medo diz. *Lembra como foi com seu pai? Lembra como ele sangrou da mesma forma e você não pôde fazer nada?*

Não. Não. Não.

Ela não. Por favor. Por favor.

Imploro. Rezo. Faço promessas que nunca seria capaz de cumprir. Rogo por um milagre. Por *compaixão.*

Tudo o que Sloan fez foi sentir compaixão. Por mim, a última pessoa que mereceria isso. Ela acreditava nisso. Ela merece ser poupada. Ela merece compaixão.

Me encolho como a criança indefesa que eu costumava ser. A criança que morreu naquele dia, há dezessete anos. Não consigo chorar, porque sinto que tudo dentro de mim secou e morreu, como um campo estéril.

— Irmão! — Uma voz familiar volta a soar do lado de fora da bolha e, dessa vez, alguém chacoalha meu corpo também.

Sou forçado a abrir os olhos, a luz invade minha retina. O rosto do meu irmão entra em foco lentamente.

Roman.

Ele está aqui. Ele é real.

Roman me segura firme pelos ombros e me olha diretamente com seus grandes orbes verdes, como se conseguisse enxergar dentro de mim, através da sombra escura.

— Ela está viva — diz devagar para que eu compreenda. — Sloan sobreviveu.

Ainda estou hiperventilando.

Meus olhos se movem para o fim do corredor, onde há dois médicos ainda com suas roupas cirúrgicas. Eles me encaram com preocupação e receio.

Mais uma memória surge. Horas atrás, quando Sloan foi levada para o

bloco cirúrgico. Eu gritei com os médicos, os ameacei, possuído por uma mistura letal de raiva e medo que tomou controle sobre meu corpo. Eles não poderiam ousar deixar meu anjo morrer.

E, de alguma forma, funcionou.

Exalo o ar entre os dentes, tentando me acalmar.

Meu coração parece esmagado dentro de mim. Um órgão inútil e fraco que se mostrou incapaz de me manter vivo caso o coração de Sloan parasse de bater.

Mas não parou. Ela ainda tá viva. Ela ainda é minha.

Pisco, ainda em dúvida se é verdade ou não.

— Ela está viva, irmão — Roman repete, com otimismo brilhando em seu rosto de uma forma que nunca vi.

Merecedor ou não, tive meu milagre.

Fecho os olhos, com as mãos na cabeça, sentindo a sombra do medo recuar lentamente para longe.

Obrigado, pai.

Sei que, de alguma forma, foi ele. Ele ainda é meu super-herói.

Deixei de temer a morte quando ainda era um garoto. Quando se lida, desde muito jovem, com a face mais crua, feia e brutal da morte, ela deixa de ser um conceito abstrato e assombroso e se torna real. Se torna banal depois que você mata alguém pela primeira vez. Algo inevitável, que vai reivindicar cada ser nessa Terra, mais cedo ou mais tarde.

Tirei vidas como se não fossem nada. Por muito tempo, para mim, realmente não eram. Nem mesmo quando meu tio morreu, minha última família de sangue, eu não senti, não me importei. Passei por cima do seu cadáver como se fosse parte da maldita mobília.

Quase morri diversas vezes. Flertei com a morte em um jogo perigoso e caminhei pela linha tênue que a separa da vida. Depois de tudo, permaneci invicto e inabalável.

Nunca pensei que a morte fosse capaz de me assustar, mas ver minha Sloan, *meu anjo,* lutar pela vida me faz perceber o quão vulnerável eu sou. Faria qualquer coisa para salvá-la, para arrancar toda a dor e agonia de seu corpo. Trocaria nossas posições em um piscar de olhos, se pudesse.

Pensei que ela tinha morrido. Foi a porra do pior momento da minha vida. Teria derrubado aquele helicóptero com minhas próprias mãos se os paramédicos não tivessem conseguido ressuscitá-la. Teria invadido o bloco cirúrgico e esmagado os crânios de cada médico naquela sala que ousou deixar o coração do meu anjo parar de bater.

Neste momento, ela está na UTI particular na cobertura do hospital, após a cirurgia que durou horas demais para minha sanidade. Cada vez em que os médicos entram e saem de seu quarto agora, meu coração aperta, meu estômago revira, minha mente se retrai em dúvidas e medo.

Ainda sinto a sombra da morte pairando sobre seu quarto. À espreita, esperando.

E custa tudo de mim ter que esperar também.

Encaro de forma apreensiva a tela digital com seus batimentos cardíacos como se minha própria vida dependesse disso. Seu rosto está pálido e cinzento. Seus olhos estão fechados, os longos cílios ruivos repousando contra suas bochechas sem cor. Sloan mal parece viva e se não fossem pelos malditos aparelhos que comprovam isso, eu já teria perdido a razão.

Ela está entubada, com acessos venosos em suas mãos. Por fora, está inteira. Por dentro, contudo...

Não ouvi com clareza quando o médico explicou sua situação. Estava transtornado demais para prestar atenção em qualquer coisa, andando de um lado para o outro naquele corredor gelado. A única parte que me lembro é de quando ele disse que Sloan teve sorte da bala não ter atingido sua coluna ou medula, mas que estava com hemorragia interna.

Sloan está viva e se recuperando, mas a cada segundo em que ela permanece desacordada é a porra de uma tortura.

Estou há mais de vinte e seis horas aqui, acordado e totalmente desperto. Roman já tentou me fazer ir para casa ao menos tomar um banho e descansar um pouco, mas não sairei daqui. Ninguém vai conseguir me tirar daqui.

Quando ela acordar, estarei bem ao seu lado.

Estendo minha mão para tocar a sua, ansiando sentir a textura macia de sua pele, mas noto, de soslaio, algo se mover do outro lado da janela. As persianas estão abertas e me pergunto quem foi que as abriu.

De qualquer forma, isso não importa agora. Porque do lado externo, olhando através do vidro, está Mason Kestrel.

Travo a mandíbula, a raiva retornando com tudo, e nem penso duas vezes antes de saltar da poltrona e sair do quarto. Vou para cima de Mason, movido pelos meus instintos mais selvagens e irracionais.

Com uma das mãos o segurando pela garganta contra a parede cinzenta do corredor do último andar do hospital, encaro os olhos do homem que roubou uma parte da minha vida. O monstro da minha infância.

O vi diversas vezes antes e precisei me controlar. Não foi difícil, pois a paciência é uma das virtudes ensinadas aos iniciandos na Sociedade. Mas agora, talvez porque meus pensamentos e sentimentos estão tumultuados, não consigo

pensar ou agir de forma lógica.

— Callan, me escute — pede o homem, engasgando com a pressão que forço em sua traqueia.

— Eu deveria te matar bem aqui e agora — rosno.

— Estamos aqui por Sloan — argumenta com dificuldade. Ele bate em meus ombros, tentando se libertar, mas não pode escapar. Não de mim. — Tem que deixar o passado para trás.

Uma risada terrível de escárnio me escapa.

O desgraçado que *assassinou* meus pais está mesmo me dizendo para *superar*?

— Você causou isso. — Bato seu corpo velho e inútil contra a parede. Com o canto do olho, percebo as enfermeiras assistirem tudo embasbacadas, mas elas não ousam falar ou fazer nada. Não ousam me contestar. Sabem muito bem o que eu sou. E, como deveria, elas têm medo de um Corvo.— Causou isso à sua filha quando ajudou aquele verme a escapar no seu maldito barco.

Ninguém mais poderia ter dado acesso ao iate de Kestrel além de Mason. E seus olhos se enchem de culpa agora, delatando a si próprio.

— Eu não...

— Você não merece respirar o mesmo ar que ela.

Seria tão fácil deixá-lo sufocar. Se eu apenas fizesse um pouco mais de pressão em sua garganta, cortando totalmente a passagem de ar... Ou, talvez, eu deva ser prático e quebrar seu pescoço logo.

Minha vingança, enfim, estaria consolidada.

Não da forma que planejei. Mason só sentiria o que eu senti se eu tirasse dele a pessoa mais importante de sua vida. A coisa que ele mais ama. Foi o que eu meticulosamente elaborei durante todos esses aos. Contudo, por uma trapaça desgraçada do destino, sua filha também se tornou a coisa que eu mais amo.

Matá-la seria como arrancar uma parte vital de mim. Nunca acreditei que alguém como eu pudesse ter uma alma, mas, se eu tiver, pertence a Sloan.

— Acha que ela te perdoaria se me matasse? — questiona Mason, com sua voz esganiçada enquanto luta para respirar.

Pressiono minha mão com mais força, impedindo sua respiração por completo.

Assisto-o ficar roxo e sacudir os pés no ar. Só sinto satisfação e um anseio profundo ao pensar em ir até o final. Em livrar esse mundo de mais um desperdício de oxigênio. Poderei, enfim, cumprir a promessa ao meu pai.

Mas o bastardo está certo.

Sloan pode odiá-lo, mas o maldito ainda é o pai dela. E ela já perdeu família demais. Não posso ser o responsável por causar-lhe mais dor e desalento.

Não suportaria vê-la me odiar novamente.

Quando Kestrel está quase desfalecendo, o solto. Ele cai no chão, as mãos tocando o pescoço enquanto ele busca por ar desesperadamente.

— Sinta-se sortudo, será condenado ao exílio por sua participação na guerra. Nunca mais você poderá retornar a esta cidade ou ter qualquer tipo de contato com as pessoas que conhece aqui.

Mason tosse, guinchando feito um porco.

— Não pode fazer isso — protesta com a voz rouca.

— Se você tentar contornar essa ordem ou voltar para Millsdale, vou garantir que sua vida se torne um inferno. Tenha isso em mente.

Seus olhos se enchem de água e ele balança a cabeça.

— E quanto à Sloan?

— Vou cuidar dela. Ela estará bem melhor longe de você — digo, dando de ombros. — Mas, se você tentar fazer qualquer mal a ela novamente, eu vou encontrá-lo onde quer que esteja, e aí sim, nada poderá me impedir de torturá-lo de uma forma que você vai implorar pela morte.

Consigo fantasiar exatamente como fazer isso. Quais partes suas tirar para que ele grite, chore e suplique. Até que eu o reduza a pó.

Mason pisca, rendido e acabado. Seu olhar desvia para a janela do quarto de Sloan, com mágoa e rancor em seus traços.

— Nunca faria nada para machucá-la.

— Mas foi exatamente o que fez. E agora você só está vivo ainda por causa de Sloan, então vá embora antes que eu mude de ideia.

— Não tenho escolha, não é?

— Você tem vinte e quatro horas para deixar Millsdale. Depois disso, qualquer tentativa de voltar será considerada uma ameaça e será tratada como tal. — Parte de mim vai ficar torcendo para que isso aconteça e eu possa ter o prazer de destruí-lo de uma vez. Não vai ser difícil vigiá-lo. Não há onde ele possa se esconder de mim. E ficarei esperando qualquer mínimo deslize seu. — E lembre-se, eu estarei sempre de olho em você. Sempre.

Me viro para voltar para o quarto de Sloan. Mas antes que eu vá, deixando a figura patética de Mason Kestrel para trás, seus soluços baixos atraem minha atenção de volta. Lanço meu olhar sobre ele e mal consigo reconhecer o homem que assombrou meus sonhos, transformando-os em pesadelos, por anos quando era um garoto.

Ele está curvado sobre o próprio corpo no chão, chorando copiosamente como se tivesse acabado de descobrir que sua vida está arruinada.

Não tem nada a ver com o homem poderoso e letal que foi um dia.

Suspiro, me agachando para aproximar nossas alturas.

— Sinto pena de você, Mason. É um covarde que não tem nada além da própria vida. Seu enteado está morto, sua filha te odeia e aposto que sua esposa não suporta nem mesmo te olhar. Minha vingança está feita. — Inclino a cabeça, observando-o. — Eu tenho tudo e você não tem nada. Viver assim será um castigo muito pior do que a morte para você.

Em seguida, me levanto e, enfim, o deixo para trás, assim como os resquícios da Ordem dos Grifos. Não é o sabor de vitória com o qual estou acostumado. Parece-me mais um sacrifício. Ainda assim, no momento em caminho de volta para o quarto e encontro a garota deitada no leito, esqueço todo o resto.

Ela é meu verdadeiro triunfo.

E, quando me sento na poltrona ao seu lado, tocando sua mão como queria, suas pálpebras se mexem. Prendo a respiração, ansioso, meus músculos se retesam.

Me inclino na sua direção, desesperado para sentir seu cheiro e ouvir o som da sua voz.

Quando seus olhos se abrem, grandes e azuis, olhando diretamente para mim, exalo alto com alívio. O reconhecimento surge com um brilho em suas pupilas e seus dedos apertam os meus de volta.

Sorrio, embora mal consiga acreditar no que estou vendo.

Sloan está acordada. Mais do que isso, ela está viva. E, pelo resto da minha vida, isso é a única coisa que vai importar mais do que tudo. O resto não valeria nada sem ela.

Por sorte, não vou precisar descobrir como seria.

57

S L O A N

Mas quando estou perto de você, sinto chamas
Eu toco o fogo, eu me queimo
Eu sinto essa pressa debaixo dos meus pés, é como se eu estivesse caindo
Isso é amor?
Flames – Tedy

No meu último dia no hospital, já estou quase enlouquecendo de tanto tédio. Ainda sinto dores de vez em quando, mas os analgésicos controlam bem. Estou ansiando para colocar os pés fora daqui. O cheiro hospitalar me deixa com náuseas e nunca consigo me livrar do gosto de remédio impregnado em minha língua.

Os médicos disseram que morri por alguns segundos e fui trazida de volta depois. Dessa vez, realmente pareceu que a morte tinha vindo me buscar. E, surpreendentemente, não estava preparada como pensei.

Imaginei que sentiria alívio. Ou, ao menos, alguma paz. Que veria a luz da qual tanto falam e que seria tranquilo. Mas eu não quero morrer. Nunca quis, não de verdade.

Há muito que eu ainda preciso fazer, que preciso viver.

Senti medo, mas não foi nada comparado ao que Callan sentiu. Encontrei um alívio estarrecedor em seu rosto quando o vi pela primeira vez depois de acordar. Seus olhos estavam suplicantes. Ele parecia acabado. Cabelos desgrenhados, barba por fazer e olheiras cinzentas e profundas dominando seu rosto. Não senti nada nas horas em que permaneci desacordada, mas, em compensação, Callan saboreou o verdadeiro desespero.

Já faz dias e ele ainda não dorme, mas, de alguma forma, isso não o afeta. Acho que está acostumado a viver as noites intensamente.

De qualquer forma, enfim todo esse pesadelo acabou.

Em breve deverei retornar para retirar os pontos e passar por uma nova avaliação, mas não será nada que eu não possa lidar.

Não passei quase nenhum tempo sozinha nesses últimos dias, o que foi bom. Astor e Jocelyn se revezaram para ficar de olho em mim. Meu pai já deve estar longe, à essa altura, e tenho sentimentos mistos quanto a isso. Ele nunca poderia ficar e, sinceramente, é melhor para todos que fique bem longe, mas,

ainda assim, algo se remói dentro de mim.

Talvez seja a parte que ainda não aceita o fato de que nunca vou ter uma relação com ele.

Porém, Callan não o matou, mesmo desejando muito. Sei que fez isso por mim, embora não tenha dito nada. Ele também está sempre por perto, sendo superprotetor e assegurando que não vou simplesmente ter uma morte súbita a qualquer instante.

Ele ficou durante todas as noites. Passou cada uma delas na poltrona ao meu lado, após ler para mim por algumas horas. Na maior parte do tempo, não prestei atenção em nenhuma palavra que ele recitava em voz alta, apenas ficava em silêncio o observando e admirando secretamente.

Devoção.

Acho que foi só depois de Callan que conheci o verdadeiro significado dessa palavra.

Coloco a última peça de roupa e fecho a mala, pronta para me despedir desse quarto cinzento e sem vida e dar o fora daqui o mais rápido possível. Porém, quando levanto o rosto para olhar na direção de Callan, do lado de fora através da janela do corredor, vejo que ele não está mais me esperando sozinho.

Na verdade, ele parece estar tendo uma discussão acalorada com um homem alguns centímetros mais baixo que ele. Cabelos castanhos, terno azul bem cortado, segurando uma pasta nas mãos.

O vidro é bem espesso, então mal consigo escutá-los. E, por um instante, não consigo ver quem é o outro homem. Não até que ele vire a cabeça para mim.

James.

Uma respiração fica entalada na minha garganta.

O que ele está fazendo aqui?

Callan me atualizou com tudo a respeito do fim da guerra entre os Grifos e os Corvos. A D.E., empresa que antes pertencia a Soren, está mudando de nome, uma vez que o nome Deacon foi jogado na lama com a exposição de seus negócios criminosos. Toda a rede da Ordem foi destruída. Ao menos, é o que acreditamos.

Callan e a Atlas não conseguiram encontrar todos os possíveis associados da Ordem. Aparentemente, a maior parte dos registros digitais a respeito dos Grifos foram destruídos após a invasão da mansão Deacon na noite da Caçada. Não sabemos por quem, mas é provável que tenha sido Soren se precavendo.

Se há algum registro físico em algum lugar, alguma fortaleza secreta dos Grifos, da mesma forma que existe Hollowmore para os Corvos, não sabemos. Ninguém nunca me contou. Mas os Grifos conhecidos estão mortos.

Ainda assim, algo me diz que não acabou.

Meu corpo enrijece de tensão quando a porta do meu quarto é aberta e James é empurrado para dentro por Callan. Leonard o acompanha.

Ergo as sobrancelhas, surpresa de ver o meu antigo guarda-costas. Pensei que ele houvesse fugido após o desastre do casamento em St. Marcus. Era a possibilidade mais provável, já que Callan e os Corvos não tinham o encontrado nos últimos dias.

— Leonard. — Aceno com a cabeça para ele, cumprimentando-o.

— Fico feliz em ver que está bem, senhorita Kestrel.

Seu olhar é sincero e tranquilo e consigo retribuir o sorriso.

— E você? — Me viro para James, medindo-o dos pés à cabeça. Ele parece mais do que bem. Está melhor do que nunca. — O que faz aqui?

— Temos que conversar — diz com seriedade, segurando com mais força a pasta em suas mãos. — Sem o seu cão de guarda.

James faz uma careta, maneando a cabeça na direção de Callan.

— É melhor não me provocar, Corrighan — rosna ele, a raiva inflamada na expressão colérica em seu rosto. — Seu pescoço só está inteiro ainda por um triz.

James apenas ignora com um revirar de olhos.

— É importante, Sloan. *Por favor.*

Suspiro, alternando meu olhar entre os três homens. Cruzo os braços e pondero.

Ver meu ex-namorado ainda é tão indigesto quanto das últimas vezes. Mesmo assim, a curiosidade começa a me alarmar.

Tem algo a ver com a Ordem. Só pode ser.

Aceno para Callan, transmitindo em meu olhar que está tudo bem. Contrariado, ele engole em seco. É óbvio que não gosta disso e tenho certeza de que desejaria poder matar James neste exato momento.

Em silêncio, com meus olhos, peço para que confie em mim. E acho que nossa ligação é forte o bastante para que ele compreenda, lendo meus pensamentos com a mesma facilidade de sempre.

Callan assente e deixa o quarto a contragosto, mas fica do outro lado da porta. Consigo vê-lo pela janela, sempre por perto, e isso me conforta e me dá confiança.

— Você tem três minutos — determino a James, mantendo o máximo de espaço possível entre nós.

Só de pensar que, por causa da última vez em que conversamos, fui mandada ao Purgatório, sinto meus nervos aflorarem. Ainda é difícil acreditar que os Corvos perdoaram os crimes que cometi contra a Sociedade, mas presumo que eles farão qualquer coisa que Callan ordenar.

Especialmente depois dos últimos acontecimentos. Ele me contou que os St. Clair foram excomungados e mandados para o Canadá. Se os outros não o temiam profundamente antes, com certeza o fazem agora.

— As coisas não saíram como planejado, mas ainda estamos aqui. — Inicia James, em tom solene. — Você é esperta, não acredito que pensou realmente que a Ordem estava extinta.

Estreito meus olhos ao fitá-lo.

— Do que está falando?

— A Ordem tem mais de um século de existência e pode ter se iniciado e perpetuado por causa dos Deacon, mas nunca se resumiu a essa linhagem apenas — conta com tranquilidade. — Temos colaboradores e negócios secretos ao redor do mundo que Soren sequer fazia ideia.

— Mas ele era o líder.

— O próprio pai de Soren nunca confiou nele. Não de verdade. William e o meu pai mantiveram alguns segredos muito bem guardados. Eu nem sabia disso quando fui embora. Passei um tempo em Nova Iorque, onde estão nossos maiores investidores-fantasma e também a antiga Biblioteca da Ordem.

— Biblioteca?

— Onde estão guardados todos os arquivos originais. Wiliam os atualizou antes de morrer, porque sabia que seu filho estava prestes a dar um golpe. Leonard enviou para lá tudo o que sobrou de nossos negócios aqui. Desde então, nos mantivemos trabalhando com os recursos que sobraram para nos reerguer.

— Por isso os Corvos não encontram nada — reflito baixinho. — O que isso significa, no fim das contas? Que a Ordem não morreu?

— A Ordem está mais viva do que nunca. Possuímos transações clandestinas e impossíveis de rastrear por todo o mundo. O negócio de absinto de Soren era apenas um entre muitos. Não precisamos disso, porque não precisamos permanecer apenas em Millsdale. Temos contatos nos governos de Chicago, Detroit e Nova Iorque. O contrabando de materiais valiosos foi um dos nossos negócios que permaneceram adormecidos durante a gestão de Soren. Mas agora, sem Soren no nosso caminho, destruindo tudo o que construímos, podemos voltar a prosperar.

— Por que está me contando isso? — indago, sem compreender. — Sabe da minha ligação com os Corvos.

— Por sua causa, Soren foi destruído, como desejávamos. Achei que merecia o benefício do poder de escolha dessa vez. Não te dei essa oportunidade com frequência antes. — A lembrança arde e preciso afastá-las antes de continuar. — Quer você queira ou não, isso ainda tem a ver com você. Talvez

não possua o que é necessário para liderar a Ordem ainda, mas, no futuro, com estudo e preparação, tudo isso pode ser seu. E quer isso, não quer? — Ele semicerra os cílios castanhos, um sorriso arrogante surgindo no canto de sua boca. — Seu próprio legado. Você é uma peça mais útil do nosso lado do que contra nós. Mas como você iria administrar tudo isso com seu *namorado* Corvo, é um problema seu.

Os Corvos e os Grifos, uma vez inimigos mortais fadados à destruição mútua. Agora, os tenho muito mais perto do que sequer poderia imaginar um dia. Ambos representam minha verdadeira herança, meu *legado*.

Legado este que um dia pertenceu à minha mãe.

Não posso rejeitar isso. Preciso reivindicar. Por ela e por mim. Por Bash e por Ava. Por tudo o que perdemos. E certamente não será fácil, Callan já demonstrou antes que não tem interesse em conviver em harmonia com seus inimigos de sangue.

Apesar de tudo, isso ainda pode mudar, assim como todo o resto mudou. Passamos por muito, enfrentamos o inferno, e ainda sobrevivemos. Permanecemos de pé e mais fortes do que antes.

Permanecemos no topo do mundo.

Por que me contentar com pouco sendo que posso ter tudo?

Lidarei com Callan e os Corvos. Faremos isso juntos. Passamos muito tempo disputando um contra o outro em uma guerra que transcendia a mera rivalidade entre a Ordem e a Sociedade. O que poderíamos alcançar se, em vez de lutar um contra o outro, lutássemos um ao lado do outro, em prol de um único objetivo?

A ambição que permaneceu adormecida em mim por todo esse tempo, agora brilha, mais viva e intensa do que nunca. Acho que agora entendo o que Callan sente. Não apenas a sede de poder, mas o *dever.*

Como se isso estivesse intrínseco a mim, atrelado ao meu instinto. Como se fosse meu destino, algo inevitável.

E o sinto chamar por mim. *Clamar.*

Porque se eu tiver isso, então nada nunca mais poderá me atingir. Nada me fará sofrer novamente. Poderei enfim garantir que nada nunca mais será tomado de mim, tirado de forma covarde e vil.

E, assim, ergo a cabeça, decidida.

— Quero todos os arquivos secretos. Preciso saber de tudo. Quero o fim do clube de Caça e, dependendo do conteúdo dos nossos outros negócios, vou optar pelo fim deles também. Você permanecerá em Nova Iorque — exijo, determinada. Se vou fazer isso, não me curvarei a nenhuma decisão além da minha própria. — Não o quero por perto. Leonard pode me guiar.

Nunca vou perdoar James pela traição, pela forma como me assistiu me tornar noiva de seu melhor amigo à força. Toda a manipulação, chantagem, medo.

Ele deveria ter me protegido, da mesma forma que meu pai deveria.

Me protegido da forma como Callan o faz, indo, muitas vezes, contra sua própria irmandade. *Por mim.*

Isso é amor e devoção. E nunca aceitarei nada menos do que isso.

— Então você aceita? — pergunta, esperançoso.

— Muito será discutido, planejado e alterado — aviso, já adiantando o que está por vir. — Mas, por ora, sim. Vamos reconstruir a Ordem.



Acordo com os beijos calorosos de Callan. Ele me cerca com seu toque, me puxando para perto de seu corpo, e eu cedo com satisfação. Nos enrolamos um no outro naturalmente.

Estamos em seu quarto há três dias, ignorando nossos deveres e o mundo externo do outro lado dessa fortaleza. Viver sob a luz de velas, descobrindo cada forma específica com que Callan pode me dar prazer, é como estar no paraíso. Estou postergando o momento em que deixarei a mansão Harkness e voltarei para minha própria casa.

Eu ficaria aqui para sempre.

— Preguiça é um dos pecados capitais. Será que devo puni-la por isso também?

Descobri que amo as punições de Callan. Mais do que isso, planejo quebrar suas regras propositalmente de vez em quando, apenas para que ele me puna da forma que achar melhor. E estes momentos quase sempre envolvem nós dois nus.

Nas últimas setenta e duas horas, exploramos de todas as maneiras possíveis a zona cinzenta que existe entre foder como animais e fazer amor como bons amantes. A cada minuto que passa, fico mais apaixonada e entregue.

Nunca me vi dessa forma, mas também descobri que gosto dessa parte mais vulnerável de mim.

— Por favor, sim.

— Bela tentativa, anjo. Se você morasse comigo, não precisaríamos passar por isso.

Ele se refere ao momento em que precisaremos levantar, sair dessa cama e enfrentar o mundo sombrio que nos aguarda lá fora. Temos nossos deveres e

responsabilidades além da nossa relação. E isso envolve não estar juntos cem por cento do tempo.

Mas desde que começamos a adiar esse momento, Callan tem tentado me convencer a me mudar para cá. Admito que quero muito, mas também preciso pensar com meu lado racional.

E ele me diz que eu deveria me manter em meu próprio espaço por enquanto. Ainda é cedo demais para ficar tão à mercê de Callan Harkness. O lado irracional, contudo, me mostra que não há como eu me entregar ainda mais do que já fiz. Nunca foi uma escolha. Sempre fui de Callan. Já era dele antes mesmo de nos conhecermos. Nada sobre nós dois é racional ou lógico, então não há motivo para tentar ser agora.

Porra, quero muito morar com ele.

— Você gosta de gatos, por acaso?

— Que tipo de pergunta é essa?

— Tenho um gato chamado Perseu. Deve saber disso, já que instalou câmeras no meu quarto do alojamento estudantil.

— Preciso vigiar o que é meu — diz, presunçoso. — E posso conviver com um felino, desde que eu possa dormir com a dona dele. E fazer outras coisas com ela também.

Um sorriso travesso e cheio de malícia surge em seus lábios rosados.

— Então podemos chegar a um acordo. Mas tenho uma condição.

— Você e seus acordos. — Callan revira os olhos, apoiando-se em seus cotovelos. — Diga de uma vez.

— Mais um dia — peço, buscando seu olhar. — Não sei se já estou pronta para enfrentar o que nos aguarda lá fora.

— Não podemos fugir para sempre, anjo.

Suspiro, me sentindo mole e cansada só de pensar em tudo o que temos que enfrentar. Em toda luta que ainda nos aguarda.

— Eu sei, só quero mais um dia com você.

Callan anui, se inclinando para depositar um beijo terno em minha testa.

— Então é o que você terá — promete. Ele afasta uma mecha do meu cabelo, colocando-o atrás da orelha, e, com o polegar, levanta meu queixo para olhar fundo em meus olhos. — Mas sabe que vamos enfrentar e dominar qualquer coisa lá fora, não sabe?

— Eu sei. — Nada é páreo para desafiar nós dois. Confio nisso com a minha vida. Mas é bom ter um refúgio. Sinto que não tenho algo assim há muito, muito tempo. — Bem, então além de me vigiar, comandar a Atlas e os Corvos e matar seus alvos, o que você faz no seu tempo livre? No dia-a-dia.

Callan para pra pensar um pouco e eu fico satisfeita em poder continuar

observando-o.

Às vezes me perco nos traços de seu rosto perfeito e nos contornos do seu corpo. Quero conhecer cada pedaço desse homem. Por dentro e por fora.

— Bem, eu me exercito — responde, após um par de segundos. — E leio.

— É claro. — Sorrio. — Isso eu já sabia.

O quarto de Callan é extraordinário. Nunca estive aqui antes, no lugar onde ele passa a maior parte de suas noites. É bem diferente do seu dormitório em Hollowmore. Aqui é mais adulto, mais sóbrio. É todo em tons escuros de preto e cinza, o que tem tudo a ver com o estilo de Callan.

E há muitos livros na estante perto da escrivaninha. É bom ver que algumas coisas nunca mudam.

— E também cozinho — acrescenta.

Isso me surpreende. Ergo as sobrancelhas, incrédula.

— É mesmo?

— Sou um homem de muitos talentos — se gaba, num sussurro sedutor.

Callan desce sua mão até meu colo. Baixando o olhar para acompanhar o caminho de seu dedo conforme desliza pela minha pele. Passando da minha clavícula para o espaço entre meus seios.

Pigarreio, me desconcentrando da nossa conversa. Callan tem essa habilidade.

— Acho que deveria cozinhar para mim então — peço, cedendo à imagem desse homem grande e perigoso seminu cozinhando para mim.

— Você é uma mulher exigente.

— Está com medo que eu não goste de sua comida?

— Isso é impossível, meu anjo. — De novo, aquele tom arrogante e irritante típico de Harkness. — Diga qualquer coisa e eu farei.

— *Hm*. — Passo algum tempo pensando. Há tantas opções. De repente, lembro de algo. — Comida tailandesa.

— Boa escolha.

Me viro sobre o colchão para ficar de bruços. Os lençóis envolvem meu corpo nu, me aquecendo além do contato com a pele quente de Callan. A cabeça dele se inclina, seus olhos se mantendo sempre atentos em meu rosto.

— Minha mãe não sabia cozinhar — revelo, desviando o olhar para a cabeceira da cama. — Tínhamos vários empregados, mas, quando ela queria um momento em família, apenas nós, ela pedia comida tailandesa. Era a favorita dela.

Theresa sempre foi cheia de vida. Ela nunca parava, estava sempre tramando alguma coisa. Tinha picos de criatividade que duravam dias inteiros.

Ela gostava de experimentar coisas novas e diferentes, conhecer culturas distantes.

Comida tailandesa sempre fez parte da minha infância por causa dela. A mistura de sabores e temperos a fascinava.

Callan deposita um beijo em meu ombro que diz muito mais do que palavras poderiam.

— Comida tailandesa, então.

Ele desliza pela cama, se levantando, e acompanho seus movimentos com meu olhar. Não quero perder nada.

Callan veste a cueca e uma calça que estava largada pelo chão. Analiso a forma como os músculos de suas costas se contraem durante o processo. Ele pisca para mim, prestes a atravessar o quarto em direção à porta, mas o som do toque de um celular o interrompe.

Ele encontra o aparelho e rapidamente o atende, colocando-o no vivo a voz.

Franzo as sobrancelhas, me levantando também.

— *Harkness* — Uma voz grave e rouca soa do outro lado da linha. Não a reconheço de imediato, mas Callan sim.

— Drago.

— *Então esse era o seu plano?* — questiona quem suponho ser Mikhail Drago. — *Mandar atacar minha residência em Verszlov para me atrair de volta para a Rússia?*

— Você será mais útil lá do que aqui.

Callan levanta a cabeça, olhando através da grande janela em seu quarto. Seu corpo se retesa quando vê algo através do vidro.

Salto da cama logo em seguida, indo até ele.

A janela oferece a visão privilegiada dos jardins no fundo da propriedade Harkness. O gramado coberto de neve, as árvores secas e cinzentas...

E um homem parado no fundo. Ele se destaca em meio à imensidão branca e gelada, com suas roupas de inverno, segurando o celular na orelha.

Mikhail Drago, bem aqui. Sozinho, mas ainda ameaçador. Nos observa pela janela, ao longe, como se estivesse enviando um aviso explícito.

Me causa arrepios.

— *Sempre serei um Corvo. Nunca vai poder tirar isso de mim.*

— Eu sei — Callan responde.

Ele precisa reivindicar a Sociedade por completo, e nunca poderia fazer isso com a presença do presidente dos Patronos. Mikhail não confia em nenhum de nós dois e sempre seria uma ameaça.

Imagino que não tenha sido fácil para Callan conseguir governar sob os

olhares afiados do Conselho.

— *Em breve haverá um Conclave para a escolha de um novo presidente do Conselho. Presumo que indicará sua amiga Queen.*

Um sabor agridoce me toma quando penso em Octavia Queen, a mulher que me sequestrou e me levou para o lugar onde eu enfrentaria meus piores medos. Para viver um pesadelo.

— Meus planos a partir de agora não são mais da sua conta. — O tom de Callan é firme e cortante, determinado a encerrar essa conversa sem sentido.

De longe, não consigo ver com precisão o rosto de Mikhail, mas sei que sua expressão é afiada e seus olhos, venenosos. Aposto que me culpa por seduzir a mente do herdeiro Corvo. Tenho certeza de que se arrepende por não ter me matado com as próprias mãos.

Por um instante, a chamada fica em silêncio e penso que Drago desligou. Mas ele continua lá, parado na neve, e logo sua voz ardilosa volta a soar.

— *Você é igualzinho ao seu pai.*

O asco é evidente em suas palavras. Percebo Callan cerrar a mandíbula, fuzilando o Patrono com um olhar mortal através do vidro.

— Sei que não foi um elogio.

— *Edward também era arrogante. Acabou obtendo o fim que procurava. Se não tomar cuidado, terá o mesmo destino.*

— Boa viagem para a Rússia, Mikhail.

Callan encerra a chamada e agradeço por isso. Mikhail não parece ser alguém fácil de lidar, para dizer o mínimo. Muito mais do que frio e intolerante, ele parece beirar à crueldade. Definitivamente, alguém capaz de coisas terríveis.

Não sei muito a respeito da história da Sociedade dos Corvos ainda, mas isso é algo que pretendo mudar. Quero saber tudo a respeito da irmandade na qual minha mãe nasceu e foi criada. E, também, as respeito das linhagens remanescentes.

Os legados.

— Ele vai se vingar? — pergunto temerosa, assistindo, ao lado de Callan, Mikhail se virar e se distanciar, sumindo na floresta.

— Acredito que não — responde, convicto. — Mikhail é uma serpente astuta e traiçoeira, mas ele fará de tudo para que sua família e sua máfia não percam poder e prestígio. No fim, escolherá o melhor para a Sociedade, ou então teria insistido em uma guerra contra mim e se recusado a voltar para Verszlov. Além do mais, ele sabe que eu sou o melhor, mesmo que seja orgulhoso demais para admitir.

Assinto, me virando para Callan. Ele está tenso, mesmo que todo o conflito tenha acabo e as coisas tenham se resolvido. Seus olhos permanecem

perdidos na paisagem pela janela.

Queria tanto poder ler seus pensamentos.

— Callan? — chamo, tocando seu ombro rígido.

— *Hm?*

— A guerra realmente acabou?

Seu rosto enfim se vira na direção, nossos olhares se encontrando. Seu rosto, porém, está enigmático, sem a suavidade ou tranquilidade de quando estávamos na cama, minutos atrás.

— Quer saber se vou continuar tentando destruir os Grifos? — pergunta em troca. Não respondo verbalmente, mas não precisa. Ele sabe. — Bem, cada um envolvido no massacre dos Corvos, anos atrás, está morto. Ainda assim, os valores, os ideais e os negócios dos Grifos se opõe aos meus.

— Mas não precisam — argumento, subindo minhas mãos pelo seu corpo até alcançarem seu rosto. Acaricio sua pele lisa, atraio sua total atenção. — Não se governarmos juntos. Propôs isso uma vez, lembra? Somos um só, no fim das contas, Callan. A Ordem e a Sociedade podem não ser semelhantes, mas ambas são nossas. Não será mais como antes. Podemos transformar em algo mais.

Observo o efeito que isso causa nele. Como minha voz e meu toque o envolvem, como ele se inclina na minha direção. Seu braço enlaça minha cintura, me trazendo para tão perto quanto o possível.

— Como...? — instiga ele.

Meu sorriso aumenta, a ambição retornando mais poderosa do que nunca.

— Um Império.

Ele sorri com o canto da boca e vejo a chama retornar ao seus olhos, me dizendo que está mais do que seduzido por essa ideia. Callan sabe tanto quanto eu que, juntos, podemos conquistar qualquer coisa.

O mundo inteiro, para começar.

EPÍLOGO

S L O A N

Futuro

Em todas as suas fantasias, você sempre soube
O homem e o mistério
Eram ambos você
E nesse labirinto onde a noite é cega
O Fantasma da Ópera está aqui
Dentro da sua mente
The Phantom Of the Opera

GIRO ENTRE OS DEDOS a peça branca da rainha de vidro do conjunto de xadrez que ganhei do meu marido. O tabuleiro, com detalhes em ouro puro, e cada peça foram produzidos de forma artesanal, esculpidos exclusivamente para mim. Provavelmente deve valer mais do que este hotel em que estou hospedada no momento.

Enquanto participo de uma reunião virtual, ouvindo o que meus conselheiros e colegas da Ordem dizem, me atualizando sobre tudo o que aconteceu em Millsdale nas últimas duas semanas, minha mente vaga até o paradeiro desconhecido de Callan Harkness.

Ele sumiu. Esta manhã acordei com um bilhete sobre seu travesseiro e um espaço vazio e frio ao meu lado na cama. Em sua caligrafia rebuscada, Callan me informou que precisou sair para resolver negócios e que talvez passasse o dia fora.

A combinação desses detalhes me deixou furiosa.

Quem diabos desaparece no meio da própria lua de mel?

Estamos viajando pela Europa e chegamos à Milão há apenas três dias. O cretino deveria estar aqui. Seu sumiço não é normal, mas não estou preocupada. Ao menos, não com sua segurança. Harkness sabe se cuidar bem.

O problema é que minha sede por controle quer descobrir onde ele está e o que está fazendo, porque suspeito de que está planejando alguma coisa. Faz parte do nosso jogo de deixar um ao outro malucos.

E estamos nessa há cinco anos. É excitante e enervante, empolgante e insano, tudo ao mesmo tempo. Desde que os Grifos e os Corvos se tornaram parceiros não muito amigáveis, Callan e eu aprendemos a trabalhar juntos. Não foi difícil, no fim das contas. Somos um só e pensamos de forma parecida.

E somos implacáveis quando nos juntamos em prol de um mesmo objetivo.

Mas, durante uma parte do tempo, mantemos acesa a chama da disputa entre nós. Jogos, provocações, tramas e armadilhas fazem parte da nossa vida juntos. E é quase tão impressionante quanto nossa parceria.

Uma competitividade que pode não ser saudável para a maioria das pessoas, mas que funciona muito bem para Callan e eu. E, à essa altura, depois de tantos anos, já aceitei o fato de que nunca vou ser como o resto das pessoas. Passei boa parte da minha vida tentando esconder a versão distorcida e intensa que habita dentro de mim.

Mas agora não preciso mais. Callan conhece meu lado sombrio e o aceita. Mais do que isso, meu marido o venera. E isso é boa parte do motivo pelo qual o amo desesperadamente.

Um sorriso surge instintivamente em meu rosto quando penso nisso e abaixo a peça da rainha de volta ao tabuleiro, ao lado do rei das peças pretas. É poético.

Contudo, nem toda poesia do mundo seria capaz de apaziguar a fúria que coabita com o amor e que, tanto Callan quanto eu, alimentamos. Precisamos do ódio da mesma forma que da paixão. Sentir ambos pela mesma pessoa deveria ser confuso, mas não há nada que represente mais Callan e eu do que isso.

Estamos sempre buscando novas formas de deixar o outro à beira da insanidade. Sentimos prazer nisso. A punição em seguida é sempre a parte mais divertida. Callan e eu sempre seremos essencialmente opostos, mas intrinsecamente iguais. Um Corvo e um Grifo nunca deveriam sentir nada além de desprezo um pelo outro, muito menos se casarem.

Desafiamos todas as leis e os nossos valores para ficarmos juntos. Nada além da morte seria capaz de mudar isso.

Suspiro entediada, deixando minhas costas tombarem contra a poltrona. Minhas pernas estão para cima, os tornozelos cruzados sobre a mesa da sala de jantar da suíte presidencial do hotel mais caro que encontramos nessa cidade. *Loubotins* cobrem meus pés e há um novo conjunto de lingerie preta de renda debaixo do robe de seda que estou usando — com direito a uma cinta-liga que vai deixar Callan maluco.

Pretendia fazer uma surpresa para o maldito, se ele tivesse chegado mais cedo. Agora já são quase nove da noite e não há sinal do meu marido. Nem mesmo uma mísera mensagem de texto.

Ele está fazendo de propósito, é claro. Depois de cinco anos, conheço quase todas as suas jogadas.

— Tempest — chamo, interrompendo as burocracias que Don

Hernandez, um dos grandes investidores da Ordem, está me explicando detalhadamente como se eu fosse estúpida ou uma criança, incapaz de entender palavras de adulto. — Qual a situação com Henry LeBlanche?

Hernandez é só mais um dos Grifos que me subestimam diariamente. Mesmo após me provar diversas vezes nos últimos anos, nada parece ser o suficiente para fazê-los aceitar que estou no comando. Demorei mais de três anos para ser considerada pronta para assumir a Ordem. Foi uma época de muito trabalho e estudo para tentar ganhar a confiança de nossos aliados, mas, quando o processo terminou, eu estava confiante de que não existe ninguém mais apto a fazer isso do que eu.

Ainda acredito nisso. Se tudo o que fiz para reerguer a Ordem ainda não é o suficiente para alguns Grifos, não é problema meu. Tenho coisas mais importantes a fazer do que passar minha vida provando meu valor a um bando de velhos conservadores que sequer já pisaram em Millsdale.

A janela da chamada de Nyx aumenta na tela do meu computador, prevalecendo sobre as outras.

Não tenho certeza ainda do motivo que a fez continuar em Millsdale depois de ter conseguido seu passaporte para uma nova vida: *Maria*. Mas, de qualquer forma, tê-la do meu lado, exercendo sua função primordial de caçadora de recompensas — o que ela faz com excelência—, é valioso o bastante para que eu não tente descobrir seus segredos. Enquanto ela for útil para a Ordem e a Sociedade, será o suficiente.

— Ele participou de algumas reuniões tarde da noite no edifício da Atlas — conta Nyx, me fazendo trincar os dentes de irritação.

— É claro que sim — murmuro, descontente.

Henry LeBlanche é um promotor de justiça que está concorrendo à eleição para prefeito de Millsdale. Depois de dois mandatos, o prefeito Corrighan finalmente está fora e estou correndo contra o tempo para garantir que o próximo governante da minha cidade seja leal aos Grifos, acima de tudo.

LeBlanche garantiria muitos benefícios à Ordem, uma vez que possui grande influência no sistema de justiça e no complexo penitenciário de Graze Forks, onde alguns dos soldados leais dos Grifos ainda estão presos. Com certeza Callan teve a mesma ideia. Ele sabia que eu apostaria alto em LeBlanche e se adiantou para arrastá-lo para seu lado.

Embora os Corvos e os Grifos dominem partes distintas de Millsdale de forma amigável — na medida do possível —, ainda temos interesses opostos em vários assuntos. Os Corvos fazem o que bem entendem em East End e no norte do Distrito Industrial, enquanto fico com Rotherdam e todo o resto. Expandimos nossos negócios de formas diferentes, mas não lutamos mais por território. Cada

um cuida de seu distrito do modo mais vantajoso para si.

Enquanto Callan e a Sociedade apostam na Atlas, em Beastland, no Sancto e nos negócios ilegais que a Zmey possui em East End, eu estou recuperando os antigos esquemas em Rotherdam e ampliando os planos antigos da Ordem envolvendo obras de artes e joias.

Mas, para que tudo siga conforme o planejado, preciso de um prefeito que pense nos interesses da Ordem acima de qualquer outra coisa. Callan quer o mesmo, pelo jeito.

— Vamos financiar a campanha dele — determino, convicta. — Mande que ele dê seu preço e nós cobrimos tudo.

— Não acho que ele queira apenas dinheiro — Nyx diz, crispando o nariz. — A Sociedade tem o prestígio que a Ordem não possui mais. Os Corvos podem fornecer privilégios que você não pode.

Embora seu tom direto golpeie meu ego, é para isso que pago Nyx muito bem. Não preciso de floreios ou bajulação, apenas da verdade nua e crua. Tempest é especialista nisso.

— Ainda estamos nos reestruturando — argumento.

Soren Deacon arruinou muito mais a Ordem do que tinha pensado, durante a guerra de cinco anos atrás. Muitos aliados nos viraram as costas e não posso culpá-lo. Essa Ordem esteve nas mãos de uma única dinastia por muito tempo. Soren estava disposto a arriscar muito e jogar tudo fora pelo seu poder tirânico. Ele nunca pensou no que era melhor para os Grifos, apenas no que era melhor para si mesmo.

Perdemos credibilidade, prestígio e tradição. Aposto que levará mais cinco anos, no mínimo, para que consigamos trilhar o caminho de volta à ascensão.

— Descubra seus segredos então — ordeno, optando por uma outra abordagem. Algo mais incisivo e eficiente do que dinheiro. — Algo que os Corvos não tenham como saber.

A Atlas pode ser ótima em descobrir segredos que estejam armazenados em celulares, computadores ou na Internet. Mas Nyx, por outro lado, é a melhor em rastrear os segredos mais sujos e difíceis de encontrar. E se houve algo que aprendi muito bem em todo esse tempo nessa sociedade secreta foi que todos possuem segredos pelos quais dariam a vida para permanecerem enterrados.

— Tem mais uma coisa, senhora — dessa vez é Leonard quem fala, a imagem de sua WebCam se expandindo na tela do meu notebook, ao lado de Nyx. — O barco com as obras vindas de Roma foi interceptado próximo da marina, antes de desembarcar em Millsdale. Os piratas levaram tudo.

— Piratas — repito, achando graça. — Foi *ele*.

Ninguém mais conseguiria atacar minhas mercadorias além dos Corvos. Callan está ressentido porque peguei um dos carregamentos de metanfetamina da Zmey que, segundo ele, foi parar *acidentalmente* no meu território.

Queimei tudo em uma pira de dois metros de altura.

— Vocês dois têm uma relação extremamente não-convencional, senhora, se me permite a observação — Leonard soa preocupado e seu tom me faz segurar um sorriso.

— Um dia vão acabar matando um ao outro — acrescenta Nyx, revirando seus olhos cor de ônix.

— Por isso nos casamos — explico, sentindo um brilho de felicidade genuína aparecer em meus olhos e o sorriso escondido teimar a aparecer.

Além da disputa e dos nossos joguinhos, há paz e alegria verdadeiras no nosso relacionamento. Callan me apresentou à liberdade de ser eu mesma e não ter medo da ambição por conquistas e poder. Podemos parecer rivais para os olhares mais desatentos, mas, na realidade, somos mais leais um ao outro do que qualquer coisa.

Quando há perigo e ameaça reais, somos capazes de instaurar o inferno na Terra um pelo outro.

Depois de alguns anos de um relacionamento que não conseguíamos explicar em palavras, mas que era muito mais forte do que qualquer coisa que eu conseguia imaginar, Callan me pediu em casamento. A cerimônia foi o maior espetáculo social e midiático do ano. Astor garantiu que fosse o evento de moda mais relevante da década. Usei três vestidos de Maison Valentino feitos sob medida que me fizeram parecer uma rainha.

A união permanente entre os Harkness e os Kestrel deve tornar a parceria entre a Ordem e a Sociedade irrevogável, nos deixando intocáveis.

E nossos futuros filhos herdarão tudo.

Foi um caminho natural, embora o casamento e procriação seja um dever comum dos líderes de ambas as irmandades. Muitos não ficaram satisfeitos, Drystan — o Ares —, ainda não troca mais do que breves palavras hostis comigo. James Corrighan achou que esse era um bom motivo para iniciar uma insurreição que, desde o princípio, garantiu que não era de seu interesse.

Por isso, permiti que Callan riscasse o penúltimo nome de sua lista de morte. Já tinha conseguido o que queria do meu ex-namorado. Ele me passou tudo o que precisava saber sobre a Ordem e, quando deixou de ser útil e demonstrou que ainda era uma ameaça, uma vez que nunca aceitaria a união entre a líder dos Grifos e o líder dos Corvos, Callan o tirou do nosso caminho de uma vez por todas — e sei que sentiu imensa satisfação ao colocar uma bala em seu coração.

Assim, me tornei a última herdeira de sangue da Ordem. O único alvo da lista que Callan não matou. O último pilar legítimo dos Grifos. Isso garantiu que ninguém se levantasse contra mim novamente. Sem mim, a Ordem não poderia continuar seu legado.

E, no futuro, serão apenas meus filhos quem carregarão esse legado.

Meus filhos com Callan.

Tudo pertencerá a nossa linhagem e apenas a ela. Nossa dinastia.

Nunca me afeiçoei a essa ideia antes dele. Não conseguia me imaginar sendo mãe. Agora me vejo empolgada por esse futuro com Callan.

— Recuperem as joias. — ordeno, enfim. — Invadam East End se for preciso.

— Mas... — alguém protesta.

— Eu cuido das burocracias com os Corvos.

— É claro que cuida. — Hernandez murmura baixinho em tom de ironia achando que não posso escutá-lo. O sorrisinho petulante no canto da sua boca acaba com meu humor.

— Se alguém discordar das minhas decisões, exijo que ao menos tenha os culhões de dizer em voz alta na minha cara. — Todos ficam em absoluto silêncio diante do meu tom firme e autoritário. Não sou mais a garotinha de vinte e dois anos que eles conheceram um dia. Muito tempo se passou e eu não sou mais ingênua e tola. Não vou permitir que ninguém passe por cima de mim ou que sequer pense que possui o direito a tal. — E então, algo a dizer, sr. Hernadez?

O homem de quase sessenta anos e cabelos brancos feito algodão encolhe os ombros e coça o queixo, sem jeito do outro lado da tela.

— Não, senhora.

Ergo a cabeça, satisfeita. Uma hora ou outra eles vão se conformar que sua líder é uma mulher jovem e vão perceber que não vão conseguir me dobrar. Eventualmente, desistirão de tentar.

— Ótimo. Agora voltem ao trabalho.

Sem me despedir, abaixo a tela do notebook, fechando e encerrando a chamada. Estou estressada demais para alguém que deveria estar aproveitando sua lua de mel. Mas não posso me dar ao luxo de tirar férias e me ausentar do trabalho. Ao menos, não ainda. Quando as coisas se estabilizarem na Ordem, enfim terei paz para descansar. Só preciso ser paciente para esperar esse dia.

Infelizmente, paciência não é uma das minhas virtudes.

Me levanto e me livros dos *scarpins* que Callan ama, mas que apertam meus pés. Caminho descalça sobre o piso de mármore aquecido em direção ao banheiro da suíte, onde pretendo imergir na banheira e ficar bêbada de

champanhe pelo resto da noite, quando o som da porta do quarto destrancando faz meu corpo tensionar.

No meio do caminho entre a sala de estar e o quarto propriamente dito, paro e me escondo atrás de um dos grandes pilares. Espio na direção do hall de entrada dos aposentos.

Dou um sorriso travesso quando observo Callan entrar. Ele está usando seu traje que eu mais amo: camiseta preta de botões, o colar de correntes de ouro por cima da roupa — um dos meus presentes no seu último aniversário —, e o longo e pesado sobretudo de couro para enfrentar o inverno da Itália. Callan pendura o casaco no suporte perto da porta e arregaça as mangas da camisa até seus cotovelos.

Ele é uma visão estarrecedora. E o simples ato de colocar meus olhos sobre sua figura já é o suficiente para dissipar todo o estresse e mau humor do dia em que passei sozinha, mergulhada em trabalha e esperando, *ansiando*, pelo meu marido.

Marido.

Somos recém-casados e ainda estou me acostumando com os novos títulos. Mas aprecio imensamente sempre que penso no seu sobrenome bem ao lado do meu. Aderi ao Harkness e ele ao Baudelaire — por motivos óbvios, ele não optou pelo Kestrel. Preferiria passar a eternidade queimando no inferno do que carregar o nome do homem que matou seus pais e não o culpo.

Uma chama arde profundamente dentro de mim quando lembro dos nossos nomes juntos. Callan Harkness-Baudelaire e Sloan Baudelaire-Kestrel Harkness. Honramos seus pais e minha mãe com isso.

Somos as duas partes que se completam e formam algo muito maior. Algo inimaginável e admirável.

Callan possui uma caixa de madeira aparentemente antiga nas mãos quando atravessa a sala de estar em direção às portas de vidro que levam ao terraço. Ele olha ao redor, procurando por mim. Quando não vê nenhum sinal da minha presença, deixa a caixa sobre o aparador e coloca as mãos no bolso da calça.

Meu sorriso aumenta e, assim que ele se vira, caminho pé ante pé na sua direção. Estou prestes a saltar nas suas costas com um golpe furtivo que aprendi nas nossas aulas de luta, mas eu é quem sou pega de surpresa. De alguma forma, ele nota minha aproximação e, antes que eu o atinja, ele se vira e me pega primeiro.

Callan me agarra pelo pescoço e me pressiona contra o vidro gelado da porta.

— Tramando contra mim, anjo diabólico?

Ele arqueia uma sobrancelha, inclinando o rosto sobre o meu. Sinto o metal de sua aliança contra minha garganta e não posso evitar de sorrir. Meu nome está cravado naquele anel e vou garantir que nunca saia do seu dedo.

Os olhos castanho-dourados de Callan pegam fogo quando deslizam por cada pedaço da minha pele, escrutinando meu rosto e descendo até a abertura do robe de seda que revela a renda fina e cara por baixo.

— Sempre. — Tento me desvencilhar, me recordando dos vários motivos de ter me irritado com ele hoje. Mas mesmo me dedicando de corpo e alma nas aulas de preparo físico e combate, não sou páreo para Callan. Ele me domina sem nem fazer esforço. — Está atrapalhando meus negócios.

Dessa vez, é ele quem sorri. O sorriso sacana, cheio de malícia e trapaça, que faz tanto a mim quanto seus inimigos enlouquecerem.

— Só estou dando o troco pela mercadoria que você *gentilmente* transformou em cinzas.

O tom irônico em sua voz grave é palpável.

Analiso seu rosto em resposta.

Já faz quase catorze anos desde que vi esse homem pela primeira vez. O vi se transformar diante dos meus olhos repetidamente. Observei seu amadurecimento. Testemunhei quando ele passou de príncipe caído para rei incontestável. O poder lhe cai bem. Aquela veia vil que ele possui e que já me assustou muito, também. Passei a apreciar todo o conjunto que forma a alma pela qual me apaixonei perdidamente.

Agora, ele carrega nos traços de seu rosto apenas a memória do jovem Callan que reencontrei em Millsdale após anos afastada na França. Ele não é mais um menino solitário e triste e também não é um jovem herdeiro sentindo o sabor do poder pela primeira vez. Quando olho para ele neste momento, vejo um marido em todas as suas formas. E eu amo isso.

— Você é a próxima coisa que vou transformar em cinzas se não me disser exatamente onde passou o dia.

— Com ciúmes, *querida*?

Odeio quando ele me chama assim e Callan insiste, porque sente um prazer masoquista em me provocar.

Ele semicerra seus longos cílios escuros e se aproxima devagar até que sua boca toque a minha de forma sutil e suave. Capturo seu lábio inferior entre os dedes e mordo com gosto.

Callan arfa com a dor e se afasta.

—Não sinto ciúmes, *querido*. Eu me *vingo* — respondo. Passo a língua em meus lábios para sentir o resquício de seu sabor na minha boca. — Sabe muito bem disso.

Seu perfume é familiar e, ao mesmo tempo em que me faz sentir segura e em casa, me desperta lascívia como gasolina sendo jogada no fogo.

Nós dois estamos apenas provocando um ao outro. Callan nunca me trairia. Confio nele como jamais confiei em ninguém.

— Um marido não pode buscar um presente para sua linda esposa?

Isso faz meus olhos brilharem.

Seus presentes são sempre os melhores. Posso ter tudo o que quiser. Muitos aliados da Ordem me mandam presentes luxuosos e exorbitantes tentando me impressionar ou seduzir. Mas nada que eles façam chega perto dos presentes de Callan. Os dele são sempre os mais valiosos para mim, porque ele me conhece de verdade, melhor do que qualquer um.

— É melhor ser um presente que valha a pena, Harkness — sibilo, ameaçadoramente.

— Venha ver.

Callan me solta e lidera o caminho para o aparador, onde a caixa de madeira com trinco dourado está. Ele a apanha e estende para mim.

Mordo o canto da boca, ansiosa e empolgada.

A caixa é pesada e parece ainda mais antiga de perto.

Meu marido cruza os braços e escora o ombro na parede, me observando com adoração em seu olhar enquanto abro a caixa.

— Estou tentando encontrá-la há anos. Sabia que estava guardada em algum lugar em Hollowmore. Roman esbarrou com ela um dia desses e trouxe até aqui.

Perco o fôlego quando encontro um punhal de ferro e prata, com rubis incrustados na base, sobre uma almofada de veludo borgonha. Há um desenho gravado na lâmina perfeitamente polida e reluzente: um ramo de rosas, lindo e cheio de espinhos, serpenteando até a extremidade pontiaguda.

— O punhal que minha mãe ganhou do seu pai no dia do juramento dela — relembro a informação que estava escrita no diário queimado de Edward Harkness.

Estou admirada e completamente fascinada. É a coisa mais linda e preciosa que já toquei.

— Pensei que gostaria de tê-la na sua coleção.

Passo o dedo cuidadosamente próximo do fio de corte, sentindo o quão afiada é.

Mal posso esperar para mostrar à minha mãe.

Ela não está mais em Paris, mas em Millsdale. Não havia motivo para não trazê-la para perto de mim assim que meu pai partiu para seu exílio. Vovó Martha foi também. Elas moram em uma bela casa em Rotherdam. Minha mãe

possui a melhor equipe médica e de segurança ao seu redor para garantir que esteja bem e confortável.

A visito todos os dias. Nossa convivência com sua condição melhorou muito. Aprendi a lidar melhor com suas crises e com sua eventual ausência de reconhecimento ao me ver.

Quanto à Mason, não penso muito a seu respeito. Sei que parte de mim, a mais infantil e traumatizada, sente sua falta como se eu ainda fosse uma criança que precisa da proteção do pai. Mas a outra parte o abandonou da mesma forma que ele fez comigo. A Atlas o vigia constantemente.

Ele se instalou na ilha de Chipre há alguns meses e vive melhor do que merece.

— Eu amei — digo, ainda hipnotizada pela sensação do punhal em minhas mãos.

Tenho uma imensa coleção de lâminas em casa. Algumas são raríssimas e muito caras, trazidas dos mais distantes lugares do mundo. Mas essa aqui em minhas mãos tem valor inestimável.

Nada se compara a isso.

Levanto o punhal na direção de Callan. Ele ergue as sobrancelhas, curioso pelo meu movimento. Corto o ar com a lâmina, perigosamente próximo do rosto de Callan. A distância foi calculada, sei o que estou fazendo. E ele confia em mim, porque nem pisca quando faço isso.

— Tente não me apunhalar com ela, anjo. — Callan ri.

— Mas esse era exatamente o meu plano.

Miro a ponta no centro de seu peito e dou um passo para frente. Callan acompanha meu movimento, planando suas costas contra o vidro da porta. Atrás dele, há um terraço inteiro só para nós. A cidade está iluminada em contraste com a vastidão absoluta do céu noturno.

É o lugar favorito de Callan no mundo e agora é o meu também. Combinamos de visitar cada um dos lugares naquele livro de fotografias de viagem que encontramos no chalé em Missoula. Realizar os sonhos de seus pais.

Sorrio quando aproximo a lâmina do punhal do primeiro botão da camisa de Callan.

— Vamos ver se está bem afiada.

Arranco o botão com facilidade. Ele tilinta quando cai no chão, me deixando satisfeita. Em seguida, vou para o próximo. A cada botão que tiro, mais pedaço da pele lisa e firme do tronco de Callan é revelada.

Me faz salivar.

— Vejo que deseja um pouco de disputa esta noite — Callan observa, parecendo tão hipnotizado quanto eu.

A tensão sexual cresce a cada momento. É assim que descontamos a raiva um do outro todas as vezes: transando feito loucos. Também é minha forma preferida de demonstrar o quão grata estou por um presente seu. Esse é nosso momento de punição e expurgo. E não consigo pensar em nada que seja tão profano e sagrado ao mesmo tempo assim.

— Você é um Corvo, e eu uma Grifo — relembro. — Enquanto nós existirmos, haverá disputa.

Arranco cada um dos botões da camisa de Callan até que seu torso nu esteja a meu dispor. Pretendo lamber cada músculo em seu abdome e peitoral.

Nossa noite de núpcias durou, na verdade, 72 horas. Não conseguimos sair durante esse tempo. Transamos em cada canto da suíte nupcial, até termos decorado o formato de cada membro do corpo um do outro.

Callan sorri e, com um movimento simples e rápido, inverte nossas posições. O punhal cai da minha mão e sou pressionada contra o vidro. O robe de seda é arrancado do meu corpo num piscar de olhos, antes que eu possa processar.

Meu marido sempre toma seu tempo apreciando a visão do meu corpo. Ele sabe que seu olhar repleto de luxúria e más intenções me deixa encharcada entre as pernas. E também sabe que eu amo quando ele está no controle.

Quando ele enfim coloca as mãos no meu corpo, já estou à beira do delírio. Seus dedos deslizam pelos meus seios empinados pelo bojo. Ele se inclina na minha direção e beija meu pescoço. Me seguro na gola de sua camisa aberta, puxando-o para mim até que meus seios estejam esmagados contra seu peito.

Com as mãos em meus quadris, Callan me levanta em seu colo. Cruzo as pernas trás de sua cintura, sentindo-o apertar minha bunda enquanto me leva para o quarto. O caminho parece durar quilômetros torturantes. Quero tocá-lo em todos os lugares ao mesmo tempo.

Ofego de surpresa e antecipação quando Callan me joga na imensa cama da nossa suíte. Ele cobre meu corpo com o seu e sua boca retorna ao meu pescoço.

— Eu pretendo disputar com você todos os dias pelo resto da minha vida — sussurra ao pé do meu ouvido, me deixando arrepiada dos pés à cabeça.

— E eu pretendo te arruinar todas as *noites* pelo resto da *minha* vida.

Não há outra palavra para explicar o que fazemos. Nos arruinamos da forma mais bela e poética possível. A cada toque ficamos mais longe do caminho de volta. Não tem mais como voltar atrás.

E estou viciada nessa sensação desde o primeiro momento em que a provei.

Quero mais disso. Para sempre.

Mal posso esperar pelo resto da minha vida ao lado de Callan Harkness. No inferno encontrei meu paraíso. E agora sou livre para, enfim, apreciar o prazer de queimar.

Callan se afasta apenas para olhar em meus olhos de forma solene. Ele pressiona nossas mãos unidas no travesseiro acima da minha cabeça.

— A noite é nossa, anjo. — Ele sorri, entrelaçando nossos dedos como uma promessa. — E a ruína também.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, *e sempre,* agradeço a Deus por ter me permitido enfrentar essa trajetória e concluir mais um livro. E por nunca deixar que a palavra “desistir” seja uma opção para mim.

Agradeço à minha família, minhas mães, que embarcam comigo nessa jornada a cada livro que começo. Sem seu amor e apoio incondicional eu não estaria aqui. Cada vitória minha é e será dedicada a vocês, sempre.

Preciso agradecer ao meu amor. Por sua compreensão, apoio, incentivo e toda a ajuda no quesito marketing (no qual você é o melhor). Obrigada por ser meu parceiro.

Agradeço à minha amiga, confidente e leitora beta, Isa. Sem seus conselhos e intervenções, esse livro não estaria aqui. E também, à Lovely, por todo o apoio sempre.

Agradeço imensamente à minha revisora, Karol, por sua entrega insana e dedicação. Sabia que você era a pessoa certa para eu entregar esse livro e obrigada por lapidá-lo com tanta perfeição.

Também agradeço à Laisinha, por ser tão sensacional e me ajudar tanto nesse lançamento, e às minhas parceiras do *bookgram*. Vocês são as melhores.

Por fim, é tradição minha agradecer à minha força motriz. Meus leitores fiéis, alguns que me acompanham quando eu ainda era anônima e escrevia no Wattpad. Obrigada por acreditarem em mim. Por todo o apoio surreal que vocês me deram com esse livro desde o início, mas principalmente às vésperas do lançamento (que é a fase que mais me enlouquece). Enquanto eu escrever, sempre vai ser por vocês também.

E agradeço também a você, que chegou ao fim desse livro. Talvez seja sua primeira vez lendo algo meu, então saiba que você também faz parte desse sonho. Adoraria ler sua opinião em uma resenha na Amazon, no Instagram ou no Skoob.

Obrigada a todos vocês por tudo.

Com amor e muita gratidão,
Sam

---

[1] Marca de bolsas luxuosas e exclusivas.

[2] Do ditado popular em inglês: “Bros before hoes”.